OBRA CRÍTICA
DE ARARIPE JÚNIOR

T. A. Araripe Junior

GREGORIO DE MATTOS

RIO DE JANEIRO

[illegible]

LITERATURA BRAZILEIRA

GREGORIO DE MATTOS

POR

T. A. ARARIPE JUNIOR

LIVRARIA GARNIER IRMÃOS

FAC-SIMILES DAS FOLHAS DE ROSTO DAS EDIÇÕES DO LIVRO *GREGORIO DE MATTOS*, REPRODUZIDO NESTE VOLUME

COLEÇÃO DE TEXTOS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA MODERNA

3

OBRA CRÍTICA DE ARARIPE JÚNIOR

VOLUME II
1888-1894

"Abundantius illis omnibus laboravi"
CENTRO DE PESQUISAS · CASA DE RUI BARBOSA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CASA DE RUI BARBOSA - 1960

OBRA CRÍTICA
(1888 - 1894)

ADVERTÊNCIA

Neste segundo volume da OBRA CRÍTICA DE ARARIPE JÚNIOR, *encontram-se os trabalhos do crítico brasileiro, recolhidos de várias fontes, abrangendo o período de 1888 a 1894. Período que assinala um dos pontos altos de sua fecunda atividade intelectual, em diversos órgãos da imprensa do Rio de Janeiro:* A Semana, Novidades, O País, Treze de Maio, Revista Sul-Americana, Diário do Comércio, Correio do Povo, Gazeta de Notícias *e* O Álbum.

Juntam-se a êsse material, até agora dispersado em tantas fôlhas periódicas, prefácios e duas obras: o opúsculo Dirceu *e o livro* Gregório de Matos.

Em tôdas as matérias, o estabelecimento dos textos cingiu-se às normas indicadas, na introdução do 1.º volume, pelo Prof. Afrânio Coutinho, organizador desta obra. Quanto à apresentação gráfica e tipográfica, bem como à sinalização, é oportuno relembrar alguns dos critérios adotados:

I — as notas de rodapé, quando numeradas, são originárias do autor; quando em asteriscos, pertencem a esta edição;

II — as palavras ou frases entre colchêtes, no texto, foram colocadas para completar sentenças que careciam de sentido, certamente por êrro tipográfico;

III — as palavras ou expressões usadas entre asteriscos, no presente texto, visam a restaurar as que se achavam empasteladas ou destruídas no original;

IV — com o objetivo de uniformizar o respectivo emprêgo, acham-se em grifo os títulos das obras, jornais e revistas, tendo-se procurado, em todos os casos, corrigir e completar tais títulos.

Já foi assinalado no 1.º volume o que representa em árduo trabalho, às vêzes improfícuo, a pesquisa da intensa colaboração de Araripe Júnior espalhada em fôlhas periódicas, não só do Rio de Janeiro, mas também de outros pontos do País. Quem compulsa coleções antigas de jornais, geralmente falhas, em nossas bibliotecas, sabe quão freqüentes são os desenganos e decepções que os pesquisadores têm nesse particular. Não obstante, a colheita até agora conseguida permite-nos assegurar que a edição desta Obra Crítica *será a mais completa possível, comportando quatro ou cinco volumes, como já previsto. Neste sentido, está empenhado o seu organizador, bem como o Centro de Pesquisas da CASA DE RUI BARBOSA, que apoiou a sua iniciativa de promover a coordenação dêsse importante acervo do pensamento crítico nacional.*

Na preparação editorial dêste volume, prestaram bom auxílio, na qualidade de revisores, com os nossos agradecimentos, os srs. Carlos Francisco de Freitas Casanovas e Eduardo Rodrigues, êste sòmente na parte relativa à obra Gregório de Matos. *Cabe também expressar a gratidão dêste Centro ao sr. Antônio Simões dos Reis pela oferta da 1.ª edição da mesma obra. Cotejando-a com a 2.ª, e última, reproduzida neste volume, conseguimos, fàcilmente, restabelecer o texto verdadeiro, em todos os casos em que havia dúvida sôbre a legitimidade de alguma palavra, expressão ou frase.*

Com os esclarecimentos que aí ficam, o Centro de Pesquisas da CASA DE RUI BARBOSA apresenta mais êste volume da Obra Crítica de Araripe Júnior, *no qual os estudiosos da literatura nacional encontrarão uma profusa e valiosa contribuição crítica, que se tornava pràticamente inacessível em sua maior parte. A sua incorporação de maneira sistemática à cultura do País estava a reclamar êste empreendimento.*

Rio de Janeiro, junho de 1960

Eugênio Gomes
Diretor do Centro de Pesquisas

O NOVO INTÉRPRETE DE DANTE

PREFACIO À TRADUÇÃO DA *DIVINA COMEDIA* PELO BARÃO DA VILA DA BARRA, DATADO DE 20 DE JANEIRO DE 1888, E EXTRAÍDO DA EDIÇÃO PÓSTUMA, FEITA PELA IMPRENSA NACIONAL EM 1887 (SEGUNDO ESTÁ NA CAPA) OU 1888 (CONFORME A FÔLHA DE ROSTO), PP. XVII-XXXI. A DATA POSTA POR ARARIPE NO SEU TRABALHO INDICA COMO CERTA A QUE SE VÊ NA FÔLHA DE ROSTO.

II. POEMA SACRO

Al quale ha posto mano cielo e terra
(PARAÍSO, c. XXV.)

Tudo quanto existe, na *Divina Comédia*, de grandioso e sublime, pode reduzir-se a um conceito. O poema inteiro é uma irradiação do sentimento da unidade da Itália, condensada no espírito do amante de Beatriz.

> O povo italiano, — diz, com tôda razão, Settembrini, — tem tido duas vidas, duas civilizações, duas religiões, duas línguas, o que não significa a existência de duas, mas de uma só nação, que se reconhece tanto na antiga como na moderna, do mesmo modo que a criança se reconhece no adulto. *La continuità tra l'antico ed il nuovo*, eis o caráter principal da vida e da arte italiana. [1]

A alma da Itália, pois, ainda é a mesma alma do Lácio; e não há quem, refletindo um pouco sôbre a sua vida atual, não descubra, nos políticos ardentes de hoje, nos poetas que discorrem pelas ruínas de Roma, nos seus artistas incomparáveis, os descendentes em linha reta dos Cipiões, dos Cláudios e dos Túlios. Os elementos que deram os Césares, os Virgílios, os Tácitos e os próprios Tibérios não foram nunca eliminados da península; êles atravessaram o abismo da Idade Média sem se deixarem suplantar pelos diversos invasores que a visitaram, e surgiram em Dante, reviveram em Maquiavel, em Bocácio, em Petrarca, em Rafael, em Miguel Ângelo, em tôda a geração de artistas que se seguiram nos séculos posteriores, com a mesma intensidade, e projetaram-se na mesma direção da raça, que as revoluções haviam interrompido. É a êsse fenômeno histórico que Ozanam e Marc Monnier dão o nome impróprio de renascença, fazendo-a recuar além de Lutero, até 1300, conservando a essa palavra o valor que, de ordinário, se lhe costuma dar, isto é, o de retôrno às idéias e à arte clássica pela educação, pela imposição dos moldes antigos. [2] Não é precisamente isto, porém, o que se dá em

---

[1] Luigi Settembrini, *Lezioni di letteratura italiana*, I, 5.

[2] Ozanam, *Dante ou la philosophie catholique au XIII siècle;* Marc Monnier, *La renaissance de Dante à Luther*, 113.

Itália, porque ali nunca desapareceu o espírito primitivo; e se as revoluções conseguiram torná-la ignorante, barbarizando-a um pouco, não a fizeram, todavia, esquecer a sua própria personalidade, nem apagaram o seu temperamento. Êsse temperamento, essa alma étnica, como a chamaria Sergi, Steinthal ou Lazarus, inflamou-se e assumiu tôda a sua enérgica propulsão em Alighieri. Como nos indivíduos, em certas moléstias cerebrais, a memória hiperestesia-se e a imaginação atinge um *maximum* de lucidez, que aterra, trazendo do passado fatos que pareciam para sempre sepultados nas dobras recônditas da massa encefálica; assim a Itália, no terrível período em que viveu Dante, de convulsões políticas, e entre as maiores fôrças organizadas pela ambição humana para flagelar a quietação da terra, o império e o papado, a Itália, digo, em um acesso de febre pútrida, lembrou-se de tôda a sua história. Não são raros os fenômenos de memória muscular. Pois bem, — a *Divina Comédia* foi o *carnet* em que se resumiram tôdas as impressões dêsse momento psicológico, e Dante foi o órgão potente em que retumbaram tôdas as aflições da humanidade, então ali representadas, filtrando através da índole mais sombria e da natureza mais apaixonada de quantas têm aparecido na mais apaixonada das nações.

A Itália a lembrar-se da sua grandeza antiga; a Itália a pensar na possibilidade de reassumir a fôrça perdida; a Itália a sentir necessidade de purgar-se das superfetações imundas dos tempos; a Itália enaltecida pelo amor: eis tôda a *Divina Comédia*, no que respeita à propulsão vinda do ambiente. A isto, porém, deve-se ajuntar as tendências particulares do cérebro em que tôda essa *congérie* se formou. A lembrança do engrandecimento da pátria, a identificação do gênio de Dante com os elementos tradicionais da Itália e o seu amor pela filha de Portinari, pode-se dizer que constituem tôda a dinâmica do poema. O tradicionalismo dá-lhe o vigor e o entusiasmo, e a paixão, tôdas as belezas ideais que confraternizam com a poesia helênica.[3] Há, contudo, na *Divina Comédia*, uma terceira estratificação, que tinge o poema inteiro de um pessimismo que invade o próprio Paraíso, apesar daquela alacridade que o poeta descreve espalhando-se de horizonte em horizonte e penetrando no Universo. Êsse pessimismo, que faz do Inferno uma coisa mais triste ainda do que o horrível que o mito religioso medieval depositou no espírito dos povos, era a conseqüência lógica de uma vida e de um temperamento capaz de desfalecer[4] sem cair, capaz de confessar-se

[3] Fauriel, na sua *Hist. das Orig. da Ling. Ital.*, pensa, entretanto, que, na *Divina Comédia*, tudo se subordina ao amor.

[4] *Inferno*, c. II.

humilde[5] sem perder a sua virilidade; mas também foi o resultado de uma influência psíquica de ordem étnica.

A Itália, quer antiga, quer moderna, não é triste; e, nos momentos mais angustiosos, ela mostrou-se sempre acima dessas deliqüescências. *Intanto che Dante piangeva d'amore*, diz Tommaseo, *ella piangeva di rancore e di rabbia*.[6] A Itália, portanto, não foi quem lhe comunicou êsse tom arquifunéreo que se sente desde que o poeta penetra naquela selva *selvaggia ed aspera e forte, che nel pensier rinnova la paura*. Essa tristeza, que também não se pode atribuir a um estado mórbido, pois que, embora em sua *Vita Nuova* descreva alguma coisa que pareça um ameaço de loucura, Dante não foi um Tasso; essa tristeza que envolve tôdas as suas belas e enérgicas qualidades como em um sudário e afoga, de vez em quando, o seu estilo lírico, a sua correção e nitidez helênica, as suas elações pinturescas numa espécie de oceano de fumo, de sangue e cinza; essa tristeza, enfim, que o fêz emagrecer por muitos anos na correção de sua obra, que o tornou tão vingativo e inexorável na penalidade imposta aos seus inimigos e o transformou naquele tipo transmigrado do Inferno, de que as crianças de Ravena fugiam, apavoradas; essa tristeza não era outra senão a *tristeza segundo Deus*, de que nos falam os profetas bíblicos, o sentimento profundo do *divino*, a obsedação contínua do *solvet saeculum cum favilla* da religião semita, — a crença católica em luta com as aspirações pagãs da raça greco-romana, com os impulsos arianos, que eram os da nação inteira a que êle pertencia.

Não obstante a vitalidade dessa imaginação, a profundeza dessa filosofia e a juvenilidade dêsse amor, Dante, em geral, ficou a barlavento da vida, de onde só se pode contemplar o *lado noturno* das coisas; e a sua obra é inteiramente subjetiva. Quanto, neste ponto, foi inferior a Shakespeare, que nunca se deixou afundar em selva escura, nem perdeu a noção objetiva do mundo ! Com razão se tem classificado a *Divina Comédia* como um poema-visão. Se é verdade que o poeta teve idéia nítida das coisas, e que nunca perdeu a harmonia e a clareza, no que é, nesse poema, obra única da arte, de caráter greco-romano-italiano, não é menos exato que as criações sempiternas de Francesca da Rimini, de Ugolino, de Matilde, de Beatriz, por mais esculturais e limitadas que sejam, nunca são vistas à luz meridiana. O leitor, atravessando as bolgias do Inferno, percorrendo o Purgatório e surgindo nas esferas celestes, sucumbe, mais de uma vez, ao pêso da visão, como o próprio autor, e quando, por fim, tem conseguido despedir-se do poema, permanece dominado por uma impressão igual à que deixariam no espírito figuras queri-

---

[5] *Purgatório*, c. XI.

[6] Niccolò Tommaseo, *Comédia de Dante Alighieri*, 26.

das iluminadas na escuridão por projeções de luz raras e sinistras. O deslumbramento causado pelo lume eterno e pela beleza de Beatriz mal destrói essa depressão mental que o poema comunica, invariàvelmente, a todos que o lêem; e, ao fechar a última página do livro, o mais estrênuo adorador do gênio de Alighieri será obrigado a confessar que a *Divina Comédia* é o que se pode chamar o poema da incondicionalidade do pensamento, e a mais legítima expressão de um fato histórico que constitui a alma de tôda a Idade Média, — a invaginação forçada do espírito indo-europeu na crença semítica. O que foi, com efeito, tôda essa época senão a passagem do sôpro caliginoso do Oriente através da alma daqueles povos, definindo-se, aqui, no verbo israelita; ali, na tenebrosa teoria da graça; acolá, na abominação das coisas humanas, na nostalgia das divinas; e resumindo-se, por fim, no empolgamento dos bárbaros, pela ingenuidade dos costumes, e, nos romanos, pelo cansaço de uma vida gasta pela incandescência ? [7] Pois bem, ninguém, melhor do que Dante, soube condensar em uma alma tôda essa luta psíquica, coletiva e inconsciente; e êle mesmo, convulsionado pelas paixões que exaltam a sua própria imaginação, vazou tôda a epilepsia daqueles tempos procelosos e obscuros nos seus cantos apocalípticos.

Para interpretar o divino Alighieri, é indispensável entrar na compreensão de tudo isto, e ninguém estava em condições mais propícias para o fazer do que o novo tradutor do *Poema Sacro*, o qual, além de ter sido um poeta lírico, um filósofo desenganado das coisas humanas, cortado por uns laivos de cepticismo, profundamente apaixonado pelo gênio italiano, foi, também, um grande médico, conhecedor de todos os segredos e de tôdas as misérias da vida. Que êle tinha a chama divina e era um espírito de eleição, provam-no a escolha dos seus mestres e a sua predileção pelos monumentos das duas maiores literaturas dos tempos modernos: esta tradução e as dos dramas de Shakespeare. De fato, a cada passo, a tradução mostra

---

[7] A imposição de hábitos mentais contra a índole das raças, operada pela crença semita no mundo europeu, é um fato perfeitamente explicável, desde que comparamos com o que se passa no mundo orgânico, nos casos de contágio; os elementos aproximam-se; dadas as condições diatésicas, invadem o corpo social, produzem tôdas as modificações mórbidas de que são capazes, e, se há resistência nos elementos anatômicos, eliminam-se no fim de certo tempo, deixando apenas, de sua passagem, vestígios que nem sempre podem ser discriminados. A crença semítica, apoderando-se dos aparelhos diretores da sociedade, convertendo a sua disciplina moral no Papado e fundindo o Papado no Cesarismo, fêz, com a alma étnica dos povos aludidos, o mesmo que os comprachicos com as crianças que roubavam para os seus trabalhos de saltimbancos. O ária, enfaixado dentro dessa armadura terrível, bramiu e deformou-se. Foi preciso que a armadura se diluísse pouco a pouco para que a raça reconquistasse a sua liberdade e voltasse, quebrando as cadeias que a torturavam, ao livre e aos impulsos espontâneos da raça. Tem sido êste o tema de tôda a história dos últimos tempos.

quanto e com que vantagem êle se serviu da ingenuidade de um espírito fácil e destituído de pretensões hipercríticas. O Barão da Vila da Barra começou por não se preocupar com uma enormidade de coisas sutis, que uma falsa ciência dantesca de longa data tem amontoado sôbre a obra do inimitável amante da Portinari. Com efeito, a mais acertada coisa que pode fazer quem quer ver uma cena sublime da natureza é limpar os olhos e aplicá-los simplesmente ao objeto. A crítica e a erudição, em seus exageros, muitas vêzes obrigam o vulgo a olhar através de óculos iguais àqueles de que fala Bocácio em um dos contos do seu célebre *Decamerone*.[8] O tradutor não se deixou iludir por quejandos artifícios, e, abandonando as interpretações sobrenaturais às Academias de la Crusca e aos exegetas nebulosos, que fazem daquele poema uma enciclopédia infalível, aonde, como na Bíblia, se pode encontrar remédio para tudo, buscou o Dante verdadeiro, o de Bocácio e dos críticos modernos, — o Dante que se impõe desde logo ao espírito menos culto, um pouco desanuviado do misticismo e perfeitamente humano. Mais do que ninguém, o Barão da Vila da Barra se convenceu da necessidade de expugi-lo da *diabólica bizarria* de que fala Tommaseo, daquela singularidade de gênio que parecia própria dêle só, e que arrancou a Ginguené e a Villemain brados de admiração, como se se tratasse de um gigante surgido de súbito no meio de pigmeus;[9] e sendo a *Divina Comédia* um poema em grande parte alegórico, êle não se deixou arrastar além das alegorias naturais, que estavam nos hábitos mentais da época em que viveu o poeta, e que se reproduziam pelo processo fatal do automatismo cerebral.

Não há quem, hoje, depois dos trabalhos de Ampère, de Labitte, e principalmente de Comparetti, não saiba que aquilo que parecia mais incompreensível à crítica, a respeito das intenções do poeta com relação a Virgílio, reduz-se a uma simples absorção de coisas preexistentes na imaginação do povo. Tudo quanto, no poema, não é a alma do poeta, *l'imagine della sua mente,* como diz Settembrini,[10] é a alma da Itália, e a Itália, neste tempo, recebendo tudo do

[8] Essa tendência para enxergar em Dante outras intenções, além das que êle naturalmente teve, faz lembrar o riso e o silêncio de Goethe, quando via emprestarem ao Fausto certas coisas extraordinárias em que êle nunca pensara. O escritor Aroux levou a esquisitice até o ponto de considerar Dante o maior carbonário de Itália, e ainda há pouco o Sr. Carducci, recusando uma cadeira que se pretendia fundar, naquele reino, para explicar a *Divina Comédia* em um curso de direito público, o fêz declarando que achava uma indignidade querer-se obrigar o ilustre toscano a dizer, hoje, em benefício de um partido, aquilo em que êle nunca cogitara.

[9] Ginguené, *Histoire Littéraire de l'Italie;* Villemain, *Tableau de la littérature au moyen âge.*

[10] Sett., Obr. cit., I, 156.

seu próprio passado, não perdendo quase nada de sua autonomia étnica, continuando a crer em Virgílio, transformando-o no mágico medieval, de acôrdo com as necessidades do tempo, adotara-o como seu principal educador. A coincidência da lenda virgiliana com as simpatias naturais do poeta que melhor correspondia às suas inspirações é mais que suficiente para explicar tôda a importância do poeta mantuano, na sua peregrinação através do Inferno e do Purgatório;[11] e do mesmo modo que o cantor das desventuras de Dido ia, no poema, abrindo caminho ao florentino e poupando-o aos sobressaltos, a simplicidade da concepção e a compreensão do eixo da obra dão, ao intérprete, o meio mais exato de furtar-se às dificuldades e vencer as obscuridades parciais do livro. Como bem diz Settembrini, "o principal mérito do poema não está na *letra*, isto é, na forma fantástica, mas *nella sua sostanza*, nos seus altíssimos juízos sôbre o mérito e demérito, quer enquanto aos fatos históricos, quer enquanto à religião, à ciência e à própria arte".[12]

Isto, enquanto ao pensamento, — à alma do livro; no que respeita, porém, ao estilo de Dante, não é possível dissimular o que há de invencível numa emprêsa em que gemeram e se extenuaram espíritos da ordem dos Lamennais, Mesnard, Ratisbonne, Fiorentino, Kannegiesser, Philalète, Villegas e Molbech.

Tradutores tem havido, como, por exemplo, Antônio de Castilho, que julgam que o melhor meio de chegar à reprodução do estilo de um autor é não transportar-nos à nação, ao tempo em que viveu o autor da obra e ao temperamento artístico do poeta, mas, ao contrário disso, esquecermo-nos de tôdas estas coisas e dar, como êle fêz com Molière e Goethe, um *Fausto* ou um *Tartufo* vestido à portuguêsa, com o varapau de Tuy em riste e a frase truculenta e pornográfica a bolsar dos lábios crespos de vinhaça. Assim não pensava Littré, que, estudando essa questão de transplantação de estilo com o apuro que costumava levar a todos os trabalhos que empreendia, chegou à conclusão de que, não só o tradutor deve fazer tudo aquilo, como, tratando-se de um poeta como Homero ou como Dante, pro-

---

11 Domenico Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, II. Muito se tem escrito sôbre as origens da *Divina Comédia*, e hoje, de acôrdo com a teoria associonista, que explica a inteligência e o gênio pelo automatismo das sensações transformadas, é ponto aceito na ciência crítica que, na sua parte técnica, a *Divina Comédia* é simplesmente a condensação de obras já existentes no tempo em que Dante apareceu. Brunetto Latini escrevera um poema alegórico no mesmo sentido que Dante, e o romance provençal *Guérin le malheureux* e mil outros *fabliaux* reincidiram nesse mesmo assunto, que parece ter obsedado a Idade Média, produzindo uma literatura inteira de visões e viagens através do passado e das sombras do espirito.

12 L. Sett., Obr. cit., I, 99.

curar na própria língua a época em que a sintaxe mais se aproximou da em que viveram aquêles inspirados.

Um pensamento arcaico só pode vazar-se em linguagem arcaica.

> Traduzir um autor contemporâneo é coisa simples: a enorme conformidade do pensamento entre as nações européias concede às línguas uma conformidade correspondente; mas, traduzir um autor da antiguidade heróica ou da Idade Média, é uma emprêsa que se complica na proporção da diferença do tempo. É, sobretudo, traduzindo que se conhece quanto um escritor do décimo-terceiro século pensa e exprime-se de modo diverso do nosso. A cada instante, somos surpreendidos pelas suas idéias, pelas suas *tournures*, pelas suas locuções inesperadas. [13]

Dêste modo, ao passo que Lamennais traduzia — o *Per me si va nella città dolente* — *Par moi l'on va dans la cité des pleurs*, etc., o filólogo francês adotava o — *Par moi l'on va dans la cité dolente*, conservando o verso italiano quase em sua integridade, — verso, êste, que o tradutor brasileiro felizmente transcreveu assim: — *Por mim se chega ao reino doloroso.*

Tão grandes obstáculos levaram Littré a trasladar os primeiros versos do poema para o francês do XIV século, como já o fizera com o 1.º canto da *Ilíada*, no estilo da *Chanson de Roland*:

> En mi chemin de ceste nostre vie,
> Mi retrouvai en une selve escure;
> Car droite voie ore estoit esmarrie.
> Ah ! ceste selve, dire m'est chose dure,
> Con elle estoit sauvage et aspre et fort,
> Si que mes cuers encor ne s'assure,
> Tant est amere que peu est plus la mort.

Não resta dúvida, em face de tão eloqüente demonstração, quanto lucraria uma tradução portuguêsa que buscasse o amante da Portinari através da língua de Rui de Pina ou do *Cancioneiro da Vaticana*.

Todavia, o próprio Littré mostrou, não só os grandes perigos de uma emprêsa destas, como a necessidade que haveria de retraduzir essas traduções, pelo menos para aquêles que não são eruditos ou que não têm o instinto do arcaísmo.

A tendência, infelizmente, dos povos, neste ponto, é "tornar os autores, não tais quais êles eram, mas tais quais deviam ser, conformando-se a um tipo único de correção e elegância". Para darem, pois, "os ossos e os músculos do modêlo" em condições de atualidade, o caminho que, invariàvelmente, têm seguido os melhores tradutores

---

[13] E. Littré, *Histoire de la littérature française*, I, 419.

é a violentação da língua para a qual se faz a versão. Lamennais, por exemplo, desprezando os conselhos de P. L. Courier, Lamennais, que tinha em si tudo quanto era indispensável a um intérprete do Dante, viu-se na necessidade de quebrar a construção francesa, adotando uma espécie de transcrição palavra por palavra, escolhendo as expressões mais brilhantes e vivas e dispondo a frase de modo que o leitor fôsse obrigado a parar justamente nos pontos luminosos do poeta. [14]

O tradutor brasileiro não escapou a igual tortura. Não obstante, a língua portuguêsa, pela flexibilidade da sua sintaxe, aproximando-se mais do que a francesa da italiana, proporcionou-lhe meios mais seguros de reproduzir aquela linguagem *áulica e cardinalesca* tomada a todos os *patois* da Itália, de que fala Labitte.

Na impossibilidade de lutar com a *rima terza* de Dante, com essa melopéia mnemônica que Sismondi tanto apreciava, o Barão da Vila da Barra preferiu o verso sôlto às *terzinas* do poema.

E o fêz com o máximo critério. Desde que não se adota o sistema de Littré, o único meio de atingir o original é dar à frase a máxima independência possível, e por isso a prosa será sempre o caminho mais simples de chegar até o pensamento do poeta. O verso sôlto, porém, tem a vantagem, sem perder o ritmo, que não deixa de concorrer para a beleza da tradução, de manter quase a mesma liberdade de movimentos que a prosa a mais ampla e despreocupada.

Podem, na nova tradução da *Divina Comédia*, encontrar-se muitos desvios, muitas infidelidades com relação ao texto; o que, porém, verificarão, todos os que a lerem, é que, nessa trasladação, há tanta clareza, a frase é tão correntia, o espírito surge tão planturoso quanto exige a compreensão das linhas gerais da obra dantesca, dos episódios capitais, das figuras clássicas do poema, que são a glória e o estigma divino *del'altissimo poeta*, que, segundo o conceito de Bocácio, era *un gran innamorato d'ogni belezza.*

---

[14] Obr. cit., I, 412.

A POESIA EM SUAS RELAÇÕES COM A FUNÇÃO GENÉSICA

PUBLICAÇÃO NA REVISTA *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO IV, VOL. IV, N.os 158, 7 JANEIRO 1888, PP. 1-2, E 159, 4 FEVEREIRO 1888, P. 11.

A Semana, 158, 7-1-1888

Por mais paradoxal que pareça a teoria que vai ser objeto dêste artigo, posso garantir que ela é o *substratum* de coisas muito velhas, o resíduo depositado no espírito humano pelo bom senso e pela experiência de tôdas as épocas.

O paradoxo não é muitas vêzes, senão o resultado de um desencontro de linguagem, uma deslocação, não do objeto, mas do ponto de vista; e, neste caso, basta uma simples inversão para que os divergentes, como os dois cavaleiros de Ariosto, que se batiam pela côr de um escudo, entrem logo em acôrdo, reconhecendo a sem-razão da luta.

É assim, por exemplo, que vimos, no primeiro Congresso de Antropologia Criminal de Roma (1885), levantar-se um professor da Universidade de Hamburgo, o Sr. Albrecht, e declarar, perante uma reunião de sábios, que se manifestava francamente darwinista pelos órgãos ilustres de Lombroso, Ferri, Garofalo, Sergi, Moleschott e outros, que seria um êrro considerar o homem um derivado simiano, desde que, pela anatomia comparada, se consegue demonstrar que o homem, não só ainda é um macaco, como é um macaco degenerado. E quando o notável antropologista se esforçava por levar a sua tese à evidência, mostrando que não é o criminoso, fora dos casos patológicos, que constitui a anomalia, mas o homem honesto, produto do desenvolvimento filogenético do antropóide, na época em que êste foi impelido a deixar a vida solitária e a formar o estado, não seria difícil chegar-se, em última análise, à conclusão de que o seu desacôrdo com os chefes da escola positiva era mais aparente do que se pensa, logo que se atendesse à circunstância de que [a] degenerescência aludida podia reduzir-se, em têrmos explícitos, aos efeitos da seleção social.

Ora, a gênese do estado poético, tal qual eu a compreendo, é um conceito contido em tôdas as concepções religiosas e filosóficas que têm existido desde a mais remota antiguidade até hoje. Ela aparece tanto na trimúrti védica, na harmonia das esferas e metempsicose de Pitágoras, nos mistérios de Ísis, na dualidade zoroástrica, como na idéia de Platão, nos turbilhões de Epicuro, nas leis de Newton e Kepler e na teoria da persistência da fôrça, integração da matéria e concomitante dissipação do movimento, de Spencer. O

espírito humano, como manifestação de uma raça, progride em uma linha determinada; entre um mito selvagem e um aforismo filosófico moderno, a diferença não é tão fundamental como muita gente supõe. As superstições míticas não passam, na opinião de J. Fiske, Mannhardt, Tylor, Lang, Bergaigne e outros, de uma explicação primitiva de um fenômeno natural, formulada por indivíduos incapazes de elevarem-se à noção abstrata das fôrças naturais. Contudo, o movimento é sempre o mesmo. O novo ponto de vista, pois, em que me coloco para encarar uma questão tão debatida, não constitui uma insurreição: ao contrário disto, é uma indução tirada de fatos observados pelos competentes; é a dedução lógica de hábitos mentais já muito conhecidos.

Compreende-se, porém, quanto seria fastidioso e inútil procurar a ligação do fato estético com essas leis gerais que se perdem nas fronteiras da incondicionalidade do pensamento. Se, já na nebulosa, existia um brôto de poesia, é curiosidade esta que pouco ou quase nada influiria na demonstração da idéia que me agita. O meu propósito é traçar simplesmente um rápido capítulo de psicogenia, e para isso basta-me remontar ao momento da evolução em que a vida animal se denunciou de um modo apreciável e tangível.

A poesia é simplesmente uma transformação do sentimento da fôrça, se é que não reside, inteira, nesse movimento psíquico. Tomada sob êsse aspecto, a poesia não é outra coisa senão uma irradiação orgânica: dadas certas e determinadas condições, a resultante da circulação da vida na sua maior intensidade relativa. Cada indivíduo ou vivente traz, no respetivo sistema nervoso, carga de eletricidade suficiente para a produção dêsse estado ditirâmbico, que todo mundo mais ou menos vagamente conhece; e não há quem ignore qual a da flacidez orgânica, que acompanha o estado oposto, apenas ao eretismo dos centros sucede a degenerescência ou se desenvolve a incapacidade do agente.

A amplitude da fôrça traz, como conseqüência inevitável, a alacridade de todo o organismo. Percorre-o uma vibração indefinível, e a vida, em sua intensidade, difunde-se naturalmente nas eloqüentes manifestações dêsse estado fisiológico, o mais afirmativo de quantos denunciam o poder elaborativo e transformista da natureza, ao contrário do que sucede quando dá-se depressão da energia, quando aparecem a hipocondria e todos os outros precursores do aniquilamento e da morte.

Em tudo isto opera-se um jôgo visceral muito complicado, que seria dificílimo acompanhar. O que, porém, não entra em dúvida é que, se êsse estado ditirâmbico é um fato real, não menos certo é

que tal estado nunca deixa de resolver-se em uma descarga, mais ou menos completa, dos centros nervosos, fenômeno êste que, nas naturezas superiores, nos artistas, toma, mais comumente, as formas que se assinalam com o nome de manifestações da arte.

Neste ponto é precisamente que incide a tese ou o *paradoxo* de que me ocupo.

Que relações, pergunta-se, podem existir entre a poesia e a função genésica, de modo a merecerem curiosidade do filósofo e as honras de uma tentativa teórica? Respondo: — as mais estreitas e profundas; e que aquela unção é tão essencial à natureza humana, que quase poder-se-ia dizer, como a respeito do equilíbrio orgânico e da energia vital, que até com ela se confunde. E, quando nada, será o seu aferidor.

A importância dêsse fenômeno não passou despercebida ao sábio antropologista Mantegazza, o qual, em sua *Fisiologia do Amor*, na parte em que trata das relações dêsse sentimento *com o* pensamento, indica à crítica literária um *novo* caminho, ao seu ver, cheio de admiráveis pontos de vista fisiopsicológicos para as questões de estética.

> A influência do amor sôbre a fôrça, — diz êle. — e sôbre a forma do pensamento é dupla. Como sentimento, quer nasça na juventude, quer rejuvenesça na velhice, todo seu valor consiste nas excitações que provoca, sobretudo na fantasia, afiando as aptidões para a reprodução do belo, exaltando, em uma palavra, essas aptidões mentais, * que, de * ordinário, chegam ao apogeu na idade * em que o * amor desenvolve a sua máxima energia.
>
> Não há possibilidade, — continua o * mesmo autor, * — de chegar a ser um grande artista, * ou um * grande poeta, se êsses talentos não forem impelidos por uma correspondente capacidade de amor. A castidade, imposta ou voluntária, pode eclipsar o amor, mas, no fundo do coração, sobreviverá uma imagem, mais vizinha do anjo do que da mulher, que estará sempre pronta, ao lado do gênio, nos momentos de inspiração, para inflamar o fogo sagrado da arte, no canto lírico e no traço do pincel. O gênio dos maiores poetas, artistas ou escritores encontrou, no amor, o primeiro companheiro, o excitante soberano; e é bem para crer-se que, sem êste sentimento, seus nomes seriam totalmente ignorados. O amor que nasce em um cérebro sublime acumula fôrças gigantescas, e, aperfeiçoando-as, reduplicando-as, transforma-as no gênio... O amor feliz e triunfante eleva todos os cérebros acima da temperatura média e os torna fecundos em novas energias.

Todavia, Mantegazza tomou o fato muito em abstrato; para êle, o amor é apenas um acidente favorável à poesia lírica, variável e dependente de circunstâncias especiosas. A questão, porém, como eu a encaro, é mais uma questão de dinâmica do que de concurso acidental de fôrças. O amor, ou melhor, a função genésica, é o *substratum*, o elemento propulsor e inconsciente de tôda e qualquer

manifestação poética; e o *canto anaclético* do forte, do que sente-se viver, do vitorioso, é um fato geral, que abrange tôda a natureza. *Vae victis*! Eis o ponto de partida.

★

A Semana, 159, 4-2-1888

Não há dúvida que uma irradiação vai pelo universo, exaltando, de horizonte em horizonte, o movimento e integrando a vida; e não foi senão por uma espécie de antecipação do espírito moderno que o poeta da *Divina Comédia* atribuiu tôda a direção da máquina celeste à contração do amor, — daquele

Che tutto muove,
Per l'universo penetra; a risplende
In una parte più e meno altrove.

Com efeito, quem é que, atendendo ao espetáculo da vida com o espírito preparado pela síntese; quem é que, abandonando, por um instante, essa familiaridade obscurecedora da vida prática e diurna, não reconhecerá, incontinenti, que tudo, neste mundo, se reduz a uma sucessão de polarizações, e que essa máquina insondável, de que somos diminuta parte, é o produto de uma *contração* da matéria?

Bastaria que êsse fato pudesse traduzir-se diretamente em uma expansão de ordem inteiramente psíquica para que a poesia estivesse explicada como a própria ordem do universo. Não há observador, por mais fraco que seja, que não se tenha impressionado, mais de uma vez, com a vibração que percorre a região do seu *habitat*, desde que se manifestam fenômenos atmosféricos depressivos, ou vice-versa, e que todo ambiente, inclusive as espécies vegetais e animais, e o homem, mesmo, entrando no acôrdo geral, alegram-se ou entristecem, adolescem ou envelhecem, como se [se] tratasse de qualquer organismo fisiològicamente determinado pela ciência. Não é verdade que, em certos momentos, a natureza como que entra em uma sinfonia? Num perímetro dado, pelo menos, quando crescem as condições de vitalidade, quando os parênquimas dilatam-se, expandem-se, quando o que bem se pode chamar o *grande simpático* da região permite a exaltação das fôrças em repouso e das faculdades em ação e coordena a *consciência do lugar*, é, para mim, fato certo que, no conjunto indeclinável de tudo quanto ali existe, consciente ou inconsciente, há um hausto indefinível para o movimento, e raro é que êste hausto, desprendendo-se em um *crescendo* enérgico, não se traduza, por fim, nas manifestações luminosas do sentimento da *soli-*

dariedade terrestre. Quantos poetas não têm sentido, embora vagamente, a presença dessa onda na multiplicidade dos fenômenos exteriores; quantos outros não têm, mesmo, descrito, com variada nomenclatura e imagens abstrusas, as oscilações dessa eletrização, as cambiantes dessa portentosa circulação de vida !

Entretanto, o que é exato é que um só átomo, uma só molécula, um só vivente não escapa a êsse movimento clônico; e momentos há em que, por uma espécie de hiperestesia dos nossos sentidos, acompanhando a escala zoológica em tôda sua extensão, chegamos, com um pequeno esfôrço de atenção, a discernir tôdas as gradações daquele *crescendo,* desde as manifestações automáticas dos mais baixos representantes da espécie, até as rutilantes elações do gênio do homem, que, sentindo a fôrça, projeta-se na linha indefinida das aspirações de aumento e de capacidade cerebral, como um instrumento complexo e timbrado a repercutir todos os sons e a desferir tôdas as harmonias imagináveis.

Êstes fenômenos, todavia, referem-se ao estado fisiológico da máquina humana e ao equilíbrio da mecânica universal, em sua coincidência com todos os movimentos que a ela se subordinam.

Antes, porém, de passar adiante, não seria fora de propósito lançar as vistas ligeiramente para o avêsso da medalha e considerar a parte noturna do assunto, isto é, aquilo que pode-se pròpriamente classificar como exceções postas ao movimento, como embaraços de integração, ou melhor, — como casos de retração na marcha parabólica da vida. Quero referir-me à teratologia do amor, — àquilo que, aplicado ao universo, se poderia chamar *lei da intercorrência difusa,* e que, limitada ao homem, denomina-se *erotismo.*

Binet, em um recente trabalho intitulado o *Fetichismo no Amor,*[1] tratando da espécie com rara felicidade, designa, sôb o nome de *ruminantes eróticos,* os indivíduos que, perdendo a noção equilibrada da fôrça, cedendo, de mais em mais, à propulsão vital, hipertrofiam tôda a sua ação na diretriz de uma tendência exclusiva, e muitas vêzes em uma subdivisão dinamizada dessa tendência, chegando aos produtos de ordem psíquica os mais extravagantes que se possam prever.

> Haveria, diz êsse autor, um interêsse imenso em mostrar como certas pessoas conseguem satisfazer as suas necessidades genitais construindo e amontoando na cabeça os mais disparatados romances de amor, substituindo uma sensação por uma imagem, em conseqüência de não poderem permitir-se a sensação que acompanha a aproximação sexual.

1 *Revue philosophique,* fasc. de set., 1887.

Não há quem desconheça os episódios de D. César de Bazán a degustar cartas de namôro que não lhe foram dirigidas ou a aspirar voluptuosamente as emanações de uma cozinha cujos acepipes não lhe chegarão aos lábios; e, desde o hipocondríaco, citado em mais de um livro de observações clínicas, que, indiferente à mulher pròpriamente dita, se entregava aos maiores delírios eróticos apenas via os pregos de uma botina de senhora à Luís XV, desde os possessos de carpofagia, os fetichistas dos olhos, os adoradores de mãos delicadas, os fanáticos por pés *mignons*, até os idealistas ou grandes fetichistas sintomáticos, tais como Abeilard, Tasso, S. Teresa, J. J. Rousseau e outros muitos delirantes de que falam os anais patológicos dos nevrosíacos, encontra-se uma sucessão de nuanças, em que fàcilmente se conteriam muitas hipóteses, muitos casos, que, quer na vida comum, quer na literatura, andam por aí a exigir da crítica uma classificação muito diferente daquela com que ainda hoje se apavonam.

Não é no erotismo que reside a poesia, nem nas deliqüescências, nem nas depravações da natureza; como também não é no pessimismo que se há de procurar o diapasão da estética contemporânea.

RECADO AO AUTOR DAS *CONTEMPORÂNEAS*

PUBLICAÇÃO NA REVISTA *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO. ANO IV. VOL. IV, N.º 160, 11 FEVEREIRO 1888, PP. 17-18, E TRANSCRITO NA SEÇÃO DE "PUBLICAÇÕES A PEDIDO", DA *GAZETA DE NOTICIAS*, RIO DE JANEIRO, 26 FEVEREIRO 1888. FOI TAMBÉM TRANSCRITO EM APÊNDICE AO LIVRO DE AUGUSTO DE LIMA, *POESIAS*, PARIS — RIO DE JANEIRO, GARNIER, 1909, PP. 291-294.

Nunca é tarde para mandar-se um brinde a um poeta, a quem as vozes da admiração dos amigos atalham, fazendo-lhe uma justa festa de chegança.

Não é verdade que se devia sempre soltar uma girândola de foguetes, ou dar um tiro de bacamarte, como, em certas solenidades se pratica, no sertão, quando nasce uma árvore frutífera rara em um pomar ou se descobre uma flor de espécie não classificada ?

Com maioria de razão deveriam repicar os sinos da freguesia, e a irmandade do SS. Apolo tomar a opa e os tocheiros, para levar à pia batismal o poeta recém-nado, consagrando-o com o nome pelo qual o mundo das letras o apregoará, tanto na vida como na morte.

Receba, pois, o poeta das *Contemporâneas* estas palavras saídas do coração; e, em falta de melhores, guarde-as, não pelo que valem, sendo, como são, frutos de pouco sabor, mas pelo que, no intento de quem as profere, elas pretendem simbolizar — o entusiasmo franco, causado por um livro, — a sensação deliciosa de uma leitura comunicativa.

Não critico aquilo de que me apaixono; e o livro que tenho diante dos olhos acha-se perfeitamente neste caso. Sinto-o como se sente a aura blandiciosa em um clima tropical, môrno e anestésico; percebo-o como se percebe o gárrulo, iriante e festivo guainumbi; observo-o como se observam os tons coloridos pela luz eclíptica do sol em uma tarde de agôsto; — penso-o e repenso-o como se pensa o mistério da existência e o movimento do universo. E tenho dito tudo e não tenho dito nada, porque, para que a satisfação fôsse completa, seria, talvez, necessário fazer o que fazem as crianças, em sua ingênua perversidade, — abrir de meio a meio o poeta, lascar o brinquedo que nos encanta, que produz tão belas harmonias, para consultar-lhe as entranhas, o mecanismo interno, e verificar a explicação de tantos e tão caprichosos efeitos, — e depois... depois, como certos aristarcos, ou como a boa constrictor, acariciar a vítima com a baba, para em seguida devorá-la, putrefazê-la nas voltas intestinais.

Isto, porém, é o que não perpretarei por forma alguma. Autopsiam-se os defuntos. Com os vivos, pomo-nos apenas em relações de ódio ou simpatia.

Demais, a crítica já disse quase tudo; e, pela pena esperançosa de um Lívio de Castro, já deu até a fórmula do poeta. O que poderia eu acrescentar, senão uma pálida nota à margem dêsses justíssimos juízos?

Que o talento do autor das *Contemporâneas* é um talento formosíssimo, mas formosíssimo em tôda a intensidade do superlativo? que êsse talento não sofre nem de máculas, nem de hesitações, nem de deliqüescências, nem de pedantismo? Que é um talento sadio e franco, espontâneo e seguro, sereno e azul, — tão sereno como uma manhã de minha terra natal, tão azul como os olhos da Julieta com que provàvelmente cisma?

Não. Um poeta assim explica-se por si, — dando-se a ler, — deixando-se que a alacridade, diante de tão lindas páginas, traduza-se por si, e que o orgulho nacional se expanda, ao ver um espécime de poesia tão nova, tão balsâmica, tão nossa!

Não se trata de um parnasiano que se tortura pela forma, nem um *blasé*, um decadente, que refine o sentimento, nem um filósofo que tente as cosmogonias novas, nem um platônico que definhe a olhar para a lua; mas de um espírito profundamente colorido nos dons de expressão, amante das grandes linhas, que pensa quando sente e que sente quando quer, dando à sua lira tôdas as inflexões que comporiam uma alma francamente apreensiva das belezas da vida e da vida de sua terra.

Nas *Contemporâneas*, e é o que nesse livro mais me apaixona, a poesia circula como a seiva em uma árvore florida e vigorosa. Cambiante em tudo, a imaginação do vate surge em tôda a parte e não se deixa apatetar na contemplação exclusiva de um aspecto único.

Panteísta na poesia — *Através dos Séculos*, céptico na que conserva êste mesmo título, místico no — *Amor*, ateu nos — *Dois Cristos*, fetichista no *Polvo*, *Lágrimas de Regato* e na *Cólera do Mar*; contudo, êle vai banhar-se nas fôrças colossais do século, para surgir, logo adiante, incandescente de transformismo e irradiante de amor brasílico.

O que resta agora é que o poeta não se deixe cair na modôrra tropical, e saiba viver... viver com tôda a fôrça e intensidade a que tem direito o seu gênio artístico, e que, neste momento supremo, em que parece que o Brasil gravita para o seu verdadeiro centro econômico e que alguma coisa de novo vibra no organismo nacional, não se engolfe entre as têtas de terra que circundam-lhe, na roça, a mansão poética, e, concentrando-se em espírito no poema que atualmente elabora, — *A Vida*, — consagre um canto à festa de recepção dos legionários do progresso, que, diàriamente, de todos os pontos da Europa, irrompem, através do Atlântico, em demanda das nossas florestas portentosas.

A TERRA, DE EMÍLIO ZOLA, E *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

PUBLICAÇÃO NO JORNAL *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 21, 22, 23, 24, 27, 28 FEVEREIRO; 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 28 MARÇO; 2, 5, 7, 11 ABRIL 1888.

I

EVOLUÇÃO DAS FORMAS DO ROMANCE

Novidades, 21-2-1888

Em um dos muitos momentos de gaulesismo incomparável, disse o velho Dumas — que o gênio, no homem, era como a tromba, no elefante. É certo que o elefante sempre foi um animal, como outro qualquer; mas isto não obstou que as formidáveis legiões romanas debandassem espavoridas, quando Pirro penetrou na Itália com a sua guarda avançada de paquidermes, mais terríveis pelo estranho do aspecto do que pelas navalhas postas nas trombas e as puas dos cornacas.

A inexperiência da humanidade produz constantemente dêsses equívocos; às vêzes benéficos, porém muitas outras cheios de retrocessos bestiais. Mas tudo isto é natural. Quando, por exemplo, na zoologia surge o espécime de um tipo que escapa às classificações conhecidas, até o próprio sábio hesita, tomado de confusão e estremunhado. Esta estupefação, todavia, não é senão o efeito da transição rápida, da diferença súbita e do desconhecimento das formas intermédias.

Sendo a estrutura, no fundo, idêntica, é preciso que venha a reflexão; é indispensável que a gente se familiarize com aquela novidade, para que possa acreditar na realidade do fato apôsto à nossa admiração. Stendhal dizia que a diferença gera o ódio. É-nos sempre hostil aquilo que não compreendemos ou que não podemos sentir; e o espírito só consegue pacificar-se, quando nos provam que o monstro não é um monstro, sim, uma variante da espécie, menos conhecida, é verdade, mas nem por isso menos pertencente ao grupo que nos é familiar.

A aparição de E. Zola no mundo literário, pode-se afirmar que trouxe impressão bem semelhante àquela. Estávamos todos imbuidíssimos de V. Hugo, de Lamennais, de Quinet, de Dumas e de outros; pouco houvéramos percebido as formas intermédias de Balzac,

Champfleury, Stendhal, Flaubert; quando, portanto, a bella dêstes tipos se hipertrofiou na larga tromba do autor do *Assommoir*, todo o sossêgo literário desapareceu, e o susto manifestou-se pelas formas mais exageradas que já puderam inventar a preguiça e a mediocridade.

A natureza não dá saltos. Êsse aforismo tem sido tão repetido ùltimamente, que parece ter feito jus a entrar naquele dicionário de lugares-comuns que o poeta da Bovary andava a escrever, quando morreu. O romance não escapa a essa lei.

O naturalismo, em literatura, e o zolismo, como expressão mais viva e exagerada dessa tendência, não surgiu, no século XIX, senão como o último têrmo de uma progressão já há muito tempo encapsulada nas formas literárias que estão no domínio da história.

Em primeiro lugar, o romance, ou o episódio pitoresco da vida, tem por base a ficção, tendência existente no homem desde a época em que as suas faculdades atingiram certo desenvolvimento psíquico. Esta tendência não é outra coisa senão a necessidade que o indivíduo sente de escapar-se para fora da natureza, — fato que nos tempos primitivos se traduzia nos mitos, devido, ora a uma enfermidade da linguagem, como pretendia Max Müller, ora a uma explicação infantil de fatos naturais e inacessíveis, segundo o critério dos mitólogos modernos, Gaidoz, Lang, Mannhardt, etc. Compreende-se que o homem dos últimos tempos, diluído pela experimentação, não podia permanecer no domínio dessas puerilidades; entrando no conhecimento exato das funções da vida terrestre, era natural que aquêle movimento, cansado de difundir-se para o lado do macrocosmo, abandonasse as cosmogonias e penetrasse no mundo dos infinitamente pequenos. Essa mudança de eixo, porém, não alterou a natureza humana, nem modificou a linha da progressão; e se desapareceram, por uma parte, as vacas de Caco, tais quais no-las pinta Bréal, por outra o homem continuou a arrojar-se para fora da sua natureza por via das alucinações do microscópio, criando uma mitologia oposta à dos poemas antigos, um assombramento correspondente ao dos viajantes dos ciclos mediterrâneos e aos causados pelos cataclismos e cometas, o maravilhoso patológico, enfim, o hipnotismo, a bacteriologia e tôdas as outras exagerações do espírito analítico.

Fundamentalmente, portanto, o elemento capital do romance permanece e permanecerá, pelo menos enquanto o homem, pela fôrça transformista, não chegar a constituir-se em espécie nova e não adquirir outros sentidos, além mesmo dos três adicionados pelos neocomtistas aos cinco clássicos.

O estudo sôbre a ficção, na antiguidade greco-romana, já está feito.

Dunlop, Staël, Chassang estabeleceram, até certo ponto, uma tal ou qual genealogia entre os romances gregos e os modernos, passando, através da Idade Média, pelas formas bastante conhecidas dos *fabliaux* e romances de cavalaria; mas pode-se perfeitamente provar que Bernardin de Saint-Pierre teria composto a sua pastoral *Paulo e Virgínia*, mesmo quando não houvesse surgido dos arquivos dos conventos o *Dáfnis e Cloe*, de Longus. É fora de dúvida que nas mesmas condições cerebrais e sociais, independente do tradicionalismo, o homem sempre produz as mesmas obras de arte. A Grécia teve também o seu romantismo, que Gervinus explica a seu modo; Trezza *(Crítica Moderna)* encontra até no *Alceste* e na *Medéia*, de Eurípides, a embriogenia de Shakespeare e Goethe, que depois explodiu no século XIX.

Para compreendermos, entretanto, a marcha do romance atual, não precisa ir tão longe, nem cavar tão fundo.

Graças aos estudos dos eruditos, é facílimo hoje apanhar as linhas capitais dessa marcha através dos últimos séculos, não tanto no fundo, como nas formas; porque, enquanto àquele, o romance confunde-se com o movimento integral do espírito ocidental.

A curiosidade do crítico, pois, deve visar principalmente os processos inconscientes e o consciente dos mestres na arte de narrar. Eis tudo.

Ora, as formas que hoje encontramos tão aperfeiçoadas em Flaubert, em Dickens, em Farina, em Zola, em Turguenev, em Bret Harte, em Dostoyevski, em Tolstoi, em Marion Crawford, em G. Eliot, em E. de Queirós, em Bourget, A. Azevedo, não apareceram arbitràriamente, nem foram inventadas pelos artistas que lhes deram direito de cidade; nebulosas em princípio, como expressão vaga das aspirações das raças, essas formas foram-se condensando a pouco e pouco, durante um largo período, em que as literaturas não tinham órgãos cultos; e só quando a renascença das letras antigas pôde habilitar poetas e literatos a escreverem com apuro e com a experiência da arte adquirida anteriormente, foi que conseguiram esplender as obras do século XIV e XV.

★

Novidades, 22-2-1888

Pode-se dizer que a Idade Média constituiu-se uma espécie de biotério. As civilizações esfaceladas foram arrojando para o ocidente os seus resíduos; e, num momento dado, as sobrevivências que ali faziam ato de presença, procedentes do Oriente, da Grécia,

dos romanos e, nos últimos tempos, também dos árabes, entraram em fermentação. Êstes elementos, dispersos por terem perdido os seus centros naturais de subordinação, tiveram, forçosamente, de passar por um processo de assimilação, de transformação, sem o que não era mais possível entrarem na corrente da vida. As civilizações em ruína tinham a experiência, mas os bárbaros possuíam a fôrça; e a fôrça é que utiliza a experiência.

O que se deu na política, deu-se na estética. A matéria protoplásmica injetou vida nas *renascenças;* a Itália fosforizou o seu próprio cérebro, meio apagado, e acendeu-o de repente, e os outros povos, que surgiam, que se iam compondo com as vagas reminiscências da sua mesma natureza, começaram a vestir-se com aquêles restos, mas, entenda-se, guardando tôdas as tendências autonômicas fundamentais da estrutura anatômica de quem entra na torrente humana com um formidável contingente biológico.

Não é difícil, contudo, destacar dessa nebulosa o que depois se condensou na ficção moderna. O primeiro fenômeno que há a notar é o do aparecimento das formas literárias divergentes. Não é só em biologia ou em lingüística que elas podem ser observadas. Os conhecidos ciclos troiano, virgiliano, etc., acharam logo o seu *pendant* nas histórias escritas pelos monges, nas correções dos pseudo-eruditos e nos poemas em latim, que ainda hoje fazem o desespêro dos bibliófilos.

Estas formas divergentes tiveram depois de fundir-se por um processo de crítica espontânea do povo, que é o maior *inquirer* do mundo; a fusão, junta ao grau de instrução atingido por algumas nações, nos séculos anteriormente aludidos, produziu duas novas formas divergentes, depois de atravessar um período de ficção, que com razão se chamaria das visões e dos sonhos, e que teve na *Divina Comédia* e na *Dança Macabra* os seus mais completos órgãos de tradução. Tais produtos se acham perfeitamente caracterizados no *Decamerone,* de Bocácio, e no *Orlando Furioso,* de Ariosto; e não precisa grande esfôrço para que se entreveja, no livro do primeiro, a nobilização do mesmo espírito que ditou ao povo o *Romance do Rapôso,* a sátira, e, no segundo, a exageração da fantasia confusa, nevrótica, poliétnica, que inspirou o *Roman de la Rose,* o *Roman de Brut,* tôdas as canções de gesta e todos os sonhos de procedência arabêsca.

Dessa época para cá, a sucessão das formas da ficção é mais nítida; e, embora se encontrem hiatos, uma vez por outra, empastelamentos históricos, como o que se deu na idade clássica de Racine e Boileau, a filiação não se interrompeu; e tudo me leva a dar

como assentado que o verdadeiro pai das formas do romance contemporâneo é o Ariosto. Foi êle quem, aprendendo com o povo a mentir, constituiu a verdadeira retórica da *ficelle.*

II

TEORIA DA *FICELLE* E FUNÇÃO DO MISTÉRIO NO ROMANCE

Novidades, 23-2-1888

A *ficelle* não é senão a redução de uma tendência de ordem fisiológica. Iludir, aparentar, para chegar a determinados efeitos, eis o ponto de partida; e os estudos sôbre o instinto em geral nos autorizam a crer que não foi só ao artista, ao homem, que coube, em partilha, o uso das artimanhas conhecidas em crítica por aquela designação; os chamados irracionais também utilizam-se da *ficelle.*

Quem se vive familiarizado com Buffon, ou com o inimitável Lafontaine, sabe, por exemplo, de que fingimentos não é capaz a rapôsa para conseguir pilhar a prêsa; e os contos populares aí estão cheios de mortes simuladas, e de outras pantomimas, empregadas pelo ardil daquele animal, no intuito de burlar as astúcias dos mais astuciosos.

O homem, transportando para a arte essas argúcias instintivas, no teatro, colocou-se atrás dos bastidores; fêz-se êle próprio uma *marionette,* e, no livro, empregou tôdas as seduções, para que o público aceitasse a veracidade dos seus embustes.

Os Gregos tiveram, nos seus poemos homéricos e na tragédia, o que êles chamavam *máquinas;* mas essas máquinas eram simples, como tudo quanto saiu da musa helênica, e diferençavam-se da *ficelle* em que correspondiam regularmente a fatos muito cridos e muito enraizados na imaginação popular. Nem o cinto de Vênus, nem a corrente de ouro de Júpiter constituíam recurso para enganar; eram verdades aceitas, e apenas embelezadas pelo gênio poético do Melesígeno. A *ficelle,* portanto, pelo menos no que tem de mais caracteristico nos tempos modernos, não nos foi ensinada pelos mestres clássicos.

O Ariosto, que a tornou palpável, compreensível, que a engendrou como substitutivo daquelas máquinas, tomou-a da imaginação dos Árabes, vindo ela a ser, por êste feitio, uma transformação da magia verdadeira em magia branca, de salão, ou brinco literário. Basta ler as *Mil e Uma Noites* para que nos convençamos dêsse fato.

Os leitores idosos, que saborearam as antigas novelas de Arlincourt e de outros da mesma escola, estarão lembrados de que raro era o romance que não principiasse por esta frase: *Quiséramos ter a vara de condão de uma fada*, etc.; rara a história cujas mutações de cena, viagens de personagens, não se fizessem com o auxílio e sob a invocação de um gênio qualquer. *

É certo que nada disto tinha valor crítico; mas, quer nestes romancistas mal-acabados, quer no Ariosto, o que mais se acentua, literàriamente, é a sua completa despreocupação das unidades de Aristóteles. Com efeito, a *ficelle* nunca teria existido sob o regime da escola. Só com a liberdade medieval, e pela indisciplina popular, reinante durante todo êsse período em que se produziram a *Chanson de Roland*, o *Roman de Rou*, os *Amadises* e todo o *Romancero*, se pode compreender o aparecimento das formas literárias de que me ocupo. O povo, que não cogitava no Estagirita, aceitava tudo; e, sendo enorme a congestão de mentiras que assaltavam o espírito naquela época, andando a imaginação cheia de contos contraditórios, de narrações impossíveis, sopradas de todos os pontos da Europa, agitadas por tôdas as raças, parece natural que se adaptassem as formas de narrar mais amplas e mais suscetíveis de comportar essa *congérie* abracadabrante de falsidades, que corriam, com a rapidez elétrica, da Escandinávia a Matapan, do Finisterra ao Volga.

Foi o que fêz o grão-mestre Ariosto. O povo gostava imensamente da *enargueia*; tôda a sua tendência era dar-lhe vida e prolongá-la; o povo também embaía-se nos encantamentos, nas feitiçarias, nos bruxedos: pois bem, o gênio do autor do *Orlando Furioso* uniu e sistematizou tudo isto, realizando um poema sem igual, em que as *enargueias*, em perfeita continuidade, dilatavam-se ao infinito, transformavam-se em todos os sentidos, e, como um caleidoscópio, ou como o pensamento em tôda a liberdade cerebral, produziam os mais surpreendentes efeitos, acomodando-se a tôdas as exigências de uma alma irrequieta.

A *ficelle* entrava, pois, nos arsenais da literatura com um elemento um tanto charlatanesco; pois que ela não era mais do que uma sobrevivência da magia, encampada pelos poetas e posta ao serviço de aspirações de origem diversíssima. Contudo, os grandes talentos deram a êsse instrumento emprêgo tão agradável, que ainda hoje se nos deparam ardentes adoradores seus em tôdas as classes do saber humano e clientela suficiente para mantê-los e enriquecê-los.

Em todo o adulto há uma criança, que não é difícil fazer surgir; e, embora todos nós apregoemos a verdade, acreditamos em tudo,

---

* No original, êste parágrafo abria-se com aspas, que não se fechavam.

quando somos moços, e damos para mentir, logo que a vida nos escapa.

De ordinário, são os velhos que falsificam a história, mergulhando a vista retrospectivamente no seu passado, buscando ajeitar os fatos negativamente aos caprichos, às decepções e à decadência mental, que é uma coisa horrível.

★

Novidades, 24-2-1888

A contar do Ariosto e do Bocácio, o romance ou a ficção tem oscilado sempre entre a sátira e a poesia. O fato é muito explicável; o homem, de ordinário, ou é pessimista, ou otimista; raramente mantém-se em um equilíbrio justo. É assim que vemos, finda aquela época, uma série considerável de composições épicas, cavalheirescas, em que a fantasia se perde nos páramos de um infinito rosicler, e logo depois o *pantagruelismo* de Rabelais, que posteriormente encontra em Bautrome * um legítimo sucessor. E se na França, mais tarde, a literatura consegue acentuar-se pelo sentimentalismo das pastorais, também não tarda em dar lugar à reação do *romance cômico*, produzindo Voltaire, Lesage, Scarron e o próprio Diderot.

Na Espanha, êsse ritmo não foi menos apreciável, e aos *Palmeirins* e outros sucederam os *romances picarescos*, que, aliás, Baret, sem desconhecer que foram vazados em prosa decamerônica, considera um fenômeno particular, exclusivo da imaginação espanhola. Hurtado de Mendoza e Espinel precedem de perto a Cervantes; novo retôrno às novelas; reincidência no movimento, que, desviando-se para o lado da França, provocou os livros de Lesage.

Só a Inglaterra, entretanto, no meio destas oscilações do gênio humano, cedendo, talvez, à gravidade do gênio particular de uma raça, só ela, a par de mil idealistas, teve Swift e Sterne, o *pendant*, se é possível assim exprimirmo-nos, do bocaciano itálico, do picaresco espanhol e do pantagruélico francês, mas com que diferenças! — só ela soube destacar um gênero intermédio na ficção, ao qual, segundo me parece, prende-se, mais do que a qualquer outro, o movimento do romance contemporâneo, pelo sentimento do real e pelo equilíbrio sóbrio das formas. Não é preciso repetir com mais encômios os nomes de Defoe e de Fielding, senão também o de Smollett e de Richardson. Sob o ponto de vista em que me coloquei, êstes autores, além de tudo, representam um princípio de conquista das verdadeiras formas exigidas pelo romancista que se propusesse

* Brantôme ?

a representar a vida pelo seu lado intenso e sério. Realismo de caráter, realismo de fato, realismo de sentimentos: cada uma coisa destas foi-se incorporando gradualmente ao pecúlio do romance; de sorte que, quando surgiu o tufão do romantismo e o grande Walter Scott, não só para a Inglaterra, mas para todo o mundo que lia e escrevia, tronejou como único mestre e ditador, pode-se, sem mêdo de errar, dizer que as formas do romance tinham evolvido quanto bastante para oferecer aos autores todos os recursos de que a imaginação carecia em sociedades tão complexas.

O autor de *Ivanhoe*, porém, fêz, pela fôrça das circunstâncias, um retôrno sôbre os passos dos seus antecessores. Sem embargo do grande, enorme serviço que prestou às letras, aperfeiçoando a máquina da novela, introduzindo, mesmo, elementos desconhecidos, W. Scott causou-nos um mal considerável, que, é verdade, foi um dos seus elementos de triunfo, mas esgotou-se ràpidamente, passando a mãos menos escrupulosas e aos imitadores sem talento.

A obra capital do romancista escocês consistiu em *sistematizar o mistério*. Espírito poético, gênio contemplativo, saído das baladas de Burger, dos cantos de Ossian, impregnado de poesia popular das montanhas do seu país, ouvindo a cada passo o *pibroch* dos *Highlanders*, seria, talvez, impossível obter de sua pena outra coisa que não fôsse a vida mergulhada nesse *vapor de poesia*. E, para confirmá-lo, basta ler as seguintes palavras suas, escritas na introdução de seus romances, da edição de Edimburgo:

> Se me pedirem a razão por que persisti na carreira de romancista tanto tempo, não terei outro remédio senão recorrer à explicação que me foi sugerida por um crítico tão benévolo quanto engenhoso; a organização intelectual do romancista deve caracterizar-se, empregando um têrmo craniológico, pelo *desenvolvimento da bossa do mistério*.

No *Waverley*, o mesmo autor enceta o capítulo 65.º por êste modo:

> Estas circunstâncias bastarão para explicar alguns acontecimentos desta narração, dos quais julgamos *a propósito* não dar a chave, a fim de excitar a curiosidade do leitor, segundo o costume dos contadores.

Para o romancista escocês, portanto, só havia a respeitar, no leitor, um elemento, que era a curiosidade; o que não quer dizer que, pelo seu extraordinário talento, êle não fôsse levado a construir paisagens, a levantar caracteres que honrarão a literatura em todos os tempos. Essa chave explica tudo quanto depois se deu, e ainda hoje constitui a retórica de todos os Montépins e Richebourgs, que trabalham desesperadamente para os rodapés dos jornais de maior circulação.

Tôda a arte de W. Scott consistia no desdobramento pomposo de dois elementos, aliás já conhecidos dos clássicos: a descrição e o diálogo, — ou, melhor, a *mise en scène* dos antigos poemas, e o travamento da ação, tal qual, na época em que viveu aquêle autor, se costumava pôr nos teatros.

Êste processo, exagerado, junto ao mistério proposital, de que falei, conseguiu elevar o interêsse de seus livros a um ponto que nunca atingiu escritor algum posterior.

Êle quebrara a monotonia da narrativa seguida, de Defoe, simples e cronológica, abrira espaço a vinte mil surprêsas e proporcionara, para provocar de mais em mais o aguçamento da curiosidade, recursos tão variados, embaimentos tão sutilmente armados à imaginação, mudando de cenas, concentrando a atenção do leitor nos caracteres mais oportunos; enfim, o escocês conseguiu preparar artifícios tão colossais, que a Europa tôda, durante 20 anos, não teve ouvidos senão para as histórias engenhosas dêsse *Merlim o Feiticeiro* dos novos tempos.

III

DEGENERESCÊNCIA DA *FICELLE* E QUEDA DO ROMANTISMO

Novidades, 27-2-1888

Em última análise, o romancista, tal qual compreendera W. Scott, devia trazer um palco às costas; mas um palco *sui generis*, o qual, ao mesmo tempo que tinha a propriedade de satisfazer todo o gênero de curiosidades, devia poder prolongar-se e abrir o cenário em tôdas as direções, ainda as mais inesperadas, fazendo, mesmo, voltas retrospectivas ao passado e meandros impossíveis. A ópera e a mágica teatral deram depois um símile longínquo da fôrça de que se serviam os novelistas scottianos.

Cumpre, todavia, lembrar desde logo um fato, em honra do autor de *Ivanhoe*. Os seus romances, ainda mesmo depois de postos os respetivos enredos em ordem cronológica, e desmontadas as máquinas de efeitos, ficariam de pé, conservando o interêsse, não só porque a poesia jorrava a flux das páginas de tão inimitáveis livros, como também porque, observador, *si et in quantum*, o escocês conseguiu fixar na tela muitas fisionomias, que perdurarão no mundo da arte ao lado do Cavaleiro da Triste Figura, do Manfredo, do Fausto e de tantos outros perfis, sérios ou grotescos, que o povo

tem adotado, como parentes da raça humana pelos laços da imaginação.

Infelizmente, porém, os sucessores de W. Scott nem sempre puderam conservar essa armadura coruscante e límpida. Dois narradores existiram neste século, depois dêle, que, dotados de um gênio especial, talvez cultivando uma enfermidade fisicamente deplorável, conseguiram dar à novela um interêsse novo e de espantosa verossimilidade no fantástico.

Refiro-me a Hoffmann e a Edgar Poe, os quais ambos basearam as suas ficções na indecifrabilidade dos caracteres. Um deu corpo e tornou evidente o pesadelo; o outro, com a lógica de um matemático e de um naturalista preocupado com a realidade *que não se vê*, tentou, em mais de um acesso de nevrose, convencer os seus leitores de que o extraordinário é que é o real, e que nós todos vivemos mergulhados num sonho perfeitamente suscetível de decomposição. Tanto o alemão como o americano constituem casos esporádicos no movimento literário, e não tiveram imitadores que pelo menos mereçam êste nome.

As formas de romance que verdadeiramente tentavam o espírito dos artistas eram as que, tendo-se tornado um instrumento dúctil, ofereciam menos resistência àqueles que se arrogavam a função de *ninar* essa grande criança chamada povo.

Muitos indivíduos escreveram, com mais ou menos sucesso, de W. Scott a Alexandre Dumas, oscilando entre as formas antigas e as modernas. Mas só no autor dos *Três Mosqueteiros* se encontra verdadeira alteração nas formas do romance. O grande Dumas tinha, com efeito, o fôlego, a envergadura e o pulso indispensáveis à construção das máquinas aparatosas; vivendo em uma época que exigia coisas muito extensas, gaulês de raça, estômago de ferro, com uma ponta de pantagruelismo, êle meteu mãos em obra e tratou de passar todos os assuntos que, em regra, W. Scott colocava na Idade Média, para o século de Luís XIV ou para a atualidade. Nesse processo de transcrição, não tardou faltar-lhe o elemento capital, o elemento íntimo do romance: — o romanticismo. O contato da vida contemporânea fazia esvaecerem-se as brumas da Escócia, e o sentimento da vida diurna, espancando as cismas, orientava-se numa manhã fúlgida e transparente.

Já disse, em outra parte, em que consistiu êsse romanticismo, procurado pelos críticos no meio da variedade de tons, que caracterizou o fim do século passado e o comêço dêste, como se fôsse uma coisa concreta, palpável e resistente. Seria supérfluo repeti-lo, tanto

mais quanto poderei resumi-lo nestas palavras: *o sentimento enfático de uma liberdade mal compreendida, seguida da difusão nostálgica do espírito em tôdas as direções imagináveis*. Ora, êsse sentimento, que foi o encanto das primeiras obras dos românticos, e que na novela tomara a orientação da balada, do laquismo, do arqueologismo; êsse sentimento sùbitamente suprimiu-se, e o romancista, que ficara com as suas máquinas na mão, teve, forçosamente, de aplicá-las a alguma *extravagância sensata*.

Êsse *tour de force* coube ao planturoso Dumas, que empreendeu logo explicar tôda a história moderna da França em livros colossais. Já se sabe: o mistério e a névoa scottiana foram substituídos pela *trapaça*, e não houve complicação, não houve disparate que o romancista não inventasse para enlinhar o leitor e prolongar o livro.

Era a morte da novela, literàriamente falando; é, sem embargo do que, no sentido de mantê-la, fizeram Victor Hugo, Alfredo de Vigny e outros, pode-se afirmar que o autor dos *Três Mosqueteiros* trabalhou dia a dia para enterrá-la por uma vez.

Os romances históricos de Dumas são ocos, abstrusos e de um charlatanismo que lhe teria merecido, no *Inferno*, de Dante, a pena que o florentino impôs aos falsificadores. A escola que o acompanhou pôs, portanto, em descrédito um dos elementos mais vitais dêsses livros amáveis que se denominavam novelas e dessa arte da *enargueia*, que, nas mãos conscienciosas do *feiticeiro escocês*, transformava-nos o cérebro em uma verdadeira festa ideal, senão numa caixa de música encantada, vaporosa, ou num microcosmo delicioso, sugestivo e agradàvelmente obsedante.

A isto Dumas substituíra uma engrenagem complicada e cansativa, em que as linhas de ação cruzavam-se ao infinito, sem lógica, produzindo igual efeito ao de um labirinto inextricável; e, em mais de um romance, pela falta de interêsse natural e real dos personagens, os enredos, ou, antes, as histórias eram duplas, tríplices, quádruplas e mais, multiplicidade esta de ações que nem era justificada pelas necessidades do plano, nem, muito menos, pela conexão dos carecteres. Puro capricho, pura decadência do gênero. Dumas, entretanto, tinha o gênio do *conteur*, a graça e a *verve* do gaulês. Mau construtor; ótimo prosador.

Quando êle diverte-se em narrar episódios de viagem, cenas que êle viu, condimentadas com a pimenta de Voltaire, é um escritor inexcedível, um mágico de estilo crepitante. Isto não obstou, contudo, que o francês produzisse as *Memórias de um Médico* e o *Conde de Monte Cristo*, dois monstros horacianos, que apenas esperam um Cervantes secular que tenha ânimo de mandá-los ao competente *auto-de-fé*.

★

Novidades, 28-2-1888

As máquinas complicadas, mais na aparência do que na realidade, nas quais se engolfara o gênio do autor do *Conde de Monte Cristo*, tornaram-se uma coisa tão habitual para o leitor, que, por último, dadas as primeiras linhas de um romance, nada mais fácil havia do que prever tudo quanto devia, daí por diante, sair da pena do autor. O romancista, portanto, ficava reduzido a uma espécie de contra-regra, de cujo regimento o público comparticipava.

O tédio determinou a reação, e esta fêz-se em direção completamente oposta. Visto ter-se o cenário do romance convertido em baldrame de teatro, afogando e multiplicando tôda a importância dos personagens; visto haverem-se êstes personagens transformado em marionetes ridículos, sem vida, passando a ação a ser apenas uma série de truques previstos e de facílima composição, era indispensável abandonar êste campo de visualidades, sem significação, êste objetivismo de fantasia, para ocuparem-se os autores com a alma do homem e com os problemas que verdadeiramente interessavam à humanidade.

Foi então que êste gênero tomou uma infinidade de formas, quase inacompanháveis. Eugênio Sue aplicou as grandes máquinas à política, ao socialismo, nos célebres *Judeu Errante*, *Mistérios de Paris* e *Mistérios do Povo*, ao mesmo tempo que Victor Hugo inclinou-se na direção que o havia de levar até a epopéia social dos *Miseráveis*. Henrique Heine, Toepffer, Teófilo Gautier buscaram, erràticamente, na delicadeza das formas e nos refinamentos sensuais, emoções novas; Radcliffe, Marryat, Cooper e Méry tiraram dos cemitérios, das ruínas mal-assombradas, das latitudes e longitudes terrestres, do oceano, das florestas americanas, dos povos desconhecidos ou profundamente pitorescos novos elementos de interêsse; enquanto escritores, menos artistas e mais preguiçosos, lembraram-se de explorar a patologia do crime, copiando, mais ou menos sem critério, processos curiosos, que excitassem a guloseima de um público nunca farto. George Sand, Balzac, Stendhal, por fim, tanto quanto lhes permitia o tempo e a ciência, romperam com todos êstes intuitos, com todos êstes processos, para mergulharem fundo nos abismos da psicologia, que, para as almas de eleição, eram, no momento, uma verdadeira obsedação.

IV

INFLUÊNCIA DO NATURALISMO SÔBRE AS FORMAS DO ROMANCE. – ATROFIA DOS ELEMENTOS SUPÉRFLUOS. – O MARAVILHOSO MODERNO. – TENDÊNCIAS DE E. ZOLA.

Balzac manteve-se em um terreno neutro, o que obrigou a crítica a considerá-lo uma espécie de monstro, meio romântico, meio realista. Todavia, o que é certo é que êle, como um artista de raça, que era, compreendeu desde logo quanto o seu talento perderia, se, a pretexto de romance, se metesse na psicologia pura de Stendhal ou nas abstrações fisio-sociais da autora de *Mauprat*. O poeta da *Comédia Humana* não se iludiu; perfeitamente certo de que, sem a *representação*, sem uma regular *mise en scène*, tudo estava dito sôbre o romance.

Balzac é, incontestàvelmente, *mutatis mutandis*, o W. Scott francês; êle soube dar todo o valor às conquistas do mestre e, concebendo a vida humana pelo seu duplo aspecto, subjetivo e objetivo, procurou ajeitá-la dentro das formas, que pôde modificar, mantendo um equilíbrio justo entre o que queriam os antigos e o que aspiravam os modernos.

Esta aliança, que, apesar de ser uma tendência rigorosa, não se pôde completar em obras perfeitas, e que, mesmo nesse autor, foi perturbada por excesso de ciência, pela insobriedade de erudição, teve, na Inglaterra, um *pendant* humorista e sentimental, que reagiu várias vêzes sôbre a literatura francesa, com grande proveito.

As maiores qualidades de Balzac foram a possança de imaginação e a saúde de corpo, indispensáveis para suportar condignamente o trabalho titânico da composição artística, tal qual a têm adotado os escritores modernos. Essa possança e essa robustez de atleta, que, aliás, a tantos têm namorado e tantos prejudicado, rasgou a êsse homem extraordinário horizontes tão largos, que custa a compreender como um simples homem de letras conseguisse executá-lo. A enormidade do plano de classificação zoológico-social, apôsto, como introdução, à sua *Comédia*, foi, pela sua própria complexidade e extemporaneidade, a causa de todos os defeitos, de todos os altos e baixos, que o mais fraco dos críticos notará abrindo os livros do mestre. O Balzac dos *Contos Droláticos* é o mesmo Balzac que descreveu os fiordes da Noruega em *Louis Lambert*, que divaga pelo fantástico na *Peau de chagrin* e que, ao mesmo tempo, firma o dogma de escola no *Père Goriot*, *Eugénie Grandet*, *Cousine Bette*.

★

Novidades, 1-3-1888

Sem as pretensões de Balzac, acaso dotado de uma envergadura menos resistente, Flaubert, que andou mostrando sua potência imaginativa em obras de gênero diverso, como a *Tentação de Santo Antônio* e a *Salammbô*, teve a felicidade inaudita de introduzir no romance o verdadeiro sentimento da forma. Não há quem não conheça as suas teorias sôbre a arte. A sua correspondência particular, hoje reunida em volume, constitui a história mais proveitosa que conheço, para quem queira saber o que é um temperamento artístico, e quais as leis que presidem à formação de uma obra de arte.

Tôda a vida literária do autor da *Bovary* pode-se reduzir à seguinte fórmula: — adaptação de um temperamento, pelo esfôrço consciente, pela paixão e pela raiva artística, — ao fato. O fato é o fato; mas o fato é sempre novo e não esgota; e a atenção impertérrita de um autor pode dêle tirar mundos infinitos de expressão.

Pois bem, Flaubert gastou a parte mais importante de sua vida a intensificar-se no fato histórico de Cartago e no fato fisiológico da infeliz adúltera. O exemplo foi tremendo, porque até então nenhum escritor conseguira provar o que êle conseguiu, isto é, — que a atenção e a alucinação artística podiam substituir as máquinas e os artifícios, retirando do romance todo o supérfluo, dando à obra de arte um caráter espontâneamente simples, justamente quando as literaturas ocidentais enfrentavam os assuntos mais complexos. Mas é que o grande mestre descobrira na arte *a lei do menor esfôrço* e, despido de qualquer aparato científico, chegara ao resultado mais importante que, quanto a mim, se tem produzido na história literária moderna: falo da redução da função artística a um *fenômeno perfeitamente consciente*. É esta a obra capital de Flaubert; e só depois de estudá-la atentamente se pode chegar a compreender tôda a extensão da revolução por êle operada, o prestígio que exerceu sôbre a geração atual, a impecabilidade dos seus livros e a singularidade de sua doutrina. Sob êste ponto de vista, não há dúvida que a obra do autor da *Bovary* foi mais benéfica que a de Balzac, de quem o separava uma diversidade de temperamento colossal.

Flaubert foi o Colombo da arte do século XIX; pelo menos, foi o primeiro que, de um modo concreto, soube mostrar em que consistia o subjetivismo artístico e a relatividade do real. Com uma impulsão destas, é fácil de prever quanto não se lhe tornariam antipáticas certas excrescências, que Balzac acumulou mesmo nos

seus melhores livros. Desde que o romance, como um todo orgânico, fundava-se num esquema e se desenvolvia no espírito do autor, à proporção que se iam aplicando os processos de observação, por prolificações ou estratificações sucessivas, era fora de dúvida que uma obra tal não podia suportar o supérfluo, muito menos um corpo estranho,[1] e arrojaria, naturalmente, para fora de si todos êsses elementos perturbadores, desde que o assunto fôsse manuseado por escritor de raça. Ora, a revisão que Flaubert operou nas formas acentuadas por Balzac, nas suas obras clássicas, consistiu exatamente na exclusão do charlatanismo, que, de ordinário, é a lepra dos espíritos abundantes demais e que a natureza não dotou do que se pode chamar o registro do talento.

Foi nesse momento histórico que se deu a aparição de Zola.

Nem o temperamento de Balzac, nem o de Flaubert. Natureza decidida e retilínea, *condottieri* italiano, como Taine; e, poderia dizer, transmigrado para a literatura e pronto para todos os combates, o historiador naturalista da família Rougon-Macquart tem todos os pontos de contato com os mais afamados meridionais; e se há individualidade literária com que possa ser comparado — é a de Victor Hugo.

Para que não se vá julgar esta proposição um disparate, é preciso não perder de vista, nem as épocas em que ambos os artistas viveram, nem a educação que tiveram, nem as emulações a que cederam. Uma das teses que mais têm dado que falar, entre as sustentadas por Zola, em seus artigos de crítica, é a famosa, de que o realismo suprimiu a imaginação. Essa preocupação define o homem todo.

A qualidade mais desenfreada que êle possuía era a fantasia; e compreendendo que, se lhe desse arras, suas aspirações estariam tôdas por terra, tratou de organizar sistemàticamente uma reação contra a sua própria índole. Imagine-se, portanto, que o autor do *Assommoir* é simplesmente um *hanté* enfaixado no mais rigoroso naturalismo e obrigado a processos literários que não são precisamente os da sua mente.

Como V. Hugo, deixem-me dizê-lo logo, sem rebuços, Zola, por temperamento, seria o homem das enormidades. Essa fôrça condensada, comprimida, explodiu em Coupeau, em Buteau, quan-

[1] A exatidão dêsse fato, verifica-se decompondo-se qualquer obra de arte, por segregação de partes, segundo o processo de Wolf, Bernhardy e Kershoff. As superfetações existentes na *Ilíada* ficaram demonstradas, apesar das contestações de Otto Müller e Nitzisk, pela incompatibilidade orgânica das diversas partes do poema com a *Querela* e a *Patróclia* [Kershoff e Nitzisk são erros tipográficos flagrantes. O primeiro deve ser o erudito alemão J. W. A. Kirchhoff; o segundo, o filólogo G. W. Nitzsch. Êstes ambos se ocuparam dos estudos a que se refere Araripe.]

do não saiu pela válvula do padre Mouret, nas inextinguíveis panteizações do Paradou. Como V. Hugo, o incontestado chefe do naturalismo pertence a essa casta de aves literárias de vôo largo e solitário, que se transformam em corvos quando são coagidos a deixar os píncaros das montanhas, abandonando a grande prêsa pelo cibo estercoral.

Não seria difícil, confrontando a obra dos dois mestres, mostrar tôdas as afinidades dos seus talentos, nas relações orgânicas dos personagens, no modo fundamental de olhar a natureza, no ciclopismo de um e de outro. É verdade que Zola não inventou nem o *Han de Islândia*, nem o *Quasímodo*, nem o *Gwynplaine*, nem *Ursus*, nem *Triboulet*; é também verdade que o mestre nunca andou a entender-se com as divindades astrais, nem tentou irradiar em *Legendas*, através dos esplendores de sua raça, aonde os pastôres do Hindu-Cuch colocaram êsses mitos que ainda hoje torturam a paciência dos orientalistas; é verdade tudo isto, — mas não é menos exato que, embora estribado na ciência, guiado pelo determinismo, a tendência de Zola é para o *maravilhoso*, e que tôda a sua carreira literária tem sido subordinada à nota natural do seu talento, quando escreveu a *Teresa Raquin*. Quando êle empunhou a pena para traçar êste livro, tinha descoberto o seu caminho, tinha achado um meio de expelir de si o hugoísmo, de satisfazer as suas aspirações de *condottieri*, tinha, enfim, empolgado o romance fisiológico. E daí por diante Claude Bernard foi o Virgílio dêsse ambiciosíssimo romancista, que tem sido o mais original dos reformadores e uma das figuras mais interessantes da literatura moderna, pela ferocidade e pelo *entrain*.

V

O ROMANCE EXPERIMENTAL. AQUISIÇÕES DE FORMAS. DO *ASSOMMOIR* À *TERRA*. EVOLUÇÃO TRANSVERSAL DO CARÁTER DE ZOLA. A SÁTIRA.

Novidades, 2-3-1888

A reação operada pelo método de Flaubert sôbre o chefe do naturalismo atual é mais considerável do que se pensa. Os artistas que mais influem sôbre nós são precisamente aquêles que, constituindo caracteres opostos ao nosso, conseguem impressionar-nos de modo mais profundo. Ora, Zola nasceu com um temperamento violento; e tôdas as suas disposições naturais o impeliam para as

composições largas, amplas, de perspectivas longínquas. Ao contrário disto, o autor da *Bovary* limitava os seus assuntos e nunca saiu do pequeno grupo da família.

Essa moldura não podia suportar as imensas telas que se esboçavam no espírito do classificador dos Rougon-Macquart.

Acresce a isto que, em tôrno dêle, ainda existiam os Goncourt, e Daudet, que o ameaçavam, — os primeiros com a sua crescente limpidez de estilo e exatidão de partes, e o segundo com um sentimento do real capitoso, larvado de um histerismo adorável, uma forma cintilante, mágica, porejante de íris. Essa extraordinária pressão, do que se pode chamar o *espólio* de Flaubert, obrigou-o a formular o seu processo, e explodiu na teoria célebre do romance experimental.

A crítica de Zola, como teoria, é fraca, hesitante, incompleta; como manifestação do aguerrimento de um artista, que se defende desesperadamente de agressões vindas de um mundo inteiro de despeitados decadentes, é, contudo, um espetáculo grandioso e que, no *Mes haines*, faz lembrar um javali perseguido pela clássica matilha, no momento em que se volve para os inimigos e estraçalha-os a dente. Não seja, porém, o vigor do polemista motivo para que não se diga tôda a verdade.

Tomado o romance experimental como romance *a posteriori*, nada há que objetar à teoria de Zola; não resta dúvida que, neste século, não se tolerará outro romance que não seja redigido nas condições de um *compte rendu* de observações prèviamente feitas para aquêle fim artístico. Compreende-se até que as experiências realizadas pelo romancista possam chegar a provocações da natureza das que já vão dando, na Europa, uma nova classe de crimes, — o crime científico, isto é, o crime praticado friamente, para uma verificação científica, — a vivissecção no homem e outras operações análogas.

O romancista poderá, por exemplo, conseguir o casamento de um homem sanguíneo, taurino, mas viciado pela sífilis, com uma senhora clorótica, mas dotada destas ou daquelas particularidades de caráter, que tornem problemática a evolução de sua vida. Dado o fato, e obtidos os resultados, o escritor que houver tido a felicidade de arranjar essa tramóia teria o direito de declarar sôbre a capa de seu livro — aí têm um romance experimental. O príncipe de Bismarck, se lhe desse na telha para reduzir a livro muitas das colossais intrigas que forjou, ou das combinações de química social que tem provocado em todo o mundo ocidental, também poderia arrogar-se, com tôda a propriedade, aquela tentadora classificação. Do modo, porém, que pretende o autor do *Assommoir*, acho a coisa tão difícil, tão incompreensível, que chego mesmo a

crer que êle foi vítima de uma refração do raio intelectual. O que, seguramente, o crítico desejava dizer era que o romancista deve ser um experimentador. Daí, porém, para conseguir que os tipos indicados na primeira página do livro evoluam como evolui a matéria bruta, sujeita aos reativos, vai um abismo de milhões de léguas.

> Tomarei para exemplo — diz o mestre — a figura do barão Hulot, na *Cousine Bette*, de Balzac. O fato geral observado por Balzac é a devastação produzida pelo temperamento amoroso de um homem sôbre o lar, sôbre a família, sôbre a sociedade. Escolhido, assim, o assunto, partiu dos fatos observados e instituiu sua experiência, submetendo Hulot a uma série de provas, fazendo-o passar através de certos meios, para mostrar o modo pelo qual funciona o mecanismo daquela paixão. É, pois, evidente que nisso não há sòmente observação, mas também experimentação, porquanto Balzac não se conserva estritamente na posição de fotógrafo: intervém diretamente na colocação do personagem em condições de que êle se conserva árbitro.

Ora, de tudo isso, o que se deduz é que, se Zola não encontra hoje quem lhe dispute o cetro do romance, não é menos certo que necessita de compor um pouco o seu manto real no que diz respeito à filosofia.

Stuart Mill, Spencer, Bain, Wundt, Fechner, Ribot, Richet e tôdas as autoridades da psicologia experimental rir-se-iam da proposição, como da silabada de um menino em classe.

O que é evidente é que o barão Hulot, a figura abstrata de Balzac, não podia passar senão através das reminiscências de experiências armazenadas no cérebro daquele autor; pois que uma idéia não pode evoluir senão no seu meio próprio, que é o intelecto, formado pela herança e modificado pela reação do ambiente. Zola, enfim, sofreu uma deplorável equivocação e confundiu o processo lógico com o processo objetivo. Sucedeu-lhe o mesmo que aos discípulos de Schleicher, quando, no entusiasmo da doutrina, trataram de aplicar o darwinismo à lingüística, esquecendo-se de que, como demonstraram os *Junggramatiker* na Alemanha, recentemente, os vocábulos não evoluem como puras abstrações, mas como produto de sêres vivos, organizados, e que seríamos induzidos em êrro se acompanhássemos o desenvolvimento do problema apenas por um lado.

Ao que parece, a educação do grande mestre, debaixo de certo ponto de vista, não foi completa; porquanto não basta acompanhar exclusivamente um livro de ciência único, como êle fêz: seria também preciso, não só percorrer, no tempo, as idéias em sua sucessão legítima, desde Baer, Hugo de Mohl, Lamarck, Naegeli, o *Teliamed* e a *Palingenesia*, de Bonnet, até Darwin, Haeckel, Claude

Bernard, Pasteur e todos os atuais obreiros dessa nova tôrre de Babel, como também, — no espaço, observar e confrontar as divergências de escolas, ou, antes, dos grupos, e integrar o espírito, *si et in quantum*, corrigindo os excessos de uns pelos de outros.

A orientação definitiva do romance depende essencialmente dêsse trabalho colossal; e se o autor do *Assommoir* não estêve em condições de realizá-lo completo, fêz quanto era possível a um literato, reagindo contra si mesmo e dando o brado de Aquiles diante dos troianos da literatura moderna.

★

Novidades, 5-3-1888

Pondo em xeque-mate o próprio talento, Zola conseguiu verdadeiros resultados para a arte do romance. As suas teorias reacionárias, aprendidas em Taine, mas contraditórias em muitos pontos, por não estar o polemista habilitado para conciliar as doutrinas de Claude Bernard com as de Darwin, que são o ponto de partida do método do eminente autor da *História da Literatura Inglêsa*; as suas teorias, digo, não embaraçaram de modo perceptível o desenvolvimento de suas tendências primitivas na linha que mais convinha ao seu espírito abundante, e, afastando-o um pouco de Flaubert, tiveram, incontestàvelmente, como primeira conseqüência, a desintegração das formas do romance fisiológico, para depois integrá-lo sob o ponto de vista sociológico.

Pode-se, desde já, considerar o autor d'*A Terra* e do *Germinal* como o verdadeiro criador dêsse gênero, tendo realizado aquilo que nem Disraeli, nem o darwinista George Eliot conseguiram na Inglaterra, apesar do preparo político de um e do grande auxílio mental prestado por Lewes ao outro. A maior glória de Zola, pois, está em haver atingido essa notável concepção, chegando a descobrir instintivamente as leis que devem presidir a composição dos vastos quadros de uma sociedade em movimento.

Verdade é que não foi o poeta do *Germinal* o primeiro que se lembrou de enquadrar assuntos tais em livros amáveis e de forma descritiva e dialogada. Durante a fase do socialismo literário, Eugênio Sue, nos *Mistérios do Povo*, e V. Hugo, nos *Miseráveis*, tentaram fazer a epopéia moderna, como diziam êles; mas a sua orientação nada tinha de comum com a do romancista atual. Basta lembrar que a idéia fixa dêsses autores era descobrir, através das classes, das multidões, o herói; e todo o seu trabalho consistia em depurar um tipo ou desencavar um personagem histórico, ou de atualidade, que pudesse encarnar tôdas as idéias preconcebidas. É assim que aparecem os condes Rolandos e os Valjeans: processo de cerebração literária

antiqüíssimo, que quase nenhuma diferença faz do *epos* dos tempos da mitologia homérica.

Atacando as massas e trazendo-as para o quadro do romance, Zola afastou-se tanto daquele método como um evolucionista pode afastar-se de um teólogo. Essa concepção, não tanto pela fôrça das discussões em que se viu empenhado, como pelo mecanismo lógico, obrigado ao ponto de partida, levou-o fatalmente a tôdas as modificações que se encontram nos seus romances principais. Em primeiro lugar, o mestre teve de inverter, ou, pelo menos, acentuar a inversão capital do quadro da vida. Essa inversão consiste essencialmente na subordinação dos aspectos descritos no livro ao temperamento de cada personagem que atravessa a cena.

Como todos sabem, os romancistas transatos organizavam o cenário, o *mise en scène,* e subordinavam todos os personagens, quer quisessem, quer não quisessem, a uma mesma impressão, isto é, à impressão geral do autor; de sorte que se davam destas anomalias: muitas vêzes, um melancólico tinha de co-participar da alegria da paisagem, simplesmente porque êsse tom era o único que existia no espírito do livro e, portanto, do leitor.

Zola acabou com essas incongruências do romance scottiano. Sendo o romance a representação da vida, e o romance sociológico, a representação da vida em massa, compreendeu o mestre que a natureza inerte não devia ter outra importância senão a que derivasse imediatamente das ações e reações do meio sôbre o indivíduo ou indivíduos. Em lugar, portanto, dos aparatosos quadros que encimavam os primeiros capítulos de W. Scott e A. Dumas, Zola passou a apresentar-nos descrições limitadas ao estado fisiológico de cada personagem, no momento dado, espalhando-as sàbiamente pelo livro, como uma espécie de líquido protoplásmico gerador de todos os grandes movimentos do romance, e como determinantes do valor psíquico.

A segunda lei importante, que descubro na composição dos romances do mestre, é a que eu chamarei de *perspectiva do livro.* Como ninguém ignora, há, em arquitetura, uma coisa que se chamam *épuras,* que são os desenhos que os construtores traçam das diversas partes componentes de uma máquina ou de um edifício, segundo uma escala determinada, e de acôrdo com a teoria das projeções, ou estereotomia.

Os pintores também necessitam dessas *épuras* quando têm de executar telas de grandes máquinas; e quando prescindem delas, arriscam-se, muitas vêzes, a errar as perspectivas e a fazer quadro à Hogarth. Pois bem, o romancista não é estranho às *épuras;* e nenhum teve mais o sentimento dessa necessidade do que o autor de *Waverley.* Como, porém, muitos elementos tendiam a perturbá-lo, os seus

romances carecem de perspectiva racional. O espírito fragmenta-se a cada passo, e, obrigado a acompanhar muitas linhas, a variar de cenário, de personagens, não raro acaba por perder o sentimento da unidade do livro, que se extinguiria totalmente, se o romancista escocês não dispusesse da vara mágica do mistério para interessar o leitor.

Zola, porém, é a completa negação dessa fragmentação.

★

Novidades, 6-3-1888

A estereotomia aplicada aos fenômenos de ordem psíquica parece, à primeira vista, um disparate. Como é que se conseguirá estabelecer projeções em um livro, em um discurso, e medir coisas que não são suscetíveis de apreensão?

Em primeiro lugar, cumpre atender à circunstância de que, no atual estado da ciência e do experimentalismo, graças aos aparelhos psicométricos, de que já se vão servindo com sucesso antropologistas alemães e italianos, a psicologia não repele tão absolutamente, como outrora, hipótese da natureza da que acima se afigura.

Em todo caso, é irrecusável a correlação que existe entre os fatos físico-químicos e a sucessão de certos estados psíquicos provocados pelas disposições das diversas partes de uma obra de arte escrita.

Não me sobra tempo, nem mesmo seria oportuno tratar aqui do mecanismo da imaginação, no que respeita à transmissão das idéias e das imagens por meio dessas máquinas de sensações chamadas, em gramática, *períodos*, e, em arte, *obras*.[2]

Basta assegurar que imagens e idéias não se agrupam, nem se dispõem, no espírito de quem quer que seja, arbitràriamente; há perfeitamente subordinação em tudo; e desde que se não cogitar de um estado patológico, em que os fenômenos de *monoideísmo*, como os denomina Ribot, não sejam impossíveis, é intuitivo que a atenção, por um lado, e a sugestão, por outro, se encarregam de arregimentar ràpidamente, como em uma verdadeira mágica, tôdas as impressões recebidas pelo leitor, subordinadas a um movimento inicial, partido do cérebro do autor do livro, do artista.

Essa coordenação se faz de acôrdo com a intensificação proporcional das diversas sensações propelidas pela obra de arte. As sensações, à medida que progride a leitura, vão se registrando sucessivamente no cérebro, em ordem direta; em momento dado, porém,

---

[2] Êste assunto, embora imperfeitamente, acha-se desenvolvido nos artigos que publiquei n'*A Semana*, sob os títulos de "Naturalismo e Pessimismo" e "A arte como Função". [V. Vol. I desta edição, pp. 467 e 499.].

estas sensações transformadas passam a reagir umas sôbre as outras, reação da qual resulta uma perfeita perspectiva interna, que mais ou menos deve corresponder aos intuitos do autor. Ora, essa perspectiva provocada pela leitura, antes de existir encapsulada na fôlha aparentemente morta do livro, deve existir na mente do poeta ou do romancista que a quer produzir.

Se o homem já tivesse chegado a um estado de aperfeiçoamento tal, que pudesse, só por uma contração fisionômica e uma descarga elétrica, transmitir uma série inteira de modificações mentais, o livro seria um tropêço; mas é que essa perfeição ainda não chegou, e o homem, infelizmente, para exprimir os *estados sintéticos* do espírito, — pois que não se pode compreendê-lo senão como uma síntese em movimento, — o homem tem necessidade de usar do instrumento mais contrário, que já se imaginou, a êsses estados, — a linguagem, processo analítico, que tudo dilui, tudo confunde, tudo embaralha, tudo decompõe, no ato da transmissão, por intermédio do período ou da frase em que se contêm os tais elementos gramaticais, que nunca existiram na contextura das sensações, das idéias ou das imagens.

Seja, porém, como fôr, o que não resta dúvida é que aquilo que reside no espírito do escritor, disposto em perspectivas infindas, formando um todo harmônico, tem de perder, provisòriamente, essa harmonia e passar, fragmentàriamente, em construção direta, pelo período, pela página do livro, para ir recompor-se, reconstruir-se na imaginação de cada leitor que se ache em condições de aceitar as sugestões contidas na frase ou na obra.

Essa reconstrução automática, determinada ùnicamente pela disposição verbal, pela sintaxe, quando se trata da simples enunciação da idéia, e pelo arranjo dos aspectos, pela oposição das cenas, pela reação dos caracteres, pela graduação das sensações, quando se trata de uma obra de arte, constitui um capítulo delicadíssimo de estética, que ainda não foi escrito convenientemente, mas que deve encerrar tôda a mecânica do estilo, todos os segredos da composição.

Pela natureza do processo acima indicado, reconhecem-se as causas dos sucessos de alguns artistas infelizes.

Não basta ter uma imagem ou uma série de imagens na cabeça: é preciso também encontrar os meios analíticos de fazê-las reproduzirem-se na cabeça dos outros.

Por que existem hoje tantos romancistas realistas que, apesar do furor da propaganda, nos deixam frios e anoréxicos? A razão é simples: êles não têm o instinto da perspectiva do livro; não conhecem as *épuras;* não entendem da estereotomia psíquica.

O grande poder de Zola, e a sua influência sôbre a atenção do público, acham-se inteiramente ligados ao profundo conhecimento

prático dessa arte, — arte mal conhecida dos antecessores, — arte que, aperfeiçoada, pode chegar aos últimos plainos do espírito humano. E êsse talento, comedido e atenuado, o autor do *Assommoir* revelou-o desde os seus primeiros livros, dando, por êste modo, a nota original do seu *savoir faire*.

Decomponha-se, por segregação de partes, o primeiro volume de Zola, e chegar-se-á a esta conclusão: — que nenhum romancista até hoje soube travar o seu assunto tão compactamente; nenhum soube, com tanta fôrça e energia, manter, em uma história, unidade artística mais completa, integridade concepcional mais absoluta. É que Zola tinha achado uma nova fórmula para o princípio de Aristóteles: — a unidade etológica, isto é, dos caracteres, e a unidade mesológica, ou do ambiente. Daí a solidariedade, a gravitação, que dá aos seus livros êsse aspecto sério, soturno e às vêzes pesado, que desagrada aos delicados, mas que é a razão fundamental de todos os seus triunfos.

Os romances de Zola não têm começo, não têm fim. Como todo grupo natural, as suas histórias destacam-se por um ato de atenção; portanto, afogam-se nos elementos circundantes e perdem-se, em um momento dado, na indecisão dos horizontes.

★

Novidades, 7-3-1888

Que a construção dos romances de Zola obedece a um plano arquitetônico perfeito, não há quem o possa pôr em dúvida.

O menos quente dos seus livros, como, por exemplo, a *Une page d'amour*, revela sempre uma convergência de efeitos, para a qual, eu acredito, a sua vontade pouco tem influído; mas o seu gênio construtivo e eminentemente artístico tem por si sido suficiente para chegar a essa redistribuição de fôrças.

É verdade que o mestre, em mais de um trabalho seu, de crítica, pretende inculcar como verdade que o artista moderno deve se constituir mera máquina reprodutiva do real; e, por conseqüência, aconselha uns tantos meios profiláticos indispensáveis para atingir-se essa exatidão, que é o supremo ideal da escola. Compreendo, porém, quanto, em tudo isto, vai de irresponsabilidade crítica. Como já em outro lugar afirmei, nem sempre o romancista está de perfeito acôrdo com o teorista; e a razão é simples: a maior parte das suas aquisições de formas, relativas ao romance, são produto imediato do exercício do *métier* e do *entrain* da composição, — da cerebração inconsciente.

É indispensável uma prova?

Recorra-se aos seus artigos publicados no *Figaro* sôbre os seus métodos de composição; recorra-se à reportagem, que se tem encarregado de interrogá-lo sôbre tudo quanto êle faz, mesmo sôbre o papel de que usa, sôbre a posição que toma para atacar o papel destinado a receber o primeiro capítulo do livro. As informações são unânimes. Zola nunca praticou *tours de force* à Alexandre Dumas, que tinha a habilidade de vencer um volume de 300 páginas em 70 horas; Zola nunca, como George Sand, colocou-se diante de uma resma de papel, armado da competente tese, para moê-la até o esgotamento total do assunto, tal como se fizesse passar arráteis de cana por um engenho de açúcar. Como o tem declarado a quem o queira ouvir, — é neste ponto, principalmente, que reside a maior divergência entre o narrador naturalista e o antigo autor de novelas, — entre o observador e o fantasista.

O romancista do *Assommoir*, desde que descobre o ponto de vista, — isto é, — o assunto do seu estudo, procede da seguinte maneira: — trata de dividi-lo logo em seções diversas, de acôrdo com as sugestões que naturalmente se oferecem ao seu espírito. Feita essa divisão, que não pode deixar de ser *a priori*, visto ser, forçosamente, determinada pelos hábitos mentais do escritor, começa o mestre a operar sôbre a *matéria bruta* do livro, segundo os seus processos conhecidos de observação, de análise ou de experimentalismo literário. Êsse trabalho consome tempo, dilui o espírito sôbre as coisas e favorece uma certa alucinação sôbre a importância das partes várias de um todo.

Não havendo um centro nitidamente pôsto, claramente aceito ou propositadamente rebuscado, para encadear, coordenar todos êsses fragmentos de observação, acontecia, antigamente, que Zola, depois de completadas essas diversas seções, êsses interessantes grupos de objetos observados, depois de estudados todos êles com o maior cuidado, de apontados, como se costuma fazer na composição de grandes quadros, em *carnets*, em pequenas telas ou em livros de notas, — Zola chegava a uma intensidade de detalhes, hipertrofiava por tal modo aquelas partes componentes, que, quando juntas e ligadas entre si pelo nexo natural, ou pelo princípio único da contigüidade, mantida pelo processo adotado, sobrecarregavam a alma do leitor de um pesadume de que êle só conseguia libertar-se fechando a última fôlha do livro.

Mas é forçoso confessar que, dessa leitura cansativa e extenuante, em razão do enorme esfôrço de atenção a que o próprio livro levava o leitor, resultava uma impressão inolvidável, bem semelhante à lembrança de um tumulto, e que, em noite tempestuosa e revolucionária assistimos no canto de uma rua, no fundo de uma praça. Uma sucessão de quadros, perdendo-se uns nos outros, uma ausência com-

pleta de heróis ou de figuras relevantes, um formigamento de gente a odiar-se, a explorar-se ou a envenenar-se num ambiente corrupto, medonho, um povo sem norte, sem elevação de instintos, eis o resíduo que, por fim, deixa em nosso espírito, ou, pelo menos, deixou no meu, quando li, pela primeira vez, êsse famoso *Assommoir*, aonde efetivamente, Zola afirmou, com energia não comum, com uma disciplina inexorável, as suas mais importantes qualidades de narrador e as suas mais decisivas pretensões a chefe de reforma.

O *Assommoir* é o romance-tipo da escola, não pelos escândalos que encerra em suas páginas, — escândalos que provocaram tantos protestos e aceleraram a glória do mestre, — mas pelo caráter de anonímia que envolve tôda a obra, pelo espírito de coletivismo que reina desde o princípio até a última cena.

★

Novidades, 8-3-1888

Dos livros de Zola pode-se dizer o que se costuma dizer de tôdas as grandes obras dos mestres, de todos os grandes espetáculos da natureza: não fazem gozar à primeira inspeção; a sua leitura cava, primeiro, um sulco no espírito, por onde vai deixando a abundante sementeira; depois é que, por infiltração, vem a seiva dos sais da terra e a poderosa vegetação intelectual.

Êsses soberanos efeitos não podem ser conseguidos senão à fôrça de muito esfôrço lento, de muita combinação pensada, meditada; é preciso, antes de tudo, que o romancista seja como queria Milton que fôsse o poeta, um verdadeiro romance, isto é, — que se consubstancie com a vida que se agita em tôrno de si, integrando-a por meio da expressão artística.

Seja, porém, de que natureza fôr, marchando do *Assommoir* à *Terra* e investindo sôbre o público sensacionável e sôbre a crítica dos adversários, o talento de Zola, sem modificação sensível na parte artística, cujos processos antes se vão aperfeiçoando de mais em mais, — o talento de Zola tem realizado mais de um movimento de flanco para aturdir a passaralhada literária. Êstes movimentos estratégicos explicam-se, entretanto, pela própria índole do romancista.

Em artigo especial, já uma vez disse o que sentia a respeito do pessimismo que reina nas obras do mestre, e principalmente no *Germinal*.[3] Não convém agora repetir idéias sôbre as quais, aliás,

[3] V. "Naturalismo e Pessimismo", e "*Germinal*". (Aqui havia a seguinte nota de Araripe: "Refiro-me a um estudo que publiquei, sôbre êste romance, no periódico *A Semana*.) [Vide êstes estudos reproduzidos no Vol. I, pp. 399-409 e 467-487, respectivamente.]

tive, depois, o prazer de encontrar-me de acôrdo com a crítica européia. Basta lembrar um ponto culminante dessa crítica. Zola não é um pessimista constitucional; não o é por temperamento, nem o devastam os terrores da morte; não [o] deprime enjôo da vida.

O seu pessimismo, se tal nome cabe ao fato aludido, é, antes pelo contrário, uma resultante da enxuberância da fôrça, do sentimento dela, e da certeza da ação exercida por seus livros sôbre o público. Longe, portanto, de deixar-nos na alma o desespêro, o desengano vago, que se encontra nas páginas de Byron, de Lenau, de Leopardi, de todos êsses desalentados de gênio, que pretenderam comunicar ao mundo o seu esgotamento nervoso, as exaltações de suas mentes devastadas, o pessimismo do autor do *Assommoir* o que produz em nós é uma sensação igual à de um leão furioso, em cólera, a dilacerar a prêsa. E a verdade é esta: por mais calma e metódica que pareça a figura e a vida dêsse homem, que os retratos nos representam de cabelo à escovinha e com uma cara de negociante de vinhos enriquecido, êle, no fundo, não passa de um caráter violento, sistematizado pela e para a arte.

Todo o assunto, para Zola, é uma *prêsa;* tôda a publicação, uma batalha sanguinolenta. Eis o homem completo. Não o embaracem; deixem-no passar.

Ora, não há nada de menos gaulês do que isto; e nem se pode dizer, senão por um êrro de óptica, que o mestre pertence à mesma raça que deu à França, ou os planturosos de gênio alegre, como Rabelais, Brantôme, Pigault-Lebrun, Voltaire, Diderot, Balzac, Dumas, ou os refinados de riso insinuante e leve sátira, como João Jacques, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand, Alfred de Vigny, Musset, Flaubert, Daudet, Bourget e Guy de Maupassant. A sua genealogia é muito diferente, e anda mais afastada da arte do que se pensa. Zola pertence à raça que tem produzido homens políticos ou sacerdotais: Richelieu, Robespierre, Enfantin, Augusto Comte e Le Play. São êstes os seus verdadeiros irmãos pelo temperamento; e só depois do estudo psicológico de caracteres tais, da sua comparação mútua e do confronto dos seus atos é que se pode chegar à explicação franca, clara, precisa, de certas anomalias, de certas contradições.

Zola é um artista; qualquer um dos nomes citados também o foi. Há, entre uns e outros, apenas uma diferença, — a do meio, da educação, — principalmente a do momento. No fundo, porém, o que avulta é o caráter profundo do homem ambicioso, do homem ave-de-rapina, que possui o sentimento da garra, da fôrça, no seu máximo desenvolvimento, e que procura traduzir êsse sentimento, não em idílios, nem em salentos, [?] mas em construções largas, enormes, que torturem a humanidade. Não é, acaso, êste o sentimento que transparece da obra de todos êles? O que pretendeu

Richelieu, trazendo o rei a seus pés e esmagando o coração de Ana d'Áustria, senão enjaular a França e suplantar a Europa? A sua política foi um romance tenebroso, com certeza. O que tentou o espírito chicanista de Robespierre, senão a clausura da revolução na toga de uma pretendida justiça, que a cada instante se diluía na vaidade do magno sacerdote? Um drama de sangue, que não teve apoteose. Qual o pensamento da Augusto Comte, escrevendo o seu *Curso de Filosofia Positiva* e criando a célebre Religião da Humanidade, senão cortar os vôos ao espírito dispersivo do mundo e substituí-lo pelo grilhão da sua infernal sistematização hierárquica das ciências? Uma *Divina Comédia* disfarçada em filosofia. O que cogitou Le Play, entronizando as classes operárias e aniquilando tôdas as outras fôrças sociais, senão escravizar a uma ameaça perene tôdas as grandezas da terra e todos os produtos de uma seleção milenária? Uma *Querela* homérica, transpostos os tempos e transformados os personagens.

Pois bem, o autor do *Assommoir*, como os de sua raça, não escapou nem escapará a êsse *Ananké*, — no que ainda muito se parece com V. Hugo, com a divergência apenas de não ter êste encontrado um tempo de reação e, sim, de frouxidão de nervos. Zola, passando através da obra artística, aspira *sensacionar* despòticamente o mundo inteiro. E o seu trabalho, de há muito que começou a acentuar-se por êsse lado.

Sabem todos o que é ter um homem dêstes à sua disposição exércitos vitoriosos. O triunfo embriaga; a apoteose cheira a inferno; e quando a onda da glória e o sentimento da fôrça quebram por sôbre a crista das montanhas, derribando-se pela planície, ou leva o triunfador a Santa Helena, ou aos deboches impossíveis do artista Nero.

Não é uma sensação nova ver até onde chega a tortura de um público? Os imperadores romanos não queimavam cristãos, só pelo prazer de observar os refinamentos da mais dolorosa das mortes? Não mandavam êles deflorar por soldados ferozes, *coram populo*, virgens castíssimas e de angélica delicadeza, só para conhecerem o limite da resistência da virtude pudica e os efeitos do terror sagrado?

★

Novidades, 10-3-1888

Sensacionar o mundo despòticamente seria uma legítima aspiração, se esta não viesse envolvida com uma certa intemperança de poder.

Zola, que, a princípio, observador emérito, era um produto imediato de uma escola, também era um discípulo subordinado à sua obra, um escravo dos processos que êle próprio aperfeiçoara ou des-

cobrira. No momento, porém, em que chegou a desentranhar de si a convicção de que essas máquinas, postas à sua disposição, seriam invencíveis, desde o instante [em] que viu todo o prestígio dos seus livros, inverteram-se os papéis, e o mestre, empolgado, suplantando a obra, abriu a seu espírito uma nova fase de emoções artísticas.

Essa fase, que é natural em todo o homem de gênio, é a do abuso da fôrça; pode dar coisas extraordinárias; pode, do mesmo modo, levar o vitorioso a Waterloo.

No estado atual de espírito do autor do *Assommoir*, é impossível a outros acompanhá-lo. Sucumbirão todos, uns pelo ridículo, outros pelo cansaço. A distribuição de reinos, que tem sido feita por êsse Napoleão da literatura, será fato mal-seguro; e a muitos temos visto vergados ao pêso de armaduras colossais. Seguramente, não será por êsse sulco que continuará a seleção dos produtos literários.

Wolf, o cronista do *Figaro*, não compreendeu nada disto; e, quando agrediu o mestre, por ocasião do aparecimento da *Nana*, deixou entrever, ou uma completa ignorância do mecanismo daquele espírito, ou uma imensa dose de despeito. Não era, como dizia êle, a fralda suja da camisa da *cocotte* o que então se apresentava para guiar, à guisa de bandeira, a coluna dos bandidos literários; fenômeno digno de nota era o dêsse general, que, tudo sentindo, tudo podendo, não trepidava em tudo querer, avançando com a impavidez do *condottiere*, sem encontrar tropeços.

A pornografia zolesca, que tem sido objeto de tantas críticas, de tantas objurgatórias, para mim, é circunstância de mínima importância nas obras de Zola. Em primeiro lugar, é a repetição de uma situação histórica conhecida, portanto, fatal. Estamos em um período literário da mesma natureza, *mutatis mutandis*, que o em que viveram Bocácio, Rabelais ou Suetônio; o autor de *Nana* não podia, pois, eliminar de suas obras um forte elemento de solicitação exterior.

Em tôda a obra genial, perduradoura, há duas partes muito distintas, que a crítica, por mais de uma vez, tem separado: — a do futuro e a do presente. A *Divina Comédia*, por exemplo, é um poema de caráter universal; mas, por trás dela, encontra-se um poema político, que se dirigia imediatamente às pessoas com quem Dante conviveu; êsse poema não é mais lido; existe apenas nos glosadores de edições pesadas. Acaso pode um autor, por mais excêntrico que seja, prescindir da eletrização que em si produz o público? Se é uma coisa sem a qual não se compreende o mecanismo da composição artística, — a correspondência entre autor e público, ou, para dizer melhor, a consciência da ação sôbre o leitor ou espectador, — como exigir de Zola as abstenções, que pretendem, diante de tantas e tão repetidas solicitações do público europeu?

Acresce que o mestre se tinha colocado na posição de certos babaquaras, de certos pais de família, venerados, mas pouco corretos nas formas, os quais não escrupulizam fazer o que fazia Jesus Cristo, n'*A Terra,* diante de La Trouille e do próprio pai, sem perder a autoridade nem, mesmo, a respeitabilidade paterna. O que convém, porém, — e era o que devia ter declarado Wolf, na sua crítica apaixonada do *Figaro,* — é que, os que não adquiriram um órgão possante igual ao do mestre, não se arrisquem às censuras em que incorria a aflautada La Trouille.

A pornografia zolesca representa, portanto, um elemento de atualidade, e um acidente sem importância, sôbre o qual devo passar ràpidamente, como se [se] tratasse do pedaço de carne sangrenta que o domador atira a um bando de feras esfaimadas. Querem carne crua; pois aí a têm em abundância. Não me falte o público, eis o essencial; não mo falte para os grandes exercícios da minha obra de dominação literária.

Atualmente, Zola leva a propulsão do seu gênio artístico, que, com certeza, excede ao que de maior tenha havido nos últimos 50 anos. Os seus livros caminham como coortes pesadas, cujos soldados bradam alto, batendo nos escudos. Êle só não fará o que não quiser; o eretismo público o acompanha, e o acompanhará por muito tempo, auxiliando-o na expugnação do romantismo extinto, quiçá, talvez, para entronizar um ainda maior e mais vibrante.

Esta palavra — romantismo — já tardava a apontar-me ao bico da pena. Zola larvado de romantismo! Por que não, se o romantismo, não no sentido histórico, mas no sentido fisiológico, constitui um elemento permanente nas literaturas!

Desde o comêço dêste trabalho, chamamos a atenção para o temperamento do mestre. Vimos que êle começou sua carreira pela *Teresa Raquin,* livro em que, se há muita observação, não é menos certo que também assombra um fundo de imaginação terrível, tenebrosa.

Até o 5.º ou 6.º volume, porém, de sua coleção Rougon-Macquart, Zola comprimiu-se, deformou-se, castrou-se, por assim dizer, para acolher-se às formas determinadas de uma escola. No meu entender, *escola,* em arte, significa o mesmo que *absoluto,* em arte; e o absoluto, em arte, tenha êle o nome que tiver, realismo, naturalismo, decadentismo, parnasianismo, deliqüescência, impressionismo, é sempre funesto, atrofiante, esterilizador. Como disciplina, excelente. Sem *dressage* não há bons autores, nem bons cavalos de corridas; contudo, é indispensável que êsse *dressage* não mate o animal, o homem, a fôrça, o talento.

Zola, realista impávido, não se deixou matar. Em um momento dado, a sua natureza inteira, completa, aguerrida, levantou-se, dei-

xando ao lado os moldes quebrados e seguindo a linha legítima do seu temperamento.

O *Germinal* foi o início da segunda parte de sua vida literária; e, não sem motivos, deram-lhe desde logo uma classificação que muito lhe assenta — a de epopéia do Voreux.

E sabem o que, em substância, significa essa evolução?

Zola não tem mais a preocupação da arte, da forma, porque esta já se consubstanciou com sua maneira de viver.

Zola volveu à preocupação das grandes idéias, das grandes teses, das sínteses.

Os seus livros não são mais o acúmulo de observações sentidas e pacientemente enquadradas em descrições modestas. O remígio da águia é amplíssimo agora, e procura contestar, não as glórias de V. Hugo, senão também as homéricas, dantescas e shakespeareanas.

★

Novidades, 13-3-1888

Il faut avoir l'âge, diz Jesus Cristo a La Trouille, quando esta tem o despejo de confrontar as suas manifestações ruidosas com as de um veterano, como êle, nas licenças da natureza.

O que se dá na fisiologia, dá-se na literatura. É preciso também a fôrça, a idade e a experiência. E, no capítulo d'*A Terra*, que a imprensa parisiense muito espirituosamente classificou de *ruidoso*, Zola não fêz outra coisa senão avisar pitorescamente aos seus discípulos de que deveriam esperar o advento dessa fôrça e dessa experiência, para então se aventurarem naquele escabroso terreno, sob pena de passarem à classe dos La Trouilles da literatura.

Êste — *il faut avoir l'âge* — é digno de alguns minutos de meditação; nêle se contém o Zola inteiro da última fase; por êle se explica tôda a evolução transversal de seu caráter literário, o qual, de súbito retornando, como uma centelha elétrica, à vasa psíquica de origem e aí produzindo uma espécie de fulminação química ou precipitado rubro, com muita fumarada, muito lampejo imprevisto, fêz erguerem-se dessa mesma vasa genial uma larga parte das reminiscências das grandes literaturas em que êle se inspirara primeiramente. É assim que, já no *Germinal*, através dos elementos anatômicos do poema, que são os mesmos do *Assommoir*, — o canalhismo e a vulgaridade, — surgem as sombras de Hamlet e de Dante nas terríveis imprecações que se ouvem no Voreux e nas interrogativas negras do niilista, por um lado, e do operário em greve, por outro. É assim também que, no *Au bonheur des dames*, livro esplêndido, em que o poder da descrição e a obsessão da *étalage* chegaram ao seu auge, encontra-se êsse Octave Mouret encarnando tudo quanto pode exis-

tir de bismarckiano na vida de um comerciante, — uma verdadeira transcrição, para a vida burguesa e chata dos nossos dias, de um tipo trágico, e da mais alta e sanguinosa tragédia, o *Ricardo III*, de Shakespeare, o maquiavélico Gloucester. Quem não verá isso na cena decisiva do romance, em que o grande comércio, pelo gênio de Mouret, aniquila o pequeno na pessoa do fabricante de chapéus vizinho, no obstinado de idéias hipercríticas, no idealizador, no louco individualista?

Quem não verá, nessa cena pungente, em que êsse pobre homem, certo do seu direito e descrente das necessidades dos mais fortes, é arrastado com um possesso para o meio da rua, é espoliado do seu pequeno estabelecimento, uma reprodução das misérias dinásticas que serviram de tema ao monumento shakespeareano?

Acaso o Fouan, d'*A Terra*, não é, como se tem dito, um novo rei Lear disfarçado em um campônio da França? E Buteau, e a mulher de Buteau? Restará a menor dúvida que sejam, — não a cópia, porque essas coisas não se copiam, apenas se reproduzem, quando se adotam os mesmos hábitos mentais, — uma nova edição dos Macbeths, de que Teresa Raquin foi a primeira?

Il faut avoir l'âge, diz, portanto, com muito acêrto o incomensurável Jesus Cristo, não só para dar-se às liberdades a que êle se dava, como também para, sem perder as qualidades de sua época, sem, mesmo, trair uma escola, confraternizar com os chefes de tôdas as épocas, ainda as mais antagônicas à sua índole.

Essa confraternização, contudo, não se pode realizar senão por meio de um artifício literário, que tem sua base inteira em uma exageração de ordem fisiológica. Essa exageração é a mesma que, um pouco apertada, ou, para usar de uma expressão mais positiva, tornando-se patológica, apresenta, ordinàriamente, como último têrmo, as manifestações híbridas de Hoffmann e de Edgar Poe: — o fantástico; mas convém entender que não se trata aqui do fantástico urdido a compasso, do fantástico querido e arranjado em estado normal, mas do fantástico sentido e vivido por um artista, como se sente e se vive na realidade.

Todo o artista é, ou um óculo de alcance, ou um microscópio, ou uma lanterna oxídrica. É êste o meio mais prático de definir o temperamento literário e de compreender a célebre frase — *um canto da natureza visto através de um temperamento*. Êsse óculo, êsse microscópio, essa lanterna têm o que se chama objetivas, que podem ser límpidas ou coloridas, o que já determina uma certa dose de *pressuposto*, com que a crítica deverá logo contar. Ora, está visto que, desde que o artista chega a ter a consciência dêsse mecanismo da sua imaginação; desde que êle percebe a existência, nos seus aparelhos, de recursos múltiplos, desde que entende não haver coisa mais fá-

cil do que graduar a sua intensidade, afastando ou aproximando as objetivas, nada mais existe que se deva considerar vedado às suas aspirações, às suas pretensões. O artista, nesta hipótese, tudo pode querer, tudo pode fazer, dentro da limitação da índole e da época.

Êsse fato simplicíssimo não deixou de ser antevisto pelo grande Lessing, que, no *Laocoonte*, obra colossal de crítica, digna ainda de ser pensada, descobriu, na deformidade e no desequilíbrio proposital de partes do *Hércules Farnésio*, a razão da impressão e do sentimento de fôrça que esta célebre estátua provocava em todos os que a contemplavam.

É sabido, hoje, que o *Hércules Farnésio* tem as coxas mais curtas do que a medida anatômica natural, e daí, isto é, — dêsse esmagamento, todos os efeitos plásticos que o instinto deduz da obra.

O artista que não souber aonde ponha essas exagerações, essas deformidades, é um artista *manqué*. Mas para isso é que se faz preciso, como ponderava Jesus Cristo, *avoir l'âge*, — ter o segrêdo da sua idiossincrasia.

Zola, na presente seção de sua carreira literária, está usando dêsse recurso com uma amplitude e sobranceria inimitáveis. Êle deforma e exagera o que bem lhe parece; e, aos da escola firmada pelo *Assommoir*, que se mostram pasmos, aos que protestam em nome do naturalismo, o mestre responde: — *Hors d'ici, puanteur!... Nom de Dieu! je vais t'apprendre à respecter ton père et ton grand-père!*

Os La Trouilles do realismo, — que resignem-se.

★

Novidades, 15-3-1888

A Terra é, talvez, a obra de Zola em que as qualidades de chefe do naturalismo se acentuam com mais fôrça de brilhantismo. Quer tenha havido de sua parte intuitos certos, quer uma simples evolução psicológica, o que é exato é que êsse livro forma, com o *Assommoir* e o *Germinal*, uma série de quadros de um colorido popular de natureza completamente desconhecida! Não me refiro ao tom, nem às nuanças pessimistas, devidas ao ponto de vista e ao momento em que Zola, de preferência, procura surpreender os seus assuntos, mas ao *substratum* do que êle tem observado, à essência da vida que êle estuda.

A grandeza d'*A Terra* ressalta de uma circunstância de que, talvez, no ato da composição, o próprio autor não cogitasse. Êsse fato está, entretanto, tão profundamente entranhado em tôdas as páginas do livro, que seria impossível considerá-lo a alma segunda da obra, se já o mestre não tivesse mostrado a direção completa do seu espírito.

Buscando na vasa da sociedade francesa os elementos para os aludidos romances, atravessando a região parisiense aonde se encontra a maior degradação humana, — a tasca, indo ver na vida industrial o que existe de mais excruciante, — a mina, descobrindo o que há de mais violento, sensual e bruto, — o campo, Zola foi tomado por um *sobressalto* artístico medonho; o temperamento exaltou-se-lhe; e, quando menos apercebido, ei-lo em frente do mais clamoroso espetáculo a que se pode chegar pelo processo de segregação espontânea, — o espetáculo da bestialização humana ou do retrocesso aos tipos inferiores da espécie.

E aí têm a razão por que, hoje, ninguém mais do que o naturalista dos Rougon-Macquarts pode, com orgulho, levantar a designação de produto direto do movimento científico moderno. Não vejo quem, antes de Zola, se tenha deixado impressionar de modo tão original por êsses curiosos retornos da natureza humana; e agora, por ocasião de entrar na análise e na descrição da pseudovida-inocente dos campos, essa sua fereza de observação assume proporções esmagadoras.

Para as pessoas saturadas de Watteau, de Florian, para aquêles mesmo que cultivam o idílio campesino acre de George Sand, *A Terra* deverá ser a coisa mais extravagante que já saiu da pena de um escritor e de um poeta.

Que horror! que depravação!

Entretanto, diga-se, ou, antes, escreva-se em letras maiúsculas: NUNCA SE COMPÔS UM LIVRO MAIS INOCENTE DO QUE ÊSSE. A frase necessita de explicação. O que eu quero dizer é que o homem do campo, o campônio francês, nunca apareceu em tamanha nudez, isto é, apresentando-se em tôda a ingenuidade da sua natureza. Zola, propondo-se a pintar essa nudez, dadas as condições conhecidas do seu temperamento, Zola não podia senão chegar aos resultados a que chegou.

Haveria, hoje, quem se atrevesse, depois das obras dos viajantes científicos e dos antropologistas, a escrever, a propósito de uma guerra de jurunas, de um idílio nas fronteiras do Peru ou nas margens do Tapajós, haveria quem ousasse dar-nos um poema como *Os Incas*, de Marmontel, ou a *Atala*, de Chateaubriand?

A resposta não sofre vacilação. Ninguém. Pois bem, o autor d'*A Terra* não fêz outra coisa senão procurar no campo as verdadeiras sobrevivências do estado selvagem que houve na França. Pela arte e pelo talento, êle atingiu o mesmo ponto crítico em que nos lançaram os últimos estudos da antropologia criminal.

O crime, quando não é a conseqüência de uma degenerescência mórbida ou de um acúmulo de pressões fatais ao indivíduo, passa à categoria de uma função tão natural como as que mais o sejam.

O homem criminoso, nesta hipótese, não é senão um selvagem sôlto em um meio com o qual êle não se pode encontrar de acôrdo; que obra pela sugestão direta; que trabalha e avança por instinto; que rompe, enfurece-se, agride, destrói tudo que se opõe ao desenvolvimento isocrônico dêsses instintos; que, finalmente, não compreende o que possa ter de comum um código com as relações da vida.

Êsse selvagem, êsse atrasado, que Lombroso, Garofalo, Ferri, Albrecht e a maior parte dos darwinistas nos pintam a debater-se entre as paredes de um cárcere ilimitado — a civilização, Zola nos deu magistralmente em Buteau, figura shakespeareana, iluminada pelo clarão elétrico dos tempos modernos, que tomará, se é que já não tomou, seu verdadeiro pôsto na grande galeria literária, a par dos tipos que mais honram a fôrça imaginativa do homem.

Buteau é um personagem que faz arrepiar as carnes.

Nunca se viu num livro cenas, sèriamente descritas, como as que se ligam a êsse feroz assassino; mas, em última análise, êsse homem, correndo sempre na linha do seu temperamento, propelido, ora por uma concupiscência invencível, ora pela ambição da posse da terra, ou melhor, daquilo que os franceses chamam *le terrier;* êsse Buteau, que pratica, diante da cunhada e do próprio pai, coisas inauditas, êsse Buteau não nos deve causar impressão diferente da que nos causa o raio desencadeado ou a torrente revôlta, ferindo, matando, aniquilando naturalmente, sem repugnâncias nem hesitações. Um inocente, cujos atos a sociedade reprime e reprimirá; uma fôrça cega, que mais tarde se aproveitará ou se desviará, inofensiva, para o centro da terra, como já se faz com a faísca elétrica; nunca, porém, uma producão viciada, ascorosa, como as pútridas florações da *alta vida*. Neste sentido, pois, *A Terra* é um romance de candura; e não seria irrisório afirmar que o que mais avulta é o vício de bebedice, a que se entregava Jesus Cristo, aliás, tendência muito própria de selvagens e atrasados.

★

Novidades, 16-3-1888

Muito teria que dizer sôbre o interêsse que foi despertado pelo último livro de Zola, principalmente pelas audácias obscenas, de um lado, e por certos delíquios românticos, de outro.

Urge, entretanto, passar a assunto que mais de perto fere a nossa vida e economia literária. Quero falar do mais aproveitado realista surto no Brasil, o nosso Aluísio Azevedo, e do modo por que, passando por Portugal, essa nova forma literária se veio aclimar nos trópicos, aonde, como se lê em Vaz Caminha e Gabriel Soares, já

nos tempos do descobrimento, pelo órgão rude do selvagem tupinambá trescalava um sensualismo acre, quente, de que nenhuma literatura ainda deu idéia.

Antes, porém, de entrar nesse predileto assunto, conviria não deixar cair algumas notas que tomei o êsmo, mas de reconhecida utilidade para a crítica d'*A Terra*.

A obra, por mais pessoal que seja, indica, sempre uma gravitação particular para um ponto certo da esfera do entendimento. No momento da composição, que é o mesmo que dizer — no momento da expansão do temperamento, a imaginação do escritor é atraída exclusivamente para uma face das coisas humanas.

Há uma congestão no ponto fisiológico de referência, como um afluxo de luz, e a fôrça inteira concentra-se, orientada para êsse lado. Dêste fenômeno depende o *quid* do trabalho, que muitas vêzes estereotipa-se em um vocábulo dominador de todo o livro.

Zola, n'*A Terra*, acentua de modo característico o retôrno do romance poético ao romance satírico.

É a alternativa contínua, para a qual chamei a atenção no princípio dêste estudo, entre o gênio de Ariosto e o de Bocácio. No comêço do século, tivemos a *Atala* e *Jocelyn;* não é muito que tenhamos, n'*A Terra*, as cenas do touro, a violação de Françoise, o parto da Coliche e os ingênuos regabofes sensuais da filha de Jesus Cristo. A sátira, pois, é o traço objetivo que mais particulariza, na presente fase, o espírito do mestre.

O exercício do microscópio produz fatalmente êstes e outros resultados.

A perda dos contornos gerais dos objetos, em um artista nascido para a elaboração de poemas cíclicos, não pode deixar de produzir o rabelaisianismo, que a cada passo se encontra nesse livro colossal, a par das mais trágicas cenas saídas do cérebro humano.

Não me recordo, neste instante, se já algures disse que a principal diferença existente entre o talento de Balzac e Zola, aliás muito semelhante pela potência artística, era ser o primeiro uma fôrça cheia de *bonomia,* e o segundo, uma fôrça *tenebrosa.* Êsse tenebrismo zolesco gerou-me profundas antipatias pelo mestre e me obrigou muitas vêzes, nessas ocasiões supremas e conhecidas, em que o seu pessimismo se resolve em uma espécie de volvo literário, a classificá-lo um recidivista digno da calcêta... da crítica, bem entendido. Como, porém, estas sensações particulares nada têm de comum com o método que adoto, em nada prejudicarão a análise da sua índole literária.

Rabelaisianismo, disse eu; mas que rabelaisianismo pode ser o do menos gaulês dos escritores, — um poeta que tem nas veias o sangue de Dante, o veneno dos Bórgias e tôdas as sombras do

gênio osco da península? A sátira e o pantagruelismo de Zola são os que se vêem no capítulo que mais escândalos produziu na imprensa parisiense: o capítulo dos bombardeios sulfídricos, em que, no meio de risadas homéricas, no meio dos gaiatíssimos sofrimentos de La Trouille, ouvem-se os rugidos ferozes de Buteau e os anseios angustiosos de Françoise.

É sátira, não há que duvidar; mas sátira sangrenta, — sátira à Tácito e à Juvenal, — a mais própria dos tempos que correm para os países decadentes da Europa.

Os leitores que conhecem o livro poderão verificá-lo compulsando as páginas com que o autor arremata a sua obra. Depois de ter escarnado os fatos, separando todos os elementos poéticos perturbadores da visão; depois de haver adelgaçado todos os véus que encobrem o esquema da vida do camponês na França; depois de uma série de maldades orgânicas, instintivas, postas em relêvo por uma percepção nítida de vidente: Zola, com uma eloqüência e uma *verve* inimitável, erige o vulto dêsse beberrão de Jesus Cristo, bom, amável, simpático, como um marco miliário e tenta impressionar a todos com a sua figura bíblica e a sua palavra picaresca. Pois bem, êsse filho do Fouan, tal qual transparece no mundo em que o pôs o mestre, vale tudo quanto o espírito satírico do mestre tenha pretendido fazer em benefício dêsses atrasados que tumultuam no fundo do vaso aonde se compõem as revoluções sociais, — os tais proletários, com que Augusto Comte tanto se preocupou. Jesus Cristo prova pràticamente que o selvagem, de que anteriormente falei, só encontra um meio de humanizar-se, de tornar-se maleável e tolerante do progresso, de civilizar-se, enfim, adquirindo uma compreensão mais exata da vida social e do ambiente: — êsse meio é a bebedice. É a bebedice que faz de um irmão de Buteau um simples *violador de donzelas* já violadas, um jogador apenas rezinguento, um ambicioso sem furores e um inimigo jovial dos andares superiores da sociedade, um petroleiro, que não passa ao fato e se contenta com palavras, ditos pornográficos e desprêzo. Não podendo destruir, o que o impede de ser o que êle é, Jesus Cristo encarrega-se da própria dissolução. *Vae victis!* E não choremos mais; acordemos para beber e rir, que já assim fazia o velho e sensato Horácio!

Morre Françoise assassinada; morre o pai Fouan como um cão, batido pelos filhos; destroem-se todos pela intriga e pelo desencadeamento dos instintos bestiais em uma família.

A própria aldeia ressente-se dêsse medonho sôpro de desgraças. O que pensam que Jesus Cristo fêz, depois de tão grandes comoções, de tantas lutas excruciantes? Foi assistir ao enterramento da irmã no cemitério da aldeia; e, quando todos se retiraram, tristes,

pesarosos, e corriam assustados pelo clarão de um incêndio incipiente, êle, desanuviado, indiferente, desabotoava as calças e, com as pernas abertas e pesadas, desaparecia no canto do muro que fechava o campo mortuário.

Quando tudo se agitava por nada; quando os mortos se restituíam à terra, como sementes, para que o pão crescesse melhor; que diabo podia fazer aquêle deserdado da civilização de mais acertado do que voltar ao bombardeio costumeiro e sujar com as fezes essa terra que o repelia vivo e o cobiçava como estêrco?

VI

ALUÍSIO AZEVEDO. O ROMANCE NO BRASIL

Novidades, 19-3-1888

O romance, direi melhor, as formas poderosas do romance moderno teriam entrado no Brasil pela mão de Aluísio Azevedo, se antes uma propulsão acidental, vinda de Portugal, não as houvesse revelado aos cultores do gênero. Aludo ao primeiro entusiasmo produzido pela fórmula zolesca em José do Patrocínio, que nos deu o *Mota Coqueiro*, e em Hop-Frog (Tomás Alves Filho), que escreveu vários contos na *Gazeta de Notícias*, mostrando-se logo perfeitamente ao par dos métodos descritivos da nova escola.

Todavia, e por causas que só adiante serão discutidas, creio poder considerar o dia da publicação do *Mulato*, no Maranhão, em 1881, como um dia propício às letras nacionais, não tanto pelo valor do livro, que saiu da forja cheio de grandes defeitos, mas pela espontaneidade do talento que o produziu.

Obras como o *Mulato* têm, para mim, uma significação extraordinária. Estudadas à luz da impressão causada por uma primeira leitura, desfibradas até mostrarem a vibração do espírito, a hiperestesia da imaginação no ato de concebê-las e os recursos potenciais *inexplorados* do autor, essas obras oferecem quase a fórmula inteira de um temperamento literário, embora, depois, em outros livros mais pensados, mais característicos, se encontre a verdadeira garra do artista.

Foi na *Teresa Raquin* que surpreendi o segrêdo do espírito adunco de Zola; foi nos *Cinco Minutos* que encontrei a tendência para o *grácil*, que constitui todo o encanto dos romances de José

de Alencar.[4] N'*O Mulato* existe, em germe, o Aluísio Azevedo que depois se manifestou na *Casa de Pensão*, na *Filomena Borges*, n'*O Coruja*, n'*O Homem*; e as qualidades que ali esplendem são as mesmas que lhe têm criado tropeços na execução de alguns livros, não contidas na fórmula de sua índole; são as mesmas que já anunciaram, em dois de seus romances, um observador de raça, e que farão d'*O Cortiço*, segundo tôdas as probabilidades, um romance nacional, na verdadeira acepção da palavra.

Ou eu me engano, ou êste maranhense, que eu desejaria ter observado de mais perto, em ato de concepção, para poder melhor defini-lo, é uma natureza feliz, planturosa, máscula, fadada, na literatura, a representar um papel correspondente ao de Balzac, se quiser entregar-se à mesma ginástica a que êste se entregou, — se estudar, se estudar muito, se se dispuser a conquistar a ilustração do século. Não me refiro aqui à ilustração relativa dêsse homem de letras, que, afinal, para os nossos costumes, tem-na quanto bastaria para satisfazer às necessidades médias dos nossos círculos de leitores; falo nessa educação, nesse preparo gigantesco, nesses aparelhos modernos de erudição, nessas armaduras terríveis, fundidas nas forjas dos novos ciclopes, sem as quais todo o passo na literatura será acompanhado de uma concomitante dispersão de fôrças e de um naufrágio no ideal.

Procurando acentuar o traço másculo do autor d'*O Homem*, não faço senão tomar o fio de Ariadne nesse labirinto que se chama estilo, tendências. Em um país cujo clima entorpecedor e voluptuoso até o momento atual, só tem * favorecido um lirismo alto e incomparável, na frase de um desafeto orgânico; em um país aonde a mocidade é constantemente flagelada pelas congestões hepáticas, aonde não se consegue trabalhar senão por intermitências, no meio de langores intercadentes, é óbvio que o romance realista, o romance de observação, de notação contínua e de estudo profundo não pode ser desempenhado senão por um escritor de pulso rijo, de natureza equilibrada, pujante e completamente isenta de *blue devils*.

Em um trabalho publicado algures, tentei estabelecer as relações que existem entre a função genésica e a poesia, mostrando em como nenhuma produção estética do espírito humano pode guardar essa integridade, a que a escola deu o nome de *belo*, fora das condições do que, em fisiologia, se denomina *tono vital*.[5] Consideran-

---

[4] Vide esta questão tratada no meu livro intitulado — *José de Alencar, Perfil Literário*. [Estudo reproduzido nesta edição, Vol. I, pp. 129-258.]

* Suprimiu-se aqui a palavra "sido", que aparecia no original.

[5] V. "A Poesia em suas Relações com a Função Genésica". [Neste vol., à p. 13.]

do, pois, a verdadeira poesia uma projeção, uma irradiação pelo lado artístico, da fôrça, ou, antes, uma tradução, em obra concreta, do sentimento da fôrça, isto é, do tono vital, não há fugir à conseqüência lógica dêsse ponto de partida: o artista sofredor, a vítima de uma enfermidade crônica será tudo quanto quiserem, mas nunca o órgão adequado para as grandes e efetivas manifestações do *entusiasmo humano.*

O autor d'*O Homem* não deu ainda as suas provas decisivas; mas, pelo que conhece o público dos seus livros, e pelo que já se anteviê, e está perfeitamente de acôrdo com a observação colhida do seu temperamento, do seu *modus vivendi*, êle pertence à raça dos compositores fortes, desanuviados e isentos de preocupações que não sejam avançar, — que não seja a gana do andamento, como mui bem define Bain.

★

Novidades, 20-3-1888

A gana do andamento, — *le plaisir de suite*, como dizem os franceses, — *the pleasure of growth*, como os inglêses, — o prazer, enfim, que se experimenta quando se cresce, — eis uma série de expressões que indicam perfeitamente o autor consciente do talento que possui. Sem êsse elemento de vitalidade, não há autor possível; do mesmo modo que, sem vapor ou fôrça equivalente, não há locomotiva que se mova. E, por certo, basta lançar, na gare, as vistas para o primeiro dêsses monstros fumegantes, para que se sinta, independente de experiência, tôda a extensão da capacidade de tração de cada um dêles. É o que sucede, ao primeiro aspecto, com certas naturezas de artistas.

A tendência na produção constitui, pois, um dos sinais do futuro que aguarda o autor d'*O Homem*; e compreende-se que eu não levo em conta, neste instante, a mania literária de muitos indivíduos que por êste mundo têm andado e andam a *mijoter des livres.*

A fôrça nervosa produtora, a que aludo, é a mesma que já nos deu, em José de Alencar, um belíssimo espécime, embora em esfera muito diferente. Compor, em um país como êste, infenso a publicações, como compunha o autor do *Guarani*, só por um excesso de vitalidade fora do comum.

E, por uma singular coincidência, foi preciso que o romancista mais espontâneo, antes de Aluísio Azevedo, e mais parecido com êste, nas qualidades propulsivas, ostentasse a natureza mais tropical de quantos têm cultivado as letras no Brasil.

Infelizmente, para nós, o nexo entre os prosadores desta terra ainda não se pode estabelecer senão pelas influências gerais do clima, dos temperamentos e do ambiente.

Nesta região de palmares, neste ninho de poetas, a tradição tem sido mais constante para os que consagram-se às musas do que para os que lutam no desbravamento do estilo pedestre, principalmente no romance. Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Gonzaga, Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Lessa, Laurindo, Varela, Castro Alves e tôda a geração atual constituem uma cadeia contínua de líricos, em que, se é verdade que as funções vicariantes do fígado fornecem os elementos principais, e os aspectos da *terra*, as melhores tintas, não é menos certo encontrarem-se formas seguidas, escola, sucessão clara, iniludível.

Não há quem negue, a não ser um ignorante de nossas coisas, como o padre Sena Freitas, o fato clamoroso da nossa tradição poética; e é preciso não saber distinguir a gramática do estilo, o que é automático em um autor, do que é querido, procurado, para dizer-se que a musa francesa tem sido a nossa única inspiradora; como se o rebuscamento das formas constituísse o principal fator de uma obra de arte.

Não é a primeira vez, porém, que a falsa crítica tenta meter, por êste modo, em estufa o ananás, o caju, a manga e tantos outros frutos brasileiros, acres, sumarentos, leitosos, cáusticos, pensando que essa correção européia é o que lhes pode dar o verdadeiro gôsto e sabor. E porque, sem o querer, veio-me ao bico da pena a indiscreta frase, já agora não fique para se dizer mais tarde o que pode e deve ser dito desde logo, a propósito do que pensa o padre Sena Freitas a respeito da literatura nacional.

Todo o mundo sabe que uma das coisas que mais importunavam o autor d'*O Guarani* eram as constantes increpações, que lhe faziam, de incorreto e de hóspede na língua em que escrevia. Ora, José de Alencar, se não sabia o português, escrevia em brasileiro perfeitamente, admiràvelmente; e, com certeza, nesse dialeto, cujo importante dicionário está preparando o ilustrado Dr. Macedo Soares, * êle figurará como uma das mais conspícuas autoridades do neo-português. Todavia, o grande romancista brasileiro, ou porque os tempos não o permitissem, ou porque ainda não tivesse amadurecido

* [O Dr. Antônio Joaquim de Macedo Soares não chegou a terminar a obra, tendo dela publicado uma parte mínima, até a palavra *Candeeiro*, nos Anais da Biblioteca Nacional, 1888, de onde se tirou uma separata. Recentemente, foi o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa* completado por seu filho, Dr. Julião Rangel de Macedo Soares, e editado pelo Instituto Nacional do Livro, em 1954.]

a obra de Batista Caetano, nem houvesse surgido a plêiade de jovens filólogos, que hoje estudam essas questões com verdadeiro amor científico, o grande romancista, repito, não se possui de tôda a coragem indispensável para abrir uma estrada larga, por onde pudessem passar atrevidos e desconfiados. Em todo o caso, foi êle o primeiro que se abalançou a dizer que os lábios que chupavam a mangaba e o caju não podiam pronunciar palavras pelo mesmo feitio, nem exprimir-se do mesmo modo que os lábios que premiam a maçã e a uva alentejana. Seja, porém, como fôr, o que é exato é que a semente plantada pelo autor do *Guarani* frutificou; e, atualmente, quer entre gramáticos, quer entre literatos, romancistas e poetas, nota-se uma salutar tendência para êsse Ipiranga das letras: o que não constituiu razão suficiente para poupar ao crítico acima referido um capítulo sôbre as escabrosidades filológicas d'*O Homem*, de Aluísio Azevedo.

O Sr. Padre Sena Freitas ainda faz questão da colocação dos pronomes — no Brasil! — e censura ao escritor o emprêgo de têrmos como — cangote, — de junto, — e outros muitos, que, nesta boa terra, desde os tempos áureos de Gregório de Matos, deviam ter passado à categoria de clássicos, por ser o único modo por que o povo se corresponde e se entende.

Uma vez por tôdas, porém, declarem os escritores brasileiros que estão dispostos a compor no dialeto do país. O eminente Batista Caetano demonstrou à saciedade, por extensa comparação do vocabulário, quanto a linguagem portuguêsa se achava transformada na América, e a revolução que as novas relações sociais, os novos aspectos, tinham operado em matéria de acepções.

Êste fenômeno, que não é desconhecido, e que os lingüistas têm notado em mais de uma colônia; êste fato semiológico, de capital importância para os que escrevem, só por si seria bastante para impedir o surto da literatura nacional, se houvesse pulso bastante forte para imobilizar os autores brasileiros nas formas estilísticas de Vieira, de A. Herculano e do próprio Ramalho Ortigão. É pela semiologia que os autores ampliam a sua esfera de expressão; e a linguagem, neste ponto, anda tão intimamente ligada à elaboração artística, que seria fazer voltar tôda a nossa objetivação estética ao país de origem, se nos obrigassem a chamar uma fazenda de café — uma herdade, um sítio — um casal, um capão de mato — uma coutada, uma mulatinha, — uma cachopa, um moleque — um garôto, e assim por diante, em uma infinidade de relações.

É intuitivo que o primeiro efeito dessa inversão seria a formação fatal de associações de idéias, de imagens, de aspectos, de reminiscências, completamente opostas àquilo que desejaríamos

representar. Decrescendo dessas linhas mais gerais para fatos mais particulares, reconhece-se, sem dificuldade, que o fenômeno é o mesmo. De contínuo o português de letras está a corrigir-nos erros deploráveis, porque em Lisboa ou no Pôrto não se emprega o têrmo tal, ou porque não se constrói a frase com esta ou aquela acepção. Mas o que temos, os brasileiros, com isto? Acaso somos nós quem fabrica a língua? Quem impõe as significações? Quem varia as acepções dos vocábulos? São os escritores ou são os reativos sociais que produzem êsses e outros precipitados?

Tudo isto, em última análise, vai-me convencendo de uma coisa, e é que fôrças mais amplas e irresistíveis fazem com que a correção seja um fenômeno quase impossível no Brasil. E devem, certamente, existir razões de ordem climatérica e fisiológica que determinem fato tão esquisito.

Não é verdade que, em Portugal, todos os escritores de talento são corretos? A. Herculano, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, todos são mais ou menos impecáveis na sintaxe.

Qual o motivo por que, no Brasil, raro é o escritor de merecimento que guarde essa mesma simetria e proporção entre os voejos do estilo e as regras de Lobato?

Qual o motivo das incorreções de José de Alencar, de Macedo, de José do Patrocínio, de Aluísio Azevedo? Fatos tão repetidos denunciam a existência de uma lei; a essa lei está ligada estreitamente à contextura do espírito da *terra*, do espírito nacional.

VII

ESTILO TROPICAL. A FÓRMULA DO NATURALISMO BRASILEIRO

Novidades, 22-3-1888

Incorreção do estilo brasileiro ligada à contextura do espírito da *terra!* A asserção parece, à primeira vista, um dislate da ordem dos que a crítica tem vulgarizado por aí. Contudo, eu penso que o fato é perfeitamente verdadeiro, e que a incorreção, nestas condições, converte-se numa eminente qualidade.

Em um estudo inédito que tenho, sôbre a literatura brasileira,[6] atribuo ao fenômeno da *obnubilação* do colono tôdas as

---

[6] V. "Literatura Brasileira". (Aqui Araripe colocara a seguinte nota: "Vide capítulo de introdução, já publicado n'*A Semana*.) [Na presente edição, o estudo aparece à p. 489 do vol. I.].

particularidades que distinguem a vida brasileira de qualquer outra, no século XVI. Êsse fator, poderosíssimo então, mas que se atenuou gradualmente, até dar lugar ao período consciente da Inconfidência, em que a literatura, no Brasil, chegou a ser superior à da metrópole; êsse fator não se eliminou de todo, como sucede com tudo que gravita em tôrno do homem; e, hoje como ontem, a reação do meio físico, a influência catalítica da terra, as depressões e modificações do clima tropical, a solidariedade imposta pelas condições da vida crioula com a flora, com a fauna, com a meteorologia da nova região, são outras tantas influências que estão a invadir sorrateiramente estrangeiros e brasileiros, sem que êstes disso se apercebam, certos, como estão, do triunfo das suas qualidades étnicas e da propulsão civilizadora de origem.

É verdade que, na atualidade, não se encontram portuguêses internados no Brasil, nem normandos completamente esquecidos da civilização, quase brutificados, em conseqüência da ação direta exercida pela *terra* em organizações pouco seguras, desprendidas do amparo intelectual e moral da madre Europa. A assunção do espírito para regiões inexploradas não consegue mais gerar o maravilhoso, que caracterizava [as] viagens atlânticas do século aludido; não há mais, na baía de Guanabara, Villegagnons alucinados; nem Orellanas a percorrer doidamente os desertos americanos, do pampa ao Amazonas; nem Anhangüeras a perfurarem o sertão; nem turgimões tão ferozes como caetés a devorarem brancos para se mostrarem mais bárbaros do que a própria barbaria; não há, enfim, o homem diluído pela longitude da pátria, a retrair-se aos tipos inferiores de sua raça em um naufrágio psíquico dissolvente e horroroso.

Em compensação, porém, como fato correspondente, temos Ramalho Ortigão, de volta para a Europa, achando Lisboa estúpida, e os poetas da nova geração brasileira, os novos romancistas que surgem, rebolcando-se no azul e na luz tropical, em um estilo doido de côres, de tintas gritadoras, ungindo-se, na sua proverbial indolência, nuns tons orgiásticos de imaginação inominada.

Tudo isto tem explicação. Diz Rufz de Lavison, em seus estudos históricos sôbre a Martinica, que

> O primeiro efeito do clima das Antilhas sôbre o recém-chegado é uma espécie de excitação geral, que produz um sentimento de fôrça e de atividade extraordinário; tôdas as distâncias parecem-lhe pequenas, não há fadiga que não seja afrontada afoitamente; os do país, contudo, riem-se à socapa de tanta efervescência, certos, como estão, da sua duração efêmera; com efeito, passados dias, êsse ardor se tem extinguido, o corpo torna-se pesado, as funções enlanguescem; a cabeça cai e os exercícios intelectuais fazem-se difíceis. Dir-se-ia que, à medida que o sol se

ergue sôbre o horizonte, também se levanta um vapor e uma embriaguez pesada, que perturba o pensamento; surge a necessidade do repouso, vem o horror ao movimento; o estrangeiro deixa de sorrir e, como o nacional, não tem atividade senão por sobressaltos, agitadamente, acompanhada de transpiração, de uma sêde inextinguível.

Antilhas ou Rio de Janeiro são uma e a mesma coisa; e o Dr. G. Treille, comentando êste trecho curioso, no seu livro *Aclimatação dos Europeus nos Países Quentes* declara que a frase de Rufz vai além de uma alegoria de letrado, que êsse autor não faz senão dar forma literária a um fato evidentemente palpável.

Não são só os aspectos feéricos da natureza intertropical que embebedam o homem. Os vapores de água atmosférica têm um corpo nas regiões pré-citadas, "e, como um satélite do Sol, o seguem em sua marcha, com uma fidelidade rigorosa". Há horas do dia em que o brasileiro, ou o habitante de cidades como o Rio de Janeiro, é um homem envenenado pelo ambiente. A falta de tensão do oxigênio tortura-o desmesuradamente; a sua respiração ofega, e a imaginação delira numa deliciosa insensatez equatorial.

E nestas horas é justamente que o comércio se agita, que, na bôlsa, as transações se fecham, que as repartições trabalham, que, nos escritórios de advogados, nos tribunais, convolve-se a chicana, que na Rua do Ouvidor se intriga, se namora, que nas redações dos jornais se escreve, se faz política, se literatiza. Agora, responda-se francamente: nessa constante *surmenage*, quando os corpos, atrelados a uma imaginação superexcitada, a todo o instante gravitam para o leito, há estilo que resista, há correção que se mantenha?

O tropical não pode ser correto. A correção é o fruto da paciência e dos países frios; nos países quentes, a atenção é intermitente. Aqui, aonde os frutos amadurecem em horas, aonde a mulher rebenta em prantos histéricos aos 10 anos, aonde a vegetação cresce e salta à vista, aonde a vida é uma orgia de viço, aonde tudo é extremoso, e extremados os fenômenos; aqui, aonde o homem sensualiza-se até com o contato do ar e o genesismo terrestre assume proporções enormes, vibrando eletricidade, que em certas ocasiões parece envolver tôda a região circundante em um amplexo único, fulminante, — compreende-se que fôra de tôdas as coisas a mais irrisória pôr peias à expressão nativa e regular o ritmo da palavra pelo diapasão estreito da retórica civilizada, mas muito menos expansiva.

O estilo, nesta terra, é como o sumo da pinha, que, quando viça, lasca, deforma-se, e, pelas fendas irregulares, poreja o mel dulcíssimo, que as aves vêm beijar; ou como o ácido do ananás do

Amazonas, que desespera de sabor, deixando a língua a verter sangue, picada e dolorida. É êsse estilo desprezado pelos rigoristas que justamente me apraz encontrar na mocidade que agora surge no Brasil; e se há um escritor capaz de incorporá-lo a uma literatura nascente, como é a nossa, imprimindo-lhe direção salutar, isocrônica e frutificante, êsse escritor é o autor d'*O Mulato*, em cujas páginas já encontram-se audácias dignas dos melhores, e que, nos capítulos inéditos d'*O Cortiço*, vai derramando todo o luxuriante tropicalismo desta América do Sul.

Emigrando para o Brasil, o naturalismo não podia deixar de passar por uma modificação profunda.

Zola, neste clima, diante desta natureza, teria de quebrar muitos dos seus aparelhos para adaptar-se ao sentimento do real, aqui. O fato é intuitivo, e eu direi porquê. A concepção do mestre, os seus métodos de expectação, os seus processos experimentalistas, tiveram em vista uma sociedade decadente, de natural tristonha, que decresce, míngua dentro das próprias riquezas, perante sua antiguidade, cansada, exausta, senão condenada a perecer. No Brasil, o espetáculo seria muito outro, — o de uma sociedade que nasce, que cresce, que se aparelha, como a criança, para a luta. Ora, nada mais natural do que uma inversão nos instrumentos. Um cadáver não se observa do mesmo modo que um ser que ofega de vigor.

Aluísio Azevedo, constituindo-se o corifeu do naturalismo em sua terra, não cometeu o êrro de copiá-lo servilmente; êle compenetrou-se, primeiro, do espírito da revolução operada pelo mestre; mas, orgânicamente diferente de Zola, impelido pela fôrça de sua índole, talvez mais do que êle pensa, enveredou pela trilha única que o há de levar ao acampamento triunfante.

Quanto não se ilude a gentil escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, pensando que o romancista brasileiro vai, caminho dos tristes, vítima do impaludismo do Rio de Janeiro e da anemia intertropical, cultivar o pessimismo que bafeja os elementos gastos do velho continente! Engana-se redondamente.

Nesta terra, a languidez dos anêmicos produz o lirismo de Casimiro de Abreu; mas também os sanguíneos, que se refazem na higiene e escapam ao torpor, quando nada, ou são loucos furiosos, ou vivem em uma perene embriaguez de luz, de azul, de crepúsculos rubros, de felicidade tropical, que é, na frase engenhosa do meu amigo Capistrano de Abreu, a dos lagartos verdes, dos camaleões, nos dias claros, de sol límpido, subseqüentes às grandes trovoadas.

O naturalismo, ou se subordina a êsse estado de coisas, ou se torna uma planta exótica, — de mera curiosidade. A nova escola,

portanto, tem de entrar pelo trópico de Capricórnio, participando de tôdas as alucinações que existem no fermento do sangue doméstico, de todo o sensualismo que queima os nervos do crioulo. O realismo, aclimando-se aqui, como se aclimou o europeu, tem de pagar o seu tributo às endemias dos países quentes, aonde, quando o veneno atmosférico não se resolve na febre amarela, no cólera, transforma-se em excitações medonhas, de um dantesco luminoso.

A fórmula que melhor nos cabe para exprimir a nova fase literária não pode ser senão esta: — *O naturalismo brasileiro é a luta entre o cientificismo desalentado do europeu e o lirismo nativo do americano pujante de vida, de amor, de sensualidade*.

É da limitação apenas das tendências dessa mestiçagem, reconhecida por todos que têm estudado o problema do nosso nacionalismo; é dessa, e não de outra limitação, que tiraremos tôda a nossa fôrça, tôda a nossa segurança, e riquezas literárias.

Um realismo quente, em oposição a um realismo decadente, frio; a realidade do lirismo ou o lirismo da realidade, como mais apropriado entendam. Não há fórmula que mais convenha ao nosso crescimento atual, principalmente agora, que, pela fôrça imigrantista, o Brasil começa a sentir o movimento de deslocação, como um grande paquiderme que estêve longamente em repouso. Tudo estremece, o anseio de andar circula com estrépito.

Aí vêm, em massa, os italianos. Essa gente, que tem no sanque tôdas as artes e nos nervos a violência de Maquiavel, — essa gente, palpitante e frenética, chega a tempo para nos ensinar a observar *con amore* as nossas próprias coisas, a nos imbuirmos delas, aparelhando as *máquinas sensacionais* com que serão projetadas sôbre o mundo as idéias e os sentimentos de uma região inexplorada. Aí já estão os filhos da nova raça, e, dos cruzamentos felizes, os Bernardellis e outros, a cujo influxo de amor pela terra, pela vida brasileira, já devemos um princípio de coisas grandiosas.

Se é verdade o que diz Leon Metchnikoff, que os tempos modernos se caracterizam pela notável preponderância dos Estados oceânicos; se também é verdade, como pondera o mesmo autor, que a *época atlântica* findou com "a febre de ouro da Califórnia", com os triunfos dos inglêses na Austrália, dos russos no rio Amur, com a abertura da China e a civilização do Japão; não é menos exato que, iniciando-se o que êle denomina *época universal*, para o Brasil começou, incontestàvelmente, o processo da integração, — processo êste que se denuncia agora, diàriamente, pelo pensamento de autonomia que ferve em tôdas as cabeças.

Há quem julgue que o concurso imigrantista é um elemento deliqüescente para o brasileiro.

O maior engano dêste mundo. Não sabem, os que isto dizem, o que é o *entrain*.

Dez milhões de brasileiros que acordem e proclamem a sua libertação psíquica, a exemplo da atividade inteligente dos que chegam, não são uma gôta de água ou uma lágrima aposta no Oceano.

VIII

O ROMANCE NO BRASIL. INVASÃO DO NATURALISMO.

Novidades, 23-3-1888

Há ainda uma fórmula que caberia ao naturalismo brasileiro: — *o americano embriagado pelo real.* O que certos frutos, como a mangaba, por exemplo, produzem nas visceras, obtém-no a natureza quando uma raça virgem ou renovada põe as suas faculdades imaginativas em contato com o fato ou ao serviço da observação, do experimentalismo.

O Russo, insurgindo-se e bebendo o vinho do ocidente, fêz-se niilista; o californiano, que é um charivari de tôdas as raças conhecidas, está dando produtos literários sem nome em nenhuma literatura.

E o que não estará sucedendo na Austrália, no Japão moderno, no México, nas outras repúblicas espanholas, aonde o sangue do Inca caldeou-se no dos descendentes de Cortês e dos flibusteiros transatlânticos?

Quando eu medito sôbre as qualidades que esplendem em certos temperamentos mais que criticados, entre nós; quando eu me recordo de Ferreira de Meneses, um dos prosadores mais brilhantes que tem tido o Brasil; quando eu confronto o estilo de Paula Nei, sôlto pelos cafés em frases de um jogralismo eterno, com o repisado de outros, que só escrevem porque as posturas municipais não atingem estas infrações: sabem o que me acode ao espírito, lògicamente, espontâneamente? Acode-me que a literatura brasileira, nas suas manifestações legítimas, não pode, tão cedo, ser uma literatura simétrica e disciplinada, senão uma convulsão entremeada de longos períodos de repouso, de languidez. E, demais, isto não é fato recente, de longa data êste fenômeno de desordem tropical se fêz sentir.

A vida literária de Gonçalves Dias é bastante conhecida; um desordenado tropical. Os tumultos afrodisíacos da imaginação de

Castro Alves, de Varela, de Junqueira Freire, de Tobias Barreto são evidentes, mais que evidentes, para que me demore em comentá-los. O próprio castíssimo autor do *Guarani*, o criador cavalheiresco da ideal Ceci, não escapou a tais desordens; e, conquanto estas não apareçam senão furtivamente, no idílio final do seu primeiro romance indígena, logo depois rompem com ferocidade na *Lucíola*, na *Diva*, especialmente na *Iracema*, o mais quente de quantos poemas se têm escrito no Brasil.

No romance brasileiro, pode-se dizer que é esta a única tradição que se tem mantido de autor para autor, — uma tradição de instinto, porque, quanto às outras, as das formas, no Brasil são quase nulas.

Nós, brasileiros, pouco acreditamos no que fazemos. Quando, na Europa, surgia uma escola, transcrevia-se essa escola, com muito pouca assimilação [e] menos crítica.

Foi assim que vimos Teixeira e Sousa, com um talento exíguo, copiar as formas de Arlincourt, dando-nos umas novelas históricas muito frias, sem arte e incolores.

Macedo afez-se, é verdade que com grande habilidade, à maneira familiar de tratar os assuntos de Paulo de Kock.

Quanto a José de Alencar, eu não repetirei aqui o que já disse no estudo atrás citado sôbre o seu modo poético de encarar a vida e sôbre as transcrições que fêz de Chateaubriand, de W. Scott, de Cooper e, posteriormente, de Dumas Filho, Feuillet, Méry. Mais compenetrado do sentimento da *terra*, da paisagem, dos aspectos físicos do Brasil do que Macedo, menos observador da vida real e burguesa do que êste, não há dúvida que os seus livros trescalam um perfume brasílico que ninguém possuiu durante o último período.

Mas onde se escondem os discípulos dêstes mestres? Aonde os de Bernardo Guimarães e os de Machado de Assis? Uma ou outra imitação esporádica, sem entusiasmo, sem febre; porque os mais novos, como Taunay, Franklin Távora e Celso de Magalhães, seguiram os seus caprichos.

Em todo caso, era à França ou à Inglaterra que os romancistas iam buscar os seus estímulos de composição.

Em 1877, porém, ao invés do que José de Alencar fizera 20 anos antes, a nossa mocidade, a que recebeu desde êsse tempo o batismo de *Nova Geração*, encheu-se de febre pelo talento de quatro portuguêses, que surgiram, audaciosos, na literatura portuense e lisboeta: Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Guilherme de Azevedo e Eça de Queirós. O último, principalmente, exerceu, nas redações dos jornais desta Côrte, uma influência maior do que seria de esperar.

Ainda tenho presente a sensação que me causou, não o *Primo Basílio,* pois que, já em 1874, eu, então residente na província do Ceará, lera o *Crime do Padre Amaro* na *Revista Ocidental,* mas a febre de que estavam possuídos, em vista daquele livro, alguns rapazes, com particularidade José do Patrocínio, que escrevia o *Mota Coqueiro* na *Gazeta de Notícias.* Era no café de Londres, e, pela primeira vez, me apresentavam ao escritor que fazia as suas primeiras armas. Em seguida a uma ligeira conversação, passou-se à questão do dia.

— Mas qual é a questão? inquiri eu, com alguma timidez, porque, devido a circunstâncias particulares de deslocação de meio, andava à gaita em matéria de letras. — Qual é a questão?

— O *Primo Basílio!* Eça de Queirós. Uma revolução! O diabo! O realismo! Românticos *enfoncés!*

— Mas que românticos?

Foram citados alguns nomes; e eu, que não esperava tão ràpidamente esta diferenciação na literatura nacional, fiquei a pensar, mergulhado numa abstração verdadeiramente estúpida.

Os interlocutores me pareceram inebriados. Nós somos todos assim... E então os projetos choveram. O realismo, no Brasil, havia de ser descascado com uma ferocidade que assombraria ao próprio Eça de Queirós. As coisas seriam ditas com tôdas as letras: o boi, boi; o ladrão, ladrão. A natureza não tem recantos nem pudores, e aquilo mesmo que ela esconde, trar-se-ia, por desafôro, para o meio da rua. E mil outras proposições de que não me lembro agora.

Tudo isto produziu em mim o efeito de uma pilha elétrica, e o que mais me encantou, não foi o realismo em tese, mas a ebriedade que causava naquelas cabeças de mestiços e crioulos, festinantes, felizes, o fato de haverem surpreendido a natureza em flagrante delito de hipocrisia.

★

Novidades, 28-3-1888

Se bem o prometeu, melhor o fêz. José do Patrocínio, no *Mota Coqueiro,* atirou-se para a frente com tôda a gana do impressionado. Vê-se, incontestàvelmente, em mais de um capítulo do livro, aliás escrito *au jour le jour,* que só lhe faltou liberdade para chegar às maiores exagerações da escola. O romance era uma reminiscência da vida do autor em Campos, tinha sido por êle vivido em quase tôdas as suas partes; vinha, portanto, impulsionado pela *verve* do entusiasmo daquilo que se chama a vida ressurgida.

Nestas condições de fôrça, e a avaliar pelas cenas admiráveis de luz, de calor, de verdade, que se encontram em mais de um lugar do livro, é bem provável que o *Mota Coqueiro* tivesse sido um romance terrível, se não o coagissem as conveniências do rodapé do jornal para o qual era composto.

Êste susto, porém, teve o mais largo [?] n'*Os Retirantes*, livro escrito pouco depois, em vista dos fatos que formam o seu objeto e debaixo de intuitos premeditadamente realistas. Como todos sabem, *Os Retirantes* são a história da última sêca do Ceará. O autor embarcou-se um dia para ir estudar o fato no próprio teatro dos acontecimentos, e, quando voltou, ainda tomado pelas emoções da viagem, travou da pena e lançou no papel essa odisséia da fome.

Não havia assunto que se prestasse mais às fúrias de um realista de raça do que essa catástrofe sem nome, aonde todos os espécimes da miséria e da degradação humana tiveram o seu lugar e a sua notação especial. Baste-me dizer que família houve, no sertão, que, abandonando os seus penates em janeiro de 1888, cheia de orgulho, de honradez e de prejuízos nobiliárquicos, chegasse, meses depois, nos abarracamentos da capital com as noções da honra, da dignidade e até da família completamente obliteradas, vendo-se então, meninas de 14 e 15 anos, despudoradas como perfeitíssimas alimárias, vendendo por 40 réis favores quase cheirando a sepultura.

Não obstante tudo isto, o romance de José do Patrocínio deixou-me frio. A razão é óbvia. Êle não vivera a vida daquelas cercanias, como o fizera com a de Campos; depois, não fôra o romancista, o fotógrafo, que se comissionara à terra que êle mesmo chamou *Terra da Luz*. Quem escreveu *Os Retirantes* foi o orador, e o orador apaixonado, que chora, sensibiliza-se quando tem de escrever, exalta-se, enfurece-se quando deve observar.

Ora, êsse defeito, que impediu o autor do *Mota Coqueiro* de fazer uma obra de verdade, prejudicará por longo tempo o seu talento de romancista.

A êle próprio ouvi dizer uma vez, a propósito do êxito do seu primeiro livro, — que nascera para advogado.

— Hei de levantar os fracos e reabilitar os mortos! Esta é a minha sina: — *Debellare superbos.* Já me dediquei ao *Mota Coqueiro*. Agora, aos outros infelizes!

O traço, portanto, dêsse mestiço, com todos os seus defeitos, tôdas as suas fraquezas, é a paixão do apostolado; e o abolicionismo o viu, desde o primeiro dia, feroz até as loucuras de Heliogábalo, melífluo, terno até as deliqüescências da mulher.

Compreende-se que não são estas as melhores qualidades para um descritor consciencioso da vida. Uma eloqüência castellariana, latina, queimada pelo sangue africano, quando muito, pode, no romance, dar um Conde de Tolstoi, o [sic] brasileiro.

Imagine-se que, quando êsse moço sobe à tribuna, é um convulsionário. Sua voz adquire tôdas as modulações possíveis; e, apesar do vulgar de sua figura, o orador transforma-se, passando por tôdas as tonalidades da alma humana. As elações do gênio ariano deslumbram-no por um instante, arrebatando-o às regiões encantadas do *Walhalla* ou ao *Nirvana* búdico; de súbito, porém, a alma eletrizada transporta-se para os desertos africanos; a palavra, então, desesperada, agacha-se, toma os esgares do tigre, mosqueia-se e salta sôbre a prêsa, para dilacerá-la inconseqüentemente, só pelo amor do sangue; e depois, não tarda — bizarra criatura ! — que êsse mesmo poeta oriental, êsse mesmo tigre do Saara tome a barra do trampolim, besunte o rosto de giz, para colear como uma serpente ou cambalhotar no espaço como um *clown* sorridente.

Comprimir qualidades tais, sem perdê-las quase tôdas, em um romance, julgo coisa dificílima, senão impossível de realizar. E eis a razão por que *Os Retirantes*, onde se encontram páginas de uma eloqüência extraordinária, requisitórios como melhores não se lêem nas *Causas Célebres*, não apresentam na parte descritiva e na ação, aquilo que mais se deseja em uma narração episódica da vida.

Os primeiros capítulos, principalmente, ressentem-se de um pessimismo zolesco muito e muito rebuscado. O livro angustia-se na preocupação da escola; a vida do sertão aperta-se entre calhas, como as águas do S. Francisco na Cachoeira de Paulo Afonso; a povoação do interior perde o seu caráter próprio, para deixar-se ver, não através do temperamento do autor, mas dos processos e das tintas do mestre. Como que as cenas, que nós, cearenses, conhecemos tanto, ali se passam por entre um cinzeiro impenetrável, tendo a vida perdido a sua rotação natural.

Os talentos não se afastam impunemente da sua trajetória original.

Um autor nascido para a sensação não conseguirá nunca libertar-se dessa sensação. A sua obra, a sua verdadeira obra, será a floração dessa semente profundamente plantada pela herança em sua alma. É-lhe vedado trabalhar sôbre fatos concretos. Subordinando tudo quanto se passa diante de si a um subjetivismo feroz, os autores dessa natureza não podem viver por si, senão pela su-

cessão de fenômenos sociais, pelas sugestões, mais ou menos intensas, que provocam os acontecimentos, os desastres, os ódios pessoais, as influências amigas, os ruídos festivos e a mulher.

[Não foi possível localizar um exemplar de *Novidades*, de 2 de abril 1888, onde apareceu o trecho final do capítulo VIII do presente estudo.]

IX

TENDÊNCIAS DE ALUÍSIO AZEVEDO. EÇA DE QUEIRÓS, *O MULATO*. *CASA DE PENSÃO*. *O CORUJA*. CONCREÇÃO. *O HOMEM*.

Novidades, 5-4-1888

Disse anteriormente que a aparição d'*O Mulato* marcava uma época na história do romance nacional, porque êste livro, apesar dos hiatos que podem ser apontados, revelou logo uma vocação instintivamente orientada para o naturalismo.

Verdade é que a leitura d'*O Mulato* deixa uma impressão ambígua de escolas diferentes; mas êste fato explica-se perfeitamente pelas condições de atualidade do espírito de quem o compôs, pela virgindade das faculdades que entraram na fatura da obra. Aluísio Azevedo não via em roda de si senão românticos; e tôdas as manifestações da arte brasileira impregnavam-se ainda, profundamente, ou do indianismo notável, que distinguiu Gonçalves Dias, ou da morbideza de Casimiro de Abreu, ou das audácias hugóicas de Castro Alves. Para que êle pudesse romper essa crosta e saísse do *in pace* literário, da indolência artística em que vivíamos, seria necessário que o seu intelecto tivesse sido muito cedo iniciado nos mistérios eleusinos da autocrítica. Um fato bastou, porém, para arrancá-lo a êsse estado e atirá-lo repentinamente em um novo mundo de sensações. Êsse fato foi a divulgação dos *Rougon-Macquart*, pela publicação do *Primo Basílio*, de Eça de Queirós.

Aluísio estava, então, no Maranhão, redigindo um periódico literário, empenhado em uma campanha picaresca contra os padres da sua aldeia, que procuravam pôr freio aos haustos febricitantes de entusiasmo de alguns moços. A imaginação do romancista estava, portanto, em eretismo, e nas condições mais favoráveis para receber um impulso benéfico. O *Primo Basílio* proporcionou-lhe, assim, o seu — *anch'io son' pittore*. Contudo, êsse impulso devia seguir as leis da natureza, que *não faz saltos*. O *Mulato* saiu

do espírito de Aluísio Azevedo como a borboleta da crisálida: êsse livro foi uma transformação rápida, em idade própria e juvenil, acompanhada de tôdas as nuanças e vacilações que não dependem da fôrça, mas dos antecedentes próximos, do automatismo adquirido.

Há instantes em que se duvida que *O Mulato* seja uma obra naturalista, tantas são as ressonâncias das leituras e impressões primitivas; como que o romance se formara por estratificações muito visíveis; logo adiante, porém, a originalidade do autor ergue-se vitoriosa para impor-nos a sua visão de naturalista brasileiro, com uma *verve*, uma intensidade de colorido, que não deixa dúvida sôbre a direção de suas faculdades. E foi precisamente essa novidade de vistas que me obrigou, em 1882, na *Gazeta da Tarde*, a dizer que sentia no estreante "um arrastamento indicativo de fôrça, de fôlego, de pulso", "um *joyeux garçon*", "um temperamento jucundo, cheio de bonomias, idêntico a si mesmo", e, mais que tudo, uma tendência para libertar-se logo dos grilhões da escola, eliminando cedo as superfetações de estilo que lhe impusera o modêlo procurado. *

Aludo a Eça de Queirós, e, com efeito, a influência que êste gentilíssimo escritor exerceu no autor d'*O Mulato* foi considerável, se atendermos que ela não chegou-lhe até a alma, mas sòmente até as raízes da expressão literária. E não podia ser por menos, porquanto dois autores só se penetram completamente quando há entre os mesmos identidade ou proximidade de temperamento. Ora, Eça de Queirós, pelo sentimento, está tão longe de Aluísio como o Rio de Janeiro de Lisboa. As respetivas zonas mentais têm fauna e flora de todo diferentes.

Para fazer melhor compreender o meu pensamento, cumpre dizer que Eça de Queirós, sendo, de todos os escritores portuguêses, aquêle que mais perdurável impressão deixou em meu espírito, é, também de todos, o que mais se tem afastado do eixo da raça a que pertence. Em tudo oposto ao vernáculo Camilo Castelo Branco, leve, alígero, vibrátil como um junco, francês pela delicadeza da palhêta, tão meridional como Daudet, tão finamente sarcástico como os que mais o sabem ser, êsse singular romancista não oculta as nostalgias que o devoram de uma pátria perdida, que, seguramente, êle não conseguiu distinguir nas brumas das suas origens nobiliárquicas.

De que ponto da peninsula teriam vindo os avoengos dêsse artista, tão pouco parecido com os bons Filintos, os Herculanos e os Castilhos? Não sei; mas o que garanto é que êsse poeta é um fe-

* Aqui, no original, havia aspas, que, entretanto, não se abriam; a menos que devessem começar em "uma tendência".

nômeno étnico de Portugal, que desmente tôdas as afirmações da raça, desde Gil Vicente até Guerra Junqueiro. Um autor que adoece quando compõe, que feminiliza-se quando escreve, que tem ferocidade de colibri quando empunha o escalpêlo, que transforma as páginas dos seus livros em pilhas elétricas inextinguíveis, que converte a leitura dos seus dramas íntimos em uma hipnose sem nome: êsse autor pode ter nascido onde quiser, mas a sua pátria é Paris, e os ascendentes do seu estro são os impressionistas sutis de todos os tempos.

Um escritor que escreve por acessos, que se exalta diante do real, que sofre eclampsias quando dilui as suas tintas, e que, por êsse processo de hiperestesia da imaginação, chega aos resultados que todos conhecemos, ao convulsionamento do espírito do leitor, será um caso esporádico na sua terra, nunca um genuíno português; pois que êste, de ordinário, é sóbrio, medido, e, embora triste, como já em seu tempo notava Plínio, conserva sempre uma gravidade soturna, um passo tardio, e uma capacidade prudente acentua o seu lirismo pela forma de Quental, manifesta as suas audácias pelo tom de Guerra Junqueiro, apura a sua melancolia pelo modo de João de Deus.

Tão verdadeira me parece aquela asserção sôbre o caráter singular de Eça de Queirós, que não recuso acrescentar que as suas páginas menos felizes são justamente aquelas em que o escritor procura sistematizar com insistência nefanda um cacoete de sensibilidade minhota. Aí temos *A Relíquia*, um dos seus livros de estilo mais perfeito, aonde o colorido e o vigor do pincel se manifestam com mais esplendor; nenhum, porém, trai com tamanha condescendência a preocupação bordalenga, longamente incubada, daquele vício nacional. Através do lirismo, dos rendilhados e arabescos do in-8.º, há um estribilho danado, que fere os nervos e desespera um brasileiro, — é a contínua lembrança do *portuguesinho valente* de Alexandria e daquela camisa de mulher, cujo *odor di femina* persegue-o até a última página da obra.

Não obstante a má aplicação do momento, êsse sistema de estribilhos constitui, não só no plano geral dos livros, como em cada situação dos romances, um dos mais maravilhosos recursos de que se serve Eça de Queirós para impressionar fundo o espírito dos seus leitores. Não sei se é uma originalidade sua, ou se êle o aprendeu na *Gênese de um Poema* (análise do *Corvo)*, de Edgar Poe, ou nas baladas de Uhland, transcritas para a vida quotidiana pelo gênio sarcástico de Henrique Heine. O que é certo é que, quando li pela primeira vez *O Crime do Padre Amaro*, muito antes do advento ruidoso d'*O Primo Basílio*, no tempo em que pouco nos preocupávamos com a escola realista, êsses estribilhos me causaram uma im-

pressão tão acre, que ainda hoje guardo alguns dêles associados às cenas mais pungentes da história.

Lembro-me, por exemplo, do intermitente chiado da chaleira da cozinha do presbitério, repetido no fim de cada página do livro, durante tôda [a] descrição da angustiosa erupção afrodisíaca dos amôres do Padre Amaro; * e essa impressão associou-se tão inolvidàvelmente às cenas em questão, reagindo, pelo contraste, sôbre elas, que não posso afirmar o que mais conseguiu ferir a minha imaginação, se o pungitivo real do drama, se o artifício do poeta incomparável.

Por todos êstes motivos verifica-se qual o grau de diferença existente entre o romancista português e o romancista brasileiro.

Sendo pouco racional que Aluísio Azevedo acompanhasse o autor d'*O Primo Basílio*, o que sucedeu foi libertar-se ràpidamente o estreante de processos psicológicos que tiravam ao seu talento a largueza para a qual nascera. Um despreocupado de ordinário não serve para as desfibrações de caracteres requintados. Se usa da psicologia, é a psicologia das multidões.

Não conheço a vida de Aluísio durante os seus primeiros anos; mas, pelo que me informam, aos 15 anos êle já escrevia as suas aventuras e as iluminava com desenhos próprios, que valiam mais do que o texto. Sei também que o romancista d'*O Homem*, antes de se fixar na província literária, aonde presentemente colhe novos louros, buscou o caminho da arte na pintura e, especialmente, na caricatura. Em 1875 encontramo-lo colaborando com o seu lápis no *Fígaro*, na *Comédia Popular*, no *Mequetrefe* e no *Zig-Zag*.

Esta precedência da caricatura sôbre o romance tem, para mim, uma importância particular, porque explica desde logo o caráter do seu talento e põe a descoberto todo o eixo do seu espírito. Quem se mostra apto e prefere, nos primeiros anos, as manifestações desta ordem a qualquer outra, denuncia, incontestàvelmente, uma tendência direta para o concreto; e se essas tendências localizam-se na caricatura, é fora de questão que, quem assim se estréia, tem no mais alto grau o espírito de observação ligado ao mais cabal sentimento do real e das suas máquinas de expressão.

Um caricaturista, antes de tudo ter para que o seja, precisa a presciência das *arestas* dos caracteres, para que as possa pôr em relêvo ou exagerá-las. Tais arestas são, quase sempre, muito pouco perceptíveis e confundem-se com as vulgaridades do tipo humano;

* Êste trecho estava, no original, carregado de erros tipográficos e empastelamentos.

é necessário, portanto, uma faculdade especial para desenvolver aos olhos dos outros aquilo que se aparenta sob formas chatas e quotidianas.

Na caricatura, pois, Aluísio Azevedo asseverou a natureza do seu talento e descobriu o segrêdo da fatura do romance.

Daí para a descrição das massas não havia senão um passo: pondo a serviço dessa capacidade os seus dotes de visionário de complexidades e de largos aspectos exteriores, não lhe custou chegar à composição d'*O Mulato*. Para obter a confirmação dêste asserto, não é necessário mais do que examinar algumas páginas do livro.

★

Novidades, 7-4-1888

Nas primeiras páginas d'*O Mulato* lê-se a seguinte característica descrição:

> A cidade de S. Luís do Maranhão parecia adormecida em um forno quente, — as paredes tinham reverberações argentinas; as pedras da rua escaldavam; as vidraças faiscavam ao sol, como enormes diamantes; as fôlhas das árvores nem se mexiam; as carroças de água, pesadas e ruidosas, passavam com grandes e sonoros estalos nas pedras da rua, e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem cerimônia as casas, para encher as banheiras e os potes.
>
> Em certos pontos da cidade não se via viva alma na rua, — estava tudo concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.
>
> A Praça da Alegria tinha um aspecto fúnebre e hipocondríaco, — estava solitária, triste; de um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer armadores enferrujados de rêde, e uma voz tísica e aflautada de mulher cantar em falsete *A Gentil Carolina Era Bela;* de um outro lado, uma preta velha, vergada por um imenso tabuleiro, sujo, seboso, cheio de sangue coalhado e coberto por um enxame de môscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico — Fígado, rins e coração! Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças, nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar os quadris maternos, com as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada, os ventres salientes e amarelos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado e com o enorme chapéu-de-sol aberto. Os cães, estendidos nas calçadas, tinham gemidos humanos, sensuais, e movimentos irascíveis, — mordiam frenèticamente o ar, querendo trincar os mosquitos. Ouvia-se apregoar ao longe — Arroz de Veneza, mangas e limões.
>
> As quitandas vazias fermentavam um cheiro acre de sabão da terra e aguardente; o quitandeiro, assentado sôbre o balcão, cochilava seu aborrecimento pesado e morrinhento, acariciando o enorme pé descalço e espalmado.

> Da praia de Santo Antônio enchia a cidade um som monótono e invariável de uma buzina, que anunciava peixe; para lá convergiam, apressadas e cheias de interêsse, as peixeiras, negras, com os tabuleiros na cabeça, rebolando os grandes quadris trêmulos e as têtas opulentas.

Pelas tintas, pelo colorido nativo, pelos efeitos engenhosamente dispostos nesta tela, pode-se avaliar tôdas as mais que se acham profusamente dispostas pelo livro; por elas é fácil distinguir que a qualidade predominante de Aluísio é a notação dos acidentes em globo. E o artifício que se observa na descrição é justamente o que assinala a importância geral do romance. Exetuando uma ou outra tirada biográfica, uma ou outra análise interior, o que avulta n'*O Mulato* é o tumulto das figuras, que não são poucas, a rapidez das cenas, a variedade das reações de personagem a personagem e a movimentação dos cenários que se sucedem.

É verdade que há, no livro, uma coisa que de vez em quando empece a propulsão das máquinas, é o espírito da crítica, de que estava mais que muito saturado o romancista, quando se propôs a escrevê-lo. Aluísio Azevedo tinha-se escandalizado com a terra, e, não tendo outro modo de meter-lhe os seus vícios e os seus ridículos pelos olhos, atirou-lhe à cara êsse tipo do Raimundo, um mestiço inteligente, rico e formado, que se encarregou de pôr à prova os seus prejuízos e cacoetes. Não obstante isto, o pequeno Raimundo, formado pelo cônego Diogo, pela histérica Ana Maria, pelo cacête Freitas, pela incomparável e espevitada velha D. Bárbara, pelo português Luís Dias, pelo pachorrento comerciante Manuel Pedro e outro mais, está, no romance, tão cerrado, os figurantes tão ligados ao meio maranhense em que se agitam, que não é possivel separá-los na imaginação: — constituem um todo inteiriço, muito lógico, muito natural.

Depois da brilhante estréia d'*O Mulato* (1881-1882), o autor andou a satisfazer a avidez dos leitores de rodapé, escrevendo as *Memórias de um Condenado* e *Os Mistérios da Tijuca*, vazando-os, embora com muitas restrições, nos moldes de X. de Montépin e de Ponson du Terrail. Durante êste período, perguntei-lhe, por mais de uma vez, se lhe aprazia assanhar essa fera chamada — público, — atirando-lhe pedaços de carne crua e ensangüentada, como costumam fazer os domadores, para mostrar mais realçadas as suas qualidades dominadoras. A resposta a estas e outras injunções foi o aparecimento de *Casa de Pensão*.

Quanto a mim, até o momento atual, é esta, dentre as obras de Aluísio Azevedo, a que mais cabalmente afirma a sua *vis* na-

turalista e descritiva. Todos os talentos denunciados n'*O Mulato* aí aparecem no estado adulto, senão em quase completa maturidade.

O autor começa entrando logo em cheio na ação do seu romance e, uma vez penetrando no círculo em que vivem os seus personagens, não se afasta mais dêles, como que saturado de todos os elementos constitutivos do ambiente físico e moral da famosa casa de pensão, assunto do seu livro. Como trabalho de observação, o romance tem tudo quanto é lícito desejar em uma composição desta ordem; fundando-se em um fato verdadeiro, que a cidade do Rio de Janeiro presenciou há anos, compreende-se que a lógica dos caracteres mais dramáticos dessa história não podia falhar; tendo, além disto, o romancista vivido em estabelecimentos da natureza do que descreve, estava perfeitamente habilitado a dar tôda a unidade possível à vida do grupo humano que se encarregou de estudar. Sob êsse ponto de vista, a *Casa de Pensão* afigura-se-me a psicologia em ação de um dos mais originais produtos da vida fluminense.

Os vícios, em sua difusão e impalpabilidade genérica, muito dificilmente podem ser apanhados e dissecados pelo anatomista e fisiologista. Os indivíduos surgem aos milhares; muitas vêzes são imponderáveis. Não assim quando êsses mesmos vícios se agrupam, se sistematizam e tomam uma côr particular, gritadora, que percute a vista e subleva o coração. É o que sucede com a casa de pensão. Não pensem as pessoas que para ali entram que podem dispensar uma iniciação, nem que escapam às influências deletérias do seu ambiente. Estabelecimentos tais têm vida própria, coletiva, embora; têm suas leis de movimento; aquêle conjunto produz uma moral; os vícios predominantes apuram-se; os cacoetes organizam-se e entram em greve para oferecerem combate aos resolutos e para esmagarem os inespertos.

Acresce a essa impressão, resultante da leitura do livro de Aluísio Azevedo, que certas casas de pensão são também repositórios de personagens vindos de todos os pontos da cidade e de tôdas as províncias do Império, com exceção de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro. Caixeiros, famílias equívocas, estudantes, artistas, aposentados, professôres, tudo ali se encontra em comunhão; e o edifício em que se montam os aparelhos dêsse minotauro assemelha-se, em momento dado, a um verdadeiro tombadilho de paquête transatlântico, aonde o anonimato toma a função de estreitar as relações pela imaginação, passando o coração a ser uma simples víscera incumbida de fornecer sangue à cabeça, como tintas a um pintor.

É no meio dêsse anonimato de tombadilho que vem cair o maranhense Amâncio de Vasconcelos, — o herói, se assim convém dizer, — um dos heróis da história fluminense. É fácil de prever o que lhe sucederia, na sua imprevidência provinciana, nos seus deslumbramentos de rapaz, nos seus ardores de nortista.

Meteram-lhe pelos olhos uma menina coquete, pobre, viciada; e êle caiu. O minotauro o devorou. Defloramento, exploração, polícia, processo, barulhos na imprensa, marchas e contramarchas da opinião, visto tratar-se de pessoa de alguma qualificação; e, por fim, um desastre com que a desmoralização dos costumes não contava: — um assassinato praticado por um irmão ultrajado, tarde e a más horas, — uma marrada de touro velho aperreado, que passara despercebido.

★

Novidades, 11-4-1888

Êsse drama, em que o papel mais ingênuo cabe a um rapaz sensual, ávido das novidades da terra, e o mais astuto a uma menina pervertida, que se converte em instrumento dócil nas mãos de um irmão sem caráter e de uma cunhada interesseira; êsse drama de repugnante proxenetismo, que termina por uma cena de sangue na alcova de uma cocote, não passa por diante dos olhos do leitor nu, desataviado, sem ligações, como se se tratasse apenas de satisfazer uma curiosidade de morbidade ou de desenvolver um capricho de imaginação. A *Casa de Pensão* é um microcosmo; todos os elementos que o constituem, por um processo felicíssimo de cerebração inconsciente, atraem-se, repelem-se, aglutinam-se, e dão, por último, uma sensação que pode muito bem ser comparada à reminiscência, em dias febricitantes e de hiperestesia mnemônica, de sucessos presenciados em alguma parte.

Ali não há teses, nem demonstrações. Os personagens valem uns pelos outros; encontram-se e relacionam-se naturalmente, impelidos pela fatalidade do meio; e não se perfilam, não se curvam, como nos romances antigos, à maneira de serventes humildes, aplainando o caminho do *herói*, desempenhando uma função no enrêdo, guiando dòcilmente a ação a um fim preconcebido, embora com sacrifício das linhas principais dos respetivos caracteres. Tudo, nesse magnífico romance, une-se espontâneamente, para os efeitos visados pelo autor. Os diversos quadros dispõem-se como verdadeiras *épuras;* e a cena de uma página resolve-se na da página seguinte, sem o mínimo sobressalto, sem a mais leve violentação da

nota. E quando o livro não vivesse pelo perfeito do conjunto, bastaria, para salvá-lo, a descrição (cap. X) do que é uma noite climatérica passada em uma casa de pensão. Tôdas as sensações possíveis estão aí estereotipadas; tôda essa vida coletiva de um interior psicològicamente insalubre sente-se palpitar a cada instante em haustos de monstro mal-dormido.

Ora são os passos furtivos dos namorados, que se esvaem estreitados nas sombras; ora os cochichos do coqueiro de Mme. Brizard, em suas espionagens de locandeiros ou em seus planos de gauderice; ora os suspiros de uma histérica que sonha com amôres impossíveis e rasga as entranhas nos impudores solitários; ora os orgasmos insaciáveis de uma Lúcia Pereira, que põe o gênio em evidência diante da indiferença malandra de um marido fictício; ora as expectorações de um tísico desenganado, que afina os seus sofrimentos com os arpejos da rabeca do músico da vivenda e com os protestos dos que não podem dormir; — tudo isto e outras coisas mais, que obrigam um inquilino sério a classificar, em momento de mau humor, essa casa como um zungu insuportável, comunicam ao leitor impressão tão intensa, relativamente à vida descrita naquelas páginas, que é impossível fugir a uma inteira familiaridade com essa gente de variada espécie. Que se vive nesse livro, eis um fato incontestável; e, do meio para o fim, a ilusão é tão completa, que surge quase a esperança de encontrá-los, todos ou alguns dêles, nas ruas da cidade.

Tão feliz não foi Aluísio Azevedo na confecção d'*O Coruja*.

Sem embargo do muito movimento que existe nesse romance e das qualidades descritivas do livro, é evidente que, desde o comêço da sua elaboração, houve um elemento que embaraçou a expansão natural e efetiva das faculdades do autor: a preocupação de uma tese. Aluísio Azevedo imaginou um charlatão inteligente e feliz, por um lado, e um caráter de homem laborioso, honesto, sincero e delicado, por outro; mas imaginou-os, como é fácil de prever, em abstrato. Feito isto, tratou de encarná-los em figuras mais ou menos aceitáveis, fragmentàriamente obtidas da observação quotidiana; e então pensou consigo fazer com que êsse charlatão ousado, que no romance tem o nome de Teobaldo, se levantasse, brilhando, satisfazendo ambições, correndo nas asas da fama, sustentado apenas pelo gás que lhe fornecia essa toupeira científica, êsse investigador paciente, por uma irrisão da sorte, conhecido na sociedade pelo apelido de Coruja.

É verdade que, no mundo em que vivemos, existem muitos plagiários e exploradores como Teobaldo e muitos explorados como o Coruja; mas tudo isto se apresenta por fragmentos ou difundido, segundo a espécie e a ocasião; e nunca pelo modo sistemático, de tolerância absoluta, que se vê no livro. O que se segue

é que Aluísio Azevedo subordinou o desenvolvimento de sua história a um intuito demonstrativo preestabelecido; reuniu elementos dispersos sem ter direito de o fazer; construiu um romance *a priori*, contrariando a sua índole, forçando as suas faculdades. A êste constrangimento, que a cada instante se torna sensível, graças à angústia causada pela necessidade de ligar duas massas que se repelem, que se afastam, acresce uma outra circunstância, que concorre enormemente para a redução dos efeitos da narração: é a forma de memórias adotada como recurso narrativo.

O caráter do talento do autor d'*O Coruja* é essencialmente *representativo*; o seu modo próprio de fazer ver as coisas, os acontecimentos, é a reprodução do *espetáculo*. Já se vê, portanto, que, desde o momento em que êle empreenda seguir pelo caminho das memórias, das confissões, pode conseguir resultados até certo ponto; mas não tardará em saltar fora do molde, perturbando assim a harmonia da obra de arte.

Para êste gênero de composições, me parece que, entre os que presentemente ganham as suas esporas de ouro nas altas cavalarias literárias, os que se apresentam com verdadeiras e enérgicas disposições são Raul Pompéia e Domício Gama. O primeiro tem publicado contos de uma psicologia acentuadíssima, e agora mesmo acaba de assentar na *Gazeta de Notícias* os primeiros capítulos de um romance aonde, aos poucos, se começa a enxergar, por trás de uma gaze de saudade, a mão do analista mais fino, mais sugestivo; do pintor mais delicado, mais incisivo, do notador de impressões pessoais mais sobressaltado que é lícito imaginar nesta terra onde todos já por si são tão irrequietos. O outro está fadado a ser o nosso Poe. É um naturalista, porque estuda a natureza; mas um realista que vê além do que se deve ver. O seu olhar penetra fundo na anatomia, o seu ouvido vai até ao som das esferas no espaço, e, como personagem da legenda teutônica, pelo esfôrço e acuidade da observação, conseguiu sentir no ar a germinação das plantas. Para êste artista, o truque da vida desmantela-se a cada instante, e, como na objetiva do telescópio, os indivíduos apresentam-se invertidos; o raciocínio é que os coloca nos lugares em que os encontramos.

Faculdades como estas, tão diferentes da de Aluísio, são as que julgo mais adaptadas para explorarem a memória e a monografia. Profundamente subjetivistas, capazes de acompanhar e contar os movimentos de uma borboleta ou de um beija-flor que se perde na penumbra doirada de um bosque florido, a êles cabe, por isso mesmo, o martírio de seguir a psique própria ou de quem quer que seja, através de tôdas as sensações possíveis e impossíveis, previstas e imprevistas.

E também por isso posso dizer que, prèviamente, está feita a crítica a'*O Homem*.

Aluísio, neste livro, propôs-se a traçar a monografia do histerismo. Essa idéia de histerismo, já desde a Ana Rosa, d'*O Mulato*, que o tentava doidamente.

O tipo evoluiu: na *Casa de Pensão* produziu Hostênsia, a mulher do Campos, e a Nini, uma simples comparsa, mas que estrebucha em cena com os caracteres mórbidos bem postos em evidência; por fim, êsse estudo patológico, tão longamente incubado pelo romancista, terminou por explodir n'*O Homem*.

Nesse caso, Aluísio não apresenta uma notação nova no seu último romance? Não é o que eu quero dizer. Meyerbeer, o autor dos *Huguenotes* e do *Profeta*, escreveu também a *Dinora*. Todos reconhecem, porém, que o mestre, passando das grandes massas de harmonia para um tema simples e melodioso, a cada instante contrai o seu talento como no vácuo, quase *sine materia*. Os mimos, as sutilezas da arte são um acidente nos seus trabalhos, nunca o assunto de uma ópera. É a mesma hipótese do romancista brasileiro. O autor d'*O Homem* não vibra, nem pode vibrar, com tôda a intensidade das pilhas elétricas cerebrais, desde que se cinge a um ponto fixo de observação.

O Homem é, incontestàvelmente, escrito com mais cuidado, com mais estudo do que os livros anteriores. O estilo espaneja-se com uma volubilidade infinda; páginas há, audazes na forma, profundas no sentimento das coisas, que poderiam ser subscritas pelos mais conspícuos mestres na arte de narrar; e tôdas as vêzes que a monografia penetra em uma região de complexidade exterior mais acentuada, a garra do autor aparece acerada e percuciente. Baste-me citar os cenários do princípio do livro, a descrição da pedreira e o casamento na estalagem.

Não obstante tudo isto, e pela razão muito cabal de que o tipo de Magdá, a histérica, não foi por dois terços observado em natureza, mas deduzido dos casos patológicos classificados pelos médicos e confeccionado de acôrdo com uma técnica rigorosa, o que sucedeu n'*O Homem* foi dar-se Aluísio Azevedo a um labor insano, a que se teria poupado se mergulhasse a sua heroína em um ambiente correspondente e movimentado, como o da *Casa de Pensão*. Uma histérica, embora atravessando tôdas essas fases curiosas de desordens, de monomania religiosa, de coréia, de vida dupla e de erotismo, de que tratam os autores, pode oferecer grande curiosidade científica, quando estudada em seus sintomas caprichosos, e, mesmo, interêsse literário, quando descrita em suas transformações psíquicas no período obscuro e duvidoso; logo, porém, que a enfermidade declara-se francamente e a responsabilidade do per-

sonagem anula-se de todo, diante do automatismo da máquina nervosa, só há um meio de tirar-lhe a monotonia e conceder-lhe importância artística; é pô-la em antagonismo com o mundo que a cerca. Uma histérica desconhecida pode constituir-se, em um momento dado, um centro de dramas indescritíveis, — e como o barão de Hulot, de que nos fala Zola, agindo como temperamento, pode provocar — desgraças indefinidas e a decomposição de uma família.

Não foi êste, entretanto, o caminho seguido pelo romancista brasileiro, aliás o que mais convinha à sua índole e à sua maneira de atacar os assuntos. E sabem o que esta compressão determinou? Aluísio Azevedo, encontrando entre os fenômenos descritos pelos médicos o caso da vida dupla e dos sonhos contínuos, não se pôde conter mais nos moldes estreitos da monografia; asfixiado, atirou-se por essa janela aberta à sua imaginação, abandonou as deduções científicas e, do meio do romance para o fim, fêz-se de vela em um idílio soberbo, voluptuoso, quente, oriental, brilhante de tôdas as luzes tropicais, e tão pulverizado de íris como uma verdadeira embriaguez de haxixe.

Não é, pois, o romance dedutivo o gênero que mais apetece ao naturalista brasileiro.

Como já o tenho dito várias vêzes, o talento de Aluísio Azevedo tem uma orientação própria; e a sua evolução se faz fatalmente no sentido do que ficou assinalado a respeito da *Casa de Pensão*. O que seu espírito abrange e apanha com mais facilidade é a ligação dos caracteres entre si. Vide, por exemplo, com que rara felicidade êle, depois de apresentar o estudante Amâncio de Vasconcelos no Rio de Janeiro, soube agrupar em tôrno dêste personagem os objetos e as pessoas que com mais fôrça deviam reagir sôbre o seu temperamento. Daí uma aglutinação nas cenas que se sucedem, que dão aos fatos descritos um encanto indeclinável.

A vida é contagiosa. O mundo é formado por uma série de cárceres, aonde nos é impossível escapar à influência que os detentos, de ordinário, exercem uns sôbre os outros. E era por isso que Lacenaire, fazendo a autópsia de um dêsses antros, de que êle se constituíra uma das glórias, dizia — que os forçados chegavam, em seu perfeito acôrdo com o meio cínico em que viviam, a corar sinceramente quando apanhados em infrações do que se poderia chamar a *moral do crime*. [7]

Felizmente, o processo que Aluísio Azevedo empregou na composição d'*O Cortiço*, a avaliar pelo que conheço no novo livro, graças à gentileza do autor, é o mesmo que já lhe serviu na *Casa de Pensão*.

[7] Lombroso, p. 307.

O *Cortiço* será a psicologia do tumulto. Depósito de tôda a vasa social de uma grande cidade, escoadouro de todos os resíduos infetos do *high life*, não seria desarrazoado dar a essa instituição o nome de índice da vida fluminense em literatura de cordel. Tôdas as intrigas da cidade para ali correm, como os restos da vida das grandes casas e dos hotéis para o esgôto. São seus intermediários a mucama, a escrava, a lavadeira, o carroceiro, o homem do lixo, o carvoeiro, o aguadeiro, o urbano, o taberneiro, o moleque, o vendedor de peixe, o carcamano, e também o trabalho honrado, que, pela fatalidade social, ali vive, mergulhado na ignomínia da necessidade e dos maus exemplos.

O quadro é vasto, e oferece ao psicólogo elementos para uma esplêndida representação movimentada dos bastidores de um empório de vaidades, como é a Côrte do Império; e tudo augura que Aluísio Azevedo o realizará vitoriosamente.

VIAGENS DE GULLIVER

PUBLICAÇÃO NA REVISTA *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO IV,
VOL. IV, N.º 167-168, 8 ABRIL 1888, PP. 73-74

Disse-me uma vez um amigo meu que o Sr. Carlos Jansen era o menos alemão de todos os alemães conhecidos. Êste juízo quadra perfeitamente ao simpático professor do Colégio Pedro II, e não é [sem] razão que lhe atribuem uma vivacidade inteiramente francesa. Essa vivacidade é o seu principal característico; nem a idade, nem as enfermidades conseguiram roubar-lhe, ainda.

Quando o conheci, pela primeira vez, foi em Pôrto Alegre, nessa cidade brasileira um tanto germanizada, aonde residia e reside ainda Karl von Koseritz, um polemista que faz lembrar a índole de muitos escritores teutônicos acentuados, e que constitui um verdadeiro contraste pôsto ao lado de Carlos Jansen, tanto transpira nêle o espírito transrenano. A impressão que então me deixaram a inspeção de ambos e a conversação do segundo, vibrante, juvenil, matizada de brasileirismos, ainda agora dão motivo a que eu tome a pena para lançar no papel frases que lembrem um dos perfis mais interessantes da colônia alemã no Rio Grande do Sul. Naquele tempo, o atual professor de humanidades andava muito metido em negócios de administração; era inspetor de colônias e ocupava-se exclusivamente de questões de terras, de imigração e de outras questões coletivas, que, à primeira vista, davam ao personagem, antes, uma feição de homem de negócios do que de um literato emérito. Pode-se, pois, calcular qual não foi a minha surprêsa, quando, de suas mãos, recebi um forte volume, que depois verifiquei ser um romance de composição sua. Era *A Filha da Cigana*, — um livro movimentado, cheio de situações comoventes, que êle escrevera de um jato para uma fôlha diária da capital, revelando as mais pronunciadas qualidades de narrador.

Anos depois, encontrei-o nesta Côrte, entregue às labutações pedagógicas e à faina da imprensa. Como folhetinista, ilustrou por várias vêzes as páginas de *O Globo*, dando-nos crônicas muito correntias, perfeitos *coups d'étriers*, dum estilo límpido e otimista, de que só os escritores parisienses têm o segrêdo.

Ùltimamente, porém, êsse espírito vivaz e laborioso, um pouco voltado para o interêsse da geração futura, tem se dedicado com afinco digno de uma das causas que mais interessam ao país, na quadra que atravessamos. Muitos pedagogos, no Brasil, se têm preocupado com a educação moral, com a educação intelectiva, com a educação física das crianças. Nenhum, porém, ainda dera à parte da educação referente à estética todo o desenvolvimento de que é

esta suscetível. A geração que presentemente influi na direção dos negócios públicos, ou na das indústrias, é uma prova viva do quanto foi defectiva a pedagogia transata, neste ponto. A intolerância, por um lado, e a rudeza da forma geradora e tantas lutas estéreis, por outro, não dera, acaso, um dos produtos da falta de estesia que caracteriza os nossos homens?

Pois bem, o Sr. Carlos Jansen viu que, neste terreno, havia muito que respigar, e, a exemplo do que, na sua terra natal, vai-se já praticando hoje, mais por instinto do que por cálculo, começou a publicar uma série de obras de imaginação, cujo fim principal é arrancar os espíritos infantis às perniciosas histórias de lobisomens, da *negra velha* e à esterilidade das impressões do ambiente comum, para familiarizá-los com os monumentos mais compreensíveis e acessíveis das grandes literaturas.

AO SR. CARLOS DE LAET

PUBLICAÇÃO NO JORNAL *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 10 e 18 ABRIL 1888. NO SEGUNDO ARTIGO A DESTINAÇÃO FOI AMPLIADA PARA "AOS SRS. C. DE LAET E J. RIBEIRO".

Novidades, 10-4-1888

As autoridades, para as quais eu apelei na questão do *dialeto brasileiro*, forneceram ao Sr. Carlos de Laet alguns textos que parecem, à primeira vista, a condenação das minhas afirmações precedentes. Examinando, porém com mais cuidado, a *jurisprudência* dos aludidos autores, vejo que o que se afigurava audácia da minha parte, não passa de coisa já sobejamente julgada.

O Sr. Carlos de Laet citou *A Morfologia dos Pronomes*, do Sr. João Ribeiro, e pretende convencer-me de que êste ilustrado gramático não socorre a opinião que sustento, simplesmente pela circunstância de declarar que *a língua do Brasil é, indubitàvelmente, a portuguêsa, estando abaixo da crítica as observações de Adolfo Coelho sôbre o dialeto brasileiro.*

Mas, ou eu me engano, ou o pensamento do Sr. João Ribeiro é muito diverso do que supõe o meu contraditor. As observações do filólogo português estão abaixo da crítica, não porque não exista o dialeto brasileiro, mas porque naquelas foram confundidos o falar atravessado dos africanos e outros fenômenos desta ordem com o que se deve verdadeiramente considerar elemento novo na linguagem portuguêsa. Acresce que, nesse mesmo trabalho, o nosso gramático dedica um parágrafo ao que êle denomina *A Linguagem no Brasil*, e diz logo adiante que "existem grandes e numerosas diferenças entre o português falado na América e o português peninsular, apesar das tendências de aproximação produzidas, nas classes instruídas, pela cultura clássica e literária".

O Sr. João Ribeiro não se limita a isto: "esta divergência, crescente com o tempo, e a que não pode obstar a reação culta, nota-se na fonologia, na sintaxe e *até em todo o sistema gramatical*". E, nas *Lições de Gramática Portuguêsa*, que ùltimamente publicou, ainda é mais positivo. Nesse livro, o meu contraditor com certeza já leu os parágrafos referentes aos *dialetos, provincialismos e brasileirismos*, e lá deverá encontrar, enumerado entre os dialetos galego, indo-português, áfrico, — o brasileiro, o qual, segundo ali se acha expressado, não pôde ser vencido nem diminuído pela reação literária de dois séculos.

> A dialetação que sofreu a língua portuguêsa no Brasil, — acrescenta o mesmo autor, — foi devida a um grande número de fatôres elementares. As novas necessidades da vida colonial, as condições climatéricas e topográficas, as relações constantes com os povos originários índios e com os africanos, que desde cedo foram introduzidos no país, deram em resultado uma alteração muito notável na língua. A êstes fatôres juntem-se outros elementos esporádicos, como o povoamento das fronteiras por povos castelhanos, a disseminação dos ciganos expulsos de Portugal, e ter-se-á um esbôço bem claro de tôdas as influências que poderia sofrer qualquer língua.

Parece-me que, depois de uma defesa tão cabal, só restaria a exibição dos documentos que o Sr. João Ribeiro compendiou na sua gramática com rara sagacidade. É só recorrer a êles.

Quanto ao Sr. Barreto, incontestável ornamento do colégio Pedro II, creio também que não é purista, no sentido em que o entende o ilustre folhetinista do *Jornal do Comércio*. Tenho-o na conta de dialetista desde a época em que li a sua luminosa tese de concurso sôbre temas e raízes, apresentada em 1883, aonde, entre as proposições, foi enunciada esta:

> As diferenciações que se notam entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal são devidas a causas mesológicas especiais.

No que toca ao último desembargador, citado pelo Sr. C. de Laet, o Sr. Pacheco Júnior, se não é tão extremado como o autor das *Lições de Gramática*, contudo, exemplifica as alterações fonéticas do dialeto em questão; e se não carregou a mão nas sintáticas, ou pròpriamente gramaticais, julgo que não o fêz simplesmente por não ter estudado estas diferenciações na ocasião em que publicou a sua *Introdução à Gramática Histórica da Língua Portuguêsa*.

De tudo quanto acima fica dito, o que se conclui é que não cometi nenhuma imprudência convidando os nossos conterrâneos, principalmente os escritores populares, os romancistas, a escreverem pelo modo por que falam, isto é, — no dialeto do país, reconhecido até oficialmente, pois que, não só nos pontos dados pela comissão examinadora para o concurso da cadeira de português do Imperial Colégio de P. II, como no programa de exames de português para 1887, lêem-se as seguintes proposições: — *Tendências hodiernas para alteração do idioma nacional; dialetos; provincialismos; brasileirismos.*

No meio disto, o que, entretanto, vai-me parecendo é que eu e o Sr. Laet, como os dois cavalheiros de Ariosto, estamo-nos batendo pelas côres de um mesmo escudo.

Diz o meu arguto contendor que "difere do atual o português de Camões, muito menos que do francês de Ronsard e de Amyot a língua de Dumas Filho e Francisco Coppée; e, todavia, muito se ririam êstes literatos, se lhes fôssem dizer que estão escrevendo em um dialeto do francês". O argumento é capcioso. Não há dúvida que o Sr. Laet, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia e quaisquer outros escritores brasileiros poderiam rir-se, do mesmo modo, se Portugal houvesse desaparecido do mapa das nações e sòmente o Brasil falasse uma língua derivada do português. Mas, existindo vários pontos do globo, aonde o idioma de Camões deitou raízes, se aclimou e se modificou, a comparação é, de todo, fora de razão. O parisiense ri-se em caso semelhante; mas não rir-se-ia o crioulo da ilha Bourbon, se lá houvesse uma literatura.

Mais do que eu, o Sr. Carlos de Laet deve saber que o dialeto implica uma idéia de diferenciação, não no tempo, mas no espaço; não de procedência, mas de coexistência. E então seria o caso de perguntar-lhe: — Quedê os princípios da lógica?

Terminando, o meu malicioso contendor vem ainda com uma objeção às perturbações a que aludi, determinadas, no estilo brasileiro, pelas fatalidades do clima tropical; a objeção reduz-se a que, não se achando a nossa pátria tôda entre os trópicos, tendo diversíssimos climas, havendo, entre a temperatura média do Pará (27° C) e a de Curitiba (17°), maior diferença que entre Lisboa (16,4°) e Rio de Janeiro (22,5°), devia eu, por amor da lógica, chegar à conclusão de que existem tantos dialetos quantos os paralelos contados do Cabo do Norte ao arroio Chuí.

A isto respondo: em primeiro lugar, que não liguei ao único fator do clima a sorte transformista das línguas; o que eu assinalei foram as desordens a que estão sujeitos os temperamentos nos climas aonde o calor, a umidade e as endemias formam uma segunda natureza nos próprios estrangeiros, e citei autoridades; em segundo, que a hipótese figurada pelo Sr. C. de Laet está prevista nas gramáticas; recorra o meu amigo aos provincialismos, que em coisa nenhuma teremos destruído a incipiente e inconsciente disciplina do dialeto, que defende.

Demais, o fato de existir, termomètricamente, mais diferença entre o Pará e Curitiba do que entre Lisboa e Rio de Janeiro, nada prova. Não é pela intensidade do calor que hoje se classificam os climas; e, se me fôsse permitido entrar em matéria que não é da minha competência, eu citaria a *Climatoperapia*, do Dr. Hermann Weber, um dos primeiros climatologistas da Alemanha, trabalho êste aonde o amigo verificaria que as antigas classificações por linhas isotérmicas estão completamente abandonadas, — e que a configuração do solo, a proximidade das águas, a umidade reinante em certos

litorais, a presença de certos rios na região descrita, concorrem muito mais para formar um tipo climatérico do que a unidade térmica.[1]

Abaixo da linha tropical não será difícil, até certo ponto, o Sr. Laet descobrir os mesmos elementos que assinalei e se combinam para produzir as perturbações de que falam todos os autores que têm escrito sôbre aclimação, Bordier, *Colonização Científica*, De Groote, *O Europeu nos Climas Quentes*.

★

Novidades, 18-4-1888

O ilustrado Sr. Carlos de Laet ainda não se deu por convencido, na questão do dialeto brasileiro; e acabou por tomar o expediente de transportá-lo da saleta, aonde o colocou o Sr. João Ribeiro, para a cozinha, lugar, de ordinário, muito pouco asseado no Brasil.

Dialeto de cozinha! disse o meu simpático confrade. Entretanto, eu já estava disposto a escrever-lhe uma carta, cheia de circunstâncias glóticas, sintáticas, não só no dialeto nacional, como no da Graucanga, que o Nei fala perfeitamente.

Não obstante essa tisna assim malignamente lançada na questão, o Sr. Laet, para orientar-me, devia ter, ao menos, declarado quantas *batatas*, das enumeradas na gramática do Sr. João Ribeiro, são precisas para se considerar constituído um dialeto. Nós outros, cozinheiros literários, temos grande necessidade de saber até onde devemos carregar a mão, ou suspendê-la, na distribuição dos temperos com que apimentamos os quitutes da literatura pátria; e talvez que a ambos nós fôsse de grande utilidade, na presente discussão, a leitura de um livro escrito por um ilustrado cozinheiro inglês, amigo de Trompette, *sôbre as tendências modernas da cozinha, sob o ponto de vista do belo, do leve e da higiene*.

Pondo, porém, de parte o jogralesco da questão (pois que tôdas as dessa natureza não passam de pretexto para desenrolarem-se argumentos engenhosos, terminando sempre em grossa pancadaria), eu vou ultimar a discussão propondo, circunspetamente, ao Sr. Laet o seguinte : — o meu maligno confrade não recusa a existência de pequenas diferenças entre o português de *cá* e o português de *lá*: pois bem, relacione-me essas diferenças, porque é bem possível que, entrando em acôrdo, êste seu criado abandone o dialeto brasileiro, contente, muito contente, com o simples processo da incipiente dialetação.

---

1 Ob. cit., pp. 69, 83 ss.

No que toca à influência climatológica, responderei apenas ao Sr. Laet — que enganou-se, supondo ter eu trasladado para a segunda linha a minha grande bateria de fatôres climáticos. Não pratiquei êste ato de covardia, o que importaria o mesmo que rasgar um livro que tenho em mãos sôbre a literatura brasileira, no qual o meio físico representa um dos papéis mais importantes.

O Sr. Laet pensou que me esmagava, atirando-me em cima os 6 volumes do Augusto Comte.

Errou o alvo. Em primeiro lugar, o autor do *Curso de Filosofia Positiva* não é autoridade, no estado atual da ciência, nem em mesologia, nem em etnologia, assuntos a que êle votou ódio sistemático.

Em segundo, devo acrescentar que não me coloquei no ponto de vista em que se colocou Montesquieu, que confundiu clima com latitude.

O meu ponto de vista é o dos climatologistas atuais, que consideram o clima uma resultante de fatôres múltiplos, entre os quais entra *a própria civilização*. Segundo estas autoridades, o homem civilizado modifica-o, artificializa-o; nunca, porém, consegue anular a sua influência, como o afirmava Comte.

Não há prova mais exuberante da permanência dessa influência do que o processo de sanificação das regiões aonde penetra a civilização. Uma raça reconhece-se incompatível com o clima de um país para onde imigrou. Dispondo de recursos, irriga e drena os campos, se assim é preciso; arboriza outros, se a vegetação é escassa; desseca pântanos, se reina a malária; desobstrui rios, cava poços, constrói açudes, provoca chuvas, reduz a umidade; e, no fim de tantos esforços, se não tem havido êrro, eis a região completamente mudada, e o homem, triunfante, colocado em condições de salubridade e de progresso.

Mas tudo isto não quer dizer que o clima foi anulado; ao contrário, constitui o maior argumento em favor de sua influência. A civilização, o que fêz foi passar, de modo consciente, de um clima nocivo para o clima benéfico; modificação apenas de processo, porquanto os selvagens não preparavam os seus *sanatoria*, como se verifica hoje, mas, guiados pelo instinto, fugiam dos lugares infetos e iam abrigar-se aonde a natureza lhes indicava meios mais fáceis e tranqüilos de existência.

Ao Sr. João Ribeiro, que, aceitando o recurso em parte e rejeitando-o no mais, seguiu um pouco a política de Sganarelle; ao ilustrado filólogo, em cujos livros, confesso, tenho aprendido muito do que sei, só posso responder fazendo reticências.

Trahit sua quemque voluptas.

Se há, no Brasil, alguém que se sinta fortemente arrastado pelas doidas ninfas da irregularidade para a dialetação brasileira, êsse alguém é *Nereu*.

Compreendo quanto o obriga a nobreza da arte que pratica. S. S.ª, por essa razão, não repele a política conciliadora.

Dialeto existe; mas, não havendo divergências profundíssimas, como sucede no *galego,* seria nocivo, seria, além de nocivo, inexeqüível, a sua transplantação para a língua literária.

Nocivo, creio que o seja; mas sòmente à *língua vernácula*, cujo desastre não me inquieta.

Quanto à inexeqüibilidade, protesto. A influência do dialeto brasileiro sôbre a língua literária é tão manifesta, que o Sr. João Ribeiro não pôde excluí-la de sua formosíssima gramática.

Querem maior argumento em favor dessa inversão do que o trabalho, em que se estão empenhando os Srs. Laet e o próprio gramático a que me refiro, de expelirem os brasileirismos dos livros nacionais?

O Sr. João Ribeiro sabe perfeitamente *que a natureza não dá saltos*. Um dialeto não se começa a escrever por inteiro: em um dia determinado por Decreto. Recorra à história e diga-me, se pode, em que dia, em que mês, ou ano, mesmo, começou a ser escrito o português, o espanhol ou o galego.

COLABORAÇÃO

COMENTÁRIO DO CÓDIGO CRIMINAL BRASILEIRO
PELO DR. TOBIAS BARRETO DE MENESES

PUBLICAÇÃO NO JORNAL *O PAÍS*, RIO DE JANEIRO.
15 ABRIL 1888 (SUPLEMENTO).

Tenho diante dos olhos o 1.º fascículo do trabalho acima indicado, compreendendo a análise dos arts. 1.º e 2.º do nosso código criminal.

Para aquêles que estão familiarizados com os estudos fortes, empreendidos de uns quinze anos a esta parte pelo ilustre professor da Faculdade de Direito do Recife; para os que bem o conhecem pela obra — *Menores e Loucos* e pelos seus *Estudos Alemães,* seria supérfluo êste artigo, máxime referindo-se, como se referem, apenas às primeiras páginas de um livro em via de publicação, embora destinado a marcar um grande passo na jurisprudência brasileira. Como, porém, escassas, senão quase nulas, são as nossas relações com o movimento científico que se passa naquele ponto do império, aonde incontestàvelmente existem hoje cabeças que pensam, acompanham e criticam tôdas as idéias levantadas na Europa culta e de imediata aplicação ao Brasil, julgo prestar um serviço à causa do nosso engrandecimento, chamando a atenção dos que lêem para uma obra que teria em si mesma o seu reclame, se vivêssemos em um país aonde as idéias circulassem com mais regularidade.

No fascículo aludido, o Dr. Tobias ocupa-se das divisões do código, da classificação dos crimes, da natureza e do conceito do delito. Estas questões são desenvolvidas sob um ponto de vista com certeza repugnante aos que ainda acreditam e juram nas palavras de Rossi, considerando o direito de punir um derivado imediato da Divindade, — uma transformação da expiação. Os receios, contudo, que provocariam semelhantes relutâncias, nunca foram motivo para que o autor de *Comentário* não se entregasse a tôda a fuga de seu caráter e, fiel à linha imposta ao seu espírito pelos mestres alemães, deixasse de pregar as últimas conseqüências contidas em seus audacíssimos argumentos.

O Dr. Tobias é, por exemplo, em matéria de legislação brasileira, de um pessimismo blindado, irredutível.

Não o censuro, porém, por isto, e acho até a sua função benéfica, desde que atende ao estado anárquico, dubitativo, da nossa legislação. Não há jurista que, entre nós, não tenha reconhecido o fato, e não acuse constantemente, na prática, a antinomia de dispositivos regulamentares que *hurlent de se trouver ensemble*. Só o amálgama resultante da invaginação de leis francesas, sem o mínimo processo de assimilação, no fundo do tôrvo que ainda hoje constitui a base de nosso direito, as Ordenações do Reino, daria assunto para um

dos mais eloqüentes capítulos de crítica jurídica, e ainda mais subiria de ponto a nossa curiosidade quando passássemos a historiar uma imensidade de relações novas que a vida social e a infiltração do progresso têm criado e que, não obstante, continuam a reger-se, *no ar*, por leis, por precedentes e por costumes determinados pelas concepções do século XVI.

Êsse estado de coisas, que ao próprio Sr. Lafaiete já arrancou mais de um protesto cauteloso, não podia deixar de causar, num espírito superexcitável como é o do autor do *Comentário*, irritações que se resolveriam muitas vêzes em verdadeiras diatribes contra a nossa mediocridade, contra o nosso *caboclismo*. Essas irritações tornam-se, estretanto, muito explicáveis, desde que se souber que êste estudioso brasileiro há 20 anos não se preocupa senão com a idéia de levantar o nível da nossa mentalidade, levantando primeiro o seu, penetrando-se de tudo quanto a nova Alemanha tem dado de extraordinário neste século. A contraposição da superficialidade do brasileiro à profundeza e inexauribilidade daquela raça, que não raro chega, por essas mesmas qualidades, a rodar no vácuo, por excesso de velocidade mental, devia trazer grandes vantagens para o estudo das questões que mais nos interessam; e a obra do Dr. Tobias, consciente ou inconsciente, cifra-se tôda nesse processo. Que o digam os moços que ùltimamente, nos bancos da Faculdade de Direito do Recife, têm acompanhado as suas preleções e admirado as suas fúrias de sintetista, ligadas a uma das mais copiosas erudições conhecidas em nossa terra.

Segundo o ilustre criminalista, "o que nós hoje chamamos direito é uma transformação da *fôrça*, que limitou-se e continua a limitar-se, no interêsse da sociedade... Em nome da religião, disse o sublime gnosta, autor do 4.º evangelho: no princípio era a palavra (*in principio erat verbum*); em nome da poesia, disse Goethe: no princípio era o ato; em nome das ciências naturais, disse Carus Sterne: no princípio era carbônio; em nome da filosofia, em nome da instrução monística, quero eu dizer: no princípio era a *fôrça*, e a *fôrça* estava junta ao homem e o homem era a *fôrça*. Desta fôrça conservada e desenvolvida é que tudo tem-se produzido, inclusive o próprio direito, que, em última análise, não é um produto *natural*, mas um produto *cultural*, uma obra do homem mesmo." [1]

Tôda a doutrina jurídica do Dr. Tobias acha-se contida nessa célula filosófica, e não é difícil distinguir que o seu monismo, sem ser perfeitamente o de Haeckel, ressente-se de uma tendência oculta

[1] *Menores e Loucos*, 1.ª ed., pp. 19-20.

hegeliana, de que ainda não se desprenderam muitos declarados darwinistas alemães, se é que o fato não constitui em si uma profunda impregnação da raça teutônica. O *nomos*, o *ser* ou a *fôrça*, temos, no fundo, a mesma coisa; uma variação de formas, mas que deixa claramente perceber a identidade do *processus* mental, a natureza da cerebração e a orientação para o invisível.

Pouco importam os aparelhos científicos, o material extraordinário, o conhecimento prático dos elementos sôbre os quais se tenham calcado as novas concepções; o que convém, antes de tudo, verificar para estabelecer uma perfeita classificação do espírito, cuja obra se expõe à nossa apreciação, e orientar uma crítica proveitosa, é se êsse espírito, por suas tendências naturais, pertence ao grupo dos que se contentam com os fatos, isto é, com as sensações irredutíveis que dêles derivam, ou se ao daqueles que vão um tanto além e pedem à lógica o que esta por forma alguma nos pode fornecer, — a unidade do universo, a não ser encapsulada em um vocábulo, como, por exemplo, — FÔRÇA.

Eu pertenço a uma escola que só reconhece como fato — o movimento; daí a retaliação que faço, começando a apreciar o trabalho do ilustrado mestre. Não posso suportar por muito tempo as hesitações do meu espírito, e por isso, se não por comodidade própria, sinto necessidade de colocar imediatamente o autor que critico no lugar que lhe compete, ou me parece competir, na hierarquia dos pensadores. É o único meio de que a crítica dispõe para evitar equivocações e seguir sem tropeços a série de deduções e produções de um espírito que muitas vêzes se contradiz, falseia a sua doutrina, sem que isto, contudo, importe nada de sério contra a direção original de seu esfôrço.

Quanto a mim, portanto, o Dr. Tobias acha-se filiado na Alemanha, não à corrente que, por um lado, deu o *Pessimismo* de Schopenhauer e, por outro, a *Filosofia do Inconsciente* de Hartmann, mas à escola erudita que, com pequenos claros, de Kant para cá, tem levantado os estudos da natureza a uma altura a que não se julgava possível, subordinando-os, todavia, a um pensamento cardeal, que, se não é o absoluto ou o imperativo categórico do filósofo de Königsberg, parece pelo menos disfarçar o ritmo do retôrno às tendências especulativas daquele extraordinário filósofo.

POESIAS DE OLAVO BILAC

(1884-87)

PUBLICAÇÃO NO JORNAL *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 19 OUTUBRO 1888, E REPRODUZIDA NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*.

Da plêiade de poetas brasileiros que atualmente dividem entre si a atenção do público fluminense, destacam-se Raimundo Correia, Augusto de Lima e Olavo Bilac, formando um grupo que se particulariza pela correção do desenho aliado ao mais intenso colorido tropical; o que não impede que a cada um dêles caiba um ponto de vista original. O primeiro tem concentrado tôdas as suas faculdades na redução de pensamentos e sensações, por sua natureza amplas, à proporção de miniaturas. O segundo emprega esforços sôbre esforços em fazer passar todo o panteísmo luminoso de sua alma, em feixes, pelo diafragma do estilo moderno. Nenhum, porém, como o último já se mostrou tão sensual, nem como êle premeditou e conseguiu com tamanho êxito disciplinar as sofreguidões da carne, subordinando-as ao ritmo, jungindo-as ao culto da "serena deusa, da forma serena".

Parnasiano incontestável, pelo ódio que vota aos sacrílegos prostituidores da Arte imortal, aos iconoclastas do Belo, aos derribadores de Acrópoles; novo pelo prazer inominado com que se dedica ao trabalho árduo de "esculpir custódias" para o culto sagrado e para os jubileus da Poesia, Olavo Bilac, antes de tudo, pertence à raça dos poetas refletidos. Lavor aprimorado ninguém lhe nega; o que o caracteriza é a intensidade da expressão, a acuidade do sentimento.

A imprensa já recolheu o depoimento do autor das *Poesias*, na "Profissão de Fé":

> Caia eu também, sem esperança,
> Porém tranqüilo,
> Inda, ao cair, vibrando a lança
> Em prol do Estilo !

E não seja eu quem ponha em dúvida tão profunda crença, enquanto os fatos não vierem desmenti-la. O que, porém, não receio contestar é que êsse cavaleiro andante tomasse armadura tão brilhante para derrocar apenas monótonos moinhos derramados na planície.

O que êle vibra, — disto estou eu bem convencido, — não é a lança em prol do estilo, mas o estilo, como uma lâmina de Toledo, em prol do amor, para gravar no bronze da estrofe a paixão que inflama a sua mente, a impressão em que seu espírito se evapora.

Fiel discípulo da escola que opõe a concisão da frase ao verbalismo ôco dos últimos imitadores de V. Hugo, dos líricos que se

desfaziam na irradiação de um sentir difuso, Olavo Bilac visa a glória dos artistas irrepreensíveis, dos artistas que compreendem a fatura do poema como a natureza a produção do diamante.

Ao asiático do Romantismo, êle, como todos os seus companheiros de armas, substitui o ático do Realismo; e uma vez ainda a evolução literária veio mostrar, por intermédio dos buriladores da palavra, que não morreram Horácio e Boileau, nem os mestres que afirmavam não existir arte sem dor, sem colaboração do tempo, sem cuidado diuturno.

Olavo Bilac encarregou-se, nas divisões de um livro, de fornecer-nos a chave da sua psicologia.

É evidente que cada uma dessas divisões corresponde a um dos estados de seu espírito.

Um sensualismo franco, positivo, encontra-se revôlto nas "Sarças de Fogo", que constituem a última parte da obra, talvez a mais recente. Ali há visões da carne, saturnais do pensamento, mal escondidas por trás da cadência de versos como os do "De Volta do Baile" e da "Tentação de Xenócrates". O poeta chega até a descobrir lascívia no repouso da morte, e, embora puro, inspirado, sereno, desejou e escreveu, com um creiom de fogo, as estrofes fulgurantes do "Beijo Eterno".

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

. . . .

Rasgue-se, à noite, o véu
Das neblinas, e o vento inquira o monte e o vale:
"Quem canta assim ?" E uma áurea estrêla fale
Do alto do céu
Ao mar, prêsa de pavor :
"Que agitação enorme é aquela ?"
E o mar adoce a voz, e à curiosa estrêla
Responda que é o amor.

. . . .

Diz tua bôca: "Vem!"
"Inda mais!" diz a minha a soluçar. . . Exclama
Todo o meu corpo que o teu corpo chama :
"Morde também !"
Ai! morde! que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura !
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!

Pois bem, êste temperamento lúbrico, que aparece mais adiante transformado naquela serpente difusa, naquela luz do meio-dia que penetra na alcova de Satânia, envolve-a, lambe-a, invade-a como uma legião de trasgos sensuais, é o mesmo que nos conduz por diante das severas "Panóplias", de onde pendem as armas dos mestres com que êle se exercitou, e que nos eleva até a "Via-Láctea", caminho aéreo, pôsto entre o céu e a terra, pelo qual vemos desaparecer o poeta entre nuvens de um amor como não há.

Essa "Via-Láctea" devera, antes, chamar-se "Via Dolorosa", por onde o mártir guia, amordaçadas, as feras dos seus sentidos, disciplinando o coração de fogo no cilício de um amor etéreo, crepuscular, divino.

Quem conversa, alta noite, com as estrêlas tem a alma orientada para êsse ponto luminoso do espaço de onde Dante derivava todo o amor e todo o movimento, não sofre que se lhe increpe o sensualismo torpe e baixo dos bardos de bordéis. Mas tu, poeta, és homem; e erigir a alma, elevá-la sôbre cariátides de paixões, sôbre instintos de antropóide, constitui o monumento mais sublime de quantos a mente humana já pôde excogitar. O amor que êsse novo Petrarca cultiva, nos sonetos dedicados *àquela que o espera*, torna-se digno de figurar ao lado do do infeliz Gonzaga, tão intensa se sente a chama ali subindo por igual.

A mulher que Olavo Bilac descreve não é, pois, a dos poemas de Musset, nem dos de Byron, nem mesmo dos dos cantores modernos, menos tempestuosos; essa mulher é simplesmente uma categoria do sentimento projetada sôbre o corpo da escolhida de sua alma. O que o poeta então verdadeiramente canta, não é a realidade objetiva, o fato feminino, mas a supressão da sensação carnal que o tortura e o culto do sentimento que o eleva.

> Homens de bronze! um haverá, de tantos,
> (Talvez um só) que, esta paixão sentindo,
> Aqui demore o olhar, vendo e medindo
> O alcance e o sentimento dêstes cantos.
>
> Será êsse o meu público. E, de certo,
> Êsse dirá: "Pode viver tranqüilo
> Quem assim ama, sendo assim amado!"
>
> E trêmulo, de lágrimas coberto,
> Há de estimar quem lhe contou aquilo
> Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

Êsse esfôrço de sistematização afetiva, como melhor não aconselharia Augusto Comte, é tanto mais adorável quanto o abismo não se fecha e a pantera ruge ao lado.

As *Poesias* têm, quanto a mim, êste profundo sentido: — do mesmo modo que um largo pensamento comprimido dá um grande estilo, um louco sensualismo contido pode produzir o lirismo extremo.

O livro de Olavo Bilac sensaciona-me de uma maneira inexprimível, principalmente porque o autor se me representa acorrentado pelas próprias mãos ao Cáucaso dêsse seu amor inenarrável.

A CARNE

POR JÚLIO RIBEIRO

PUBLICAÇÃO NO MENSÁRIO *TREZE DE MAIO*, RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO, 1888, PP. 28-33; DEZEMBRO, 1888, PP. 107-116.

Treze de Maio, novembro 1888

Só um espírito perfeitamente calmo e equilibrado, um temperamento emancipado das influências debilitantes do ambiente, pode gabar-se de escapar a essa espécie de daltonismo crítico que vem perturbar tôdas as impressões recebidas na primeira leitura de uma obra precedida do prestígio de um nome e da fanfarra dos amigos.

Tenho a franqueza de dizer que não conto esta felicidade; todavia, a indigência em que me deixou a natureza não é tão grande, que me prive de refletir ou de buscar meios heróicos para dar combate a essa debilidade congênita.

Se é verdade que não me cabe aqui o papel de Rolando, naquela célebre passagem em que o Ariosto pinta-o louco, furioso e nu, a vagar pelas florestas, arrancando troncos de árvores e lançando-os ao ar como se fôssem leves setas; se é verdade que me falta ímpeto para dar corpo a uma indignação momentânea e fôrça para transformar êsse desvio da inteligência em manifestações devastadoras: não é menos exato que me sobra pachorra para analisar as minhas próprias impressões, fazendo-as passar, depois de uma, duas e três leituras, pelo crivo de uma aturada meditação.

Penso que é de bom aviso desconfiar da nevrose que em todos nós, brasileiros, em todos nós, tropicais, mais ou menos exerce o seu império; e nunca se perde em adiar o julgamento de uma questão efervescente, sobretudo porque o susto do desconhecido sempre foi péssimo conselheiro. O tempo tem a propriedade de reduzir as impressões ao estado positivo; a cerebração inconsciente, por seu lado, encarrega-se de acomodar nos lugares próprios muitas coisas que parecem deslocadas; e, por fim, tem-se feito desaparecer a estranheza do livro, se porventura a causa dela forem apenas as novidades nêle contidas. A obra concordará consigo mesma, e o espírito de crítica, sujeitando-se, dócil, à justaposição dos aparelhos, sem os quais nunca se chega a retificar nenhum juízo formulado diante de um produto artístico, acabará por sentir-se contente e irredutível.

Possam êstes conceitos premunir o autor d'*A Carne* de qualquer surprêsa do amor-próprio. Se não se tratasse de um talento da sua esfera; se não o supusesse blindado de sobranceria, e capaz de aceitar a verdade, ou o que julgo ser a verdade, com semblante sereno, como

se lhe propinasse um elogio, eu me limitaria a agradecer o exemplar da obra, fazendo-o acompanhar de alguma banalidade copiada dos formulários comuns; e daria, assim, por finda a missão de reposteiro. Estando convencido, porém, de que é nestes casos que a franqueza tem lugar, não trepido em estender o relatório exato das modificações por que passou o meu espírito diante da obra do ilustre filólogo; e penso ter cumprido o meu dever.

Devo confessar que, tendo lido *A Carne* no mesmo dia em que a expuseram à venda nas livrarias desta Côrte, não experimentei sensação perfeitamente agradável. O romance, em umas páginas, encontrou-me anoréxico, em outras, deixou-me muito irritado. Equivalerá isto a dizer, em têrmos hábeis, que não gostei do livro, e que, portanto, a minha crítica vai pecar por subjetiva? Responderei sim e não, por convir, antes de tudo, em que o elemento subjetivo é inevitável, ainda mesmo na mais rigorosa crítica científica; bastando, para convencermo-nos desta verdade, atender ao fato comezinho da subordinação, não sòmente dos artistas, mas também dos sábios, ao sistema de idéias predominantes no seu tempo. Sendo a natureza humana contingente, como se dizia antigamente, evolutiva, como se diz hoje; sendo condição do espírito, quer coletivo, quer individual, concentrar-se, difundir-se, tornar a concentrar-se para conseguir marchar, isto é, — sendo próprio da ordem intelectual a substituição de um ponto de vista, que é considerado errado, por outro que passa a ser o verdadeiro, parece óbvio que nenhuma afirmação pode existir sem a escolha de um ponto de apoio, embora provisório. Não há gramático, pelo menos, que não saiba, pelo estudo do verbo conectivo, que a proposição não existe enquanto uma relação não é apreendida, e que tôda a manifestação mental tem como início um estado de consciência que constitui a essência da própria afirmação. Use o crítico, portanto, dos mais aperfeiçoados aparelhos analíticos de que dispuser, no fim de contas, o seu ponto de partida há de ser êsse estado de consciência personalíssimo.

O que faço, pois, no caso vertente, é o que faz todo o mundo, ainda mesmo quando êsse todo o mundo procura mascarar os próprios movimentos com a mais rigorosa técnica.

Ora, francamente discorrendo, a leitura d'*A Carne* produziu em meu espírito uma sensação contraditória; e se bem que intensa nuns lugares e obscura em outros, não me resta dúvida que o pensamento que atualmente tenho do livro, em bem ou em mal, liga-se ìntimamente àquele primeiro movimento. A análise aclara a sín-

tese primitiva e inconsciente, mas não lhe altera a substância. Depois de estudado o livro de Júlio Ribeiro, ficaram, para mim, patentes e explicadas tôdas as razões daquelas impressões subversivas.

O *dégustateur* prova o vinho e, empìricamente, pelo travo, declara-o falsificado; vem o químico e submete o líquido ao processo profissional e mostra a presença da anilina ou do salicilato, que alteram a pureza do suco da uva. É exatamente o caso.

A Carne não é um produto puro da escola a que se filia. Não quero, com isto, dizer que o naturalismo, escola de ontem, e que prega a audácia e progresso aos quatro ventos, já tenha chegado a estabelecer, à feição das suas predecessoras, cânones por onde se possa aferir a vernaculidade de um livro que aparece. Quando digo puro, refiro-me justamente a uma idéia que repele semelhante disciplina; refiro-me à emancipação dos prejuízos literários anteriores.

Júlio Ribeiro, aparelhado de ciência moderna, cônscio da excelência do método de Zola, experimentou os músculos e atirou-se, na linha do seu temperamento, muito além do que seria de esperar; mas, em todo êsse arrôjo e por todo o caminho percorrido, acompanhou-o, por infelicidade, uma porção de coisas que *hurlent de se trouver ensemble*.

O discípulo de Zola levanta-se, a cada passo, para esmagar o autor do *Padre Belchior de Pontes;* tão acentuadas se apresentam ainda as sobrevivências do antigo romântico. Estas sobrevivências são os elementos estranhos ao paladar, que, com razão, podem comparar-se às substâncias tóxicas a que já aludi.

Não seria trabalho destituído de interêsse a verificação das diversas estratificações existentes no livro. Como em uma carta geológica, poder-se-iam determinar as páginas que se referem aos hábitos mentais do primitivo romancista imitador de V. Hugo e A. Herculano, as que mostram o muito remoto professor de gramática e o erudito, por fim, as que traduzem o recente evolucionista e desdobram o episodista moderníssimo.

Sirvam de exemplo a estrutura geral de algumas descrições, como a de moagem e a do batuque (note-se que, nestas mesmas descrições, há particularidades peculiares à nova escola), e o modo de exibir algumas figuras, como a de Cambinda, entre outras.

Natura non facit saltus. Não se abandonam hábitos inveterados sem que êstes, de vez em quando, venham dar rebate aos novos.

★

Treze de Maio, dezembro 1888

Sendo incontestável que tôdas as determinantes conscientes do autor d'*A Carne* residem agora na escola naturalista, especialmente nos livros de Zola, é necessário saber se, adotando êle a forma do romance *figurativo*, como adotou, foi fiel às leis orgânicas dêsse gênero de composição, e se não terá sido a violação de alguma dessas leis uma das causas das sensações contraditórias já indicadas.

Júlio Ribeiro propôs-se produzir no cérebro dos seus leitores uma série de reações correspondente a uma série de quadros que viviam uma vida particular na sua imaginação, parte, quero crer que observados no seu meio próprio, parte, conjeturados ou obtidos com o auxílio de combinações de leituras.

Neste tanto, a sua orientação estabeleceu-se no terreno perfeito do gênero e da espécie que êle teve em vista. Compreendendo que, ao contrário dos antigos romancistas, que baseavam todo o interêsse da obra na curiosidade despertada pela ocultação das causas das ações dos personagens, os modernos procuram provocar, com o livro, uma sensação integral, uma ação sinérgica, Júlio Ribeiro tratou de dar ao seu livro tôda essa coesão que caracteriza os livros dos mestres atuais. Parece-me, contudo, que, na exuberância da produção, no atropêlo da composição, não só lhe escaparam alguns elementos indispensáveis a essa coesão, como também se introduziram outros mais próprios para afrouxá-la do que para cerrá-la, embora a contragosto do artista.

A regra é que os capítulos ou quadros de um romance se disponham de modo que a ação, os episódios, as cenas se estereotipem na tela imaginária vivos, completos, formando um todo orgânico, independente de quaisquer explicações, incidentes estranhos ou referências que lhe perturbem a harmonia. A página deve ser sempre a expressão exata, concisa, do movimento surpreendido, e o livro, uma coordenação de representações de agrupamentos.

E como me refiro a um gramático filósofo, acrescentarei que, neste caso, pode-se afirmar que a obra estética, o trabalho do romancista, não vem a ser outra coisa senão uma aplicação mais complexa das regras de sintaxe, — uma sintaxe superorgânica, aonde, em lugar de proposições, existem representações de estados contemplativos ou figurativos. Uma questão, como já escrevi algures, de perspectiva psíquica, que só se obtém, na obra de arte, como no período gramatical, pela reação e integração das respetivas cláusulas. [1]

---

[1] O princípio de que a arte não é senão *o desenvolvimento superorgânico da sintaxe*, e que ela se baseia na economia do esfôrço e se reduz a máquinas de sensações para a reprodução da perspetiva interna, tem sido o ponto de partida de todos os meus trabalhos de crítica, a datar de 1884.

Habituado, pela leitura de Flaubert e Zola, ao que se pode chamar sintaxe cerrada, não pude deixar de sentir-me contrariado, durante a leitura d'*A Carne*, em uns pontos, pela presença de cláusulas estranhas, pelo menos na forma, ao contexto da obra, em outros, por hiatos perturbadores da integração da perspectiva do livro, — uma espécie de falta de inserção de músculos ou ausência de articulação.

No primeiro caso, acha-se, por exemplo, a carta de Barbosa, na qual o romancista pretende mostrar dois movimentos distintos, — uma progressão do afeto do amante de Lenita, junto à orientação de sensações manifestadas diretamente, e um pretexto para as descrições da cidade de Santos e dos planos da estrada de ferro do Cubatão e para a exibição das idéias do autor sôbre diversas questões políticas e econômicas da província. O material dessa carta, que, em sua maior parte, poderia ter-se resolvido em um quadro de viagens objetivo, no qual se movesse, vivo, o amante e o filósofo, constitui, pela latitude, pela súbita interrupção do andamento do romance, um recurso antigo, à Richardson, uma nota forçada, um elo partido, um tropêço, perfeitamente comparável à pedra lançada sôbre o *rail*, que faz saltar a locomotiva.

Não quero dizer, com isto, que o romance realista repele a epístola em absoluto; acho, mesmo, que ela tem perfeito cabimento, quando, por sua natureza, se incrusta na obra, constituindo elemento indispensável; contanto que se respeite o princípio de Lessing, de que cada arte se deve manter inalteràvelmente dentro dos próprios recursos. No mesmo caso está a inserção do cap. X, aliás traçado com maestria, no qual se acham descritas cenas de sortilégios e o fechamento do corpo de um neófito. Êste trecho do romance não foi convenientemente articulado ao livro, embora o fato possa considerar-se articulado ao meio em que se agitam os personagens. Não há dúvida que cenas como aquela se dão todos os dias nas fazendas; não basta isto, porém, para que se justifique a sua inclusão no livro. Para os efeitos artísticos, era indispensável estabelecer-se a sua íntima relação com o resto da obra.

Os hiatos reportam-se mais particularmente ao desenvolvimento dos caracteres, fato êste tanto mais censurável quanto se trata de um evolucionista aparelhado à moderna e colocado nas melhores condições para manter-se no ponto de vista da lei da respetiva formação. Há, incontestàvelmente, uns rápidos deslizes de uns para outros estados psicológicos de Lenita e de Barbosa, os dois caracteres mais importantes do romance, através dos quais é dificílimo perceber o processo das determinantes; e, à primeira vista, parecem revelar a ausência de cláusulas (digam-se cenas, quadros) complementares.

Até certo ponto, penso que êsse defeito tem a sua explicação no abuso da elipse interior, método muito comum na construção do período ordinário, quando se lhe quer dar concisão, mas perigosíssimo, desde que se transporta para o período superorgânico, isto é, para a arquitetônica literária, para o quadro artístico.

É verdade que Shakespeare obteve uma fôrça de expressão descomunal usando dêsse processo aparentemente simples. Três frases proferidas por um personagem, durante um drama inteiro, nos lugares próprios, era quanto lhe bastava para sugerir, no espírito do espectador, com todo o cortejo da imaginação, a hediondez de caráter de Gloucester, a impenetrabilidade melancólica de Hamlet, a loucura de Lear, a sublevação afetiva de Otelo, a paixão de Romeu, a usura de Shylock, a cólera de Coriolano, a segurança de César, o remorso de Macbeth, o *humour* de Falstaff.

Mas quantos Shakespeare existem no mundo?

Confiar as incidências dos indicados estados de consciência a essa elipse interior é arriscar-se um romancista a ficar incompreendido.[2] Acho preferível arruinar-se, como o mestre do *Assommoir,* pela acumulação de cláusulas e pela sobecarga de fatos e particularidades. Não há coisa pior do que deixar o espírito do leitor na angustiosa posição de quem busca ligações no vácuo. Com efeito, que esfôrço não é necessário para chegar-se a estabelecer a unidade da ação, a unidade do cenário, verificando as relações que existem entre o livro e a cena já mencionada no capítulo X, por intermédio da do capítulo XII, aonde se descreve a morte atroz do velho Cambinda, cena esta que só chega a projetar-se sôbre a alma da heroína por contrapancada na imaginação do leitor! Ela, afinal, se estabelece por uma espécie de catálise; mas é evidente que tais capítulos, uma vez postos no livro, deviam ter por função imediata produzir uma modificação, fôsse qual fôsse, no sentimento ou na volição de qualquer um dos personagens.

A Carne, não obstante êstes defeitos de construção, tem vida, — vida tumultuosa.

O romancista sentiu o seu assunto; e o livro, em seu conjunto, trescala um *odor di femina* embriagante, capitoso. Embora através de penhascos, há, ali, um rio que corre, que espuma, que espadana

[2] Faço, aqui, aplicação à arte do mesmo princípio com que Adolfo Régnier, e depois M. Bréal, procuraram explicar o trabalho mental de subordinação ou de associação que se verifica na composição e para o qual a linguagem não oferece elementos visíveis.

no meio de paisagens iriantes. O estilo, em mais de uma página, denuncia uma natureza possante, mas exaltada pela febre.

O autor apaixonou-se por essa tese difícil de uma mulher que, de súbito acordando da inocência, entrega-se às fúrias da carne. Passou-lhe por diante dos olhos a imagem da Fedra moderna; e o seu pincel, lançando-se de um lado para outro da tela fulgurante, fê-la surgir em tôda a sua bela e consciente hediondez. Não foi, porém, como a muitos tem parecido, a Fedra histérica, mas a Fedra literária. Não é um caso mórbido de uma outra Magdá, mas um caso perfeitamente fisiológico. E, para isto, basta atender às cenas críticas, aos pontos culminantes do livro, em que as pujanças eróticas dessa moça, ilustrada como a quis fazer o romancista, e, portanto, inacessível aos prejuízos e pudores extemporâneos, erguem-se, desenvolvem-se, atingem ao acume, descambam e resolvem-se por um modo frio, filosófico, — progressão e resolução inteiramente incompatíveis com a fenomenalidade mórbida da histeria maior que se tem querido atribuir à amante de Barbosa.

Lenita é um temperamento vigoroso, sensual, refletido, que abdica quando quer, mas nunca se anula; que desfalece por um momento, ao influxo de uma enfermidade acidental, o envenenamento da cascavel, mas que raciocina, analisa as fases por que passa o seu erotismo, e, finalmente, subjuga-se. A negação completa do histerismo. É assim que ela, quando sente pela primeira vez o "aguilhão genésico, o mando imperioso da sexualidade, a voz da carne a exigir o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande perpetuação da espécie", repele a idéia de que seja apenas uma ninfomaníaca. O fenômeno do cio aparece-lhe nítido em todos os contatos diretos ou indiretos com o homem, quer quando cai desfalecida na cama de Barbosa, por ter haurido o odor viril desprendido das roupas ali deixadas; quer quando assiste às cenas lúbricas do touro e da escrava; quer quando, ao abraçar Barbosa, sente-lhe os beijos crotálicos; quer, finalmente, quando, a ganir pelo macho, sugesta pela carne, procura êsse homem que a preocupa, e se entrega ao mesmo furiosamente, com delícias, esquecida do escândalo, indiferente à opinião, sem trepidações, e tudo isto porque assim o quer, assim o julga preciso, assim o reputa indispensável, com a coragem impertérrita de praticá-lo até nas barbas do público, em pleno Hyde Park, se fôsse possível, no lugar mais devassado do mundo.

Pode a muita gente parecer que êste tipo de Lenita não passa de um tipo impossível. Direi que êle, em tese, é apenas muito lógico, e que o esquema fisiológico, sôbre o qual o romancista o bordou, é perfeitamente demonstrável. Contudo, não convém dis-

simular que essa moça, anexa à família paulista, tornar-se-ia um caso estranhável. Mas o que temos nós, os críticos, com isto? Acaso a imigração não é um fato entre nós? Qualquer inglêsa, russa ou japonêsa não tem o direito de juntar-se às paisagens do Cubatão e exibir-se no maior dos contrastes com esta terra americana? Tudo, pois, quanto é possível, está na esfera do real e na alçada do romancista. Não chicanarei com Júlio Ribeiro, exigindo dêle os documentos da existência dessa rapariga tão sensual, tão sábia e ao mesmo tempo tão destemida.

Basta que o autor me prove, pela intensidade da pintura, que a viu em qualquer parte. Sem cair no exagêro dos decadentes ou simbolistas, o essencial é que êle me transmita com tôda a fidelidade as emoções que experimentou diante de um qualquer tipo, em que acredita haver surpreendido ou observado os traços característicos daquela adorável e estrambótica criatura.

Ora, encarado o romance por êste lado, e consultada a sensação mestra que o atravessa como um som agudo, como uma réstia de sol, de um lado a outro, *A Carne* guarda dentro de si coisas incomparáveis; e essa incomparabilidade pode resumir-se numa expressão clara, positiva. O romance gira sôbre o que se pode chamar uma excitação fisiológica (o estado de Lenita), a que se segue uma provocação (a escolha do instrumento, — Barbosa), e que termina por uma saturação e separação de órgãos aplacados (casamento da primeira e suicídio do segundo). Pois bem, essa tese de psico-física, cujo encadeamento lógico seria, em muitos pontos, contestável, acaba por perder-se em certa unidade procedente do subjetivismo do romancista enquanto à situação de Barbosa, homem gasto, quase velho, cuja imaginação se inflamava ao contato de uma moça ardente, que lhe propinava o gôzo sensual no mais formoso dos vasos, — na taça de Hipócrates, temperada por conceitos científicos. Barbosa era viúvo; as sensações tôdas, que nêle são descritas, definem-se na frase — *nostalgia da viuvez*: e, neste tanto, o escritor encontrou elementos em si mesmo para exprimi-la em têrmos de uma magnificência verdadeiramente afrodisíaca.

O tom do livro, portanto, obedeceu fatalmente a êsse estado que o autor já conheceu.

Posta a instrumentação da obra nessa clave, e com tantos sustenidos, era impossível que da leitura do romance não resultasse, para o leitor, essa bizarra impressão que lembra, em mais de uma página, o sol comburente do verão em nossa terra, numa paisagem aonde gritam as côres, zumbem os insetos, vibra a atmosfera, e onde a fera, ora sonolenta, ora angustiada, solta o brado da volúpia.

RAUL POMPÉIA

O ATENEU E O ROMANCE PSICOLÓGICO

PUBLICAÇÃO NO *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 6, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 26 DEZEMBRO 1888; 9, 11, 14, 17, 19, 22, 31 JANEIRO; 6, 7 8 FEVEREIRO 1889.

(Os textos de *O Ateneu* citados são da 1.ª edição)

Novidades, 6-12-1888

A inteligência dêstes artigos depende da acomodação que venham a encontrar no espírito do leitor as seguintes proposições:

A — A obra de arte é uma *máquina* de emoções.

B — Há uma *perspectiva interior* que todo o artista procura reproduzir no espírito de outrem.

C — Essa reprodução não se pode fazer, na arte escrita ou falada, senão pela ordem direta do discurso; daí uma *sintaxe superorgânica,* alma de todo o livro ou peça literária.

D — Os órgãos capitais dessa sintaxe são o *acento periodal* e a *elipse interior;* é por meio dêles que conseguem exercer a sua ação especial os temperamentos, que mais geralmente se dividem em *subjetivistas* e *objetivistas.*

E — O estilo é a resultante, em parte imprevista, do *conflito* entre o temperamento de cada indivíduo e o mecanismo das formas literárias já criadas por um povo, por um grupo ou por uma escola.

F — Não é impossível reduzir todos êstes princípios à lei que os gramáticos denominam de *menor esfôrço,* e que Spencer, na mecânica mental, designa sob o nome de *economia de funções.*

I

O MAQUINISTA

Existe nesta capital um ilustrado professor de história que não pode ver o cronista Urbano Duarte sem que lhe acuda ao espírito a imagem do general cartaginês Aníbal.

Talvez pelo mesmo processo de cerebração, sucede-me pensar no autor das *Geórgicas* sempre que me encontro com Raul Pompéia. Já o seu nome me aproximava de Roma; a sua conversação, o seu temperamento transportam-me à côrte de Augusto, levam-me até a *coterie* de Mecenas.

É quase uma obsessão. Quando o encontro na Rua do Ouvidor, rubro, vergonhoso, vergado ao pêso de uma responsabilidade literária de 40 séculos, levada ao cubo; ou o vejo, no círculo de amigos íntimos, expondo, assombrado e febril, uma teoria nova da arte, da arte que não chega para todos; ou o diviso de longe, metido para um canto, postado em uma esquina, a olhar para a corrente do povo, preocupado com a correção que a linha da vida tivera outrora; quando o imagino, no lar, estudando e escrevendo com o mesmo cuidado, com a mesma pudicícia que a moça poria em ocultar os seios de vistas indiscretas; com o sangue sempre agitado pelo entusiasmo dos grandes mestres, pela tortura das grandes coisas: perturbado pela enormidade da arte, reincidindo na idéia de buscar uma forma calma, que é, enfim, a tranqüilidade da própria consciência artística; seqüestrado do mundo, apesar de residente em pleno *agora*, a consertar o *pince-nez*, a fixar com a vista uma verdade que não há, através de um temperamento delicado e de uma literatura infinita, que o domina como se constituísse a única realidade da vida; quando, finalmente, o surpreendo a traduzir as suas dúvidas num riso sêco, desequilibrado, paradoxal e ao mesmo tempo adorável, é fôrça confessar que sinto-me vítima de uma ilusão estranha e penso que ao ouvido sussurra-me o *sic vos non vobis* de Virgílio. O mantuano devera ter sido assim!

Repasso então as minhas reminiscências de crítico, e as palestras do monte Esquilino começam a viver em minha imaginação errática com essa tonalidade saudosa que constitui todo o encanto da arqueologia clássica.

Como uma sombra simpática aglutinada ao Raul que todos conhecemos, aquela "doce natureza de criança, cândida, amável, de disposições sempre benévolas e pacíficas", de que fala Teuffel, aquêle *optimus Virgilius bonus ut melior vir non alius quisquam*, das odes de Horácio, surge-me como por encanto aos olhos e, por momentos, se a confabulação se prolonga até Petzoll, aonde — Capistrano de Abreu, com a acrimônia de Augusto, ridiculariza as pretensões estilísticas do primeiro Mecenas que aparece, julgo achar no Vale Cabral um Polião, e no Domício Gama, um Ovídio ou um Tibulo.

Tal é a fôrça ilusionista da figura virgiliana do original autor d'*O Ateneu*, que, em certas ocasiões, me parece até vê-lo na Via Ápia meditando a sua *Eneida*, titubeante, sob a preocupação da forma que teria de dar ao verso — *Tu Marcellus eris*.

Estas impressões, embora pessoais, não perdem a sua legítima importância. Submetidas ao processo de análise e verificada a sua contigüidade com os caracteres objetivos dos trabalhos de Raul

Pompéia que já são conhecidos do público, fazem-me chegar à evidência de que o novo romancista pertence a uma classe de temperamentos literários muito diversa da a que se filiam, na França, Balzac e Zola, e no Brasil, A. Azevedo.

No estudo que publiquei nas colunas dêste mesmo jornal em princípios do corrente ano, tratando do romance naturalista, asseverei, de passagem, que o caso do autor d'*O Ateneu* era perfeitamente o de um analista fino, sugestivo, e de um pintor delicado, incisivo, do notador de impressões pessoais mais sobressaltado que era possível imaginar nesta terra, aonde todos já são por si tão irrequietos.

Pois bem, hoje, depois de lido *O Ateneu* e de ter estudado melhor a sua índole literária, não farei senão confirmar aquela impressão, declarando que êsse novel escritor vai representar no próximo movimento artístico, no Brasil, papel idêntico ao de Daudet, talvez dissesse com mais acêrto — ao de Bourget, em França.

Raul Pompéia pertence à mesma *família virgiliana* que produziu Ovídio em Roma, Petrarca na Itália; que produziu La Bruyère na França de Luís XIV e Chénier na Revolução; família que faz *pendant* a outra não menos gloriosa, e que se caracteriza pela reflexão, senão, mesmo, pela preocupação.

Como ninguém ignora, há homens de ação e homens de reflexão. A atividade poética não podia escapar a essa lei. Tanto existem artistas objetivistas como subjetivistas.

O autor d'*O Ateneu* não se confundirá nunca com os artistas daquela classe.

Vamos ver, pela lei dos contrastes, quais os caracteres que o separam profundamente do autor da *Casa de Pensão*.

★

Novidades, 11-12-1888

Há, em matéria de estilo, um fenômeno que o retórico Quintiliano costumava designar pelo nome de *aequalitas*, — a correção monótona, destituída de antíteses.[1]

Quando *O Ateneu* foi publicado na *Gazeta de Notícias*, todos os cultores das boas letras se levantaram *una voce* para aclamar o autor como um estilista primoroso, um estilista correto. E os apreciadores dêsse estilo torturado tinham, incontestàvelmente, razão; o que não quer dizer que Raul Pompéia padeça daquela tristíssima

[1] Inst. Orat., X, I, 86.

enfermidade de que falava o crítico romano. A *aequalitas* é um sintoma de anemia; indica falta de vida; e o autor d'*O Ateneu* é um pletórico, um nervoso, que, quando empunha a pena, está como o cavalo árabe, inquieto, sublevado, a arrancar, através do deserto, em direção ao primeiro oásis figurado em sua fantasia. O exame, portanto, de qualquer trecho do livro, habilita o menos prático em matérias desta ordem a classificá-lo como o produto de uma imaginação de artista valente, ávido de originalidade, exaltado pela reflexão, contido pelo escrúpulo e pela consciência da sua arte. Tanto basta também para nos convencermos de que não se trata de um escritor que desde logo se faça conhecer por uma enorme fôrça impulsiva; de um romancista que, à feição do velho Dumas, se perca, se difunda, se objetive nas ações descritas ou imaginadas, transformando-se em um perfeito caleidoscópio, aonde o mundo exterior penetra tumultuàriamente e se transforma em monumentos artísticos.

Nada disto.

Raul Pompéia, em um conto, recentemente dado à estampa no jornal já indicado, encarregou-se de traçar o seu próprio perfil no tipo de um poeta que, obsedado pela idéia de um poema, cujos lineamentos fosforizavam de longa data em sua cabeça, depois de desenvolvê-la discutindo consigo mesmo, avigorentando-a ponto por ponto, depois de fazê-la passar mentalmente por todos os processos de composição imagináveis, acabou por convencer-se de que tôda a tradução do pensamento humano era uma queda satânica, um suplício de Prometeu, e que, neste caso, mais valia impedir que êsse poema se cristalizasse no bico da pena do compositor.

Descer da região sagrada do Inexprimível, do *sancta sanctorum* da alma eleita, para degradar-se no chocalhar dos guisos dêsse carnaval chamado verso e na monotonia dêsse ruído estúpido chamado prosa, eis o que por mais de uma vez o autor d'*O At neu* terá pensado, sacudindo as armas de combate para um lado e evadindo-se para o inacessível dos seus sonhos boreais.

É isto que se chama *nostalgia da forma*, e de que Eça de Queirós há pouco tempo nos deu um belíssimo espécime no seu *Fradique Mendes*.

Os caracteres dessa natureza, tomados em globo, podem reduzir-se a uma classe muito ampla, — a daqueles que, por falta de energia nos centros de reação e coordenação, assediados pela multiplicidade das impressões do mundo exterior, cansados da catalogação dos fatos, da observação dos fenômenos, muitas vêzes extenuados, outras tantas desesperados, refugiam-se no fundo de suas idéias e começam a espreitar os próprios estados de consciência e

a estudar os movimentos da máquina produtora. Semelhantes temperamentos literários, ou melhor, tais hábitos mentais nem sempre encontram fibra que resista. Daí a misantropia de muitos poetas e escritores e a filosofia desalentadora de muitas escolas e de não poucos pensadores. De sorte que não erraremos se afirmarmos que a maior parte dos *nostálgicos da forma* terminam a carreira sistematizando a mais deplorável das loucuras, a *verbolisia,* isto é, o *estilismo agudo*. Pouco mais ou menos a enfermidade atribuída a Pope, — um estilo que perseguia um assunto.

Compreende-se que essa inversão das leis naturais não pode chegar a resultados sãos.

O desequilíbrio entre a aspiração e o poder de execução é a causa primordial de tôdas as aberrações de que as literaturas têm dado exemplos em várias épocas de suas respetivas histórias. É dêsse fundo comum que têm saído, outrossim, tôdas as manifestações do pessimismo até hoje conhecidas; foi daí que recentemente irrompeu a escola simbolista, essa nova forma do eufuísmo, que se traduz agora por um *niilismo literário* inominado.

Ora, sendo evidente que neste mundo nada se perde, que tudo que se decompõe se recompõe, não é de admirar que o pessimismo sirva para alguma coisa. E, incontestàvelmente, serve: — serve para pôr em xeque-mate o otimismo. Hipertrofia do *eu,* excesso de subjetivismo, na vida coletiva êle sempre aparece, como a noite depois do dia, para decompor uma grande luz e atenuar os efeitos das tendências objetivistas da humanidade.

Tenho negado mais de uma vez que o pessimismo seja a característica do século XIX. Do modo por que êle existe, ou pelo menos tem sido definido nos tempos que correm, se deduz que não é uma novidade, nem, talvez, tão intenso como o que devastou épocas remotas. O pessimismo medieval e o terror da morte, tais quais nos são representados pela *Dança Macabra,* foram muito mais sérios e dolentes do que o que o Sr. Ramalho Ortigão encontrou ou pretendeu encontrar sem restrições na atual literatura do Ocidente, e Paulo Bourget limitou à plêiade dos psicologistas modernos.

Seja como fôr, êsse pessimismo de conserva e de vitrina, se é que existe, não passa de um acidente mínimo no movimento ascendente da humanidade, percebido por muito poucos, perdido no meio do entusiasmo do exército industrial que marcha cheio da própria fôrça, mal comparável ao espírito de sistema que reina nas obras clássicas de Schopenhauer, Hartmann e Max Nordau.

★

Novidades, 12-12-1888

Raul Pompéia não é o que se pode chamar um pessimista; nem eu concordo que se dê êsse nome a tantos outros psicologistas que a crítica tem apontado como tais.

Um grande amor é sempre incompatível com semelhante estado psíquico; não seriam, portanto, os adoradores do belo, os apaixonados da arte, que haviam de escapar a essa lei : êstes possuem em si uma fonte inexaurível de vida; e é quanto basta para que não queiram abandoná-la.

A confusão feita pelos críticos nasce apenas de somarem duas quantidades heterogêneas.

Não me refiro aqui, nem ao pessimismo religioso, nem ao científico, mas ao verdadeiro pessimismo, ao mórbido, — àquele que só pode terminar pelo suicídio : — ao pessimismo, enfim, que resulta da incapacidade para viver, da falta de inteligência e equilíbrio para compreender a vida, e de energia para reagir contra o ambiente. Neste caso, a própria natureza encarrega-se de eliminar o hóspede importuno; e é justamente o sentimento dessa hostilidade que o abate e o entristece.

O pessimismo literário nada tem de comum com êsse estado, se bem que possa prepará-lo pela *surmenage*.

O homem não desespera enquanto crê nalguma coisa. Foi antecipando-se a essas tendências que o Budismo afundou a desesperação no cosmo (nirvana), diluindo a personalidade humana na universal. O Cristianismo fêz a mesma coisa, decompondo-a no amor do pai eterno, e o Comtismo, no da humanidade. Só quando êsses derivativos são insuficientes; quando nenhuma solução nos aparece com relação à vida; quando temos perdido totalmente o prazer do andamento, isto é, — êsse impulso indeterminado, que nos leva a todos os pontos do horizonte da existência, independente de uma afeição localizada, e que nos faz amar a vida pela vida; quando experimentamos o terror pânico precursor da queda do caráter; só nestas circunstâncias é que podemos dizer com acêrto : — a vida é uma desgraça, aniquilemo-nos, morramos ! No caso do artista, porém, nem sequer, como naquelas religiões consoladoras, se manda renunciar a terra, o mundo, a trôco de um paraíso ou de uma vida futura. O artista exagera, ao contrário disto, o momento presente, e *dissolve-se* na visão literária. Nessa decomposição de suas fôrças pela obra de arte, e no contraste, que resulta dêsse estado, com a aspereza do ambiente, reside todo o preconizado pessimismo dos tempos atuais. Êsse fato, aliás inseparável da consti-

tuição dêstes sêres caprichosos, não deve generalizar-se a uma época, como se essa época dependa [sic] ùnicamente de artistas e poetas.

O pessimismo de Raul Pompéia, portanto, pode-se reduzir, em última análise, a uma pronunciada tendência para o sutil. Na filosofia escolástica, êle teria sido um Duns Scot; teria levantado a teoria das entidades intermediárias entre o espírito e a matéria e batido o exército inteiro dos nominalistas.

Hoje, no século XIX, vivendo neste canto da terra chamado Brasil, o seu temperamento, o seu exagerado subjetivismo obriga-o a passar primeiramente pela metáfora e pela antítese apocalíptica do Victor Hugo da *Legenda dos Séculos*, *

Car le mot, qu'on le sache, est un être vivant.

A crença na *palavra viva* põe-no, em seguida, em comunhão com o espírito Parnasiano.

Ninguém ignora o papel que o verbo, o princípio da subordinação do pensamento à forma, exerceu, ainda mesmo nos mais possantes e imaginosos poetas dessa escola, como Sully Prudhomme, Coppée e Leconte de Lisle. Raul tentou, nas *Canções sem Metro*, guindar-se a essas inacessíveis regiões da poesia rosicler. A sua índole, porém, não era a de um verdadeiro parnasiano. Espírito investigador, muito amigo de observar, e muito agudo, era-lhe impossível embotar-se nessa clarividência sempiterna da musa grega, transportada e aquecida ao sol das concepções modernas. Esta simplicidade olímpica só podia bastar a um espírito menos complicado; e o autor d'*O Ateneu* é uma natureza complicadíssima.

Chamei-o de *sutil*, e é o único meio de classificá-lo aproximadamente; porquanto, embora filiado a essa família de temperamentos virgilianos, de que já falei, embora definido pela sua incontestável natureza subjetivista, êsse moço apresenta umas tantas coisas que escapam, fogem à análise e dificilmente se põem em acôrdo com o resto do seu espírito.

Eu me explico.

Raul Pompéia manifestou-se, n'*O Ateneu*, um psicólogo de raça. Analista feliz, claro, transparente, nenhuma das qualidades indispensáveis parecem-lhe faltar para torná-lo um Stendhal moderno; o que quer dizer que, além de um artista, nesse escritor existe um filósofo, um pensador.

Entretanto, no meio de tôdas estas excelentes qualidades surge um ponto turvo e inquietador. Há momentos em que Raul Pompéia chega a parecer um mero diletante; e ocasião já houve, em que me pareceu vê-lo até nas fronteiras do acampamento dos simbolistas ou decadentes.

* Aliás, o verso é de *Les Contemplations*, "Aurore", "Suite", VIII.

— A afeição do Raul pelo *Sous l'oeil des Barbares*, de Maurício Barrès, disse-me, há dias, um amigo, não será sintoma de que êle já vai-se inclinando para o grupo dos Verlaine e dos Mallarmé?

— Não o creio, respondi logo.

Mas esta resposta sofre muitas restrições.

Estou certo que o decadismo é, até certo ponto, incompatível com as suas tendências profundas para o exame e para a reflexão.

Os simbolistas verdadeiros, legítimos, arvoraram uma bandeira em que se lê o terrível lema dantesco: *per me si va tra la perduta gente*.

O pensamento, para êles, é uma degradação, um ato imoral, e contrário à natureza. Compreende-se que, diante disto, é problemático que o nosso romancista psicólogo chegue a penetrar nessa via da literatura subterrânea.

★

Novidades, 13-12-1888

Há quem suponha que o decadismo é uma transformação do naturalismo e um produto lógico dos adiantamentos científicos do século. Profundo engano. O decadismo nem é um prolongamento revolucionário do realismo, nem assenta sôbre a concepção da arte resultante da síntese moderna. Antes de tudo, essa escola, històricamente, é a sucessora ou o último têrmo do parnasismo, * que, como todo o mundo sabe, graças às suas tendências aristocráticas e especiosas, coexistiu, embora na penumbra, com o naturalismo, durante tôda a época de seu maior movimento; o que não quer dizer que os seus grandes poetas tenham deixado de atingir a glória, e que Leconte de Lisle, por exemplo, não seja, pelo talento que possui, e não pela escola, um dos mais alevantados engenhos dêste fim de século. Como tal, portanto, o decadismo não podia prescindir de tomar posição oposta aos triunfadores de ontem, reagindo contra todos os seus dogmas fundamentais.

A escola de E. Zola é uma escola baseada na síntese objetiva do mundo; pois bem, os decadentes, uns por sistema, outros por instinto, foram procurar a síntese adversa, a subjetiva.

Quem conhecer um pouco a história da filosofia e o mecanismo dos métodos científicos, não encontrará dificuldade em verificar, desde logo, a direção que fatalmente serão obrigados a tomar os indivíduos que embarcaram na última canoa. As vistas positivas

---

* Sic.

e aos poemas concretos de hoje sucederão os apocalipses, as visões, os êxtases, as idealizações mais desenfreadas que se possam imaginar. E a prova de que isto é um sintoma está em que Stéphane Mallarmé, o chefe real e reconhecido da escola simbolista, há dez anos que trabalha em um poema, no qual se supõe dar uma *explicação órfica* do universo. Como é fácil de prever, essa explicação não se funda nem na observação, nem no experimentalismo, mas nas categorias do pensamento, – no *apriorismo* de uma imaginação, segundo afirmam, profundamente tocada por êsse mesmo espírito religioso que produziu Saint-Simon, Enfantin, Pierre Leroux e a ortodoxia de A. Comte.

Isto não constitui uma depreciação do movimento que surge. Não farei a injustiça de dizer, como J. Lemaître, que os simbolistas inventaram coisas que já estavam inventadas desde Homero; que êsses novos poetas não passam de logogrifistas, incapazes de escrever na língua de todo o mundo; nem, como J. Tellier, levarei o meu espírito de crítica até o ponto de passar a rasoura sôbre tantos talentos prometedores, classificando-os de reles amigos de extravagâncias sem nome. Ao contrário, estou perfeitamente capacitado de que nesse grupo de arrogantes enfastiados de zolismo existem muitos tipos, como, por exemplo, João Moréas, grego de origem, Vielé-Griffin, Charles Vignier, ambos muito versados em ciências naturais, os quais, pelo fato de não possuírem o temperamento simbolista, hão de abrir caminho e fundar escola.

Um fato que se não deve perder de vista, e que tem dado lugar a interessantes equivocações, é o da convivência em que se acham presentemente com o simbolismo muitos poetas e romancistas, postos em quarentena pelas grosserias do pseudonaturalismo. Delicados psicólogos uns, estilistas primorosos outros, analistas sutis pela maior parte, êstes indivíduos têm sido confundidos, senão envolvidos pela denominação genérica da escola; e assim, desde Barbey d'Aurevilly até Paulo Bourget, desde Huysmans até Maurício Barrès, contando uma imensidade de parnasianos indecisos e de baudelaireanos cansados, é possível catalogar quase tôda a novíssima geração, que, por cálculo ou sem êle, tenta libertar-se da influência ditatorial do autor do *Assommoir*.

Todavia, esta convergência de simpatias e analogias literárias, que buscam um ponto de apoio para se sistematizarem, não é o que constitui verdadeiramente a escola decadente. Será uma aspiração difusa para novas idéias, para uma disciplina mais completa de ação estética; os seus cânones não foram ainda escritos, e, quando o forem, nêle será consignada a mais ampla liberdade para * a * exploração de tôdas as aptidões artísticas dispersas por êsse corpo

chamado humanidade. Não é isto, porém, o que sucede com o verdadeiro grupo dos simbolistas, de que Stéphane Mallarmé é a encarnação perfeita, e René Ghil, o retórico e o discípulo mais aproveitado. Nestes dois indivíduos, felizmente, encontra-se a nova teoria de arte posta em têrmos de ser francamente apreendida, pois que o expositor da doutrina mais conhecido, Anatole Baju, não fêz, até o presente senão definir as aspirações da geração atual por meio de fórmulas muito lisonjeiras e nada fiéis aos fenômenos de transformismo literário.

Em primeiro lugar, o que logo avulta no mallarmismo é a dificuldade crescente de compreender-se o que os da sua escola pretendem dizer. Edmundo de Goncourt, que não se pode tomar por um espírito espêsso, antes é um dos mais refinados estilistas dos tempos que correm, prefaciando *Les derniers songes*, romance de Francis Poictevin, teve a franqueza de declarar que não tinha percebido o pensamento do livro, conseguindo apenas apanhar, na flutuação do estilo da obra, aqui e ali, uma ou outra definição delicada de sentimentos e de objetos. É a isso que êle, irônicamente, dá o nome de — *vitórias da prosa sôbre o invisível, sôbre o impalpável*. Esta frase de Goncourt, como tôdas as que saem da pena dêste notável mestre, é enormemente sugestiva, e, sem que o queira, dá uma idéia das pretensões que os decadentes arvoram como bandeira em pleno século XIX. De fato, não enxergando * no * decadismo, como J. Lemaître, uma enfermidade igual ao *preciosismo* do tempo da Renascença e ao *grotescicismo* do tempo de Luís XIII, o que me parece é que os verdadeiros simbolistas não fazem senão especializar uma das inúmeras funções da literatura vigente, reduzindo tôdas as concepções estéticas a uma espécie de microfonia ou música de grilos.

★

Novidades, 15-12-1888

Quando a obscuridade resulta apenas da luta que as inteligências superiores são obrigadas a travar com a matéria bruta, para pô-la de acôrdo com o pensamento, é perfeitamente compreensível a atitude de certos escritores difíceis. Mas não é êste o caso dos decadentes; e se bem que, segundo as afirmações de um dêles, "a obra de arte deve dirigir-se a todos e a cada um na medida de sua inteligência, e que o tema geral deve ser acessível sem dificuldade a todos os leitores", não é menos certo, conforme pretende o mesmo escritor, que "a tonalidade especial convém que só seja perceptível para um público muito restrito de letrados, assim como o símbolo só se revelará aos eleitos".

A fórmula integral do decadismo não apresenta, portanto, uma verdadeira novidade. Quem conhece Shakespeare, sabe perfeitamente que *Hamlet* ou *Otelo* tanto conseguem impressionar um rústico, pelas linhas gerais, pelo contôrno, como ao mais refinado crítico, pela profundidade do caráter e acuidade da impressão. Tal qual o que se dá quando ambos se colocam diante de qualquer fenômeno natural, de um raio, de uma floresta, da flutuação dos mares.

Os simbolistas, entretanto, tomaram à letra a última parte da fórmula, esquecendo completamente a primeira.

A ingênua confissão de Vielé-Griffin, em última análise, atesta de modo positivo os intuitos da nova escola. Temos a repetição dos processos literários de Alonso de Ledesma, na Espanha do século XVI. O simbolismo, ultrapassando certos limites, converteu-se em uma literatura hermética, em uma literatura de adeptos, cujas comunicações não podem ser compreendidas senão à vista da competente chave. Sem um Champollion, é muito problemática a nossa convivência intelectual, pelo menos com os extremados.

É mais ou menos conhecida a lei que rege a reprodução dêsses fenômenos históricos, e mais a da sua complicação crescente. Não é de admirar, portanto, que Mallarmé venha nos dar, no fim do século XIX, depois do Zolismo, uma segunda edição do conceptismo, mais correta e aumentada com as sutilezas modernas, com as mesmas tendências místicas, o mesmo bizantinismo, os mesmos calemburgos. Em todo o caso, o mallarmismo não vai além de uma erupção determinada, ora pela incapacidade de alguns temperamentos literários para suportarem o trabalho de detalhe, ora pela falta de discernimento para a análise, ora pela ausência de fôrça cerebral para os aturados exercícios de atenção. Preguiça mental, em suma. Não é a tendência para a abstração o que os caracteriza. Justamente pelo horror que lhes causam as idéias abstratas, pela dificuldade que encontram em manter o espírito equilibrado entre o fato positivo e a idéia geral, é que êles, sob a pressão grosseira do naturalismo, repelidos do concurso vital, aproveitam a oportunidade no momento atual para evadirem-se do real, transportando-se para o sonho, — o sonho vago e indeciso do sonâmbulo, — espécie de *faquirismo* literário, em que a alma voga no espaço indeterminado, não fundida no espírito de Deus, mas transformada em massas cambiantes de luz, de côres, em vibrações eólicas que vão, que vêm, que se perdem na eternidade.

A impressão, pelo menos, que Verlaine me causa, quando leio seus livros menos simbólicos, é a de uma luz eclíptica, crepuscular; a mesma impressão que me causaria uma paisagem polar, acompa-

nhada do sentimento da ausência do calor e da vida equatorial, — o contrário, em tudo e por tudo, do que encontro nas telas gritadoras e quentes de Richepin.

Dir-se-ia, à primeira vista, que não se trata, neste caso, senão de um realismo mórbido à Edgar Poe. Errará, porém, quem o afirmar, porque o autor das *Histórias Extraordinárias*, não só tinha uma imaginação abundante e um colorido mais que intenso, como dispunha de um desenho firme, nítido, vigoroso. Os decadentes aboliram o desenho, não falemos na figura; e pintor da escola virá que, pretendendo representar a paixão de Otelo, se contentará com espalhar na tela umas tonalidades rubras e amarelas sôbre fundo espêsso, espreitadas de um canto do quadro pelas agudas armas de um toiro. Êles não truncam a natureza; diluem-na. Desarticulam o pensamento, desassociam as idéias, e difundem-se, traduzindo o seu niilismo literário em decomposições individuais, segundo cada temperamento, — nirvanas sonoros ou luminosos, macroscópicos ou microscópicos, de acôrdo com a retina e as fibras auditivas de cada um.

Perturbados pelas teorias de Helmholtz, Meyer e Pierson sôbre a fisiologia da voz e a métrica da linguagem; fazendo uma exagerada aplicação à literatura do princípio da contigüidade das sensações obtidas pelos diversos sentidos; retrotraindo até o ponto de inserção dos órgãos estéticos: os simbolistas chegaram insensìvelmente à teoria estranha de que, não tendo a natureza a faculdade de pensar, e sendo as suas manifestações desarticuladas, vagas, indeterminadas, o verdadeiro poeta devia, por isso mesmo, para representá-la, recorrer ao auxílio tão sòmente dos estados de consciência homogêneos.

É Mallarmé quem o diz, prefaciando o *Tratado do Verbo*, de René Ghil:

> Narrer, enseigner, même décrire, cela va et encore qu'à chacun suffirait peut-être, pour échanger toute pensée humaine, de prendre ou de mettre dans la main d'autrui en silence une pièce de monnaie, l'emploi élémentaire du discours dessert l'universel reportage dont, la Littérature exceptée, participe tout, entre les genres d'écrits contemporains.
>
> À quoi bon la merveille de transposer un fait de nature en sa presque disparition vibratoire selon le jeu de la parole, cependant, si ce n'est pour qu'en émane, sans la gêne d'un proche ou concret rappel, la notion pure?
>
> Je dis : une fleur! et, hors de l'oubli où ma voix relègue aucun contour, en tant que quelque chose d'autre que le calice sus, musicalement se lève, idée même et suave, l'absente de tous bouquets.

> Au contraire d'une fonction de numéraire facile et représentatif, comme le traite d'abord la foule, le parler qui est, après tout, rêve et chant, retrouve chez le poète, par nécessité constitutive d'un art consacré aux fictions, sa virtualité.
>
> Le vers *qui de plusieurs vocables refait un mot total, neuf, étranger à la langue,* et comme incantatoire, achève cet isolement de la parole: niant, d'un trait souverain, le hasard demeuré aux termes malgré l'artifice de leur retrempe alternée en le sens et la sonorité, et vous cause cette surprise de n'avoir ouï jamais tel fragment ordinaire d'élocution, en même temps que la réminiscence de l'objet nommé baigne dans une clairvoyante atmosphère.

Para traduzir êsse estado órfico, a que o chefe do simbolismo quer reduzir a humanidade, foi que René Ghil inventou a retórica da *instrumentação falada* ou instrumentação poética.

★

Novidades, 17-12-1888

Para os poetas musicais, segundo o instrutor da escola simbolista, os espetáculos da vida terrestre são estrofes de um *eterno rumor silencioso,* que se desprendem de instrumentos invisíveis. O artista não tem outro destino senão o de buscar surpreender êsse mistério e torná-lo tangível; e é pela estreita e sutil aproximação das *côres,* dos *timbres* e das *vogais* que êle elevará a palavra humana até a categoria de verdadeiro órgão transmissor dêsse estado de delícia paradisíaca.

A teoria inteira da poética decadente passa, por êste modo, a desenvolver-se no terreno puro da sinfonia. René Ghil, instrumentando a alma humana pelo alfabeto, não deixa de ser originalíssimo.

> Constant les souverainetés les Harpes sont blanches; et bleus sont les Violons pour surmener notre passion; en la plénitude des ovations, les Cuivres sont rouges; les Flûtes, jaunes, qui modulent l'ingénu s'étonnant de la lueur des lèvres; et, sourdeur de la Terre et des Chairs, synthèse simplement des seuls Instruments simples les Orgues toutes noires plangorent
>
> Que surgissent, maintenant! les couleurs des VOYELLES sonnant le mystère primordial. ....
>
> Colorées [ainsi] se prouvent à mon regard exempt d'antérieur aveuglement les cinq :
>
> A, noir; E, blanc; I, bleu; O, rouge; U, jaune; dans la très calme royauté de cinq durables lieux s'épanoissant monde aux soleils : mais l'A étrange en qui s'étouffe des quatre autres la propre gloire, pour ce qu'étant le désert il implique toutes les présences.
>
> D'où, à l'esprit qui me suivit (introublé désormais si des INSTRUMENTS pères lui sont présentes les COULEURS, plus haut régnantes) selon la logique apparait la conclusion voulue, disant :

> A, les orgues; E, les harpes; I, les violons; O, les cuivres; U, les flûtes; et: c'est en allant quérir selon l'ordre de ma vision chantante les mots où les plus souvent se nombre la VOYELLE maîtresse demandée, que l'immatérielle obéissance vibrera de l'INSTRUMENT au timbre qui sied.

Disposto assim o poeta em grande orquestra animada, não lhe restará senão contemplar a vida e "revelar as atitudes, os gestos eternos e o revolvimento vago da alma, aroma das sensações".[2] Desde que se verifica que atitudes, gestos, sensações e pensamentos, tudo se pode reduzir a ritmo, e que o ritmo é contíguo às côres esparsas sonoras, que êle sintetiza, segue-se que todo o espetáculo de corpos vivos acaba por traduzir-se em uma decoração, uma encenação *ouvida*.

Não é difícil chegar à conclusão de que semelhante concepção artística pode trazer inúmeros progressos ao verso e à cadência da prosa; mas, antes de tudo, essa nova retórica será obrigada a lutar renhidamente com a ciência contemporânea.

A que ficam reduzidas as leis da economia do esfôrço e outras que a lingüística tão trabalhosamente conseguiu incorporar ao capital científico da humanidade?

A essas pretensões herméticas e sinfônicas acresce outra. Os simbolistas, tentando eliminar os resultados de uma obra arquisecular, isto é, — a desarticulação da linguagem natural, procuram principalmente transformar a sintaxe numa simples combinação de onomatopéias aferentes aos diversos órgãos de percepção externa. É, pelo menos, o que se deve deduzir do processo inculcado pelo Mallarmé: *de muitos vocábulos refazer um vocábulo total, novo, e estranho à língua,* eis o grande encantamento dessa arte singular. Mas quem conhecer um pouco de filologia comparada, verá que essa ingênua confissão traduz, nada mais, nada menos do que um retôrno ao período interjetivo, à holófrase, a êsse estado da *palavra-frase* de que Bergman e Sayce, em seus livros de lingüística, têm-se ocupado tão proficientemente.

Pode ser que me engane, mas, pelo que tenho observado, acredito que os decadentes que não são obscuros por natureza estão usando de um processo curioso para atingirem aquela almejada confusão holofrástica. Não possuindo ouvido afinado para realizarem a instrumentação imaterial dos sonetos do poeta maldito Rimbaud, êles tratam, primeiro, de truncar a sua sintaxe, depois substituem os vocábulos modernos pelos arcaicos e os epítetos claros

---

[2] René Ghil, *Traité du verbe*, p. 41 ss.

por metáforas, que se podem chamar herméticas, por consistirem em alusões de gíria literária ou *langue verte* preciosa.

A isto junte-se a circunstância de que, em todo o juízo que formulam, os decadentes suprimem os dois primeiros têrmos da proposição, e compreender-se-á como êsses adeptos marcham ràpidamente para a sugestão ou para o espiritismo. A continuarem as coisas por êste caminho, a desenvolverem-se por êste modo o subjetivismo da raça e as tendências do nosso espírito para a cabala, não duvidarei que, em breve, essa síntese de sensações, isolada das coisas materiais, decompondo o homem num alienado do ambiente, apresente-nos o poeta supremo em seu solilóquio eterno, sem que se saiba em que mundo pisa, nem debaixo de que céu habita, com o ôlho hipnótico fixo na palavra, a fazer surgir, pelo encanto único das raízes verbais, *uma floresta de sonoridades, de vibrações coloridas, representativas da vida universal*.

E neste instante, como o pretende o tratadista do *verbo,* ficará "descoberto que o Todo repousa sôbre as propriedades geométricas, filosòficamente consideradas, da elipse".

Tais idéias não eram novas para o autor d'*O Ateneu,* quando os primeiros livros de Mellerio e M. Barrès vieram revelar-lhe a existência dêsse movimento. E, coisa estranha! ao mesmo tempo que René Ghil se wagnerizava na Europa, instituindo a sua *instrumentação falada,* Raul Pompéia, adivinhando tudo aquilo, preocupava-se com uma teoria de linguagem métrica, que havia de constituir a excelência da prosa do seu livro, como proporcionar-lhe a colocação, na bôca de um dos seus personagens, de um discurso que é a síntese do seu espírito.

★

Novidades, 18-12-1888

O temperamento de Raul Pompéia achou na teoria da instrumentação literária largo campo para desenvolver-se.

> Sobrevive ainda o poema consolador e supremo, a eterna lira, — diz êle.
>
> É a arte de hoje.
>
> Reinou primeiro o mármore e a forma; reinaram as côres e [o] contôrno; reinam agora os sons, — música e a palavra. Humanizou-se o ideal. O hino dos poetas do mármore, do colorido, que remontava ao firmamento, fala agora aos homens, advogado enérgico do sentimento.

Sonho, sentimento artístico ou contemplação, é o prazer atento da harmonia, da simetria, do ritmo, do acôrdo das impressões com a vibração da sensibilidade nervosa. É a sensação transformada.....

O coração é o pêndulo universal dos ritmos. O movimento isócrono do músculo é como o aferidor natural das vibrações harmônicas, nervosas, luminosas, sonoras. Graduam-se pela mesma escala as impressões e sentimentos do mundo. Há estados de alma que correspondem à côr azul, ou às notas graves da música; há sons brilhantes como a luz vermelha, que se harmonizam no sentimento com a mais vívida animação.

A representação dos sentimentos efetua-se de acôrdo com estas repercussões.

O estudo da linguagem demonstra.

A vogal, símbolo gráfico da interjeição primitiva, nascida espontâneamente e instintivamente do sentimento, sujeita-se à variedade cromática do timbre, como os sons dos instrumentos de música.

Gradua-se em escala ascendente u, o, a, e, i, possuindo uma variedade infinita de sons intermediários, que o sentimento da eloqüência sugere aos lábios, que se não registram, mas que vivem vida real nas palavras e fazem viver a expressão, sensivelmente enérgica, emancipada do preceito pedagógico, de improviso, quase inventada pelo momento.

Há ainda na linguagem o ritmo de cada expressão.

Quando o sentimento fala, *a linguagem não se fragmenta por vocábulos*, como nos dicionários. É a *emissão de um som prolongado*, o crepitar de consoantes, alteando-se ou baixando, conforme o timbre vocal.

O que move o ouvinte é uma impressão de conjunto. O sentimento de uma frase penetra-nos, mesmo enunciado em desconhecido idioma.

O timbre da vogal, o ritmo da frase dão alma à elocução. O timbre é o colorido, o ritmo é a linha e o contôrno. A lei da eloqüência domina na música; colorido e linha, seriação de notas e andamentos; domina na escultura, na arquitetura, na pintura: ainda a linha e colorido.[3]

Destas palavras resulta que o autor d'*O Ateneu*, deixando-se levar gradualmente pelas linhas místicas do seu temperamento, terminou por encontrar-se, em plena visão órfica, com o poeta de *L'après-midi d'un faune*, o grande Mallarmé.

Êsse fenômeno, contudo, tem sua explicação no mecanismo dos espíritos de ordem subjetiva. É fatal, pelo menos em teoria, que êles terminem por essas ilusões verbais. Raul Pompéia leu a *Métrica Natural da Linguagem*, de Pierson, e êsse livro abriu-lhe aos olhos regiões inexploradas. Se se tratasse de um temperamento objetivista, a instrumentação da palavra teria permanecido no seu terreno puramente fônico. Mas, dando-se o contrário, imediatamente a nova teoria tomou, em sua imaginação, o caminho do ideal de Schlegel. Tudo se subordinou ao verbo, e o verbo se fêz carne!

[3] *O Ateneu*, pp. 183 e 55.

A palavra deixou de ser o que é na realidade, — uma função que todos os dias se diferença, sob a dupla influência do ambiente e das crescentes necessidades lógicas do espírito, para converter-se nessa entidade viva, nervosa, que, como a psique da poética clássica, vem dar fôrça ao cadáver humano e ligá-lo ao universo pela magia do *harmonion*. A holófrase consciente: sempre a holófrase primitiva.

Não nos assustemos, porém, com essa ambigüidade de idéias, porque, do mesmo modo que alguns decadentes já citados, Raul Pompéia tem, na sua constituição artística, os elementos necessários para premunir-se dêsse wagnerismo literário. E a prova de que a teoria da palavra instrumentada não o prejudicou está na clareza do seu romance, na nitidez da frase e no destaque, não só das figuras, como dos sentimentos que tumultuam naquele livro.

A questão cifra-se no seguinte. Eu acredito que Raul Pompéia seja capaz de perder o bom-senso, entrando pelo terreno das abstrações científicas; mas julgo-o impenetrável à fraqueza do misticismo clássico, desde que, abandonado êste terreno, êle toma o escopro, o pincel ou a pena para pôr-se em obra. Artista, e artista preocupado, nunca o abandona o instinto a que se poderia dar o nome de *faro estético*.

É assim que, apenas o vemos agindo no livro, sentimos o mesmo *entrain* que se apodera do caçador a quem precede o perdigueiro astuto. Antecipadamente sabemos que tal guia não nos conduzirá a píncaros escarpados, nem nos fará descortinar campos infinitos, regiões longínquas; mas temos certeza de que, pôsto na pista de um caráter, na linha evolutiva de uma sensação, êle terá o poder de arrastar-nos com vertigem através das mais recônditas veredas e dos latíbulos mais escusos.

E tudo isto se reduz à maneira particular pela qual êsse interessante artista sabe associar as imagens que povoam o seu cérebro, ou, antes, — tudo isto se explica pelo modo por que a natureza o obriga a sistematizar as suas sensações.

★

Novidades, 20-12-1888

Felizmente, para as letras brasileiras, a música e o colorido são dons naturais em Raul Pompéia. Nesse terreno, a visão se produz para êle clara, positiva, independente dêsse esfôrço mórbido que costuma provocar alucinações. Apesar de tentado pelo desejo de exprimir o invisível, apesar de suas tendências de artista aristocrático e sutil, essa circunstância permitiu-lhe desde logo o repúdio das loucuras da nova escola.

O *Ateneu* parece, pelo menos, atestar, da primeira à ultima linha, que o espírito do romancista não se evadiu da realidade e que permanece imune do faquirismo literário já por mim assinalado.

O sonho, no caso vertente, é fisiológico, e as tendências órficas do poeta estabelecem equilíbrio perfeito com a lógica interior, — equilíbrio, convém declarar logo, que contraria de frente a pretensão dos decadentes de reduzirem a literatura a uma função isolada. A linguagem, pois, de Raul Pompéia não se desarticulou, nem a sua sintaxe, truncando-se, transformou-se em eco fugitivo de sensações indefinidas. A sua frase mantém-se diferenciada e moderna, com a devida capacidade para suportar tôda a variação complexa do pensamento do século. Longe de ser um livro de literatura hermética, *O Ateneu* é um livro de literatura transparente. As nervuras, a contextura dessa obra não se obscurecem mergulhando na sinfonia sintática e na holófrase do mallarmismo. Os juízos são completos; as comparações, integrais; e os fenômenos inconscientes da semântica, respeitados como devem o ser todos os fatos orgânicos, em que a natureza se pronuncia de um modo inexorável. [4]

O romance, por mais que o inculque o autor d'*O Ateneu*, na sua refinadíssima teoria da arte, repousa, como os poemas de Mallarmé e René Ghil, sôbre "as propriedades geométricas, filosòficamente encaradas, da elipse".

Raul Pompéia é a negação da reticência; o seu pensamento enuncia-se com a precisão de uma estátua grega.

———

A complicação do seu temperamento literário resume-se na seguinte fórmula: — *um realista subjetivista*. Daí a sua segurança. O segundo têrmo da fórmula tê-lo-ia orientado na direção das regiões subterrâneas, onde os espíritos vivem no eterno labor daqueles gigantes do Ariosto, que desfaziam-se, refaziam-se, para depois prosseguirem através de florestas azuis, intermináveis, iluminando a senda com a cabeça, como lanterna sangrenta pendente dos próprios dedos. O primeiro têrmo, porém, chama-o à luz meridiana e delimita francamente o seu caráter e a extensão do seu talento. As associações de imagens se fazem em seu espírito de um modo invariável; não vacilam.

---

[4] Uma das causas mais importantes da obscuridade dos decadentes é o desprêzo com que êles pretendem tratar a história dos vocábulos.

As leis da semântica não existem para essa escola; ou, pelo menos, os mallarmistas pensam poder dirigir êsses fenômenos. O que a natureza leva séculos a fazer, êles realizam num momento.

A acepção das palavras não reside, pois, nem nas analogias, nem na sucessão estrutural; reside no ato de vontade, na ação sugestiva do escritor !!

Os decadentes, os místicos, os sonâmbulos literários associam côres, sons, aspectos vagos, isolando-se completamente do ambiente. Raul Pompéia apenas segrega-se das sensações de conjunto; eis porque êle não é um realista objetivista.

Concreto por partes, seu espírito torna-se abstrato apenas quando das imagens particulares êle procura remontar-se às gerais, aos grupos, às coleções, ao todo. Espírito analítico e positivo, quanto ao que diz respeito às coisas destacadas, o romancista d'*O Ateneu* é capaz de impressionar-se e de experimentar uma sensação profunda diante de qualquer canto de paisagem, de um personagem isolado agindo sôbre outro do primeiro espécime da fauna ou da flora que lhe apareça, de um tique característico da índole dêste ou daquele indivíduo que por acaso caia no campo da sua exploração visual. Desde, porém, que se trata de uma *associação de aspectos*, quer da natureza exterior, quer da interior, a sensação de Raul Pompéia torna-se completamente negativa. O seu espírito não pode vibrar; a sua fosforização cerebral extingue-se, apaga-se; e o artista, na angústia que lhe causam essa ausência do sentimento do conjunto e a presença da abstração incômoda, aflitiva a tôda a alma poética, passa a construir uma fórmula que seja capaz de dar unidade às concreções anteriormente obtidas pela sensação analítica. Essa fórmula abstrata, contudo, caindo no domínio da cerebração inconsciente do artista, converte-se imediatamente numa espécie de *chinoiserie*, em desacôrdo com a amplitude que lhe convinha; do que resulta certa ilusão benéfica para o leitor ou para o contemplador da obra cinzelada pelo primoroso escritor.

Daí uma conseqüência. Não podendo as suas idéias concretas ter um centro concreto; sendo, por necessidade orgânica da obra de arte, obrigado a buscar uma subordinação qualquer que mantenha em equilíbrio as diversas partes que a compõem; não havendo para êle outro recurso senão sair do terreno objetivo e apelar para a síntese subjetiva: segue-se que Raul Pompéia nunca conseguiria escrever com êxito um poema como a *Ilíada*, um drama como o *Júlio César*, de Shakespeare, um romance como *A Terra*, de Zola.

A integração puramente objetiva dêsses trabalhos artísticos está fora do círculo de suas aptidões cerebrais. Ao invés disto, porém, as suas fôrças surgiriam vivazes, inextinguíveis, se a época permitisse empreender um poema como a *Divina Comédia*, aonde os fatos concretos e analíticos integram-se no sonho teológico, no grande sonho patriótico, no grande sonho amoroso de Alighieri; sua índole literária achar-se-ia muito bem nas monografias modernas dos

Goncourt, nos romances de estudos psíquicos retilíneos de Bourget; seu estilo se renovaria no humorismo e na clarividência do *Tartarin*, de A. Daudet.

Tôda a região do romance psicológico está aberta ao talento de Raul Pompéia; e a sua arte estereotipou-se inteira no seu romance *O Ateneu*.

II

A MÁQUINA

Novidades, 21-12-1888

Vegécio dizia que a legião romana era uma invenção dos deuses. Com efeito, quem houver refletido sôbre a perfeição do aparelho com que os Romanos conquistaram o mundo, terá chegado à convicção de que a história do desenvolvimento da fôrça política e da expansibilidade de Roma encontra-se inteira no estudo das transformações por que passou essa molécula social. A legião, de acôrdo com épocas e com as regiões para onde a dirigiam, encerrava, em sua organização, tudo quanto era necessário para impressionar os bárbaros, esmagar os Jugurtas, destroçar os Mitrídates, extenuar os Pirros. A disposição do campo mobilizável; as coortes e os vélites; o engenho das máquinas de guerra : tudo, nessa divina criação, concorria para que fôsse considerada um resumo da fôrça do Estado romano prolongando-se através do desconhecido, para assimilá-lo ou para destruí-lo. Os generais de gênio, usando dêsses aparelhos, realizaram prodígios de estratégia; e não houve ambição particular nem aspiração coletiva que não encontrasse na legião o instrumento dócil, modificável, de seus triunfos.

A obra de arte assemelha-se, em muitos pontos, a essa construção de ordem sociológica. Ela é obrigada a investir contra escolas constituídas, por um lado, a disciplinar-se, a apresentar-se como fôrça sistemática, por outro; e, por fim, destinada a invadir a barbaria antiartística, tem de assimilá-la pela admiração, pelo espanto, ferindo-a com os recursos da estilística nas partes mais vivas da imaginação.

Do mesmo modo que Coriolano, que César, que Germânico, que Mário, que Cipião, o artista dirigirá a sua legião ou as suas legiões em todos os sentidos, imprimindo-lhes o movimento peculiar à sua organização artística, e usará da estratégia que mais convenha [à] intensificação dos impulsos naturais — do próprio talento.

É indispensável, pois, que ela se destaque no espírito do contemplador, seja qual fôr a região em que penetre. Trabalho de conquista, não deve o público perder de vista as águias vencedoras.

———

O romance psicológico existia constituído quando Raul Pompéia surgiu nas letras pátrias. Vamos ver como êle, metendo-se na armadura de Stendhal, desenvolveu a sua estratégia particular.

Como todo o livro que o artista se lembra de um dia escrever, convertendo a alma na câmara escura onde se reflete, através de um pó sutil e dourado, a vida exterior, a *Crônica de Saudades* de Raul Pompéia é um livro acre e vibrante; o seu contexto compõe-se de diversas séries de *estremecimentos,* produzidos, em sua imaginação recentemente cultivada, pelas recordações de uma vida vivida em sentimental adolescência.

Ser poeta, apesar de uma reflexão profunda; *enlouquecer* na análise dos fatos psíquicos; *estremecer* dia a dia, hora a hora, entre êsse fato e a forma exata que o deverá vestir; virar-se pelo avêsso, como o pólipo, e mostrar o aparelho interno funcionando a descoberto, numa monstruosa adaptação ao ambiente : eis o espetáculo que mais comove n'*O Ateneu,* por cuja originalidade não há quem se não deixe vincular.

> A realidade, — diz M. Barrès, — varia segundo a natureza de cada um de nós, pois que ela se reduz ao conjunto dos nossos hábitos de ver, de sentir, de raciocinar.

De acôrdo com êsse ponto de vista, no seu livro *Sous l'oeil des Barbares* passa a descrever um rapaz sensível, "cuja visão do universo se transforma de momento a momento, e que guarda uma lembrança muito nítida de seis ou sete realidades diferentes". E o seu romance não é, nem mais, nem menos, do que um estudo das estratificações de um espírito de diletante, do que a história das superposições de estados de consciência : — a evolução psíquica de um indivíduo, o crescimento de uma alma; as quedas e os retrocessos de um temperamento, observados do presente para o passado, por meio do método de inspeção retilínea.

Frissonneur, quacre literário, o Raul Pompéia d'*O Ateneu,* como Barrès, também procura reconstruir o passado de uma alma que possuiu várias realidades. Entre os dois, contudo, há profundas diferenças. Enquanto o escritor francês faz ressaltar os movimentos interiores do seu personagem pelo contraste com o ambiente tomado em seu conjunto, o brasileiro, perfeitamente darwinista neste

tanto, obtém todos os seus grandes resultados estabelecendo o processo de uma seleção psíquica. A luta pela vida do caráter, a luta pela autonomia mental, — eis Sérgio, o personagem que fala da primeira à última página do romance.

O livro desenrola-se em uma série de estados curiosos e contraditórios. Em cada capítulo há uma obsessão nova: e cada fase d'*O Ateneu* revela um Sérgio diferente.

Mas essas diferenças são determinadas por uma singular coincidência, de que talvez o próprio autor não tenha tido consciência. Sérgio, no colégio, sofreu a influência de amigos os mais opostos em caráter. Pois bem, de cada vez que se operava uma dessas substituições, a sua alma eliminava-se e deixava-se substituir pela dêsse novo amigo.

"Coragem para a luta", lhe dissera o pai, no dia em que o colocara no Labirinto de Creta, — no Ateneu; e o infeliz menino, convencido da terrível necessidade de lutar, altivo por educação, mas afetivo como os que mais o possam ser, empreendeu uma cruzada em que, nas obscuridades do próprio caráter, êle muitas vêzes encontrou o desespêro e quase a morte.

É preciso não ceder, — *be a man;* mas a natureza não se desprendia dos seus segredos e o homem continuava no eterno enigma do esfôrço.

★

Novidades, 24-12-1888

Sérgio não é Sérgio; Sérgio é um composto de transfigurações, dolorosas, muitas vêzes extraordinárias, durante as quais, se, como em certos casos patológicos citados pelos psiquiatras, a sua consciência nem sempre se anula de todo, pelo menos sua vontade sofre as conseqüências da superposição de uma, de outra e de tantas vontades quantas lhe aparecem. Seu caráter é vítima do contágio: e a cada momento invade-o o que há de saliente ou percuciente no dos indivíduos que dêle se aproximam.

Nestas situações, a imaginação se lhe transforma numa tela de lanterna mágica, aonde os contornos, os quadros, as figuras se vão sucedendo por encapsulação, de modo a permitir que, em momentos dados, as linhas dos *clichés* se confundam, e que, dentro de uma paisagem álgida da Lapônia, no meio de urzes e renas, se veja despontar uma manhã tropical acompanhada de tôda sua encenação americana.

Tudo, por fim, dissolve-se, e Sérgio fica. Os *blue devils*, os obsedadores somem-se por um canto da tela, como as figuras chinesas dos ilusionistas de teatro; mas a retina do caráter é que reincide em refazê-las ainda por algum tempo, e o vinco vai ficando, e a alma se deformando.

Êsse estado de Sérgio tem, todavia, uma significação muito clara e precisa. Não se exagera impunemente uma função; e a exageração da função artística, a hiperestesia da faculdade, com que êsses escolhidos conseguem apreender o traço essencial das coisas, acaba, quase sem exceção, por torná-los insensíveis, indiferentes à origem das próprias volições. Acostumados a buscar incessantemente provocações, quando sucede pretenderem de repente assumir o govêrno das próprias ações, acham-se completamente desarmados e incapazes de tomar a menor deliberação, de envergar a responsabilidade da mais simples dificuldade. Ora, aquilo que, de ordinário, só acontece aos artistas, pelo exercício aturado da função estética, passa a ser desde logo um fato consumado para Sérgio, que entra na vida tomando-a instintivamente pelo lado do inexprimível, concebendo-a como matéria de estilo, confundindo-a com a arte na sua significação mais abstrata. Tem sido isto a desgraça de mais de um artista. Desde que não se tem a coragem de um Lafontaine, para desprezar tudo em benefício de algumas fábulas; para não fazer caso nem da sociedade, nem dos homens, nem da família; para não recear a pecha de idiota ou de caráter degradado; nem o sangue frio para, isolado de tôdas as considerações que martirizam o homem social, entregar-se, sem preocupação de moralista, à sua obra, mas sòmente à sua obra: — a conseqüência é óbvia, — a arte, para êsse artista, converte-se numa contínua agressão ao próprio caráter.

Profundamente virtuoso e profundamente artista, Sérgio não pode equilibrar-se nunca entre a idéia exagerada que êle forma da dignidade humana e a impressão pitoresca que lhe causa tôda a atividade a se ostentar pròximamente, repercutindo sôbre a sua irritabilidade de contemplativo.

Basta ler as confissões do deliqüescente Sérgio sôbre o forte e robusto Bento Alves, o seu quarto amigo, na ordem cronológica de sua vida n'*O Ateneu*, para compreender-se todo o mecanismo da alma dessa vítima do colégio.

> A amizade de Bento Alves, e a que nutri por êle, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava Rebêlo, a efeminação existe como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque podia valer-me; porque me respeitava, quase tímido, como se não

tivesse ânimo de ser amigo. Para olhar-me, esperava que tirasse dêle os meus olhos. A primeira vez que me deu presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. Aquela timidez, em vez de alertar, enternecia-me, a mim, que devia estar de prevenção contra escaldos de água fria. Interessante é que vago elemento de materialidade havia nesta afeição de criança, tal qual nota em amor, prazer do contato fortuito de um apêrto de mãos, da emanação da roupa, como se absorvêssemos um pouco de objeto simpático.

Na biblioteca, Bento Alves escolhia-me as obras; imaginava as que podiam interessar; e propunha a compra, ou comprava-as e oferecia ao *Grêmio*, para dispensar-se de mas dar diretamente. No recreio, não andávamos juntos; mas eu via de longe o amigo, atento, seguindo-me o seu olhar como um cão de guarda. Soube depois que ameaçava torcer o pescoço a quem pensasse apenas em ofender-me; seu irmão adotivo; confirmava.

Eu, que, havia bastante tempo, assumira entre os colegas um belo ar de impávida altania, modificava-me com o amigo, e sentia-me bem na submissão voluntária, como se fôsse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina.

A malignidade do Barbalho e seu grupo não dormia. Tremendo da represália do Alves, faziam pelos cantos escorraçada maledicência digna dêles.

Às vêzes, na biblioteca, enquanto eu lia, Alves olhava-me do outro lado da mesa central de pano verde, com a mão à fronte e os dedos mergulhados nos cabelos. Olhava-me, e eu o sentia sem levantar a vista, compreendendo no mais fino refôlho de ninada vaidade que aquela contemplação traduzia o horror do ridículo, proverbial em Bento Alves, manietando-lhe rijamente uma efusão. Não fôsse a crítica uma criatura do tempo, eu poderia achar cômica a situação dos personagens desta cena de platonismo. Não havendo a crítica para falsear a psicologia por desdobramento, limitava-me a ser sincero com o pobre amigo. Às vêzes vinha-me à pálpebra uma lágrima sem origem.

No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase disse amante, tantas as minudências de cuidados. Não havia regalo, dessas mesquinhas coisas de preço enorme, na carestia perpétua da prisão escolar, de que se não privasse o Alves por meu proveito, desesperando-se, a fazer pena, se tentava recusar.

A conversa, falava da família do Rio Grande do Sul; tinha duas irmãs; falava delas; do tempo passado que as não via, muito claras, de belos olhos, uma de quinze anos, outra de doze; êle tinha dezoito. Falava de cuidados higiênicos meus, mudar de cama no salão azul, que estava muito perto das janelas, e isto havia de ser nocivo... Outras ninharias, em tom de sentida brandura, como se desejasse decrescer das proporções sólidas de sua conformação para reduzir-se à exigüidade balbuciante de uma carcaçazinha de avó, minguada de velhice, animada, ainda e apenas, pela febre do último alento, pela necessidade de carregar ainda alguns dias um coração, um amor.[5]

---

[5] *O Ateneu*, pp. 167-169.

Não há dúvida de que a mola capital do caráter de Sérgio é o sentimento profundo da sua falta de fôrça para resistir. A preocupação da alma nua aterra-o. A idéia de um conflito possível entre as dificuldades que se lhe antolham na vida futura e a sua energia relativamente insuficiente põe-lhe no espírito, na imaginação, um constrangimento, que o convulsiona e o conduz, de delíquio em delíquio, de amizade em amizade, à mais triste das lógicas, — *a lógica da cobardia inconsciente e digna*.

Em certas crises de entusiasmo, Sérgio se sente grande, só por ter a mente grávida da figura de um Bento Alves, um guasca desempenado, másculo, que, para ferir, não precisa senão de cercar-se do prestígio da raça impetuosa dos Pampas!

★

Novidades, 26-12-1888

Êsse profundo sentimento das resistências que se oferecem ao desenvolver da vida produz uma filosofia que circula por todo o romance. Filosofia de moralista, sim; mas filosofia em muitas coisas inexorável, e que se poderia extrair do livro e reduzir a um caderno de máximas.

Neste ponto *O Ateneu* faz lembrar mais de uma vez os *Caractères*, de La Bruyère, com cujo temperamento Raul Pompéia tem mais de um ponto de contato.

Natureza branda, recolhida, inteiramente entregue ao prazer de observar o ambiente que o cercava, o grande retratista da côrte de Luís XIV experimentou também a pressão da atividade turbulenta, injusta, ridícula e cruel daquele mundo de ambições pequeninas; e como se tratava de um filósofo artista, as indignações e os desfalecimentos provocados pelas *mesquinhas* grandezas que constituíam todo o brilhantismo do séquito do Rei Sol não custaram a converter-se nesses quadros delicados, nesses tipos imortais, nessas miniaturas grotescas que todos admiramos nos *Caractères*.

Raul Pompéia diz, por exemplo, ao começar o seu romance, que a vantagem única dêsse poema artificioso e sentimental com que as mães nos cercam durante os primeiros anos da existência é "fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento" do mundo. "Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita", acrescenta êle, "dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam. Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos

outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores". [6] Como em La Bruyère, porém, êsse mau humor de moralista delicado, *hanté*, serve-lhe para a produção de tudo quanto existe de belo e acre-sentimental n'*O Ateneu*.

Mostrei anteriormente em que consistia o caráter de Sérgio. Pois bem, êsse caráter não passa de um eufemismo de escritor, — uma objetivação, inconsciente, disfarçada, do pânico que atua no espírito do romancista tôda vez que êle é obrigado a considerar direta ou indiretamente o *meio*, êsse "ouriço invertido", que explode os seus dardos divergentes para nós. Ninguém, como Raul Pompéia, apresenta um exemplo de pré-sensibilidade tão característico e eloqüente. A simples hipótese da não existência de um meato que dê passagem para fora ao ouriço, junta à impossibilidade da transformação da epiderme em couraça de ferro, basta para lançar-lhe um ciclone no oceano do pensamento, que, de refluxo em refluxo, subvertendo todos os fundamentos da tranqüilidade interior, vai, por fim, acordar nas cavernas polares, aonde se refugia a fauna desconhecida do sentimento, as formas mais sutis da imaginação que hiberna.

É pela arte, em última análise, que Raul Pompéia consegue escapar às puas ameaçadoras dêsse ouriço sem nome, a que êle compara a sociedade.

Pouco lhe importa que o Brasil seja um "charco de 20 províncias, estagnadas na modôrra paludosa da mais desgraçada indiferença"; — que "os germes da vida percam-se na vasa profunda, entre coágulos de putrefação"; — que os sapos, resvalando por sôbre essa imundície nacional, surjam dentre os caniços raros, "meditando sôbre a vantagem daquela paz sombria, indolência negra, em que chega a ser vigor de vontade estrebuchar quatro arrancos através da onda, em busca da fêmea"; — pouco importa que estejamos "a triturar a vida por igual como um osso, pacientes, de rôjo, sôbre o ventre, como cães ao pasto": — tudo isso de nada vale, desde que a arte permaneça soberana e um artista existe em condições de dar movimento à solidão, e que tenha o poder suficiente para agitar a alma e fôrça sugestiva para renovar a alegria. Reagir pelo ideal; afirmar a sua existência artística pela tela, pela estátua, pelo pórtico, pela tribuna, pelo jornal, pelo livro: eis a única solução razoável e o caminho certo por onde, finalmente, enveredam os verdadeiros talentos.

O pessimismo, para êles, nunca passou de uma fábula, — de uma vacilação de funções.

---

[6] *O Ateneu*, p. 3.

Delimitada a função, aí os temos no êxtase da fôrça e nas delícias daquele que, por último, descobre a *própria* América.

Não era acaso êste o prazer que, em sua incapacidade para a vida política ativa, encontrava Saint-Simon quando, recolhido à noite aos seus aposentos, cuspia nos seus cadernos de *Memórias* tôda a sua *verve* e tôda a sua crítica de homem superior? Não seria da mesma natureza o sentimento de La Bruyère quando via, sem querer, estereotiparem-se nos seus trabalhados períodos, nos seus inimitáveis *croquis*, os homens audazes e os inacessíveis defeitos do grande século em que viveu? Com certeza que sim. E não é outra a válvula de segurança dos temperamentos que, ou por contemplativos e observadores demais, ou por ativos ao ponto de não conseguirem coordenar essa mesma atividade, chegam à convicção de que o mundo não pode ser-lhes prêsa senão por meio dos recursos subjetivos, indiretos.

O autor d'*O Ateneu*, obsedado pela moral, não seguiu processo diferente. Seu caráter aguçado pela educação, refinado pelo sentimento artístico, resvalou como a lâmina de aço temperado sôbre o rochedo da vida. Na ignorância do miraculoso *Abre-te, Sésamo!* de que tantos hábeis têm sabido apoderar-se logo ao penetrar no mundo, êle tentou, como todos os seus congêneres, fender a penedia. Mas esta embotou-lhe o estoque e, com as fagulhas desprendidas pelo choque, respondeu arremessando-lhe fragmentos mínimos do granito arqui-secular.

— A sociedade tem fundamentos plutônicos, disse-lhe a consciência semi-obscurecida.

Lutar com a natureza é dar prova de falta de ereção para viver.

★

Novidades, 9-1-1889

— Pois que assim é, diz o romancista, apliquemos tôda a nossa *verve* em combater pitorescamente os defeitos de tão deplorável sociedade.

E a subordinação da moral à arte, junto ao já indicado sentimento de suficiência para a luta, conduz êsse moralista a um *alcestismo* de nova espécie.

Curioso, tudo isto! As energias que há pouco ricochetavam sôbre a tôrva penedia da vida não se levantam, felizmente, contra o escritor, contra o artista que as manobra; refluindo sôbre si mesmas

e tomando nova direção, elas vão procurar as figuras que povoam o ambiente para exercerem tôda a sua relativa ferocidade nas *silhouettes* que delas se destacam.

Se se tratasse de uma natureza comum, em que prevalecesse a chateza de um cérebro burguês, a tristeza do analista e o realismo do observador ter-se-iam transformado logo na melancolia inepta do suicida ou no relaxamento piegas dos que sofrem de diarréia lírica. Com Raul Pompéia, porém, o caso difere muito.

Graças à intensidade e presteza com que em sua imaginação tomam forma os mais insignificantes incidentes interiores, os estilhaços desprendidos do rochedo passam sem atingi-lo e, espalhando-se em roda, convertidos em dardos, fisgam os defeitos humanos involuntàriamente personificados. O automatismo da memória fornece-lhe todo o arsenal de aparelhos para os suplícios; a lógica do movimento e a malícia de todos encarregam-se, por seu turno, de colocar nesses aparelhos os representantes vivos dos vícios assinalados. Os produtos da observação, portanto, longe de magoá-lo, retorcendo-se muito ao natural, não tardam em assumir as proporções de perfeitas *caricaturas*.

Que prazer maior do que êste de projetar-se sôbre as próprias reminiscências, e, por uma espécie de instinto de conservação, elaborar com os resíduos da íntima amargura a biografia dos *snobs*, que infestam a sociedade desde as mais baixas até as mais altas camadas?

E é assim que Raul Pompéia faz passar por diante dos nossos olhos, envôlta na atmosfera tépida da alma de Sérgio, tôda a galeria de tipos que se dizem abrigados ao Ateneu.

Imagine-se a alma dessa lírica e ingênua criança a contorcer-se como o Laocoonte da fábula nos laços da terrível serpente de Tenedos; imagine-se a sátira de mil cabeças a entretecer-se a cada instante com o poema de amor de Sérgio; e ter-se-á calculado aproximadamente o horror que produz nessa imaginação, nesse caráter em crescimento, o contato do brusco, do irregular, do bárbaro, do antiartístico.

Não há senão correr a cortina e observar a sátira em ação, a teratologia ética, em miniatura, posta nas pontas dos dedos como êsses bonecos de teatrinhos de feira, com todos os seus rápidos movimentos de "polichinelos" e "arlequins".

Aqui, é o portentoso Dr. Aristarco, "o autocrata excelso dos silabários", o professor anúncio, de "olhar fulgurante e com a crispação áspera dos supercílios de monstro japonês", a vociferar pedagogia, a injetar livros de educação por todos os poros do país; — o enfêrmo da mais aguda e estranha das enfermidades: "a obses-

são da própria estátua". Ali, é o Venâncio, "o tesinho Venâncio, professor do colégio, a quarenta mil réis por matéria, sabendo falar grosso o timbre da independência, mestiço de bronze, pequenino e tenaz"; o discursador, e o homem-sorites, que confronta continuamente "os torneios medievais com o moderno certame das armas da inteligência"; o apologista do mestre em geral e do Aristarco em particular, que exclama : "O mestre é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. O espírito é a fôrça que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente." Mais adiante é o João Numa, o bedel, "baixote, barrigudo, de óculos escuros, movendo-se com a vivacidade de bácoro alegre". E não tarda aparecer o batalhão dos escolares : o Mata, o corcunda, com sua fisionomia de polícia secreta, o Nearco, bicancra, o Rebêlo com seus óculos azuis e a sua misantropia senil; uma infinidade de traços : todos vivendo no espírito do romancista pela obsessão dos tiques respetivos.

Esta coleção de *charges* só por si bastaria para caracterizar o livro, dando-lhe uma feição a Gavarni, se essa tendência satírica não se desenvolvesse nos áditos de uma alma como a de Sérgio.

A *charge*, como indiquei atrás, é um movimento determinado em Raul Pompéia como derivativo a êsse sentimento das resistências, que êle tão eloqüentemente encarnou no personagem essencial do seu romance.

Como, porém, tudo isso nasce por contragolpe de um grande e poderoso foco de lirismo, a cada instante vemos, n'*O Ateneu*, escoar-se das suas formosas páginas essa superfetação caricatural, para surgir o elemento principal de unidade, que é o seguimento ou a sucessão dos estados de consciência de Sérgio : — o poema afetivo, a viagem do amor através de um caráter, de um temperamento, justamente na época da sua formação.

Lutando com a própria fragilidade, percorrendo vários períodos, que sensações experimentaria essa alma antes de chegar ao *excelsior* dos afagos de Ema ?

★

Novidades, 11-1-1889

Como o velho poeta latino Ennius, Raul Pompéia poderia dizer : — eu possuo três almas, ou, antes, o livro que escrevi contém em si três propulsões diversas. Não sei, porém, se êle poderá de-

clarar com a mesma exatidão que pôs estas três almas em movimento com intensidade igual.

Com tôda a probabilidade, o autor d'*O Ateneu* não teve consciência clara das duas primeiras, isto é, êle nunca pensou em objetivar no tipo de Sérgio uma porção de traços fatalmente projetados no livro pela própria comoção e pela sua identificação com o pavor que àquele personagem causavam as realidades da vida; nem, tampouco, cogitou no propósito de fazer um curso de moral indireta com o seu teatrinho de *marionettes*.

O índice do romance revela, todavia, que o autor teve um intuito muito fixo quanto à evolução do caráter de Sérgio. A marcha progressiva da puberdade, pretende êle que seja a feição mais acentuada do seu trabalho; e não há dúvida que a maior preocupação de lavor que se encontra no romance assenta na crítica dêsse desenvolvimento. A puberdade em abstrato, meditaria consigo o escritor; mas o que é certo é que o que lhe saiu do bico da pena, graças à natureza inicial do personagem a quem incumbia encarnar ou servir de nexo às fases sucessivas dêsse fenômeno, foi o retrato de um indivíduo, de uma alma profundamente poética, que, posta em um meio homogêneo, custa a distinguir o próprio sexo; — um indivíduo que sente atuarem indefinidamente dentro de si as fôrças afetivas e reprodutoras, mas que não sabe desde logo como apoderar-se delas e dirigi-las, nem como positivá-las fora de si pela posse ou pela apreensão do objeto correspondente.

Na pastoral de Bernardin de Saint-Pierre, o incremento da puberdade se faz por um modo mais natural. Paulo, que é um inocente, um ingênuo, mas um forte, mergulhado em uma paisagem tropical, tépida e afrodisíaca, em contato com Virgínia, acende-se no amor sem o saber, por uma troca fatal de eflúvios sexuais, e que acabaria muito lògicamente pela aglutinação erótica dos dois, se o poeta não afastasse propositalmente do poema lírico o elemento animal. Sérgio, porém, não colocou-se nas mesmas condições.

Em tese, — e é o que pretende provar o livro de Raul Pompéia, — o internato é o horror da seqüestração sexual; quero dizer: — o internato tem como função geral fazer esquecer o sexo, provocando um desequilíbrio que nem ao menos encontra o sedativo da contemplação do elemento adverso, como nos estabelecimentos mistos.

Ora, da subordinação de Sérgio às influências dessa prisão, com a alma que lhe quis dar o autor, amorosa, estimulada e cheia de imaginação, a conseqüência inevitável seria a tendência para aglutinar-se a tudo quanto a pouco e pouco lhe fôsse parecendo o objeto necessário à satisfação das exigências afetivas e artísticas de sua virgem organização.

Por êste modo, vemo-lo, com a severidade dos costumes paternos sempre diante dos olhos, alternadamente enternecido, opresso, reator, diante dos livros, das obras de arte, da história universal, dos romances de Júlio Verne, dos seus sucessivos e muitas vêzes ruins amigos, da Santa Rosália, das festas do colégio, dos mestres, dos piqueniques escolares, do excelso Aristarco, finalmente, das vagas e inominadas paredes do Ateneu; mas o que se não ausenta do leitor é a impressão causada pelo lirismo mórbido dessa alma de menino honesto e mais que tudo iniciado no sentimento da dignidade pela cultura original do lar paterno.

Digo mórbido, talvez contra gôsto do autor, porque, com efeito, a mor parte dos incidentes que tornam odioso o Ateneu do Dr. Aristarco são mais reflexo das sensações experimentadas pelo aluno do que produto da estrutura do instituto.

O Ateneu de Sérgio não é, com tôda a certeza, o Ateneu do pedagogo charlatão, que o Venâncio punha logo abaixo do Padre Eterno.

E senão, pergunte-se aos companheiros do mesmo Sérgio; ao Rebêlo, ao Nearco, ao Bento Alves, principalmente todos aquêles escolares que não vacilaram um só momento em iludir galhardamente a natureza, objetivando nos Francos as ilusões, as paixões desesperadas que se encrespavam na leitura da *Martinhada* ou nos romances de Paulo de Kock. Êstes, evidentemente, reputariam o Labirinto de Creta a melhor das instituições; tinham pulso para lutar com o Minotauro, quebrar-lhe as pontas, esmagá-lo e atirá-lo ao chão. O Sérgio, porém, não tinha o que se pode chamar de expressão direta da virilidade; e daí decorria tudo: a falta de impetuosidade e de resolução pronta, a distração, a não confiança em si mesmo e o estado perene de naufrágio em que sua alma vivia, como quem grita por socorro em costa batida por ventos gélidos e eriçada de ásperas e surdas penedias.

Entre a sugestão paterna que assoma na primeira página do livro — "Vais entrar no mundo, e coragem para a luta!" e as palavras sinfônicas de Ema, ao fim da história, de Ema, que atravessa o Ateneu [como] uma sombra maternal e depois se converte na amante duvidosa, dando-lhe a primeira sensação do amor castamente vivido, Sérgio não faz outra coisa senão debater-se, como um agitado, entre a aspiração, o discernimento incompleto das coisas e a intermitência da fôrça de vontade.

Enquanto os tebas do colégio fugiam a horas mortas pelas janelas, a fim de entregarem-se a pândegas noturnas, ou envolviam-se furtivamente nos braços alentados da criada canarina, o herói do livro apalpava o próprio caráter, deliciando-se no poemeto de amor

materno, e apelava para as reminiscências de casa, deixando-se quase tornar inofensivo ao colo da diretora, "como um recém-nascido, e inundar-se de "irradiações quentes" de maternidade, de amor".[7]

A conclusão única a tirar de tudo isto é que os ateneus podem ser fatais aos meninos que, ainda aos 16 anos, não prescindem de socorro das mães e que arriscam-se a morrer inanidos se não encontram mulher para aquecê-los no regaço.

III

AUTO-INTOXICAÇÃO PSÍQUICA. ARTE. MÁQUINAS DE SENSAÇÕES DE ORDEM OBJETIVA E DE ORDEM SUBJETIVA. PÂNICO LITERÁRIO DE RAUL POMPÉIA. ESTILO.

Novidades, 14-1-1889

O realismo subjetivista assenta totalmente no mesmo movimento mental que determinou a célebre reflexão colocada por Shakespeare na bôca de Hamlet:

> *There are more things in heaven and earth, Horatio,*
> *Than are dreamt of in your philosophy.*

Na terra e no céu existem mais coisas do que as que sonha a nossa vã filosofia.

Refiro-me à faculdade que o homem possui de tatear o invisível e sondar o inexprimível. É por meio dela que se opera o que eu chamarei auto-intoxicação literária. Hamlet é um exemplo genial dessa intoxicação de ordem psíquica.

O fato em si já tem sido observado muitas vêzes e, com o auxílio de Fechner, de Lombroso, de Richet, Binet e Teré, no que respeita à psicologia experimental, de Ochomolky, Bernheim e Charcot, na parte relativa aos fenômenos de auto-sugestão, e de Maudsley, na patologia mental, não seria difícil chegar a aplicações muito razoáveis das últimas descobertas científicas ao caso literário.

Mas, além de prematuro o trabalho, seria pouco agradável entrar neste momento em investigações desta natureza, num estudo de mera crítica literária.

---

7 *O Ateneu*, p. 356.

Acresce ainda a desnecessidade de tais aplicações, quando o mesmo terreno da literatura nos oferece exemplos suficientes para tornar a asserção compreensível.

A intoxicação psíquica é um fenômeno observado, em tôdas as épocas, em seus efeitos imediatos. Do mesmo modo que existe uma literatura lírica, existe uma histérica, outra pornográfica; e não faltam nas bibliotecas coleções de espécimes reveladores dessas atrofias e hipertrofias, ora da imaginação, ora da sensibilidade.

Quem não conhece os escritos de Santa Teresa de Jesus, as obras de John Bunyan, os livros de Swedenborg, o estilo dos profetas bíblicos, — tôda essa literatura francamente nevrótica, que, na história de todos os povos, devera já ter tido um capítulo especial? Quem não se impressionou, uma vez na vida, ao menos, com o elemento imaginativo do folclore produtor de tôdas essas anomalias, que aí andam fixadas nas lendas extravagantes que é possível imaginar, e que os folcloristas têm consignado em suas coletâneas sob as denominações de doenças da *mãe-d'água*, da *burra-sem-cabeça*, do *lobisomem* e outras?

Entretanto, essa constante tendência da humanidade para o desconhecido, e o seu esfôrço intermitente para dar ao fato que lhe corresponde uma expressão concreta, tem se desenvolvido muito desigualmente no círculo das nossas aptidões; e, segundo as épocas e as raças, essa faculdade pôde tomar proporções de tal ordem, que não é lícito, talvez, calcular desde agora o que ela nos irá mostrar em um próximo futuro.

Em todo caso, não é a intoxicação psíquica, a qual, em regra, tem por base um princípio de *surmenage* intelectual, determinado, ou pela imperfeição dos órgãos e invencibilidade dos obstáculos, ou pela inferioridade de uma raça sobrecarregada pelo contato de outra superior, que lhe sugere aspectos fora de seu alcance, ou pelo acúmulo de observações não coordenadas ainda pela ciência; não é, digo, essa intoxicação psíquica de ordem inconsciente, o elemento que vai servir-me de ponto de partida para a explicação do mecanismo dos romances de realismo subjetivo. O fenômeno a que eu me refiro é uma função perfeitamente consciente, ou melhor, a exploração, a que certos talentos se entregam, de uma tendência particular, a fim de atingirem os meios de expressão, que, sem êste processo, ficariam letra morta.

Auto-intoxicação literária, disse eu, e é o têrmo exato. Do mesmo modo que Musset buscava nas excitações do absinto a revivescência ou a hiperestesia do estado de consciência poético necessário à composição das suas obras, o homem de letras que se impressiona menos com o jôgo das fôrças exteriores do que com

o das interiores procura a idéia fixa como meio de descobrir a sensação literária que lhe convém e a forma correlativa.

Poetas há que se contentam com a vaga contemplação de si mesmos, nadando, fulgurantes como Lamartine, nas ondulações do mar intérmino da própria sensibilidade. Não é dêstes, porém, que aqui se trata. Cogito apenas nos indivíduos de propensão literária muito aguda e pronunciada, que são ao mesmo tempo profundamente propelidos à observação dos fatos, mas que, como não podem alcançar a sensação da totalidade das coisas, a substituem pela expressão, a que chegam, de ordinário, subordinando o conjunto à idéia fixa, isto é, à imagem que prolifica, que cresce, que domina com o seu colorido tôda uma série, senão o universo. A verdade da vida *vista a fundo* e não *em plano*, eis tudo.

De tôdas as literaturas, é a anglo-saxônia aquela que nos apresenta exemplos mais frisantes dessa espécie de cultura ou *dressage* literário. E basta, para convencermo-nos disto, recorrer aos livros extraordinários de Swift, de Sterne, de Lamb, de Quincey, de Thackeray, de Dickens, de Shakespeare (quando o quis) e, principalmente, de Edgar Poe.

Na Inglaterra, a crítica batizou êsse fenômeno com o nome de *humour*; e se acreditarmos no que dizem alguns escritores daquela procedência, o *humour*, tanto em si como em suas manifestações literárias, é uma coisa que só pode ser verdadeiramente entendida e apreciada pela raça que o generalizou.

O Sr. Alfredo Alexander[8] denomina-o de *gracejar especial* à raça inglêsa e fecha à crítica estrangeira tôdas as avenidas que lhe podiam dar entrada nesse misterioso mundo.

Seja, porém, como fôr, é incontestável que até hoje só os psicologistas inglêses souberam descobrir meio de truncar a realidade para torná-la mais sensível, por um lado ao menos, fazendo convergir para uma sensação tôdas as fôrças cerebrais num momento dado, apalpando o invisível, avolumando, por um raio intenso de luz intensa, por um aquecimento do foco de percepção, o que se suspeita existir na *penumbra do universo*.

★

Novidades, 17-1-1889

Vejamos como o artista consegue penetrar nessa *penumbra* do universo.

Em um momento de entusiasmo pela teoria mecanicista, disse o grande Lavoisier que ainda um dia chegaríamos a poder avaliar

8 Vide *Introdução* ao livro do Sr. Hewitt, *The Graduated English Reader*.

tudo quanto há de maquinal no trabalho cerebral de um poeta ou de um músico, quando compõem.

Newton, seguramente, poderia ter descrito, se quisesse, o processo pelo qual êle chegou à descoberta das leis da gravitação, pensando no assunto durante mais de 14 anos. Talvez que, com as suas indicações geniais, não ficássemos tão longe como estamos de compreender o modo por que Isaías alcançou a *sensação do espírito de Deus oculto nas sombras,* e Jó, a expressão daquela sua resignação inenarrável.

Entretanto, quem tiver analisado a maneira pela qual as idéias se associam em nosso cérebro, não desconhecerá de todo a origem daquela fôrça de composição poética.

É por intermédio dos sentidos que o mundo externo penetra em nós. Fragmentadas como são, porém, as impressões determinadas pelo ambiente, a natureza nunca chegaria a desembrulhar-se em nosso espírito, se não possuíssemos a faculdade de pôr em ordem essas impressões. Ora, essa ordem se estabelece mecânicamente, fatalmente, pela repartição dos dados da percepção em grupos, reunindo-se, de um lado, as noções relativas aos sêres, e, de outro, as relativas aos atributos. É isto que se chama generalizar e abstrair; e nesse processo de ordem inteiramente subjetiva, como diz Bourdeau, não nos limitamos a coordenar idéias objetivas: "resumindo séries de percepções anteriores à idéia geral ou abstrata, adquirem estas o poder de crescer numa progressão sem têrmo".

> Contudo, — acrescenta o mesmo autor, — se, por um lado, essa latitude de que dispõe a concepção é causa de fraqueza e falibilidade; se as idéias subjetivas, menos seguras que as objetivas, perdem em precisão o que ganham em extensão, formando-se, como é evidente, por adições sucessivas de impressões, em parte conservadas, em parte esquecidas, conquistadas sempre sôbre o desconhecido; sucede, por outro lado, que tais idéias inacabadas, comportando freqüentes retoques e metamorfoses sem fim, podem atingir uma fôrça considerável, dependendo tudo de aquisições prévias e do ponto de vista em que o espírito se houver colocado no momento de agrupar as coisas ou seus atributos.[9]

O homem, porém, não sairia do sonho ou da visão, se não ascendesse, pela evolução natural das fôrças mentais, a uma outra ordem de operações. A noção do universo, ou das coisas, não se integra enquanto o indivíduo não consegue comparar e coordenar, por sua vez, êsses diversos sonhos, limitando uns pelos outros, definindo e desenvolvendo o raciocínio.

---

[9] *Teoria das Ciências, plano da ciência integral,* I, p. 115.

É isto que constitui a integração do conhecimento.

Seja como fôr, entretanto, embora na esfera intelectual de cada um se encontre essa integração como um fato, não é estranho afirmar-se que naturezas inferiores, dotadas de sensibilidade fora do comum, nem sempre conseguem, libertadas da primeira fase subjetiva, passar ao perfeito equilíbrio da integração final.

Pode-se agora avaliar o que, em uma organização móvel desta natureza, não produzirá a contínua superposição de impressões, de observações e de sucessivos esforços de generalização ou abstração, limitada a uma única ordem de fenômenos. E é desta espécie, exatamente, que encontro em Edgar Poe o mais eloqüente dos exemplos, para tornar concreto o meu modo de pensar nesse escabroso assunto.

Sem embargo do que se tem dito dêste autor extraordinário, desde Griswold, o seu primeiro biógrafo e detrator, até o melhor crítico de seu temperamento, E. Hennequin, sem embargo da nevrose de que padeceu aquêle infeliz poeta e das fases de alcoolismo a que êle se abrigou por mais de uma vez durante a sua desastrada carreira: pode-se afiançar que, se já houve homem que soubesse o que possuía de fôrça cerebral, que a analisasse e a explorasse, provocando, ciente e conscientemente, tudo quanto ela estava em condições de dar, êste homem não foi outro senão o autor das *Histórias Extraordinárias*.

O crítico acima citado escreveu na biografia do poeta que o caráter dêste "não entrava em nenhuma das grandes categorias humanas, não sendo nem um otimista, nem um entusiasta, nem um pessimista, nem um calculista, nem um egoísta, nem um dedicado, pôsto que a sua conduta pudesse alternativamente tomar qualquer um dêsses tipos"; o que o mesmo crítico pretende atribuir à falta daquilo que "os psicólogos modernos denominam imaginação ou a faculdade de juntar uma sensação passada a uma sensação presente".

Não me parece, porém, que fôsse êste o caso, a menos que Hennequin não se quisesse referir à faculdade já apontada. O livro intitulado *Eureka* limitaria em muitos pontos esta exorbitante opinião.

O que, todavia, não entra em dúvida é que Edgar Poe fêz de sua imaginação o que êle muito quis; e dirigiu o seu intelecto, com uma ciência infinita, para os pontos que mais eficazmente lhe abriam horizontes ao mundo das sensações desconhecidas.

É êle próprio quem o diz, em *Marginalia*, e com uma lucidez inimitável.

> Existe uma classe de fantasias de uma delicadeza esquisita, que não são pensamentos, e para as quais até agora não pude encontrar expressão equivalente.

Emprego a expressão *fantasias* ao acaso, porque me devo utilizar de uma designação qualquer. Mas o sentido que se liga comumente a êsse têrmo não se aplica, mesmo com exatidão média, às *sombras das sombras* de que eu quero falar. Essas sombras me parecem mais psíquicas do que intelectuais, e delas não tenho perfeita consciência, senão na plenitude da saúde do corpo e da alma, e em ocasiões em que os confins do mundo acordado se unem aos do sonho...

Nestas impressões nada existe que recorde as impressões ordinárias. Em tais ocasiões, como que os cinco sentidos são substituídos por uma miríada de sentidos sublimados. E a minha confiança no poder das palavras é tão grande, que, mais de uma vez, julguei possível dar corpo a estas fantasias. Os ensaios por mim tentados neste tanto têm-me permitido, quando a minha saúde corporal e mental conserva-se perfeita, provocar, a meu bel-prazer, êstes estados estupendos, impedindo que o ponto de transição entre [o] sono e a vigília se desvaneça.

★

Novidades, 19-1-1889

Na *Gênese de um Poema,* capítulo de mecânica cerebral que todos os artistas deveriam trazer sempre diante dos olhos, Edgar Poe explica de um modo admiràvelmente prático como êle conseguia intoxicar-se para empreender a composição dos seus contos e poemas, e de que expedientes lançava mão para transmitir a impressão viva dessas obras aos leitores dos seus livros.

Nada mais curioso do que a decomposição dos elementos constitutivos de um talento, ou o desaparelhamento, peça por peça, de uma obra de arte. Pois foi o que o poeta americano fêz, desassombradamente, consigo mesmo, colocando na mesa de disecções o seu célebre *Corvo.*

Nesse trabalho, tudo se simplifica, tudo transparece; e, no fim, o observador fica perfeitamente convencido de que, no gênio artístico, nada há de sobrenatural, e que tudo quanto há de extraordinário e sinistro naquele pequeno poema não é senão o resultado de uma tensão enérgica, heróica, das fôrças imaginativas do autor sôbre as duas palavras *never more,* em tôrno da qual se agrupam, de acôrdo com a opulência do espírito profundo de quem as invoca, de grau em grau, todos os estados de consciência que se referem misteriosamente aos aspectos da eternidade, do infinito, da destruição e da morte.

O sentimento filosófico do nada e a inflexibilidade cosmológica, irrompendo do inconsciente para dar uma resposta às interrogações da contingência humana em um momento de angústia: — eis a obsessão; para torná-la palpável, compreensível, irritante,

o poeta usou de um processo muito simples, passando a combinar e a contrastar duas idéias diferentes — um jovem que chora a amante defunta e um corvo que repete solenemente, continuamente: — *never more! never more!*

À meia-noite, o corvo, tangido lùgubremente pela tempestade, penetra no rico aposento em que o poeta se debate entre a vertigem de um pensamento filosófico e a suprema dor do amor perdido. Fá-lo estremecer, impressionado, o fragor surdo de umas asas pesadas, e a ave secular, silenciosa, de aspecto senhoril, com os olhos de um demônio que sonha, sem fazer-lhe a menor reverência, vem pousar sôbre o marmóreo busto de Palas, e, falando como um mortal, sepulta tôda a exaltação dêsse louco interrogante na eternidade fúnebre daquelas duas palavras de bronze. Não é outra a situação. Para que o efeito, porém, dessa situação, hàbilmente provocada e sugerida, chegasse ao *máximum* de intensidade, não lhe foi preciso mais do que mergulhar essa cena inteira em um *tom* proposital, — no tom plangente, melancólico, excruciante de estrofes adrede dispostas, por meio de artifícios particulares, fônicos e metafóricos, para essa sensação geral.

Em seguida, converteu êsse *never more* em um estribilho; e, fazendo-o repetir num *crescendo* de dobres funéreos, não por um ser humano, capaz de compreender por analogia todo o horror do sofrimento, mas por uma ave agoureira, dotada da palavra, segundo a lenda popular, e inconsciente das suas relações com a região dos mortos, foi graduando êsse efeito até atingir o espasmo do horror eterno.

O resultado do processo, quer Poe quisesse, quer não, seria inevitável. As vibrações da alma são muito lógicas. Os nervos, a sensibilidade, têm o seu modo particular de indução. E só a leitura dêsse poema, e da autocrítica que o acompanha, seria bastante para nos convencer do quanto é verdadeira a reflexão do autor d'*O Corvo*, isto é, que, escolhido um efeito a produzir-se, tudo depende da unidade da impressão, da dimensão relativa da obra e da intensidade do conjunto de expressão, tudo dèpende do choque despertado pela convergência de tôdas as fôrças do artista para o ponto vulnerável e mais irritante de sua cerebração.

Ora, de tudo isto, o que se conclui é que, nos temperamentos da ordem do de Poe, existe um poder de conduzir e explorar arbitràriamente o que Dostoyevski chamava *espírito subterrâneo*, — a faculdade de agitar os mais obscuros problemas e dar-lhes um colorido nunca conseguido no estado normal da inteligência.

Contudo, essa clarividência subcerebral, que, na raça anglo-saxônia, graças à sua forte e equilibrada constituição, apenas pro-

duziu a *ironia*, na literatura francesa, quando não deu a sátira cruenta e juvenalesca de Zola, a indignação feroz e carniceira, transformou-se, lastimosamente, naquela *doença da consciência* que o romancista russo caracterizou em Ordinov, o homem que, contra todos os conselhos da natureza, tenta e chega [a] conhecer a si mesmo.

Nem todos os escritores de procedência francesa têm alcançado temperar essa faculdade *mal-assombrada* com uma dose regular de *gauloiserie*, como vemos suceder com Alphonse Daudet quando nos transfunde na alma êsse seu inimitável Dom Quixote gaulês, o Tartarin de Tarascon. Bastam, porém, os exemplos de Flaubert e dos Goncourt para que nos convençamos de quanto o exercício de tais fôrças cerebrais pode aproximar certos escritores da epilepsia literária, afastando-os da ironia equilibrada dos psicólogos anglo-saxônios.

A psicologia dessa classe de artistas pode, em última análise, resumir-se nestas palavras — *o pânico do belo*.

Sabemos dos sofrimentos que Flaubert amargou, por pretender desviar-se da sua índole subjetiva, e quantos anos de tortura, de crucificação, lhe custaram os romances objetivos que produziu. *Madame Bovary* e a *Salammbô* tiveram uma gestação quase extracerebral. Sem embargo disto, manuseie-se a sua *Correspondência*, e a cada instante se reconhecerá que o *pânico do belo* era o propulsor do seu talento. Não há carta sua em que se não encontre referências mais ou menos vagas à antipatia que a vida de ação lhe causava, quando não se tratava de uma ação violenta (*forcenée*). Invade-o constantemente o terror das coisas más, como um nevoeiro; perde-o, suplicia-o a angústia do bom gôsto. São quase que diárias as suas rupturas com o mundo exterior e os seus elances para a felicidade de uma vida só dedicada à idéia do *sibi constat* de Horácio; a cada instante surgem as exclamações de que a alma possui a faculdade de enlanguecer-se pelo sofrimento, chegando por aí a capacidades prodigiosas; e logo adiante o baque do desânimo, as desolações das dificuldades artísticas. E, como complemento de tudo, — a deliciosa tortura do ideal aceito, o encêrro na arte, o ascetismo poético, a satisfação das aspirações de brâmane ocidental.

Em todos os livros de Flaubert circula um espírito característico. Uma palavra emerge e soa por tôda parte: — *affreux! affreux! affreux!*

★

Novidades, 22-1-1889

A preocupação do *punctum saliens* se denuncia também, a cada passo, no *Journal* dos dois Goncourt. A contemplação das coisas, o espetáculo do mundo não se fundem naturalmente na alma dêstes torturados da arte.

O belo, para êles, não é anódino; o belo é o espanto. A aspiração do ideal os faz sempre suar, tremer; as inspirações geram o terror.

Diante de uma fôlha de papel, êsses siameses da literatura convertem-se em verdadeiros *quakers;* e, para que o livro saia dos limbos dos seus cérebros, é indispensável um complicado processo de observações, direi melhor, de *guet apens* armados aos fatos. Ainda mais, é preciso provocar reações e espreitar, dia e noite, o momento oportuno para produzir, para compor.

> A concepção é a tortura e o suplício da vida literária, — diziam êles. — Produzir, criar: existe nestas duas palavras, para o homem de letras, um mundo de dolorosos esforços e angústias. Dêsse nada, dêsse embrião rudimentar que constitui a idéia primeira de um livro, fazer brotar a obra, tirar, um a um, da cabeça os incidentes de uma fabulação, as linhas dos caracteres, a intriga, o desenlace: a vida de todo êsse pequeno mundo animado do espírito do próprio autor, saído das suas entranhas e que se converte em um romance. Que trabalho insano!
>
> Dir-se-ia uma fôlha de papel em branco desenrolada na cabeça, sôbre a qual o pensamento, não ainda formado, garatujasse frases vagas e períodos ilegíveis, indecifráveis. E depois, que entorpecimentos, que desesperos infindos, que vergonhas de si mesmo, por sentir-se impotente na ambição de criador! Nestas ocasiões, vira-se o cérebro de um lado, vira-se de outro, mas o som que êle produz é ôco. O artista apalpa-se, e o tato reconhece haver passado sôbre alguma coisa morta que é a imaginação; julga-se *vazio*. Entretanto, a idéia não saiu dali e ali permanece atraente e impenetrável como uma fada linda e maligna que se esconde em uma nuvem. É necessário, então, pôr o pensamento na pista à fôrça de chicotadas; busca-se a insônia em troca dos momentos felizes que trazem as febres noturnas; retesam-se as cordas do cérebro até quase rompê-las em uma contração única. Alguma coisa aparece por momentos e foge... até que os primeiros contornos, a vaga *fusinage* do romance surge como visão. [10]

Essa observação do fato que se apresenta ao artista de modo incolor; essa luta desesperada com o cérebro, para que traduza e dê luz à natureza que é muda e obscura; essas contínuas descidas às profundas cavernas do Tártaro chamado espírito, em procura do Ulisses da arte; todo êsse trabalho de gestação artificial, que mata,

---

10 *Journal des Goncourt*, I, 35.

que extenua, que enlouquece, basta para explicar tôdas as virtudes e todos os defeitos de grande parte dos livros franceses que fazem o encanto da geração moderna.

São acres ao paladar; sôbre isto não há dúvida; mas diferençam-se profundamente das obras espontâneas, do mesmo modo que os frutos tropicais sazonados se diferençam dos que a indústria chega a produzir em suas estufas perfumadas.

———

De qualquer maneira, porém, que proceda o artista para obter as determinações da sua *perspectiva interna*, é indispensável que êle se subordine às leis naturais da expressão e da linguagem.

Pouco importa que se trate de um romancista subjetivo ou de um objetivo. As diferenças só são notáveis quanto ao processo por êles empregado para atingirem aquela *perspectiva interna*, para formarem o *microcosmo*, sem o qual não se pode conceber um artista de raça. Desde, porém, que se passa à exteriorização dêsse *microcosmo*, as divergências de execução são quase insensíveis.

Forçado pela necessidade de totalizar e unificar a impressão, princípio indiscutível em obras artísticas, Edgar Poe sustentava que um poema não devia exceder certas dimensões; acrescentando que aquilo que nós chamamos "um longo poema, não é, na realidade, senão uma sucessão de poemas curtos, de efeitos poéticos breves".

Esta opinião, até certo ponto mui aceitável, só indica que o autor d'*O Corvo*, devido à natureza, não podia remontar da quantidade contínua à quantidade discreta. Implìcitamente, o que êle fazia era definir o artista subjetivo. A sua compreensão estética não abrangia a obra complexa do gênio que lhe era oposto, nem descobria as ligações e reações que existem efetivamente entre diversos grupos, e que são da alçada dos talentos objetivos.

Daí uma conseqüência inevitável. Tôda vez que êle saiu do conto e da poesia sôlta, em que se traduzia uma impressão única em sua marcha evolutiva, para escrever um livro extenso, sucedeu que, com efeito, a obra produzida não passou de uma série de pequenos contos, ligados por um fio sutil, em que a mesma impressão se reproduzia sob aspectos diversos. As *Aventuras de Arthur Gordon Pym* são um romance quase da mesma extensão que *A Terra*, de Zola. Será lícito, porém, dizer que a impressão daquele rosário de situações mentais extraordinárias provoca a mesma impressão inte-

gral que êste quadro da vida objetiva? Por certo que não. E uma vez por tôdas é preciso que, em benefício da crítica, se assinale nesse fato a distância que vai da concepção dramática para as puramente descritivas.

★

Novidades, 31-1-1889

O que mais distingue o drama da descrição, que deriva imediatamente da análise, é a sua *ação sinérgica,* — ação esta que começa por impor-se ao artista e que acaba resolvendo-se nos caracteres estruturais já conhecidos.

Sendo a luta independente e exterior ao homem, — fôrça contra fôrça, ação e reação, aglutinações, reduções e combinações, *struggle for life,* fenômenos de ordem sociológica, — tudo quanto constitui a vida se apresenta ao contemplador, em qualquer fase de seu desenvolvimento, como um espetáculo dominante, que, absorvendo tôda a sua atenção, produz em seu espírito uma revulsão equivalente aos objetos que a determinaram. O resultado dessa revulsão é a intuição do movimento através disso que os morfologistas designam pelo nome *individualidade.* Essa síntese de um grupo de caracteres plásticos, de forma perfeitamente definida; a soma orgânica desta porção de elementos ordenados e confundidos em uma unidade, sob um plano e um eixo, independentes, mas adaptados à construção de um conjunto de partes tão intimamente ligadas, que se não possam separar sem destruição do todo e comprometimento do sistema; a manifestação da fôrça, enfim, eis o centro gerador de tôda a concepção dramática; e, para compreender o terror ou a admiração infundidos pelos diversos aspectos da vida, não precisamos mais do que lembrar o sentimento resultante da percepção da inflexibilidade do ambiente que nos cerca e das leis que nos impulsionam; — em última análise, — a função do destino na tragédia grega.

Ora, compreendida por êste modo a determinação das concepções dramáticas, isto é, como uma invasão de fatos já totalizados e unificados pela vida do artista nas coisas, nada mais natural do que processar-se a reação artística pelo mesmo modo pelo qual ela se processa no mundo exterior. Convertendo-se, pois, em formas sintáxicas, quer a elaboração se realize coletivamente na imaginação do povo, como acontece com os mitos e com a poesia cíclica, quer se realize no cérebro de um só homem, êsses fatos organizam-se primeiramente em núcleos relacionados entre si, depois subordinam os

elementos complementares, e, por último, articulam-se por meio do que se pode chamar o líquido intercelular da obra de arte, que é do domínio da histologia literária.

A crítica moderna, dissecando poemas e romances, como o mais escrupuloso anatomista, chegou a descobrir na composição íntima das obras dessa natureza caracteres perfeitamente idênticos aos que se notam nos organismos vivos.

A *Ilíada*, por exemplo, o poema que mais tem sido estudado e analisado, não vive em nossa imaginação só porque se fala em Aquiles e Heitor e uma série de versos seguem a idéia do poeta.

Quem houver acompanhado os trabalhos da crítica alemã, desde Wolf até Bernhardy, estará habilitado a separar os núcleos da *Querela*, da *Patróclia* e da *Morte de Heitor*, distinguindo como êstes episódios dominam os outros, atraem-se e se conjugam com as mais insignificantes parcelas, de maneira a formar êsse edifício que os tempos respeitam e cuja impressão individual é atestada pela infatigabilidade da exegese literária.

Pois bem, o processo de construção da *Ilíada* só demonstra que o automatismo das composições dramáticas, ou das máquinas de representação objetiva, continua a ser o mesmo nos romances da vida moderna.

Não foi senão pelo mesmo sistema de núcleos relacionados e de articulações naturais, que Balzac deu realidade ao seu *Père Goriot* e à sua *Cousine Bette*, que Flaubert tornou impenetrável a sua *Bovary* e a sua *Salammbô*.

Mudam-se os pensamentos, transformam-se as crenças, acabam-se os preconceitos; mas o que não se altera, apenas se complica, é a sintaxe superorgânica, porque ela está intimamente ligada às leis da morfologia. Para nos convencermos disto, basta superpor os esquemas das obras de arte moderna aos esquemas das obras de arte grega que perduram. Se as leis da expressão fôssem antagônicas, a incidência das linhas capitais seria um impossível; mas é o que acontece.

Henri Weil já adivinhava tudo isto afirmando que a sintaxe residia inteira nos objetos e que a frase não passava de um rudimento dramático.

Com efeito, se, como pensa êsse filólogo, na proposição existem dois movimentos diferentes, um *objetivo*, que é traduzido pelas relações sintáxicas, e outro *subjetivo*, que se externa pela ordem das palavras; se a sintaxe é a imagem sempre de um fato sensível; se há uma lei que nos obriga a revestir os pensamentos de uma forma, não metafísica, mas essencialmente dramática: o que se segue é

que, propagando-se no livro, essa lei tem de jungir o artista às mesmas regras de identidade e diferença ou dependência, de *concordância* e de *regência*. [11]

Na descrição, entretanto, na análise, a articulação das partes faz-se tôda no espírito do artista.

★

Novidades, 6-2-1889

Aceitando a obra artística como uma máquina de sensações, o gênio moderno tende, cada vez mais, a aproximar-se da natureza, corrigindo hoje a dispersão e difusão das obras medievais e a indisciplina dos românticos, que raramente pensaram na *arte curta*.

Quem não vê que as concepções de Lesage e Cervantes, se fôssem submetidas a uma refusão, teriam de sofrer a eliminação de uma imensidade de coisas que, perturbando-lhes a harmonia, violassem as leis mórficas do romance?

De qualquer modo que seja, porém, a arte vai voltando à simplicidade e economia de esfôrço em que os gregos já sonhavam, quando, preocupados com a necessidade de pôr o fundo de acôrdo com a forma, estabeleciam as leis da simetria, da métrica, do ritmo, e dividiam tôda a obra de arte em grupos distintos gravitando em tôrno de um centro ainda mais visível.

A *crase* vem, assim, a constituir o supremo princípio da expressão em literatura; e é com a inflexibilidade dêsse princípio e dêsses hábitos literários que o temperamento de cada artista tem de travar luta indefesa, a fim de chegar à manifestação da sua individualidade, diferenciação esta, que, segundo já uma vez tentei demonstrar, se faz por meio do acento e da elipse interior.

Livre o artista subjetivo apenas no modo de firmar ou acentuar os grupos e figuras que a idiossincrasia de seu talento conseguiu relacionar, a *crase* e a conseqüente eliminação dos corpos estranhos se operam de acôrdo com um verdadeiro trabalho subter-

---

11 "A sintaxe refere-se às coisas, ao exterior (Weil. *De l'ordre des mots*, pp. 16 e 21), à sucessão das palavras; o discurso, ao sujeito que fala, ao espírito do homem... O ente que exerce a ação, ou que sofre a ação, o que é influenciado de modo mais indireto, o tempo, o lugar da cena, etc., eis os papéis e os elementos do drama sintáxico. As relações gramaticais não são senão relações existentes entre os personagens imutáveis dêsse drama."

"As relações que unem entre si as palavras (Ayer, *Gram. Comp.*, p. 362) e os membros da proposição podem reduzir-se a duas espécies gerais: — as de identidade e as de diferença ou dependência: a relação de identidade submete as palavras às leis de concordância, e a de dependência, às de regime".

râneo. É êsse encadeamento, essa particular subordinação que se deve procurar no *tour* do livro e nos estribilhos do estilo.

N'*O Ateneu*, onde nada existe que denuncie a orientação dramática e o jôgo sintáxico objetivo a que me tenho referido, a *crase* é dirigida visìvelmente por uma obsessão de ordem puramente abstrata. O absinto de que usou Raul Pompéia no seu romance, para produzir a unidade de efeito, foi a idéia fixa da instituição que se não define, que ataca e decompõe os indivíduos pela violência de um movimento que se não apreende. Um organismo incompreendido, funções misteriosas; a impressão do abismo de Pascal e um vinco profundo na alma de quem o contemplou uma vez na vida; eis tudo. Converta-se agora esta sensação de pânico em uma penumbra; transforme-se esta sombra, êste sonho, êste espírito subterrâneo, êste mal-assombramento na atmosfera livresca em que se agitam os personagens, em que se estampam as cenas, e ter-se-á uma idéia exata do que fica iminente às divisões da obra e à articulação verdadeiramente produtora dêsse tom agudo e sentimental, que rege o romance da primeira à última página.

Composto de pequenos quadros independentes, de grupos diversos que não reagem uns sôbre os outros, que não se ligam por um princípio estrutural, *O Ateneu* tem, contudo, uma profunda coesão de tons. Por pouco que nos apareça o Ateneu concreto e palpável, o que é certo é que os fragmentos exteriorizados no livro e agudamente sentidos, vivem uma vida de submersão em uma espécie de fotosfera, tão intensa, que, suprimidas as figuras que nela se agitam, ainda assim a obra permanece inteira, vibrante e percuciente.

Pôsto, assim, na linha própria de sua atividade, todo o empenho do escritor converge para a intensificação da luz que se projeta do foco cerebral.

Reduzindo-se tudo a uma fórmula de colorido, isto é, ao colorido, peculiar a Raul Pompéia, torna-se relativamente fácil determinar a razão da eliminação de certos aspectos de objetos exibidos e da exaltação de outros mais gratos ao pintor. Uns emergem por comportarem as tintas de que dispõe a palhêta do artista, outros apagam-se por lhe faltarem as analogias do pincel.

Abra-se *O Ateneu* à página 312 e aí encontrar-se-á o foco de onde jorra tôda essa combinação de luz e sombras, todo êsse pânico artista, que, fosforizando a imaginação do romancista, permite-lhe criar o traço e a côr, que destacam do nevoeiro da realidade o que na vida lhe é correspondente.

> O externato, — diz êle, — é um meio-têrmo falso em matéria de educação moral; nem a vida exterior impressiona, porque a família preserva, nem o colégio vive socialmente para instruir a observação,

> porque falta a convivência de mundo à parte, que só a reclusão do grande internato ocasiona?
>
> O internato, com a soma dos defeitos possíveis, é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta. Os débeis sacrificam-se; não prevalecem. Os ginásios são para os privilegiados da saúde. O reumatismo deve ser um péssimo acrobata. Êrro grave combater o internato. Cumpre que se institua, que se desenvolva, que floresça e se multiplique a escola positiva do conflito social com os maus educadores e as companhias perigosas, na comunhão corruptora, no tédio de claustro, de inação, de cárcere; cumpre que os generosos ardores da alma primitiva e ingênua se disciplinem na desilusão crua e prematura, que nunca é cedo para sentir que o futuro importa em mais que flanar fàcilmente, mãos às costas, fronte às nuvens, através das praças desimpedidas da república de Platão.

Cripta moral, asfixia intelectual, campânula pneumática social, ausência de analogia de caracteres, eis o que ressuma de todo êsse rasgo de ironia cristalina.

Mas nessa atmosfera, na atmosfera dessa sensação extraordinária é que se modelam, tomam forma e tornam-se perceptíveis tôdas as paisagens, todos os personagens, tôdas as cenas d'*O Ateneu*.

★

Novidades, 7-2-1889

A alma de Sérgio nutre-se e vive por influência dêsse ambiente livresco, que circula por tôda a parte e se impregna até na vegetação que circunda o magno edifício. Submersão em tudo!

Se os seus olhos caem, por acaso, sôbre um dêsses delitos da imprensa, com que a criadagem balorda se desenfastia nas horas de silêncio, zumbem-lhe logo aos ouvidos as palavras terríficas de Aristarco, e, no meio dos brados depressores, as cenas descritas no folheto confundem-se com as convulsões da própria consciência. O infeliz subverte-se "num entravamento obscuro de formas despidas, roupas abertas, um turbilhão de frades bêbados, deslocados aos caprichos de tôdas as deformidades de um monstruoso desenho, tocando-se, saltando a sarabanda diabólica sem fim, no empastado negrume da tinta do prelo". [12]

Mais adiante, ao passar-lhe uma turba de vadios por diante dos olhos, sussurra-lhe uma voz lùgubremente:

> Isto é uma multidão; é preciso fôrça de cotovelos para romper. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fôsse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são

---

[12] *O Ateneu*, p. 46.

> brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segrêdo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se hmem. Comece por não admitir protetores. [13]

Quando, porventura, vem animá-lo a idéia do trabalho, não tarda em assaltá-lo — "um mundo de brutalidade". Intimidam-no "perspectivas informes que escapam à investigação da experiência".

> Na solidão conspiradas, as adversidades de tôda a espécie, falsidade traiçoeira dos afetos, perseguição da malevolência, espionagem da vigilância; por cima de tudo, céu de trovões sôbre os desalentos, a fúria tonante do Júpiter-diretor, o tremendo Aristarco dos momentos graves. [14]

Às idéias ingênuas sucede um vazio de ânimo. O vácuo habita-lhe a alma.

> Preme-o a fôrça das coisas; sente-se acovardado... A letargia moral pesa-lhe no declive. E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-se possuído da necessidade preguiçosa do amparo, volúpia imprópria do caráter masculino. [15]

Agora é a leitura do livro misterioso das notas de comportamento que tangem diante de si as vítimas "acabrunhadas de vergonha, oprimidas sob o castigo incalculável de trezentas carinhas de ironia superior ou compaixão de ultraje". [16]

No fim de tudo, as noites mal dormidas e a insônia nos silenciosos dormitórios, aonde o pavor se avoluma numa facha de fantasia inquietante.

> Os colegas, tranqüilos, na linha dos leitos, afundam a face nas almofadas, palejante da anemia de um repouso sem sonhos. Alguns afetam um esbôço comovedor de sorriso ao lábio; alguns a expressão desanimada dos falecidos, bôca entreaberta, pálpebras entrecerradas, mostrando dentro a ternura embaciada da morte. De espaço a espaço, os lençóis alvos ondeiam do hausto mais forte do peito, aliviando-se depois por um dêstes longos suspiros da adolescência, gerados, no dormir, da vigilância inconsciente do coração. Os menores, mais crianças, conservam uma das mãos ao peito, outra a pender da cama, no abandono do descanso, uma atitude ideal de vôo. Os mais velhos, contorcidos no espasmo de aspirações precoces, vergam a cabeça e envolvem o travesseiro num enlace de carícias. O ar de fora chega pelas janelas abertas, fresco, temperado da exalação noturna das

---

[13] Obr. cit., p. 50.
[14] Obr. cit., p. 56.
[15] Obr. cit., p. 66.
[16] Obr. cit.

> árvores: ouve-se o grito compassado de um sapo, martelando os segundos, as horas, as pancadas de tanoeiro; outros e outros, mais longe. O gás frouxamente, nas arandelas de vidro fôsco, bracejando dos balões de asa de môsca, dispersa-se igual sôbre as camas, doçura dispersa de um olhar de mãe. [17]

E assim, por todo o livro, vemos estender-se essa espécie de *líquido intercelular*, êsse tom de pânico, através do qual emergem os núcleos, as cenas, as figuras únicas, que podem iluminar-se ao clarão despedido por tão singular espírito. Não pára aí, porém, a influência dêsse movimento, porquanto, atuando a instrumentação da alma dêsse artista num *crescendo* horrível, de contínuo esporeada para tornar-se mais aguda, quando chega a essa parte capilar da obra que se chama estilo, parece redobrar de veemência, de impetuosidade, assumindo, nos períodos, na frase, nos epítetos, nos adjetivos, o caráter de verdadeiros silfos, gnomos verbais.

O próprio romancista, em uma das muitas páginas doutrinárias de seu livro, encarregou-se de explicar como isto se pode dar, definindo o dicionário um universo que "atordoa como a agitação das grandes cidades conhecidas".

Segundo sua opinião, êstes nomes que "seguem estranhamente com a numerosa prole de derivados, ou sós", que se apresentam confusos para os que não estão familiarizados com "imensa capital das palavras", têm, todos, sua personalidade; e é preciso conviver com êles para chegar-se um dia a rasgar-lhes a túnica e mostrar o que a roupagem convencional esconde de extraordinário.

Há um profundo conceito nessa observação de artista meticuloso; e o que naturalmente se segue é que, senão a *verve*, ao menos o gôsto proporciona ao autor d'*O Ateneu* meios certos de vocábulos, de si incolores, efeitos surpreendentes.

Tais efeitos resultam imediatamente do modo particular por que êle usa da prosopopéia e da catacrese.

É verdade que, dependendo o estilo de estática do espírito de cada escritor, como pensa Spencer, e sendo a de Raul Pompéia limitada ao espasmo vago causado pelo mistério da vida e pelo sentimento das resistências, o estilo não lhe sai, nem com espontaneidade, nem muito variado. Contudo, o gôsto compósito permite-lhe talhar em tôdas as épocas, em tôdas as regiões, em tôdas as filosofias, a clâmide ou o redingote que mais convém ao vocábulo incumbido de representar o momento psicológico.

Desta maneira, os períodos sucedem-se, mas não se confundem, dispondo-se, por assim dizer, em ritmo; e não é raro encontrarem-se

---

[17] Obr. cit., 114.

na mesma página, devidamente arregimentadas, a frase lírica, a satírica, a caricata, a solene e a nevrótica.

Por mais diverso que seja o intuito do artista, graças a êsse antropomorfismo gramatical, a essa contínua revivescência da frase, em que até insignificantíssimas partículas tomam proporções altamente teatrais, os vocábulos erigem-se em personagens, que falam e inflexionam o pensamento, repercutindo a sensação secreta, que constitui a dinâmica do livro.

★

Novidades, 8-2-1889

Veja-se como a paisagem que cerca o colégio se impregna da fatalidade daquele sentimento e como os epitetos, entrelaçando-se com os arvoredos, correndo pelas réstias do sol, pendurando-se dos galhos dos arbustos, respondem à evocação, fazendo eco no subterrâneo da alma do escritor.

> As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática *debruçavam* sôbre o edifício *um crepúsculo de melancolia*, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia *era um plágio* ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas... O arvoredo do imenso jardim do colégio, entretecido a côres por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de ruidosa alegria: os panos em meio da ramagem *fingiam flores colossais numa caricatura extravagante de primavera;* os galhos *frutificavam lanternas venezianas*, pomos de papel enormes, de *uma uberdade carnavalesca*.[18]

Na tela, portanto, dêste artista, tudo adquire faculdades humanas; o que há de mais inerte, personaliza-se; as coisas mais abstratas destacam-se, fuzilando pungentes ironias. A natureza, n'*O Ateneu*, converte-se numa prosopopéia eterna; e Raul Pompéia vinga-se da sua insuficiência para exprimir a vida de conjunto, exagerando a impressão dos detalhes até ao ponto de confundi-la com a sutileza dos próprios sentimentos.

Convém-lhe aqui fazer o esbôço de um piquenique no Corcovado? Múltiplos são seus recursos. Todos os objetos se levantam e gesticulam; a água cristalina salta do regato, a pedra inclina-se com o pensamento maléfico de esmagar o viandante, a palmeira acena de longe num farfalhar de riso inextinguível; e no momento filosófico da refeição, — quando os trinchantes ameaçam o conteúdo dos farnéis estendidos pela grama, não lhe passam despercebidos,

---

[18] Obr. cit., p. 15.

nem os "frangos de pernas para trás, sôbre o dorso, cabeça escondida na asa, que *dormem sonhando o calembur das penas perdidas*", nem "os redondos bácoros, encouraçados na bela côr de torresmo, empenhados em *ensinar aos homens como se leva a cabo o suplício culinário dos palitos, com a agravante azêda dos limões em rodela*". [19]

Aguça-se-lhe a imaginação sob a nevrose de um sonho? No pesadelo a retórica mantém-se com igual diapasão; não lhe escapam os gritos e os gestos.

> O colégio inteiro arrebatado, num pé-de-vento, voa léguas afora por uma planície sem têrmo. Gritam todos, urram a sabatina das tabuadas com um entusiasmo de turbilhão. O pó cresce em nuvens no solo; a massa confusa ouriça-se de gestos, *gestos de galhos sem fôlhas* em tormenta agoniada de inverno. Sôbre a floresta dos braços, gesto mais alto, gesto vencedor, a mão magra de Maurílio, crescida, enorme, preta, torcendo os dedos sôfregos, convulsionados *da histeria do quinau*. [20]

É na constante mobilidade dos períodos que conversam com o leitor, e dramatizando o estilo, e movimentando a expressão das qualidades exteriores do que é inanimado; e o autor d'*O Ateneu*, por êste meio, chega a imprimir ao livro êsse sabor esquisito, que só se encontra nas frutas acres, quando são pela primeira vez saboreadas.

Acaso não é isto o que todos exatamente sentimos, ao deparar-se-nos certas comparações, em que a catacrese ofusca a metáfora pedestre e vulgar com a justaposição de idéias abstratas mais antagônicas a objetos concretos que menos a sugerem?

Colocar na impropriedade dos vocábulos a energia da expressão constitui um dêstes efeitos de miragem estilística que só os escritores de raça podem produzir.

Para Raul Pompéia, a fixidez da folhagem da árvore do cambucá tem "o verdor morto das palmas de igreja e o alourado da *sensibilidade precoce dos ramos que sofrem*".

O escolar infeliz, agachado, abatido sob o pêso das virtudes alheias, é "a caridade forçada no edifício da moralização do instituto". Ângela, a canarina, grande e carnuda, apresenta-se-lhe como um dêsses "exemplares excessivos do sexo, que parecem conformados expressamente para espôsas da multidão".

---

[19] Obr. cit., p. 245.
[20] Obr. cit., p. 58.

Vazia como uma estátua ôca, possui, entretanto, na face "uma alma de superfície". Um caminho ensombrado de arvoredo, na falda de uma montanha, surge-lhe, em noite de luar, como um "reptil imenso de cinza e leite em vagarosa subida", e faz-lhe sonhar com as cócegas que "experimentaria o colosso, na dormência de pedra que o prostra, espezinhado pela invasão" dos que se atiram em demanda da eminência. Se acontece ouvir a recitação de uns versos em festividade ruidosa, afigura-se-lhe que, "dentre as suíças do poeta, como um gorjeio do bosque, sai um belo nariz alexandrino de dois hemistíquios, artisticamente longo, disfarçando o cavalete de cesura, tal qual os da última moda do Parnaso".

Êste modo especial de traduzir os estremecimentos da imagem forma a epiderme do livro. Também por ela é que *O Ateneu* tem mais ferido a atenção dos seus leitores.

Para pôr em relêvo a impressão que me ficou dessa obra interessante, não encontraria um símile que melhor a representasse do que uma pintura em sarcófago egípcio.

Por dentro, Ísis e os mistérios da vida; por fora, policrômios entremeados de figurinhas negras, esguias, angulosas, de Anúbis e cinocéfalos.

O *DICIONÁRIO GRAMATICAL* DE JOÃO RIBEIRO

PUBLICAÇÃO NA *REVISTA SUL-AMERICANA,* ANO I, vol. I, N.º 3, 15 FEVEREIRO 1889, PP. 43-44. APARECERA ANTES NO *DIÁRIO DO COMÉRCIO* (SUPL. LITER.), RIO DE JANEIRO, 10 FEVEREIRO 1889.

A natureza é confusa e obscura. São os sentidos e a lógica que lhe dão nitidez e ordem.

> Todavia, a base da coordenação, — diz Bourdeau, — reside na reunião dos semelhantes e na separação dos dessemelhantes, porquanto, para que se possa chegar ao conhecimento de um conjunto de coisas, é indispensável distribuí-las em grupos constituídos de tal modo, que cada uma delas se encontre afastada das de que difere e aproximada das que se lhe assemelham.
>
> Ter-se-ia, — acrescenta o mesmo autor, — uma visão claríssima do *todo* se [se] fôsse determinar exatamente aquilo que as suas partes têm de diverso e ao mesmo tempo de comum.
>
> Girando, portanto, o mundo dos nossos conceitos entre os dois pólos da distinção e da assimilação, é manifesto que a compreensão de qualquer ordem de fatos depende, antes de tudo, do processo de discriminação. Como a confusão resulta da diversidade das coisas, importa dispô-las por séries, tendo-se em conta as suas principais disparidades. Dêste modo, o discernimento assume as proporções da faculdade mestra da inteligência.

Estas cabais expressões do filósofo francês explicam-nos perfeitamente a lucidez de certos talentos.

Nem todo o homem de ciência, ou que se apresenta como tal, dispõe dessa fôrça inicial de discernir. Muitos indivíduos há que a adquirem pela diuturnidade do exercício, ou que nascem com a bossa da generalização, mas que, por conformação especial do intelecto, nunca chegam a ter um sentimento definido da função do discernimento. São êstes, seguramente, os que mais exercem as suas aptidões em coordenar fatos confusos, fugitivos, e que, por último, na impossibilidade de tornarem a verdade por assim dizer tangível, acabam, concentrados em analogias arbitrárias, recorrendo à dedução de tipos preestabelecidos.

É do contínuo exercício daquela assinalada faculdade que os positivistas inglêses tiram tôda a clareza notada em seus livros de exposição doutrinal. Entre os nossos escritores atuais, talvez seja João Ribeiro quem se apresente mais intensamente caracterizado por tendências dessa ordem. Foi pela clareza que êste nosso novel filólogo começou a impor-se aos que estudam neste país; é pelo discernimento que sua obra, embora pouco extensa ainda, vai conquistando, dia a dia, a simpatia e a confiança dos que se não deixam levar pelos simples arroubos de imaginação ou pela ostentação supérflua de teorias mal digeridas e ainda pior aplicadas.

Quando, em 1884, foram publicados os seus *Estudos Filológicos*, uma coisa principalmente me impressionou: foi êsse mesmo espírito de simplificação, que Andrew Lang introduziu na ciência da mitologia comparada, fazendo-a sair do sarrafaçal em que os pedantes da escola queriam conservar uma ordem de fatos tão simplificáveis como quaisquer outros.

A lingüística, no Brasil, vai dever, em grande parte, ao ilustrado sergipano êsse passo decisivo: não confundir o que é elementar em cada ciência, e retirar a filologia comparada e os estudos de gramática do terreno ideal ou do campo puramente esotérico em que os tinham pôsto, para torná-los acessíveis às inteligências menos cultas.

A Lingüística e a mitologia, por isso mesmo que, para constituírem-se, foram obrigadas a procurar subsídios em tôdas as ciências, chegaram a tornar-se um labirinto tão inextricável, que dificilmente quem nêle penetrasse conseguia sair, ou saía ileso. Quantos não andam ainda perdidos na antropologia, na acústica e noutras, julgando que estas ciências é que constituem a gramática?!

João Ribeiro, porém, soube, em tempo, evitar o escolho, e sem que lhe falte o preparo indispensável a qualquer trabalho dessa natureza, buscou o ponto de vista que mais lhe convinha para dar incremento, no Brasil, aos estudos que formam a sua especialidade. Dispondo de um tato seguríssimo, êle tem podido conciliar o espírito do que os inglêses chamam *scholar* com uma certa dose de amenidade literária, ministrada pelas qualidades imaginativas que possui e são tão próprias para dar impulso às idéias.

Ninguém como êsse filólogo, portanto, acha-se em condições tão propícias para empreender obras de vulgarização, fazendo baixar até a inteligência das crianças o que até hoje se julgava inacessível mesmo para os adultos não familiarizados com essa classe de estudos.

Uma prova do quanto João Ribeiro se distingue pela faculdade de discernir encontra-se logo ao ler-se o primeiro capítulo do seu já referido trabalho, sob a rubrica — *Funciologia*.

Se se tratasse de uma inteligência com aptidões de outra espécie, o que teria sucedido seria o seguinte: Impressionado pelos estudos de Bréal, Vinson, Darmesteter e outros; atordoado pela sugestão de fatos novos, a funciologia tomaria proporções universais e, absorvendo-lhe tôdas as fôrças do espírito, acabaria por converter-se no eixo do pensamento, como sucedeu em Pictet a respeito das raízes arianas.

Natureza equilibrada, porém, o autor do *Dicionário Gramatical*, distinguindo logo a importância dêsses fatos e limitando a esfera de suas relações, não caiu no dislate de perder de vista, por amor dos mesmos, os grupos já fixados e delimitados.

PECADOS

VERSOS DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

PUBLICAÇÃO EM *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 25 FEVEREIRO 1889 (SEGUNDA-FEIRA).

O *Novidades* de 23-11-89 (sábado) inseriu na primeira página a seguinte nota: "O nosso ilustre colaborador, Sr. Dr. Araripe Junior, enviou-nos dois execelentes artigos de crítica sôbre os *Pecados*, livro de versos do aplaudido poeta Medeiros e Albuquerque. Começaremos a publicá-los segunda-feira próxima".

Apesar dessa nota, e em que pese ao fato de haver o artigo terminado com a promessa de que seria concluído no dia seguinte, não houve continuação dêle, a menos que o segundo artigo tenha aparecido no *Novidades* do dia 4, 5 ou 13 de março, datas em que não existem exemplares do jornal na coleção da Biblioteca Nacional, nem foi possível localizar em outra parte.

O autor dos *Pecados* é um moço alto, magro, moreno, pálido, imberbe, conversador, expansivo, *effronté* nos gestos, excêntrico no vestuário e um pouco ziguezagueante no acionado, quando a estricnina, que costuma tomar, foi menos bem dosada.

Das três para as quatro horas da tarde, é sempre encontrado na Rua do Ouvidor, sobraçando, ou um fascículo da *Revista Filosófica*, ou algum volume de *chansons grivoises*. Ávido de novidades, não lhe escapa uma só das produções do Paris *boulevardier* recebidas pela casa Garnier. Essa gulodice pelos acepipes preparados pela culinária francesa tem-lhe, pelo menos, proporcionado muitas *viagens em tôrno do mundo em oitenta dias,* no fim das quais o poeta sente pesar-lhe alguma coisa no fundo do bissaco.

Isto não quer dizer que as leituras lhe tenham sido um caos. Em todo caso, assinala um turista literário de fôrça, que, quando tiver se recolhido ao torrão natal, achar-se-á com a memória enriquecida de fatos e apto para exprimir com segurança as suas sensações originais.

Seria bem provável que Medeiros e Albuquerque, a esta hora, andasse pelo Japão, pela China ou pela Austrália, se os seus bens de fortuna lhe permitissem empreender viagens longínquas. Como não o pode realizar, planeja-as e as anuncia aos amigos.

Ainda há poucos dias me dizia êle que estava quase não quase aproveitando uma oportunidade que se lhe oferecia de ir a Calcutá, em um navio mercante, embora a demora naquela cidade não excedesse o tempo necessário para descarregar e carregar mercadorias. Mas veria o Ganges de relance e voltaria ao Brasil com a impressão naturalista do país fantástico dos brâmanes.

Enquanto, porém, esta aspiração não se realiza, o seu espírito divaga através de livros de tôda a espécie, e, ora confabulando com Mallarmé e René Ghil sôbre a teoria do verso de mil côres, ora às voltas com Bernheim e Ochrowitez, * fazendo experiências hipnóticas, vai formando a sua filosofia *au hasard de la fourchette.*

Estas e outras singularidades de Cagliostro naturalista, juntas às *gauloiseries* de Armand Silvestre, dão-lhe, muitas vêzes, uns movimentos angulosos que não deixam de impressionar; e foi segura-

---

* Ochorowicz ?

mente por isso que um dos nossos críticos chamou-o de *belo moço cadavérico,* atribuindo-lhe uma imensidade de insônias sinistras e nevroses incuráveis.

Por êste processo, não seria difícil tranformá-lo também em um Hamlet ouvidorino, engasgado com o monólogo eterno: — ser burocrata ou não ser burocrata, eis a questão!

E talvez seja esta a única vacilação do seu espírito, pois que a sua vontade não padece das cruéis intercadências que ensombravam a imaginação do herói shakespeareano.

A única preocupação de Medeiros e Albuquerque, entretanto, é viver nos livros, conversar com os amigos, escrever versos modernos e contrair uma dispepsia.

Todavia, três coisas há que êle não sente, mas de que se julga profundamente saturado; são — o paradoxismo, o sensualismo e o "pessimismo".

Semelhante pretensão deduz-se de algumas poesias dispersas pelo volume, que, neste ponto, foram suficientemente sublinhadas pelo autor, para que não restasse a menor dúvida no que respeita às intenções.

Diziam os Goncourt que o artista leva a maior parte da vida a procurar a originalidade nos outros e muito longe de si, quando é certo que esta acha-se ao pé de cada um, ou, para falar melhor, dentro do próprio espírito que extravaga.

Pois bem, o autor dos *Pecados* está pagando êste tributo.

Não é preciso ter muita perspicácia para descobrir quais as qualidades dos poetas em voga que se fizeram transcrever no livro.

Era muito pouco que o poeta Guerra Junqueiro houvesse escrito a *Velhice do Padre Eterno* e o representasse caduco e abandonado, *esgravatando c'o dedo no nariz.*

Medeiros e Albuquerque propôs-se uma afoiteza muitíssimo maior. *Correu Deus do céu a pedradas como um cachorro* e arranjou um corsário holandês, bastante insensato e atrevido, que fôsse espantá-lo com um tiro na cara, à queima-roupa.

Era Deus, o senhor que o mundo rege e pesa
E a quem o próprio mar sabe prestar um culto.
Ao vê-lo, o capitão, com voz raivosa e prêsa,
Num sarcástico tom de indômita fereza,
Desfechou-lhe na face um pavoroso insulto.

———

— Curva-te, capitão, disse-lhe Deus irado.
— Quero o caminho aberto à minha nau possante;
Some-te, retrucou o marinheiro ousado.
— Vê bem, diz-lhe o Senhor. Curva-te a meu mandado,
Que eu tenho do poder o cetro triunfante.

———

— Pois olha, Padre Eterno, — e a mão levando à cinta,
E num momento ao rosto erguendo uma pistola,
Desfecha do Senhor contra a visão distinta
Da caligem no meio...
A mão pende-lhe tinta
Do sangue que, a ferver, do ferimento rola... [1]

O poeta, aqui, traz à lembrança o — *il faut frapper l'imagination des peuples* do Júpiter da opereta. Êstes versos são o seu *foudre du dimanche,* com diferença apenas que, em vez de destiná-los a impressionar as turbas ignaras, o poeta utiliza-os simplesmente como um excitante violento, como um ponche capitoso tomado em noitadas de inverno para combater o frio e levantar a fantasia adormentada.

---

1 *Pecados*, pp. 36-37.

ESTÉTICA E ELETRICIDADE

PUBLICAÇÃO EM *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO, 24 SETEMBRO 1889, E DATADO DO DIA ANTERIOR.

Há dias, em um dos jornais desta côrte, onde foi publicado o resumo de uma conferência do Dr. Pau Brasil, realizada no *Clube dos Eletricistas Brasileiros,* sôbre as importantes descobertas meteorológicas obtidas com o auxílio de aparelhos fotográficos, encontrei um tópico que despertou-me o desejo de emitir algumas considerações acêrca do apoio que tais descobertas vêm trazer às teorias mais adiantadas em matéria de poesia e arte.

Logo depois, na *Revista do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro,* se me deparou também um artigo, assinado H. M., no qual se fazia a descrição minuciosa dêsses fatos interessantes, aliás confirmados por observações dos hábeis auxiliares daquele estabelecimento. Lembrei-me então de enviar esta comunicação ao ilustrado preletor acima citado, o qual, além de engenheiro, é filósofo e crítico de artes, e está, portanto, mais do que ninguém, no caso de explanar proficientemente o assunto.

Na falta do texto da conferência, transcreverei o trecho do artigo da revista. Êsse artigo exprime-se assim:

> Hoje estão provadas, com o auxílio da fotografia, duas coisas importantes relativas ao relâmpago. A primeira é que o relâmpago em ziguezague, cuja descrição existe em todos os compêndios de meteorologia, e que é reproduzida em seus quadros pelos pintores, *não existe,* etc., etc.

Como todos sabem, por mais discutidas que pareçam as teorias sôbre a expressão na arte, apesar do que a ciência moderna tem dito sôbre êste assunto, ainda existe muita gente que não possui idéia clara, nem a respeito da classe a que pertence êsse fenômeno, nem no que toca ao seu modo particular de produção, máxime quando, nas explicações, se introduzem as palavras *realismo, naturalismo, experimentalismo,* etc. Graças aos desacertos do insigne romancista, mas péssimo crítico, E. Zola, a cada passo encontram-se artistas de mérito reincidindo na suposição de que há uma natureza copiável, — uma natureza capaz de ser alguma coisa mais do que o *modêlo vivo,* a qual pode passar para o mármore, para a tela, para o romance, para o sonêto, tão fàcilmente como se se usasse de um transferidor.

Ora, a descoberta acima assinalada, segundo me parece, vem dar golpe mortal em semelhante veleidade, demonstrando que os mestres nunca deixaram de ter razão, afirmando que não há arte sem deformação.

Eis aqui os textos mais salientes, que me ocorrem no momento, e que são confirmados pela ciência experimental:

> O fim da arte é a representação, de modo sensível, da ordem e da grandeza, — *a grandeza ordenada;* pelo que lhe escapam, não só *o muito pequeno*, pois que a vista perturba-se e a sensação dura por tempo apenas perceptível; como *o demasiadamente grande*, em razão da impossibilidade de se abranger o todo de uma só vez e, portanto, de obter-se a sensação de unidade. (Aristóteles, *Poét.*, 7.)

> A arte depende de *unidade, simetria e proporção*. As idéias e as palavras, desde que se lhes quer dar unidade, simetria e proporção; se se quer com elas formar um *todo*, deverão tê-las no espírito e no discurso.

> Qualquer outro arranjo conteria em si uma espécie de falsidade, pois faltaria a conformidade lógica da imagem com o modêlo. (De Bateux, *Prefác.* à trad. de Horácio.)

> A arte cria uma segunda vez. A arte deve ser, e é, antes de tudo, *humana*. (Thoré, *Salão de 1847*.)

> A arte é um jôgo, um brinco. (Schiller.)

> Um organismo, que produz certos efeitos por meio de contrastes e gradações. (Spencer, *Ensaios do Útil e do Belo*.)

> ...A manifestação de uma emoção traduzindo-se exteriormente, ou por *combinações expressivas* de linhas, de formas, de côres, ou por uma série de gestos, de sons e de palavras submetidas a ritmos particulares. (Véron, *Estética*, p. 106.)

> Tôda a obra de arte tem por fim emocionar por meio de um composto de sansações. (Sully Prudhomme, *L'expression*.)

> A obra literária é um conjunto de frases escritas ou faladas, com o fim de produzir, na alma dos leitores ou ouvintes, uma *emoção especial*, a emoção estética, que tem o seguinte de particular: não se traduz por atos, pois que ela é o fim de si mesma. (Hennequin, *Crítica Científica*, p. 26.)

> O artista não tem por alvo copiar uma nesga da natureza, mas representar tôda a natureza numa nesga. A obra de arte é um *microcosmo*, e, como o *macrocosmo*, reduz-se a uma unidade que desenvolve a idéia segundo uma ordem precisa e determinada. (Paulus Carus, *Princípios de Arte sob o Ponto de Vista do Monismo e do Meliorismo*.)

De tôdas estas citações, que se poderiam reproduzir ao infinito, resulta logo uma conseqüência: é que, desde a mais remota antiguidade, os artistas reconheceram a necessidade de limitar o objeto das suas representações, e, por outro lado, os críticos perceberam a relatividade de tôda a obra de arte.

Só depois de Bacon se disse claramente que *a arte era o homem acrescentado às coisas, — homo addictus naturae,* mas o que é inegável é que esta verdade foi sempre pressentida.

Voltando, porém, ao ponto de partida, pergunto eu agora se, tendo a fotografia surpreendido a verdade pelo modo por que vimos acima, deverá o artista, daqui por diante, figurar o raio exatamente como êle se mostra nos aparelhos que não mentem?

Fica ao bom-senso de cada um responder à interrogação, e a cada pintor, o direito de reproduzir na tela, sem ser compreendidos, os borrões celestes, as difusões de luz, que se manifestam na explosão luminosa, quando, no fenômeno, não colabora a ilusão do artista (que todos os somos mais ou menos) e não se produz o *êrro,* que é o que constitui a *obra humana.*

O assunto comportava mais amplo desenvolvimento.

Não me sobrando tempo, nem tendo competência para o fazer agora, resta-me apenas indicar ao ilustrado Dr. Pau Brasil o capítulo de uma futura estética, no qual se poderiam acumular tôdas as observações tendentes a provar o profundo subjetivismo que caracteriza as obras verdadeiramente artísticas e o êrro daqueles que procuram, com esfôrço crudelíssimo, desentranhar do mundo exterior, por meio de uma observação sem método, aquilo que só lhe pode advir pelo desdobramento de sua individualidade por sôbre o que é observável e suscetível de exprimir-se.

ESCRITORES E ESCRITOS

DE VALENTIM MAGALHÃES

PUBLICAÇÃO EM *O DIA*, RIO DE JANEIRO, 3 E 15 OUTUBRO 1889.

O Dia, 3-10-1889

Antes de qualquer consideração sôbre o livro, cujo título encima estas linhas, devo dizer que a impressão por êle produzida não pode sofrer contestação de que é agradável, correntia e variada.

Como trabalho de artista da palavra, que o é o autor dos *Escritores e Escritos,* o livro bem poucas retaliações suportaria.

O meu objetivo, porém, não é hoje desdobrar as qualidades do estilista, nem do pensador, nem da pena que traçou tantos contos humorísticos; mas pesar o valor do poeta que se fêz crítico e contrastou as idéias do crítico que se fêz filósofo.

Não me parece que seja muito complexa a filosofia contida nessa obra.

São palavras suas:

"Em literatura a forma é quase tudo". "É preciso ter, como Theodoro de Banville, o *sentimento das palavras*".

Por êste intróito é fácil descobrir de uma só visada de onde procedem todos os princípios de arte professados pelo crítico e qual a origem da maior parte das suas idéias.

É verdade que o artigo, de onde saem os trechos citados e que, tendo por título "A Forma", desenvolve uma teoria estética com aplicação ao nosso meio, foi escrito em 1881, época já um tanto afastada da fase literária que atravessamos. Não obstante, recorrendo aos últimos, que trazem datas dêste ano, não tenho dúvida em afirmar que as modificações de estrutura na alma do crítico são quase imperceptíveis, podendo-se acrescentar que V. Magalhães não desertou da atmosfera literária em que hauriram fôrças as suas primeiras aspirações de literato.

Um parnasiano.

A ocasião não é oportuna para discutir as falhas que existem na doutrina, [dos] aliás adoráveis, parnasianos. Basta acentuar o fato de que essa escola labora em um círculo vicioso, — partindo, como é crível, de uma deplorável confusão, que desapareceria diante do primeiro tratado de morfologia que fôsse aberto, — confusão desmentida a cada passo na prática pelas próprias obras dêles, especialmente por Leconte de Lisle, o mais elevado representante dêsse grupo.

Basta lembrar a íntima conexão posta pela natureza entre a forma e o pensamento, e a inseparabilidade da alma e da expressão;

pois que *forma* não significa sòmente o contôrno exterior das coisas, a configuração aparente do conjunto que a percepção surpreende no primeiro arranco, mas também o detalhe inteiro da estrutura tanto externa como interna dos objetos que, se movendo, deixam por isso de ser um amontoado, uma aglomeração homogênea, tomam um plano, obedecem a um acôrdo de partes umas com as outras e destas com o todo, resultando fatalmente de tudo a configuração tanto específica como individual. [1]

A forma, pode-se dizer que é tudo, segundo propõe o Dr. V. Magalhães, contanto que aceitemos a concepção monística, compreendendo naquela palavra tôda a vida não só da arte como do artista, tôda a evolução do seu ser, desde o brôto da imagem provocada pela sugestão do ambiente até a tênue adjetivação do verso já forjado e castigado para traduzir aquêle movimento intérmino.

Mas não me parece que tal seja o pensamento do crítico brasileiro, como não o é dos seus mestres europeus. Para êle a forma é uma entidade *sui generis* e independente; daí todos os desvios, cujos resultados já tive ocasião de notar em outra parte estudando os *Decadentes e Simbolistas* que acabaram por apresentar *gestos de idéias*, como o poderia ter dito Lolié, em lugar da vibração da alma poética por meio da palavra.

Partindo, não pròpriamente da sensação que as coisas produzem em quem as procura analisar, mas dos efeitos que, de um modo exclusivo, são levados por uma sensação artística até a alma do leitor, o Dr. Valentim Magalhães não tem outra preocupação senão a da agilidade e a do estilo, pelo que a agilidade e o estilo valem só por si.

É sabido que ambas estas coisas são grandes elementos literários; porém não constituem a vida inteira das literaturas.

Os parnasianos sofrem, portanto, de um pequeno desvio da faculdade de dar atenção a tudo quanto lhes convém, e não custam a mostrar-se na situação, um tanto penosa, daquele célebre orador francês de que Daudet nos fêz um belíssimo retrato no seu *Numa Roumestan*, o qual, — quando falava, por falar, esquecia-se de tudo, de todos, para só escutar a própria voz, as próprias melodias oratórias, como se, isolado das multidões, estivesse a provocar o eco sonoro das palavras que emitia.

Os estilistas desta ordem são verdadeiros Narcisos. É preciso, pois, que, quando a tenhamos de estudar, não percamos de vista a lembrança, de que se trata de indivíduos *namorados de si mesmos*.

A forma! A forma é cada um dêles, o verso, a palavra justa, o epíteto *tranchant*, o ritmo, a proporção: tudo isto não passa de uma inversão da vaidade do poeta ou do escritor. E se me fôsse lícito re-

1 Vide Bourdeau, *Sc. integr. II*, 300.

tratar um parnasiano da gema, eu escolheria justamente para modêlo a moça mais bela, mais repleta de sua beleza, no momento preciso, em que êle se colocasse de frente do *psiché*, a rever-se, a adorar-se em efígie, e a complementar com pérolas e caprichosos adornos as características de sua formosura.

Ora, se o Dr. Valentim Magalhães, como todos os seus colegas, se acha nesta situação de espírito, pode-se desde logo tirar como conclusão que a sua crítica não pode ser outra coisa se não uma aferição dos autores criticados pelo que por êle foi visto no espelho do seu toucador de poeta.

Se o autor dos *Escritores e Escritos* fôr tão sincero como eu tento ser neste artigo sôbre o seu livro; se preferir a tradução exata de uma impressão ao emprêgo de têrmos encomiásticos, como, por exemplo, — *é um livro notável, constitui uma revolução na crítica, quem o subscreve anda a par dos talentos mais fulgurantes do século;* se em lugar de um apêrto de mão desejar uma frase sugestiva; estou certo de que dirá consigo mesmo que não invento injustiças contra o seu caráter de homem de letras.

De resto, o Dr. Valentim não é mais nenhum menino a quem se vá dizer ridículas palavras de animação. O que convém desde logo é dar comêço ao esbôço do seu perfil.

Trata-se de um homem que trabalha e que continuará a trabalhar; devo, portanto, contar com um trabalhador para o futuro.

Sendo assim, faça-se em quatro palavras, o resumo de tôda a evolução literária, que se afigura armazenada no livro que me obrigou a tomar da pena.

O Dr. V. de Magalhães, quando surgiu no mundo das letras, comparavam : no romance, E. Zola; na poesia, Guerra Junqueiro.

Fique bem entendido que me refiro ao Brasil sòmente.

A manifestação dêsses dois vultos impressionaram-no profundamente, como sucedeu com quase todo o grupo de São Paulo em 1879-81. Eram, a fôrça de um, e a audácia disparatada de outro, fatos que não podiam passar sem provocar o fanatismo dos mais vivos e a imitação dos menos refletidos.

Como era natural, o Dr. Valentim envergou deslumbrado ambas estas armaduras; mas como os instrumentos daquele naturalismo inscébrio e daquele outro trejeitar insólito nunca fizeram casa em seu espírito, por uma razão óbvia, porque o autor da *vida de seu Juca* é um *delicado*, e os delicados não toleram por muito tempo os contatos brutais, sucedeu que, apenas apareceram Bourget, Lemaître, Maupassant e seus similares, êle sorrateiramente passou-se para o campo dos seus pares.

E aí andou melhor.

★

O Dia, 15-10-1889

Disse que o Dr. Valentim passara sorrateiramente para o acampamento dos artistas delicados; mas tal afirmação não importa a idéia de um retrocesso, nem também de uma profunda modificação no seu caráter de homem de letras.

Significa apenas que houve nêle um desenvolvimento lógico; isto é, entrando nos eixos próprios, a sua nova orientação ajustou em tempo com a naturalidade do seu temperamento.

Não se pense, porém, que a convivência do crítico com E. Zola, com os representantes da escola realista, não lhe foi de imensa utilidade. Foi; e a prova encontra-se no estudo sôbre Tobias Barreto, onde o autor dos *Escritores e Escritos* mostra-se familiarizado com todos os processos de que a arte moderna se vai servindo para chegar aos resultados que conhecemos.

A ginástica exercitada de parceria com os mestres teve, pelo menos, o efeito de agitá-lo, fortalecê-lo em muitos pontos em que a natureza lhe fôra menos pródiga, habituando-o à audácia e estabelecendo essa confiança em si mesmo, sem a qual não há artista que produza.

Êsses aparelhos de crítica positiva, desde que são postos em movimento pelo Dr. Valentim Magalhães, dão, com efeito, no princípio dos seus trabalhos, uma nota objetiva sôbre os autores criticados. Êle, por exemplo, começa a fazer o *processo verbal* do poeta ou do escritor, e enquanto se mantém no inquérito do livro e na perquisição biográfica, nada oferece aos objetadores.

Logo, porém, que passa a arquitetar uma sentença, a dar conceito da obra criticada, o seu temperamento invade todo o processo, as peças de convicção, por muito áridas, caem-lhe das mãos, e o objeto dessa crítica, queira ou não queira, é forçado a sujeitar-se ao seu impressionismo de poeta e aos seus caprichos de artista nervoso e combalido.

No fundo, o Dr. V. Magalhães, se continuar a exercer a crítica, há de conservar o tipo de Bourget. As suas aptidões, entretanto, o arrastarão a outras províncias da arte nacional, onde o estudo e a observação de si mesmo fornecer-lhe-ão assuntos já tão interessantes como os que a vida parisiense oferece a Catulo Mendès, A. Silvestre, Rod, Leroux, Maupassant e outros.

Não finalizarei estas ligeiras considerações sem uma pequena retaliação acêrca de umas predileções literárias do jovem escritor, com as quais dou o cavaco.

O Dr. Valentim permitirá que eu não dissimule, um só instante, a ojeriza que voto às *legítimas* manifestações do gênio hodierno dos *portuguêses de Portugal;* o que (e em boa hora o digo), não tolhe a admiração que sinto pelo talento volubilizante de um Eça de Queirós ou pela inteligência assimiladora e polarizante de um Oliveira Martins.

Não posso e nem devo guardar essa reserva. Antes pelo contrário açulo-a, procuro sistematizá-la, mui conscientemente, como medida profilática que eu desejaria ver adotada geralmente contra o vírus literário, contra essa *febre amarela* artística que tanto tem prejudicado a nossa capital intelectual.

Calcule, pois, o autor dos *Escritores e Escritos* qual não deve ser *l'agassement de mes nerfs,* logo que topo em um livro de legítimo brasileiro frases como esta, referindo-se a Guerra Junqueiro:

> Onde êle é verdadeiramente original, imensamente novo, inegàvelmente *único,* é na maneira, no estilo.
>
> Aquela sátira nunca a fêz Juvenal, nem Aristófanes, nem Barbier, nem Hugo, nem Richepin, nem Guilherme Braga. A sátira de Junqueiro é só dêle e de ninguém mais.

Ora, êsse ÚNICO, essa diferenciação, encontrada pelo Dr. V. Magalhães no satírico português, é justamente o que eu acho abominável; porque, não sendo êle mais do que uma mistura de ênfase hugoana (tintura velha) com pornografia de Richepin (tintura suspeita), e mais uns tantos por cento de espírito falsificado de Henri Heine: tiradas as contas e feitas a análise qualitativa e quantitativa da droga, não lhe ficará como próprio se não a SORDIDEZ do cais do Sodré, embora em versos bem limados.

Eu daria palmas, portanto, ao escritor brasileiro no dia em que o visse eliminar do seu culto espírito essa fatal intercorrência.

Fatal, porque momentos há, durante os quais, perpassando páginas de artistas nacionais, sou obrigado a perguntar a mim mesmo se estou sonhando ou acordado, tamanha é a ilusão produzida pela frase, que, tentando desenhar uma cena brasileira, transporta-me, por uma horrível associação de idéias vocabulares, a regiões aonde eu absolutamente não queria penetrar.

MÁXIMAS E PARADOXOS

DUAS SÉRIES DE PUBLICAÇÕES, SOB O PSEUDÔNIMO DE ALFERES COSME VELHO; A PRIMEIRA SÉRIE DE DEZOITO ARTIGOS, NO *DIÁRIO DO COMÉRCIO*, RIO DE JANEIRO, OUTUBRO 1889; E A SEGUNDA, DE DEZ ARTIGOS, NO *CORREIO DO POVO*, RIO DE JANEIRO, SETEMBRO A NOVEMBRO 1890. VÃO AQUI REUNIDOS NUMA SÓ SÉRIE, E NUMERADOS DE I A XXVIII. A *REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*, ANO IV, VOL. VII, N. 15, OUTUBRO 1920, TRANSCREVEU O 13.º DA SÉRIE.

1

Diário do Comércio, 4-10-1889

Dois tatus machos não cabem no mesmo buraco.

Eis o motivo por que o partido conservador sofreu e ainda sofrerá.

Digo-o com tôda a minha ingenuidade; mas se querem uma verdade, — vejam se descobrem um meio de injetar, pelo sistema de Brown-Séquard, emulsão de medula de rim na torrente sanguínea do outro.

Dizem que Teófilo Braga escreveu, na *Revista de Portugal*, um artigo colossal sôbre a epopéia da humanidade. Ainda não vi crítico mais pateta!

Misturar A. Comte com Lotze e fazer uma espécie de droga estética fritzmackiana, * é coisa que, felizmente, não se suporta mais, depois que se inventaram as Inspetorias de Higiene.

Entretanto, o Sr. Leite Guimarães ainda pensa poder impingi-la nos mercados brasileiros.

S. S.ª andaria mais acertado se, ao contrário disso, requeresse exame da droga perante o laboratório do Estado?!

— Os cometas são ilusões dos astrônomos; são verdadeiras miragens nos desertos celestes.

Última descoberta do ilustrado Sr. Castro Lopes, o homem mais feliz do Brasil, o qual, a despeito do Sr. C. de L., que, sendo hoje deputado, está em condições de legislar sôbre filologia, impondo multas e prisão por oito dias aos infratores da gramática, tem emitido maior número de neologismos do que ações o Visconde de Figueiredo.

Diz-se que o decifrador do *dialeto púnico* de Plauto vai provar, em conferência na Glória, que o país não é governado nem pelo

---

* Falsificada. Alusão à firma Fritz Mack & Cia., envolvida, naquela época, em rumoroso processo de adulteração de vinhos, que se arrastou na Justiça da Côrte por longo tempo.

Sr. D. Pedro II, nem pelo Sr. Ouro Prêto, nem pela Regente, nem pela opinião: — que a terra dos papagaios é vítima de um processo de sugestão: de modo que tudo quanto aqui se está passando resulta apenas dos esforços de algum mágico que, de Chicago, de Omaha ou de qualquer outra cidade dos Estados Unidos, nos vai gradualmente influenciando pela fôrça *telepática*.

Se o Sr. Lafaiete quisesse, talvez, de New York, nos pudesse mandar alguma informação útil neste tanto.

II

Diário do Comércio, 6-10-1889

Afinal, ressurgiu, pela *Gazeta de Notícias*, o eminente Ramalho Ortigão.

Depois de uma viagem à América e de uma visita à Exposição Universal de Paris, parece-me que um autor, um impressionista, não tem o direito de reproduzir-se. Não obstante, a avaliar pelo artigo de ontem, o escritor das *Farpas* muito pouco se modificou.

Os mesmos processos de dizer, as mesmas enumerações de fatos, de coisas, de caracteres, as mesmas antíteses, os mesmos *adjetivos*. Não há uma vibração nova.

Entretanto, da tôrre de Eiffel, êle poderia ter descoberto um novo estilo. Por que não o fêz? Acaso soou-lhe a hora do comêço do declínio? Tal não permitam os deuses vingadores!

Estaria enfastiado?

É êle próprio quem diz — que o mundo se divide entre duas classes: dos que se aborrecem e a dos que se divertem.

Lamb, o célebre humorista inglês, fêz divisão melhor: — *Os que comem e os que são comidos.* *

Decididamente, o glorioso correspondente da *Gazeta* está se deixando devorar... pela velhice ou por alguma febre larvada.

Quem quer que seja o autor do folhetim musical publicado no *Diário de Notícias*, o que sei é que escreve bem, e, a respeito de arte, anda por estradas escabrosas, caminhos alcantilados, inacessíveis ao *vulgum pecus*.

Todavia, não pude me aclimatar ao seu aforismo de que *a música começa justamente onde acaba a palavra humana;* quando é

* Aliás, a teoria de Lamb refere-se a homens que emprestam e homens que tomam emprestado.

certo que não há palavra, não há frase fora da música, como o demonstrou categòricamente o autor da *Métrica Natural da Linguagem*.

Por causa destas e outras desinteligências é que o Sr. Cardoso de Meneses anda a passar uma sabatina no Sr. Oscar Guanabarino, o qual, a continuar como vai, acaba por perder as suas divisas de sargento lírico.

Não doam, porém, as mãos ao ilustrado compositor da *Marselhesa dos Escravos*. A ação que está praticando é muito louvável e sensata.

Carlos Gomes é uma das glórias mais puras do Brasil; agredi-lo, portanto, pelo modo indelicado por que o fêz o crítico d'*O País*, denota, ou pouca generosidade, ou ânsia de mostrar grande *clairvoyance*.

Mas o que é certo é que, no fundo de tudo isto, transparece o desejo de explorar contra o maestro brasileiro a teoria wagneriana, ou as suas adaptações parisienses, que, aliás, recusam-se a tamanha atrocidade.

Porque, vamos e venhamos, Ricardo Wagner nunca disse metade do que corre, em seu nome, pela bôca dos críticos mal-intencionados. E se teve exagerações, naturais em um reformador, contra a escola italiana, contra o abuso da sensação, de que tanto se tem servido o injusto crítico, não se lhe poderá jamais acusar de haver desconhecido a necessidade da coexistência de tôdas as manifestações de ordem lírica, que precisamente hoje constituem a *natureza compósita* da música no século XIX. É êste um ponto que talvez ainda me disponha a regularizar com o ilustre Sr. Guanabarino.

III

Diário do Comércio, 7-10-1889

O Meio fêz a seguinte pergunta:

"Se o Brasil é uma nação neolatina, e se a história ensina que as instituições federais só conseguiram radicar-se nos povos anglogermânicos, como é que o Brasil pode ser uma federação?"

Não tenho procuração do Sr. Rui Barbosa para meter-me nesta questão; mas se aceitam a caução de *de rato*, proponho esta nova interrogativa:

"Se os povos da Europa eram pela maior parte arianos, e se a história nos ensina que êles sempre foram naturalistas, como é que tôdas as nações derivadas dessa raça puderam aceitar a cultura semítica e se deixaram dominar pelo cristianismo?"

———

O que muito tem me dado que pensar é o rôlo que por aí anda na imprensa, em conseqüência da *pluralidade de emissão*.

Todavia, parece-me que nessa discussão surgiu um enormíssimo *malentendu*.

Meus amigos, creiam-me: não há nada que estranhar nessa *gramatiquice* financeira. As opiniões dos publicistas, as que tenho podido apreciar, é que são bastantes singulares.

Falam em monopólio, em direito de estabelecer padrão monetário, cunhar moeda e um milhão de coisas, das quais, palavra de honra, eu absolutamente não entendo.

Entretanto, que me importa, a mim e a ti, leitor da direita, o *struggle for life* com que nos ameaçam os publicistas singulares? O que há de comum entre nós, pobres forretas, e êsses argentários que vão entrar no pugilato das notas bancárias?

Devorem-se, pelo amor de Deus. Alguém há de ficar; e *mieux rira*, como dizia Darwin, [sic] *qui rira le dernier.*

Uma observação útil.

O que perdeu a capital do Império com o desastre financeiro da estrada de ferro do Corcovado?

Garanto que em nada sofri, e lá ao píncaro tenho me regalado muitas vêzes. Todos hão de concordar com isto.

———

O BRASIL EM 1889. — Li o livro do Santana Néri e confesso que achei nessa obra coisas e fatos que me eram completamente estranhos. Por exemplo:

Entre os poetas figura o Raul Pompéia.

Não me consta que o *I* do *Jornal do Comércio* tivesse feito versos.

Já houve por aí quem escrevesse sôbre êste moço artigos muito longos, apreciando a sua prosa tensa e expressiva.

Mas versos! só a reportagem literária do Santana Néri!

O que convinha que se tivesse dito aos parisienses é que o autor do *Ateneu* passa por um dos nossos mais esperançosos romancistas psicólogos; que, conhecendo como ninguém as próprias sensações, possui, talvez, uma das almas mais poéticas dentre os da nova geração, servindo-se da natureza ambiente como de um infi-

nito e elétrico tinteiro, onde a sua pena mergulha de vez em quando para dar colorido e mobilidade ao pensamento sàbiamente delineado.

———

O Sr. Carlos de Laet, hoje, pela *Tribuna*, pede socorro à Sociedade de Imigração contra a ação pérfida do Sr. A. Meira, que o chamou de *estrangeiro desconhecido*.

Bem feito!

Se o ilustrado professor não fôsse tão amigo de Camões, de Rui de Pina, de João de Barros, não lhe sucederia tamanha desgraça.

Tenha agora paciência. Se quiser carta de naturalização, há de primeiramente sujeitar-se a prestar exame de *gramática brasileira* e decorar o dicionário inteiro do Dr. Macedo Soares.

IV

Diário do Comércio, 8-10-1889

Um dos gentis cronistas do *País* insinua que o imperador deseja que o Vasques leve à cena, no *Santana*, qualquer das comédias do Gil Vicente; e por isso fêz-lhe uma grande troça, por conta da inculcada proteção ao teatro nacional.

Ora, eu não vejo motivo para essa amabilíssima, mas intempestiva *molecagem*.

Se Sua Majestade o Imperador aconselhou a montagem das farsas do grande comediógrafo português, procedeu com finíssimo critério literário e perfeito conhecimento do meio em que vivemos.

As farsas de Gil Vicente, adaptadas ao teatro brasileiro, poderiam IR ATÉ NA PONTA.

Na ponta, repito; e a razão é muito simples.

Leiam êste trecho da farsa intitulada *O Clérigo da Beira*.

CLÉRIGO — Spera-me a par do lugar,
E eu irei lá contigo.
E rogar-lhe-hei como amigo
Que não te deixe de dar.
Se topares lá em fundo
Um negro, põe-te a recado,
Porque é um perro malvado,
O maior ladrão do mundo.
Não olhes no que falar,
Que é muito falso o c...
Olha por teu chapeirão,
Porque êle há de te atentar
Se tens tu ôlho ou não.

(Indo Gonçalo em caminho, apartando-se do Clérigo, topa um negro grande ladrão, e entra cantando, buscando um mulato; e diz Gonçalo, depois de cantar o negro.)

GONÇALO — Dize, negro, és da côrte?
NEGRO — Qu'esso?
GONÇALO — S'és da côrte?
NEGRO — Já a mi fôrro, nam sa cativo. Boso conhece Maracote?

Corregidor Tibão he.
Êle comprai mi primeiro;
Quando já paga a rinheiro,
Daita a mi fero na pé.
He massa tredora aquêle.
Aramá que te ero Maracote.

GONÇALO — Mais treidora era o rascote
Que m'a mim furtou a lebre.

NEGRO — Qu' he quesso que te furtai?

GONÇALO — Uma lebre de meu pai,
De meus cunhados uns capões,
E marmelos e limões;
Abonda tudo lá vai.

NEGRO — Jesu! Jesu! Deoso consabrado!
Aramá tanto ladrão!
Jesu! Jesu! um cralasão;
Furmnando vá sapantado.
Jesu! cralasão.

E por aí vai a peça no mesmo diapasão.

Ora, digam com sinceridade. Isto será mesmo do tempo em que viveu Gil Vicente? Ou é troça de revista, pândega de *Gran-Via*, molecagem de comédia feita entre o *grog* e o charuto, no fundo de qualquer sala ou corredor da *Maison Moderne?*

Já vêem, portanto, que Sua Majestade Imperial tem carradas de razão.

O Vasques que aceite a lembrança e venha falar-me, porque posso dar-lhe, apesar dos seus cinqüenta, alguns conselhos salutares.

O sucesso é certo.

O Luluzinho da *Gazeta* encrespou-se por uma frase dita absolutamente sem malícia, e pergunta-me por que o *homem dos paradoxos* não vai descobrir a pólvora de cima da tôrre Eiffel.

Passe para cá os cobres, e verá de quanto é capaz êste seu humilíssimo criado, que, antes de tudo, é muito respeitador das boas práticas e fanático pelas qualidades imarcescíveis do *homem dos macaquinhos*. Upa!

Fique S. S.ª convencido de uma verdade. O alferes não descobrirá das alturas do Trocadero nenhuma pólvora moderna, à cata de que, aliás, anda muita gente boa.

Mas, com tôda a certeza, verá a *Gazeta*, indiferente no que respeita à gente de casa, andar tão parida pelo Ramalho, que... não se lhe toque... se não era uma vez... galhetas!

Em todo caso, a tôrre não revelou ao eminente Ramalho o estilo em que deveria traduzir um dia as suas impressões sôbre o Brasil.

Que é do livro?

Então, Sr. Lulu, zomba-se assim da expectativa de 24.000 assinantes?

Venha já, já e já êste livro; sim, o livro prometido sôbre o grande império brasileiro.

Nós não nos contentamos com os *poetas incomparáveis*.

Queremos saber o que o homem das *Farpas* pensa a respeito de políticos, de jornalistas, de industriais, o que viu de mais extraordinário no miolo do *Jornal*, no miolo da *Gazeta*: o que percebeu no tocante a umas tantas coisas que lhe foram mostradas pelas fazendas de café, o que adivinhou relativamente à sociologia desta terra e, afinal, se o *qüera* tem capacidade para fazer o confronto do Brasil com o Rio da Prata.

Ahn! Aqui é que aquela nossa amiga torce uma certa história que eu não digo.

E, falando sèriamente, quem sabe se Ramalho não encaroçou deveras?!...

Eis o que se poderia descobrir de cima da tôrre de Eiffel. Ande lá, seu maganão... Você bem sabe disto.

V

Diário do Comércio, 9-10-1889

Mais vale Laet no mato do que Laet no papo do gato.

Esta máxima importantíssima acudiu-me hoje, ao ler, pela manhã, uma poesia laudatória dedicada ao ilustrado professor.

Ah! meu bom amigo, já começam para você as torturas inerentes às altas posições. Lembre-se do que sucedeu a Gomes Freire de Andrade, que teve de sofrer as arremetidas de tantos poetas e pretendentes, de tantos iconoclastas do sossêgo, quantos eram os filhos de Abraão e de Jacó. A menor que lhe sucedeu foi a propinação da dedicatória do *Uraguai*. Calcule.

Por ora, o nobre folhetinista apenas incorreu nos afetos da lira de Apolo. Mas quando chegar a vez dos eleitores; quando êstes começarem a ronda dos pedidos; quando choverem as cartas dos solicitadores de empregos, — quarenta ou cinqüenta em cada paquête; aí, sim, é que lhe hão de aparecer as verdadeiras nostalgias da *Boêmia*: porque os tais amigos da aldeia não se deixarão enxotar, nem por um gracejo picante, nem por uma frase de efeito rápido.

Cada voto do eleitorado equivale a um direito de evicção.

Não se pegam trutas a bragas enxutas.

———————

O *Jornal do Comércio* e a *Gazeta* acham que é "permitido duvidar da autenticidade da interpretação que deu a lei ao regulamento sôbre a emissão bancária".

Se a questão é só de interpretação e não de *fórceps*, ou de *sangria*, como deveria ser para o facultativo da *Gazeta*, eu me calo. Mas, em todo caso, permitam que o pobre alferes tenha um tico de opinião.

É preceito conhecido que o político de vistas largas não se embaraça com pequenas nugas de sabatinas.

Ou o ato é bom, ou não é bom. Se é bom, aí está a leal interpretação da lei. Se é mau, queimem essa lei que permitiu fazer vista tão grossa sôbre coisas tão positivas.

Depois disto, não me venham para aqui dizer que os bacharéis e os legistas, com suas retaliações sofísticas, são os causadores da estagnação do país.

Sai-te daí, bacharel das *Coisas Políticas*. Tu és tão bacharel como os mais bargados de murça vermelha e carapuça.

Nesta terra seremos da tal espécie até a quinta geração, com a ajuda de Deus, que nos abençoa.

Isto está na massa do sangue!

Emitir bilhetes ao portador! É o paraíso dos homens de fôrça e de talento.

Digam-me. Qual a razão por que um cidadão que dispõe de um fundo de bom-senso inabalável, uma riqueza de recursos imaginativos de primeira ordem, uma pujança de energias ianques; por que a êsse cidadão não [se] há de permitir bater moeda sôbre o crédito inspirado por essas largas qualidades!

Para mim, que não avezo chelpa, mas que disponho de uma coragem impertérrita, não haveria regime mais salutar e fortificante.

Só os Estados decadentes ou teológicos é que recusam cunhar moeda sacando sôbre o futuro e sôbre o capital psíquico.

VI

Diário do Comércio, 10-10-1889

O Dr. Tobias Barreto foi uma espécie de Wagner brasileiro. Nascido em Sergipe, onde experimentou as suas fôrças nascentes, imigrou depois para Pernambuco, onde formou-se e fundou a escola germânica.

Era um temperamento que não suportava resistências, profundamente apaixonado pelas formas literárias da poesia francesa (V. Hugo) e ainda mais profundamente dominado pela filosofia alemã de Haeckel e Ludwig Noiré, êle deu o espécime mais completo do que pode resultar da grande cultura saxônia num tropical, e principalmente num tropical mestiço.

A combinação dêsses dois elementos deu um tipo originalíssimo que o Rio de Janeiro teria amado, apesar de tôdas as suas violências, das suas insobriedades, das suas exuberâncias, se o Rio de Janeiro o tivesse conhecido.

Por infelicidade do Dr. Tobias, porém, isto nunca sucedeu; e o poeta, o orador, o filósofo exaltado partiu-se desta vida sem a consagração a que, mais do que tantos outros, tinha direito indubitável.

———

De longe mesmo, contudo, o ilustre sergipano seria admirado, se um êrro mútuo de refração visual não se interpusesse entre a Côrte e o filósofo, para prevenir um contra o outro e torná-los inimigos.

O Rio julgava que se tratava de um visionário ou de um grande pretensioso, e nunca o procurou ler. Tobias, encolerizado com essa indiferença, agrediu a Côrte quanto pôde, pela sua versatilidade e costumes afrancesados. Entretanto, se no Brasil houvesse circulação de livros e de idéias, como acontece na Europa, estou certo que as obras do filósofo sergipano, sendo devidamente apreciadas, o teriam reconciliado com o sul, terminando um *malentendu* de que, por fim, só podemos lamentar os prejuízos.

Se é verdade que o Rio de Janeiro é a pátria do FÚTIL, não é menos certo que também é o único centro propulsor de que dispomos. Evitar, portanto, êsse foco, fugir a êsse centro de ação é cometer um duplo êrro: prejudicar a própria glória e entregar a mocidade despontante às audácias dos medíocres.

O talento do Dr. Tobias não quis enxergar essa verdade.

Os sergipanos cuidam agora de amparar-lhe a viúva e os filhos, para os quais o seu esfôrço de homem de letras quase nada conseguiu valer.

A ação é nobre e digna de imitar-se.

Havia uma idéia que talvez fôsse de utilidade imediata.

Desde que se trata de mostrar ao país o valor do ilustre morto, e de incorporá-lo ao patrimônio das nossas glórias, seria do maior acêrto dar uma edição completa das suas obras, tão pouco conhecidas, e entregar o produto da venda aos que, em vida do autor, não puderam dessas obras haver o mínimo ceitil.

VII

Diário do Comércio, 11-10-1889

Da loucura, que é uma *difusão*, até a mais completa lucidez filosófica, que é uma *infusão*, há uma verdadeira escala cromática, na qual se encontram todos os sêres que se dizem racionais.

O Sr. O. Guanabarino não disse ainda em que clave está o seu espírito; mas eu penso que o que S. S.ª está escrevendo sôbre o *Otelo* de A. Cardoso de Meneses anda fora de tôdas as claves conhecidas e por conhecer. Se aquilo é música; se aquilo é crítica: eu sou também barbeiro...

Pobre autor da *Marselhesa dos Escravos*, eu, que te conheci *in illo tempore*, naquele bom tempo de esperanças, em que ambos ensaiávamos peças a quatro mãos, para tocarmos em teatrinhos de família, mal desconfiava de que um dia ainda teria o imenso desprazer de ver-te ameaçado de sêres devorado por um canibal. Sim; porque não há outra classificação para o prazer satânico com que o crítico fêz expor no salão d'*O País* os erros da tua transcrição. E sabes o que então me acudiu ao pensamento? Acudiu-me a idéia de pedir-te que lhe mandasses uma ceroula suja, para que também êle a expusesse à pública irrisão!

Ontem o crítico premeditou fazer uma paródia à *Fuga do Gato*, do maestro Scarlatti.

Eu não sou músico. Apenas em outro tempo tive a mania de compor; e, de fato, escrevi duas óperas bufas, que felizmente ficaram inéditas. — *As tristezas da Praia Grande* e o *Petrópolis Chegou Agora*.

Pena é que abandonasse tão cedo a arte de *Cimarosa;* porque, se não fôsse isto, neste momento daria, para complemento da *Fuga*, um côro, que se chamaria dos *Cachorros,* imitação de outro que se encontra na célebre ópera de Sforza Trampollini intitulada *O Dalai-Lama do Japão* (1749).

Mas nada disto faço. E como não desejo que a questão acabe em:

Solfa de fabordão

Pelo compasso da mão,

tomo a liberdade de lembrar-te, ó meu simpático Meneses, a ti, que és bacharel, e, na frase do crítico, — um ignorante de música, os seguintes artigos de reconvenção, que podem ser perfeitamente provados.

Que o crítico não pode criticar e deve ser demitido das funções que merece, porque:

a) não tem isenção de espírito;

b) não conhece o abc da crítica científica;

c) não sabe estética;

d) não tem competência para estabelecer as diferenças entre diversos estilos de escolas musicais; muito menos tratando-se de músico para músico;

e) se é na música o que o Coruja era na gramática, mostra-se, por sua vez, incapaz de dar uma impressão exata, depois da audição de uma ópera, principalmente se essa ópera não tiver sido ainda criticada;

f) não conhecendo tôdas as manifestações da arte que professa, não pode dar forma sintética a essas impressões, nem compreender a razão dos desvios técnicos e dos desvios individuais;

g) finalmente, — que, se lhe propuséssemos uma questão como esta, por exemplo: *Em que parte das* NÚPCIAS DE PROMETEU, *de Saint-Saëns, se encontra o modo hipodório, e, do 15.º quatuor de Beethoven, o modo hipolídio?* — o crítico julgaria que fazíamos anfiguri e, com tôda a certeza, mostraria a sua completa ignorância a respeito da influência que a *música oriental* tem exercido sôbre os compositores dêste século.

VIII

Diário do Comércio, 12-10-1889

O *Meio* não percebeu a minha pergunta, intercorrente à sua, relativa às instituições federais, que, na opinião do sociologista da casa, Sr. Pardal Mallet, por serem produto da raça anglo-saxônia, não se podem adaptar aos povos de origem latina.

O que pretendi fazer sentir com a minha interrogativa acêrca dos arianos (não azianos), mantidos em cativeiro pela cultura semítica durante tanto tempo, foi o seguinte: — que, na concorrência das raças, dos povos, das nações, há sempre alguém *na ponta*, e que êste vencedor, aliás resultante do processo de seleção, impõe a sua cultura, as suas crenças, os seus moldes políticos aos que, por infelicidade, ficam na bagagem.

Entre os sábios, são profundas as divergências. Qual das duas raças indicadas sobreleva uma à outra? Seja, porém, como fôr, é certo que, quando a civilização semita entrou em conflito com os árias, que eram, pela maior parte, bárbaros na Europa, encontrando mais o ramo ariano civilizado em completa decadência, quase afogado por aquela mesma barbaria, essa civilização não achou dificuldades em apoderar-se das almas e dos aparelhos diretores e suprimir a primitiva orientação.

Isto prova que a superioridade de cultura, ainda mesmo quando antagônica, qualquer que seja a raça, suplanta, vence e educa, ainda mesmo deformando.

Apliquem agora os meus ilustrados amigos d'*O Meio* a filosofia que resulta dêste ponto de vista à hipótese dos povos latinos.

Acaso não serão êles, na irresolução que os caracteriza, suscetíveis de deixarem-se prender nas malhas das instituições de origem anglo-saxônica?

Se me provarem, entretanto, que a cultura não seja capaz de dirigir um povo atrasado, convertê-lo e mesmo transformá-lo, arriarei bandeira; e então confessarei que a minha interrogativa tem tanta relação com a que lhe deu lugar como o chim de nome feio tinha com as calças de certo estabelecimento de roupas feitas.

Os povos, como os indivíduos, têm um temperamento que a educação corrige e modifica...

———

O amabilíssimo *Figaro*, d'*O Dia*, estranhou a minha lembrança de ontem, relativamente à viúva e filhos do Dr. Tobias Barreto. Diz êle que, se êstes forem esperar pelo resultado da venda dos livros do ilustre finado, ficarão muito arranjados.

Fígaro teria razão, com efeito, se, para a expedição dêsses livros, tomássemos o alvitre do costume, isto é, — se o expusermos nas casas dos livreiros, à espera do apetite livresco do público brasileiro. Mas se usássemos de algum expediente à Serpa Pinto, afianço-lhe que a coisa daria resultado.

Diga-me, *Fígaro* : que interêsse podia inspirar-nos uma viagem ao Nianza e Tanganhica? Nenhum; não é verdade? Pois bem; o viajante publicou a sua obra, veio ao Brasil, fêz vender, *à tort et à travers*, os volumes que trouxe, e, quando voltou à terra, levava na *guaiaca* 20:000$000 ou 30:000$000.

Se o colega d'*O Dia* e outros se empenhassem na propagação da obra, tenho certeza de que o êxito seria indiscutível.

Na Idade Média vendia-se a alma ao diabo; e, seguramente, o corajoso que assim fazia era o precursor de progresso, de alguma descoberta muito útil ao movimento civilizador.

Fausto foi um dêles.

Hoje, como o espírito, para muita gente, não oferece cotação, não há quem se lembre de negócios de tal ordem.

Mas Campinas deu sinal dos tempos!

Apareceu ali um indivíduo que teve a idéia de pôr em hasta pública o seu direito de votar, isto é, — um atrevido que não hesitou em alienar uma função política, constitucional, a trôco de um prazer de beneficência.

Pergunto eu agora : — Êsse contrato aleatório deve e pode ser mantido à vista do nosso direito, ou das leis vigentes?

Conviria, talvez, ouvir o Conselho de Estado e o Instituto da Ordem dos Advogados...

IX

Diário do Comércio, 13-10-1889

As minhas saudações aos chilenos.

Ó Chile, nação simpática e generosa, pátria dos maiores guerreiros do pensamento sul-americano, possa o teu atrito acordar neste grande corpo do Brasil, apenas agitado pela política, os entusiasmos potentes, as manifestações de fôrça permanentes, que são o apanágio da raça de Valdivia.

Vê se a tua riqueza de vontade, a tua pujança de brio e a tua profundeza de entendimento, se o exemplo da tua sisudez, nos ensinam um caminho mais seguro e mais próspero na rota das nações civilizadas.

Tu, que, por um instante, quase operaste a renascença política do nosso ilustre patrício Lafaiete, obrigando-o, pela admiração causada pelo espetáculo das tuas instituições, a retroceder de muitas de suas últimas preferências; tu, magnânimo povo transandino, bem podias agora abrir-nos todos os tesouros de poesia e de ciência que possuis, estabelecendo definitivamente essa familiaridade de vizinhos, sem a qual nunca é possível que os caracteres se penetrem.

Manda com mais freqüência às nossas plagas os teus representantes, rimadores, críticos, jornalistas e historiadores, e verás se dessa aliança psicológica não sai alguma coisa que, no mundo moral, se deva comparar com o consórcio do fogo que labora nas entranhas dos Andes e a fecundidade do Amazonas e dos nossos grandes rios.

— Que espécie de alferes é o autor destas *máximas e paradoxos!* perguntava ontem um indiscreto arruador. E de que côr são as suas idéias? Que bandeira acompanha? Quais os princípios que segue? De onde saiu e de onde vem?

Cumpre satisfazer a curiosidade.

—Sou do batalhão antigo dos gingongos.

Saí do nada e vou para onde me levarem.

Quanto a idéias, professo uma filosofia muito simples. Não creio nelas; ou melhor, — tenho-as na conta de mulheres de má vida, que se prestam a tudo quanto delas os espertos querem tirar. Passivas, por natureza sexual, e ainda, por desconto de pecados, associadas às palavras, outras messalinas, que se encarregam de ocultá-las, dando-lhes feições variadíssimas, enfeitando-as com arrebiques de tôda a ordem; as idéias são fecundas ou infecundas conforme o sistematizador, o velhaco ou o hipócrita que as põe em jôgo.

É preciso dizer logo que o paradoxo não é precisamente meu. Aprendi-o com êsse preclaríssimo Bacon, a quem o americano Donelly anda agora procurando dar como o verdadeiro autor das tragédias do Shakespeare.

Hoje não há idéia que não esteja matriculada. E, dispondo-se de uma estatística regular, é tão fácil ser um Augusto Comte como um Herbert Spencer. A questão é de dosagem.

Isto quanto às idéias em geral. Agora, se corrermos ao quarteirão das IDÉIAS POLÍTICAS... então direi que a minha descrença sobe a 100º. Messalina levada ao quadrado... e nada exagerei!

———

— No que toca ao eterno feminino? Como penso?

Também, com muita singeleza, entendo que, havendo costelas temporais e costelas espirituais, convém, em todo caso, tê-las bem separadas.

Mulher — entre os 35 e 40 anos, e magra como a Filipa. É nessa idade, segundo cálculos do Belisário Augusto, que a mulher tem juízo, perspicácia e compreensão sintética do homem. Deve, além disto, ser escritora. Nestas condições, só nessa época poderá ela possuir um estilo movimentado, colorido e variado. Como afirmava Balzac, não há prosador antes dos 40 anos.

———

No capítulo música, — adoro Wagner, aprecio Beethoven com discretos intervalos de audição; e, de acôrdo com o C. de L., entendo que Bizet teve a intuição... quero dizer, descobriu que os gregos tiveram a intuição do *zé-pereira carnavalesco*. Por último, abomino as teorias de O. Guanabarino.

———

No mais, — gosto de flores, do Corcovado sôbre tôdas as coisas, da Rua do Ouvidor nas quintas-feiras, e, se me tirarem o Rio de Janeiro... era uma vez o Alferes Cosme Velho. Não pode haver profissão de fé mais clara e positiva.

X

Diário do Comércio, 14-10-1889

O *L.* da *Revistinha* viu ontem, durante a cena do Banco Construtor, lágrimas nos olhos de "homens barbados e ricos", e êsse estranho fenômeno encheu-o da mais negra inveja.

Pois, meus amigos, eu também chorei; mas chorei de verdadeiro contentamento, porque, graças ao Altíssimo, julguei-me capaz de praticar igual ato de magnanimidade. Não sou como o *L*, tão agarrado ao *pelegame*.

Depois, quem é que se não comoveria diante de um desprendimento daqueles?

Segue teu caminho, venturoso Brasil. Já tiveste o teu calvário. Largaste a cruz da escravidão. O teu comércio agora mostra que não é um comércio cruel, ávido e casca.

Êsse comércio é poeta, faz lirismo e possui imaginação!

E os pessimistas, que por tanto tempo te caluniaram, venham hoje dizer-me que és um povo prematuramente gasto, vicioso, impotente, baldo de todo o sentimento.

És moço, és belo, tens amor!...

Away! Boa viagem...

Deixemos de parte essa ode comercial, que o Sr. Barão do Alto Mearim entoou com o acompanhamento mavioso das libras esterlinas, e passemos a considerações menos poéticas, relativamente ao crítico musical d'*O País*.

Bem dizia eu que o Sr. Guanabarino não tinha uma noção clara e precisa dos estilos e das escolas.

Ontem, êle próprio se encarregou de dar atestado dessa notável indecisão.

É S. S.ª quem afirma que Wagner é um compositor francês, porque é eclético.

Decididamente, o crítico não conhece o wagnerismo: ou então não tem cuidado com o seu vocabulário.

Dizer que Wagner é eclético importa o mesmo que negar tôda a sua teoria, pois que ecletismo sempre significou ausência de caráter, falta de um ponto fixo de subordinação ou pouco espírito de sistema.

Ora, não me consta que já houvesse quem negasse ao autor do *Parsifal* o profundo sentimento da sua missão de reformador, e, portanto, o caráter mais que muito acentuado da sua obra musical. Sistemático e intransigente, é o que todo [o] mundo vê. Entretanto, o Sr. Guanabarino persuade-se de que se trata apenas de um continuador de Gluck (aliás, Rameau), com escala por Auber, e, teutônico, só nêle encontra a veiculação das legendas do Norte.

E assim é que se critica!

Mas eu sei quem o induziu nesse êrro deplorável. Foi o Larousse, se não também algum livro ligeiro de Catulle Mendès sôbre o alemão.

Se, porém, o crítico procurasse melhores fontes de informação; se lesse com mais atenção os manifestos de Wagner e o seu livro *Ópera e Drama*, é também provável que chegasse a outras conclu-

sões. E então verificaria que o grande músico de Bayreuth tirou tôda a sua originalidade da combinação de dois elementos muito simples, — isto é, — de profundo conhecimento da balada e da ressurreição da arte helênica.

Obra idêntica à de outro alemão de gênio que se chamou Goethe, e que já levou um escritor a afirmar que aquêle maestro, pretendendo reunir em si a dupla personalidade de poeta e de músico dramático, não fêz senão ressuscitar Ésquilo.

Os gregos não eram tão ignorantes da *polifonia*, como supôs Fétis.

XI

Diário do Comércio, 18-10-1889

O dia de antes de ontem estêve pluvioso.

Apesar de tudo, a cidade andou em festa. Chilenos de manhã, chilenos ao meio-dia, chilenos de tarde, chilenos à noite. Chilenos em Botafogo, chilenos na Rua do Ouvidor, chilenos no Derby, chilenos em tôda parte.

Creiam. Apalpo-me, reflito, considero e, por mais que procure a minha personalidade crônica de brasileiro, não a encontro. Evadiu-se. Senti-me *cockranizado*, saturado de vulcões, de Coquimabos, de Aconcáguas, de *quinchamalis*, de *tehuanques*, de *quiquis* e de *guillinos*.

Quando, antes de ontem, no Prado, ouvi um dos oficiais do grande couraçado responder à saudação que a diretoria daquele clube lhe dirigiu, quase, por um triz, pedi a palavra julgando-me um *gempin* da Araucânia.

E foi pena que a coragem falecesse, porque então veriam o que era o *gayagtucan*, a *verve*, de um brasílio-chileno...

— *Mupiltun Diós, Chaomo vilpepilvoe, huenu! Mupiltun Chili!*

Disse a reportagem indiscreta de um jornal inglês que o imperador só escrevia por dinheiro, tanto assim que contratara com uma revista científica dar-lhe alguns artigos sôbre o Brasil, revertendo o produto pecuniário dêsses escritos para um orfanato da côrte para o qual Sua Majestade Imperador trabalha desde que começou a dedicar-se ao culto das letras.

Esta notícia causou-me viva sensação. O *Diário de Notícias,* que a transcreveu, atribuiu-a naturalmente à exploração de algum *interviewer* desconhecedor de nossas coisas.

Penso, porém, que o caso é bem possível; e que o Imperador, num momento de humorismo, quisesse firmar o princípio de que os reis devem justificar a parte que têm na burguesia moderna, trabalhando e recebendo o seu salário como qualquer cidadão pacífico.

Como não deve ser agradável a um privilegiado escapar-se, uma vez por outra, das malhas do privilégio e receber os *santos cobres,* produto do seu trabalho humano, ainda que para um fim humanitário? Porque, vamos e venhamos, o dinheiro percebido pelas funções divinas, vencidas no *métier* de rei, deve ser um dinheiro frio, sem êsse sabor que se experimenta quando se regateia o próprio trabalho.

Os 800:000$ que S. M. o Imperador recebe em virtude da disposição constitucional, dos quais, aliás, nem vê a côr, êle os obtém, quer haja, quer não haja trabalho, e o faz na certeza de que, em hipótese nenhuma, lho diminuirão. Mas aqui o caso muda de figura; o autor dos artigos dirá consigo mesmo: — Estas moedas vieram-me às mãos pelo valor exato do meu esfôrço!

Depois, que coisa picante não é a emoção que advém ao escritor pago, quando cogita na hipótese de que os seus trabalhos não continuem a agradar e que o editor, ou possa lhe dizer: — *caro amigo, os seus artigos estão muito caros;* ou então: — *não quero mais;* ou, finalmente: — *o público gostou, mande o que puder, e dobro-lhe a partida!...*

Se o Imperador, com efeito, sujeitou-se a êsse judeu de livreiro, eu beijo as mãos do Imperador; e acrescento que só assim nós, os rabiscadores da imprensa diária, teríamos um imperante que compreendesse as nossas tristezas, as nossas mágoas e também as nossas alegrias.

Vou amanhã estabelecer neste mesmo lugar uma subseção destinada especialmente ao transunto das conversas indiscretas e de frases a êsmo. Há uma grande utilidade nisto. As memórias de Saint-Simon já o demonstraram. Nessas conversas e nesses ditos é que os homens dão a nota real do seu caráter. É a nudez psicológica. Um livro não é nada, sem embargo das teorias que a crítica moderna tem apregoado.

Uma palavra é tudo. Por ela às vêzes escapa-se uma individualidade inteira.

E ai do sujeito, se seu espírito tiver alguma roncha, alguma chaga, algum vício encoberto!

Escondendo-se na frase, os homens botam-se às escâncaras.

O meu *croc* fica levantado.

XII

Diário do Comércio, 22-10-1889

O *País*, noticiando o falecimento do Castro Urso, classificou-o de sandeu.

Bem faz o ilustrado colega em agredir os bacharéis, gente daninha e ignorante, que só tem um préstimo, o de rever os textos das reinícolas e das carunchosas Pandectas. Entretanto, se entre os membros daquela redação houvesse quem conhecesse o título 103 do livro 4.º das Ordenações do Reino, não teria o público passado pelo dissabor de ler tamanha injúria irrogada a um caráter como foi o do filósofo Castro Urso.

Ao sandeu mandava as referidas leis dar curador para que "pusesse nêle boa guarda, assim na pessoa como na fazenda". Ora, não me parece que o Castro, que todos conhecemos, necessitasse de que se lhe cuidasse nem nos atos, nem nos bens. Ao contrário disto, foi êle curador de muita gente; e, quanto à propriedade, tendo nascido pobre, legou, aos que talvez muitas vêzes zombassem da sua exótica figura, uma considerabilíssima fortuna e uma história sem máculas.

O que se devia dizer é que o Castro foi o nosso Esopo. É verdade que êle nunca fabricou apólogos, nem pagou as crianças para atirarem pedras nos transeuntes; em compensação, porém, fêz a alegria de muita gente, em bilhetes de loteria, e edificou ao imprudente rapazio com a sua impertérrita coragem e com uma paciência invulnerável.

Invulnerável, digo bem, porque, se no Rio de Janeiro já houve homem que soubesse dar exemplo de resignação, êsse homem foi o Castro dos bilhetes.

A impiedade mundana talhou-lhe uma libré de Tersites e impôs-lhe o suplício de vesti-la *per omnia secula seculorum*. Outro, que não possuísse o juízo tão seguro, teria morrido de raiva ou, o que é pior, enlouquecido. Êle, contudo, nem usou da libré, nem adotou a alienação; resolveu o conflito com a sociedade que o ridicularizava diàriamente aceitando essa libré que lhe dava a vida e abrindo êsse chapéu-de-sol que lhe garantia o lume da razão.

Trabalhando como quis, enriqueceu; andando *à la diable*, gozou de tudo; e se não teve honras, nem grandezas, deixou, pelo menos, um nome que, se não é precisamente igual ao do divino Sócrates, com certeza, quando o Capistrano lhe estudar a biografia, terá motivos de sobra para dizer que êle fundou a FILOSOFIA DA INÉRCIA, tendo sido, ao mesmo tempo, o NAPOLEÃO DO RIDÍCULO.

Venceu. Há de entrar na história!

XIII

Diário do Comércio, 23-10-1889

CAPISTRANO DE ABREU. — Sendo hoje o seu aniversário natalício, aproveito a oportunidade para desfechar-lhe uma biografia paradoxal, que há muito tempo me obseda.

CAPÍTULO I. — Eu não sei em que era o missionário frei Vital profetizou a sêca de 1877. Tempos depois acrescentou que, entre esta calamidade e a de 25, nasceria, na Columinjuba, um *menino de memória*, fadado a descobrir o Brasil pela segunda vez.

Êsse ano foi climatérico. A alma de Jacaúna andou voando. O Riacho do Sangue ficou prêto. Os cangulos do Mucuripe vieram à praia; morreram tôdas as tainhas do Cocó. O poeta Juvenal Galeno ouviu os vagidos da mimosa Porangaba...

CAPÍTULO II. — O *menino de memória* é pôsto *à contre coeur* no seminário da Fortaleza. Lê Voltaire; e os padres desandam-lhe uma dúzia de bolos. O futuro amigo do Cabral vinga-se heròicamente. Reúne todos os breviários e faz um enorme auto-de-fé.

Reconhecem todos uma verdade: que êle não tinha bossa para padre.

CAPÍTULO III. — João Capistrano em Pernambuco. Come livros como dois mil profetas da Bíblia. Tem um estômago de ema. Digere Littré, o Mahabharata, o Vapereau. Mete os pés no latim. E em uma só noite devora os 90 volumes de Rocambole, sem perceber que o tempo corre e que as pulgas chupam-lhe o sangue.

Regressa ao Ceará. Ouve o canto da jandaia, e, um bom dia, lendo Gandavo debaixo de uma carnaubeira, concebe uma história do Brasil.

Capítulo IV. — Período das descobertas. — José de Alencar vai ao Ceará. Capistrano descobre a cantiga do *Az Bernado* e comunica o fato ao autor da *Iracema*, que, regressando ao Rio de Janeiro, impressionado, escreve-lhe uma carta chamando-o de *confrade em letras*. O *menino de memória* transporta-se para a Côrte e dá fundo no Garnier; atravessa alguns concursos, passa pelo *Globo*, perfura alguns colégios e descobre o Vale Cabral, a Biblioteca Nacional e a *Gazeta de Notícias*. Descobre mais as fôlhas de Varnhagen, Purchas e Antonil, e, por último, metido na frota de D. Nuno Manuel, penetra no Colégio Pedro II. Descobre ainda o rio São Francisco e as antigas estradas do Brasil. Faz ressuscitar Wappäus, do Anchieta e frei Vicente do Salvador, e promete uma história e corografia, que já anda espalhada pelo ar, metida na cabeça dos seus alunos e nas introduções de muitos livros.

Capítulo V. — Já houve quem dissesse aos desejosos de obscuridade que escolhessem o Capistrano para ocultar a sua glória.

Entretanto, o que é verdade é que êsse esquisito cearense fabrica a sua notoriedade pelo processo do cupim. Vira, mexe, fura, esburaca; vareja o fundo das bibliotecas, perambula por seca e meca, conversa com os naturalistas, persegue todos os geógrafos, corre atrás dos mapas velhos; esgaravata biografias; visita arquivos e museus; e de tudo vai se saturando e a todos contando histórias. E quando é um bom dia, ouve-se um estrondo; vão todos examinar: é uma mina que o cupim fêz desabar.

Capítulo VI. — Em conclusão. Um historiador que morre pela música de Beethoven. Sofre de miopia; mas a sua miopia é a metafísica mais embrulhada que conheço. Enxerga tudo e observa; e se lhe contestam a enfermidade, declara que obtém a visão nítida por dedução.

Como Sócrates, tem a mania de provocar partos psíquicos. Os rapazes vêem-se tontos com os seus engrimanços. E, se encontra algum dêles com um plano ou com uma idéia, o seu espírito satírico põe-se logo em campo para obrigá-lo a abortar essa sandice.

No mais: crê na geografia alemã como em si mesmo, e não usará chapéu alto, nem que para isso seja necessário abandonar a própria história do Brasil.

XIV

Diário do Comércio, 24-10-1889

Qual o papel da mulher na sociedade moderna?

O *Meio* entende que êsse papel deve ser político.

Souvenir observa que a melhor coisa que pode fazer uma menina bonita é passar todos os dias pela Rua do Ouvidor e deixar-se *fanfreluchar*. *Lulu Sênior*, * macaco velho e sibarita *à la romaine*, deixa passar a procissão e não se compromete, nem mesmo com a donzela que violou em sonho.

Não há dúvida de que a humanidade muito tem progredido: e que, se hoje aparecesse algum Cajácio, ou se se reunisse outro Concílio de Mâcon para agitar a questão sôbre saber se, com efeito, a mulher pertencia a espécie humana — *disputatio perjucunda qua anonymus probare nititur mulieres homines non sunt*, — com certeza, não só êste jurisconsulto, como êsse concílio, seriam metidos nas escuras e postos a pão e água.

Querem, contudo, a minha franca opinião? Pois ouçam. Embora convencido de que a mulher não é uma simples colaboradora do homem para a propagação da espécie; de que ela não tem por único destino servir de ingrediente à confecção das composições poéticas, nem de apêndice à lua nas noites de voluptuoso estio; embora considere Eva tão inteligente como Adão, e mais sagaz, mesmo, do que o seu próprio dominador: — chego à conclusão de que, nesta história de igualdade de direitos políticos, só dois sujeitos falaram com acêrto — Shakespeare e Bertoldo Cacasseno.

— *Woman, thy name is fraylty*, disse o grande trágico britânico.

Quanto ao Cacasseno, reproduzo o seu apólogo.

> Na côrte do rei Alboíno, lembraram-se as mulheres de requerer que fôssem também admitidas com seus votos nos conselhos e regime da cidade; e vendo-se o rei em grande apuro para decidir tão intrincada questão, na qual, além do mais, interessava-se a própria rainha, chamou Bertoldo em seu auxílio e perguntou-lhe como neste caso êle resolveria.
>
> — Senhor, disse o malandro, durma Vossa Majestade sôbre o caso. Deixe que passem primeiro vinte e quatro horas.
>
> Saiu, e, voltando logo com uma bocetinha, aconselhou ao rei que entregasse às requerentes aquêle objeto, recomendando-lhes que só o abrissem depois de proferida a decisão.

---

* "Souvenir" é pseudônimo de Gregório de Almeida, autor de uma seção mundana no *Diário de Notícias*, em 1877, e no *Diário do Comércio*, em 1891.

"Fanfreluchar" é alusão à seção intitulada "Fanfreluches", e mantida por Antônio José Soares de Sousa Júnior, na *Gazeta de Notícias*.

"Lulu Sênior" é pseudônimo de Ferreira de Araújo, proprietário e principal redator da *Gazeta de Notícias*.

Assim se fêz: e, como é de prever, depois de muita arenga, muita teima e muita opinião, as mulheres abrem a caixinha antes de findo o prazo, e, com surprêsa, vêem dali escapar um passarinho.

Decorridas as vinte e quatro horas, chama-as o rei à sua presença, e as míseras, corridas de vergonha, não sabem como explicar tanta indiscrição.

— Com que, vós deixastes fugir o pássaro da bocetinha, mulheres tôdas sem juízo? E como então tendes a ousadia de pedir que se vos comuniquem os negócios dos conselhos secretos da minha côrte? Ora, ide cuidar nos vossos exercícios, nas vossas famílias, e não entreis outra vez em semelhante frenesi.

O alvitre de Bertoldo provou a incapacidade do belo sexo para o exercício de funções públicas.

Como, porém, já temos bacharelas, médicas e advogadas, é bem possível que me provem que as mulheres sabem hoje melhor guardar trancada a bocetinha e premunir-se contra o frenesi de que tanto se riu o venerável Alboíno.

XV

Diário do Comércio, 26-10-1889

Ontem, à porta do Castelões, três perversos tiveram uma lembrança curiosa. O primeiro dêles ingerira uma empada de camarões, o segundo um cálice de vermute e o terceiro uma garrafa de água de Seltz. O temperamento de cada um correspondia aos objetos ingeridos.

O dispéptico arrancou um cabelo do bigode e disse fùnebremente:

— O adjetivo é um rabo; e os há tantos, de palha, que é dificílimo distingui-los dos verdadeiros.

— Ora pois, uma boa idéia! disse o nervoso. Se agora começássemos a pregar alguns dêstes adjetivos nos jornalistas que aqui passarem, não seria uma coisa edificante?

— Então, toca a trabalhar, confirmou o glutão embevecido.

E como apontasse o Avelino, puseram-lhe logo o *croc*.

— Êste?

— É um escritor — *macio*. Muito diverso do Silveira Lôbo, que é um — *pierato tipográfico:* e do Rêgo Macedo, que tem o estilo *banzeiro*.

— E o Araújo, que ali vem?

— Ah! Êste é da classe dos *redondos*.

Redondo, sim senhor. Chama-se escritor redondo o escritor impenetrável. Não me recordo de quem disse que Sarcey também o era; e os publicistas desta têmpera nunca dão por onde se lhes pegue, nem buraco por onde se lhes entre. Quando lhes arrumam forte, rodam como bolas de bilhar, vão à tabela, e o menos que acontece é fazerem carambola.

— Guarda! O Patrocínio!

— O nosso Desmoulins?

— Danton, é o que quer dizer!

— Desmoulins! bem Desmoulins!

— Eis um estilo que me agrada. Não é, por certo, *roçagante*, como o do Trovão, nem *numeroso*, como o do Rui; mas, em compensação, tem as doçuras da manga e ranço do caju.

— Meloso? Não é assim?

— *Catártico* é o que êle é.

Defronte, à porta do café de Londres, havia um grande grupo de rapazes. Gesticulava-se, falava-se, discutia-se, entropigaitava-se. Se por acaso atravessava alguma dona, os olhares davam caça à forma esbelta e peregrina e, por sua vez, à cintura delgada; o colo proeminente e a tez aveludada sofriam, coitadas, a invectiva bruta de lúbricos e insensatos adjetivos.

De súbito, de entre êles, irrompe o vulto do Bilac, satânico, terrível, ameaçador. Não se sabia o que o convulsionara.

Os três cruéis não o deixaram passar sem uma estocada.

— Até onde progredirá a fealdade dêste Olavo? Aqui têm um fato que há tempo me impressiona. A evolução rápida, que acompanho dia a dia, neste homem de estilo *retorcido*!

O dispéptico sorriu.

— Você é muito tolo. Pois ainda não compreendeu que essa fealdade é o resultado da contorção em que vive êsse poeta pelas revulsões que nêle o talento está constantemente provocando? A inteligência dêste monstro regula na razão direta da horripilância e na indireta do quadrado da riqueza.

XVI

Diário do Comércio, 27-10-1889

Li, hoje, um telegrama de Sabará, que me fêz a alma soçobrar em alegria.

As festas inaugurais dos trabalhos da viação Central do Brasil assumiram, aos meus olhos de fantasista, as proporções de uma má-

gica em grande ópera, iluminada a fogos de bengala e a golpes de eletricidade.

A cidade de Sabará em galas e o rio das Velhas enfeitado, o povo reunido às suas margens, uma barca cheia de convidados singrando as águas ao som de uma música marcial; as montanhas e as florestas distantes estrugindo ao troar dos foguetes e dos morteiros; e, à noite, uma marcha *aux flambeaux*, precedida de cem donzelas portadoras de bandeiras com as armas e os nomes das 20 províncias do império: tudo isto é para pôr uma cabeça tonta e fazer crer que o país se faz poeta e que a imaginação popular já vai atingindo a altura dos seus Itacolumis e a majestade dos seus maiores rios.

O telegrama de Sabará fêz-me sonhar com a Índia de Méry. Aquelas cem virgens descendo o rio a entoarem o hino do progresso, cobertas de grinaldas, risonhas, belas, conduzindo o símbolo da vitória, fizeram-me lembrar uma cerimônia sagrada à margem do Ganges; e Sabará, a Benares brasileira, erigiu-se diante de meus olhos como uma misteriosa cidade, de onde o Lótus desce para fecundar, desde as suas origens, êsse grande S. Francisco, a quem um êrro da natureza torceu o destino, empecendo-lhe a navegação, à foz, com a cachoeira de Paulo Afonso.

— Será a reconquista do interior do Brasil que agora começa? perguntei a mim mesmo, surpreendido.

E o pressentimento me disse que era a consciência nacional que se erigia.

Eu, de sociologia, pouco entendo. Mas o que me parece é que uma grande corrente elétrica se está estabelecendo de um extremo a outro das três Américas, e que o Velho Mundo já se ressente disto.

A prova mais evidente da realidade dêste asserto é que, à proporção que as baterias se incendeiam, o Velho Mundo sofre um choque; e já agora, observando o que se passa em Washington e as pretensões do Congresso que para ali foi convocado, os publicistas e economistas europeus começam a propagar uma história bem comparável à que o povo conta sôbre as relações do *bode e a onça*.

O que há de fazer, se não isto, o grande sentimento de conservação?

Todavia, no meio dêsses mexericos internacionais, sempre é grato reconhecer que sempre aparece algum espírito que saiba erguer-se acima dêstes instintos animais, librado nas asas da serenidade filosófica.

Ao passo que uns procuram explorar o espírito das raças e preveni-las com a análise de antagonismos atávicos; outros, como Leroy-Beaulieu, sem que percam o seu amor à pátria, nem desconheçam os próprios recursos, encontram, na ciência que professam, bastante sobranceria para encarar os fatos e afirmar que à América chegou também a vez de transportar o eixo da civilização dos povos.

XVII

Diário do Comércio, 28-10-1889

Nunca supus que os meus pobres adjetivos pudessem causar tamanha exacerbação no ânimo de *El gordito* da *Cidade do Rio*.

Gaita de foles não quer tanger,
Olha o diabo o que foi fazer!...

Pois, meus amigos, não lhes conto nada. O homem das *bandarilhas,* largando as ditas, empunhou, para agredir-me, uma zagaia do Pará que foi um verdadeiro espalhafato.

Como, porém, tenho prudência, vou *arrequerê-lo* em nome de Deus e da Virgem Maria, para que recolha a arma formidanda à bainha, à *gordita* bainha, onde ela já fêz casa e de onde nunca devia ter saído.

Lave agora as mãos... E *vade retro,* Santanás.

Não sei que necessidade tinha *El gordito* de desacreditar o meu dentista, que colocou-me uma dentadura capaz de triturar peles mais *santas* e muito mais duras do que a sua.

Que necessidade tinha êsse bandarilheiro ronhento de revelar ao público que eu guardava nos dentes o que muitos guardam na alma — a cárie?

Processo antiguíssimo e já usado com outro jornalista desta côrte; não é assim?

Olha o diabo o que foi fazer!
Gaita de foles não quer tanger!

E o diabo diz que mordo; êle que morde em bemol e em bequadro; e que só no folhetim de sábado deu sete dentadas no Mota Maia.

Olha o *bôca do inferno* o que vem dizer!

———

Mas, por obséquio, repitam: em quem foi que eu já mordi?

Conscientemente, só em três: no Braga, no Ramalho e no Guanabarino, * porque os odeio de morte. De morte... estão escutando? E o tornarei a fazer, quer com êste nome, quer com o próprio que assino, visto como os reservei para cultura do meu ódio.

Pois que eu, não tendo ódios naturais, nem pessoais, por ser natural de bom gênio, sinto necessidade de tomar ódio de vez em quando, como quem ingere, para embriagar-se, uma garrafa de conhaque.

Ouviram?

———

E, afinal, ainda não consegui saber qual o adjetivo que ofendeu a pituitária dos publicistas da *Cidade*.

O Bilac-Pulcinelo não pode ser, porquanto fui-lhe lisonjeiro até. Chamei o seu estilo de *retorcido*, lembrando-me do aço polido e da forma especial do florete de Mefistófeles. Considerei a sua fealdade progressiva como um sintoma das avanças de seu espírito.

Pensei que os seus esgares fisionômicos eram o resultado da deformação física produzida pelas convulsões do talento, que é como o fogo interior da terra, que gera bossas e faz irromper vulcões.

Logo, o autor da pulha foi *Proudhomme*. **

Mas, se foi êle, resta-me apenas repetir-lhe as palavras de César, quando agredido pelos seus colegas:

— *Tu quoque, Bruto!* e envolver-me no meu *carrick!*

———

E, para terminar, envio-lhe hoje algumas máximas tiradas do meu TRATADO SÔBRE OS RABOS-DE-PALHA.

— Existem duas qualidades de rabo-de-palha: o natural e o artificial.

---

* Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Oscar Guanabarino.

** V. "Máximas e Paradoxos", n. XV, 26-10-1889. "Proudhomme" é pseudônimo de José do Patrocínio, a quem Araripe se refere também nas "Máximas" do dia 26.

— O rabo de palha artificial é aquêle que a perversidade humana engendra para igualar todos os homens.

— Não há coisa mais desagradável do que, em uma sociedade de caudatos, ver-se alguns indivíduos sem êsses apêndices.

— Não é fácil pôr o rabo-de-palha artificial; mas existem industriosos que os fabricam tão perfeitos, que é quase impossível distingui-los dos verdadeiros.

— A arte de fazer rabos depende de um profundo conhecimento da psicologia de cada indivíduo, porque não basta que o público ria, é preciso, principalmente, que a vítima se perturbe e se dane.

— O apêndice, portanto, deve ser pôsto de acôrdo com a idiossincracia de cada um.

— Inventar uma lenda contra a honra de um sujeito que não tem a sensação da dignidade, mas que é vaidoso, é o mesmo que chover no molhado.

— Mas preguem-lhe o apêndice na vaidade, que muitas vêzes tem por objeto coisas muito fúteis, e ver-se-á êsse indivíduo berrar furioso, dar por paus e por pedras e retribuir com impropérios.

— Os rabos, dêste modo, podem classificar-se segundo os sete pecados mortais.

— Para classificá-los e aplicá-los, é indispensável que se seja frio, cruel e bem-intencionado com relação aos fins de utilidade geral.

XVIII

Diário do Comércio, 29-10-1889

JOAQUIM SERRA. — Há um ano que partiu-se desta vida aquêle que se chamou no mundo Joaquim Serra e foi, nas letras, no jornalismo e na política, um dos brasileiros de tipo mais acentuado.

O homem que estas linhas escreve estêve na imprensa por duas vêzes a seu lado, e folga de dizer que Joaquim Serra não pertencia à classe dêsses indivíduos que perdem de prestígio com a intimidade e com a aproximação.

Ao contrário disto, o ilustre maranhense, cujo desaparecimento se pranteia, era maior depois de visto assim do que mesmo através do folhetim ou crônica do dia, em que êle tão fulgurantemente soube sempre encarecer-se.

———

A razão disto estava na própria estrutura do seu caráter.

Joaquim Serra, que começou sua vida literária, no Maranhão, pela poesia, pelo romance e pela crítica literária, era, antes de tudo, um temperamento político, mas um temperamento político sem ação, e por isso mesmo destinado a ocupar, na imprensa de uma grande capital, como o Rio de Janeiro, o papel da sátira permanente aos costumes políticos e aos desacertos dos partidos.

Que êle era um político destituído das qualidades de assalto, prova-o a sua biografia, recheada de decepções e desenganos, que talvez muito concorreram para alterar-lhe o humor e abreviar-lhe a existência.

Os políticos de assalto não procedem como êle costumava proceder. Não esperam, nem contemplam; não idealizam, nem constroem; e, se encontram um rio, turvam-no e tinguijam. Se na floresta, armam *quixós* e *arapucas,* o que encontram vão preando. Tudo nêles se resolve pelos princípios da caça, e, se têm gênio, pelas regras da altanaria. Astúcia para uns; garras para outros.

O malogrado Joaquim Serra foi tôda a vida uma espécie de João Lisboa, o *Timon* do Maranhão.

Havia nas suas fauces uma gargalhada rouca, espasmódica, um tanto sensual, que era perene e que lembrava Rabelais. Essa gargalhada gostosa, se fêz mal aos inimigos, não lhe foi menos fatal, porque inabilitou-o para muita coisa.

O partido a que êle se tinha filiado nunca pôde disciplinar êstes estrépitos de um modo conveniente; e nunca o convenceu de que a sátira política, para que seja profícua, é preciso tornar-se cautelosa e atrelar-se a um carro vitorioso.

O rabelaisianismo de Joaquim Serra não prometia isto.

Os seus *Boatos,* os seus *Tópicos,* ou seriam como foram, ou nunca o seriam.

Os fatos da vida pública tinham, no seu espírito, uma marcha rigorosamente determinada. Quando os acontecimentos não o feriam, não o impressionavam, o crítico os deixava passar silenciosamente e punha no semblante uns tons de desconsôlo, como receoso de que a perspicácia não lhe tivesse sido bastante para descobrir qualquer encarte. Logo, porém, que o fato rompia com os seus hábitos de criticar, com o seu ideal político, com a sua estética, as rodas da sátira se moviam velozmente, deglutiam-o sem rebuço, e, quando o produto aparecia, era com aquela nitidez e graça, sem profundas perversidades, de que o público fluminense deu sempre sinal de contínuo aprêço.

Recordo-me de ter-lhe ouvido um dia explicar o processo de que mais freqüentemente usava para que não lhe faltassem assuntos, nem estancasse o pico às suas crônicas diárias.

— Leio o *Diário Oficial* tôdas as manhãs. É a primeira leitura que faço. E onde os outros descobrem uma sugestão para requererem um privilégio, ou a vaga de emprêgo para um arranjo famoso, ou os sintomas de tempo para mudarem de idéias, eu apenas vou descobrindo a psicologia do Govêrno e os cochilos burocráticos, sem os quais não há crônica possível.

E de feito, Joaquim Serra não satirizava em vão; não se levava por boatos nem pelos vaivéns ouvidorinos. Como tinha bom ôlho e gastava a melhor parte do seu tempo em olhar para o movimento da máquina do govêrno, não raras vêzes pôde descobrir todas desengrenadas; e, nestas ocasiões, soube atirar os seixos que, partindo os dentes, as fizeram saltar com o ruído da comédia e o estrépito carnavalesco.

XIX

Correio do Povo, 23-9-1890

O abaixo assinado declara ao respeitável público que continua a escrever máximas e, principalmente, paradoxos *ad usum Zé povinî*.

Declara mais que, tendo nascido a 27 de junho de 1848 (ano climatérico), por uma manhã chuvosa, saiu com um temperamento desigual, e por esta razão não pode conservar como permanente uma idéia única no mesmo dia. Sobe e desce no termômetro com a mesma facilidade do azougue.

Item, que o seu maior desgôsto é que dois e dois não sejam, de manhã, quatro e, de tarde, cinco.

Item, que começou a escrever política um pouco tarde; mas ainda no antigo regime, isto é, no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.

Item, que assistiu impassível ao movimento de 15 de novembro e, apesar de ser militar (reformado), não conspirou, nem triunfou.

Item, que, graças à sua constituição física, é monarquista e republicano ao mesmo tempo; monarquista, quando dispéptico, republicano, quando apirético. E *otras cositas* que só o tempo mostrará. Disse!

———

Ó adorável dispepsia! Quanto a ti devo! Quanto por ti faço! É contigo que periòdicamente realizo as minhas viagens dantescas; e por tua causa é que se me oferecem, de volta das *bolgias* infernais, onde o arrôto é rei e a azia divindade, que reconheço o valor que

tem a vida, os prazeres que tem a terra! Portanto, *o vos omnes qui transitis per viam Ouvidoriarium, attendite et videte!* Não vos cureis da preciosíssima moléstia. Cultivai-a, antes...

Sistematizai-a. Tomai vinhos falsificados; comei feijão; bebei quantas drogas nocivas existem no mercado; mandai ao diabo quantos regimes dietéticos vos prescreverem: dizei comigo que as águas de Caxambu são uma pulha; porque o menos que vos pode acontecer é finardes-vos com um cancro no estômago ou acabardes nas mãos do Dr. Teixeira Brandão...

Mas o que vale isto à vista do que nos proporcionam as Eumênides da deliciosa enfermidade?!...

———

Forneçam-me, pois, as tais Eumênides o primeiro paradoxo desta série.

UM PARADOXO ELEITORAL. — Os meus leitores não conhecem, naturalmente, o Major Catunda, últimamente eleito senador pelo Estado do Ceará, segundo afirmam os gazetas.

Pois bem: êste Sr. Major Catunda, babaquara da terra de Iracema, é um dos produtos mais singulares da região das sêcas.

Imaginem um sertanejo, professor de latim, que, durante a maior parte de sua vida, não saiu da biboca em que o nascimento o colocara; que apenas ùltimamente, transportado à capital, fizera algumas viagens de jangada, arrostando os mares bravios do Ceará encostado ao aracambus e seguro à quimanga ou à carlinga.

Imaginem mais que êste professor do alto sertão teve, um dia, a veleidade de aprender o alemão e o grego, e efetivamente aprendeu as duas línguas; que depois fêz-se filólogo e, pela filologia, ilustrou-se, e, ilustrando-se, transformou-se em filósofo, historiador e político.

Não lhes parece uma outra edição do Júlio Ribeiro, de S. Paulo?

Pois vejam agora. Assim que o ilustre babaquara se achou repleto de ciência, ciência de lei (alemã), hegeliano a matar, não houve mais Ceará que lhe servisse.

— Ceará moleque, dizia êle.

E zás! nas muambas; isto não passa de artifício de africano. Trás! na indolência, na ignorância; isto só é próprio de potiguaras. Zás! ainda na sordidez pecuniária, são coisas que só assentam em cotrucos.

Daí uma generalização de que o Ceará, sendo proveniente dêstes três fatôres, não podia ser coisa muito asseada; e propunha idealmente que a terra se arrasasse.

Tôdas estas curiosidades estão aquilombadas num livro que o referido major publicou há pouco tempo sôbre a história da ex-província que *acaba de lhe dar a honra* de elegê-lo.

Entretanto, êle, com o advento do dia 15 de novembro, foi chamado a ocupar um dos ministérios do Estado, não sei se o dos negócios estrangeiros, e, apesar dos pesares, nada destruiu, nada arrasou, nada salgou. Deixou tudo em paz.

Natureza contemplativa e hegeliana, cingiu-se a rir-se da grande atividade dos outros.

Foi inimigo do abolicionismo, e os mais estrênuos defensores dessa idéia agora o cercam. Agredido até o sangue, todos os adversários hoje o admiram.

É apresentado pelo grupo que mais o detestava à vista do antagonismo do espírito e das idéias; e a sua candidatura é abraçada e coberta dos aplausos.

Como explicar tudo isto senão por paradoxo?

Todavia, esperemos.

Na terra, no céu e, principalmente, no Ceará, diria Hamlet, há coisas em que nunca cogitaram as nossas vãs filosofias.

Vejamos como [o] hegelianismo unitário do Major Catunda se conforma com as tendências ultrafederalistas do estado que êle vem representar.

A Constituinte será a afirmação e a negação de muita gente.

Deputados haverá que voltem para suas casas com esta negra verdade cravada no coração:

No Rio de Janeiro dá-se mais importância a um cavalo de corridas *pur sang* do que a um filósofo, a um literato, a um político de província.

Para que êstes sejam observados, é preciso que consigam correr na ponta... na pontíssima.

XX

Correio do Povo, 25-9-1890

Que espécie de jantar teria tido o Zé Telha, na véspera do dia em que escreveu as últimas COISAS POLÍTICAS, para lançar um artigo tão ditirâmbico e otimista como o que a *Gazeta* publicou?

Correu o pleito, a que um jornal da colônia francesa, segundo li n'*O Novidades*, adicionou o acólito da imprensa feita à imagem dos *bookmakers;* e o povo, com surprêsa, viu sair das ditas urnas generais célebres, jornalistas impertérritos, jurisconsultos impecáveis,

políticos transcendentes, poetas líricos, tribunos alterosos, sábios agricultores, financeiros de primeira plana, músicos, profetas, espíritas, positivistas, belzebus, enfim, todo o dicionário enciclopédico de Berthelot... e *tutti quanti*.

Que gargantuesca digestão!

Na sua opinião, as eleições de 15 foram uma espécie de RATOS SÁBIOS INDIANOS.

Quem sabe também se êle não terminara a leitura de De Maistre na parte que se refere à teoria do carrasco?!

As urnas ficaram grávidas; mas não perderam a virgindade, tais e quais Maria Santíssima, a loura (ou morena?) de Belém. E depois... vomitaram pérolas, de envolta com muitas cabeças circunspetas, como, por ex., a do Sr. Rui Barbosa.

Ó urnas! ó sagradas urnas! agradecei a José Telha, agradecei a propaganda que fêz à tua vestalidade! Mandai apertar a mão ao cozinheiro que tão eleitoralmente lhe adubou as sopas.

Detém-te, no entanto, pena minha amada! que vou lançar um paradoxo.

§. — O estilo serve para encobrir o pensamento. Quanto mais gordo o escritor, mais fino seu estilo.

§. — Aos que têm estilo, tudo se permite, até não ter sinceridade.

Se eu tivesse sido eleito deputado pela terra que jacobinizou o Sr. Rodrigues, proporia o seguinte aditivo ao provável projeto de lei sôbre a imprensa:

§. — Ficam privados de pronunciar-se em política os jornalistas que escreverem bem, salvo os que provarem ter lido e relido a *Obra* de Aug. Comte.

§. — Serão punidos com a pena de destêrro para fora do respetivo estado os jornalistas que pretenderem, ou por qualquer modo propagarem, a idéia de constituírem-se em parlamentarismo puramente da imprensa.

Anarquia por anarquia, viva a antiga, que era mais fácil de conter e limitar.

Ao Sr. Taunay aconselhamos que responda ao Sr. João Mendes o seguinte:

Pois que o ilustre cidadão chegou, com seu ultramontanismo, a ficar mais roxo do que o próprio papa e o clero brasileiro; pois

que o ex-guarda constitucional declarou QUE ESTAVA MORTO, é caso de dar-se-lhe com um martelo na cabeça e dizer-se-lhe que defunto nunca fala.

XXI

Correio do Povo, 28-9-1890

Os cabritos são animais muito curiosos.

Conta-me um amigo do sertão que, na fazenda onde reside, tem uma criação dêstes animalejos bastante desenvolvida.

Esta fazenda é situada em uma região pedregosa e na fralda de uma montanha, onde ainda existem onças.

Durante o dia, os cabritos espalham-se a pastar por entre o pedregulho e não são vigiados, porque no Brasil não há pastôres, pelo que, desgarrando-se, uma vez por outra, acontece darem consigo em alguma grota escura.

Não é raro que na grota encontrem-se com feras, que, surpreendidas na sua languidez de grandes carnívoros, se embosquem logo para fazerem a sua prêsa.

Os cabritos, apenas percebem a presença do inimigo, assustam-se, e, de roldão, trepam-se nas pedras. Como, porém, a curiosidade não os deixa, gradualmente vêm outra vez se aproximando da onça, a quem provocam com um olhar fixo e incomodativo. A fera, que tem-se deitado, desenganada e a bocejar de enfado, ergue-se de repente, urra e atira-se para o lado dos penedos. Mas os animalejos, que são ágeis, tornam a correr para os píncaros do pedregulho e assim vão se escapando às garras do animal feroz.

Todavia, como nem todos possuem a mesma agilidade, lá de vez em quando um escapole, vem abaixo, e a fera, sangrando-o na carótida, retalha-o, em recompensa de tão insistente temeridade.

———

Narrei o fato porque existe entre êle e as audácias de certo jornal publicado nesta capital e o tribunal, a que o mesmo batizou de *vinte e três*, tanta analogia, que me parece haver quase o propósito de imitar a coragem dos cabritos.

———

O padre Sena Freitas censurou, no *Brasil* de antes de ontem, o fato de ensinar-se nas escolas o seguinte:

Que o homem é o que come e não o que Deus fêz.

Se apanho ainda êste padre de jeito, dou-lhe um tombo tamanho, que êle há de se arrepender por uma vez do que disse da ortografia e da sintaxe brasileiras.

Pois meu amigo padre-mestre, fique sabendo que o aforismo acima citado é ainda muito pouco.

Há coisas muito mais crêspas e muito mais úteis do que esta.

Um higienista notável da Alemanha proclamou, em uma obra ùltimamente publicada, que o meio mais certo de verificar a civilização de um povo é examinar-lhes os excrementos.

Diz êle que, viajando pela Europa, pela Ásia e pela América, certificou-se de que as nações ricas e bem educadas apresentavam por tôda parte resíduos sólidos, ao passo que as atrasadas e indefesas só deixavam vestígios de uma desinteria crônica.

Ora, tire-se o Sr. Sena Freitas, que anda agora estudando S. Paulo, tire-se de seus cuidados e diga ao público fluminense se êsse estado está sólido ou se líquido.

XXII

Correio do Povo, 2-10-1890

E não é que o Coelho Neto deu no vinte!

A "Paisagem" que êle publicou anteontem no *País* revelou-me uma nova feição do seu talento.

Que terra, Deus meu, é êste Brasil!!!

O Neto é simplesmente um sonhador dulçoroso e terno. De repente, porém, aquece, inflama-se num tropicalismo danado e, quando menos se pensa, surge-nos um realista *quand même;* mas que realista! — Um realista como Paris não era capaz de produzir. Um realista de estilo, que sonha no meio da bruteza do meio que o cerca e que o conduz.

Imagine-se a habilidade do poeta. Agarra em uma lenda indígena, isto é, o que há de mais ideal, de mais fantástico, e mergulha essa lenda numa paisagem que ferve de calor, de vida, de verdade; e quando se espera que dessa híbrida união brote um disparate, sai-nos um trecho delicado, que se saboreia entre o café e o almôço como um cálice de *kümmel* russo.

Viva o Neto, que já estêve no Peru: e venham outros acepipes como aquêle, pois aqui está quem muito deseja apreciá-lo nessa prosa macia que só brasileiros maranhotos sabem escrever...

Entre parênteses: — Não vão, com isto, supor que eu adiro à literatura do Norte.

As decadências literárias são fenômenos de impotência coletiva. Trinta mil alemães já o têm dito e outros tantos franceses o repetido.

Quando um povo vive, admira-se, endeusa-se. Sua literatura é a curiosidade de si mesmo. Quando êsse mesmo povo decai, morre, entrega-se à carpofagia intelectual. Vem a necessidade das emoções *contra naturam*, de curiosidades histéricas; surgem então as literaturas de viagens, de romances da lua, de sutilezas senis...

O Brasil não está neste caso: e agora até parece-nos que se aproxima o advento de uma grande literatura, determinada pela sensação do crescimento de um povo, longamente comprimida.

É preciso, portanto, que os novos, principalmente os que se julgam novos por contarem apenas 20 anos de idade, não se descuidem de observar certos fatos importantes, e não estejam por aí a julgar que Armand Silvestre e Catulle Mendès são a novidade da *pontíssima*.

Para a América, êles estão atrasados pelo menos 20 anos.

Quem me avisa meu amigo é.

XXIII

Correio do Povo, 5-10-1890

Ontem, passava pela Rua do Ouvidor uma rapariga causando um grande escândalo. Êsse escândalo foi principalmente motivado pelo fato de aparecer conduzida pelo braço de recatadíssimo cavalheiro, escritor severo e ainda mais correto nos costumes.

Vi-a sair do *Correio do Povo*, onde, pelos modos, fôra tomar uma assinatura.

Desenvolta nos modos, olhar provocante, muito arrebicada, com uma destas *toilettes* que chamam a atenção mesmo dos mais distraídos, a tal rapariga desenvolta causou logo um movimento estupefac... ciente em moços, velhos e meninos.

— Olhe o M. A. de braço dado com a *Pena de Morte!* disse um sujeito ao meu lado. Ora, vejam para que havia de dar o M. A.!... *

* M. A. será Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque ou Machado de Assis? — "Pena de Morte" é o título de um artigo assinado M. A. e inserto no *Correio do Povo* de 2-10-1890.

Atravessei-me para olhá-la de perto, e reconheci uma bilontrina que há 20 anos passados dera de sota e basto aos estudantes da Faculdade do Recife.

Velha, pròpriamente falando, não estava, apesar dos seus 50 bem puxados. Não obstante, notei-lhe na figura uma profunda transformação, seguramente devida ao regime que lhe impunham suas novas relações.

A mulher não é o que é, mas aquilo que a modista e o amante querem que ela seja.

M. A. coroou apenas a curiosidade com que eu procurava descobrir a razão daquela *tocade.*

A rapariga compreendeu tudo e deu-me com o leque no ombro.

— Está admirado?

— Não estou admirado; o que estou é revoltado.

— Mas por quê? Você sabe: quem é viva sempre aparece.

— É que a sra. não devia mais aparecer.

Quis repelir a familiaridade do leque.

— Chut! Muito juizinho! Está ouvindo? Do contrário, ponho rasa aqui nas redações tôda a sua vida escandalosa no Recife e em S. Paulo, e em Paris também, naqueles bons tempos em que não passava de uma grisete, etc., etc...

— Mas você está me ofendendo... e mentindo, porque sou italiana...

— Italiana! Quem? A senhora?... Ora vá contar histórias a meninos! Não tinha mais que ver do que a senhora feita italiana!

O M. A. torceu e quis afastar-se, conduzindo para longe a sua gentil companheira. Mas a rapariga, intrigada, contrariada, furiosa, largou-lhe o braço e quis fazer *tableau,* atirando-se a mim como para agarrar-me os colarinhos.

— Alto a banca! gritei-lhe já um tanto exaltado. Veja como se comporta, se não quer ir já daqui para Fernando de Noronha!

A moça rugiu e encheu a bôca com o lenço. M. A. já ia longe.

— Quer sarilho, não é? Pois haja sarilho!

— Não! não faça isto! Eu sou ajuizada.

— Pois neste caso convém que não se meta a desencaminhar os homens sérios. Além disto, a sua idade... Enfim, faça-me um favor em troca do meu silêncio: saia do Rio de Janeiro. Emigre para Buenos Aires. Sim?

E entramos para a parte mais escura do Cailteau.

Neste entretanto, sentaram-se junto a nós dois rapazes joviais que discutiam política com uma veemência atroz.

Bismarck, Guilherme III, Celman, Blaine, Ferry, Carnot, D. Carlos de Portugal, Pedro II, Deodoro, Rui Barbosa, Campos

Sales, Silveira Lôbo; depois — parlamentarismo, ditadura, imigração, finanças, bancos, anonimatos, *krach* : tudo isto passou por meus ouvidos como um verdadeiro caleidoscópio auditivo.

A discussão parecia travada entre dois intransigentes, um italiano da imprensa colonial e outro alemão da bôlsa.

Por último, não quis mais escutá-los e isolei-me do ambiente, como costumo fazer quando pretendo trabalhar ou conversar com calma.

— Mas por que insiste você, perguntou a bilontrina, em que eu emigre para o Prata?

— Ora por quê? Porque acho que aqui perde um tempo muito precioso. Não vê que já passou a época durante a qual podia obter alguma coisa desta gente? Agora, minha amiga, a sua presença só pode provocar distúrbios e desassossegos entre os meus amigos: e os meus amigos merecem-me tôdas as contemplações. Portanto, emigre para Buenos Aires.

— Menos esta... Quem é você para impor-me a residência? Pois digo-lhe eu agora: — Não emigro; e hei de lhe mostrar que a minha cotação na bôlsa é maior do que se pensa.

— Bem vejo que tem grandes pingentes nas orelhas; que o *coupé* está a sua espera no largo de S. Francisco; que tem casa luxuosa no Catete. Sei de tudo isto. Mas também sei como dêste belo paço pode a senhora ir amanhã sifilizar os presos da Correção.

— Insulta-me!

— Repreendo, apenas.

— E eu resisto...

— Resista como quiser.

— A *Pena de Morte* há de ir na ponta.

Os discutidores vizinhos interromperam a pendenga para observar a bilontrina. Seguiu-se um gargalhar homérico, cujo resultado só amanhã direi.

Correio do Povo, 6-10-1890

Continuando...

A *Pena de Morte* dirigiu-se ao italiano.

— Não há um dos srs. que levante o insulto que eu acabo de sofrer dêste insolente?

O italiano olhou para mim e sorriu.

— Não terei duelo, pensei eu.

Estávamos entendidos...

— Mas, perguntou o rapaz, qual o ponto de divergência?

— O ponto de divergência, atalhei eu, está em que esta sra. anda por aqui a pretender-se italiana.

— Italiana! oh! oh!

— *Amigo mio, sono napolitana! No me conosce?*

— Perdão. Conheço-a muito bem. Ora, deixe ver se me recordo... ah! Vi-a nos laboratórios de Lombroso.

— Sim?

— E por sinal que o grande mestre se mostrou, por mais de uma vez, com as suas, permita que diga, impertinências, profundamente aborrecido.

— Oh! cavalheiro!

— Sim; falemos franco. A senhora pretendeu relacionar-se com aquêle grande homem.

— Pois sim... e depois?

— Depois? Depois... êle despediu-a.

— Perdão, cavalheiro... Eu fui amante de Lombroso, e êle ainda guarda de mim as mais gratas recordações. Posso mostrar-lhe cartas apaixonadas...

— Não creio!

— Uma aposta...

E tirou do bôlso um bilhete perfumoso com verdadeiro chique italiano.

— Leia...

Abrimos a carta e ela empalideceu.

Tinha-se enganado, dando-nos a última, em lugar de uma carta anterior.

Lemos:

"Cara filha. — Lamento que continues a perseguir os homens sérios da ciência com as tuas doidices antigas. Não serás adotada por ninguém... por ninguém... Morrerás num hospital, e eu sinto isto, tanto mais quanto tenho consciência de haver por muito tempo concorrido para êste insucesso.

"É verdade que o criminoso nato ou incurável deve ser eliminado da sociedade; sempre sustentei esta doutrina e continuarei a sustentá-la. Mas atende bem, — em tese, porque estou convencido que a ciência ainda não dispõe de meios para garantir categòricamente, por meio de exame médico-legal, que o indivíduo incriminado pertence a esta e não àquela espécie..."

Neste ponto da carta, foi-nos esta arrebatada com fúria tal, que um caixeiro quis apitar.

Felizmente, entrava o Pardal Mallet.

— Eis quem vai me defender, gritou a bilontrina com o olhar cheio de raiva.

O redator da *Gazeta* pôs as mãos nos quadris e interrogou-a.
Retirei-me...
Daí a instantes vi o publicista passar pelo ponto dos bondes de braço com a rapariga, que gesticulava soberbamente.
Segui-os com a vista e vi-os entrar na redação do jornal do Araújo.
Lá se avenham...

XXIV

Correio do Povo, 10-10-1890

Desta questão de *Novos* só pude tirar uma conclusão: – o Artur Azevedo virou velho.

Pois não é verdade que o jucundíssimo confrade trouxe, para serem publicadas no *Correio do Povo*, as memórias de Drummond? E não fêz até um *Floco* sôbre a Domitila?

Eu estava convencido de que tais assuntos eram da exclusiva competência do Sr. Capistrano de Abreu, o qual, segundo rezam as crônicas, tinha cabelos brancos e brincava com *gravetos históricos* antes de nascer.

———

– Rodrigão achou pai!...

Era esta a exclamação geral dos *voyous* do Ceará, quando lá se soube que o Lafaiete o tinha despedido com aquela célebre carta que todos conhecemos.

– Rodrigão achou pai.

E agora, o que diremos, depois dos sucessos que o levaram à presiganga?

– Rodrigão achou padrasto!

Deus lhe ponha virtude nas intenções; e permitam os fados que a *caipora* representada na pessoa do Sr. João Cordeiro não o conduza um dia à guilhotina *pour rire*.

———

PEDRO IVO. Acabo de ler a sentença de primeira instância que respondeu êste herói de 48 e que a *Gazeta da Tarde* acaba de reproduzir em suas colunas.

Dessa sentença verifica-se que Pedro Ivo foi considerado, pelo maquinismo julgador, muito carecedor de fôrça, pelo crime, auten-

ticado no processo, de haver, dia 2 de fevereiro daquele ano, querido fazer ao presidente de Pernambuco o mesmo que aqui se fêz a 15 de novembro com o ex-Imperador.

Foi mal-sucedido o herói, e a fôrça animou-se, estendendo-lhe os braços voluptuosos.

Em 1848, porém, apesar dos pesares, os costumes políticos já se tinham abrandado consideràvelmente, e os julgadores, ou por sugestão *de cima,* ou por tratar-se de fatos que qualquer um dêles não estaria longe de praticar, concluíram a sentença implorando a munificência imperial, lembrando que se tratava de um cidadão carregado de serviços ao país em outras épocas.

Quão longe estava êste *verdict* do ódio português que ditou a condenação de Tiradentes, em 1790, pelo crime de ter sonhado com a República, e ainda mesmo do que se praticou em 24, sob o receio de novas explosões do patriotismo dos brasileiros!

O Conselho Supremo Militar atendeu à súplica e cingiu-se a degradá-lo do pôsto e a mandá-lo prender por 10 anos em uma fortaleza.

Assinaram-lhe esta sentença, entre outros, Lima e Silva e Soares de Andrea, dois homens que, embora servidores da monarquia, sempre deram provas de muita brandura e amor a esta pobre terra.

Sirva êste fato histórico de explicação, como antecedente, a outros que se estão passando na República.

A ferocidade não pertence ao caráter brasileiro, e dessa qualidade negativa é lícito esperar que nunca se dê o que desejam alguns sobressaltados patriotas, — isto é, — que se consolidem as instituições depois de muita tripa espalhada pelas ruas.

XXV

Correio do Povo, 13-10-1890

Ora toque nestes ossos, menino Luís Quirino.

Li a sua *Semana Literária,* no *Novidades,* e gostei; quero dizer: estamos perfeitamente de acôrdo.

Não lhe doam as mãos: arrume lenha, sempre que puder, nessa corja de gramáticos (eunucos), que andam a catar, nos artigos dos jornalistas, os descuidos, os cacoetes nevróticos, as idiossincrasias de estilo, que nem sempre a revisão pode ou mesmo deve corrigir.

Imagine o amigo que, além de sobressaltado pela queima do sangue que produz o acontecimento do dia, ainda fôsse o jornalista dar atenção à engrenagem da sintaxe!

Pois não basta a preocupação do seguimento das idéias e da concisão da forma para aniquilar um homem, gastando-lhe tôda a seiva de que diàriamente se proveja? Será preciso ainda que se lhe ponha ao pescoço a canga dessa desgraçada gramática?

Muito bem! muito bem, menino Luís Quirino! Você disse uma grande verdade. Os escritores não necessitam de outro exercício para conhecer a língua, além "do convívio dos que a falam e dos que a divulgam".

Exatíssimo!

Em Nova York, demonstram estatísticas que há um número certo de crianças da rua que lêem sem nunca ter penetrado em escola alguma.

De ordinário, essas crianças são apregoadores de jornais, e o fenômeno da aprendizagem é muito simples.

À fôrça de ouvir os nomes que os redatores lhes indicam para pregão, e de os comparar com os cartazes e títulos de jornais, elas começam a unir as figuras às palavras. Não tarda que estas mesmas palavras, que muitas vêzes são escritas em sílabas separadas, lhes dêem o conhecimento do som articulado.

E, quando menos pensam, não só se lhes tem destacado no espírito a sílaba correspondente aos sons que êles destacam apregoando, como as próprias vogais e consoantes.

É admirável, mas é simples como a natureza.

Ao jornalista pode suceder a mesma coisa.

A melhor escola, para êle, é o *atelier* da imprensa.

Onde foi que o Alcindo Guanabara adquiriu as habilitações que possui: *verbi gratia* — clareza, concisão, bom-senso e elevação?

Para chegar a isto, o Alcindo abandonou apenas uma academia.

Menino Luís Quirino, você vai longe!

Mas peço-lhe um favor: — não tome muito ao sério êsse mister de imprensa.

Acredite na sinceridade de um pobre alferes velho.

A imprensa, para o homem da sua idade, é a luz, a vida, uma vida encantada. Para os de 40, é a bêsta do Apocalipse.

Pergunte ao Ferreira de Araújo o que é a *Gazeta de Notícias*, quero dizer, — quais as sensações que lhe causa o jornal que êle dirige, e se estas sensações têm alguma coisa de comum com as que experimenta o *Malazarte*.

XXVI

Correio do Povo, 17-10-1889

LEÕEZINHOS E BACORINHOS. — Agüenta-te no balanço, meu Sancho Pança, que o bacorinho da *Cidade do Rio* está fossando.

Não era tão bom que metêssemos o cabra entre dois fogos?

Pois o alferes vai entrar também na dança.

Esqueceste-te, meu Pança, de rebater as tolices que o *enfant gâté* dos pseudo-*Novos* disse, relativamente a Spenser e A. Comte.

Pergunta-lhe se êle é capaz de distinguir a idéia central de um autor, que ora cita o chefe de uma escola, ora o chefe de outra.

Se me fôsse permitido, eu faria uma experiência. Submeteria o catarineta terrível à prova decisiva das suas IDÉIAS NOVÍSSIMAS.

O questionário seria muito pequeno; mas se o questionário não pudesse satisfazer as perguntas que lhe fizesse, ficaria provado que êle não passa de um zurrador de tenros anos e um literato de oitiva. Eis a proposta:

"— Quais são os pontos de contato entre a teoria da evolução e a doutrina positivista?

"— Que pontos de divergência existem entre as filosofias de Comte e Spencer?

"— Quais as tendências da atual literatura francesa, relacionada com o movimento científico moderno?

"— Que tipos têm se produzido no quadro da referida literatura, nesses últimos dez anos?

"— Esses tipos têm exercido influência conhecida na literatura brasileira?

"— Como e em que condições esta influência se tem exercido no Brasil?"

Naturalmente, o menino da *Cidade do Rio*, por ser novo, há de ter admitido o cosmopolitismo literário como dogma de sua escola, e, portanto, não terá a pretensão de que o Brasil civilizado escape ao prestígio das grandes literaturas ocidentais; e na aludida qualidade de adiantado, isto é, de perfeito conhecedor das manifestações últimas do espírito humano, deverá estar habilitado para responder àquele questionário, fazendo uma rápida e brilhante síntese do nosso movimento artístico.

Desde já, porém, preveni-lo-ia de que, com o Ramalho, seria inútil atracar-se.

Todavia, se quisesse sair do círculo vicioso em que se colocou, declarando que era naturalista fisiológico (aliás, uma chapadíssima asneira), poderia recorrer a alguns livros novos encontrados no Garnier.

Feito êste preparo, o ilustre novo fàcilmente conseguiria entender o que não entende, e ficaria sabendo a que espécie de naturalismo pertencem os seus celebérrimos contos.

Nestas condições, a reabilitação do aprendiz da *Cidade do Rio* poderia ser completíssima.

Se, porém, esta prova escrita lhe parecesse difícil, proporia um outro meio que lhe proporcionasse campo vasto para as suas operações.

O autor destas linhas tem um discípulo ligeiramente preparado nestas questões gerais de filosofia e literatura.

Êste discípulo conta pouco mais de 14 anos de idade, porém dispõe de compreensão rápida e faculdades assimiladoras.

Pois bem, o Sr. Valente, da *Cidade do Rio,* que tem arrotado tanta ciência e tanta novidade, sujeitar-se-ia a uma prova decisiva.

O contestador de Sancho Pança marcaria dia e hora, escolhendo os juízes de sua confiança, e formularia os próprios quesitos para ser argüido, e depois permitiria que o aludido menino o interrogasse, examinando-o.

Se essa criança não o enterrasse na sua ignorância, Cosme Velho comprometia-se a nunca mais escrever uma palavra sôbre questões de literatura.

Aceita a proposta, sem soçôbro, a farândola estaria começada.

Sim, meu bacorinho literário?

XXVII

Correio do Povo, 21-10-1890

Estou revoltadíssimo com o procedimento do meu pseudo-amigo Sancho Pança. Além de roubar o título desta seção e publicar, sob a sua responsabilidade moral, o seu artigo de domingo, na *Fôlha Popular,* praticou um ato escandaloso, que me obriga a desligar-me positivamente de amizade tão perniciosa.

Sancho, que é um lorpa, teve a coragem de dizer que o acompanhei à casa do Dr. Araripe Júnior para *interviewizá-lo*.

Mente como um perro espanhol! Nunca me prestei a estas cenas; e se, por acaso, o tivesse feito, e o mesmo dr. me houvesse chamado capanga, como Sancho afirma, eu ter-lhe-ia dado a resposta merecida e imediata.

Capanga literário é êle, o escudeiro poltrão de D. Quixote, o caixa-d'água, o toleima, o safra de pancadas, o celebérrimo governador da ilha Baratária! Para êste ofício nasceu êle; não eu, que sou um sério e um sincero.

Demais... é preciso que sejamos francos.

Comecei a defender o Dr. Araripe Júnior por supor que êle era meu amigo. Vejo, porém, um pouco tarde, que êste senhor não só não é o que parece, como está exercendo uma vingança contra um moço capaz de fazer ainda muito rumor.

Antipatizo com estas violências.

E como, no meu último artigo, fui um tanto inconveniente com o rapaz, peço-lhe desculpa e ponho ao seu dispor todos os recursos de que carece.

Vamos liquidar o tal doutor.

Palavra de honra, que a catilinária do *Novidades* de sábado tem muita coisa digna de reflexão.

O Dr. Araripe sempre é um homem que propõe questões desta ordem: — quem é maior, *Napoleão ou Alexandre? César ou Aníbal?* e logo responde que Bertoldo Cacasseno é maior do que os quatro!

Isto é sério?

Isto, só de Sancho Pança!

O Dr. Araripe provocou o Sr. Oscar para um concurso ridículo. Já é coragem! Um literato que, não há ainda quatro anos, foi classificado em 3.º lugar na Secretaria do Interior, tendo sido levado à parede pelos outros concorrentes!

Não era o caso de mandá-lo estudar administração?

Além disto, não dou direito a que se arvore em censor dos outros um literato que escreve romances como a *Luisinha* (êcô... êlô... êêê... êcô!!!) e o *Reino Encantado,* crônica sebastianista, onde morrem 82 pessoas, fora outros tantos bois, cavalos, carneiros, cachorros, etc., etc...

É verdade que o ilustre doutor, aos 23 anos, escreveu o *Ninho do Beija-Flor,* um romance meio aqui, meio acolá; mas o plágio que se encontra nesse livro da *Diva,* de José de Alencar, é tão palpável, que seria uma vergonha cotejar os dois romances, capítulo por capítulo.

E é a um homem dêstes que o Sancho Pança defende com amor!

Não. É preciso ter mais delicadeza. O Sr. Dr. Araripe injuriou-me. Hei de, portanto, desafrontar-me.

— Seu Oscar, conte comigo, e para a vida e para a morte!

O doutor não começou a crítica prometida a respeito do Ramalho Ortigão. Poderá fazê-la? E a metafísica? e as chapas? e o conselheiro Acácio?

Quero ver sempre como êsse crítico consegue desembaraçar-se da bagagem que o oprime.

O autor das *Farpas* não é banana que tão fàcilmente se descasque.

XXVIII

Correio do Povo, 14-11-1890

JÚLIO RIBEIRO — Foi um homem que atravessou a vida em emoção constante.

Para o autor d'*A Carne* não havia vida normal; e, sob as suas aparências fradescas, ocultava-se um Fausto a renovar-se de vez em quando ao contato das palejantes Margaridas.

Quem lê o *Padre Belchior de Pontes* e depois o seu recente romance, que fêz tanto ruído, pensará em uma biografia realizada às avessas, inteiramente às avessas; suporá que o último trabalho foi o primeiro e que o primeiro foi o último.

Júlio Ribeiro tinha destas anomalias, e é bem provável que, aos 50 anos, êle se pusesse a escrever as *chansons grivoises* das noitadas do Anhangabaú.

Lembro-me que o primeiro livro de sua lavra que tive o prazer de apreciar foi a Gramática.

Não o conhecia ainda senão de nome. Essa leitura, porém, deu-me a sensação de um torturado pela arte, de um ávido de grandes emoções. Quando cheguei ao fim do volume e deparei o seguinte título de capítulo — *Diatribe Sôbre os Verbos de Sujeito Indeterminado,* — fiquei convencidíssimo de que a filologia não era, para o ilustre morto, senão um claustro aonde êle, como êsses monges da Idade Média, de que nos falam os historiadores, meditava, em noites de luar, coisas estupendas e concebia desejos insaciáveis. E logo se me afigurou aquêle frade pintado por Henri Heine, que, folheando um in-fólio castíssimo e encontrando entre as páginas um tênue cabelo de mulher, desmaiou, embriagado pelo *odor de femina* e pelo que a imaginação de súbito lhe fazia estalar, como uma visão de gozos infindáveis, no cérebro trabalhado pela nevrose da meditação de asceta.

Há, n'*A Carne*, uma frase que pinta o estado perfeito da alma de Júlio Ribeiro no último estágio de sua carreira literária. É a frase que o romancista coloca nos lábios de Helena, convulsa de sensualismo e excitada pelo amor do homem que a arrebatava: "Seria capaz de *amá-lo* em pleno Hyde Park!"

Católico, depois racionalista, depois positivista, por último, realista, o grande gramático não era outra coisa mais do que um egresso da filologia, que, um pouco tarde, tentou beber a longos sorvos tôda a felicidade intelectual que não lhe permitiram aos anos juvenis e que, ainda colocado entre as vicissitudes da vida, na idade adulta, sofreu e contorceu-se, ansiando coisas longínquas de uma civilização refinada, até cair exausto e incompreendido.

A sua obra, entretanto, embora desigual, ficará atestando um dos nossos caracteres literários mais sobressaltados pelo amor da glória e do inacessível.

A imprensa fluminense não cumpriu completamente o seu dever; e, se me fôsse permitido lembrar uma idéia, eu sugeriria a de um banquete fúnebre em que condignamente se celebrasse o transe do ilustre autor d'*A Carne*.

A CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

(PROJETO JOÃO BRÍGIDO)

PUBLICAÇÃO NO *CORREIO DO POVO*, RIO DE JANEIRO,
14 OUTUBRO 1890.

Por informações autênticas, denunciadas por um jornal desta capital, verifiquei que o Sr. Major João Brígido dos Santos foi incumbido pelo governador do Ceará de redigir o projeto de Constituição daquele Estado.

O projeto não é conhecido ainda por extenso; mas os pontos capitais, enunciados no extrato que li, são suficientes para dar noção exata do mecanismo do projeto.

Além disto, conheço bastante o autor para não me enganar, nem quanto às suas idéias, nem quanto às suas fontes de convicção.

O Sr. Major João Brígido é um homem de talento, prático e possuidor de uma regular ilustração. Há muitos anos que estuda aquela ex-província, por necessidade de ganhar a vida e por amor aos trabalhos arqueológicos.

Espírito lúcido, mas sofista, trabalhador, profundo conhecedor dos homens do Ceará, mas muito eivado do gênio epigramático, o Sr. Brígido, com ser um bom cronista, o melhor psicologista da história da ex-província, não faz-me perder o receio de que, por isso mesmo, deixe êle de ser o redator da Constituição de que o estado precisava.

Imagine-se que encarregassem Beaumarchais de arranjar uma Constituição para a França de 1779!...

O autor do *Figaro* era um talento incontestável para o teatro e para os negócios. Como chicanista, não houve quem o vencesse no seu tempo; e aí estão os processos contra Goëzmann para atestarem a sua alta capacidade e os seus recursos forenses. Todavia, se o encarregassem daquela obra, é bem provável que êle escrevesse-a preocupado ùnicamente com o barbeiro e com o Dom Basílio.

Pois bem: é isto justamente o que acontece com o projetista da Constituição do Ceará.

Querem verificá-lo?

Diz o autor do extrato, pouco mais ou menos, o seguinte.

> O governador será eleito por 4 anos pelas municipalidades e pela câmara e pelo Senado, — êste de 13 membros e aquela de 19.
>
> O Estado será dividido em 19 departamentos com assembléias comunais para tudo que fôr municipal.

Como o projeto não se refere ao modo ou sistema por que se procederão as eleições das municipalidades, o que, aliás, devia me-

recer a principal atenção do Sr. João Brígido, por ser a mola do organismo federal, não posso desde já atinar qual será o grau de respeitabilidade dessas corporações no Ceará.

Seja, porém, como fôr, no projeto é manco: *a)* estabelecendo a eleição de dois graus; *b)* regressando a formas medievais, — à eleição de funcionários por corporações.

Os Estados Unidos da América do Norte já exauriram esta questão; e ficou ali provado, à saciedade, que as eleições de presidentes e governadores, ainda mesmo por meio de colégios eleitorais, como se estabeleceu na sua Constituição e foi transportado para a nossa, conduz fatalmente ao predomínio dos partidos audazes e das convenções políticas.

Para mim, isto é ponto liquidado.

Acrescente-se agora o contrapêso da desmoralização dos sindicatos municipais, que hão de se formar, inevitàvelmente, sob os auspícios dos vícios que ainda não eliminamos.

Quanto à correlação dos 19 departamentos municipais e os 19 deputados, não posso dizer nada, por ignorar se essa divisão é fixa ou dependente do acréscimo da população. O extrato, neste ponto, é inteiramente omisso.

Os 13 senadores talvez sejam os 12 apóstolos e mais o Messias...

Sôbre a organização do executivo, também nada posso adiantar. Três secretários, — um da Fazenda, outro do Interior e outro da Justiça; e mais não disse. Responsabilidade efetiva, etc., etc. O maquinismo administrativo é coisa de nonada.

A estas noções incompletas, acrescenta, entretanto, o autor do extrato que a Constituição será revista pelas duas câmaras e sancionada pelo corpo eleitoral. Aqui, porém, é que se vê todo o alcance do gênio político do Sr. João Brígido. Nesse ato só votarão os eleitores maiores de 40 ANOS *!!!*

O' manes de Beaumarchais! ó manes de Molière! surgi, para examinar curiosamente um espécime de constituição do século XIX!

Decididamente, ou o Sr. Brígido, que é homem de espírito, está caçoando com o Ceará, ou então foi preveni-lo em tempo de que os *Novos* iam arremeter contra os *Velhos*, e zás! eliminou-os do eleitorado, apesar de ter a Constituição Federal diminuído a idade dos que vão exercer as funções de próceres da pátria, os senadores da República.

Todavia, o caso não é para rir.

No Rio de Janeiro há muitos cearenses que se interessam pelo progresso daquela terra.

Peço, pois, a êstes, aos que mais se acham conjuntos às influências vigentes do Ceará, que não consintam em um tamanho *desastre constitucional.*

CRÔNICA LITERÁRIA

REVISTA DA SOCIEDADE "TOBIAS E OSÓRIO" — *LÉSBIA*, ROMANCE POR DÉLIA.

PUBLICAÇÃO NO *CORREIO DO POVO*, RIO DE JANEIRO,
17/18 NOVEMBRO 1890.

É com o maior prazer que dou começo a estas crônicas literárias aludindo à publicação, da *Revista da Sociedade "Tobias e Osório"*.

Trata-se de um ensaio de alunos da Escola Militar, que encetam a sua carreira literária praticando um ato de suprema justiça.

Pela denominação da revista, vê-se que êles procuraram aliar a fôrça à inteligência.

"Estudantes e militares", dizem no artigo de apresentação, "decidimos que a nossa revista devia indicar, por seu título, a origem e os fins principais a que se destina. Neste propósito, procuramos em nossa própria história dois nomes que simbolizassem o Livro e a Espada; achamos os de Tobias Barreto e do General Osório, aquêle, eminente sábio, êste, eminente guerreiro".

Não há nada como a morte para provocar as grandes reivindicações. Quem há por aí que ignore as injustiças que o ilustre sergipano sofreu, não já quanto ao seu caráter, como às audácias do seu pensamento sempre vívido e produtivo?

É que, apesar do muito que Tobias Barreto escreveu, depois de muito haver estudado, poucos, bem poucos, se resolveram a ler o resultado de suas meditações; e, avaliando o seu merecimento, antes pelo que se dizia do que pelo exame detido de suas obras, preferiram expeli-lo da glória, como se fôsse fácil negar o talento que se impõe.

É verdade que o autor dos *Estudos Alemães* era um espírito irritadiço e pouco complacente com a mediocridade que o cercava. Isto, porém, não autorizava a sua condenação *in absentia*, sob o falso pressuposto de que tratava-se de um desorientado em filosofia, de um poeta condoreiro e de um germanizante anárquico.

Como bem pondera o jovem escritor Samuel de Oliveira, na ligeira biografia que serve de pórtico à revista da Escola Militar, depois de ter-se estudado a história da vida de Tobias Barreto, só por aberração da crítica se pode negar que êle, além de haver presidido a uma brilhante fase do nosso desenvolvimento artístico, foi um crítico de tamanha largueza de vistas como nenhum outro se apresenta em Portugal atualmente, um eminente filósofo e jurista, sempre evoluindo, e que, "ao contrário dêsses espíritos levianos, que, ignorando o mais simples fato da ciência, declaram-se

logo sectários do darwinismo ou de outra qualquer escola de verdadeira filosofia, filosofava à proporção que o seu espírito ia-se desenvolvendo e educando".

Tais palavras, saindo da pena de um moço, exprimem bem o espírito espontâneo e sincero dos que naquela revista principiam a ajustar as suas primeiras armas; tais conceitos, apresentam êstes novos sob um aspecto bem diferente do de outros, que, desorientados, andam por aí a arrotar ciência aprendida em Catulle Mendès, Armand Silvestre *et quibusdam aliis*, — pobres coitados que confessam professar ao mesmo tempo o credo naturalista de E. Zola e o simbolismo de Mallarmé, por ignorarem que, em casa do poeta da *Explicação Órfica do Mundo*, reúnem-se os adeptos do decadismo para dizerem das ***brutalidades*** do autor do *Assommoir* o que Mafoma não disse do toucinho.

Referi-me a meninos.

Cabe-me agora a ingrata tarefa de tratar do livro de uma senhora que, por todos os motivos, devia merecer-me complicadíssimas condescendências.

A sua peregrina formosura, o encanto de sua voz, a vibração do seu olhar, a gentileza do seu sexo, porém, foram precipitadamente um incentivo para que, nas páginas do livro, eu procurasse insistentemente alguma coisa que correspondesse a tanta graça física e a tão seletos dotes naturais. Infelizmente, volvi a última página do romance sem que um só estremecimento agitasse o meu espírito desprevenido.

Délia, entretanto, tinha o dever de manifestar-se uma artista cheia de sobressaltos, nervosa, intelectualmente violentada pela histeria tropical; e não só por estar em frente a esta natureza bombardeante do Guanabara, mas também porque as mulheres vivas neste clima estão mais no caso do que quaisquer outras de encontrar infinitos recursos de observação, Délia devia exibir-nos um livro de estilo picante e original.

O seu romance *Lésbia* está muito longe de produzir a sensação desejada e de excitar curiosidades feminis.

Eis o entrecho :

Uma senhora formosa, inteligente e instruída casa-se, *malgré soi*, com um burguês estúpido e brutal. Passam-se alguns dias monótonos sôbre essa intimidade artificial. A indiferença transforma-se em ojeriza e a ojeriza gera conflitos. Lésbia, porém, é resoluta e ardente; a boçalidade marital contrasta com seu *estilo* de amante insatisfeita; esta falta de compreensão, por parte do espôso, no que toca às delicadezas da arte de amar, e da forma literária, acaba por lançá-la em um agudo desespêro; e a primeira

fase do romance arredonda-se com a brusca expulsão do espôso da casa em que nunca devera ter entrado.

Quer então o acaso que Lésbia tenha, em um baile, um encontro singular. O bacharel Sérgio de Abreu, peralvilho atrevido, devasso e mestre da vida, surpreende-a ao canto de uma sala, cismando, completamente esquecida do torvelinho que arrebata os pares nas ondulações da valsa doidejante. Lésbia ostenta a sua opulência de formas num decote escultural. O bacharel aproxima-se; arrastado pela concupiscência, não resiste; e, sem impetrar licença à proprietária de tão viçosa carnação, ferra-lhe no ombro nu um beijo quente e cheio de sensualismo irrequieto.

De acôrdo com os cânones românticos, a moça, diante dêsse ato de audácia inominada, ergue-se, furibunda de pudor, e fulmina o bárbaro com um olhar indignado. O movimento de revolta, todavia, parece pouco duradouro, porque não tarda aparecer a reação; e a moça, tocada por aquela audácia, cai sensualizada e deixa-se conduzir pelo amor.

Mas o bacharel é um pelintra incorrigível e não corresponde a um afeto tão lacrimoso. Lésbia, sabendo então que êle a está traindo, deixa-se guiar por um espião até o 26 do Campo da Aclamação, onde surpreende o amante com "uma loira roliça de lábios pintados". Êsse escândalo determina uma crise cerebral. Segue-se a convalescença, durante a qual a heroína do romance lê as *Máximas* de Epicteto. O estoicismo do filósofo grego reconcilia-a com a vida. Lésbia procura no estudo o confôrto que lhe falta; e, dêste mergulho à meditação dos livros, ressurge envôlta em um novo amor, — o amor das letras.

Escreve o seu primeiro romance : — *A História de Uma Paixão.*

Não falecem aplausos à novel escritora.

O seu estro aguça-se e desenvolve-se a sua atividade cerebral. Começam as seduções da imprensa, e um belo dia a romancista passa a colaborar em uma das fôlhas diárias da cidade.

Como era natural, tratando-se de uma mulher bela e interessante, a meledicência põe-se em campo e fá-la pagar caro o impôsto dos estreantes.

"Muitas vêzes", diz a romancista, "ao entrar na redação, encontrou Lésbia à porta uns valdevinos mal-amanhados, talvez empregados da casa, que a fitavam com o imprudente sorriso dos que desconhecem a dignidade e o decôro.

"Adivinhou Lésbia a torpeza de seus pensamentos, viu que êles interpretavam com malignidade as suas palestras com o chefe e indignou-se".

Ela "pertencia ao número dessas mulheres das quais o homem não suporta a idéia de ser sòmente amigo"; daí um aluvião de cobiças mal-contidas e de outras tantas repulsas que se convertem em atrozes inimizades.

A imprensa macha, pois, declara guerra aos talentos da notável estreante, e não há calúnia que não lhe assaquem, até a de ter tido filhos, sendo então viúva, ela que "só tivera concepções cerebrais".

Afinal, após milhares de doestos e perseguições, apresenta-se-lhe o homem com que ela sonhava, uma espécie de Goethe na nobreza do porte e de Catulo na delicadeza do amor.

Para não alongar muito êste resumo, direi que Lésbia, logo depois do advento dessa paixão, tira um grande prêmio na loteria, conquista a sua independência, atira-se aos gostos particulares, faz uma viagem à Europa, onde se demora oito anos, rejeita inúmeros casamentos de comendadores e barões idiotas e regressa ao Brasil para entregar-se plàcidamente ao culto do seu idólatra Catulo.

Os anos, entretanto, têm rolado sôbre a sua formosura e sôbre o seu amor. Lésbia atinge, por fim, essa idade magnífica em que, segundo a doida opinião do Dr. Belisário Augusto, a mulher, perdendo o perfume dos primeiros tempos, adquire a suprema qualidade do ESTILO.

Não há prosador antes dos 40 anos, como não há mulher que tenha o segrêdo de agradar verdadeiramente antes dos 35. Lésbia, portanto, começa a sentir que os seus entusiasmos por Catulo resfriam-se e que o seu amor de mulher *blasée* necessita de novos aperitivos.

Para gata velha, camundongo, diz o rifão. Êsse aperitivo apresenta-se-lhe na pessoa de um menino de 20 anos, Alberto, que se impressiona profundamente com a figura excêntrica da emérita escritora, e com cuja inocência, ela, a mulher prática, diverte-se durante alguns momentos, mostrando-lhe o grande abismo que êle será obrigado a transpor para colocar-se ao nível do cepticismo que a devora.

Contudo, Lésbia luta entre "êsse" capricho e os destroços da afeição antiga.

A noiva de Alberto intervém, então, como um *Deus ex machina;* mostra-lhe a grande desgraça que vai causar, não repelindo a loucura que entrou na cabeça dêsse moço desorientado, e ajoelha-se a seus pés, pedindo que a salve do irreparável infortúnio.

Lésbia, depois de uma noite de angústias indizíveis, resolve, por último, suicidar-se; e o efetua à romana, em um banho môrno, abrindo as veias com um bisturi, e falece murmurando uma estrofe de Lermontov.

Eis tôda a movimentação do livro.

O assunto é banal e tem sido tratado pelos romancistas do século em tôdas as claves e tons conhecidos em literatura.

Délia, não obstante, transportando-o para o meio brasileiro, podia ter-lhe dado um perfume novo, obrigando essa psicologia em ação a tomar direções menos exploradas. Mas, para isso, era indispensável, não só imaginação, como também espírito finamente observador, para captar e dar relêvo às pequenas particularidades, às nuanças, que constituem, neste gênero de monografia, todo o segrêdo da composição.

Lésbia é superficial, sem vida, vazia de alma e enigmática por convenção. Tirem-lhe as frases e a retórica, mil vêzes repetida, dos romances de Feuillet e Arsène Houssaye, e não ficará, do tipo, senão o manequim, — o retrato vulgar de uma mulher tôla e orgulhosa que se mete a gesticular uma natureza superior.

E tudo isto ressalta da profisão de fé traduzida em mais de uma página do romance, aonde, contra tôdas as regras do bom gôsto, encontro uma defesa pueril da mulher de letras contra pretendidas agressões de poetastros e labregos da imprensa.

Lésbia sorri quando depreciam os seus escritos, qualificando-os de imorais e ainda mais desbragados do que os de Zola; e por que * sorri * ? Porque é, segundo afirma Délia, uma escritora eclética em literatura; "porque despreza igualmente sentimentos piegas e inconvenientes escabrosidades, adaptando, com fino critério, às exigências do concludente século XIX, tôdas as evoluções da fisiologia e da psicologia hodiernas".

Quero crer que muitas páginas do romance são autobiográficas e que os conceitos da autora, referentes a Lésbia, não são mais do que repercussões do amor-próprio ofendido da romancista.

Mas aqui justamente é que me vejo obrigado a ser de todo irreverente para com tão gentil escritora, porquanto, no que toca às aptidões de Délia para o gênero — romance, eu estou de inteiro acôrdo com a opinião dos poetastros e labregos da imprensa que agrediram a heroína do livro.

Estilo incolor, completa ausência de tato psicológico para penetrar a alma dos personagens e acompanhar-lhes as determinantes, incapacidade para descrições e análise e total ignorância do meio social; não descubro, na romancista que se apresenta com tanta pretensão, outra qualidade senão o desejo de ser admirada.

Outros seriam os seus destinos, talvez, se a essa febre de glória se reunisse a aptidão para os estudos filosóficos, que, segundo me parece, não são o forte de quem se mostra tão pouco conhecedora do papel reservado à mulher nas sociedades do século XIX.

DIRCEU

FOLHETO DE 32 PÁGINAS. RIO DE JANEIRO, TIPOGRAFIA UNIVERSAL
DE LAEMMERT & CIA., 1890.

I

A INCONFIDÊNCIA

Não se pode falar em Gonzaga sem que se apresente logo, como tema obrigado, o movimento dos Inconfidentes.

O povo em sua instintiva filosofia, chamou a Inconfidência de *coisa fabulosa*, assim como uma *máquina* ou um artifício de poetas.

Hoje, passados cem anos sôbre a memória dos que tomaram parte naquele interessante movimento, verifica-se que o bom-senso do povo estava, não só muito longe da ignorância dos governadores da terra, como da protérvia dos instrumentos de suplício; e a crítica, conservando intato, sem a mudança de uma só letra, êsse conceito espontâneo dos mineiros, debruçada sôbre os documentos que restam, relativos às condições de existência daquela sociedade, vem demonstrar à evidência o clamoroso êrro dos que procuravam atribuir a catástrofe dos poetas de Vila Rica a causas suspeitas, como se a limpidez da época e a pouca complexidade do meio permitissem misteriosas formações.

Não encontro, para definir a *Inconfidência*, fórmula mais correta do que esta : uma *fábula dramatizada*.

Os fatôres foram de espécie muito conhecida. A intemperança de língua de uns; a ingenuidade de outros; a irresolução de muitos; a imprevidência dos poetas; os ouvidos acessíveis de um governador lipemaníaco; o espírito de exploração de alguns asseclas; como fôrça propulsora, o despeito dos portuguêses, contìnuamente feridos pela vivacidade da raça que despontava e pela cultura sempre cáustica dos brasileiros : — eis os elementos que encenaram a comédia, cujo último ato representou-se no patíbulo, com a morte de Tiradentes, talvez o menos consciente, o menos responsável, mas, com certeza, o mais entusiasta dos Inconfidentes.

De tudo quanto então houve, resultam, entretanto, dois fatos importantes pelo seu alcance psicológico : — a aspiração dos mineiros mais ilustres, que, nos ínvios sertões do Brasil, representavam o produto de uma seleção esporádica em aparente desacôrdo com o meio;

e a reação da massa bruta e do aparelho colonial, não contra as idéias emitidas pelos inconfidentes, idéias incompreendidas e, portanto, incapazes de produzir temor, mas contra as injúrias, irrogadas de contínuo à sua ignorância por aquêle grupo de letrados, tanto mais ofensivas e dolorosas quanto pareciam inatacáveis, intangíveis, por causa da forma literária.

No que toca à realeza, que, com certeza, não cogitaria em desagravar-se, pois que, se ofensa havia, era por demais longínqua, — como tôda tirania empírica, manteve-se na esfera dos seus instintos.

Os grandes carnívoros, segundo afirmam os naturalistas, nunca despendem fôrças inùtilmente. Só quando acossados pela necessidade de nutrição ou pelo receio da morte, agridem, preiam, dilaceram e devoram; e quase sempre a esta excitação seguem-se períodos mais ou menos longos de repouso e sonolência, de grandes bocejos fastidiosos.

Não se me parece bem provado que a realeza necessitasse, naquela época, de qualquer efusão de sangue.

É verdade também que os felinos fartos, ao saírem dos ócios, às vêzes aprazem-se em folgar com prêsas inofensivas, afiando as unhas nas vítimas e exercitando ou dando movimento aos músculos sobrecarregados de eletricidade. Talvez o caso dos Inconfidentes encontrasse aí sua mais cabal explicação, se entre êles e a Côrte portuguêsa não se interpusessem a vastidão dos mares e a dificuldade das comunicações.

Que temor, por outro lado, podia determinar um movimento sem veiculação, cuja impossibilidade de êxito se impunha ao menos inteligente dos observadores ? E que casta de crime seria aquêle, que encontrava na própria contextura a improbabilidade dos meios de execução ?

Por mais intenso, portanto, que fôsse o desejo dos conspiradores, essa aspiração, em aparente desacôrdo com o ambiente, não teria produzido outra impressão, na classe dirigente, além da que poderia resultar do ateamento do fogo a um montão de pedras coberto de uma ligeira camada de grama ressequida. O que, contudo, essa classe não examinou foi a maneira de opor-se à dedicação dos Minézios (refiro-me aos das *Cartas Chilenas*), diante dos quais não se assustavam, nem o estro, nem a malícia dos poetas brasileiros.

Assim, não foi a república que se processou e torturou naquela época; foi a *prosa* colonial que pôs em xeque-mate a *poesia*, que se albergara nos cerros azuis do legendário berço de Marília de Dirceu.

II

O LIRISMO DE DIRCEU

Que papel representou Gonzaga na Inconfidência?

Que influência teria tido êste movimento na direção das faculdades do poeta?

Seria, talvez, arriscar-se à coima de crítico paradoxal se adotasse uma negativa peremptória. A análise dos fatos e o estudo do temperamento do autor das *Liras* leva-me, contudo, a afirmar que a conspiração mineira e a poética de Dirceu correram paralelas, mas nunca chegaram a se penetrar.

A nulidade do papel político do poeta e a influência negativa do movimento sôbre o seu estro provam-se, entretanto, reciprocamente.

As naturezas poéticas, por serem as mais irritáveis, escondem com mais dificuldade do que outras os vestígios da passagem de uma paixão qualquer. As *Liras* não podiam deixar de se impregnar do calor revolucionário e trair as devastações da alma do Inconfidente, se êle tivesse sido, com efeito, o diretor de uma intriga, o manejador de outras almas, através do tufão antimonárquico.

Ao contrário disto, o que se infere dos documentos é que Gonzaga nunca se antepôs aos temperamentos de indivíduos muito mais enérgicos e de espírito muito mais completo do que o seu.

Êle não passava de um apático; e a sua indolência ainda era agravada por uma enfermidade hepática que, deprimindo-o periòdicamente, exterminando-lhe o fogo político e os elementos de combatividade, predispunha-o, * quando em saúde, para essa tolerância, senão relaxamento, a que aludem os biógrafos e lhe granjeou a justa fama do mais hospitaleiro, ameno e bondoso dos habitantes de Minas. [1] E se em sua história não houvesse outros fatos característicos, bastaria o seu ulterior casamento, em Moçambique, com uma mulher parda e, sob todos os pontos de vista, inferior à sua condição social, para, sem embargo da justificativa do enfraquecimento das faculdades mentais, nos convencermos de que a sua natureza não era a de um homem capaz de resistir à invasão de ânimos alheios.

Portanto, se em tôrno dêle gravitaram figuras como Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, a explicação encontra-se em fatos quase materiais, sem falar na sua posição oficial e no seu gênio prazenteiro.

---

* No original estava: predispunham-no.

[1] "...sujeito a cólicas biliosas"... diz o 4.º interrogatório, a 4 de agôsto de 1791.

Não há dúvida que as vistas dos Inconfidentes convergiram para o ex-ouvidor de Vila Rica e que, por isso, os perseguidores da conspiração lançaram-lhe sôbre os ombros o manto robespierreano, logo que estourou a *contramaquinação*.

Mas tudo isto, bem longe de ser o produto dessa atração, que é o apanágio das vontades soberanas e dos chefes predestinados, resultava simplesmente de um motivo de convivência, pois que a casa de Gonzaga, como ainda hoje acontece no sertão com tôdas as casas de magistrados pouco escrupulosos e muito amigos de ócios alegres, convertera-se em uma espécie de hotel, em cuja *varanda* se falava da vida alheia, antes do café e do banho matutino no rio, e se palestrava em literatura às tardes e nos serões de inverno. [2]

Esqueçam-se essa *varanda* e êsses ociosos sertanejos e ter-se-á eliminado o principal fator da Inconfidência, não levando em conta, mesmo, a propulsão que tais palestras sugeriram na cabeça jacobínica do impertérrito Tiradentes.

Ora, nestas condições, não é difícil conceber que, se a revolução se incrementasse e houvesse necessidade de impulso vigoroso e ânimo varonil, êsse centro fatalmente ter-se-ia deslocado, para ir cair nas mãos, não direi de Cláudio Manuel, que era um apaixonado, um visionário, uma alma sujeita a perturbações e desvairamentos pessimistas, mas nas de Alvarenga Peixoto, ao qual não faltavam, nem o sôpro épico, tão útil aos revolucionários, nem frieza de raciocínio, nem conhecimento claro e positivo do meio e do momento, ou então nas mãos de algum dos outros Inconfidentes, interessados, pelo ódio político, na exterminação de adversários inclementes. [3]

É, pois, evidente que o movimento da malograda conspiração não deu, nem podia dar, nova diretriz às inspirações de Gonzaga, imprimindo-lhe na alma um *frisson* que elevasse o seu estro a cogitações de espécie estranha e, convertendo em heroína a própria amante, associasse a sua imagem ao drama patriótico.

---

2 "Depôs Cláudio Manuel da Costa que, em sua casa, formara Gonzaga, hipotèticamente, a idéia do estabelecimento de uma república, a qual foi logo abraçada pelo coronel Inácio José de Alvarenga e o vigário Carlos Correia de Toledo (que eram seus hóspedes e se demoraram em Vila Rica todo o tempo que decorrera da festa do Natal à dos Reis, dos anos de 1788 a 1789), e que êle dissera que não convinha na mesma idéia por conhecer que era inexeqüível, pela carência de fôrças, para subsistir."" *Interrog. 2 de julho 1789, ap. A Dev. de M. Ger.* Norberto, *Hist. da Conjur. Min.*, p. 66.

3 Confiram-se os sonetos de Cláudio com a sua morte trágica, comparada, por Charles Ribeyrolles, com a de Condorcet. Quanto a Alvarenga, vejam-se o *Canto Genetlíaco* e os passos calculados de tôda a sua vida, durante a conspiração, e do processo.

Nada disto. A Inconfidência não teve outro efeito senão dividir as liras dêsse apático em duas partes muito pouco dessemelhantes, na última das quais se nota apenas uma atenuação da alegria do primitivo bonachão.

Entretanto, Dirceu poderia ter sido um poeta filósofo e um pensador, como fôra um dos seus mestres, o bom velho Horácio. Faltou-lhe, porém, a intensidade meditativa e o estoicismo do autor das *Epístolas* e das *Sátiras;* e se os seus sentimentos políticos não ultrapassaram a violência da lira —

Esprema a vil calúnia muito embora,

não é menos certo que a sua filosofia não foi também muito adiante do célebre —

Minha bela Marília, tudo passa.

Como sucede com todos os apáticos sensuais, a sua moral resumia-se na resignação do enfêrmo que convalesce. Na sua doce melancolia, se é que a mostrava, não havia intercadências de amargor, muito menos de desesperos; e mesmo no cárcere, vitimado pela injustiça e separado com violência do objeto de suas maiores aspirações, êle limitava-se a movimentos de ironia como êste:

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,
Nem tenho a que me encoste um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande trono.
Agora, que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve bôca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
De ver-te ao menos compassivo, o rosto. [4]

É verdade que um suplício se lhe afigura de uma atrocidade sem nome e lhe

Devora o coração que mal palpita
O abutre da saudade...

---

[4] *Liras*, 2.ª parte, *XVIII*.

Mas a resignação não tarda a fazer-lhe repelir o monstro horrendo, substituindo logo pela formosa imagem de Marília, único nome capaz de encher êsse "coração maior que o mundo".

III

D. MARIA DOROTÉIA

Quando Gonzaga foi colhido pelos acontecimentos da Inconfidência, estava bordando um vestido para Marília, com um dedal de ouro, que celebrizou, depois, o pobre espólio do poeta. [5]

Por isso, disse êle nas *Liras*:

> Pintam que estou bordando um teu vestido;
> Que um menino com asas, cego e louro,
> Me enfia nas agulhas o delgado,
> O brando fio de ouro.

Essa ocupação, em tão apertada hora escolhida por um ex-ouvidor nomeado para uma Relação, conspícuo entre os mais conspícuos no lugar, versado diurna e noturnamente na lição dos clássicos, e ainda mais aguerrido em jurisprudência, pelo manusear constante das leis e dos reinícolas; êsse capricho de exercer o papel de Hércules junto a Ônfale, em um homem que já atingira os 44 anos de idade, é, quanto a mim, de uma importância capital para a crítica do caráter de Gonzaga; e, pintando a situação exata do espírito do poeta, descobre a fonte verdadeira de onde emanou todo o lirismo de Dirceu.

A apatia de Gonzaga prova-se pela sua posição na Inconfidência. O seu sensualismo, porém, ressalta evidentemente da sua colocação, ou, antes, da sua deslocação, diante de uma menina de 18 anos, ardente e exuberante.

Marília, com tôda a certeza, não aparecia nos sonhos do poeta como uma lânguida Desdêmona, nem muito menos a sua figura erigia-se impondo-se, celestial, ao culto de um espírito meditativo, como sucedera com a Beatriz de Dante e a Laura de Petrarca. Morena e forte, segundo diz a tradição, imperiosa, viva e petulante, conforme se depreende das *Liras*, essa rapariga, que, a par de formosa, seria o mais acabado tipo do garridismo mineiro, devia ter

[5] Êsse dedal de ouro figurou no sequestro feito em 23 de maio de 1789, e, no Instituto Histórico, existem bilhetes, de letra do poeta, pedindo ao dono de uma loja vizinha fios de ouro e objetos de bordar. Vide Norberto, *Hist. da Conjur. Min.*, p. 140.

pôsto notas particulares no sensualismo daquele magistrado moroso e pouco apto para aventuras eróticas sertanejas, além de tudo perigosas para a respeitabilidde de sua posição, e desenvolvido desejos tanto mais perturbadores quanto a sua ambição era o amor quieto e um gôzo tranqüilo acomodatício.

Se o temperamento de Gonzaga, ou mesmo a sua idade, fôsse a de um Musset, *mutatis mutandis,* teríamos, em lugar das *Liras,* sonetos violentos, senão as deploráveis explosões de que, algum tempo antes dera exemplo, em Portugal, o mal-aventurado Bocage — Elmano. Como, porém, tratava-se de uma natureza branda, e o que mais é, profundamente disciplinada pelas conveniências profissionais e pela cultura grego-romana, o amor dêsse lirista canalizou-se pelo lado mais natural, e sendo preciso, para agradar Marília, que o quase qüinquagenário se tornasse pueril, êle não recusou pôr essa puerilidade em verso, e metrificou-a.

Quando um velho torna-se amoroso de meninas, de ordinário procura agrados em adixes e caramelos. Foi o que o poeta forçosamente fêz; e quando porventura envergando seu clássico capote côr de vinho, atravessava as ruas de Vila Rica ou percorria os arredores do povoado maquinando alguma infidelidade necessária, não é difícil compreender como o retrocesso de sua musa, meio inquieta, lhe lembraria as histórias e os versos que haviam de garantir a segurança da afeição pastoril da sua bela.

O aflito Dirceu não era homem para, amando, escrever tratados de agnologia dogmática. Obsedava-o a sensação do *ambiente feminil,* e quanto mais entrava em anos, mais se lhe impunha a necessidade da *costela,* sem a qual, nem a vida lhe seria suportável, nem as suas liras poderiam vicejar.

O afamado livro, que tem merecido tantos aplausos da posteridade, recebeu, portanto, todo o sabor que lhe encontramos das desesperadas aspirações de Gonzaga pela vida de pai de família, pela vida patriarcal; e o que se acha nas *Liras* de mais picante e original, deve-o o autor à *convoitise* de um solteirão ilustrado, adulado, mas perseguido, bloqueado pela curiosidade mexeriqueira da aldeia, e que se sentia, de mais em mais, impelido para o repouso do lar doméstico e para os castos idílios a teto enxuto.

É assim que êle, quando encarcerado, do que mais se lembrava era justamente dêsse perdido benefício, que os sonhos de vez em vez lhe estampavam diante dos olhos deslumbrados, para torturá-lo.

> Ah! minha bela, se a fortuna volta,
> Se o bem que já perdi alcanço e provo;
> Por essas brancas mãos, por essas faces,
> Te juro renascer um homem novo;

Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra !

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores, outra vez, de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

. . . .

Nas noites de serão nos sentaremos
Cos filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha, verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto. [6]

Se a esta *convoitise* do poeta correspondia uma razoável inclinação por parte de Marília, é o que resta verificar.

O que se sabe é que os dois iam casar; e que o poeta se incumbira de bordar a ouro o vestido da própria noiva. Mas não há um só documento que demonstre a efetiva correspondência dessa paixão, nem que nos mostre Marília ascendendo, apesar dos anos, até Gonzaga, como a Sra. Lesseps o fêz, pela admiração, até o insigne sexagenário que abriu o caminho do mar Vermelho.

IV

ANACREONTE E DIRCEU

Dirceu não era um triste.

O lirismo nascia-lhe jovial, cristalino, sem névoas, quase sempre matinal.

Embora destituído de imaginação, incapaz de análise, sem instintos de psicólogo, poeta objetivo, de inteligência limitada, nada sugestiva, êle sabia perscrutar o amor que se apresentava pela revelação das formas carnais da mulher amada e o fazia original. A idealização se lhe formava pelas categorias mais conhecidas do sentimento humano.

Por mais que leiamos e tornemos a ler as *Liras*, não encontramos verso que denuncie uma tendência, fugitiva sequer, para o épico, para a percepção do cosmo, ou mesmo para o sentimento da natureza pitoresca.

---

[6] *Liras*, 2.ª parte, *XVIII*.

Falta-lhe totalmente a adjetivação que abunda em Homero, em Tasso, em Ariosto; e quando o poeta por acaso refere-se a algum herói, a algum tirano, quando, por exemplo, fala em César, descreve as façanhas de Alexandre, mal lhe assaltando os lábios um "ditoso pirata" e um "salteador valente", [7] a musa, como arrependida, retrata-se e logo esvai-se na tenuidade afetiva de quem já confessava que, tentando dizer "herói e guerra", só Marília pronuncia.

A observação dos próprios movimentos não passa muito além dos efeitos produzidos pelas distrações que o amor lhe ocasiona; de modo que são raríssimos versos penetrantes:

> Ando já com o juízo,
> Marília, tão perturbado,
> Que no mesmo aberto sulco
> Meto de novo o arado.
> Aqui no centeio pego,
> Noutra parte, em vão, o sego:
> Se alguém comigo conversa,
> Ou não respondo, ou respondo
> Noutra coisa tão diversa,
> Que nexo não tem menor.
> Que efeitos são os que sinto?
> Serão efeitos de amor? [8]

Os aspectos da vida que mais de perto lhe ferem o espírito infantilizado pelo erotismo são os que se prendem ao sossêgo, à tranqüilidade do lar e à garantia do casal.

> Tenho próprio casal e nêle assisto,

diz êle, na primeira de suas liras; e, se o deslumbra a estrêla de Marília, não tarda que logo adiante celebre o advento possível da fortuna, já tão esquecida dos pastôres, das auroras e dos cupidos, como o mais pedestre dos viventes, como o mais avarento dos judeus.

Nunca o deixa a idéia de que, na solidez dos bens de raiz, é que reside a segurança da amizade, e que nestes é onde se esteia a verdadeira cabana do pastor. Não lhe basta acenar à bela com o grande afeto que o domina: é preciso também seduzi-la com promessas de um futuro auspicioso.

A sensibilidade, portanto, do poeta não se exaure buscando exprimir sensações vagas e indefiníveis, nem um amor incompreensível, abstrato e sutil.

---

[7] *Liras*, 1.ª parte, *XXVIII*.

[8] *Liras*, 1.ª parte, *XXI*.

Ao contrário, êsse sentimento, embora delicado e mantido por milhares de minúcias sagacíssimas, é o mais positivo que conheço e o mais franco que já se produziu em carmes arcadinos.

Gonzaga cinge-se, entretanto, a projetar o seu estado poético sôbre as coisas que o cercam, naturalmente associadas à sua ingênua preocupação de amantético, e descreve o prazer que lhe causam as esperanças em que se embevece, de ainda "dormir um leve sono no regaço de Marília", meditando sôbre autos e ideando novas Salentos.

E assim se explica o seu anacreontismo.

Anacreontismo, digo bem, porque é esta a sua única e legítima feição, classificação que, aliás, não deve induzir a idéia de uma cópia servil do velho amoroso de Cós, nem pode, muito menos, envolver o intuito de recordar o *verecundum Bacchum*, que tão freqüentemente se imiscuiu na poesia do gênio antigo.

Aquela expressão só tem por fim lembrar as leis que presidiam ao entusiasmo particular que moveu o talento de Dirceu e assinala um fato constante em tôdas as literaturas exploradas, isto é, — que, dadas certas circunstâncias de temperamento e de idade, e operada a sugestão do meio, o amor poetizado é forçosamente levado a tomar formas já consagradas pela cultura literária.

A indicada disposição de espírito pode existir independente de Anacreonte; e como o anacreontismo permanece intato no fundo da natureza, é lícito concluir que Gonzaga, mesmo pondo de parte a atmosfera bucólica em que viveu, a imitação automática de Mosco, Teócrito, Horácio e Catulo, todo êsse artificialismo clássico a que o obrigavam a educação da época e a convivência dos árcades; Gonzaga, ainda assim, seria o que foi virtualmente e, de qualquer modo a seu alcance, êle traduziria o seu erotismo diáfano, tagarela e sorridente. O *tom* seria o mesmo. Na lira ou na viola sertaneja, o seu canto teria aquêle timbre.

Não obstante, o classismo forneceu-lhe um elemento de incontestável originalidade.

Anacreonte familiarizou-o com o mais garrido de quantos Cupidos nos legaram os poetas da antiguidade.

V *

FUNÇÃO DE CUPIDO NAS *LIRAS* DE GONZAGA

Entre as criações da poesia grega, nenhuma encontro que sobreleve, em naturalismo, audácia e nitidez de expressão, a do Cupido

* No original, do cap. IV passa para o VI.

(*Eros*) dêsse velho de Cós, cujas liras fizeram o encanto e alegraram a vida de todo o arquipélago helênico.

Com efeito, o menino alado, tal qual o representava Anacreonte nos seus versos, completava a evolução do mito antigo, e, sintetizando o otimismo da raça, a vitalidade dos gregos e a sugestão amorosa nas suas mais potentes manifestações, fazia-se a personificação mais perfeita, mais artística, mais consciente que jamais o engenho humano arquitetou para traduzir o fenômeno fisiológico que traz em eterno enrêdo os dois sexos e, portanto, a humanidade.

Petulante, atrevido, insultador da própria Vênus, quando lhe convém; de outras vêzes audaz, heróico, cavalgador de leões; sempre ocupado em inventar artifícios sutis, fabricando setas e aljavas de espécies imprevistas; folgazão, ruidoso, e disfarçado, muitas vêzes; feroz e sanguinário, logo que o irritam; cínico, depravado, céptico, filósofo e irônico, nas ocasiões oportunas: o Cupido de Anacreonte não acharia entre os tipos literários dos tempos modernos nenhum que se lhe pudesse comparar na espontaneidade e na cultura, senão o Mefistófeles de Goethe.

Portanto, por mais ingênuo e simples que pareça o Deus do amor que vemos em constante movimento nas liras dos poetas gregos, será êrro supô-lo uma criação destituída de complexidade, ou um capricho de horas vagas, pôsto em jôgo para dar pasto ùnicamente à lubricidade de um povo acostumado a todos os refinamentos sugeridos por um clima abençoado.

Foi êste o Cupido com que Dirceu familiarizou-se; mas como Dirceu não era, nem céptico, nem cínico, nem sibarita, só o compreendeu pela face da *folâtrerie*.

A complexidade daquela criação nunca o penetrou. Mas, como *Eros* tinha linguagem para todos e recursos para ferir os pontos fracos de cada um, sucedeu que o amante de Marília não custou apaixonar-se pela feição petulante, benfazeja, acomodatícia do filho de Afrodite.

Cupido, o Mefistófeles dos otimistas gregos, possuía segredos para velhos e dava-lhes intimidades, que não lhe constituíam a base menos importante do seu poder e do seu prestígio.

Gonzaga, pois, desde que, através da cultura clássica, pôde travar relações com a travêssa criatura, não se apartou mais de sua simpatia e afeiçoou-o aos seus intuitos, fazendo-o depositário de todos os seus enlevos, uma espécie de *fâmulo leal*, de ajudante diabólico, de alcoviteiro sublimado, que nunca o traiu, sempre o aconselhou nas grandes crises.

É nisto que reside a sua única originalidade.

Não molho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não voe e não corra
A i-lo apanhar.
Estende-o nas asas,
Sôbre êle suspira,
Por fim, se retira
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos,
Não guardes unidos,
Marília, cos teus:
As lágrimas nossas
No seio amontoa,
Forma asas e voa,
Vai pô-las nos céus.

A grande habilidade de Dirceu consistiu, quase estou dizendo, em tornar Cupido um sócio dos seus afetos e inspirar-lhe tamanho interêsse pelo amor, coisa nunca vista nos tempos anacreônticos, que êste, nem na triste situação de encarcerado, teve ânimo para o abandonar.

Há uma outra feição original no Cupido das *Liras* de Dirceu.

O menino travêsso, que muitas vêzes aparece, em Anacreonte, maquinando astuciosos planos para vencer os recalcitrantes, como o que se vê, por exemplo, na historieta do *Amor Molhado;* êsse menino travêsso, mas sempre armado de uma ponta de pervesidade, transforma-se, em Vila Rica, em um simples molequezinho de estimação, viciado pela educação do confidente, e que se autoriza uma série de arrogâncias e pequenos desaforos, aliás consentidos pelo dono.

Nestas ocasiões, Dirceu não o perdoa; e, se bem que as malignidades do petulante não passem da epiderme, nem excedam às ordens tácitas, o poeta entrega-se também ao luxo de irritar-se, dando-lhe castigos de uma fictícia crueldade, nos quais sempre Marília vem apadrinhá-lo.

Ouviu Marília
Que Amor gritava,
E como estava
Vizinha ao sítio,
Valer-lhe vem;
Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O fero monstro
Indício tem.

*

Então Marília,
Que o vê de perto,
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E aflita dando
Um ai, os olhos
Levanta ao céu.

*

Chega-se a êle
Compadecida :
Lava a ferida
Co pranto amargo,
Que derramou.
Então o monstro,
Dando um suspiro,
Fazendo um giro
Co'a baça vista,
Ressuscitou.[9]

Essa *confiança* do fâmulo malcriado, nem sempre, porém, Dirceu confere ao Cupido, que era a repercussão tão sòmente inconsciente do meio em que êle vivia sôbre as suas concepções de clássico. Êsse especialíssimo deus de amor, que acompanhou desde a primeira até a última de suas liras, quando não se deixava animar pela reminiscência do *fâmulo leal*, não passava de um recurso vocabular tirado à mitologia, que, como se sabe, durante o período da indigência da Renascença, constituindo linguagem já feita e animada, dispensava o candidato ao Parnaso de uma porção de esforços, a que são os poetas de hoje obrigados, para darem às suas composições o brilho e colorido que é a glória do nosso século literário.

Dirceu, portanto, não devia escapar a uma influência que caracterizou a maior parte dos poetas de talento de todo o período clássico.

Bucólico, êle se impressionava em dupla fonte : no mundo objetivo e na tradição. Mas como a alma, em virtude de leis que lhe são naturais, é forçada à unidade, tanto mais vigorosamente quanto se trata de um artista, sucedeu que Gonzaga, completada a sua educação poética, tinha amalgamado as suas impressões diretamente hauridas na vida com as que procediam da vida livresca, às vêzes tão intensa como a outra.

Êste fenômeno de ordem literária não se dá caprichosamente; também obedece a suas leis; e o amálgama se realiza em razão de uma regra, que Max Müller, tendo transportado para o povo e apli-

---

[9] *Liras,* 1.ª parte, *XIII.*

cado em absoluto a tôda a mitologia, chegou a considerar a única origem do seu desenvolvimento.

Se, porém, essa lei ali sofre, como já sofreu, profundas reduções, aqui ela se mostra em sua mais completa integridade.

Eu me refiro à degenerescência da metáfora, isto é, — à origem atribuída por aquêle sábio aos mitos, como se fôssem produtos de uma enfermidade da linguagem.

Pois bem, isto que se põe em dúvida quanto aos povos, é muito real e verdadeiro quanto aos indivíduos postos em determinadas situações, como poetas e artistas irritados.

Gonzaga, à fôrça de concentrar o espírito naquelas formas arcádicas, chegou a confundi-las com a realidade, e, por uma insensível gradação, passando à descrição dos seus amôres, aplicando-as à Marília, acabou por diluir nos gestos, nas maneiras, na fisionomia da amada todos os atributos de Cupido; de sorte que há momentos em que, no seu êxtase lírico, não se sabe bem o que o domina, se a amante, se o deus do amor. Cupido decompõe-se em D. Maria Dorotéia.

É assim que a cada instante encontramos liras como esta :

> Tu, Marília, agora vendo
> De Amor o lindo retrato,
> Contigo estarás dizendo
> Que é êste o retrato teu.
> Sim, Marília, a cópia é tua.
> Que Cupido é deus suposto;
> Se há Cupido, é só teu rosto:
> Que êle foi quem me venceu. [10]

E, por êste processo, Dirceu, da mesma maneira que os primitivos Árias personalizavam as fôrças da natureza, passa a dar existência concreta às graças da amante, as quais, não só se transformam na petulância e loucura da figura mitológica, mas também voam em bandos alígeros, fazendo a côrte ao seu intenso amor.

> Marília, teus olhos
> São réus e culpados,
> Que sofra e que beije
> Os ferros pesados
> De injusto Senhor.
> Marília, escuta
> Um triste pastor. [11]
>
> . . . .
>
> Em tôrno dos teus peitos, que palpitam,
> Exaltam mil suspiros desvelados
> Enxames de desejos;

[10] *Liras*, 1.ª parte, *II*.
[11] *Liras*, 1.ª parte, *IV*.

Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos... [12]

Até que ponto teria chegado a ilusão do poeta?

Não sei dizer se a mitologia, para Dirceu, foi sempre simples vocabulário poético. Com certeza, não usou destas formas como Filinto Elísio, materialmente. O vocabulário clássico, passando por seu espírito, tomava uma vida nova, um calor, *servatis servandis*, semelhante ao que se nota nos atributos da Vênus de Camões e em alguns personagens mitológicos do Inferno, de Dante, os quais, apesar de cristãos, deram-lhes existência quase real.

O malogrado Arsênio Darmesteter, estudando êste fenômeno literário com aquêle cuidado que mereciam tôdas as questões desta natureza, explica-o pelo lado do mecanismo da linguagem; e o que James Sully e Maudsley atribuem à loucura, ou a desequilíbrio incipiente das faculdades criadoras do homem, êle, com um raro discernimento, reduz a meros movimentos normais do espírito, atuando quase inconscientemente sôbre a palavra, e vice-versa. [13]

Todos conhecem, por experiência própria, como as nossas comparações acabam tornando-se realidade por uma espécie de auto-sugestão; e, no fim de contas, pode-se dizer que, tanto os letrados como os iletrados, formam dois grandes grupos, que se distinguem entre si pela maior ou menor intensidade da influência do vocábulo no desenvolvimento das imagens.

Ainda agora surge na França uma escola, a dos Decadentes ou Simbolistas, que é a prova irrefragável da verdade contida neste asserto. Com o olhar fixo na palavra e na metáfora, os poetas da nova escola chegaram até o ponto de perderem de vista o ambiente e, caindo em uma espécie de niilismo literário, conseguiram extrair dos radicais um verdadeiro mundo fantástico, que só êles mesmos podem entender e interpretar. [14]

Pois bem: Gonzaga, embora pacato e sempre dominado pelo senso burguês que lhe haviam criado a vida de juiz e a prática dos anos, em pensamento na sua Marília, não era mais o mesmo homem; dominava-o o fetichismo do amor maduro e, literàriamente falando, ensandecia.

E dessa truncada fonte de inspiração saía-lhe, espontânea, aquela singular loqüela poética, que até hoje não encontrou exatíssimo imitador.

---

[12] *Liras*, 1.ª parte *VIII*.

[13] A. Darmesteter, *La vie des mots*, pp. 65, 69 e 88.

[14] Vide o estudo que fiz sôbre essa escola, na crítica publicada acêrca d'*O Ateneu*, de Raul Pompéia. (Êste trabalho está reproduzido neste vol., pp. 125-177.)

ARDENTIAS

VERSOS DE ALFREDO DE MAGALHÃES

PUBLICAÇÃO NO *CORREIO DO POVO,* RIO DE JANEIRO,
28 AGÔSTO 1890.

Charles Henry inventou um instrumento a que deu o nome de medidor estético, destinado a retificar todos os trabalhos de arte por um método gráfico especial. Êste instrumento funda-se num fato físico muito conhecido; e o seu autor, como em um barômetro, conseguindo engenhosamente tornar um ponteiro sensível às excitações dinamogênicas e inibitórias, produzidas em qualquer sujeito normal diante de um quadro, uma estátua, um espetáculo ou durante uma leitura, apresentou-o ao público certo de haver conseguido descobrir o meio de fazer crítica objetiva.

Quando êste invento se tornar tão comum como o telefone, os jornais prescindirão dos aristarcos.

Bastará a aquisição do aparelho e incumbir o primeiro dobrador de fôlhas de ajustá-lo sucessivamente a duas ou três pessoas a quem seja presente a obra submetida a exame e parecer, para que se tenha o veredicto infalível.

Felizmente, porém, para os homens do *métier*, o instrumento é muito caro e por enquanto ninguém nêle acredita.

Felizmente, ainda, para o autor das *Ardentias*, o invento não me agrada; nem estou convencido de que possa conduzir a crítica ao objetivismo de uma sentença irretratável, porquanto o aparelho, baseando-se na média das sensações provocadas em virtude de experiências num certo número de indivíduos, não faria mais do que transportar o problema do campo do subjetivismo individual para o do subjetivismo de grupo. E pode-se desde já calcular a que ficaria reduzido um livro de versos do Sr. Raimundo Correia, se o instrumento fôsse aplicado a registrar as sensações respetivas produzidas no grupo do Sr. Murat. O ponteiro registraria sòmente movimentos inibitórios.

Em todo caso, haveria uma vantagem no uso do aparelho : era obrigar o cidadão crítico a dizer sòmente o que pensasse sôbre a obra. Mas, para isto, não basta a sinceridade de quem escreve linhas?

As *Ardentias*, se não constituem um livro notável, pelo menos deixam uma impressão agradável de sua leitura.

Não vão lá buscar a sublime ênfase de Hugo, nem a majestade de Leconte de Lisle, nem a paixão estrangulada de Musset, nem a plástica de Gautier, nem o canibalismo erótico de Olavo Bilac, nem o exagêro delicadíssimo de estilo dos simbolistas, nem a acrimônia baudelaireana dos pessimistas modernos.

Nada disso; mas, em compensação, se encontrará um pouco de tudo, formando um composto de que resulta, incontestàvelmente, uma série dinamogênica bastante regular.

É certo que o livro provoca maior número de sensações agradáveis do que desagradáveis. Mas também é certo que não arrebata, não desloca o espírito do curso ordinário da vida, nem traz oculto no estilo essa acritude violenta que é o característico das obras originais.

Se por acaso eu ligasse ao pulso, ou ao tórax, o instrumento de Charles Henry, é bem provável que o marcador não atingisse os número máximos; e o *patógrafo* exprimiria o exato estado da minha consciência de crítico relativamente às *Ardentias.*

No que diz respeito à métrica, ao ritmo, à ressonância de algumas poesias, é certo que as impressões seriam absolutamente inibitórias.

Tomemos, por acaso, a poesia intitulada *Perversidade* e leiamos os versos que a terminam :

> E um *paz-d'alma*, o marido, um bom marido,
> Por sua vez, a carta *também* lia;
> E, de atrevido,
> Um relógio de cuco horas batia.

Creio que não será preciso uma grande demonstração para verificar qual a causa dos movimentos desagradáveis.

Neste trecho, há infrações de três categorias : lógica, sintática e rítmica.

O *paz-d'alma,* no Brasil, pelo menos, devido à pronúncia, produz uma horrível anfibologia; e as anfibologias são proibidas pelas posturas do Parnaso. Quanto à copulativa que une o primeiro ao segundo membro, determina uma falsa reação, que só podia ser evitada por um ponto e por uma transposição. Mas como o poeta teve necessidade de encher o verso, sucede que, no correr da leitura, enquanto o *cuco* não aparece, julga-se que aquêle *atrevido* refere-se ao marido; o que seria aumentar sem motivo a crueldade.

A êstes senões acresce ainda o ricochête do tantã que ficaria perfeitamente colocado em um estribilho de jongo, mas que, numa carta dulçorosa, em que se fala de amor, perfumada e cheia de blandícias, causa uma crispação igual à do estrépito de clarineta mal-soprada.

E não faltariam, no livro, outros exemplos para repasto de espíritos malévolos.

Estas coisas, porém, pouca mossa me fazem quando compensadas por uma média de agradáveis experimentações. E, para justificar o meu asserto, citarei as poesias intituladas "Après le Combat", "Eterno", "Imutável", "Galeria Galante", "Nua", "Marinha", "Andorinha e Corvo", "Foi Buscar Lã", etc. etc...

Estas poesias ferem várias cordas da sensibilidade humana, e tanto a disposição dos pensamentos como a forma fluem acariciando regularmente o ouvido e a imaginação.

Não preciso dizer mais; e daria por terminado o relato das minhas impressões pessoais sôbre o livro do Sr. A. Magalhães, se, nas últimas páginas, não encontrasse uma diatribe contra o Romantismo, já tão gasta pelo celebérrimo Guerra Junqueiro, que Deus haja por muito tempo a fazer discursos na câmara dos deputados portuguêses.

O trecho a que me refiro tem por título "A Morte do Romantismo", que o Sr. A. Magalhães apresenta "esguedelhado, sôrna, tossicando, com saco de mendigo e capa esfarrapada", pedindo esmola e causando compaixão.

Êste romantismo, que, de certo, não é o de V. Hugo, e que todos, inclusive o autor das ***Ardentias,*** ainda persistem em imitar; êste romantismo procura um refúgio no palácio da Comédia, depois passa ao da História e, por fim, recorre ao do Realismo; e sendo por todos repelido, injuriado, conspurcado, flauteado, desenganado da existência e inanido,

> "à fome, ao abandono,
> na rua vai morrer, qual reles cão sem dono."

Morto o romantismo! Aqui era que vinha ao caso perguntar, como outrora o Sr. Coelho Rodrigues em um célebre concurso, onde a mesma coisa se dizia da famosa metafísica: quem foi que o matou?

O realismo? Mas o realismo anda profundamente ameaçado de não sobreviver, ou, antes, de não triunfar por muito tempo sôbre as ruínas de Byron, de Sçott, de Lamartine, de Musset, de Leopardi e tantos outros. E a prova do enfraquecimento dessa escola, tão rápidamente elevada ao apogeu quanto esgotada pelo excesso dos processos, a prova está em que a esta hora já Zola recua diante de escrever *La bête humaine* e, a título de precursores, são chamados à forma quase todos [os] prosadores do século passado, a fim de auxiliá-los na refrega: Diderot, Mercier, Louvet, Beaumarchais, Restif de la Bretonne, Pigault-Lebrun e *tutti quanti.*

Isto, entretanto, põe bem evidente um fato já assinalado por Gervinus, isto é, que o romantismo tem coexistido com tôdas as escolas e formas literárias. O que morre são as modas, as exagerações de um mestre sistematizadas por um grupo ou mesmo por uma época. As manifestações do espírito humano afluem e refluem no grande teatro da vida, especializando-se e reforçando-se, mas nunca se perdem, pois que nada se perde na natureza.

Se o realismo, por seu turno, dá sinais de fraqueza, não quer isto dizer também que deixe de coexistir com as demais manifestações da grande arte. O que a nós parece é que, neste fim de século, a poesia, reunindo tôdas as conquistas realizadas pelo esfôrço humano, vai abrir novos horizontes estéticos, que fiquem de perfeito acôrdo com a concepção filosófica do tempo.

O mais completo individualismo na expressão, unido ao mais rigoroso objetivismo na contemplação dos fatos: eis a grande aspiração.

QUINCAS BORBA

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTICIAS*, RIO DE JANEIRO.
12 E 16 JANEIRO 1892

Gazeta de Notícias, 12-1-1892

Os primeiros trabalhos de Machado de Assis que folheei foram as *Falenas* e os *Contos Fluminenses.*

Tinha eu então, a meu cargo, os folhetins de crítica do *Dezesseis de Julho,* jornal político que se publicava nesta capital em 1870.

Os dois livros chegavam de Paris, nìtidamente editados, se não me falha a memória, pela casa Garnier.

Sendo-me entregues para os fins convenientes, atirei-me a êles como gato a bofes, certo de que ali encontraria onde afiar o gume do meu cutelo de crítico incipiente.

Nessa época, eu andava muito preocupado com a idéia do romance nacional; sabia de cor o *Brasil,* de Ferdinand Denis, e lera, pela oitava ou nona vez, o *Guarani,* de J. de Alencar. No que respeita à literatura, ignorava completamente a existência de uma coisa chamada *proporções;* pouco tinha observado, muito menos comparado, de modo que, segundo então pensava, não havia senão uma craveira : — diante de uma obra de arte, ou tudo ou nada.

Daí uma conseqüência, — as *Falenas* seriam toleráveis, mas os *Contos* mereciam morte afrontosa e violenta. Escrevi o folhetim indignado e descansei no fim da obra, certo, talvez, de ter causado a ruína de um edifício colossal.

Como são agradáveis estas ilusões e perversidade infantis ?

O que é certo é que, nesses venturosos tempos, apadrinhado com as autoridades, entre outras, de Marmontel, eu julgava facílimo soltar as velas em mar alto. Citava, a propósito de estilo, o — *soyez vif et pressé dans vos narrations,* — de Boileau; em matéria de romance, não via nada que excedesse a Méry, nas suas incontestàvelmente deliciosas fantasias de *Florida, Hêva* e *Guerra do Nizam;* e, como cada qual exige o vinho que apetece, entendia que Machado de Assis devera ter fabricado contos iguais aos de Bocácio e La Fontaine, ou reproduzido, à brasileira, as *Noites* do romancista marselhês. O futuro autor das *Memórias de Brás Cubas,* porém, não trairia o seu temperamento; e porque já, a êsse tempo, tinha descoberto o seu caminho, escrevera as histórias de *Luís Soares,* de *Miss Dólar* e os *Segredos de Antônia,* cuja excentricidade punha *

* No original estava "punham".

o meu gôsto artístico, o meu chateaubrianismo intransigente, em verdadeiro desespêro. Êste desespêro foi traduzido na frase iracunda que mais devia ferir o escritor criticado. Em última análise, o pai dos dois livros dera ao público uns contos completamente ocos, vazios de interêsse.

E tudo isto se dizia em um jornal dirigido por J. de Alencar, o mesmo J. de Alencar que, poucos meses antes, do seu ninho da Tijuca, escrevera a Machado de Assis uma carta, apresentando-lhe o poeta Castro Alves e brindando o autor das *Falenas* com o título de príncipe da crítica brasileira.

Talvez que isto mesmo fôsse a causa principal e inconsciente da minha irritação. O principado devia começar pelas obras de criação, e não de eleição.

Êste modo de pensar não agradou ao diretor da fôlha, e, gerando duplo dissentimento, terminou, mais tarde, sob o pretexto que mais decente se me afigurou, pela minha saída da colaboração de um jornal para o qual entrara como para o paraíso de Maomé.

Correram os tempos, e variada sorte tivemos, depois disto.

Machado de Assis continuou sua vida com a pertinácia de que são capazes os Narcisos literários. Apaixonado do próprio espírito, procurando em tôda a parte o reflexo de si mesmo, nos livros, nas bibliotecas, nos museus, nas coleções, nos jornais, nos teatros, nos salões, nas reuniões de amigos, na Rua do Ouvidor; ruminando a originalidade de suas obras, entre a preocupação do aplauso popular e o horror à vulgaridade; flagelado continuamente pela obsessão do nôvo e pela imposição dos clássicos, Machado de Assis fortaleceu-se na idéia e aprimorou-se na forma; mas hoje, como ontem, como em 1870, posso afirmá-lo, não mudou uma linha do seu primitivo eixo. Subiu, subiu muito alto; porém a linha ou as linhas que prendem o seu papagaio multicor são as mesmas com que êle o empinava quando menino, isto é, na época em que surgiam os seus primeiros livros.

Vem de molde, pois, dizer de que natureza são estas linhas, e se, por algumas delas, pôde o autor fazer descer a centelha de Franklin.

Duas; duas são as tendências que encontro no espírito literário de Machado de Assis: uma, simbolizada nas *Falenas*, outra, nos *Contos Fluminenses*, o que, em têrmos hábeis, quer dizer que o escritor, de 1870 até esta data, não tem feito outra coisa senão desenvolver ou agravar os dois traços com que desde logo estigmatizou a sua estética.

Falenas significam, na sua biografia, o mesmo que amor à correção, ao *módulo* helênico, ao compasso; cuidado e vaidade na roupagem poética; gôsto pela erudição; paixão literária !

Delas brotaram naturalmente as obras em que Machado de Assis mais se aproxima da mulher, — *Iaiá Garcia, Helena, Ressurreição* e tôdas as páginas dos seus livros em que se fala de relações sexuais, do eterno feminino e da vida fluminense. Não há, nessa linha, nem observação, nem psicologia, embora o autor se proponha estudar caracteres e fazer retratos *d'après nature*. A percepção dos fatos é sempre tênue e superficial, a análise das causas determinantes amarrada ao *a priori*. Tudo se resolve numa coleta de traços gerais; tudo se transforma em um diletantismo místico, dentro do qual o espírito do poeta gira sem maldades, sempre distraído do *travo* real das coisas, envolvendo os seus personagens, as suas paisagens em um nevoeiro dourado de sol poente.

Composições assim dispostas agradam às moças e põem na alma de quem as lê umas notas suaves, se bem que ponteadas, de vez em quando, pelas invasões de outro Machado de Assis, que se esforça por não perturbar a harmonia do livro atual.

Isto não quer dizer que o psicólogo [...] não busque ser penetrante e, mesmo, inexorável. Nos trabalhos a que aludo, encontra-se, ao invés disso, um constante esfôrço para convencer-nos de que os caracteres por êle exibidos são complicados e extraordinários. O estilo aponta-se em reticências venenosas; as frases empinam-se, de vez em quando, anunciando que vai aparecer algum monstro, como Iago ou Gloucester; mas chega-se ao fim do capítulo ou do livro e, com surprêsa, reconhece-se que a complicação não passava de susto do autor, a quem o pequeno desvio da burguesa já se afigurava o pródromo de inauditas atrocidades.

Não pode exprimir as atrocidades irregulares dos tempos modernos o temperamento que, espontâneo, se afeiçoou ao *módulo* dos gregos; e se êsse temperamento não tem fôrça para a contemplação objetiva, acaba por arrojar-se para dentro de si mesmo, transformando os seus tiques, as suas pequenas excentricidades, os acidentes de sua imaginação enclausurada na expectação interior, nos curiosos tipos do romance.

Machado de Assis tem andado entre Octave Feuillet e Laurence Sterne; duas naturezas aparentemente diversas, uma de angorá, outra de urso filósofo. Eu prefiro a última, e, por isso, gosto mais de *Brás Cubas* e de *Quincas Borba* do que da *Iaiá Garcia* e da *Helena*.

★

Gazeta de Notícias, 16-1-1892

As mulheres do autor de *Quincas Borba* são, em regra, incolores, sem expressão.

O motivo desta fraqueza acha-se na estrutura do talento de quem as imaginou. Os grandes pintores do gênero feminino foram sempre eméritos conquistadores, como Shakespeare, Bocácio, Byron e Dumas pai, ou insignes mexeriqueiros, como Brantôme, Saint-Simon e Balzac. Para bem retratar mulheres, é indispensável senti-las ao pé de si e cheirar-lhes o pescoço, ou brigar com elas, intervindo e perturbando os seus negócios.

Machado de Assis, asceta dos livros e retraído ao gabinete, não as invadiu por nenhum dêstes aspectos; e, por isto, as suas heroínas não despedem de si êsse *odor de femina*, que se aspira ainda nos tipos mais angélicos de Shakespeare, como, por exemplo, Desdêmona.

Outro tanto não sucede relativamente aos tipos masculinos. É certo que êstes distanciam-se muito da verdade, encarados como reflexo do mundo objetivo; mas, atendendo a que o autor tira os elementos com que os constrói, em grande parte, da observação de si mesmo, êsses tipos ganham em excentricidade o que perdem em exatidão, e por tal motivo tornam-se de um interêsse palpitante para o leitor desprevenido, apenas preocupado com o desejo de entreter-se através do livro, com o espírito do escritor.

Sob êste ponto de vista, folgo de poder hoje repetir o que, em 1883, dizia a respeito das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "O livro mais esquisito de quantos se têm publicado em língua portuguêsa".

De fato, o *Quincas Borba* confirma, em plena floração, as qualidades excêntricas que, naquela primeira parte da obra, se afirmavam de um modo categórico.

Nesses dois livros, Machado de Assis entrega-se francamente a tôda fuga do seu gênio paradoxal; e se alguma vez decai, deve-o a ter, por descuido, deixado abrir a porta por onde entram, de vez em quando, uns idílios, quero dizer, umas páginas perdidas dos romances amorosos anteriores.

Dir-se-ia que o humorista tem receio de ficar completamente a sós com o seu humor, e, por cautela, à maneira de certos diletantes que se entregam ao auto-hipnotismo, deixa a entrada do gabinete entreaberta, a fim de que possa receber socorros das pessoas de fora, quando porventura os macaquinhos azuis, de envolta com os bons espíritos invocados, venham perturbar-lhe a imaginação e a tranqüilidade daquela ginástica literária.

E quem sabe se, nestas frases, não estou eu traduzindo a exata situação do ânimo do escritor?

É preciso conhecer Machado pela sua feição mais curiosa, a do *causeur*.

Nós, brasileiros, de ordinário, preferimos cultivar a conversa de estilo pornográfico. Noventa por cento das frases diàriamente emitidas na Rua do Ouvidor, ou são claramente bocageanas, ou sublinhadas pelo vermelhão da lubricidade, clima, ociosidade ou educação; qualquer explicação pode ser aceita; mas o que está verificado é que nós raramente estamos dispostos para fazer, diante de um copo de cerveja alemã, um dueto sôbre filosofia ou uma *olla podrida* literária.

Se o sensualismo não nos invade, caímos na política pessoal e nas conspirações que todos escutam, todos sabem, todo o mundo anuncia.

Machado de Assis faz clamorosa exceção a esta regra. A mulher, para êle, constitui uma das fórmulas cabalísticas das ciências ocultas. Nas suas práticas, a companheira de Adão passa como uma sombra; os desesperos da carne, os transportes da luxúria, os segredos de Popéia, os filtros de Canídia, não lhe provocam curiosidades indiscretas, nem referências que ultrapassem o puro gôzo literário.

— Ovídio pensava assim, nas suas *Metamorfoses;* Catulo foi um grande cultor da arte feminina; Balzac disse tais e tais paradoxos sôbre a mulher e preceituou o modo pelo qual os maridos deviam entrar em casa!

Fora do círculo de observações comedidas como estas, é impossível obter do autor de *Quincas Borba* uma audácia, uma frase equívoca. Quando muito, pode-se obrigá-lo a expor uma teoria sôbre o amor, mas sem sentenças certas e em estilo anuviado.

Daí a razão pela qual, no seu último livro, Sofia nos aparece, entre Rubião e Carlos Maria, em uma eterna vacilação, que a muito custo se compreende. Encarada substancialmente, essa mulher é uma desonesta, senão uma descarada: admite que o marido especule e enriqueça através de sua formosura e à custa do amigo, de quem ela recebe presentes de jóias custosíssimas; aceita a côrte de Carlos Maria e adultera em espírito com êle, êsse indiferente; tem ciúmes de Maria Benedita, só porque se fala em casá-la com Rubião; chafurda-se no sensualismo do luxo; sonha grandezas orientais; e atira coquetemente convites impossíveis à virilidade indisposta do idiota do herdeiro de Quincas Borba; entretanto, êsse idiota, no primeiro acesso de loucura, encerra-se com ela no fundo

de uma carruagem, e a depravada, tendo bastante espírito para não arrecear-se do louco, hesita em satisfazer o hausto febricitante do seu erotismo vulgar e complacente.

Tudo isto, porém, encontra explicação nas repugnâncias do autor da obra. Machado de Assis é incapaz de entregar uma heroína sua à lógica brutal da respetiva organização. Onde E. Zola forçosamente colocaria uma cena de canibalismo amoroso e o desespêro da burguesa que não soube conter os arrancos da luxúria, êle põe um grito de nobreza e um pudor ilógico de mulher perversa e mal-casada, cujos transportes domésticos se traduzem, ordinàriamente, em permitir que o espôso erga-lhe o roupão e oscule a perna, no próprio lugar em que a meia incide com a carne rósea e acetinada.

Um tímido, — eis o que é, — nestes assuntos, o criador das belas *Memórias de Brás Cubas.* Falta-lhe a afoiteza para cheirar o pescoço de Messalina; ferocidade, para dilacerar amantes a dentadas, como o poeta Bilac; desprêzo à vida, para arrostar os perigos dos amôres de Cleópatra. Causam-lhe vertigens as fogueiras voluptuosas do rei Sardanapalo; não o seduzem as noites de Tigelino, os banquetes de * Trimalcião *; provocam-lhe vômitos as orgias de Nero e as tragédias realistas do Coliseu.

Provoquem-no, porém, para a arena do paradoxo lânguido do deliqüescente do fim do século XIX, e vê-lo-ão rejuvenescer na *verve* de um *causeur* incomparável.

É possível que se encontre quem exprima-se com mais vivacidade e elegância, quem apimente uma anedota de modo mais dramático do que êle; todavia, duvido que um apresente, no Brasil, artista mais desvelado no aprumo da conversação, e que a tome tão a sério.

Machado de Assis, palestrando, não galopa no corcel da fantasia doida, como dizem que o fazia o nunca assaz lembrado Dumas pai. Faz coisa mais apreciável, quanto a mim: sonha labirintos, embrulha-se nêles; agarra-se a teias de aranhas, dá-lhes consistência, doura-as; pendura-se em raios de sol e começa, nestes trapézios delicados, a executar uns jogos japonêses que deleitam e prendem a gente por longas horas de recreio.

Estas bizarrices são tôda a sua alma de artista, exposta à luz meridiana... dos amigos; delas, isto é, dêsse depósito de *verve* excêntrica, tímida, nervosa, às vêzes assombrada, é que tal prosador extrai os personagens, as descrições e a feição humorística dos seus melhores livros.

A FOME

PUBLICAÇÃO EM *O PAÍS*, RIO DE JANEIRO, 15 JANEIRO 1892.

Imagine-se um fruto coberto de insetos que se entregam à faina vital com furor e se repastam no mel que promana através dos interstícios abertos no respetivo revestimento exterior pela maturidade outonal. Observe-se bem êsse fruto amadurecido e rorejado pelo orvalho da manhã e para alacridade dos grupos de viventes que exploram o líquido dulçoroso nêle pôsto pelas ardilosas da física e química naturais. Reina o acôrdo; os mineiros e exploradores não se perturbam e aquela sociedade de animálculos parece tôda entregue ao culto da existência com o isocronismo de um relógio e com a tranqüilidade de uma máquina perfeitamente lubrificada.

De súbito, porém (observe-se ainda), em um dos pontos dêsse pêssego ou dessa laranja povoada de insetos vorazes, pronuncia-se um movimento singular.

O que foi que o produziu? O fogo, a chama de uma estearina que uma criança perversa aproximou do fruto que jazia esquecido na extremidade da pedra do dunquerque. Então surge um fenômeno curioso. Abre-se primeiro uma coroa no ponto mais de perto verberado pelo calor da chama exterminadora; os animálculos formam ondulações concêntricas, avançam, convolvem-se, recuam, precipitam-se, são repelidos pelos grupos adjacentes, voltam à carga, enovelam-se, fervem em tumulto que se propaga; afinal, absorvidos pela massa ou engolidos pelo fogo, retomam o caminho do silêncio, da voragem e da morte.

Pois bem, êsse espetáculo que observamos no fruto explorado pelos insetos é a miniatura do que observariam os olhos do ente humano, se lhe fôsse dado, como nos romances de Edgar Poe ou Júlio Verne, afastar-se da Terra para ir contemplá-la da Lua ou de qualquer outro planêta.

Nestas condições ser-lhe-ia facílimo fazer uma ilustração das leis de Karl Ritter; certos episódios da história tornar-se-iam compreensíveis *au clair de lune;* as migrações seriam para êle folguedos de crianças; as vacas magras do Egito, as calamidades climatéricas da Índia, as sêcas do Ceará tornar-se-iam em seu espírito migalhas de desgraça no meio da luta dos astros e no embate das leis cósmicas.

O que pensaria o brasileiro que de tal palanque prestasse atenção à catástrofe que afligiu a região das sêcas durante os anos de 1878 a 1880?

Terrível comédia! O êxodo dos míseros sertanejos flagelados pela falta de água far-se-ia ver como uma expansão pelo vácuo da vida nos vales e nas encostas das grandes serras. Curiosíssima essa marcha em derrota crescente para a morte.

Imagine-se uma rampa a começar na serra do Araripe e a findar nas praias do Mucuripe, Camocim e Jericoacoara.

A procela foge e os tempos mudam. O sertanejo olha o céu, os dias passam, a terra ressequida combure a semente que se lhe tira. Os raios fulvos do sol flagelam os cereais e, como o inverno nos países hiperbóreos, despem as árvores das fôlhas. A vegetação suspende. Assustadas, pressentindo o mal, as aves começam a voar em direções misteriosas. Os animais mudam de hábitos e emigram para as quebradas dos serrotes. O gado definha, as aguadas se esterilizam e o criador, atento a todos os rumores, escuta o som que vai das praias.

Pressentimento ou tradição, é dali que lhe virá o *folle*.

O clarim do rebate por fim estruge no litoral.

— É preciso fugir. Pouco importam as searas não colhidas; pouco importam os regatos que choramingam; a desgraça coletiva vai desabar do céu; um oceano de fogo começa a interpor-se entre êles e as terras onde há vida e alimentação; e o próprio paraíso terreal dos cariris em poucos dias estará devastado, em sua fertilidade, pelos imigrantes das províncias circunvizinhas, que devorarão tudo como uma praga de gafanhotos.

É preciso, pois, salvar famílias e atravessar, enquanto é tempo, o Saara que a imaginação lhe apresenta.

Eis o brado que se espalha e que os ecos perversos levam de quebrada em quebrada semelhante a maldição.

E assim um povo inteiro abandona lares, cômodos, posições, porque no ar passou a notícia de que a sêca se declara e se declara oficialmente!

Então as estradas convertem-se em escoadouros da vida que foge dos sertões; os leitos dos rios secos e pulverulentos servem de caminhos aos famintos que rolam por estas calhas naturais como as águas nos tempos de invernada, deixando os poços atulhados da lama dos cadáveres e os sarçais cheios dos farrapos da carne despedaçada pela anemia e pela pústula.

Os bandos de retirantes correm flagelados mais pelo pavor do que pela penúria e, exaustos, vão caindo pelos campos ou deixando os filhos ao abandono quando não os devoram rugindo quais Ugolinos; transpõem canaviais mirrados; passam pelos porões dos açudes estorricados como sombras de esqueletos; sobem alcantis e despenham-se em busca de aguadas imagináveis; iludem a fome comendo raízes venenosas; surgem nos povoados de onde logo são repelidos como abutres; e, na carreira cega, desesperada, os que

resistem, os que por fim cansados não adormecem na areia adusta para nunca mais se levantarem, êstes chegam às cidades do litoral, são arrojados à capital, náufragos do fogo e da inenarrável desgraça.

A CAPITAL ! A capital ! Eis o sonho e desilusão !

Ela aí surge igual ao Moloque insaciável. Não tem limites a sua voracidade de cadáveres. O gólfão se apresenta a essa miseranda gente transfigurado na horrenda mágica dos tempos bíblicos. Das profundezas saem monstros de tôda espécie. Naqueles abarracamentos enormes, onde acampa o exército de precitos e aventureiros, há a dissolução da honra e do caráter. A altivez do caráter cearense não se reconhece; a família decompõe-se; todos os laços de brio desaparecem. Desaba sôbre êles quanto existe de mais sinistro na vida dos povos e na treva da humanidade.

Os dias correm ruidosos, mas ferocíssimos de dores, sacrifícios e desalentos. Os abutres da especulação invadem os albergues e absorvem tudo: vida, honra, pundonor.

A carne humana não tem preço e a honra das donzelas vende-se a 40 réis por unidade. . .

As noites são tétricas e ao mesmo tempo fantásticas. Ao baço clarão das velas de carnaúba vê-se o tripúdio da orgia. A bexiga ceifa as vidas aos milheiros. Os cadáveres alastram as ruas; estrugem os velórios. Ao lado destas misérias revivem as alegrias do *samba;* dança-se até romperem os clarões da aurora; a cachaça e o *aluá* faz esquecer aos viúvos e órfãos as saudades da felicidade perdida, mergulhando a todos na inconsciência da animalidade.

Bestializa-se a população inteira. Só o atravessador de gêneros e o especulador da fome não perde a consciência do que quer e do que pode.

Os náufragos dessa lama podem, enfim, romper o cêrco e fugir em demanda de outras terras.

Uma tristeza maior vem oprimi-los.

Corta a fímbria do horizonte o perfil negro do paquête que os conduzirá para as fazendas do sul, onde há o *vira-mundo*, ou para os seringais do Amazonas, onde cresce o regatão escoltado pelas febres e pelos carapanãs.

Feche-se o crepúsculo e com êle as esperanças de tantos infelizes, batidos pela natureza e pelos homens.

Acender o farol na ponta do promontório do Mucuripe como um círio eternamente pôsto naquele préstito fúnebre e marítimo. As jangadas que chegam do mar alto vão fechando as suas asas contidas; os pescadores retiram as rêdes pesadas do peixe, a que os famintos se atiram em desespêro, enquanto pela orla da praia desenrola-se a sucursal das rêdes dos defuntos, em busca do cemitério, ao longe, muito ao longe.

O vento ruge, êsse vento pernicioso que há séculos sopra nuvens de areia sôbre a enseada e oferece aos habitantes a oftalmia e a sapiranga.

O sol, por último, mergulha no ocidente fôsco e a garaúna solta o pio no ôlho da carnaúba.

E só a noite conduz a paz.

Eis o quadro do romance geográfico e social que eu escreveria, se tivesse fôrças para o empreender.

Dois escritores se encarregaram de desenvolver o assunto em livros amplos e sentidos. Ambos, porém, procuraram estradas bem diversas.

José do Patrocínio, nos *Retirantes*, concentrou-se na psicologia de um padre louco e apaixonado, como muitos têm existido naquele estado, e fêz desencadear-se através das páginas do livro a figura sinistra de um vigário sacrílego a perseguir o seu amor com o punhal gotejante de sangue.

O autor dos *Retirantes* deu mediocre importância ao fenômeno coletivo da retirada; e as estradas pouco ou nenhum interêsse oferecem ao leitor. Todavia, aqui, ali, sobressaem alguns idílios tépidos como sabe descrever a sua pena erótica de poeta tropical.

Rodolfo Teófilo escolheu para pretexto de *A Fome* a história de uma família de fazendeiro que emigra, atravessa misérias, resiste ao dissolvente do aborrecimento, e por fim salva a dignidade do caráter cearense numa apoteose de amor.

É fácil, entretanto, verificar que o romancista pretendeu lavrar um protesto contra as leis inelutáveis que regem acontecimentos daquela ordem.

A virtude não é uma ilusão na terra : ninguém põe em dúvida. Mas também é preciso reconhecer que, à maneira de qualquer produto da vida sublunar, a resistência do caráter não pode ser absoluta e depende de uma infinidade de circunstâncias, que constituem-lhe uma espécie de atmosfera, sem a qual a sua própria existência seria um mito. Desde as condições biológicas mais rudimentares até a alta cultura moral dos grandes centros civilizados, o escritor cearense encontraria uma escada intérmina pela qual o seu herói seria obrigado a descer impelido pela fatalidade.

Essa escada começa na fazenda de Manuel Freitas, situada no alto sertão do Ceará, e vem por meandros tétricos, através do sol, do pó, da fome, da sêde, da morte, da peste, da perseguição das feras, afundar-se no gôlfo imundo dos abarracamentos da capital, onde a êsse herói, à mulher e filha, verdadeiros esqueletos que passam, aguardam as traições dos negreiros, dos políticos e dos comissários.

Não se pode conceber uma odisséia mais completa. Manuel de Freitas, que resistira a tôdas as fôrças da natureza coligadas para

dissolver sua família, consegue ainda salvar a honra num combate de perfídias que os tratantes travam em tôrno da filha. Tudo êsse homem obstinado repele; nada consegue demovê-lo e, cercado de uma relativa abastança que os comissários lhe oferecem sob a forma da duplicata e triplicata dos célebres cartões de fornecimento, êle excrucia-se e vence imune os últimos dias da calamidade.

Tudo isso se aceitaria de bom grado se não fôsse sobrenatural. Conviria antes de tudo saber se tais resistências encontram apoio no material humano; se o louco pela fome pode discutir; se na jangada da Medusa praticou-se a caridade ou permaneceram invioladas as virtudes menos difíceis de guardar.

A utopia do livro, aliás oriunda de entranhado amor de R. Teófilo ao torrão natal e às excelências do caráter forte dos cearenses; o ideal do livro não impede que nêle se encontrem descrições de grande valor e fatos perfeitamente observados.

Por maiores defeitos que tenha uma obra, nunca deixa essa obra de ser eloqüente quando a aquece a visão do real.

Rodolfo Teófilo assistiu à maior parte das cenas que descreve, depois estudou-as como filósofo e historiador no livro *História da Sêca do Ceará*. Ninguém, portanto, estava em melhores condições para escrever êsse poema de morte e desesperações dantescas.

Infelizmente, porém, faltou-lhe na alma o clarim do gênio das grandes crises humanas.

Não lhe sirva todavia essa increpação de motivo de desânimo, porque na sua obra há muito amor à terra e à sinceridade, que é meio caminho andado.

IDÉIAS E SANDICES DO IGNARO RUBIÃO

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO.
5 FEVEREIRO 1893

"Desde que Humanitas, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em tôda a parte, existe também no cão, e êste pode, assim, receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano..."

Estas palavras de *Quincas Borba*, lançadas na obra dêsse título, constituem o eixo de tôda a filosofia excêntrica que Machado de Assis procurou desenvolver através dos personagens do seu último romance.

Quincas Borba escrevera um livro, no qual, segundo esperava, viveria eternamente. Há, todavia, nesse livro, e sem embargo da larga síntese que faz sôbre o mundo, uma grande preocupação de metempsicose. Quincas Borba não buscava associar à sua grande obra um colega humano, como o fizeram tantos filósofos da antiguidade e dos tempos modernos. Parece-me, portanto, que o romancista andou revolvendo intencionalmente os carvões da sátira, para bulir com as respeitabilíssimas manias de alguns dêstes filósofos.

Não teve Sócrates como colega, em suas conversações, a Alcibíades? Cristo não se associou a S. João? Maomé, ao Anjo Gabriel? Dante, à Beatriz? A. Comte, por último, não instituiu o culto de Clotilde de Vaux, a quem dava o título de sua eminente colega?

Que muito era que Quincas Borba se desse ao luxo de imitar aquelas sumidades de talento?

Pouco; não era nada. Como, porém, os bípedes não lhe inspiravam confiança, escolheu para sócio de sua doutrina e transmissor inconsciente das suas vesânias a um quadrúpede, o qual, de acôrdo com a respetiva verba testamentária, deveria guardar o nome do seu dono e obrigar os pósteros a pronunciar o nome do filósofo quando "gritassem" pelo cachorro.

Houve acaso filósofo que tivesse tanta finura e que fôsse tão sutil?

— Para bem entender-se o que é a morte e a vida, bastava ouvi-lo contar como morrera a sua avó.

A avó do filósofo perecera vítima de um desastre, no antigo Largo do Paço, ao sair da igreja para tomar uma cadeirinha. Esmagou-a um carro cujas bêstas dispararam; e dêsse fato insignificante nasceu tôda uma filosofia.

Soube Quincas Borba que o tal carro, ou traquitanda, como chamavam a êsse veículo ao tempo do falecimento da sobredita sua avó, disparara, porque Humanitas estava com fome, isto é, o proprietário da traquitanda, fazendo fustigar as mulas, a fim de alcançar depressa o hotel onde se lhe augurava um ótimo almôço, fôra obrigado, no concurso vital, a passar por cima dos obstáculos que se antepunham à satisfação do apetite; e a avó de Quincas Borba, porque se transformou em obstáculo a um forte e "a uma série de atos de conservação", foi derribada, espatifada e reduzida a cacos, como um pote velho, pisado a patas de cavalos.

Não parou aí, porém, o arrôjo mental de Quincas Borba.

"Humanitas é o princípio", exclamava êle. E, mostrando em como nas coisas tôdas existia "certa substância recôndita e idêntica, um princípio único e universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível", e que esta coisa era o universo e que o universo era o homem, Quincas Borba ascendia, sem querer, ao transcendentalismo da religião da humanidade.

Imediatamente, porém, o filósofo marinhava nos plainos intérminos da meditação, e, quando menos se pensava, lá ia o homem em busca de uma outra lei universal: o *struggle for life*.

A teoria de Quincas Borba acêrca das batatas, sob o ponto de vista da luta pela existência, vale bem os paradoxos de Xenófanes, de Parmênides, de Górgias, de Leontium e tantos célebres sofistas da antigüidade grega.

"Rigorosamente falando, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum".

Nada mais aceitável do que isto; tão coetânea é a doutrina com a natureza e interêsses da espécie humana.

Mas Quincas Borba não era homem para impingir a sua teoria em grosso e de surprêsa. Fazia-o por partes.

"Daí", acrescentava êle, " o caráter conservador e benéfico da guerra. Suponha-se um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire fôrças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, neste caso, é a destruição, a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, etc. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas".

Aqui temos, portanto, o filósofo de Barbacena sustentando do mesmo modo as duas filosofias do século XIX que mais se têm hostilizado.

Augusto Comte de um lado; de outro, Carlos Darwin. E êle pretendeu que se abraçassem, que se beijassem.

Verdade é que Borba, tal qual o pinta Machado de Assis, era um simples, que não conhecia, ou quase não conhecia, autores e tratados; mas tinha fundo próprio, grande *stock* de idéias, adquiridas por uma espécie de endosmose intelectual, e intuição de tôdas as teorias inventadas e por inventar.

Com um pouco mais de industrialismo e americanismo, êle teria aberto à Rua do Ouvidor uma botica filosófica, onde combinasse, dosasse e vendesse as triagas à vontade do freguês.

Outro destino, porém, pretendeu dar-lhe o autor das *Crisálidas*. Fêz de Quincas Borba um instrumento epigramático contra as duas grandes teorias do século.

Neste ponto Machado de Assis foi crudelíssimo com o pobre Rubião. Quem nos diz que êste personagem não seja o Brasil?

De um lado, temos Quincas Borba.

Machado de Assis elevou-o nas asas de uma imensa filosofia; fêz dêsse louco sublime um rival de todos os rivais.

Quincas Borba prevê o futuro. Riquíssimo de dinheiro, lega tôda a sua fortuna a um homem de espírito estreito e incapaz de compreendê-lo, um ignaro, como êle mesmo o chamava; e, não contente com isto, instituiu-o apesar de ignaro, seu herdeiro universal e executor das suas últimas vontades, debaixo da condição apenas de guardar o cachorro, cuidá-lo como se fôsse pessoa humana ou o próprio testador, enterrá-lo, em caso de morte, com tôdas as honras, exumá-lo e depositar as suas cinzas em urna apropriada, instituindo por esta guisa o culto dos cachorros mortos.

Embora contumeliosa a instituição e irrisória a condição, parece que os juízes do romance não encontraram dificuldades em manter a vontade e a extravagância de Borba; e quem perdeu com o negócio foi o ignaro Rubião, o qual, aceitando a grande fortuna do amigo e as obrigações impostas em testamento, colocou-se na posição mais extraordinária que já se afigurou a um brasileiro.

Machado de Assis não declarou no livro se Quincas Borba, instituindo essa espécie de tutela ao cachorro, o fêz levado por impulso consciente de perversidade, por ironia filosófica ou por maldade de caráter mórbido.

Tenho como certo, entretanto, que o autor da obra quis divertir-se à custa de coisas muito sérias, tais como devem ser consideradas as afecções mentais, e, para não perder todo o efeito da sua concepção, escolheu êsse cachorro e principalmente êste ignaro Rubião para cabeça-de-turco das suas cóleras de filósofo *buissonnier*.

COISAS MIÚDAS

(CARTA A PAULA NEI)

PUBLICAÇÃO EM *O ÁLBUM*, RIO DE JANEIRO, ANO I,
N.os 11 E 12, MARÇO 1893

O álbum, n. 111

Caro amigo. — Revelei-lhe uma vez que eu era um antiquário ou excêntrico, e não um literato, como a muitos parecia. Permita, todavia, que, rompendo o meu silêncio, lhe apresente o meu amigo Sr. Serapião das Mercês Gordo, rapaz esperançoso e dotado de raro talento artístico e poético, o qual só espera um pouco de animação para que se torne um dos ornamentos da nossa incipiente literatura.

Devo explicar-lhe por que o levo à sua presença.

O Sr. Mercês Gordo é um original; artista, filósofo, poeta, mas tudo isto por conta própria. Se escreve, o faz gordo de grandes idéias; se poetiza, arrasta-o o estro de trovador profundamente comovido. Traz nas suas malas uma concepção do mundo, *o seu novo testamento;* e como codicilos, uma política, uma retórica e uma arte industrial de desconhecido molde.

Já vê que não se trata de um João Ninguém.

Nada direi da parte da filosofia da obra do Sr. Serapião Gordo; o tempo se encarregará de apresentá-la.

É-me, porém, difícil resistir à tentação de dar-lhe alguns espécimes da ductilidade do talento dêsse nosso contemporâneo, no que entende com as boas e avantajadas letras.

Contemporâneo, sim... porque é novo, e, quanto a nós... *heu! Posthume, fugaces labuntur anni!* Não sei se você me compreende. Não temos fôrças mais para violentar nem a abadêssa da Musa velha, quanto mais soror Vitória.

Aqui, pois, lhe envio quatro pequenas produções literárias do Sr. Gordo, pelas quais poderá avaliar o grau da sagacidade do seu engenho altíloquo e original.

Verá que êle começa por declarar guerra a tôdas as escolas e proclamar, *urbe et orbi,* o mais feroz individualismo na arte.

Segundo sua doutrina, todo *cânone,* em poesia, ou em literatura, produz morte irremissível. A integralização social não se fará nunca, acrescenta êle, como a preconizou A. Comte, pela submissão, veneração e outras virtudes correlatas; esta missão está a cargo do *egoísmo,* pela insurreição contínua do indivíduo contra o mando, não ao modo de bôbo do Maurício Barrès (é êle quem afirma), que "não entende de tudo isto nem meia missa", mas pelo reconhecimento de baraliptoto e "guanagucha qui vi ripitodon quorum agusta chorolapsi tenque dorinava guiata pissis".

Descendo, portanto, por êsse raio lunar até a realidade da vida literária, o Sr. Serapião estabelece verdadeiros preceitos de arte, para os quais chamo não só a sua atenção, mas também a de todos quantos se interessam pelo incremento da arte do estilo.

Eis alguns dêsses preceitos:

— "Não há estilo; há estilos. O estilo não é o homem, mas os homens".

— "Assim como as plantas se classificam, os estilos se reduzem a regras".

— "Estilo imprevisto é uma asneira". (Acho um tanto forte.)

— "O verdadeiro artista tudo prevê".

— "Do mesmo modo que o pintor tem na respetiva palhêta tôdas as côres, o estilista deve ter na ponta da pena tôdas as *maneiras*". (Penso que li isto em mestre Spencer; mas vá, enfim, como uma das originalidades do Sr. Serapião.)

— "Não pode ser considerado perfeito artista senão aquêle que tem a faculdade de dar qualquer estilo por bôca".

— "É necessário aqui a ênfase hugoana; zás, — põe-se uma ênfase, meia ênfase, um quarto de ênfase. No período seguinte, torna-se indispensável um *sobreagudo* de Goucourt, fogo, — ataca-se o *sobreagudo* na primeira, segunda ou terceira dinamização. Mais adiante o movimento da idéia exige um requinte simbólico ou decadista, trás, — arruma-se um guizo, dois guizos, três guizos ou quantos bastem. E assim por diante, *usque ad... vangloriam nostram, nec erubescimus*".

Por êsse modo fácil de notar, e o amigo já o terá feito, que o Sr. Serapião Gordo, não querendo escolas, acaba criando o estilo *Caleidoscópio*.

Em todo caso, êsse estilo constitui uma nova modalidade da arte; e, adotando-o, como me demonstrou o Sr. Serapião, poderemos em um artigo de jornal, em um conto, em um folhetim, percorrer tôdas as escalas, claves e diapasões literários, conhecidos e por conhecer.

Li um trabalho seu composto por tal feitio, no qual começando o autor pelo estilo de Viasa e Confúcio, depois de um *steeple chase* através de todos os estilos intermédios, veio esborrachar as pontas da Mallat em... que imagina você que seria?... no estilo *jocotó* da literatura Guaiamu!

Isto depois de ter desmanivado Arquíloco, Píndaro, Aristófanes, Juvenal, S. Agostinho, Dante, Bocácio, Shakespeare, Gil Vicente, Camões (oh! o Camões)... Patati, patatá... e mais êste e mais aquêle, e Chateaubriand, e Musset, e Gonçalves Dias, e Castro Alves, e o Lagartixa, e o Santaninha, e o Cai-n'Água, e o Madruga, etc, etc.

De teorias, porém, passemos às obras.

Aí tem você os quatro curiosos trechos de prosa renovada, na forma prometida.

Eis os títulos dêsses trabalhos, todos muito curtos e sintéticos, de acôrdo com o preceito de Edgar Poe, isto é, que uma obra de arte não deve ser maior do que um sorvete.

— *Exangue!* — espécime de simbolismo romântico;

— *Sicut erat in principio*, — idem de decadismo religioso;

— *Moyses a tergo*, — nefelibatismo pé-de-chumbo;

— *Dou-lhe um banho de fumaça*, — conto em estilo jocotó.

Regale-se e boa noite!

Viva!

Rio, 6 de março de 1893

O licenciado
COSME VELHO.

No próximo número serão publicadas as quatro peças do Sr. Serapião Gordo.

O Album, n. 12

I

EXANGUE!

Ei-la, deposta do corpo que habitava, errante, perseguida, amortalhada nas dobras da penúria, em planície infinda derramada, sem que lhe desponte a montanha, ao longe, amiga, prometedora, lilial, de amor fremente.

Vergada ao pêso das culpas de séculos inenarráveis, a nova Psique encara o firmamento, volve os olhos ao báratro profundo e suspira a sua nunca acalmada ansiedade.

— Brama! Faquires do Invisível, auscultai ainda uma vez as palpitações dêste incessante cogitar! Acaso os elementos, as fôrças, as formas, o movimento não chegarão um dia a ceder o passo ao Sumo Tranqüilo que há tanto espero?

O Azul empalideceu; a planura oscila, ondeia e se contorce. O cálido bafejo da noite sopra sôbre a amplidão, onde apenas a luz dos olhos imateriais fuzila. Os trons dos Coéforos da Eternidade se volatilizam em tênues sinfonias, que vão, vêm, agitam o espaço, balouçam-se no éter e perdem-se no Orfeão das esferas.

A filha dos Faquires contrai-se, então, no supremo esfôrço; os áditos se abrem; as vociferações sucumbem e a combalida mensageira do Ignoto rui na treva e esvai-se no grande Nada. [1]

II

SICUT ERAT...

A Árvore teosófica e transcendental, onde o Unigênito em sua incompreendida arquiangelitude protrai a secular vitória, refloresce; e as Harpas vivas desferem as eternais hegemonias.

Dos hipogeus da história então, no despertar do sonho virtual das coisas já vividas, a Meditação ao Intérmino de transfigurados gestos ascende e santifica.

Gloria, in Excelsis, Deo! Na Terra, aos Sabedores do Divino, paz, luz, celestiais angústias!

Da sacratíssima Ferida a nova água lustral promana, do entendimento; as caçoulas da castidade renascente os Anjos tomam; suspensos os turíbulos, os Serafins azuis balouçam o incenso, suave ao calvárico sacrifício, e focalizam o eclítico clarão da Rafaelesca Saudade. Ilumina-se o Sobressalto do Amor e a sideral languidez do incomparável Agno invade deliciosamente, lourdescamente, o Coração da Orfo-cristandade. [2]

Gloria in excélsis!
In excelsis gloria!
Gloria! gloria! gloria!

III

MOYSES A TERGO.

O ôlho do proFeta imobilizava-se telanescamente rembrandtnescamente, do monte Nebo ao cume, para moRRer defronte de Jericó. O Senhor lhe aponta a Terra da Promissão, juRAda a Abraão, a Isaac e a Jacó, e, plutonizando-lhe a vonTade pentateuquina, diz-lhe: — Tu a viste com teus olhos e nÃo passarás a ela, o inventor da sarça ardente.

Aquela nota rubra, posta sôbre o cume da montanha, de hoMem fulmine-chifrudo, numa pose de bronze sonhado, profético, arquiescultural, prefaciando o intRóibo da futurosa terra de Judá; aquela nota espectral cresce, avoluma-se, retrai-se, e desmancha-se: e Moisés morre por manDado do Senhor.

E como o sOl se apaga, entardecendo, polvilhado de morcegos, assim o grande pirotÉCnico do Sinai, enxameado da curiosidade de Israel, volve o dorso miguelangesco aos pósTEros e... [3]

SERAPIÃO GORDO

NOTAS INDISPENSÁVEIS

[1] Entenderam ? Não; nem o Sr. Serapião, que o escreveu.

[2] Que diabo de Unigênito é êste ? Harpas humanas, Árvore teosófica, Hipogeu da História, Sacratíssima Ferida : não era melhor conservar a estas coisas os nomes próprios que lhes deram aquêles que tinham o direito de fazê-lo ? Olhe, Sr. Serapião; prefiro o *santo lenho, o sagrado coração de Jesus, as três Marias ao pé da cruz*, a tôdas estas placas novas que me apresentam decadistas. Digo-lhe mais : nada me convence de que essa prosa torturada valha metade de uns versos como êstes :

— "Meu menino está chorando;
S. José, que hei-de fazer ?
— "Mande fazer as papinhas
Para ver se quer comer.

— "Uma abane o fogareiro,
Outra lave a panelinha.
Uma vá bater os ovos,
Enquanto eu cesso a farinha.

"Senhora, aqui tem a papa,
Mas parece será pouca.
Se êle, porém, não quiser,
Meta-lhe o peito na boca".

— "Meu menino está chorando:
Êle não chora de dor,
Veio seu pai putativo
E logo o acalentou.

S. José, que moda é esta ?
Largue o prato e a colher.
Homem não vai na cozinha
Onde há tanta mulher".

[3] Composição forte. Nefelibatismo português. Quem incha êsse estilo, entretanto, é ainda o sôpro do poeta Guerra Junqueiro. O Sr. Serapião introduziu uma novidade nessa escritura: — a letra maiúscula no centro do substantivo ou do epíteto chamado de refôrço. Os vocábulos, nestas condições, tornam-se mais peripatéticos, atraem a vista com mais intensidade e governam melhor o período sensacional. Exercem uma espécie de ditadura lexicológica, em perfeita concordância com as idéias do cânone positivo. E já que falei neste assunto, devo aqui declarar aos meus amigos que o supracitado Sr. Serapião conspira no intuito de fazer pròximamente uma preleção pública sôbre a sintaxe encarada em suas aplicações à política. Vi as notas que o talentoso moço pretende desenvolver no seu trabalho, e posso afirmar que a parte concernente à crase e à elipse, figuras de sintaxe muito usadas pelos governos, é um primor de análise e de arrôjo filosófico.

Março, 1893

O licenciado
COSME VELHO *

---

* Das quatro peças prometidas, só aparecem três.

O ROMANCE BRASILEIRO

A NORMALISTA — CENAS DO CEARÁ

POR ADOLFO CAMINHA. — 1893

PUBLICAÇÃO EM A *SEMANA*, ANO V, TOMO IV N.º 23, RIO DE JANEIRO, 6 JANEIRO 1894, PP. 178-179, E ANO V, TOMO V, N.º 24, 13 JANEIRO 1894, P. 186.

I

A Semana, 6-1-1894

Em tôdas as capitais provincianas existe uma sociedade meã, privada de dinheiro, mal-educada, ordinária pela origem, relaxada pela educação, que invade os interstícios deixados em aberto pela população morigerada. Essa gente, que, apesar da falta de recursos, figura e entra em competência com os mais abastados do lugar, é precisamente a que sai ao encontro do observador superficial e se impõe aos visitantes da cidade como tipo da civilização indígena. O grupo, assim organizado para surpreender a admiração dos incautos, compõe-se de arribados de outras províncias, de desclassificados na vida comercial do lugar, de empregados públicos gastos no instrumentalismo político e dos resíduos de todos os temperamentos ruidosos, atraídos pelo movimento do centro provinciano às sombrias aspirações da grandeza e do luxo. Sífilis moral era o nome que, com mais propriedade, se deveria dar a tal congresso de ruindades, se, com efeito, os elementos nêle agregados não denunciassem tendências progressivas e audácias dignas de melhor direção. Infelizmente, a atividade, pelo menos cerebral, que, sem contestação, se nota no aludido agrupamento, tem aplicações imediatas só para o mal, que, com os seus arrojos e adiantamentos, trazem a perversão e o infeccionamento precoce das famílias menos acauteladas.

O fenômeno não é raro, e mais de um sociologista tem observado as suas devastações em povos incipientes. Febre de progresso, chamam uns, filoneísmo, denominam outros; em todo caso, trata-se de um estado doentio, produzido pelo desequilíbrio entre a ilustração e a capacidade de indivíduos indisciplinados e por isso mesmo prontos para tôdas as aventuras. Vítimas de verdadeira intoxicação intelectual, mestiços pela maior parte, ingurgitados de uma civilização que ainda pouco compreendem, êles começam pela ausência de escrúpulos e terminam pelo completo naufrágio do sentimento moral.

No Ceará, essa espécie de "babismo", como bem o diria Lombroso, tem-se tornado característica após as periódicas calamidades climatéricas, corporizando-se em mania expedicionária, cujo alvo principal é o extremo norte do Brasil. Embora tangidos pela fome,

pelas agruras dos sertões de sua terra, raros são os retirantes que se não supõem conquistadores dos seringais, civilizadores dos rios desertos e destinados a purgar as regiões inóspitas do Alto Amazonas dos regatões portuguêses e dos especuladores flibusteiros peruanos. Durante os tempos de tranqüilidade e paz, êsse gênio inovador traduz-se pela aceitação dos costumes os mais livres e pela introdução de tudo quanto é bizarro na vida cidadã, sem que busquem guardar as devidas proporções nem a modéstia dos povos conservadores.

No meio desta movimentação irritada, é fácil compreender quanto a família não deve sofrer no seu sossêgo e na sua dignidade.

Nas grandes cidades, nos empórios comerciais como o Rio de Janeiro, está visto que o relaxamento dos laços domésticos fàcilmente encontra escoadouro nos Politeamas e nas casas de pensão equívocas. A depravação não permanece por muito tempo desclassificada, e o lar, com pouco esfôrço, desinfeta-se. Em cidades pobres, porém, onde a prostituição não existe sistematizada, e, portanto, não dispõe de latíbulos doirados nem de "paraísos" discretos ou biombos tolerantes, que possam abrigar aspirações voluptuosas, sucede que as irregularidades de costumes, sentindo-se encurraladas pela execração pública, conservam-se por mais tempo no interior das casas de família, guardando uma atitude correta entre as mais honestas. Pode-se afirmar que, na maior parte dos casos, tais indignidades, não encontrando modo de vicejar e expandir-se, por falta de um ambiente apropriado, acabam por uma reabsorção igual à que se nota nos tumores abortados.

Parece que uma intoxicação dessa natureza operou-se no Ceará, depois da última sêca, e agravou-se consideràvelmente com algumas inovações introduzidas na capital daquela ex-província pelo presidente de então, moço de inegável talento, de aptidões raras para a administração, dotado de imaginação febril, acostumado à vida fantástica dos bulevares de Paris e ainda ávido de sensações fortes. Essa intoxicação ou desequilíbrio seria, com mais probabilidade, produzida pela irritação do "babismo" aludido, porventura adormecido na rotina da época anterior; e que, naquele período, acendeu-se em apetites gargantuescos de um luxo impossível, de uma vida "high-lifeana" sem base e de um *flirt* avêsso ao matutismo ainda não desbastado dos indígenas. É precisamente esta situação histórica da vida cearense que o Sr. Adolfo Caminha surpreende como fino observador e transporta para o livro, formando com ela a *mise en scène* do seu romance.

II

O entrecho da obra é simples e nada tem de original, versando, como versa, sôbre um abuso de confiança que tem servido de assunto a mais de um romance. Todavia, o modo pelo qual se efetua êsse abuso de confiança sai fora da vulgaridade, e os meios observados pelo romancista não parecem destituídos de eloqüência.

Padrinhos como João da Mata, que seduzem afilhadas abusando da intimidade doméstica e da ascendência tutelar, têm existido muitos; mas o que não é encontrado a cada passo é o sedutor caviloso de aldeia, que, espreitando a influência do meio pervertido em que propositalmente introduz a sua vítima, precipita-se sôbre esta no momento crítico da sua passagem do estado de casta para o de loureira, ao mesmo tempo que a admoesta e favorece a intercorrência de uma paixão ideal de moça romântica.

Neste ponto, o Sr. Adolfo Caminha pode se lisonjear de ter conduzido os personagens principais do seu romance com máxima felicidade.

Por mais repugnante que seja a prostituição de Maria do Carmo, menina ingênua e desamparada, e a sua imprevista capitulação diante de um homem sórdido, que ela detesta e repele, é irrecusável que a naturalidade do fato justifica-se cabalmente, não só pela composição do ambiente que a cerca, mas também pela entontecedora e súbita invasão de costumes livres, capazes de anarquizar os cérebros mais seguros, quanto mais a cabeça de uma criança desfibrada pelo contato de pessoas desbriadas e destituídas dos mais rudimentares estímulos morais.

João da Mata apresenta-se um pulha, incapaz do mais insignificante ato de audácia, suíno no corpo e no espírito, indefeso contra as próprias asnidades. Entretanto, quando menos espera, encontra-o o leitor, transposto o Rubicão dos escrúpulos paternos, triunfante, apesar de tratar-se de uma rapariga que está apaixonada por outro, com quem anseia casar-se. Tudo isto, porém, desfaz-se sem grandes lutas, quase, por assim dizer, de um modo material; e são as circunstâncias, as putrefações adjacentes ao meio que se encarregam do desenlace fatal.

Maria do Carmo vai passear uma tarde à Avenida Caio Prado, em companhia de uma colega normalista, e aí encontra-se com o redator da *Província,* que não perde por falta de audácia, e com o estudante Zuza, que a requesta com tôda a delicadeza de estudante inteligente. A avenida está repleta de povo, e a banda de música "dá começo a um tango, repinicado, saltitante e carnavalesco". O prestígio das multidões apodera-se da pobre moça, que,

perdendo logo a noção da dignidade doméstica, deixa-se deslumbrar pelo ruído festivo da sociedade; aceita o braço que o namorado lhe oferece e não tarda achar-se, como qualquer *cocotte*, junto a uma mesa de botequim, a tomar cerveja e a ouvir comentários *fin de siècle*. Os efeitos dessa audaciosa excursão no mundo desconhecido da roda sem escrúpulos limitam-se, entretanto, enquanto a imprevidente moça conserva-se no jardim, ao furto de um beijo, arrebatado numa passagem mais escura da avenida. Ao entrar em casa, porém, a situação da pobre normalista assume um caráter gravíssimo. Não é impunemente que uma menina bebe cerveja em companhia de rapazes num lugar público. Maria do Carmo penetra no lar doméstico "ofegante, esfalfada, com a cabeça a arder, muito corada e alegre, o olhar cheio de meiguice, transfigurada pelos efeitos da cerveja, rindo por dá cá aquela palha". João da Mata, que espreita a ocasião, à espera da "maré do carvoeiro", não deixa passar a vaza, e, embora naquele instante não se prevaleça da embriaguez da afilhada, aproveita o momento da inconsciência para, desculpando-lhe a falta, preparar terreno ao futuro triunfo. Nesta noite fatal, Maria do Carmo sente uma mão de homem afagar-lhe pela primeira vez o seio, e, completamente transtornada, como estudante que volta da sua primeira orgia, mergulhada nesse intermúndio fantástico da inconsciência, que é a antecâmara do vício, atira-se "pesadamente na rêde, vestida como estava, sem ao menos lembrar-se de soltar os cabelos", adormece e é assaltada por pesadelos indecentes.

> Suava em bicas, muito pálida, diz o livro, como se acabasse de sair de um forno. Só então reparou, muito admirada, que estava com a mesma roupa com que fôra ao Passeio Público. Riscou um fósforo com a mão trêmula, acendeu a velinha de carnaúba e começou a despir-se depressa.
>
> Lá fora, na rua, passava uma serenata. Uma voz de homem cantava uma modinha conhecida, acompanhada de violão e flauta:
>
> *Não cho...res, querida Elvira...*
>
> Maria sentia-se doente, com um sabor desagradável na bôca e uma dor forte nas têmporas. Vinha-lhe uma vontade de vomitar, de deitar fora a cerveja que bebera; sentia um mal-estar geral em todo o corpo, como se estivesse para cair gravemente doente.
>
> Que seria, Deus do Céu ? Aproximou a vela do espelho, um velho traste com o aço muito estragado, e achou-se muito abatida, os olhos fundos, uma crosta esbranquiçada na língua. Nunca mais havia de tomar a tal cerveja, uma bebida selvagem, sem gôsto, repugnante como um vomitório. Só tomara naquela noite por causa do Zuza, porque ouvira dizer que "era moda nas grandes cidades", na Côrte e no Recife, as senhoras tomarem cerveja. Mas noutra não caía...
>
> Quis chamar a Mariana para lhe fazer um chàzinho de laranja, mas era muito tarde, podiam desconfiar, e depois, o padrinho agora dormia na sala de jantar...

Não, não, era melhor não incomodar a ninguém! aquilo havia de passar, se Deus permitisse.

Tinha até se esquecido de rezar... Ajoelhou-se, mesmo em camisa, diante da oleografia que representava o Cristo abrindo o coração à humanidade, balbuciou uma oração, persignou-se, e, mais aliviada, mais fresca, adormeceu novamente, pensando no estudante.

Êsse amor pelo estudante, não obstante, deixa de exercer fôrça no coração da donzela, premunindo-a das más companhias, das imitações civilizadas e dos péssimos caminhos por onde lhe parece mais fàcilmente poderá chegar ao casamento.

O sórdido e crapuloso batrácio ali está, próximo dela, no compartimento imediato, sugestionando-lhe o passo voluptuoso. O homem que lhe surpreendera o hábito alcoolizado e a humilhara, atufando-a nessa suprema desmoralização; que a desbriara, tolerando tôdas as suas imprudências e quase estabelecendo um *modus vivendi* de contatos lúbricos, a todo o instante e a cada canto, só tinha que dar um salto e cair sôbre a prêsa estarrecida.

É o que, por fim, sucede. A sedução verifica-se nas condições psíquicas as mais propícias para um semelhante atentado. João da Mata contrariava sistemàticamente o casamento da tutelada, enlace que, aliás, se afigurava à rapariga como um dom do céu, graças à posição social e à família do namorado. Pois bem, o repelente sedutor surpreende-a mal acordada e, no escuro, despertando-lhe curiosidades indizíveis, quase em estado hipnótico, entre terrores, anseios, excitações genésicas e promessas de um noivado próximo, consuma o sacrilégio nefando.

O novel escritor, como se vê, escolheu o pincel naturalista. Da palhêta saem-lhe tintas gritadoras, de um realismo muitas vêzes obsceno; e a linguagem de alguns dos personagens excede as raias do que, de ordinário, se permite em livros.

Diante das atuais tendências místicas da literatura, é bem natural que o Sr. Caminha encontre uma crítica prevenida a insurgir-se contra as páginas do livro, as quais, por isso mesmo, há bem poucos dias seriam lidas, relidas e aplaudidas como espécimes da mais apurada poesia.

Mas, a mim, pouco interessa que a obra tenha as características desta ou daquela escola, desde que essa obra revela talento e as mais pronunciadas disposições para o gênero literário de que se trata.

A Semana, 13-1-1894

III

Não é romancista quem quer sê-lo; nem basta o uso de certos processos para que se consiga compor uma história ou narrar um episódio da vida de todos os dias de modo a causar soçôbro.

É preciso, antes de tudo, ter imaginação, aliada a um grande poder de observação; é preciso mais, que o escritor possa meditar o desenvolvimento lógico dos caracteres e traduzi-los ou sugeri-los no espírito do leitor pela intensidade da expressão, que, segundo diz E. Véron, constitui o suporte de tôda a arte moderna. Sem estas qualidades, pertença o escritor à escola que pertencer, nunca passará de insulso relacionador de acontecimentos.

O romance, para merecer êsse nome, exige que, em suas páginas, se imprima uma profunda sensação da vida e da verdade; e é precisamente por isto que, ao passo que as escolas desaparecem, os bons romances rejuvenescem, desafiando a influência do tempo e o embate das opiniões dos esteticistas; é por essa razão também que, hoje, lemos com o mais vivo interêsse o *Tom Jones*, de Fielding, os livros de Jane Austen, o *David Copperfield*, de Dickens, o *Ontário*, de Cooper. Embora oriundos de épocas e fases literárias diversas e de temperamentos antagônicos, êstes romances guardam entre si um parentesco, que é o que resulta da pintura sincera da verdade e do sentimento da continuidade da vida humana. É ainda devido a essas qualidades que os romances de Tolstoi e Dostoyevski invadiram o gôsto francês e que as obras de Ibsen e Björnstjerne Björnson, aliás pela maior parte escrita há bons vinte anos, estão, no momento atual, excitando os apetites poéticos da juventude parisiense, apesar de tôdas as pretensões dos novos cenáculos literários.

Ora, o autor d'*A Normalista*, se não é um mestre consumado na arte de narrar e descrever caracteres, apresenta, pelo menos, no seu primeiro livro, uma fôrça de execução notável, que poderá ser aproveitada na escola que o romancista quiser seguir.

A grande questão é que o escritor cearense tem a sensação forte e maneja com facilidade a máquina do livro. Hoje vemo-lo acompanhar, como bom discípulo, a Emílio Zola ou ao próprio Aluísio Azevedo; nada obsta que amanhã, se o temperamento não o contrariar, enverede pelos estudos psicológicos de Bourget, pela fantasia erudita e impressionista de Huysmans ou pelo ocultismo das etopéias de Joséphin Peladan.

Uma circunstância, porém, não escapará ao leitor d'*A Normalista;* é o efeito resultante do conjunto dos aspectos exteriores que constituem a *mise en scène* do livro.

Só quem conhece a arte pràticamente pode avaliar o valor dêsses elementos exteriores aos personagens do romance. Há, talvez, quem suponha que, para que um caráter se fixe na imaginação do leitor, violentando-lhe a atenção, basta descrevê-lo ou passá-lo por diante dos olhos; e assim pensando, naturalmente recorda-se da simplicidade, antes, da singeleza de Paulo e Virgínia, de Hermann e Dorotéia, de Graziela e o poeta e de outras figuras literárias, que parecem feitas a dois traços e a duas tintas. Pois bem, nada de mais complexo, na sua aparente singeleza, do que êsses quadros de amôres primitivos.

É fora de dúvida que as telas não estão sobrecarregadas de incidentes; mas não é menos certo que os autores dessas obras nada perderam do ambiente que pudesse concorrer para dar realce aos vultos simpáticos daqueles amorosos.

O idílio de Bernardin de Saint-Pierre não seria o que é se o não envolvessem a vida e a paisagem tropical da Ilha de França. A inocente história de Goethe não teria, para nós, o mesmo sabor se não surgisse, em tôrno das duas despretensiosas criaturas, a patriarcal aldeia alemã. Os amôres de Paulo, tão sentidamente descritos por Lamartine, não achariam em nossa alma o mesmo eco doce e melancólico, se o poeta não fizesse ouvir o marulho das ondas do gôlfo de Ísquia e o canto longínquo de pescadores.

Todo o grande segrêdo da narração reside, portanto, na habilidade com a qual o narrador consegue ligar os seus personagens ao meio em que êstes se agitam, colorindo o diálogo e dando intensidade às figuras pelo jôgo da perspectiva.

Não escasseia êsse dom no autor d'*A Normalista.* Se empreendesse analisar com o microscópio um por um dos caracteres, é bem possível que encontrasse grandes hiatos na sua desenvolução lógica, e até contradições, sob o ponto de vista do determinismo. Mas êstes defeitos são perfeitamente resgatados pela adaptação dos personagens ao meio e pelo movimento do ambiente.

Enquanto se lêem aquelas páginas, vive-se um pouco no Ceará. Os acidentes físicos estão todos nos seus lugares. As ruas principais da cidade, o Passeio Público, o Trilho, o Pajeú, o Mucuripe surgem aqui, ali, além, sugestivos e pitorescos. Os aspectos particulares dos costumes cearenses confundem-se a todo instante com a ação do romance. A visita do presidente Dr. Castro à Escola Normal, o exame das normalistas, o *flirt,* à tarde, na Avenida Caio Prado, o casamento de Lídia, o gabinete de redação da *Província,*

as cenas de um café provinciano; os *hors d'oeuvre,* enfim do livro ilusionam [o leitor] e completam por tal modo o movimento do romance, que quase o absorvem.

O Sr. Adolfo Caminha não é um preocupado de estilo. A sua narração corre ao natural, sem atavios, mas também muito descuidada.

Para os tempos que fluem, isto é um crime imperdoável. Os faquires da fraseologia, pelo menos, não o deixarão passar sem atirar-lhe uma pedrada. Nem todos, porém, nascem com o temperamento exigente de um Flaubert ou de um Goncourt. O próprio Emílio Zola nunca se preocupou senão com o vigor da expressão, desprezando tudo quanto pudesse interessar à sutileza e aos detalhes do pensamento.

Todavia, seria para desejar que o estreante evitasse, de futuro, tal increpação. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

O estilo não é um fim, mas um meio; e convém que êsse meio não se converta em veículo de falsas sensações.

DOUTRINA CONTRA DOUTRINA

(1.ª SÉRIE)

PELO DR. SÍLVIO ROMERO

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, ANO V, TOMO V, N.º 39, RIO DE JANEIRO, 28 ABRIL 1894, PP. 307-308. (FORAM FEITAS DIVERSAS CORREÇÕES NO TEXTO BASEADAS EM TRANSCRIÇÃO DO TRABALHO NO ESTUDO INTITULADO "SILVIO ROMERO POLEMISTA", PUBLICADO NA *REVISTA BRASILEIRA*, RIO DE JANEIRO, 1898-99.)

Livro concebido e executado em ódio a uma escola, a *Doutrina Contra Doutrina,* do Dr. Sílvio Romero, traduz o temperamento do autor com muito mais fidelidade do que todos os livros até hoje por êle dados à estampa.

O Dr. Sílvio Romero entende que o positivismo é um artifício da demonologia filosófica moderna; e, convencido de que a humanidade, especialmente o povo brasileiro, só tem que perder com a sua vitória, enchendo-se de furor sagrado contra os propagandistas daquela escola, agride-os com uma violência bem comparável à do autor do *De tribus impostoribus.*

O livro terá defeitos; mas não se lhe pode negar calor e eloqüência.

A obra é extensa e promete desenvolver-se em sucessivos volumes, nos quais o crítico atacará a construção de Comte em todos os seus redutos.

O instrumento de que se serve, a espada com que pretende cortar os nós górdios do humanitismo é forjada e afiada nas oficinas do mestre Spencer. Ao positivismo opõe êle o evolucionismo, para mostrar a inanidade da doutrina, não só nas suas aplicações, isto é, na política e na moral prática, mas também nos seus fundamentos lógicos. Tarefa árdua, apesar dos trabalhos de Stuart Mill, Littré e Huxley, não hesitou o crítico empreendê-la; e começa analisando nesse primeiro livro, em três longos capítulos, a razão fundamental do positivismo, a classificação das ciências e a lei dos três estados. A êstes capítulos deverão seguir-se outros sôbre as três filosofias de Comte, sôbre a política, a religião e a ação pessoal do mestre e de Clotilde de Vaux. Finalmente, a obra será encerrada com a história e a crítica do positivismo no Brasil, sob o ponto de vista de sua influência no regime republicano.

Pela rápida leitura que fiz dessa primeira parte do trabalho do ilustrado professor de sociologia do Ginásio Nacional, convenci-me de que, na tentativa de demolição do positivismo, entra, talvez, um têrço do espírito filosófico do autor, ficando os dois restantes para o do panfletista e do agitador.

O spencerismo, coando através dêsse prisma, perdeu muito da sua clássica serenidade.

Não é, porém, ocasião, e não o poderia fazer aqui, de estudar o livro do Dr. Sílvio. Aguardarei, portanto, a publicação completa

da sua obra para a apreciar no seu conjunto. Todavia, dando notícia da aparição do livro, não posso resistir à tentação de chamar a curiosidade dos leitores da *Semana* para o prólogo, vibrante de cóleras azuis, no qual o autor define os partidos políticos, ou, antes, as correntes de idéias que se têm formado no Brasil, graças ao advento da República. Êstes grupos são :

a) Sebastianistas, a que o Dr. Sílvio dá o nome de "neocaramurus", "em recordação ao partido restaurador da época regencial, dirigido pelos Andradas, e que constitui, na história, mácula inapagável do nome dêsses bons patriotas".

Os tipos característicos dêsse agrupamento encontram-se nos Srs. Joaquim Nabuco, Carlos de Laet e Escragnolle Taunay.

Trabalha em suas entranhas a oposição do sangue azul, pelo menos a preocupação das idéias azuis, contra a mestiçagem, senão também contra as idéias "mulatas", que são, aqui, sinônimas de democráticas. Restaurar, neste caso, importa o mesmo que restituir o Brasil ao Cassino (antigo), aos petropolitanos e ao rothschildismo...

b) Os socialistas. Uma zombaria, não precisa dizer de quem...

Reivindicações, em um país onde tudo se entrega a quem vem chegando, só podem entrar na cabeça, diz o Dr. Sílvio, de pobres de espírito ou de "pobres por inércia". Embalde se procurará, nos socialistas brasileiros, uma justificativa dessa triste macaqueação do que, na Europa, noticiam os jornais.

Nenhum dêles fêz ainda estudos análogos aos de Carlos Marx, de Engels, de Bebel e Liebknecht, demonstrando a existência do mamonismo, se é que existe, no Brasil, por meio de trabalhos demográficos e estatísticos; e o seu papel, portanto, reduz-se a uma *pose* ridiculamente teatral.

c) Os jacobinos. "Resto de doutrinarismo romântico revolucionário", sem valor prático, "tomado aos grossos armazéns de 89 e 48". "Históricos e irredutíveis", de todos os sectários, são os mais "estreitos", porque são os mais ignorantes. Iguais aos judeus-cristãos do tempo em que S. Paulo pregava a boa nova em Antioquia, os jacobinos não admitem republicanos prepuciados ou incircuncisos. O autor do livro esqueceu-se, entretanto, da psicologia que da espécie fêz Hipólito Taine, na sua *Revolução*.

d) Os militaristas. "Em rigor, não existe, entre nós, um partido dessa natureza, porquanto chama-se um partido, em política, a um certo complexo de idéias, um determinado programa, defendido por um grupo maior ou menor de cidadãos". O Dr. Sílvio pensa que

êsse partido confunde-se com intervenção militar e que os militares políticos têm sido, em regra, mais vítimas das suas pretensões, nas mãos dos civis, do que chefes de opinião.

e) Os positivistas, finalmente. "Casa de maribondos", assim os denomina. Distribuindo-os entre ortodoxos e meramente simpáticos à doutrina, o Dr. Sílvio alcunha-os de "neojesuítas". Reputa-os sòmente aptos para organizarem a China do Ocidente e atribui tudo quanto êles têm feito, até hoje, no Brasil, à mais dissimulada hipocrisia.

Na sua opinião, nenhum dos cinco agrupamentos é tão perigoso como êste, principalmente porque os seus fautores são os mais obstinados e dispõem, para iludir os inespertos, de uma grande máquina filosófica, e, para esmagar as consciências, de uma religião calcada sôbre o catolicismo e de um sacerdócio feroz, cujo lema político é — *Guerra à imoral democracia.*

Declara o Dr. Sílvio que a nação nada tem de comum com êsses cinco bandos, que entre si disputam a posse e a direção mental e material do povo brasileiro; e acrescenta que todos êles marcham maquinalmente para a ditadura, aceitando, sem o saber, a ascendência do positivismo, cuja doblez singulariza-se na combinação original que fazem da ordem com o progresso.

> Possuidores de duas caras, os positivistas, quando se volvem contra os elementos conservadores das nações modernas, mostram a figura truculenta de Danton; quando se viram contra a democracia, apresentam a carranca de Maistre.

E não contentes com isso, nas Bases de uma Constituição Política Ditatorial Federativa, que formularam por ocasião de se reunir a Constituinte, ameaçam o país com a fusão dos partidos militantes em dois : ditatoriais e democratas.

Contra esta pretensão, o Dr. Sílvio concita rigorosamente os republicanos. O Brasil não deve continuar "a ser *anima vilis* de experiências extravagantes"; e, no seu conceito, a democracia correrá grande perigo, se os brasileiros não tomarem os exemplos na Suíça e na América do Norte, para o fim de "manter ileso o culto da liberdade e a expansão normal de tôdas as atividades".

Não pude verificar até onde chega a exatidão dos receios manifestados pelo autor da obra, quanto à sinceridade do trabalho e ao advento da doutrina ditatorial do grupo positivista. Acredito, mesmo, que a atual igreja militante luta, em profunda desinteligência, com o meio a que se dirige, o qual está muito longe de oferecer o flanco aos proselitistas, como outrora os Sírios ofereceram à pregação

de São Paulo, antecipando a conquista da cidade eterna. Para que, de militante, passasse essa igreja a triunfante, seria necessária uma conversão miraculosa, que nem os antecedentes brasileiros, nem as simpatias dos militares novos, conseguiram veicular no terreno prático da política.

Fundado na renúncia de si mesmo, o positivismo político e religioso, produzindo a tristeza, gerando o pessimismo deprimente, é, pelo menos na atualidade, doutrina muito pouco viável no Brasil, principalmente porque o socialismo, seja qual fôr a forma que tome, está condenado a vegetar, na América, ao menos por êstes cem anos.

É inegável, porém, que o sistemático horror que a escola vota às instituições dinásticas tem constituído, até hoje, um auxílio ao lançamento da idéia de uma república nacionalista.

HISTÓRIA CONSTITUCIONAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

PELO DR. FELISBELO FREIRE

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, ANO V, TOMO V, RIO DE JANEIRO, N.os 41, 43, 45, 49, 50, 51, DE 12, 26 MAIO, 9 JUNHO, 7, 14, 21 JULHO 1894.

A Semana, 12-5-1894

Conhecido o critério de um escritor, pode-se, antecipadamente, prevenir o público das linhas gerais de qualquer livro que por êle seja anunciado.

Esta é a regra; e, em crítica, entende-se que êsse fato constitui uma das fontes de influências mesológicas mais poderosas: — a educação filosófica do autor, — a escola. Como, porém, não há regra absoluta, sucede que tais influências são tanto mais fracas quanto se mostra forte a individualidade do escritor. Ainda se observa que essa individualidade se apresenta tanto mais independente quanto o sistema a que se houver filiado fôr liberal ou tolerante.

Se o Dr. Felisbelo Freire pertencesse à escola positivista, a crítica de sua obra seria uma redundância; bastaria cotejar o livro, capítulo por capítulo, com os programas de Augusto Comte. Lá encontraríamos tudo previsto; e o cuidado do crítico cingir-se-ia à verificação de erros cometidos contra êsses mesmos programas, que principiam por considerar a função da crítica independente como um dos maiores elementos de dissolução da sociedade (para não dizer da doutrina). Felizmente, porém, para a "bisbilhotice" dos críticos, o autor da *História da República* não pertence ao positivismo; a sua orientação é liberal e produziu-se na escola evolucionista, que não é dogmática, oferece nuanças e permite ao espírito certas franquias justamente odiosas ao processo pedagógico do notável filósofo francês.

Se me fôsse lícito uma comparação, eu acrescentaria que a escola a que se filiou o Dr. Felisbelo está para a oposta na mesma razão que o *break* de um carro descendente está para os *rails* de uma estrada de ferro. O primeiro não embaraça desvios e digressões, mas evita o precipício; ao passo que os últimos impõem uma linha de progressão invariável e um têrmo fatal.

Acompanhemos, pois, o autor do livro na sua exploração de engenharia social; e, atravessando as picadas novamente abertas na vida republicana, não nos descuidemos do *break* e tenhamos o sentido sempre firme no caminho acidentado que percorre o trole do explorador.

I

O método adotado pelo Dr. Felisbelo para a composição da sua obra parece ter sido o de Taine, com pequenas modificações.

O autor desprezou a descrição, que repugna inteiramente aos seus hábitos mentais. Mais filósofo do que poeta, preferiu provar a sugerir; de sorte que se iludirá completamente quem abrir o livro na esperança de achar quadros pitorescos, nos quais se possa ver a sociedade em marcha: — os homens, cada um com o seu caráter, em movimento, à cata de ideais, da realização de programas, uns, tratando dos próprios interêsses, outros, intrigando, preparando *guet-apens*, até às idéias, os dotados de instintos destruidores; os partidos se digladiando; as religiões e seitas acumulando fôrças; os clubes conspirando; e, finalmente, a massa amorfa, sem caráter, bestializada, hoje, alucinada, amanhã, a consultar os seus amuletos e a exigir, em revolta, nos momentos críticos, um messias ou um carrasco.

Nada disto se encontra nas páginas escritas pelo ilustre sergipano. Não o seduziram as glórias de Michelet, de Carlyle, de Landor; a sua educação de pesquisador e os seus hábitos de analista o inclinaram para outros mestres; e aquêle que mais serviu aos seus intuitos foi o autor das *Origens da França Contemporânea*.

Assim, pois, começa êle classificando os acontecimentos por categorias, por assuntos, como se diz vulgarmente; e, na impossibilidade de desemaranhar os fatos da complicação crescente em que vai a vida nacional, e de construir uma síntese completa, é encontrado entregue ao ímprobo trabalho de classificar os fatos sob cada aspecto em que lògicamente se lhe tenha apresentado o movimento da vida pública no Brasil.

É a êsses aspectos que Spencer chama dados da sociologia e que Augusto Comte inclui na parte estática da ciência.

O Dr. Felisbelo Freire, portanto, pelo menos no volume que tenho debaixo dos olhos, emprega todo o seu esfôrço na discriminação de tais elementos, no seu encadeamento lógico, tanto no tempo como no espaço; mas propositalmente se abstém de sínteses absolutas ou de exposições figurativas.

Parece-me, outrossim, que o escritor não perdeu de vista o eixo que forçosamente devia prender o seu espírito.

Nos capítulos que se referem à propaganda republicana, êle procurou condicionar tudo quanto se pode relacionar com a dinâmica social.

Assim, pois, neste primeiro volume, temos as funções somáticas ou automáticas do organismo nacional estudadas isoladamente,

como pedia o processo analítico, e, por sua vez, as indiretas, psiquicas ou conscientes, indicadas e documentadas tanto quanto permite o estado atual dos estudos históricos no Brasil.

Todavia, ao chegar ao momento histórico no qual o partido republicano pôde, livre das fatalidades, irradiar e compor-se em nação, havia um lugar para um capítulo em que o autor, de um modo sintético, apresentasse, em séries, a contar de 1789, o *consensus* democrático.

As correlações de ordem democrática, que se estabeleceram entre aquelas funções em etapas diversas da nossa história, encontram-se dispersas pelos capítulos do livro; e ao leitor inteligente não escaparão um só instante, porque elas constituem, incontestàvelmente, a alma da obra. Mas, por amor à perfeição e obediência à própria índole do trabalho, o Dr. Felisbelo deveria tê-las reunido em repartição distinta e imediatamente antes de narrar o desastre da realeza a 15 de novembro.

O plano e as teses do livro são, pois, de primeira ordem e revelam a superioridade de vistas do autor, que, antes de tudo, revela duas feições características do historiador filósofo: paciência e serenidade.

Terminando aqui êste lance de olhos sôbre o que se pode chamar a compostura estética do 1.º volume da *História da República*, ser-me-á lícito perguntar se êsse volume não comportaria ainda um desdobramento, que, aliás, pode ser executado pelo autor, e que seria uma espécie de "prova dos noves fora" da apuração já feita.

Êsse desdobramento consistiria nas respostas às seguintes interrogações:

Por que não veio a República mais cedo?

Qual a razão por que, dados os fatôres conhecidos e a pacificação dos caracteres, não tiveram os hábitos fôrça suficiente para manter o Império?

II

A Semana, 26-5-1894

No primeiro capítulo do livro I da *História da República*, o Dr. Felisbelo Freire faz a proposta da questão e traça um esbôço das causas da revolução de 15 de novembro.

Remontando-se aos tempos coloniais e descendo ràpidamente pelo fio dos acontecimentos capitais da história, o autor divide o movimento orgânico da nacionalidade em duas seções distintas: – antecedentes históricos que deram origem à idéia republicana – e tradição republicana.

Esta divisão se impunha substancialmente, porque, antes de 1789, os brasileiros não podiam pensar em divisão de podêres, e todo o nacionalismo se reduzia a uma espécie de idealização de um sentimento correspondente aos despeitos do escravo.

Se é verdade que todos os nacionais não eram fìsicamente cativos, é certo que o seu espírito não devia aspirar a uma fórmula sequer de pensamento autonômico. Bastava o ridículo para abafar qualquer tentativa de rebelião neste sentido; os donos da terra chamavam os nacionais de "pés-de-cabra"; êstes, reagindo, traduziam o seu ódio sòmente no vocabulário, com o auxílio do folclore, onde, por hábito, as naturezas mais vívidas iam buscar o "pé-de-chumbo", o "marôto" e os têrmos chulos de desabafo, bem como as histórias grotescas do "pássaro-veado", do "compadre tamanduá", dos "piolhos de ema" e de tantas outras imaginosas lendas, que as velhas patriotas de 1824 ainda hoje narram às crianças.

O sentimento, pois, a que aludo, na ausência da cultura, muito tarde veio identificar-se com a compreensão nítida de que o Brasil era um povo. A primeira vez que, com efeito, se pensou em república, entre nós, no sentido restrito da palavra, foi em Vila Rica; êsse pensamento, porém, não exprimia uma necessidade étnica, nem mesmo uma transplantação de sentimentos democráticos agitados pelo sofrimento. A Inconfidência, como bem diz o Dr. Felisbelo, revestiu a forma de sentimento do interêsse; e do mesmo modo que nos Estados Unidos da América do Norte, esboçou-se por motivo de vexações tributárias.

Homens especulativos, impulsionados por um entusiasta da idéia, cogitaram nos meios de converter a agitação econômica em movimento político; mas a massa popular faltou com o seu apoio, e os elementos intermédios, por imobilidade estúpida, não se quiseram comprometer. O pavor da realeza era muito grande, e as distâncias que isolavam os homens e as terras, ainda maiores; de sorte que tiravam-lhes todo sentimento de rebeldia no desamparo dos altos sertões da pátria inculta.

Sancho Pança venceu o enamorado de alma do futuro; e o patíbulo fechou na negridão do túmulo aquêle sonho áureo, que o exemplo da República do Norte caldeara primeiramente na cabeça de alguns parnasianos.

O povo, portanto, não compreendera ainda desta vez o que significava a palavra democracia. Essa idéia só esboçou-se no cérebro da coletividade brasileira, a meu ver, no momento em que as embarcações que conduziam D. João VI e sua côrte aportaram ao Rio de Janeiro.

Parece incrível que êsse fenômeno se operasse justamente quando a monarquia desabava, com todo o seu esplendor, sôbre a cidade

de São Sebastião, que então não passava de uma aldeia, apenas distinta de outras do mesmo gênero por possuir um vice-rei e achar-se situada à margem da mais bela baía do mundo. A presença da real comitiva no Rio de Janeiro assinala o primeiro choque verdadeiramente coletivo recebido pela futura nação brasileira.

Como se pode verificar, relendo os documentos e crônicas daquele tempo, o estabelecimento da côrte portuguêsa nesta cidade, se, por um lado, constituiu deslumbramento para a população, pelo aparato, por outro teve o efeito de uma verdadeira praga egipcíaca.

O povo, nos dias das festas do desembarque, viu desenrolar-se a frota pela baía, no meio de galhardetes e salvas, depois aplaudiu as vistosas roupagens da família real e da fidalgaria, expostas nas janelas do antigo palácio do Conde de Bobadela, e embriagou-se, inconsciente, no delírio das manifestações oficiais, que o senado municipal dispôs para uma recepção condigna de um príncipe fugitivo.

Não tardou, porém, que o reverso da medalha se mostrasse.

As flores e os risos se fizeram substituir pelos dissabores de visitantes incômodos. A adulação dos áulicos da terra exacerbou-se ràpidamente, e a população desta terra dos brasis teve de assistir, uns, e sofrer, outros, o mais cruel dos espetáculos.

Imagine-se uma praça em estado de sítio e ameaçada de bombardeio. Pois bem: os efeitos da presença da comitiva real, das guardas da pessoa do príncipe e da criadagem palaciana foram tão cruéis como os que resultassem da intimação feita por uma esquadra inimiga. Era preciso alojar a essa infinidade de fidalgos do reino, e quartos baixos do paço e a "Ucharia" eram insuficientes para acomodar tantos sibaritas exigentes.

Os primeiros que sentiram o atrito dessa turba esfaimada foram os frades descalços do Carmo, os quais, muito delicadamente, abandonaram o seu convento e se asilaram na Lapa, a fim de que no edifício se alojasse a D. Maria I. Em seguida, despejaram-se as casas mais luxuosas para dar-se locanda aos nobres de maior jerarquia. Isto, porém, não era tudo, porque, não se contentando todos com os quartos estreitos em que primeiramente se albergaram, passaram a cobiçar as casas boas que restavam.

Então, o Conde d'Arcos * ordenou que o intendente pusesse em vigor a lei das aposentadorias.

Daí por diante, bastava que um fidalgo manifestasse o capricho de melhorar de cômodos para que, incontinenti, o inquilino ou proprietário da casa indicada fôsse pôsto no ôlho da rua. Os processos

* Aqui estava, no original, *Conde de Prado*. A retificação está feita de acôrdo com a nota que o autor colocou ao fim da parte publicada em *A Semana* n.º 45, de 9-6-94, assim concebida: "No último artigo, em lugar de conde de Prado, leia-se conde d'Arcos, vice-rei."

de despejo tornaram-se tão sumários, dizem os cronistas, que o meirinho já não tinha outro trabalho senão de proceder à intimação escrevendo a giz, na porta do prédio, as letras: PR (príncipe regente), que o povo traduziu na frase fatídica — *Ponha-se na rua.*

Êste iníquo procedimento deu lugar a cenas verdadeiramente desoladoras. Pessoas abastadas, que tinham contas a ajustar com o intendente, ficaram de súbito privadas de suas confortáveis residências, simplesmente por coincidirem os apetites dos fidalgos com os bons desejos da mesquinha política da colônia. As intrigas abriram o seu caminho em tôdas as classes: imaginou-se logo que no Rio de Janeiro havia amigos do Ogro da Córsega, do monstro Napoleão, dêsse tirano que tantos desastres ocasionara à família do santo príncipe D. João; e assim, a lei das aposentadorias se transformou, em poucos dias, numa finíssima rêde de arrastão, dentro da qual caíram todos quantos não se mostravam identificados com o gênio da adulação do Conde d'Arcos, * que nem por isso deixou de receber o trôco dos seus bons ofícios.

Afirmam historiadores, fundados em documentos, que as cercanias da cidade ficaram cheias de desalojados, e que até houve quem, durante a crise, sofresse fome.

Êste é o primeiro período do terror causado pela cortesania e pelo riso insciente do príncipe regente. Posteriormente, a pretexto de que os fidalgos estavam caindo na malandragem, surgiu o segundo período, e mais atroz. Era conveniente que êsses peralvilhos ganhassem a vida e recuperassem o perdido.

D. João foi quem mais aplaudiu a idéia, porque era sovina do que lhe pertencia; e a criadagem pesava-lhe.

Começou então, por utilidade áulica, o processo de desapropriação dos poucos empregos que existiam na terra e da criação de mais outros. Êsse fato teve duas conseqüências: primeira, — a tristeza e a irritação dos esbulhados; segunda, — o aumento das taxas, com vexame público. Entontecidos pelo perfume da terra, não só o regente, como os conselheiros que o cercavam, não cuidaram os políticos do reino senão de dilapidar e destruir a obra encetada nos primeiros momentos pelo eminente Cairu. Perfeitos porcos, revolveram o país, atrás das riquezas, e estragaram tudo que estêve a seu alcance. Uma coisa, porém, não atingiram: a nação que se formava. Felizmente, não a enxergaram; de sorte que a simples presença da côrte no Rio de Janeiro bastou para curar, por influências inversas, todos [os] males imediatamente dela derivados.

Quando, em 1815, o Brasil subiu à categoria de reino unido, uma profunda revolução se havia operado na consciência da coletivida-

---

* Ver nota anterior.

de. O espetáculo das festas de 1808 e os esbulhos consecutivos não foram improfícuos. Ficara, como resíduo, uma impressão augusta. O povo tivera, finalmente, a idéia concreta do que era o exercício da soberania. Vira um rei, com todo o seu aparelho de govêrno, dispondo de tudo, e sentira a impressão que resulta do contato de um organismo bem definido.

Até ali estavam todos acostumados a obedecer a um governador que pouco diferia do capataz de engenho de açúcar, mais cheio de ouropéis, mais limpo, mais cercado de agentes e da vara do meirinho, porém, no fundo, um capataz sem significação política.

O rei vivo, expressão tradicional de todos os elementos constitutivos da sociedade a que pertenciam, já era um fato por si só grandioso.

Afastaram-se os perseguidos, para que tivesse ingresso a majestade; êsses perseguidos, todavia, sofreram o choque de uma satisfação infusa, resultante da proximidade daquilo que todos reputavam o símbolo da lei; e, concomitantemente, tomaram a posse virtual do símbolo da soberania.

Quem conhece a história do pelourinho nas vilas do Brasil, não estranhará que eu, neste momento, compare a situação psicológica do Brasil, de 1808 em diante, à de certas povoações a que o rei mandava conceder as insígnias do foral de vila e de onde, depois, tentava alguma outra povoação decaída arrebatar as ditas insígnias. Entre nós, como nação, *si parva licet*, deu-se a mesma disputa. A primeira luta nos espíritos, nos desejos, nas aspirações, transportou-se para a questão da posse do emblema da soberania.

O que se passou depois é o assunto da parte especial do livro do Dr. Felisbelo Freire, cuja leitura estou fazendo.

O comentário, pois, que acabo de desenvolver, tomando por ponto de apoio um fato concreto, apenas serve para demonstrar a verdade dos pensamentos infundidos pelas proposições do 1.º capílo da obra, na qual noto que a expressão "idéia da República", adotada em um dos últimos parágrafos, se imiscui indevidamente com a "idéia de reação", se bem que o intuito do escritor, não só nessa parte do livro, mas também em todo êle, não seja outro senão separar, discriminar essas duas modalidades do caráter das nações.

III

A Semana, 9-6-1894

Como, no Brasil, se desenvolveu o espírito de reação durante os três períodos que antecederam o "15 de Novembro"? Eis a pergunta a que responde o capítulo do livro do Dr. Felisbelo que se inscreve *Causas Econômicas.*

Não há quem hoje ponha em dúvida que, em períodos históricos iletrados, os povos sublevam-se ùnicamente estimulados pelo princípio da salvação da alma ou do corpo. — "Não toqueis nos meus fetiches! não me mateis de fome!" Todo o govêrno sagaz, que, nas condições aludidas, tiver sabido respeitar o equilíbrio dêsses sentimentos, terá conseguido manter-se, a despeito de quaisquer erros políticos praticados.

Obedecendo à direção imprimida no livro ao pensamento da crítica, vê-se que, até 1775, ano no qual foi expedido o alvará de 5 de janeiro, que extinguiu tôdas as fábricas aqui existentes, o Brasil não passou de uma feitoria sem administração inteligente, mal-acondicionada, e onde o branco vivia no meio dos escravos por muito favor da ambição ou da boçalidade dos governadores e capitães-generais que para cá eram enviados, às vêzes deportados.

Plano inteligente de desenvolver as riquezas naturais, nunca houve, que pelo menos se fizesse sentir. Extrair e extrair do solo quanto fôsse possível e com os aparelhos que menos intelectualizassem os colonos que para êste lado do Atlântico se transportassem: eis tôda a economia política dos regedores da monarquia portuguêsa.

> Em grande período de nossa vida colonial, — diz o Dr. Felisbelo, — vemos focos de população restrita, distanciados, em condições difíceis de comunicação. Ela progredia lentamente. A parte que entregava-se ao trabalho material era justamente aquela cujas condições sociais colocavam na situação a mais prejudicial para ativar a formação da riqueza, porque ela se fazia à custa do trabalho escravo que dominou a nossa economia por mais de três séculos e que, por isso mesmo, emprestou-lhe um cunho especial, não podendo deixar de refletir-se profundamente na vida política e social e ser a causa de graves e profundos acontecimentos. Esta circunstância de capital importância, e que aqui assinalamos, obrou como uma fôrça retardativa na formação da riqueza. A classe operária era o escravo. Se, sôbre êste lado de nosso desenvolvimento material, êle foi um agente retardador, não deixou de exercer uma influência prejudicial na distribuição da riqueza, que não obedeceu à marcha das influências normais, distribuindo-se mais ou menos equitativamente por entre as camadas sociais, porque as leis da distribuição da riqueza acham-se afetas ao desenvolvimento da liberdade e do direito de propriedade, que não pode existir com a escravidão.

Entregue o país ao regime da lavoura insonte e das minas de diamantes, em que todo o movimento inteligente vinha das sugestões da abundância da natureza, porque os homens só faziam contrariá-la ou brigar entre si, sob o fundamento do — "fui eu que achei primeiro", — como sucedeu durante o período dos "descobertos"; entregue o país, repito, ao automatismo da acanhada técnica de um povo que nunca soubera lavrar as altas terras, nem dirigir grandes máquinas de exploração, mas que se habituara, na Índia, a arrancar dos rajás os seus haveres, a trôco de miçangas européias, compreende-se

que muito difícil seria obter os fermentos dessa reação que serviu sempre de suporte ou preparou as grandes transformações sociais.

A abundância por tôda parte não dava cabimento senão à apatia social, que o govêrno da metrópole nunca se esqueceu de manter, negando todos os estímulos, ainda os mais rudimentares.

A máxima — *o seguro morreu de velho* — é uma máxima de cunho profundamente lusitano. Até ao advento do Marquês de Pombal, parece que a monarquia e os membros do Conselho Ultramarino não tiveram máxima que mais quadrasse ao gênio dos chefes da nação. Justamente ao contrário do — *laissez faire, laissez aller* — dos fisiocratas, aqui, a regra era não consentir na espontaneidade de coisa alguma. O Brasil devia produzir tão sòmente aquilo que se pedisse, tanto na quantidade como na qualidade.

E por isso as produções e indústrias, correlatas e resultantes naturais do aumento da cultura do açúcar e do fumo, foram perseguidas e esmagadas.

O Dr. Felisbelo Ferire, quando trata do nosso desenvolvimento econômico no século XVI e princípios do XVII, cita a autoridade de André Antonil, o autor da *Opulência e Riquezas do Brasil.* * Esta obra é de uma eloqüência admirável, quanto a fatos, e de uma sagacidade estupenda, quanto a processos administrativos e econômicos. Padre, segundo se supõe, e jesuíta, o indivíduo que compôs aquêle precioso livro, profundamente não só versado nos segredos das terras brasileiras, mas também iniciado nos da vida filosófica, ainda mais imbuído dos princípios de Maquiavel, que aconselhava tôdas as ousadias às organizações fortemente constituídas, tentou, com muita habilidade, ensinar aos senhores de engenho e capatazes do Brasil o meio de transformar cada estabelecimento em uma potência feudal de nova espécie. Digna de ler-se, essa obra é um prodigio de astúcia, além de conter uma coleção de máximas refinadas de política interior, que seriam suficientes para criar no Brasil aparelhos de progresso invencíveis.

O govêrno português, infelizmente, pressentiu a importância daquele canto de sereia e fêz desaparecer o livro; o que demonstra ainda uma vez a preocupação que consumia os políticos de Portugal relativamente ao perigo virtual que existia nas fontes de abundância destas terras brasileiras.

Em tais condições, pois, é claro que o espírito de revolta pelos motivos de ordem econômica, perfeitamente caracterizado, não podia surgir no Brasil senão muitíssimo tarde.

---

* Sic.

O ilustre historiador cita, entretanto, três movimentos dessa ordem, anteriores ao predomínio do Marquês de Pombal: o do "Maneta", na Bahia, ao começar o século XVIII, o motim dos "Mascates", em Pernambuco, e a revolução do "Bequimão", do Maranhão, em fins do século anterior.

Não me parece que o primeiro mereça a consideração que lhe quis dar o historiador, sendo, como foi, um ruge-ruge puramente local. É verdade que êsse tumulto teve comêço "em virtude da elevação do preço do sal, que passou, de repente", diz Varnhagen, "de 480 réis a 720, e do aumento de 10 por cento em todos os artigos de importação, que fôra pelo govêrno decretado, a pretexto de, com o produto, manter uma armada de guarda-costa contra os inimigos que infestavam os nossos mares". Mas, dos relatos históricos, se verifica que o Brasil, isto é, os naturais da terra, nenhuma parte tomaram nessa rusga de mercadores entre si. "À frente dos sublevados", acrescenta ainda o autor citado, "em geral constantes do vulgacho europeu, estava o juiz do povo e um João Figueiredo, alcunhado o *Maneta*". O principal objetivo do tumulto era a agressão do contratador do sal Manuel Dias Ferreira, homem opulento e faustoso, cuja casa, bem como a do seu sócio, foram arrombadas e incendiadas sob a sugestão dos brados de um agitado.

Quanto à chamada "Guerra dos Mascates", sem negar o seu valor histórico, onde se denuncia a vitalidade que o elemento nacional adquirira como sucedâneo inevitável das lutas dos pernambucanos com os holandeses, tenho dúvida em aceitar a caracterização que lhe deu o Dr. Felisbelo Freire. A êsse movimento faltou a pressão da necessidade econômica; nem houve, durante êle, * sequer alusão a questões concernentes à distribuição de qualquer espécie de riqueza.

Todo interêsse que nos desperta essa guerra, nasce de outras circunstâncias.

A luta girou em tôrno de uma questão de competência. Os bons matutos e agricultores de Olinda irritaram-se contra os mercadores do Recife por uma questão de atribuições, uma questão de pelourinho; e não era a primeira disputa dessa natureza que se travava no país. Pela mesma época, entre as vilas de Aquiraz e Fortaleza, no Ceará, travaram-se rixas semelhantes. Em Pernambuco, a luta tomou simplesmente maiores proporções: o que foi devido, não só à riqueza dos comparsas, mas também à diferenciação dos dois órgãos, de produção e distribuição, que se esboçavam, um, perfeitamente caracterizado por famílias indígenas, e outro, por portuguêsas. O govêrno da metrópole, procurando cortar essas intrigas, ateou-as com a declaração do Recife vila independente. A

* No original estava "ela".

questão de pelourinho transformou-se em questão de limites. As autoridades portuguêsas naturalmente favoreceram os mascates, e, como, no meio das paixões, não achassem paradeiro as represálias, autorizaram prisões entre as famílias pernambucanas de tal natureza, que se não puderam evitar as desgraças posteriores. Bacamartadas, fuga do governador, intervenção do bispo : tudo quanto se seguiu exprime bem o espírito que então se levantava, mostrando a necessidade de entregar-se às famílias nacionais o direito de regular certos assuntos.

Em todo caso, essas lutas de preponderância de chefes de famílias, dos ricos-homens do Brasil, generalizaram-se durante o século passado, tendo por ponto de apoio o engenho de açúcar e a fazenda de gado. No Ceará, por exemplo, duas famílias, Montes e Feitosas, ensangüentaram o solo da província pelo mesmo motivo, chegando, nas suas guerras, a empenhar bandos de índios, escravos e fôrças em número não muito inferior às que opugnaram o Recife na sublevação de 1710.

No que toca ao motim do denominado Beckman ou Bequimão, no Maranhão, em 1684-85, êste, sim, apresenta todos os característicos, se bem que acidentais, de uma convulsão popular de ordem econômica. Houve miséria, falta de braços para moagem dos engenhos, e tudo devido ao estabelecimento de um monopólio odioso, o do *estanco*, o qual, sendo, a princípio, exercido por conta do govêrno, depois passou a uma companhia de tratantes de Lisboa. Êsse monopólio, que abrangia o comércio do Estado do Grão-Pará e Maranhão, foi uma exploração feroz, mantida à custa de medonhas devassas, que o governador ordenava na qualidade de maior interessado ou acionista, como se diz hoje, da companhia exploradora. A estupidez da época produziu seus efeitos : o desespêro autorizou represálias enérgicas, e até o espírito religioso, representado então pelos frades capuchos de Santo Antônio, soprou a agitação popular, que, por fim, resolveu-se, como tôdas as tentativas daquela ordem, na paralisia dos conjurados, na traição dos fracos e no triunfo da fôrça organizada.

Igual a êste movimento de flagelados é, incontestàvelmente, o de Vila Rica, em 1789, e o Dr. Felisbelo o assinala muitíssimo bem.

As causas das duas tentativas são idênticas, embora, de permeio, se encontre a época do Marquês de Pombal, que, durante todo tempo em que agiu, procurou sistematizar a economia do Brasil como parte considerável da monarquia, e não obscura feitoria. Convém, porém, lembrar que, com a queda do grande estadista e o advento de D. Maria I, restaurou-se o mesmo regime que fizera desapare-

cer o livro de Antonil; e os capatazes da colônia tornaram a apertar violentamente as cravelhas que retesavam o espírito de iniciativa, atrofiando a vida continental.

Voltando, pois, ao que afirmei em comêço, até a última época citada, pode-se dizer que as lutas verdadeiramente sérias, travadas no Brasil, corvejavam em tôrno do *uti possidetis*, excetuado o hiato aberto pelo ilustre marquês. Lutas do govêrno com os franceses, com os piratas inglêses, com os holandeses e, por último, nas Missões, com os jesuítas, que, aliás, tinham concorrido poderosamente para a unidade moral da região, estrangulada pelas distâncias que separavam os diversos núcleos de população e pela direção errada, muitas vêzes aconselhada pelo atraso da ciência em Portugal e inaptidão dos portuguêses para as concepções abstratas: eis a história colonial em sua feição ética.

Com um fator vigorosíssimo, entretanto, nunca se contou. Êsse fator, já enunciado, e mui justamente pôsto em relêvo pelo Dr. Felisbelo, era a uberdade variada do solo e a violência da produção. Êsse fator tem sido a *providência divina* do Brasil.

IV

A Semana, 7-7-1894

Nunca se cogitou, em Portugal, até uma época não muito distante, que o Brasil pudesse ser mais do que uma feitoria incumbida da função automática de celeiro da metrópole.

Essa idéia, depois que D. João VI foi obrigado a transportar-se para êste lado do Atlântico, e ainda posteriormente à transformação política do país, eclipsou-se, mas não desapareceu; ela adaptou-se ao novo regime e, mudando de forma, reviveu na política econômica do segundo reinado, para continuar a sapa de nossa vida interna.

Até o 7 *de Abril*, não é necessária muita perspicácia de historiador para indicar os pontos culminantes que assinalam os erros econômicos praticados pelos ministros de D. João VI e, depois, pelos áulicos de Pedro I, no intuito ùnicamente de dar vazão ao sentimento de recolonização do Brasil. São flagrantes as reações conseqüentes dos atos então praticados.

A distribuição dos impostos, a criação, organização e fraudulenta direção do Banco do Brasil, o tratado comercial dando o monopólio da marinha mercante à Inglaterra, o esvaziamento das arcas daquele estabelecimento de crédito, que entregou todo o dinheiro

aos fidalgos que se ausentaram, a trôco de papel sem o mínimo valor, e outros desbaratamentos semelhantes, tornavam o séquito cortesão comparável a um bando de peraltas, que, terminado longo festim, quebrassem as taças de champanha, atirando os restos à criadagem, e se retirassem sem pagar a lista, com bolsos cheios de talheres de prata e de paliteiros de ouro.

Fatos dessa ordem eram mais que suficientes para criar, no país, êsse *sentimento de ruína*, a que pouco depois aludiu Pedro I, escrevendo, cheio de lástima, ao pai desolado.

Uma atmosfera assim viciada, uma pressão de vexame tão violenta, durante o período do aulicismo, tornou possível a revolução de 1817; o vácuo financeiro, complicado pelas ambições que surgiram depois de 1821, gerou * de modo inelutável o sentimento do desamparo e avolumou a vertigem da independência.

Feita a independência, o balanço do Tesouro, a repartição das prêsas, os ajustes de contas, as pretensões dos auxiliares portuguêses, que haviam concorrido com seus capitais para organização da esquadra e para outras despesas de guerra, colocaram o govêrno do príncipe português no meio de dificuldades invencíveis.

A sua situação econômica pode-se deduzir do seguinte fato característico. Os portuguêses *de cá*, porque tinham empenhado haveres na guerra contra os *de lá*, entendiam que a nação novamente criada devia-lhes obediência cega.

— O meu rico dinheiro! diziam êles.

E por causa dêsse rico dinheiro e das exorbitantes pretensões de negociantes, os quais chegaram a arrancar aos tribunais de prêsas indenizações por navios que nunca tinham ** existido ou evidentemente pertenciam a outros, sucedeu que a liquidação dos interêsses da luta da independência chegou a emaranhar-se tanto, que só o *7 de Abril* pôde pôr-lhe têrmo.

Os homens do período da regência, incontestàvelmente o mais brilhante da nossa história, porque foi durante êle que surgiram as maiores individualidades políticas de nossa terra, não tiveram tempo para organizar a economia do país, em razão das lutas que foram obrigados a sustentar por todo o território, na defesa da organização liberal decorrente do Ato Adicional.

Em 1842 começou-se, então, sob a morna temperatura da monarquia, a consolidar a obra do que chamavam a regeneração pela paz e que, com a diuturnidade do tempo, deu em resultado essa economia política de cafèzistas, que reduziu o Brasil, por largos anos, a cogitar sòmente na defesa de uma classe, esquecendo todos

* No original estava "geraram".

** No original estava "tinha".

os interêsses dos que, pelas condições territoriais ou pelas aspirações de desenvolvimento moral, não deviam sacrificar-se a êsse novo Minotauro.

Estou de inteiro acôrdo com o historiador, na parte de sua obra que se refere à influência exercida pela questão do trabalho livre nos últimos tempos do Império.

A resistência feudal dos senhores de escravos, por um lado, o sentimentalismo dos filantropos, por outro, a vaidade, imprevidência ou fraqueza do ex-imperador, por outro, foram suficientes para renovar o impulso sopitado por largos anos no coração dos brasileiros; e, dado êsse impulso uma vez, era inevitável que êle se convertesse em democracia ou fizesse ressurgir as antigas idéias de autonomia, pacificadas por um longo regime administrativo no qual figurou * sempre, como regra inalterável, um sorites cujo primeiro têrmo estava no negro e o último no empréstimo europeu. Finanças de Bertoldo; mas que, entretanto, para passarem como expressão legítima da verdade, obrigaram a gastar muita tinta e muita oratória durante quase quarenta anos.

Não há quem ignore que, na decadência do Império Romano, também houve finanças; e escritores existem que as gabam muito. As nossas talvez não estivessem muito longe delas. Todo segrêdo da manutenção dos governos, naqueles tempos, consistia no seguinte: ter ao pé de si boa guarda pretoriana, generais sem prestígio nas províncias e nas fronteiras; alimentar a plebe regularmente, de modo que se tornasse impossível, nas classes superiores sobreviventes, qualquer organização de resistências, ou revivescência de partidos pelo recrutamento de soldados ávidos de uma ressurreição do movimento que terminara em Farsália. Segrêdo instintivo, não é muito difícil pô-lo em execução, quando sobrevém o cansaço após grandes lutas de nacionalismo, quando surgem ilotas ou colônias bem arregimentadas que forneçam o numerário, o grão e o vinho, quaisquer aparelhos, por por mais grosseiros que sejam, bastam para o êxito.

Ora, *mutatis mutandis,* foi o que tivemos durante mais de 30 anos.

O negro dava o café e o café decompunha-se na política que subia ao sólio imperial e no dinheiro que se cunhava em Londres e regressava com o feitio do empréstimo. A *metafísica* do crédito, envolvendo o Brasil em uma só atmosfera, presidida pelo gênio dos Rothschilds, obscurecia tôda visão política, unindo e arregimentando em um movimento único o Império e os interêsses subterrâneos do monopólio europeu. Aniquilado o negro, todo êsse sistema

* No original estava "figuraram".

sentiu o perigo que se antolhava; mas não pôde, de pronto, reagir. A república chegava como chegou, ou por qualquer outro caminho; mas chegaria sempre.

Seria, entretanto, muito curioso ouvir o que em Londres, antes, durante e depois da revolução, êsses mesmos inglêses, que debelaram o tráfico de africanos, teriam dito a propósito dos pupilos da América que assim dilapidavam o patrimônio. Seria também muito curioso verificar a natureza das notas que tomaram nessa ocasião, relativamente ao modo de acomodarem os seus capitais no Brasil, respeitando a República, mas respeitando ainda mais as tradicionais tendências do seu comércio nas colônias. E os seus 84 milhões de libras? e as suas estradas de ferro? e as suas minas de ouro? e os prazos dos seus monopólios? e tantos ovos obtidos por um real nestas inocentes terras do Brasil?

Acaso era-lhes permitido cruzar os braços como quaisquer políticos fim-de-século?

Os cartagineses do século XIX não dariam, com certeza, tão triste prova da sua fecundidade de comerciantes políticos.

V

A Semana, 14-7-1894

Detive-me, talvez demais, na apreciação dos dados de ordem econômica que o Sr. Felisbelo Freire procurou sistematizar, no intuito de pôr em relêvo a importância que teve, entre nós, o desenvolvimento da riqueza como fator da democracia. Não podia, entretanto, deixar de estender-me sôbre êsse fator, não só porque é o único que abrange o período da nossa história colonial, mas também porque envolve os acontecimentos menos conhecidos e a parte pròpriamente inconsciente da vida nacional.

Seguem-se os fatôres políticos e sociais.

O Dr. Felisbelo Freire dá o nome de causas políticas àquelas que se prendem à intervenção direta do poder público na vida nacional por meio da legislação, ao desenvolvimento do regime estabelecido e à forma de govêrno.

Segundo sua opinião, todos os males que afligiram o Brasil durante o período monárquico nasceram da imperfeita constituição que nos foi outorgada em 25 de março de 1824 e do espírito mau que se ocupou em tirar dessa imperfeição tôda a obra infernal do segundo império, depauperando as províncias, aniquilando o município e atrofiando completamente a iniciativa individual. Os ins-

trumentos dessa obra surda foram a centralização política e administrativa, o parlamentarismo, o regime eleitoral e o govêrno pessoal do soberano. O capítulo em que são desenvolvidas essas teses sai triunfante de tôdas as objeções.

No que respeita à centralização política e administrativa, aí está o drama do *Ato Adicional*. Como se sufocou essa aspiração nacional? Voltando-se ao conselho político de que usaram os próceres da colônia quando o Brasil pensou em proclamar-se livre: — a menoridade e a incapacidade. As Côrtes de Lisboa, por órgão dos energúmenos Fernandes Tomás e Borges Carneiro, quando se dizia que o Brasil podia ter uma constituição própria, berravam que seria rematada loucura consentir que uma colônia iletrada e sem conhecimentos práticos de economia política dirigisse os seus negócios. Pois bem, *mutato nomine*, igual procedimento, no Brasil-império, teve a monarquia, a Côrte do Rio de Janeiro, relativamente às províncias, que sentiam necessidade de crescer. O crescimento foi reputado um crime; e, para que tal crime não se propagasse, passada a agitação benéfica que decorreu do *7 de Abril*, a sagacidade dos políticos, aparentemente vencidos nas lutas patrióticas, se encarregou de demolir a obra liberal de 1834, desmoralizando, na prática, a autonomia das províncias, asfixiando-as em orçamentos impossíveis, dando-lhes as honras de governos por decretos e tirando-lhes todo alento por avisos, até chegar, graças ao horror da anarquia, à lei de interpretação de 12 de maio de 1840, que por uma vez subtraiu aos homens o desejo de viverem segundo suas próprias fôrças.

Os documentos que o Dr. Felisbelo Freire enfileirou para ilustrar essa luta curiosa, a mais curiosa de nossa história, são translúcidos e dão-nos a sensação verdadeira de um drama passado nas trevas psíquicas da nação. Lembram-nos Iago, pois, calculista e dissimulado, sugerindo à ingenuidade impetuosa de Otelo os furores que o haviam de perder.

O autonomismo de 1834 caiu na esparrela. As paixões locais foram fustigadas; os partidos, anarquizados; tôdas as idéias políticas, baralhadas; as províncias, asfixiadas pela falta de recursos; até com as raças e com a ameaça de uma restauração se especulou. As lutas sangrentas dêsse período agitado são bastante conhecidas; e é preciso ser destituído de todo senso crítico para não reconhecer o causador de todos os fiascos das reformas no sebastianismo daquele tempo, isto é, na coligação dos velhos interêsses semicoloniais, que não se resignavam a ceder o passo à nação.

A conseqüência de tudo isto foi o profundo desalento de homens como Feijó e outros que o quiseram substituir. Depois veio o acoroçoamento da ficção de que o Brasil só podia reconquistar a

paz recolhendo-se ao molde atrasado da monarquia assessorada por um conselho de Estado composto, com raras exceções, de advogados natos daqueles velhos e impatrióticos interêsses. Buscou-se levar todo mundo à convicção, ou, pelo menos, fingiu-se que todo mundo estava convicto de que a reforma da reforma se tinha apresentado como indispensável à tranqüilidade do império; e assim geraram-se as leis de 1840 e 1842, leis inspiradas num profundo ódio ao progresso e que acabaram por extinguir, nas instituições pátrias, as poucas válvulas por onde deviam expandir-se as fôrças vivas da nação. Juntem-se, agora, a êsse fato a gestação do parlamentarismo e o seu desenvolvimento extraconstitucional, devido, a princípio, a excessos de vitalidade das câmaras, e, depois, aos esforços dos centralistas, e ter-se-á o quadro completo do movimento deprimente da influência moral da monarquia nos costumes públicos, operados primeiramente por um regime eleitoral adaptado a dar maiorias na conformidade dos pedidos, e em segundo pela hipertrofia da vontade imperial, que se ia alargando na razão direta da incompetência manifestada pelos estadistas.

Êsse capítulo é um dos mais nítidos da obra do Dr. Felisbelo Freire; e, no que toca à refutação da propaganda parlamentarista, irrespondível, não só pelos apontamentos tirados das mais circunspetas autoridades que têm tratado da matéria, mas também pela análise dos resultados produzidos entre nós, durante longo período, por aquêle regime e pelo estudo do regime presidencial, feito à luz do critério dos autores do *Federalista*, os mais sensatos de quantos estadistas hão trabalhado para a formação de uma nação.

O Dr. Felisbelo arredou a objeção étnica como fútil e até contraproducente.

> Se se apela, diz êle, para a questão do nosso elemento étnico, sem aquêle espírito puritano, sem aquela autoridade, sem aquela moralidade da raça dos Estados Unidos, que, na opinião de Laveleye, é o *sal* que conserva as instituições, temos a responder, com a profunda autoridade de Bluntschli, que da raça anglo-saxônica nasceram as duas principais formas de Estado moderno, a *monarquia constitucional*, na Inglaterra, e a *democracia presidencial*, na América. Que influência exclusiva, pois, exerce a questão étnica, quando a história apresenta-nos êste fato? Causa idêntica àquela que, na América do Norte, contribuiu para ser um freio contra as tendências divergentes da revolução, entre nós, como fôrça histórica, — a grande extensão territorial.

Na subordinação irracional dessas necessidades de ordem mesológica ao tipo de fantasia que nos impuseram os interêsses coloniais e o egoísmo dos estadistas residia precisamente a causa de todos os nossos males.

É verdade que a monarquia, com os seus aparelhos parlamentaristas, deu-nos a paz por um período não pequeno. Essa tranqüi-

lidade, porém, não era a ordem como condição de progresso. A prova mais evidente disso encontra-se no fato, por todos reconhecido, de que a nação estava profundamente infiltrada do sentimento da própria incapacidade. O tempo incumbiu-se de mostrar que êsse sentimento não passava de sentimento falso e oriundo da inatividade dos órgãos que mantêm a vida de uma nação.

VI

A Semana, 21-7-1894

No capítulo dedicado ao estudo das causas sociais, o Dr. Felisbelo Freire descreve o atraso da nossa educação durante o segundo império. O historiador assinala o ano de 1870 como tendo sido a época em que surgiram os primeiros protestos contra o abatimento em que jazia a inteligência brasileira.

Na opinião do Dr. Felisbelo Freire, foi Tobias Barreto de Meneses o primeiro que se animou a agredir os velhos moldes da ciência e, em nome da escola evolucionista, condenar, como expressão da mais deplorável decadência, o beatismo da magistratura brasileira e o emperramento das nossas faculdades de Direito.

Incontestàvelmente, naquele ano começaram a ter curso entre nós as idéias de Ihering, de Gneist, de Spencer, de Haeckel, etc. Se bem que a mêdo, os bacharéis formados dessa época em diante foram-se convencendo da necessidade de reagir contra o espírito metafísico, rotineiro e obscurantista que reinava em todos os institutos científicos.

Todavia, o naturalismo científico produziu apenas um efeito visível, que foi penetrar a mocidade iniciada nas teorias novas de um profundo desprêzo pelos homens que, na cadeira de professor, no parlamento ou nos tribunais, representavam a ilustração nacional; e como raros dêsses adiantados conseguiram, a exemplo de Tobias e Sílvio Romero, entrar no professorado, na administração ou na magistratura, a ação daquelas idéias ficou muito circunscrita ou se esterilizou, fazendo proselitismo tão sòmente aonde pareciam inofensivas, — na literatura. Entretanto, ao passo que no norte os espíritos da nova geração tomavam êsse forte impulso, no sul se fazia um outro movimento, que veio a produzir resultados mais profícuos, não só por efetuar-se no centro, na capital, mas também porque buscava discípulos no seio de uma classe que tudo podia querer, porque tudo podia fazer, estando de armas na mão.

O fator dessa propaganda era o então tenente-coronel Benjamim Constant, que, sem propositalmente imiscuir-se em políti-

ca, ensinando matemáticas aos seus discípulos, ao mesmo tempo incutia-lhes amor pelas doutrinas de Comte e, portanto, pelas instituições republicanas.

Concedendo a cada um dêstes movimentos o papel que lhes compete, o Dr. Felisbelo Freire diz seguinte:

> Postos em confronto Benjamim Constant e Tobias Barreto, vemos que a propaganda do primeiro foi mais tardia, mais política, menos generalizada e coerente, ao passo que a do segundo, ainda que franca e diretamente não instituísse a concepção republicana como seu característico, como sua nota vibrante, firmou para ela um programa essencialmente científico, profundamente coerente, e sem o qual o intelecto nacional não podia preparar-se para adaptar-se à nova instituição política para que os propagandistas da república encaminhavam o país.

É forçoso aqui chamar a atenção para um fato, aliás tangenciado pelo historiador. Se é certo que essas duas propagandas científicas preparavam muitos espíritos estranhos à política para aceitar a República de braços abertos e defendê-la depois como se defende uma prêsa preciosa, não é menos exato que essa renovação, conservando o seu caráter esotérico, não transpirou senão como iminente aos acontecimentos. A imprensa republicana, em geral, permaneceu no doutrinarismo antigo, e um ou outro jornal acadêmico ou de associação literária deixou-se impressionar pela direção que a ciência vinha imprimir nas concepções políticas. Os bacharéis em Direito, — neste ponto dou razão ao Dr. Felisbelo, — foram, de todos, os mais refratários à boa nova, porque, para conservarem a coerência, tinham, não só de abrir luta com o fôro, mas também de renunciar às suas pretensões políticas; e como êles, de ordinário, pela natureza dos estudos, eram os que estavam mais à mão do govêrno e da imprensa, para discutir assuntos que se prendiam à legislação, por um motivo que é óbvio retardaram a sua colaboração em favor dos novos ideais. Desta maneira, os médicos e os engenheiros, também por uma razão de contágio, o contágio das ciências naturais, cujos métodos então se procurava aplicar às ciências sociais, tornaram-se mais encontradiços na propaganda republicana.

Ora, como grande parte da imprensa democrática era inspirada pelos doutrinaristas da escola velha, pode-se, sem mêdo de êrro, afirmar que essa imprensa pouco fêz em proveito da concepção republicana, tal qual ela devia existir e triunfar.

A educação da escola militar na idéia republicana, portanto, permanece como um dos fatôres mais importantes da revolução, tendo-se em vista principalmente o momento histórico e a maneira por que lhe foi permitido intervir.

Essa orientação científica, agindo sôbre a classe inteira, desviou-a do que seria natural que sucedesse numa corporação formada de membros pouco instruídos.

> O exército não constituiu-se, diz o Dr. Felisbelo Freire, como um fator que, obedecendo ao sentimento de classe, obrasse como uma fôrça consciente da evolução democrática. Como uma classe da sociedade, no seio da qual agiam as fôrças de cultura, não pôde isentar-se da influência dêsse meio; e seguiu o curso que lhe traçou a orientação científica, da qual as escolas militares foram uma das fôrças mais ativas. Para elas afluíam os moços, menos pelo gôsto da carreira militar do que pelo desejo de ilustrarem-se, não podendo fazê-lo nas academias civis em vista de suas condições de fortuna. Reúna-se a isto a circunstância do excesso de ensino teórico, e ainda mais, o fato de não têrmos tido guerras a sustentar e que fizessem criar o espírito guerreiro, e veremos que esta geração militar educada nas escolas aproximou-se muito da educação civil

Assim, pois, surge como verdade irrecusável que, na direção tomada pelo exército, desde o instante em que êste desconheceu a antiga disciplina, pesou consideràvelmente a ilustração republicana das escolas, sem a qual é bem provável que outra fôsse a solução dada ao conflito de 15 de novembro de 1889.

De que modo, porém, essa corporação pôde tão depressa desprender-se dos velhos hábitos e chegar ao extremo de se deixar conduzir até a transformação republicana concebida na cabeça de moços ardentes e que nem sempre conseguem ser ouvidos?

O Dr. Felisbelo Freire, para explicá-lo, oferece uma distinção; mas, neste ponto, ou eu não compreendi bem o historiador, ou ainda é cedo para apurar tais fatos.

A distinção consiste em que, não tendo o exército brasileiro se mostrado em todo o período constitucional muito adeso à monarquia, fôra, todavia, nacionalista no primeiro reinado e classista no fim do segundo. O classismo do exército nos últimos tempos é deduzido da chamada questão militar. Resta saber, entretanto, se a substituição do sentimento nativista pelo que o Dr. Felisbelo denomina sentimento classista melhorou ou piorou as condições do exército como um dos fatôres da nossa nacionalidade.

Que pretendiam os militares na época da nossa independência? Que pretenderam ontem e pretendem hoje? Naquele tempo, é óbvio que o seu intuito era excluir dos postos militares os portuguêses e nacionalizar as fileiras, que mais de uma vez viram-se invadidas pelo cosmopolitismo, isto é, – pelo soldado engajado. No último período, porém, que é que, em síntese, exigia essa mesma classe?

Eis a questão.

O Dr. Felisbelo Freire afirma que o exército, depois da guerra do Paraguai, pelo movimento adquirido, sentindo carência, cada vez mais crescente, de atividade, ao mesmo tempo que se via exclui-

do da representação política, e não achando, nas promoções e nos incrementos da própria classe, um derivativo à vaidade que, de ordinário, nestas condições, se acumula no âmago de uma corporação, principalmente quando essa corporação presume-se dispensável, por inútil; o exército, sentindo-se uma energia no vácuo, acabou por precipitar-se na primeira questão militar que se lhe ofereceu, e daí nasceram tôdas as complicações que o levaram a buscar, na política, o objetivo indispensável à vida da classe.

Estas ponderações, conquanto verdadeiras, referem-se a influências de ordem psicológica tão longínquas, que esvaem-se diante das determinantes oriundas de um fato mais positivo, — a extinção, no exército, dos últimos representantes da aristocracia. As influências a que alude o historiador não seriam bastantes para exaltar a classe até ao ponto a que chegou e mantê-la em um estado de irritação quase permanente. As coletividades que constituem uma nação tendem sempre a predominar, por meio de seus chefes, umas sôbre as outras; e, de ordinário, o que as limita é, ou o receio instintivo de levantarem contra si o mundo ambiente, ou a subordinação a um princípio de ordem superior ao arranjo particular do grêmio ou classe aonde tentam agitar-se elementos insurrecionais. Ora, eu estou convencido de uma verdade, e é que o exército brasileiro nunca deixou de ser virtualmente nativista. Essa minha convicção nasce de uma circunstância importantíssima, a da sua composição íntima nos dois últimos períodos. Basta lançar a vista para as suas fileiras, basta olhar para os seus oficiais, para reconhecer-se a natureza profundamente avêssa dos nossos corpos militares à nobiliarquia.

Recrutados nas classes mais desprotegidas da sociedade brasileira, muito raros eram os oficiais que se pudessem dizer desafetos da organização que defendiam, pois não passavam de ínfimos do povo, com todos os seus defeitos e virtudes, sempre prontos a remoquear a fidalguia improvisada, a chasquear de uma engrenagem política cuja atitude senhoril penetrava como uma ameaça no fundo da alma. Todavia, êsse exército quase paisano, enquanto existiu o Duque de Caxias, foi governado e respeitado na pessoa do velho general, em quem todos viam o exemplo da prudência militar. Morto Caxias, deram-se dois fatos gravíssimos, que não podiam deixar de tornar a crise inevitável: a acefalia militar e a acefalia monárquica.

A acefalia militar verificou-se por uma razão muito simples, à qual acompanhou de perto a queda do espírito de D. Pedro II.

O Império não encontrou mais um general dinástico capaz de substituir Caxias, — um general de prestígio e, ao mesmo tempo, de tradições hieráticas. Desta maneira, o exército, entregue a si mesmo, teve de colocar à sua frente um dos seus filhos. Surgiu então

Deodoro, o qual, embora não fôsse desafeto ao monarca, tarimbava com tôda a oficialidade. Desde êste instante, pode-se dizer que se dissolvera a fôrça armada para constituir-se um fragmento de partido nacional.

Com o velho duque, baixara ao túmulo o prestígio da coroa e último apoio dos Braganças no Brasil.

Diz o prolóquio que boi sôlto, lambe-se todo. Que poderia, pois, querer o exército, nestas condições? Um chefe, com certeza. E foi nesse momento que, entrando em contato com o poder público, estranhou a ordem, principalmente por encontrar a soberania deslocada, senão no ar.

A irritação, portanto, que se traduziu em questões por natureza insolúveis e que deu com a monarquia em terra a 14 de novembro de 1889, em síntese, resultou da acefalia da classe militar.

O período de reorganização dessa classe não devia passar sem um grande choque.

Abriu-se então o caminho à República. No próprio exército, felizmente, porém, se encontraram elementos de cultura republicana que impediram a retrogradação.

Tenho estudado no livro do Dr. Felisbelo Freire o que me parece mais interessante, isto é, o ambiente dentro do qual agitou-se e frutificou a democracia.

Os últimos capítulos ocupam-se com a propaganda republicana, até ao instante em que a monarquia retirou-se da cena. Essa parte do livro, em resumo, demonstra que a ação consciente da democracia, entre nós, achava-se no seu período orgânico, e que a sua influência não seria decisiva sem a colaboração quase direta dos fatôres já analisados.

Todos os acontecimentos relatados nesses capítulos prendem-se a personagens políticos que mais ou menos figuraram no advento e no govêrno provisório da República.

O estudo dos seus atos, portanto, antes e depois da revolução, não suporta divisão, motivo por que reservo a respetiva análise para quando fôr publicado o 2.º volume da obra, no qual, segundo o autor promete, se desenrolará a psicologia da revolução.

Terminando aqui a série dos artigos que me propus escrever sôbre a primeira parte da *História da República*, só me resta declarar que, em um país como o nosso, onde todo trabalho mental é um sacrifício, seria indiferença criminosa dos que mais freqüentemente se ocupam com a crítica não consagrar a uma obra do quilate da do Dr. Felisbelo Freire tôda a atenção que merecem os assuntos históricos.

PELO DIVÓRCIO

O opúsculo do Dr. Pardal Mallet constitui uma bela contribuição para o estudo do problema do divórcio.

O jovem publicista, cuja aptidão para as questões sociais eu sempre reconheci, mas que, no princípio, ressentia-se de uma certa imprudência de impúbere, agora apresenta um trabalho, no qual, não só o estilo, mas também os conceitos jurídicos, revelam consideráveis progressos, realizados sem estrépito.

O opúsculo é escrito com sobriedade; e os argumentos acham-se dispostos com muito método. Não direi que o autor os tenha inventado; mas é certo que as razões de convicção, ali, estão clamando pelo divórcio de um modo terso e claro.

Excetuada uma frase grosseira, dirigida à memória do professor da Rua de M. Le Prince, que se encontra à página 54 do folheto, e que devia ter sido suprimida na revisão, não se encontram, nesse trabalho, agressões descabidas aos adversários da idéia, nem às crenças ou preconceitos religiosos.

O Dr. Pardal Mallet chegou cedo ao conhecimento da seguinte verdade: que, nas reformas sociais, as resistências cegas valem mais do que as idéias, e que o reformador que não contar com elas e não procurar removê-las por meios indiretos, pode dizer que trabalhará no vácuo, se não apelar para a revolução armada.

Mostrar a pouca diferença que existe entre a legislação em vigor, relativamente ao casamento, e os projetos, mais ou menos restritos, que têm sido propostos por aquêles que, partindo do casamento civil, não o admitem com tôdas as suas conseqüências, fora do direito contratual; eis o que o escritor, em resumo, tenta fazer, e o consegue, até certo ponto, com brilhantismo.

Quanto a mim, a questão do divórcio, encarada em face dos princípios consagrados pela Constituição da República, limita-se a uma oposição de ordem jurídica muito fácil de formular.

Em que se fundam os adversários do divórcio, que eliminaram o sacramento religioso, admitiram o casamento por contrato civil e estabeleceram a separação *quoad torum ac mensam,* para hoje fulminar o homem ou a mulher com a interdição ou incapacidade de convolar a segundas núpcias?

Na esfera jurídica, única, nos países aonde existe a instituição do casamento civil, competente para garantir com a fôrça as relações sociais dos cônjuges, com certeza que não; porque essa interdição constitui uma resistência flagrante à liberdade individual e

uma violência possível à consciência de cada um. De fato, é intuitivo que, reguladas, como são, atualmente, as relações sexuais pelo estatuto civil, dada uma vez a rotura dessas relações e sancionada ainda pela lei, a proibição de um novo casamento não pode deixar de considerar-se uma interdição muito mais violenta do que aquela que arrebata ao réu de certos delitos o exercício de seus direitos políticos, ou ao pródigo, louco ou demente a direção de sua pessoa e a administração do seu patrimônio. Essa interdição não se justifica, nem por motivo de ordem pública, pelo perigo social, nem pela necessidade da tutela que o Estado, nos casos de irresponsabilidade do sujeito, é obrigado a estabelecer em favor dos incapazes.

A proibição aludida, portanto, só se pode admitir como suplemento à consciência individual, por via de uma consciência abstrata, que se não presume no Estado. Essa função, que não é exercida pela lei, mas pela moral e pelas religiões, nada perde com o divórcio; porquanto a faculdade legal não coarcta em coisa alguma a influência que a doutrina ou a crença possa exercer no círculo preciso da sua atividade.

O que parecerá estranho, entretanto, a todo espírito habituado às conquistas realizadas pela evolução do conceito jurídico, é que, na situação atual das constituições republicanas, nas quais tem sido consignada de um modo tão claro a transformação do estatuto civil em amplíssima garantia da vida moral de cada um, removendo-se tôda a intervenção dos podêres públicos naquilo que diretamente não interessa ao equilíbrio social, haja quem pretenda romper essa linha de demarcação, para ir procurar amparo e sanção contra o exercício daquela faculdade na relatividade do conceito moral ou no dogma religioso.

Se o contrato civil não basta para regular, em face do Estado, as relações da família, então, neste caso, entregue-se o casamento às confissões religiosas e cinjam-se os podêres públicos a ratificar o sacramento realizado na conformidade das crenças de cada um, pois, efetivamente, êsses podêres não dispõem dos sentimentos de ninguém, nem têm sanção sôbre os laços afetivos, para impor-lhes a perpetuidade, como pretendem os teólogos e os moralistas do imperativo categórico.

Neste ponto, são perfeitamente aceitáveis, pelo menos como aspiração, as observações opostas pelo Dr. Pardal Mallet às objeções dos sectários da moral absoluta, coercitiva e com sanção penal.

> Antes de mais nada, a Moral ainda não é um conjunto de regras fixas e inabaláveis. Também evolve, também se subdivide em circunscrições geográficas.

Ciência da vida, reguladora da conduta e destinada a substituir a jurisprudência quando o homem se tornar tão perfeito, que dispense os códigos e os juízes e as cadeias, porque generalizada esteja a compreensão dos próprios deveres e da sua incoercibilidade, — a Moral, como tôdas as ciências, também teve o seu período empírico, onde quatro ou cinco leis fundamentais se conglobaram a uma infinidade de erros e de abusões, e ainda não chegou a êsse período definitivo de ciência fechada, dentro da qual não são mais permitidas inovações e descobertas. Dela se pode dizer, em síntese, o que em direito público se diz de tôdas as constituições, — tem princípios cardeais, que lhe são a própria essência e não podem sofrer alteração sem desvirtuá-la, e disposições de segundo plano, que até em lei ordinária é lícito modificar, sem prejuízo do sistema.

Êste próprio caso do divórcio, não só é uma prova das diversas modalidades éticas, mas também de que os dispositivos que por aí formularam, sob a instituição da família indissolúvel, não constituem matéria essencial nem ponto introverso no assunto.

De parceria com a moral católica e a moral positivista, existe a moral protestante, que acha muito boa a dissolubilidade do vínculo conjugal. E ninguém de bom-senso, alforriado da paixão sectária, terá a coragem de afirmar que os protestantes são imorais em sua vida de família.

Com efeito, o confronto dos povos onde prepondera um e outro regime demonstra que a perpetuidade do casamento em nada tem influído nas condições da moralidade da família.

As nações latinas, em que os laços do casamento têm sido apertados pela legislação, são justamente as que apresentam com mais freqüência as desordens e dissoluções de fato da vida conjugal; ao passo que, como diz E. Glasson, a Rússia e os eslavos meridionais, apesar da instituição do divórcio, que adotaram, resistem a essa espécie de decomposição social e raríssimas vêzes dão cabimento aos abusos. Tanto é certo que [a] santificação dos laços afetivos da família não depende do estatuto civil, mas exclusivamente da índole dos povos, do caráter dos indivíduos e da educação que se opera em esfera estranha à sanção das leis.

PRÓLOGO A

O MISSIONÁRIO, DE INGLÊS DE SOUSA

O *Missionário* é um livro que entontece, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas páginas encontra-se a vida que pode existir em uma obra copiada do natural. Embora se trate de um trabalho feito por um escritor sóbrio e comedido em suas manifestações, vê-se que o autor de *O Missionário* possui grande vigor de imaginação, intensidade passional e êsse colorido quente, peculiar a todos que têm convivido com os habitantes da zona equatorial. Paraense nascido em Óbidos, o Dr. Inglês de Sousa, durante os primeiros anos de sua vida, perlustrou as margens do grande rio e aí recebeu as impressões que deviam enriquecer a palhêta do paisagista. Grande analogia existe entre a placa fotográfica e a sensibilidade humana. Exponha-se qualquer poeta ao sol abrasador daquelas regiões majestosas e tê-lo-ão transformado em um colorista de primeira ordem. Foi o que sucedeu com o escritor de que me ocupo. A fôrça sugestiva da vida amazônica dominou-o; o que é a reprodução de um fato que tem sido celebrado por todos os viajantes. Não há livro escrito sôbre o Amazonas que se não ressinta de um colorido singular. É ao maravilhoso dessas tintas que devem todo o seu valor artístico os livros de Emile Carrey, de Gomes de Amorim, de Agassiz, de Bates, de Herbert Smith.

Eu mesmo, que escrevo estas linhas, ainda hoje, quando me recordo das cenas que ali observei, menino, sinto o arrepio de uma forte sensação retrospetiva; e, no soçôbro do entusiasmo, julgo antever a frase emotiva que revigora a expressão literária. Ainda hoje, e com a mesma grandeza, vejo passarem por diante dos meus olhos aquelas misteriosas e selvagens florestas dominadas pela monotonia soberana de rios infindáveis. Tremo, pensando nos perigos do Guamã, e, de súbito, sinto-me, como outrora, arrebatado numa igarité tripulada por índios mansos, descendo o rio, ora de bubuia, ora ao esfôrço vigoroso do braço do mundurucu, abrigado sob um tôldo de guarumã.

Caía a tarde ràpidamente, e, segundo ouvira dizer, perigos indefiníveis nos ameaçavam. Era preciso, portanto, que a canoa alcançasse a "espera", antes de escurecer. Os índios, então, à ordem do capataz, curvaram-se sôbre os remos, e, sem protesto, amiudaram os movimentos. A igarité resvalou pelo meio da corrente como um patinador por sôbre o gêlo.

Veio a noite: entretanto, não chegávamos ao ponto determinado. A escuridão já era tão grande, e apenas os reflexos das estrê-

las destacavam das margens as massas escuras dos arvoredos, que se deitavam sôbre as águas. Em baixo seguia o rio silencioso por entre selvas negras e alagadas, que pareciam boiar como plantas aquáticas opulentas, colossais, cobrindo a superfície sinistra de um lago imenso. Tudo parecia endurecido pelo silêncio. Os remos mal ciciavam; na tolda, o estupor da solidão abafava as vozes dos tripulantes. Ao meu coração transido de mêdo, a calidez do ambiente, precursora da tempestade, antepunha o frio predecessor das emoções causadas por uma marcha para o desconhecido. Os remadores, à proa da embarcação, oscilavam como fantasmas. As fôlhas dos ingás, quando passávamos em baixo de alguma moita, não se moviam. Com intervalos muito longos, da mata partia o pio angustiado da urutau ou o ganir do cão silvestre. Adiante, fustigava-nos o rosto a vibração violenta do ar, ferido pela asa do morcêgo. A soturnidade dêsse cenário trazia-me o sangue gelado nas veias, como se o sobrenatural ali estivesse acenando do escuro em ilusões vertiginosas de espectro solar, de gemidos distantes, surdos e plangentes, de uivos entrecortados e dilacerantes e de roncos de sucurujubas gigantescas.

— Ela aí vem; disse, por fim, um dos mundurucus.

— Ela, quem? perguntei eu, no auge do pavor, procurando surpreender nas palavras de todos um amparo contra o perigo que se avizinhava. E alguém, ali perto de mim, com a voz aguda dos sinos em alarma, sussurrou que seria, talvez, a pororoca, mas que a "espera", felizmente, estava à vista.

Recrudesceu a velocidade da igarité; e, na escuridão, sem que percebesse nitidamente o que se passava, senti que saíamos da grande correnteza para entrar num leito mais estreito. Houve uma sensação de alívio. Os índios mansos começaram a falar, e um torrão de almécega aceso foi pôsto à proa da canoa. Então pude ver que tínhamos penetrado num igarapé. À amplidão do Guamã sucedia a angustura de um canal, em que as árvores esgalhadas e abraçando-se de lado a lado ocultavam os únicos fogos que nos guiavam, — as estrêlas. De quando em quando gravetos e cipós raspavam o tôldo de guarumã. Os remadores, desembaraçados das pás, afastavam os ramos e iam arrastando a igarité quase, por assim dizer, através do matagal. Numa volta, estacou a embarcação; existia uma aberta no mato, alguma coisa que se assemelhava a um ponto de passagem de antas. A influência das águas dificilmente chegaria até ali, diziam. Todavia, a igarité foi encalhada e amarrada por cordas aos troncos marginais.

Para mim, as recordações do que se seguiu são vagas, e neste instante apresentam-se-me ao espírito adornadas dos tons fugitivos e fulgurantes de uma mágica teatral.

Um dos selvagens tinha-me tomado ao ombro e depois me colocara em terra. Ao clarão da almécega, fomos conduzidos, todos, para região mais elevada. Passaram-se minutos. Um clamor, ao longe, muito ao longe, se fêz sentir no espaço; silêncio; novo clamor; fragmentos de rumores desconhecidos espalham-se, dilacerados pelo vento da floresta. Os ouvidos dificilmente apreendem a sinfonia de ruídos misteriosos que se avizinha. Era a pororoca, que, enfim, chegava. Um rugido indescritível atroou os ares, propagando-se em mil outros trons, que se perdiam pelas arcarias da selva sem limites; e, num crescendo diabólico, ao qual pareciam assistir tôdas as bigornas do inferno invisível, aturdiu-me até à paralisação do sentido auditivo. E assim passou por junto de nós todos, transidos, o pesadelo da natureza amazônica. Investindo as águas tranqüilas do Guamã, a pororoca tiranizava as florestas vergadas sob a agonia de sua raiva epiléptica. Os matos estalavam; desarraigavam-se árvores colossais; subia a água, em espumas, até ao ninho das aves; a fauna e a própria flora, desperta de seu sono, lançavam o alarido de socorro. Insensível, porém, a êsse alarido infernal, a onda avançava sempre; e um brado superior a tôdas essas vozes dominou a amplidão.

Enorme, revôlta, furiosa, entalada entre duas massas escuras, devastando, destruindo, deitando por terra tudo quanto obstava à sua passagem, a onda soberana, como o gênio sombrio daqueles rios, desapareceu no mistério, como dêle havia surgido. As águas mortas do igarapé, impelidas até quase o outeiro, para onde nos havíamos abrigado, foram-se escoando a pouco e pouco; e a floresta, tornando à primitiva quietação, de repente balsamizou-se dos aromas exalados das ervas despedaçadas pela violência da torrente. À tepidez da atmosfera, congestionada pela eletricidade, sucedeu o frescor produzido por uma aragem solicitante e benfazeja.

Passaram os banzeiros; voltamos à canoa; e daí a instantes, à fôrça de remos, corríamos, rio abaixo, em busca de Bojaru...

II

Abrindo as fôlhas de *O Missionário*, senti-me, de súbito, transportado a êsse Pará que conheci na minha puerícia. Daqui o estou vendo vivo, quente, luminoso, como se a fada do romance me houvesse tocado com a sua vara de condão e me convertesse em habitante daquelas regiões.

Embarcado na fantasia de escritor que manobra um estilo dúctil e cristalino, acho-me na vila de Silves e assisto a tôdas as intrigas do lugarejo. Todos os graúdos da terra me são apresentados; e cenas curiosíssimas desenrolam-se diante de meus olhos absortos.

Aqui está o Sr. Macário, sacristão da matriz de Silves, misto de devoção e velhacaria, não obstante julgar-se o "maquiavelismo" em pessoa. Nada mais interessante do que êsse tipo de rato de sacristia, com as suas pretensões a sacudir poeira nos olhos dos fregueses e à dominação política da vila por meio de tutela que supõe exercer sôbre um vigário moço e inexperiente.

Agora é o Sr. tenente Valadão, subdelegado de polícia, "magro, esgrouviado, tísico", mas, não obstante isto, "muito boa pessoa" e respeitável, tanto pelo comprido cavanhaque grisalho, como pelos seus óculos imponentes.

Mais adiante surge o coletor das rendas gerais e provinciais, o Sr. Manuel Mendes da Fonseca, influência política do lugar, negociante importante e homem de tôda a consideração, sem embargo da grande barriga que o precede e da barba sempre feita, que lhe dá uma feição sacerdotal.

E não tardam a aparecer as outras notabilidades da heróica vila: — o presidente da Câmara Municipal Neves Barriga, também "muito boa pessoa", "cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo-Cordeiro"; — o professor régio Aníbal Americano Selvagem Brasileiro, segundo era voz pública, inteligente e sério, e, além disto, mulato de óculos de tartaruga; — o lojista Joaquim da Costa e Silva, proprietário de uma boa loja de modas à Rua do Pôrto, bazar onde se vende de tudo e se corta na pele de todo o mundo, homem também muito honrado, apesar de fazer "o comércio de regatão, mais por divertimento do que por necessidade".

Esta sociedade minúscula de Silves vai aparecendo à proporção que as páginas do livro se desdobram; e aqui, ali, além, vou encontrando figuras algures entrevistas em aldeias do sertão.

Por último, exibe-se o tipo completo e acabado do publicista da roça. Eis-me em presença do Sr. Chico Fidêncio.

Êste personagem, diga-se a verdade, é um dos mais bem apanhados espécimes da fauna social brasileira; e constitui o tipo sôbre o qual se move tôda a primeira parte do romance; êle representa bem o papel do diabo sôlto num povoado, onde uma metade do povo é ruim e a outra imbecil, com raríssimas exceções.

A psicologia dêsse indivíduo é feita com cuidado e apuro, e o seu retrato, trabalhado com amor. Chico Fidêncio é um sujeito de educação truncada. Arribado do sul, charlatão de marca, dotado de loqüela inextinguível e de uma *vis scribendi* furibunda, tinha tomado Silves de assalto, e procurava suplantar os matutos com uma linguagem lardeada de latinórios e de citações históricas faiscadas nos compêndios e no César Cantu. O enrêdo em pessoa, batido em sua mediocridade pelas fôrças sociais onde quer que pou-

sara antes de chegar a Silves, vingava-se agora das injustiças da sorte apossando-se daquela pobre gente para, *in anima vili*, pôr à prova a alta capacidade intelectual de que se supunha dotado. Assim, o charlatão se constituíra o oráculo do povoado, o explicador de tôdas as coisas difíceis, arauto da moral pública e chefe virtual de todos os motins e agitações movidas nas redondezas da lagoa de Saracá.

Ao tempo em que se passa a ação do romance, dirigia a Diocese do Pará o bispo D. Antônio de Macedo Costa, e a questão maçônica percorria o período mais agudo. D. Antônio procurava reanimar o vale do Amazonas, insuflando nos índios, pela catequese, e nos regatões, pela prédica, o espírito cristão. Em seus áureos sonhos, até imaginava a criação do "cristóforo", catedral flutuante e fantástica, que, singrando pelas águas do grande rio, iria atraindo ao seio da igreja, pelo grandioso das harmonias, qual novo Orfeu, não só os habitantes das selvas, mas também os especuladores de especiarias, materializados pelo demônio da ganância comercial. Estas e outras tendências místicas eram então alimentadas pelo seminário maior de Belém, de onde saíam, todos os anos, alguns padres dedicados à causa, e ainda mais pelos jesuítas que, do colégio latino-americano de Roma, vinham auxiliar a obra iniciada pelo prelado. Pode-se, portanto, calcular como, ao surgir a questão maçônica, estas máquinas padrescas deviam irritar os maus de temperamento e os que, de ordinário, gostam do escândalo e se alegram com o espetáculo da perturbação das consciências.

Chico Fidêncio, pois, em Silves, fizera-se o defensor da liberdade e o arauto do "Bode-Prêto"; e aparelhava-se em oposição sistemática a tudo quanto cheirasse a sacristia. É fácil adivinhar em que livros fôra o atrabiliário mestre-escola buscar os lugares-comuns de polêmica religiosa com que devia espantar a burguesia matuta da infeliz freguesia que lhe coubera por sorte.

O vigário de Silves, na época de que se trata, era um homem de moral pouco segura e cúmplice de todos os costumes de seu tempo. Estava, pois, indicado o ponto de partida para a campanha, e o romancista, em uma página magistral, nos mostra como o Fidêncio se desempenhou dessa missão.

Em Silves, não havia ainda imprensa; isto, porém, não foi razão para que Chico Fidêncio desacoroçoasse.

> Um dia, lembrara-se de escrever uma *correspondência* para a fôlha de Manaus, a propósito da última sessão do Júri no têrmo, e dissera umas coisas agradáveis ao Juiz de Direito, que lhe valeram a proposta para Adjunto do Promotor Público... E, satisfeito com o resultado obtido, pusera-se em ativa correspondência com o jornal de Manaus, o *Democrata, órgão político, noticioso, comercial, científico e indepen-*

dente, que lhe estampara a prosa, contente por ter matéria nova com que encher as colunas da obrigação. As cartas de Chico Fidêncio não seriam, talvez, muito lidas na capital da província, mas, em Silves, eram devoradas àvidamente, comentadas, discutidas durante quinze dias a fio. O seu estilo tinha umas vêzes o sarcasmo ferino da conversação ordinária, e outras, quando o Chico calçava as suas tamancas de jornalista grave e queria discutir um assunto com a seriedade necessária, subia aos fraseados sonoros, recheados de declamações bombásticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de idéias e palavras bebidas aqui e ali, na leitura de periódicos e panfletos.

E eram exatamente êsses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhor, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a atenção para o fraseado cheio, para as referências sábias e o rebuscado do estilo, os mais raros e os menos apreciados. O público, ignorante e grosseiro, preferia as pilhérias e as críticas mordazes, que iam subindo de tom até ao diapasão da descompostura, degenerando em maledicências e calúnias...

Quando chegava o paquête e o *Democrata* aparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de *pastéis* e de falhas, como duma lepra incurável, tôda a gente queria saber se o *Constante Leitor*, o pseudônimo do Chico Fidêncio, escrevera a sua carta, datada de Silves, com quem bulia, se desancava o Padre José ou o subdelegado, se falava na Luísa ou na D. Prudência, se contava os novos amôres do vigário ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão de polícia................

O vigário vingava-se das correspondências, fazendo-lhe uma guerra de morte. O coletor, que era o homem mais importante do lugar, não gostava dêle, embora lhe tivesse mêdo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homenzinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho à terra, sem ligações de família na província, sem a tradição dum passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu, de chôfre, o segundo período da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a Maçonaria.

A gente de Silves não tinha interêsse algum na questão, mesmo porque o seu vigário, um pândego, valha a verdade! não se ocupava muito de coisas de Igreja. Mas o espírito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instinto de contradição e de luta que divide os homens, mesmo desinteressados e indiferentes ao assunto da discussão, fracionaram a população em dois grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoais do vigário e dos rapazes mais ardentes e mais instruídos. O outro constituíra-se com os homens timoratos e pacíficos, que, de preferência às inovações, queriam viver com os Padres, acreditando, ou fazendo acreditar, em tudo o que êsses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidêncio tornou-se, naturalmente, chefe do partido maçônico.

A luta, a falar a verdade, não passara do terreno do palanfrório, consistira ùnicamente em discussões fortes à porta do coletor ou junto ao balcão do Costa e Silva, e na insistência dos maçons em acompanhar as procissões e Nossos-Pais de balandrau e tocha. Francisco Fidêncio era irmão do Santíssimo. A sua brilhante opa encarnada, que, por acinte, tinha na sala, exposta a tôdas as vistas, aparecia em tôda a parte. Padre José *bufava*. Por fim, tomara o pretexto de tão grande irreverência para acabar com as festas e procissões, que lhe davam muita maçada. Mas o melhor fôra que o correspondente do *Democrata* lucrara com a questão.

Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assunto da pendência que dividia os espíritos, atacando o Papa, os Bispos, os Padres todos, e especialmente os jesuítas, poupava os habitantes da vila, com exceção do Vigário. Mereceu, com êsse procedimento, que se corresse um véu sôbre as críticas antigas, amortecendo os ódios dos ofendidos. Não era mais o *escrevinhador insolente*, que se ocupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano. Passava a ser um escritor preocupado de questões sociais, um sujeito que zurzia os Padres, uma espécie de adversário platônico. Os Padres que se defendessem!

As antigas vítimas rejubilavam-se, descansadas, livres do temor, esforçando-se por esquecer e fazer esquecer as descomposturas recebidas no *Democrata*. Eram agora elas mesmas que chamavam a atenção pública para os artigos do professor, que os comentavam, indagando hipòcritamente se seria verdade tudo aquilo que se dizia do Padre José, alardeando indignação, exclamando que tais monstruosidades eram dignas de severo castigo.

Francisco Fidêncio contava à redação do *Democrata*, por miúdo, as pândegas colossais do vigário, as aventuras noturnas, as bambochatas em canoa, as orgias nas praias de areia, ao tempo da desova das tartarugas. Citava nomes, falava da Chica da outra banda, da mulher do Viriato, da Luísa e até da D. Prudência, veladamente, — *uma certa Imprudência*. Dizia que o vigário bebera o dinheiro da província com as mulatas, em vez de consertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituía as confessadas, que era ministro de Barrabás... o diabo!

Padre José ficava furioso. Ameaçava *quebrar as bitáculas àquele safado*, e caluniava-o, espalhando que Chico Fidêncio fôra condenado no Rio, por gatuno, e expulso do corpo de Permanentes do Pará, por maus costumes, *pecados contra a natureza*. [1]

É com êste terribilíssimo diretor da opinião de Silves que tem de se medir o novo páraco que figura como protagonista do romance e pelo qual se alvoroça tôda a população da vila, apenas se divulga a notícia da aproximação do paquête que o conduz.

III

Os primeiros capítulos do livro descrevem os preparativos para a recepção de Padre Antônio de Morais, e a azáfama do sacristão Macário, que fôra incumbido de arranjar-lhe conveniente aposentadoria. Ruas enfeitadas, repiques de sinos, girândolas de foguetes, multidão pelo cais, fôlhas de mangueira espalhadas pelo pavimento, arcos de murta; nada falta para dar à chegada auspiciosa do vigário o tom festivo dos grandes dias. A vila acolhe padre Antônio, pressurosa; os católicos rejubilam por terem, agora, em seu seio, um cura de almas moço, formoso e ilustrado; o Fidêncio vê-o passar acompanhado do beatório e atira-lhe, de revés, o riso hostil das ini-

[1] *O Missionário*, p. 143.

mizades sistemáticas e abstratas. O recém-chegado, entretanto, corre à igreja para fazer a oração do estilo; encontra-a devastada, sem paramentos, quase em ruínas; e, pesaroso, recolhe-se ao silêncio da sua habitação com as ingênuas curiosidades do novo e a opressão da responsabilidade do futuro. Entregue aos seus pensamentos, o jovem sacerdote reflete na sua espinhosa missão, lança uma vista sôbre o passado e a sua alma transfigura-se, retratando um dos tipos mais românticos que a disciplina dos seminários já conseguiu produzir plasmando um temperamento tropical.

Padre Antônio de Morais não é, como aparenta, um asceta igual a tantos outros, um místico de natureza, lapidado pela educação, petrificado pela disciplina e pela mônita jesuítica. Ao contrário disto, êle apresenta todos os caracteres do detento de uma profissão, de um iludido por capricho de direção; não é um contemplativo. Sanguíneo e forte, a sua natureza pedia movimento e luta, gôzo e triunfos ruidosos.

Antes de entrar para o Seminário, fôra um selvagenzinho. "Levara uma vida livre, sôlto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a meter as vacas para o curral". Os seus divertimentos, então, eram montar bezerros, subjugar poldros de ano e meio, madrugar em excursões, atrás de ninhos de garças e maguaris, afrontando brejos, rios e florestas, "saturado de sol, de ar, de liberdade, de gôzo".

Semelhante vida, compreende-se, não podia senão atiçar-lhe o sangue e aparelhar a carne. Não obstante, e quando o selvagenzinho mal soletrava a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* e começava a perseguir as mulatinhas, entenderam que uma batina ia-lhe ao pintar; e o enchiqueiraram no aprisco sagrado, cortando-lhe sùbitamente o desenvolvimento da puberdade. Os padres conseguiram domá-lo; mas a redução do menino fêz-se com algum trabalho. Era inevitável que a intrepidez do antigo perseguidor de maguaris, atravessando a sua educação teológica entre a dúvida e a contradição, levantasse sucessivamente tôdas as bandeiras que a heresia e a impiedade têm desfraldado para inquietar a consciência católica, desde Orígenes até Lutero. Assim, êle fôra maniqueu com Santo Agostinho, milenário com S. Justino e Santo Ambrósio, dualista com Marcião, místico com Montário, chegando mesmo a adotar a heresia dos valérios e dos origenistas. Tudo isto, porém, modificara-se diante da disciplina e de alguns encarceramentos, e, por último, dissipou-se com o recebimento das ordens e com a vigararia de Silves. Todavia, a imposição do ministério sagrado, se o submete, não o transforma.

O pároco, que agora encontramos frente a frente a Chico Fidêncio, cheio de modéstia, de unção religiosa, preocupado do incremento da fé, quer ação, luz e teatro para largos movimentos.

Em pouco tempo a monotonia do exercício paroquial o arroja para as concepções gigantescas. A história das missões o embevecia e as biografias dos grandes soldados da milícia de Cristo causavam-lhe verdadeira febre de glória.

> O padre levantava-se cedo, às seis horas, lia o breviário e passava a dizer missa. Depois da missa, confessava, e, ao sair, no adro, palestrava com os homens, indagando da saúde de cada um, muito cortês, dando conselhos úteis de higiene privada. Terminada a aula de religião, que dava aos meninos, recolhia-se a concertar o lorpa do Macário sacristão sôbre as necessidades do culto. Jantava às quatro horas, saía a dar um breve passeio pelos arredores da vila, a espairecer, sempre sério, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo da sisudez e da gravidade. Voltava às seis horas, ao toque da Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviário. . .
>
> Os batizados e casamentos, atrasados um semestre, um ou outro entêrro, achavam-no sempre pronto, nada exigente quanto a propinas, observando com afetado escrúpulo a tabela do bispado e fechando os olhos à qualidade maçônica do padrinho, do defunto ou do nubente.[2]

Esta mansuetude e correção no cumprimento dos deveres paroquiais concorreram para tornar ainda mais monótona e incolor a vida do pseudo-asceta. O próprio Chico Fidêncio sente-se desarmado, e o único elemento de escândalo que podia agitar o forum de Silves falha de um modo descoroçoador, tirando a verve ao foliculário e preparando a evasão do jovem sacerdote.

Padre Antônio, dia a dia, reconhece que o escopo de sua vida não é pregar sermões eloqüentes entre as quatro paredes de uma velha igreja despovoada de fiéis. Com efeito, aquêle "padre triste", que, segundo dizia o Fidêncio, "tinha mistérios no gesto e uma agressão no olhar", não podia permanecer à margem do Saracá, entre gente estúpida, inativo, a morrer de um momento para outro, sem que sôbre sua sepultura se pudesse escrever um feito digno de memória.

Não lhe bastava o cumprimento banal do dever. Seu ideal era ser um santo célebre, e, para consegui-lo, só havia um meio: — fugir às tentações da carne, que o aguilhoavam naquela vila ociosa, e empreender a missão da Mundurucânia. Era preciso correr perigos e ilustrar uma página do *Flos Sanctorum*. Padre Antônio não hesita mais, e um dia, acompanhado do sacristão Macário, numa igarité, abandona Silves, com um sonho prodigioso no cérebro. A

---

[2] Obr. cit., p. 163.

floresta brasílica já se transfigura na catedral poética dos tempos áureos; e, no delírio do romântico, voejam tôdas as grandezas e suntuosidades que a memória oriental e a legenda medieval têm acumulado em sua imaginação de voluptuoso. Em seu espírito, privado de mulher, forma-se o ruidoso poema das grandes criações sociológicas. O Amazonas se lhe afigura o centro do Universo, e a missão da Mudurucânia, uma nova construção de Inácio de Loiola.

IV

Até o ponto do livro em que se descreve a evasão do vigário de Silves, que foge à "civilização" do Saracá para elevar um monumento de fé entre os Mundurucus, as cenas do romance obedecem à primeira parte de um plano, que divide a obra em duas ordens de espetáculos mui distintos. Na primeira, o escritor não tem outro intuito senão fotografar a vida sarapintada de um povoado do sertão; e, nela, os aspectos escolhidos são apresentados com um vigor pouco comum. As épocas sucedem-se lògicamente, de modo a produzir, no espírito do leitor, a ilusão dos movimentos coletivos como em um giróscopo tangido à tôda a fôrça. Os personagens tomam tôdas as atitudes que o romancista lhes quer dar, sem que se pressintam as *ficelles,* nem se faça violência à marcha natural dos acontecimentos.

Padre Antônio, que constitui o objeto mais atraente do livro, atravessa, entretanto, êsse viver de Silves como uma sombra intangível à intriga, suspenso pelas asas da reserva, e de uma austeridade até então desconhecida na localidade, graças aos desmandos de seus antecessores. Enquanto êle medita os mistérios teológicos na solidão de seu quarto, ou perambula pelas margens dos rios, engolfado no sonho da sua gloriosa missão, Chico Fidêncio desarrazoa em política, conspira inùtilmente contra a virtude do novo apóstolo e continua a escrever para o jornal de Manaus artigos furiosos, expondo à sanha dos maçons o que êle chamava "abutres de batina e inimigos do progresso". No bazar de Costa e Silva continuam a reunir-se os faladores da vida alheia. Os regatões preparam-se para novos assaltos à inocência das populações indígenas e ribeirinhas; e a consciência católica da mestiçagem amazonense arrepela-se de vez em quando, arrebatada pelos movimentos histéricos de uma religiosidade de ocasião, sem tradições e apenas nutrida pelo sentimento vago e mórbido do divino incognoscível. Indiferente, porém, a tudo isto, padre Antônio prossegue na rota para onde a educação religiosa o impele, e julga ter encetado o seu ministério no momento em que, metido em uma frágil igarité, ao lado

do sacristão Macário, mergulhado na vastidão do rio Abacaxis, face a face com o deserto, perscruta a psicologia dos povos virgens.

Pode-se dizer que é nessa passagem que se abre pròpriamente a ação de *O Missionário*, e daí por diante o livro se desenvolve em uma série de aspectos psicológicos que recordam as mais intensas páginas de Bourget.

Alguns leitores têm, com certeza, achado monótona essa segunda parte do romance. Não há dúvida que essa monotonia existe; mas é preciso não esquecer que o autor procurou-a conscientemente e num intuito artístico. A sensação que a soledade das águas do Amazonas infundia no apóstolo da Mundurucânia devia, necessàriamente, reproduzir-se na sensibilidade do leitor; e êsse efeito, o Dr. Inglês de Sousa conseguiu realizar, amplificando com habilidade rara o estado da alma do missionário, em contraste contínuo com o silêncio das florestas e a fôrça obnubilante do deserto. Sem êsse artifício, como poderia o romancista chegar às conclusões e ao desfecho a que chegou?

Ora, o objetivo de *O Missionário* não é outro senão descrever o "fiasco de um apóstolo".

Padre Antônio de Morais, um temperamento genital, pensa que tem dentro de si um Anchieta; deixa-se tomar pela telha do romantismo e inflama-se no sonho da Mundurucânia; mete mãos à obras, mas, quando menos cuida em si, o deserto encarrega-se de esfriar-lhe o entusiasmo mal bebido em livros sagrados ou profanos. A natureza reconquista os seus foros e acaba restituindo vitoriosamente o órgão à sua função legítima.

O Anchieta de Silves, à proporção que se interna nos sertões de Maués, vai perdendo as côres de asceta que o Seminário maior de Belém conseguira pôr-lhe no semblante; a batina do apóstolo pui-se nos atritos da vida florestal; o padre gradualmente deixa-se substituir pelo rubicundo explorador, audaz e vigoroso; e, por último, na febre do gôzo carnal, que o sol dos trópicos fustiga, apaga-se o candidato à santidade para surgir um vigário como qualquer outro, amancebado com uma linda mameluca ou com uma cafuza cheirando a baunilha e a piripirioca.

A história dêsse "fiasco" colossal necessitava de ser traçada com todo o cuidado e amor que exigia um tipo da qualidade do de que se trata. Acresciam as dificuldades que o autor teria de combater para não cair nos lugares-comuns do gênero literário. O Eurico, de A. Herculano, o padre Molina, de José de Alencar, e o padre Amaro, de Eça de Queirós, aí estavam a obstruir-lhe o campo de ação. Todavia, o Dr. Inglês de Sousa soube evitar as situações já exploradas nos livros daqueles mestres; e isto conseguiu, fazendo do seu

personagem um sacerdote inteligente e ilustrado, é verdade, mas, no que respeita ao caráter, à relaxação da vontade, um padre à-toa, igual a tantos que o leitor conhece, muito bons pais de família e amigos dos cinco mil réis da missa. Eis tôda a sua originalidade.

Padre Antônio não apresenta um tipo de sacrílego. A transição opera-se lentamente, naturalmente; não há violência, nem lutas, como as em que se empenharam os heróis acima enumerados. O missionário apenas sente, com o tempo, apagar-se no seu espírito a idéia da missão; esquece tôda sua literatura religiosa e a patrologia; troca a sensação do livro pela floresta; e, sem o perceber, passa dos braços da *mater dolorosa* para o colo tépido, perfumado e afrodisíaco da tapuia, que o enlaça, qual formosa sucurujuba de amor, e vai, num recanto da lagoa, sugá-lo até a última gôta de sensualismo. Para que, porém, o vigário de Silves chegue a esta situação, o romancista é obrigado a conduzi-lo, muito devagar, através das paisagens do rio Urubus, do Aabacaxis, do lago Canumã e dos sertões do Guaranatuba, aonde a pouco e pouco o sonho do missionário, a catedral enorme do oriente, o Cristóforo, todos os aparelhos, enfim, da nevrose expedicionária acabam por diluir-se ao contato das tintas fulgurantes com que a natureza brindou a flora e a fauna tropical. Explende, por fim, o nativismo de um padre "errado", e, apagada a imagem do pretenso Anchieta, começa a esboçar-se, na viagem perigosa e acidentada, o tipo do brasileiro, cheio de fogo e de lirismo prático.

> Pela primeira vez, diz o livro, Padre Antônio conseguira conciliar o sono. Estava prestes a realizar o seu grandioso projeto. Estava contente consigo mesmo. A melancolia que o acabrunhava desaparecera como por encanto, não mais as tristes idéias de aniquilamento e morte que lhe ensombravam a imaginação, não mais estremecia de terror pensando na vida eterna...
>
> Abrindo a porta do quarto que dava para o terreiro, entrou por ela o dia, um espléndido dia de agôsto, cheio de vozes de pássaros na floresta e de ruído de peixes no rio. O sol, levantando-se por sôbre as matas da outra banda, parecia sair de um banho voluptuoso, com os raios brilhantes mitigados pelas umidades da atmosfera impregnada de vapores aquosos que surgiam da Canumã. As árvores, o capinzal, o terreiro estavam cobertos de abundante orvalho. As árvores da beirada recendiam um perfume agreste que entontecia, tôda a natureza amazônica revivia com mais pujança aos beijos de um sol bem-amado, que voltava a acariciá-la com a luz rica de tonalidades claras, animando-a com o seu calor fecundo.
>
> Padre Antônio, exaltado por um sentimento religioso ante o espetáculo admirável daquela manhã soberba, dirigiu-se ao pôrto a chamar os camaradas, que deviam ter pernoitado na canoa. Mas, na superfície calma e lisa do lago, na esteira sombria do furo do Urariá, abrigado da luz matutina pelas árvores da beira, nenhuma embarcação se divisava. O pôrto estava deserto. O vigário e o sacristão, numa terrível ansiedade, correram pela margem, chamando em altas vozes os remeiros pelos

nomes, mas sòmente o eco lhes respondia, o eco da outra banda, entrecortado pela gargalhada zombeteira da maritaca. A situação era clara como o dia que se levantava por entre os aningais da vargem.

Os tapuios haviam fugido na igarité de padre Antônio, levando-lhe a roupa, as provisões, tudo.

V

Perdidos o breviário e a batina, Padre Antônio não esmorece; a miragem religiosa continua a fortalecê-lo, embora a idéia do martírio se transfunda num vigoroso hausto de vida tropical.

Ora remando como um caboclo, ao lado do sacristão, ora dormindo num recesso da floresta, ao clarão da fogueira, ora fugindo à tôda fôrça diante da ubá do mundurucu feroz, ora batendo a picada em busca da caça ou do fruto silvestre, o missionário vai perdendo a faculdade da meditação, e, aos poucos, começa a sentir a renascença do homem da raça ariana, com todos os seus recursos de energia e fúlgidos ideais. O Macário acompanha-o a contragosto, cheio de sustos, qual outro Sancho Pança, sem que chegue a compreender o que se passa no espírito dêsse novo D. Quixote do sacerdócio, nem como um padre ilustrado e virtuoso pode transformar-se num selvagem. Êle, que nunca lera os romances de Fenimore Cooper, não vira Nathaniel Bumppo, nem conhecia as teorias dos mesologistas modernos, de surprêsa em surprêsa, a cada instante capacita-se de que o vigário de Silves marcha de vez para a loucura. Seja, porém, como fôr, o missionário devora o deserto. A montaria vence os rios e os sertões inóspitos. Não o conseguem aterrar as nuvens de carapanãs e piuns, que assaltam a canoa; não o assusta o urro da onça errante e faminta, que ao longe fareja a prêsa; e se as noites de luar, fazendo, por momentos, descer a melancolia sôbre sua alma, provocam uma recaída ascética, os dias equatoriais, ardentes e fulgurantes, encarregando-se de equilibrar-lhe o espírito, tonificam-lhe a imaginação com o alarido da fauna que tripudia nas selvas. Êsse vigor de moço, contudo, deixa-se, um dia, assoberbar. Padre Antônio, nos sertões de Guaranatuba, junto ao furo da Sapucaia, salvo, por índios mansos, das garras e ferocidade dos Mundurucus, cai prostrado pela febre e paga o seu tributo fisiológico à soberania do impaludismo amazônico. A febre corrói-lhe os últimos resquícios do "anchietismo que o tortura". Quando desperta do letargo da enfermidade, bom, refeito, purificado, por assim dizer aclimado na região da luz, êle, que vinha da treva dos claustros, com o cérebro cheio das visões de Dante, encontra-se num sítio meio civilizado, cercado de altos castanhais, sumaúmas frondosas, agrestes embaubeiras, cacaueiros viçosos, à margem de um rio de longe

em longe freqüentado pelos regatões, onde o velho tuxaua João Pimenta e sua neta Clarinha, uma mameluca de 15 anos, com os olhos lânguidos de crioula derretida, hipnotizam-no à fôrça de agrados e de hospitalidade primitiva.

É fácil prever o idílio original que se vai passar e de que só as páginas do livro podem dar uma idéia exata.

Com efeito, padre Antônio não resiste ao conjunto de sensações que naquele bem-aventurado retiro conspiram para deitar por terra a sua castidade. A natureza rica e pródiga do Amazonas e a mais voluptuosa das mulheres reúnem-se ali em um verdadeiro paraíso e, de uma dedada, apagam da memória do vigário de Silves todo o *Flos Sanctorum* e tôda a Idade Média, com os seus cilícios e macerações. O missionário não sucumbe: regressa ao estado bárbaro; assiste à própria assunção, engolfado na luz e nos perfumes da região do Eldorado. Viriliza-se de súbito; e pressente que na sua carne e no seu espírito de ária, se vai processar, psicològicamente, a redenção de um temperamento. O amor de Clarinha completa, por fim, a sua existência, ensinando-lhe a entoar com as aves, com as feras, ao ruído dos rios, ao rumorejar das florestas, o hino do panteísmo e o cântico anaclético do otimista. A vida, quando se pode e se sabe vivê-la de acôrdo com as leis universais, é uma coisa deliciosa. Recebido o ósculo da mulher nos sertões do Guaranatuba, um dia padre Antônio lembra-se de regressar à vida regular da paróquia. Não é sem dificuldades que o ex-apóstolo se avizinha do povoado, pensando na afronta que fizera à igreja e à retórica do Fidêncio. Mas, que valia tudo isto, à vista da felicidade que gozara e dos momentos venturosos que ainda a mameluca lhe poderia oferecer, recatadamente guardada em algum recanto da lagoa de Saracá?

Um pouco enfiado, recolhe-se o padre ao *ram-ram* da vida comum; mas, em compensação, na alma fica-lhe a sensação de ter escrito na própria carne estrofes iguais à que outrora tinha lido nos poemas da Índia ou nas pastorais de Longus e de Bernardin de Saint-Pierre.

VI

A última parte do romance proporciona ao Dr. Inglês de Sousa mostrar tôda a extensão do seu talento de paisagista. Em verdade, não conheço livro, escrito por brasileiro, em que a natureza tropical apareça representada com tamanho esplendor.

Se Chateaubriand não estivesse fora da moda, eu diria que havíamos encontrado o nosso Chateaubriand, um Chateaubriand à moderna, não à maneira de Pierre Loti, mas naturalista, observador, ao mesmo tempo psicólogo e otimista. Digo otimista intencio-

nalmente, porque um americano não pode ser senão otimista, máxime quando se volve para a terra natal, um tanto esquecido do que leu nos livros torturados da decadência européia. Ao contrário do autor de *Atala*, o Dr. Inglês de Sousa não foi buscar na contemplação da natureza amazônica a confirmação de um estado de alma merencório e triste. A sua paisagem é opulenta, variada, muito colorida e fulgurante; por vêzes, solene e misteriosa: mas não pesa sôbre ela a preocupação do vago infinito, do simbolismo divino e a tortura do problema eterno; antes, pelo contrário, aviventam-na, a cada passo, os hinos da alegria, os festivais da vida dos trópicos; e se nela existe alguma preocupação, é a de atingir a intensidade máxima da fôrça.

René chorava e entenebrecia-se quando, perdido nas margens do Mississippi ou dos grandes lagos ignorados, ouvia o roncar longínquo da catarata do Niágara. René, alma solitária e apaixonada, velava-se de luto e suspirava, dolorido, quando a lua, no deserto, se erguia, vagarosa, por cima da copa das árvores, lançando uma claridade azul e aveludada sôbre as savanas, onde a relva dormia imóvel e orvalhada. Padre Antônio, pelo contrário, se perde a alegria, é momentâneamente, por cansaço, por sobressalto. Apenas toca-o um aspecto novo, reaparece a energia. O seu temperamento engolfa-se, e a sucessão de aspectos determina uma série quase ininterrupta de desejos febris de atividade. A paisagem, portanto, como complemento psicológico das determinações volitivas, reproduz-se na imaginação do personagem como um agente poderoso, benéfico e rejuvenescente. As regiões bravias do mundo novo do Dr. Inglês de Sousa, longe, pois, de esmagarem o espectador, infundindo-lhe um sentimento mórbido, angustioso e melancólico, uma tristeza incurável, segundo Deus, entusiasmam-no e inspiram-lhe uma nova crença na vida e no amor.

Tudo isto põe bem claras as tendências do romancista. A sua imaginação, embora muito amorosa da natureza morta, tem a ventura de estar aliada a uma sensibilidade equilibrada e perfeitamente imune daquela célebre doença "que gerava no homem o vago desejo de abandonar a vida para abraçar a natureza e confundir-se com o seu autor na imensidade". [3]

A arte do Dr. Inglês de Sousa, como romancista, é simples, e a fatura dos seus livros, destituída de pretensão.

O sistema de narrar por êle adotado resulta de uma feliz combinação da "maneira" de E. Zola com a de P. Bourget.

---

3 Cf. E. Faguet, *Etudes littéraires sur le XIXe siècle;* V. Delaprade, *Le sentiment de la nature chez les modernes.*

Como todos sabem, o autor do *Assommoir* não discorre nem se ocupa em descrever estados de alma. O seu processo cifra-se em indicar o caráter dos personagens pelas manifestações exteriores, como se se tratasse de um drama pôsto no teatro, tudo isto por meio de épuras sucessivas, sem referências nem explicações, cujos hiatos são preenchidos pelo espírito do leitor. P. Bourget, em sentido oposto, desprezando as épuras, faz realçar o drama explorando e explicando os estados de alma, em sua sucessão, de cada um dos personagens e completando-os pelo diálogo.

Pois bem, o autor d'*O Missionário* funde os dois processos. Dispõe convenientemente as épuras, depois de escolhidas as situações, e liga-as por meio de recapitulações que se estampam, a título de análises psicológicas, no espírito de cada personagem.

Penso que o processo não provou mal, e que, aperfeiçoado, poderá excluir dos livros que o aceitarem a rigidez da narração zolesca e, ao mesmo tempo, a sutileza cansativa dos relatos de Bourget.

O futuro do romance brasileiro está nas mãos de alguns cultores de grande talento que apresentam aptidões diversas. O Dr. Inglês de Sousa, conquanto não se pareça com nenhum dêles, tem, incontestàvelmente, direito a sentar-se entre os mestres dos que surgem; e se me é agradável declarar que, entre os primeiros romancistas, avultam Aluísio Azevedo, o mais apurado discípulo de Zola no Brasil, Raul Pompéia, o primoroso estilista e psicólogo d'*O Ateneu*, e Coelho Neto, o sobressaltado fantasista do *Rei Fantasma*, ainda mais agradável ser-me-ia colocar ao seu lado, como um rival, seguro do lugar que lhe compete na literatura nacional, o escritor modesto que ilustrou a interessante e imperecível figura do vigário de Silves.

GREGÓRIO DE MATOS

PUBLICAÇÃO APARECIDA PRIMEIRAMENTE NO *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO-MARÇO 1893. REPRODUZIDA DEPOIS EM: T. A. ARARIPE JÚNIOR / *GREGÓRIO DE MATOS* / RIO DE JANEIRO / 1894, IN 16 DE VII-150 PP. EM 2.ª EDIÇÃO: LITERATURA BRASILEIRA / *GREGÓRIO DE MATOS* / POR / T. A. ARARIPE JÚNIOR / RIO DE JANEIRO, LIVRARIA GARNIER, 1910, IN 8.º, XI-204 PP.

PARA EFEITO DE ORDENAÇÃO CRONOLÓGICA, TOMOU-SE A DATA DA 1.ª EDIÇÃO, EM LIVRO, 1894.

(Texto da 2.ª edição. Nos casos duvidosos, recorreu-se à 1.ª edição)

AD SODALES EX RABELEIIS

Estre joyeux... en mespris des choses fortuites

PANTAGRUEL, Liv. IV.

ADVERTÊNCIA

Esta edição é reprodução fiel da primeira, cujo texto julguei que devia conservar intato, para não retirar o caráter de oportunidade e do momento, no qual êste ensaio foi escrito. Uma refusão importaria na fatura de um trabalho novo, na conformidade das transformações por que tenho passado.

Outrossim, e pela mesma razão, conservei a ortografia que então usava; além de que a revisão, segundo a que hoje observo, necessitaria um trabalho em perfeito desacôrdo com a época da primitiva publicação.

Rio, 30 de novembro de 1910.

T. Alencar Araripe Júnior

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO *

Compus êste ensaio e publiquei-o no *Jornal do Brasil* durante os meses de fevereiro e março de 1893. Reproduzindo-o sem alterações, adiciono agora os capítulos XI e seguintes, que deixaram de ser dados à estampa naquela época por pensar que tinha abusado assaz da benignidade de José Veríssimo, então diretor da referida fôlha e a quem sou muito obrigado.

Julgo a vulgarização do livro oportuna, visto tratar de um homem, de um poeta, que, de todos o mais brasileiro, foi até hoje o mais deprimido. Lendo-se êste ensaio, ver-se-á que há duzentos anos houve no Brasil quem tivesse coragem de ser nacionalista.

Neste momento todos ou grande parte dos brasileiros o querem ser, graças ao grande choque que a nação acaba de suportar, despertando; e o são conscientemente: Gregório de Matos fêz-se nativista sem o saber, mas achou tôdas as fórmulas de nativismo que estão na atualidade em grande voga.

Não considerando êste trabalho definitivo, também não procurei dar a alguns capítulos o desenvolvimento que comportavam. Gregório de Matos é tôda a poesia do século XVII. Já se vê, portanto, que, para ser completo, eu deveria escrever a história geral daquela época, o que oportunamente farei, quando tiver publicado outros escorços paralelos e puder reuni-los num estudo hierático e demótico da vida mental brasileira. Contento-me em indicar, em notas, alguns dos assuntos que se prendem mais pròximamente ao objeto exclusivo do livro.

O método que adotei, na preparação dêste ensaio, é o mesmo que tenho seguido desde 1878. Orientado no evolucionismo spenceriano e adestrado nas aplicações de Taine, procurei depois fortalecer-me no estudo comparado dos críticos vigentes. Todos os pontos de vista da exegese moderna têm sido objeto de minhas preocupações. Tôda idéia, boa ou má, aproveitável ou inexeqüível, é sempre humana. Assim, pois, acostumei-me a nada desprezar. O próprio pessimismo e os seus variadíssimos dialetos literários, ocultismo, decadismo, pré-rafaelismo, wagnerismo, têm me ensinado a discernir melhor as coisas humanas e a dirigir o espírito pondo de lado

---

* Na ed. mencionada o título é *Prevenção*.

o que é fortuito. Devo declarar também que muito continuo a aprender relendo Aristóteles, Longino, Horácio e principalmente o bom Quintiliano. O *Laocoonte* de Lessing fêz época na minha carreira de crítico, apesar de havê-lo conhecido quando já estava muito familiarizado com a estética de Taine. Lessing, pelo menos, convenceu-me de que os princípios da arte, os elementos simples, já eram conhecidos da antiguidade grega, e que a crítica moderna apenas desenrolou, equilibrando-os, e agora trata de adaptá-los à vida complexa do espírito secular.

Com tais disposições, à luz da alegria rabelaisiana, da sã alegria da vida, dessa alegria que combate as duas supremas negações, o diabo e a morte, tenho avançado; e graças a isto, pude com a fraca candeia do meu espírito iluminar o vulto dêsse poeta do século XVII, que jazia coberto pela polilha dos códices indecifráveis, limpo a meio do pó das bibliotecas pela caridade do malogrado Vale Cabral.

Possa o meu trabalho conceder algumas horas de repouso e contentamento aos afadigados pelas lidas diurnas e que se não ocupam com velharias. Dar-me-ei, se não fôr considerado importuno, por bem pago de haver sacrificado paciência e tempo para lançar algumas observações sôbre o nosso grande poeta, em papel de imprensa e com letra de fôrma.

Rio, maio de 1894.

T. A. Araripe Júnior.

GREGÓRIO DE MATOS

(1623-1696)

Um dos maiores erros que a crítica tem cometido a respeito de Gregório de Matos tem sido compará-lo a Rabelais. Poder-se-ia aproximar o seu temperamento do do Aretino; mas, do do autor de *Gargantua*, só por uma deplorável confusão de tendências e uma falsa compreensão do gênio satírico do francês. Rabelais tinha um humor especial e uma filosofia correspondente. Esta filosofia, segundo Stapfer, era o *pantagruelismo*, o qual, como o próprio satírico definiu no novo prólogo do livro IV da sua obra, consistia em uma "certaine gayeté d'esprit conficte en mespris des choses fortuites". — "Vivre joyeux", dizia o mestre. "La serenité de votre celeste cerveau jamais ne soit troublée par nuées quelconques de fâcherie". O riso gaulês de Rabelais não feria senão a epiderme da humanidade; era uma picada de alfinête apenas; e as próprias pessoas por êle atingidas deixavam-se arrastar pelo seu otimismo sadio, *purgando-se de tôda a solicitude humana e fazendo a alma sobrenadar na beatitude da bonomia (nonchaloir).*

Nada disto encontra-se em Gregório de Matos. Pessimista objetivo, alma maligna, caráter rancoroso, relaxado por temperamento e por costumes, o poeta do "Marinícolas", verte fel em tôdas as suas sátiras; e, apesar de produto imediato do meio em que viveu, desconhece a sua cumplicidade, pensa reagir quando apenas o traduz, cuida moralizar quando apenas se enlameia. Seja, porém, o que fôr, e ainda porque não quis, como Rabelais, como Lafontaine, aceitar sinceramente, paternalmente, a sua e a loucura humana, Gregório de Matos é o satírico mais acabado, o gênio ferocíssimo da relaxação mais acentuado que já produziu a natureza. Para êste efeito foi preciso, contudo, que um português atravessasse o Atlântico, como tantos outros aventureiros ou degradados da mãe pátria, e que tivesse filhos; que a África mandasse ao Brasil os elementos de que se havia de formar a mestiçagem de alguns de seus estados; que a Bahia se organizasse com os elementos híbridos que ainda hoje a caracterizam; que finalmente um branco, inteligente, genial, formado em direito, apesar de nascido no Brasil, em universidade portuguêsa, contraísse naquela época tão longínqua um ódio inelutá-

vel contra a raça que o produzira, *o galego*, contra os mulatos que o feriam à traição, contra os cônegos que engordavam a contra-gôsto seu, contra tudo que aborrecia o seu desfastio e contra a terra que o alijava por não suportar tamanha indigestão de *humour*, tamanha concisão de idéias.

Gregório de Matos foi a floração da mais híbrida sociedade que tem havido no mundo, e, absorvendo tudo quanto a colônia no século XVII possuía de original e picante, como brasílio-europeu que era, deu o livro mais curioso que já saiu de pena humana.

I

A SÁTIRA. SUAS ORIGENS. OS VERDADEIROS SATÍRICOS.

§ 1

A sátira, antes de ser um fenômeno social e literário, é um fenômeno fisiológico. Irritação do forte, sadio e triunfante, contra o fraco que se arrasta na sua impotência, na sua tristeza, intanguido pelo aleijão, a sátira, em sua expressão mais pura, não passa da malignidade produzida pela exuberância vital, momentâneamente desviada do eixo sôbre o qual giram todos os fenômenos da vida universal. Diferenciação do riso, que, como bem o definiu Spencer, é a válvula por onde se dão as descargas do sôbreexcesso de vida e de satisfação, êle começa a manifestar-se desde o irracional, e, ascendendo até à vida social, na sua característica estética, apresenta em tôdas as suas fases o mesmo sinal — a preponderância dos sentimentos maus sôbre os benignos.

Os irracionais são muitas vêzes satíricos; e não é pouco comum verem-se nas ruas das cidades cães alterosos e soberbos de casas fidalgas atirarem-se, em troça, sôbre o pobre lazarento, faminto e gôzo, que teve a desventura de vir, com a cauda entre as pernas mariscar as migalhas de alguma cozinha de restaurante. Essa hostilidade dirigida contra a fraqueza, contra a miséria, que raramente deixa de confundir-se com o ridículo, tive eu, um dia, ocasião de observar, com pasmo, em um frangote, garboso e de linda plumagem, o qual com uma insistência maligna e feroz se entretinha em beliscar um pinto depenado e engrujado, a quem o gôgo tirara os últimos resquícios de alegria. Entre as espécies inferiores, quem não vê que o macaco e a rapôsa são espécimes perfeitamente acentuados dessa malignidade refugiada nos confins da vida? Para convencermo-nos do assêrto basta recorrer ao bom senso do observador popular e ler as fábulas de Lafontaine, onde "maître Renard" repre-

senta tôda a sutil e enganosa perversidade do homem, junta aos instintos agressivos do mais apurado mefistofelismo. Acompanhe-se o ciclo medieval do romance do Raposo e depurem-se no crisol da crítica tôdas as saídas, repentes e agudezas que o povo pôs na astúcia do personagem de onde Goethe tirou o *Reinech Fuchs*, e ninguém duvidará de que do animal daninho ao célebre Mefisto o caminho a percorrer não é tão longo como talvez se pense.

As origens fisiológicas da sátira, portanto, não se envolvem em muito grande obscuridade; e, transpondo os umbrais, que lhe dão ingresso na vida social, se por um lado essa manifestação complica-se, por outro oferece-nos, talvez, dados mais certos do que qualquer outra, para não a confundirmos com o sublime, com o belo, com o amor e com as formas intermédias da sensibilidade humana.

§ 2

A história literária da sátira está em grande parte feita. Reina, porém, em tôda ela uma deplorável confusão.

A sátira é a malignidade traduzida em estilo poético. Entretanto, muitos historiadores querem-na encontrar no fundo das concepções literárias do budismo, bem como no de outras literaturas pessimistas; e, ligando-a ao satanismo medieval, vêm prendê-la ao *humour* de Swift, de Sterne e dos seus imitadores. Nesta filiação, porém, há grande êrro de aplicação do princípio filosófico do transformismo alemão e uma fatal preocupação de escola radical. É suficiente, como já indiquei, considerá-la uma diferenciação do riso sadio, para que ninguém se lembre mais de chamar satíricos, pelo menos satíricos orgânicos, aos autores de *Gulliver* e de *Tristam Shandy*.

E sabem qual a razão de equívoco tão prejudicial à boa inteligência dos textos? É a inversão dos métodos literários operada pelo talento daqueles escritores.

Swift, que nascera para pregador, doutrinário, fêz-se poeta e procurou a forma do apólogo para traduzir o seu profundo pessimismo religioso, político e filosófico. Do encontro do seu mundo de idéias com a forma antagônica que lhe propunham resultou a ilusão de efeitos que deu lugar a que dissessem:

— Swift é um satírico.

Sterne fêz quase a mesma coisa. Era uma alma mística, de asas cortadas e arrojada ao lamaçal de uma sociedade, por suposição sua, corrupta, desorientada, e convictamente louca. A resultante foi esta: Sterne fingiu voar com os cotos das asas sôbre o lameiro, em que

êle se sonhava submerso; e o seu sonho ainda repercutiu na consciência dos críticos, como se se tratasse de um Luciano ou de um Apuleu.

Há também repreensível êrro em considerar Juvenal um satírico orgânico. Juvenal, apesar de ter dado ao seu livro o nome de *Sátiras*, não se purgou bastante do caráter de puro moralista para que a sua malignidade tomasse a conveniente orientação. Muito mais satírico do que êle foi Horácio, lúbrico e gaiteiro, ferindo os vícios que lhe pareciam ridículos, mas rebolcando-se noutros, onde a sua lascívia e a sua instintiva perversidade encontravam repasto ao sibaritismo literário de Mecenas. A alma de Juvenal, ao contrário disto, figura-se-me a revivescência da alma indignada de Catão, sob cujo ponto de vista assemelha-se pasmosamente à de Tácito, e, nos tempos modernos, à de La Rochefoucauld. Todos três, profundos psicólogos e ainda mais profundamente saturados das enfermidades de seu tempo, tiraram da clarividência do espírito tôda a fôrça e eloqüência existente nos escritos que nos legaram. São moralistas indignados; apenas divergentes na forma literária que adotaram. Tácito, porque tinha aprendido a historiar, escreveu as biografias tétricas de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. La Rochefoucauld preferiu fazer psicologia em máximas e pensamentos. Juvenal, porém, forçado pela época, exibiu-se no gênero que mais convinha aos seus leitores, e lançou as sátiras que todos conhecemos. Todavia no fundo não se descobre o mínimo elemento de malignidade ou de espírito destruidor. Quando muito a crítica descobre naqueles trechos imortais a adaptação da forma de um gênero estranho aos intuitos de um moralista acre, violento, picante nos conceitos, mas nunca esquecido do que devia a si e à dignidade humana.

Facit versum indignatio, disse o legislador da crítica no século XVII, repetindo a máxima de outro legislador mais antigo. Pois bem, a indignação dos grandes psicólogos sempre deu e há de dar o que se encontra nas entrelinhas da sátira juvenalesca. Por êste modo também seriam satíricos, Shakespeare, em grande parte das suas tragédias, principalmente quando no *Ricardo III* pinta o caráter de Gloucester, Saint-Simon quando nas suas *Memórias* descobre as minudências mais recônditas, ou antes, o segrêdo das ações sempre festejadas dos grandes e nobres do seu século.

O verdadeiro satírico, portanto, é um psicólogo *à rebours*. Nem é o irônico, nem o pessimista, nem o cômico, nem o humorista doentio. O verdadeiro satírico é Aristófanes; é Diógenes, na antiguidade; é Gregório de Matos nos tempos modernos.

A sátira, como dizia A. Comte, é a sistematização do espírito destruidor. Eu poderia, para convencer os meus leitores desta verdade, deitar abaixo tôda a livraria que existe hoje sôbre o *humour*

de Swift e de Sterne, sôbre o *cômico molieresco*, sôbre a ironia shakespeariana e sôbre outras manifestações do espírito humano; e a crítica francesa, inglêsa e alemã me ofereceriam um vasto campo de erudição, onde escolhesse exemplos para confirmar a tese que sustento. Mas, por outro lado, as opiniões seriam tão embrulhadas e contraditórias, os preconceitos dos alemães contra a França, e vice-versa, se apresentariam por tal modo revoltantes e absurdos, que acho preferível provocar a convicção pela análise do tipo a que dediquei êste estudo.

Vamos, pois, a *O bôca do inferno.*

II

O "BÔCA DO INFERNO". MALIGNIDADE DE UM POETA

§ 1

O padre-mestre Antônio Vieira, referindo-se a Gregório de Matos, disse que "maior fruto produziam as sátiras do poeta que as missões dêle jesuíta". E houve quem assegurasse que *O bôca do inferno* com os seus versos conseguira moderar o desregramento dos costumes e impedir que se incrementasse o desgovêrno da colônia.

Aí *tem uma* lenda como qualquer outra. Vieira, que, sob alguns pontos de vista, recorda o cepticismo e a mordacidade dos Srs. Lafayette e Ferreira Viana; Vieira, que como êstes nossos conterrâneos sempre amou o paradoxo e o folhetim eclesiástico; Vieira não podia acreditar que a sátira fôsse capaz de melhorar a alma de ninguém. Se, portanto, êle dirigiu aquela barretada ao poeta baiano, naturalmente o fêz deixando-se levar pela admiração que votava ao talento de Matos, cuja carreira, sôlta a todos os ventos do paradoxo, causava-lhe certa inveja, e a que só a samarra da companhia lhe impedia acompanhar, conforme o gênio lhe indicava.

Um notabilíssimo canalha, eis o que êle era. Perdoe-se o uso da frase com que o povo às vêzes define incisivamente o caráter de certos indivíduos.

E não podia ser senão isto o homem que teve bastante coragem para afrontar as coisas mais delicadas da vida conjugal.

O povo pôs em Gregório de Matos a alcunha d'*O bôca do inferno;* e nunca professôres de crítica ultrapassaram a exatidão dessa psicologia em duas palavras.

— Ó bôca do inferno! diziam as velhas quando viam o poeta subir caxingando as ladeiras da Bahia; e êle silencioso, apenas confrangindo o rosto em um ríctus danado, como Dante em Ravena,

prosseguia em seu caminho meditando a obra do seu engenho, que, se não era uma construção semelhante à *Divina Comédia*, produzia-se pelo menos, naquele cérebro, com intensidade igual à do do célebre florentino. O satírico cevava-se na sua descomunal mordacidade.

O seguinte fato, referido pelo licenciado Manuel Pereira Rebelo, em falta de outros mais miúdos, será suficiente para dar a nota capital da índole de Gregório de Matos. Diz o biógrafo que, tendo o poeta ligado a sua sorte à de uma senhora de gênio um tanto impaciente, sucedeu que um dia, tocada pelas necessidades e pelas distrações constantes do marido, "cujas desenvolturas são patentes de suas obras", essa mulher não pôde mais aturá-lo e saiu de casa. Recebeu-a um tio, que era homem prudente, o qual, não obstante reconhecê-la inocente, julgou mais acertado repreendê-la, aconselhando o regresso ao lar abandonado para evitar a risota dos vizinhos e o escândalo da cidade; depois disto foi ter com o sobrinho e lançou-lhe tôda a retórica de que dispunha para convencê-lo de que era obrigação sua receber a espôsa outra vez, como quem devia dar o exemplo de retidão e mais largo juízo do que o que de ordinário se encontra no sexo frágil. Que pensam que fêz *O bôca do inferno?* Não se houve pelos autos. Teve raiva, e dando pasto à sua veia satírica, não trepidou em sacrificar o carinho da espôsa a uma frase de efeito, a uma anedota que o celebrizasse.

— Minha mulher, respondeu êle, fugiu de casa como qualquer escrava boçal. Pois bem : só há um meio de consentir que volte ao tugúrio marital. Que venha amarrada em cordas e por mão do competente capitão de mato.

Aceita como inabalável a resolução do poeta, o tio, e pelo modo mais decoroso, refere a crônica, tratou de reconduzir a sobrinha ao lar doméstico, e assim cumpriu-se o nefando capricho do ofendido. O capitão de mato fêz o seu dever e em tempo pagou-se-lhe "a tomadia do regimento".

Ora, eis um fato que só por si revela de sobressalto tôda a malignidade e espírito malfazejo do homem que se julgava destinado a *enderechar los tuertos* e salvaguardar o império da lei, dando cumprimento ao texto da Ordenação do Liv. V, tit. 36, onde diz que ao marido compete castigar brandamente as mulheres atrevidas e mal educadas.

§ 2

A ferocidade de Gregório de Matos não ficou sòmente nos dislates praticados com a espôsa, que devia merecer-lhe, como lírico que era e da melhor espécie, o carinhoso cuidado do marido e o

amor paternal do protetor. O poeta acreditava em Deus, tanto assim que, nas horas em que o perfumava o lirismo religioso, ditava versos da ordem dos que vou transcrever :

> Pequei, Senhor, mas não, porque hei pecado,
> Da vossa alta piedade me despido :
> Antes quanto mais tenho delinqüido,
> Vos tenho a perdoar mais empenhado.
>
> Se basta a vos irar tanto pecado,
> A abrandar-vos sobeja um só gemido :
> Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
> Vos tem para o perdão lisonjeado.
>
> Se uma ovelha perdida, já cobrada,
> Glória tal e prazer tão repentino
> Vos deu, como afirmais na Sacra História,
>
> Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada :
> Cobrai-a e não queirais, Pastor Divino,
> Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Pois bem; esta dulcíssima unção de cristão converso desaparecia completamente, desde que o tomava a raiva e diante de seus olhos surgiam clérigos de que êle não gostava. É para admirar-se, então, como a animalidade o assoberbava e como o cinismo o fazia descer até ao mais desbragado desrespeito a coisas reputadas santas. Diante da contração satírica tudo cedia, tudo se desfazia, tudo se esbandalhava, e à bôca vinha o volvo excrementício, que o poeta vomitava colérico-risonho, saboreando em um infernal prazer o horror contumelioso dos pobres padres assustados de tanta acrimônia e imodéstia.

> A nossa Sé da Bahia,
> Com ser um mapa de festas,
> É um presépe de bêstas,
> Se não fôr estrebaria :
> Várias bêstas cada dia
> Vejo que o sino congrega :
> Caveira mula galega,
> Deão burrinha bastarda,
> Pereira mula de albarda,
> Que tudo da Sé carrega.

É verdade que frei João de S. José refere que Gregório de Matos morrera como ímpio, sem embargo de o exortarem padres muito doutos, inclusive o bispo de Pernambuco; mas que apesar disto, vendo êste de crucifixo em punho e o Cristo com os olhos ensan-

güentados, lembrando-se de umas crianças suas vizinhas que sofriam de sapiranga, soltara êste satânico quarteto :

> Quando meus olhos mortais
> Ponho nos vossos divinos,
> Cuido que vejo os meninos
> Do Gregório de Morais.

É bem provável que o frade se tivesse iludido como outros se iludiram a respeito de tantos homens célebres na hora tremendíssima da morte. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que o poeta, se fêz os versos, não seria por mera impiedade, porque para isto era indispensável uma outra organização, mas pelo entranhado amor que votava ao próprio talento de que não se esquecia mesmo no momento solene do transe supremo.

Gregório de Matos era a sátira personificada. Tirá-la a êle era o mesmo que o matar. Secretá-la, o maior dos seus prazeres. Como a mais vigorosa função do seu cérebro, a sátira devia, portanto, ser a última que morresse; daí a referência zombeteira, que por certo não lhe teria acudido aos lábios, se porventura não o afligissem com exortações os homens de batina, que por tantos anos o haviam atanazado.

Gregório de Matos inquinara o lar doméstico e rira-se à custa da divindade.

A sátira é sempre assim; reagente de decomposição social nunca pára em seus efeitos. *Away! Away!* E o produtor da sátira, convolvendo-se a todo o instante, a todos os momentos, nos seus incansáveis movimentos clônicos, devora tudo como o fogo, a tudo fere como o raio, cego, sem piedade, insofrido, ávido de gôzo e do prazer que o mal provoca em certas naturezas. Imagine-se o selvagem debatendo-se entre as arestas da sociedade e da moral que o tentam deter e que o comprimem e ter-se-á a imagem fiel do satírico da espécie que eu figuro, do Gregório de Matos que a crônica, os documentos e as respectivas obras me revelam.

III

O FAUNO. BREJEIRICES DO POETA EM COIMBRA E EM LISBOA. O "MARINÍCOLAS". UM JUIZ DE MÁ MORTE E AS TRÊS FREIRAS DO CONVENTO DA ROSA.

§ 1

Impossível para a vida regrada das pacatas conveniências, encontramos Gregório de Matos desde logo, na universidade de Coimbra, fazendo estouro, e incompatibilizando-se com os colegas pela

veemência dos epigramas, armado de azorrague contra gregos e troianos, aterrando os imbecis, impondo o orgulho que lhe incute êsse tremendíssimo talento do qual êle mesmo dizia:

> Noutras obras de talento
> Só eu sou o asneirão
> Mas, sendo sátira, então
> Só eu tenho entendimento.

E porque, logo ao alvorecer da vida escolástica, viu que dispunha de uma arma irresistível, lançou-se através da sociedade, sem receio de que algures o molestassem, certo da vitória, e portanto inconsciente das resistências que vencia e das torturas que causava. Dêste dia por diante o poeta passou a amar a sátira, ou antes o seu talento, muito mais do que a si próprio, e por isso mesmo mais do que à verdade, *gemesse quem gemesse*. Daí o pouco caso que fazia de muitas coisas delicadas, das quais nunca teria tido o descôco de apartar-se, se a imunidade do gênio e temor dos que o cercavam não o fizessem sobrenadar ovante e satisfeito.

Seria magistrado, seria jurisconsulto e advogado nas terras dos Brasis; sua inteligência absorveria tudo; mas o que nunca êle suprimiria do seu programa era o direito que a natureza lhe concedera de rir-se à custa do mundo, de divertir-se com as fraquezas do próximo, e de, exercendo a tirania do epigrama, saborear as contorções da vítima abatida diante dos seus olhos cúpidos do efeito tóxico do veneno propinado.

Quantas vêzes não se encontram crianças malfazejas a contemplar, numa satisfação atroz, as convulsões de um sapo, ou de outro animal inofensivo e feio, ao qual aplicaram qualquer substância corrosiva? Entretanto, riem-se e riem-se por acharem ridículos, grotescos, os movimentos convulsos do batráquio e não terem ao mesmo tempo noção alguma da dor sofrida. Em Gregório de Matos é bem provável que o caso fôsse o mesmo. Nem é possível explicar por outro modo o abuso de expedientes artísticos tão perversos, aliás, como já foi dito, justificados sob o ponto de vista da alta justiça social.

Não é fácil conciliar a austeridade moral do espírito epigramático de que o estudante conimbricense se servia para afrontar a gente da cidade, com as obscenidades dos seus versos e principalmente com êsse bandolim sempre visto entre os seus dedos nas assuadas e convescotes à margem do Mondego.

As obscenidades são desculpadas pela influência da época. Como todos sabem, a contar de Bocácio, houve na Europa culta um movimento pornográfico, que só terminou ou se escondeu, literàriamente falando, durante a reação romântico-religiosa de Chateaubriand. Século houve, porém, como o XVII, em que, se não era sinal

de bom gôsto, era pelo menos luxo ostentar nas obras mais sérias essa tendência para porcarias e indecências bem metrificadas. Em Portugal, por exemplo, como bem observou Camilo Castelo Branco, no prólogo a *Os Ratos da Inquisição*, o judeu Serrão de Castro "escreveu poemas inéditos de uma obscenidade que transcende as poesias fesceninas de frei Simão, o *torto*, de frei Pedro de Sá, o provérbio da brejeirice, e do Lôbo da Madragoa, as delícias do Sr. D. Pedro IV". Não era muito, portanto, que o poeta brasileiro, nascido com um sangue escaldado pela seiva tropical baiana, a exemplo do que se fazia então, portas a dentro da Academia dos Singulares, em Lisboa, onde se perpetravam sonetos desbragados, metendo a ridículo tudo quanto havia de mais sagrado; não é de espantar que Matos, digo, desse largas também à sua brejeirice, que além de nativa, podia muito a tempo cair no goto do rei ou de alguma freira jucundamente amada.

Tudo isto estava nos cânones da época e constituía, de parceria com os trocadilhos, agudezas e conceitos das escolas espanhola e italiana, uma atmosfera literária em que todos os poetas, mesmo os mais conventuais, mergulhavam sem querer, julgando praticar o mais inocente dos jogos permitidos. Nesta atmosfera, pois, o poeta brasileiro mergulhou o gênio satírico que lhe dera a natureza e o fêz bem a fundo. O sangue queimado pelo sol tropical dêsse Brasil, onde florescia o *parica* indígena e os tupinambás encausticavam os órgãos sexuais para aumentar as delícias do amor, deu-nos em Gregório de Matos o *fauno* mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguaçu.

Fauno era êle; e nenhuma outra fisionomia clássica serve tão exatamente como esta para caracterizar o autor do "Marinícolas". O seu retrato, tal qual o encontramos descrito na citada biografia composta pelo licenciado Rebelo, não recorda outra coisa pelos traços da figura : "boa estatura, sêco de corpo, membros delicados, poucos cabelos e crespos, testa espaçosa, sobrancelhas arqueadas, olhos garços, nariz aquilino, bôca pequena e engraçada e barba sem demasias". Êste é o retrato do poeta quando já entrado em anos; por êle, porém, pode-se calcular o que não era ao tempo em que nas ruas e vielas de Coimbra exercia o epigrama sôbre a gente simples do lugar e se lançava, na malta dos colegas, através das surriadas dos adoradores da *sebenta*, de batina levantada e com os olhos congestos pela ferocidade da vaia jogralesca.

É pena que os documentos coevos sejam tão escassos a respeito das miudezas íntimas relativas à vida do poeta durante o tempo decorrido entre a sua formatura e o seu regresso para o Brasil. [1]

Não obstante a escassez dos documentos, através das poesias satíricas dêsse brasileiro, de quem Belchior da Cunha Brochado dizia "com suas imagens e seus tropos bailava Momo às cançonetas de "Apolo", tão refinado era seu gênio, daqui o estou eu enxergando a fazer a psicologia de Lisboa".

Para pôr em relêvo a alma do fauno brasileiro, durante o exílio na terra dos seus detestáveis avoengos, basta, entretanto, recorrer aos versos que êle ali compôs.

Varnhagen, na *História do Brasil*, atribuiu ao autor do "Marinícolas" o propósito estudado de imitar o castelhano Quevedo no que respeita ao tecido de anedotas que constitui a substância de sua vida aventurosa; mas Varnhagen não tinha razão. Em primeiro lugar, Quevedo ocupou outra posição na sociedade espanhola; adquiriu proventos, foi diplomata, intrigou na côrte e assumiu nos acontecimentos de sua época um interêsse de que nunca o poeta brasileiro sequer teve noção; em segundo lugar, um temperamento não se imita, e Gregório de Matos tinha em si todos os elementos para ser extravagante por sua conta, e no meio em que vivia encontrava provocações suficientes para ser o originalão que universalmente nêle se reconhece.

Temperamentos de fauno existem em tôda parte; mas faunos da qualidade de Gregório de Matos é que não se descobrem aos pares. Relendo aquêles seus versos e suprindo o muito que podiam dar suas composições rigorosamente obscenas e perdidas, pode se imaginar o poeta, depois de sete anos vividos em Coimbra, atravessando o Mondego e chegando a Lisboa armado de tôda a vã filosofia e das subtilezas teológicas que naquele tempo se ensinavam, sedento de viver e ainda mais curioso de verificar as reações que o seu gênio satírico, experimentado e buído nas justas da samarra, produziria nas almas dos tolos e na simplicidade das beatas. Aí se encontraria o diabo, o perverso tocador de gaita e bandolim, provàvelmente em 1664, nas suas primitivas expansões, talvez ainda muito distante do Gregório de Matos da Bahia, o chacoteador que, só com o pôr dos óculos sôbre o cavalete do nariz, quando à tarde olhava para as vidraças das casas nas ladeiras da cidade, provocava tanto riso e curiosidade como se o próprio Momo se mostrasse; mas em todo o caso já trombeteiro de *má morte*. [2]

§ 2

Nessa época começou a desenrolar-se um dos quadros da vida histórica de Portugal mais digno de ser observado por um crítico de raça e de ser transmitido à posteridade em versos imperecíveis.

Todavia durante essa época que foi tão imoral, em face de tamanhas devassidões principescas, a musa de Matos vibrou apenas cinco ou seis vêzes, pois não passam dêsse número as sátiras que se encontram nas coleções até esta data publicadas.

É provável que grande cópia das poesias obscenas, as quais, segundo afirma o licenciado Rebelo, dariam matéria para um grosso volume fôsse produzida nesse tempo. Nelas talvez se contivessem dados mais positivos sôbre a atividade do poeta. Não há base, porém, para assegurá-lo.

As execuções que a crueldade de D. João IV decretara em 1641 haviam além disto tornado sóbrias e discretas as mandolinatas dos tunantes e capadócios. Entretanto, que gaifonas o poeta não devia ter soltado como expectador das farsas que precederam a emprêsa arrojada do enérgico e astucioso Conde de Castelo Melhor? Diz a história que êste ambicioso em 1662, explorando a inépcia, a impotência e o mau caráter de Afonso VI, que vivia a jogar pedras nas ruas de Lisboa de parceria com os garotos, conseguiu numa hábil conspiração proclamá-lo maior aos 18 anos de idade, e arrebatá-lo dêste modo a uma tutela incômoda e impolítica, a de D. Luísa. Ainda a história nos conta que êsse pobre môço, idiota, vivia então nas garras de um célebre Antônio Conti, taverneiro genovês, devasso e ruim, que, segundo as crônicas referem, com terríveis minudências, fôra pescado pelo príncipe nas arcadas dos Paços da Ribeira; outrossim reportam estas crônicas que a rainha mãe, vendo o filho apoiado no conselho dêsse miserável *caften*, como hoje se diria, o qual lisonjeava tôdas as paixões do menino, constituindo-se ministro secreto de prazeres e libertinagens régias, a trôco de uma influência infamíssima nos negócios públicos, acabou por não suportá-lo, e, dando rebate aos sentimentos maternos, tomou o expediente de suprimir o *caften*, deportando-o, e privou o rei-menino do regente dessas inenarráveis indecências. Sabe-se também que essa deportação serviu ao astuto conde de pretexto para que levasse a efeito planos longamente amadurecidos; e porque a mãe privara o rei-menino do seu precioso amigo, não se lhe tornou difícil convencê-lo de que se tramava a sua eterna menoridade e que os amigos da pátria podiam oferecer-lhe uma situação segura ou pelo menos mais decente e digna de um monarca. Mostrou-se então ao imbecil Afonso VI quanto o haviam traído. O conde, apenas de posse do poder na qualidade de primeiro ministro, cuidou, qual outro Mazarino, de sistematizar-lhe os prazeres por meio de um *ministro de loucuras*, lugar que então coube ao *conspícuo* Henrique Henriques de Miranda, tenente-general de artilharia; e posteriormente arranjaram o casamento do menino com a famigerada Maria Francisca.

Tais alicantinas dariam para rir às claras, se o ambicioso ministro não fôsse, além de habilíssimo, muito versado na arte das escamoteações políticas. Parece, contudo, que Gregório de Matos no que toca ao genovês não emudeceu de todo.

Sucedeu que Antônio Conti se cingiu, na profissão de lenocínio, a negócios de quartos baixos ou a ladroeiras de porçariço; e tudo dá a perceber que por artes italianas, chegara até às altas finanças concorrendo para a falsificação do pêso da moeda real, expediente de que aliás muitos reis portuguêses já haviam largamente usado.

Gregório de Matos não o poupou, e, flagelando, escornando, jungindo o tipo ao patíbulo da sátira, como Apolo a Mársias, escorchou-o vivo, tirou-lhe o couro sem piedade, e não houve apôdo que não lançasse a êsse cavaleiro "de lindas partes", metido em sege, "mais fidalgo que as mesmas estrêlas", descendente "por machos de sangue tudesco, porém pelas fêmeas de humor meretriz". O perfil do "Marinícolas" é de uma energia brutal e tem um calor extraordinário. Inflama, queima, combure.

O fauno estava ainda em Lisboa e portanto não recebera a influência do meio brasileiro; mas já os seus versos tinham uma acrimônia calcinante que antecipava todos os horrores da sua futura musa. Vê-se no "Marinícolas" tôda a pornográfica idéia que êle formava do meio social lisboeta. Os versos na sátira que se inscreve com aquêle nome, são obscenissimos, e, em alguns pontos, degradamse na baixeza do pensamento e no bordalengo das célebres expressões do calão indiano, que depois tornaram tão procurado o livro 7.º das *Obras* de Bocage. Sem embargo disso os intuitos do baiano vão muito mais alto. No "Marinícolas" vibra o látego da impiedade econômica e social. Pela descritiva vê-se que se tratava de pessoa de estirpe estrangeira, que chegou a exercer influência nos altos conselhos da monarquia e embrulhou a todos em magníficas combinações financeiras. Na Bahia o poeta (1686), muito tempo depois, fêz alusão a êsse fato, ao saber que tinha diminuído o valor a que se havia erguido a moeda quando êle então estava na Côrte.

Neste ponto o poeta, além da sátira, mantinha-se na linha das boas idéias, profligando, naquele tempo, os arbitristas de grandes patifarias para aumento rápido da própria riqueza e desrespeito das leis humanas e divinas.

O poeta, pois, celebrou a sua vitória e teve o prazer de ver as profecias realizadas.

Tratam de diminuir o dinheiro,
O dinheiro a meu pesar,
Que para a coisa baixar
O melhor meio é subir.
Quem viu tão alto ir,
Como eu vi a moeda,
Lhe prognosticou a queda,
Como eu lha prognostiquei;
Dizem que o mandou el-rei,
Quer creiais, quer não creiais,
— Não vos espanteis que inda lá vem mais.

Gregório de Matos, agredindo dêste modo o "Marinícolas", causador de tantos males, exercia um ato de alta justiça. Não lhe permitindo o temperamento faunesco atacar esta questão com a necessária sobriedade e no tom exigido pelas discussões de ordem econômica, êle vingou-se vomitando sôbre aquêle desgraçado tôda a bílis que tinha concentrado contra Portugal. Segundo a sua veia, o Marinícolas era o compêndio de todos os vícios. Desde a pederastia passiva e o lenocínio, até o tribadismo e os gozos superlativos na alta nobreza, tudo o poeta lhe atribuía; e não obstante tudo isto, êste explorador da própria espôsa e do sogro, à custa de que o

... o pícaro vil
Se regala à ufa...
Comendo e bebendo como mochachim,

foi quase elevado a *Excelência*, despachando-se com hábito e tença, como se diz que acontecera, por iguais merecimentos, ao Marquês de Montalvão. Gregório de Matos, inexorável, pedia o alto da fôrca para tão insolente ladravaz.

E porque de mecânica tanta
Não foi dispensado, tenho para mim
Que em usar de mecânica falsa
Se soube livrar da mecânica vil.

É possível que calce tão alto
A baixa vileza de um sujo escarpim,
Para o qual não é a água bastante
Da grossa corrente do Gualdaquivir?

Marinícolas é finalmente
Sujeito de prendas de tanto matiz
Que está hoje batendo moeda
Sendo ainda ontem um vilão ruim.

Mas acredita-se que Marinícolas foi apenas deportado.

Se por êste motivo foi o poeta distinguido, tendo agradado aos condutores da revolução, e, algum tempo depois por outras insinuações caiu no valimento de D. Pedro II, é certo que não tardou em se tornar verdadeiro hóspede nessa afamada côrte de Lisboa.

§ 3

Asseguram os cronistas que D. Pedro II o apreciou até ao ponto de decorar versos seus muito agressivos e muito livres, em que se atacava um grande personagem. Outrossim diz-se que, tendo o poeta prestado serviços a D. Pedro na usurpação do trono do infeliz irmão Afonso VI, havia-lhe o príncipe prometido, em troca do auxílio, o lugar de desembargador da Casa da Suplicação, mas que a palavra não fôra cumprida. *Inde irae,* acrescentam os biógrafos, e, como conseqüência, atribuem a isto ter o poeta regressado à terra natal, desgostoso, descrente, mazombeiro, como dizia o versejador Pinto Brandão, o qual, sendo seu companheiro de viagem, exaltou depois o *crime de ser poeta.* Não acredito, porém, que o mazombismo de Matos pudesse ter por sorte essa desinteligência com c grosseiro usurpador. Em primeiro lugar é muito pouco provável que Gregório de Matos tomasse parte tão importante na empreitada que levou D. Pedro à esquisita regência, em nome do irmão deposto *si et in quantum,* como bem se poderia dizer usando da linguagem da chicana. Depois, como homem de espírito, era impossível que êle esperasse coisa alguma dêsse irmão infame, que não hesitara em amasiar-se com a cunhada, associando-se com ela para a luta empreendida contra o valido Conde de Castelo Melhor.

Gregório de Matos devia, pelos tempos que então corriam, estar muito farto dos escândalos de que a côrte andava cheia. A impudicícia de D. Maria Francisca, o seu desprêzo pelo espôso, o escárnio francamente exposto à curiosidade pública, a nulidade do seu casamento escandalosamente pronunciada pela autoridade eclesiástica, as suas declarações no processo de que o marido nunca a abraçara, e, por último, o seu casamento com o usurpador; tôdas estas infâmias de romanesca e pornográfica memória não podiam deixar o poeta indiferente; nem os hábitos epigramáticos do autor do "Marinícolas" suportariam, sem denúncia metrificada, alianças e amizades desta ordem.

Tais considerações, portanto, trazem-me a convicção de que outras foram as causas do regresso do poeta baiano para o Brasil.

Além disto, quais os serviços que Gregório de Matos, naquelas condições, poderia ter prestado a D. Pedro II? Poupá-lo em suas sátiras? Mas, nos tempos de então, seria muito perigoso mo-

tejar de relações amorosas tão equívocas e, sobretudo, do incesto praticado pelo infante. Acresce que D. Maria Francisca não era mulher para perdoar a mínima alusão à sua honorabilidade; e não haveria satírico bastante vigoroso para antepor-se aos desejos lúbricos dessa princesa, que via na virilidade do cunhado a realização de tôdas as suas aspirações de mulher ciosa e de política refalsada.

Gregório de Matos não era um imbecil; e tinha bem presente na memória as desgraças de que o poeta Ovídio fôra vítima por menos graves alusões. O seu silêncio revela a sua prudência. Comprimido, sem encontrar campo para o seu gênio, não havia outra coisa a fazer senão voltar para o Brasil. Sua filosofia já demonstrara que êle não era homem para coadunar-se com a gravidade do cargo de juiz do crime e de órfãos, que por volta de 1671 exercera na cidade de Lisboa. *Um juiz de má morte*, disse êle de si mesmo, denunciando a incompatibilidade de caráter.

Fauno em tôda a parte em que aparecia, na política, nas artes, na praça pública, no fôro, na vida particular, a sensação que Matos produzia era a mesma que o deus Silvano produzia nos pastôres da Arcádia, quando o caprípede, roçando os chavelhos nos gravetos das árvores, quebrando com o pé fendido as palhas sêcas, despertava os habitantes do fundo dos bosques, lançava a inquietação em suas almas com um olhar revesso, e perseguia as náiades e pastôras com a sua lascívia endiabrada.

A malignidade juvenil de Gregório de Matos foi consumida quase tôda em Portugal, aonde êle passou os mais formosos anos de sua vida. E durante os trinta e cinco que aí estêve, a sua índole vagabunda nunca lhe abriu ensanchas para que tomasse estado. Boêmio, descuidado, hoje o chamariam de bilontra; e seguramente por isso não casou enquanto môço; manteve-se até voltar à pátria solteirão, e talvez que isso fôsse causa das eternas irregularidades do seu comportamento. As jogralidades seduziam-no de contínuo, e Portugal não tinha os encantos da Bahia. Não obstante nas suas sátiras de Lisboa encontram-se vestígios de que êle não perdeu largo tempo em esperar desembargatorias.

Época de escândalos nas altas regiões, estavam em moda os outeiros e aproximavam-se os tempos dos amôres freiráticos de D. João V. Às janelas dos conventos havia surriadas; e o satírico não foi menos freqüente do que outros a essas dilotas assembléias. O cabritismo brasileiro não se conteve diante das pobres monjas portuguêsas.

Na poesia intitulada "As Três Freiras do Convento da Rosa", três irmãs, conforme declara o poeta, a quem o autor ouviu cantar e a uma tanger o rabecão, encontra-se um perfume entontecedor. Embora no lirismo de tais versos se achem ressaibos dos conceitos então

em moda, há nessa poesia um *indefinível*, que não se descobre nas composições dos contemporâneos. Descreve êle três meninas chamadas Clara, Branca e Maria. A primeira é a "rosa das freiras"; a segunda "ensina Cupido a atirar setas"; e a terceira "chove-lhe a graça dos olhos". Estas três gentis deidades concedem ao atrabiliário baiano uma sessão de música conventual. O poeta não resiste e, uma vez no aprisco, quer as três ao mesmo tempo.

> Entretanto logo um sol,
> Em conseqüência jucunda,
> Prima terceira e segunda,
> A lira formam de Apolo;
> Vaguei de um e outro pólo,
> Mas foi diligência vã,
> Porque a cara mais louçã
> Cotejando-a nas brancuras,
> Com as três irmãs formosuras,
> Não vi formosura irmã.
>
> Vendo tão raros primores,
> Para em retrato adorar-vos,
> Trataram de retratar-vos
> Estes meus versos pintores;
> E me tendo já de côres
> Essas vossas luzes puras
> Entre métricas pinturas
> Ficam, de muito emendados,
> Meus versos os retratados,
> E não vossas formosuras.

O lirismo do poeta, sobretudo, era difícil em Portugal. E aí têm um dos maiores desgostos do baiano.

Gregório de Matos parece que nunca topou galegas que verdadeiramente o agradassem, a não serem freiras, pelos atrativos que advinham dos mistérios dos claustros; e se de galegas se ocupou foi para dizer sòmente que eram:

> Pés de puas com topes de sêda.
> Cabelos de cabra com pés de marfim,
> Pés e puas de riso motivo,
> Cabelos e topes motivos de rir.

Em outro hemisfério devia êle descobrir o verdadeiro tipo da mulher.

Seja como fôr, evadindo-se da ingrata terra de seus avós, Gregório de Matos despediu-se de Coimbra, do Tejo e dos seus fidalgos de linhagem em têrmos próprios do Aretino.

Lisboa era para êle a cidade "tão nobre" e de "gente tão honrada", onde

O fidalgo de solar
Se dá por envergonhado
De um tostão pedir prestado
Para o ventre sustentar;
Diz que antes o quer furtar
Por manter a negra honra,
Que passar pela desonra
De que lho neguem talvez.

Lisboa era a cidade dos amôres de D. Pedro, e bem mostrava a sua glória a quem quisesse ver e dizia que

A donzela embiocada
Mal trajada, pior comida,
Antes quer na sua vida,
Ter saia que ser honrada.

Lisboa, enfim, que para manter "sua negra honrinha" se amancebava com tôda a clerisia e aconselhava aos maridos a tolerância de frei Tomás, e que por cima de tudo ainda deixava aos letrados, advogados peralvilhos, comerem nas questões "de ambos os carrilhos", que se orgulhava de juízes madraços, fabricantes de sentenças sem pejo, que se revogavam por dinheiro, que se babava com a fradalhada ladra dos conventos, "qual formiga em correição", e mantimenteira da honra das famílias, que os mercadores roubavam em 200% na compra e venda, e os pais e irmãos faziam crescer correndo todo o dia *a la coxia* "com recadinhos" aos cupidos e aos adônis; pois bem, a essa Lisboa afinal, coito incurável de moléstias, o cansado Gregório de Matos partindo enviou um adeus de mão fechada, e arrancando o chavelho de fauno aborrecido, atirou-o às heróicas plagas de Camões para que os seus patrícios o roessem, em sua memória, eternamente.

E assim passou-se para o Brasil.

IV

A TERRA. O FENÔMENO DA OBNUBILAÇÃO. A BAHIA; MEIO HÍBRIDO; INFLUÊNCIA DA NEGRA MINA. O RECÔNCAVO E AS SUAS RIQUEZAS.

§ 1

O regresso de Gregório de Matos para a *Terra dos papagaios* constitui fato capital em sua biografia.

Um dia o poeta arrumou nas malas o gênio que o diabo legara-lhe em testamento, ensacou as contrariedades de envolta com a

roupa suja, e, embrulhado no manto de Diógenes, atravessou o Atlântico em busca dos seus penates. O autor do "Marinícolas" nunca se lembrou de contar a história dessa travessia mas pode-se imaginar o azedume da musa durante uma viagem longa, como eram as que se faziam naqueles tempos. Depois de trinta e cinco anos de Portugal, suportar cinqüenta ou sessenta dias de encêrro, em um navio estreito e imundo, entre mar e céus, sem companhia de letrado, senão a de outro poeta lírico, devia ter sido para Gregório de Matos motivo de sátiras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. É provável também que o enjôo lhe embaraçasse a *verve*, obrigando o bacharel *mazombo* a filosofar sôbre o futuro que o aguardava na Bahia. O que é certo é que a sua chegada ao Brasil criou-lhe uma *alma nova*. O confronto da obra que o poeta realizou dessa data em diante com a efetuada nos anos anteriores, demonstra que êle, se não voltasse à pátria amada, não teria ido além das sátiras agressivas do gênero do "Marinícolas".

Pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desintoxicar-se e restituir a si o gênio perdido em Portugal. Gregório de Matos, portanto, evadindo-se do meio onde se achava, salvou o melhor poeta satírico das Américas.

Em outra parte eu já expliquei que a chave para a compreensão da originalidade da literatura brasileira, pelo menos nos dois primeiros séculos, estava na análise do fenômeno aqui operado e a que conferi o nome de obnubilação. Consiste êste fenômeno na transformação por que passavam os colonos atravessando o oceano Atlântico, e na sua posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo. Basta percorrer as páginas dos cronistas para reconhecer esta verdade. Portuguêses, franceses, espanhóis, apenas saltavam no Brasil e internavam-se, perdendo de vista as suas pinaças e caravelas, esqueciam as origens respetivas. Dominados pela rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos êles se transformavam quase em selvagens; e se um núcleo forte de colonos, renovado para contínuas viagens, não os sustinha na luta, raro era que não acabassem pintando o corpo de jenipapo e urucu e adotando idéias, costumes e até as brutalidades dos indígenas. Os exemplos históricos surgem em penca: Hans Staden, Soares Moreno, Pai Pina (Amanayara), Anhangüera, e os trugimões ou línguas que deram tanto que fazer a Villegaignon. O mesmo jesuíta Anchieta não escapou a esta influência; a sua vida entre os selvagens e o seu prestígio contra os sacerdotes índios atestam que êste padre, se não por imposição do meio ao menos por arte refinada, se fêz um legítimo *pajé*. A missão do taumaturgo brasileiro, como o chama-

vam, nas florestas do Sul, não se pode explicar senão pelas feitiçarias, aceitas ou hàbilmente copiadas, dos piagas, e com que êle catequizou os seus caboclos. [3]

§ 2

Quando Gregório de Matos aportou em 1679 à Bahia, com a idade de cinqüenta e seis anos, a cidade de São Salvador havia passado por grandes transformações.

Os bons tempos dos padres da Companhia de Jesus e daquele a quem Varhangen chamava o *Orfeu americano*, o grande Nóbrega, êstes tempos áureos já estavam muito longe. Havia uma coisa, porém, que não mudara. Os aspectos da natureza tropical continuavam a ser os mesmos : e tanto bastava para que o poeta se sentisse reviver. O velho fauno, pois, hauria o mormaço da terra como se haure uma bebida embriagadora : e a poesia se lhe desabotoou nos versos quentes e cantaridinos que todos os amadores das boas letras devem conhecer. Antes que cantasse "na sua lira maldizente" as "torpezas do Brasil, vícios e enganos", o autor dos tercetos aos viciosos, foi por momentos otimista. Nem tôdas as poesias de Matos vertem o fel da sátira : enquanto durou-lhe a influência sedativa dos novos ares, êle se deleitou em cantar as delícias da Bahia. As impressões que os coqueiros do Recôncavo, os prados risonhos e os outeiros floridos das ilhas produziram em sua imaginação, deviam ter cicatrizado muitas úlceras abertas em sua alma pela vida antipática de Lisboa.

Êsse ninho tépido de amôres chamado Bahia de Todos os Santos muito melhor se apelidaria de Citera, se os encantos e as louçanias com que a natureza arreiou êsse berço da civilização brasileira não tivessem atraído para aí os jesuítas e os mais refinados políticos produzidos no país. Não foram os frades e cronistas indiferentes a tão perigosa tepidez. No jargão em que escreviam as suas notícias legaram-nos verdadeiros poemas descritivos, tal a fôrça das sensações que lhes deixavam os beijos da paisagem, o aroma das resinas, o matiz das flôres, o cheiro das frutas e o ruído dos passarinhos. A prole encarregou-se depois de comentar êsse desavergonhado lirismo. Frei Bastos teve de muito longe seus precursores. Todos os paraísos possuem a sua árvore de luxúria. No Recôncavo, com certeza, essa árvore fôra plantada com a mesma cavilação da legenda, porque, segundo contam os ditos cronistas, já no tempo em que os tupinambás percorriam como senhores absolutos as costas do Brasil, nesse retiro operara-se por causa de uma Helena indígena uma guerra tão crua, senão pior do que a de Tróia celebrada pelo divino Homero.

Os antigos acreditavam numa influência sobrenatural, a que denominavam *genius loci*. Na Bahia êsse gênio manifestou-se em várias coisas e por vários modos. Gabriel Soares, por exemplo, pretendeu surpreendê-lo no conjunto da cidade nascente cujo aspecto risonho, alegre, dava de longe um verdadeiro rebate de satisfação elétrica ao espectador. As casas brancas cavalgando a falda da colina; os quintais tufados de pomares em flor; as laranjeiras carregadas dos frutos maduros; as palmeiras surgindo por sôbre os telhados e balouçando-se ao som da aragem balsâmica que soprava de Itaparica; o conjunto de tão belos aspectos, circundados pelas ribeiras de terra e pelas águas esmeraldinas do mar, que saíam barra fora para perder-se na amplidão do oceano; tudo isto o enlevava e obrigava o cronista a soltar gritos de prazer, dêsse prazer sadio que é o pródromo dos grandes trabalhos de observação. O seu *Tratado Descritivo do Brasil*, com efeito, mostra que êle afiara o seu engenho nas sutilezas que por essa terra jucunda lhe eram reveladas. E não foi só êle a vítima dêsse encantamento tropical. O severo Manuel da Nóbrega, o espirituoso Cardim, o dedicado Aspilcueta Navarro, todos os que foram aportando àquelas plagas se deixaram sucessivamente dominar por essa bebedeira tropical.

Terra sugestiva, lugar miraculoso, sem a solenidade acroceráunia das montanhas do Guanabara, a angra de Todos os Santos dir-se-ia ter sido construída de propósito para um enorme biotério, môrno ainda da fôrça geradora dos tempos pré-históricos. Posta no centro do Brasil, tendo o rio de São Francisco quase à mão, a região de Paraguaçu se destinava pela natureza das leis geográficas a ser o ponto de partida dos impulsos civilizadores do país. E os fatos se encarregaram de exagerar êsse direito primacial. Apenas Tomé de Sousa fundou a povoação, que de futuro seria a cidade híbrida que hoje conhecemos, de tôda a terra dos brasis começaram a convergir para aquêle ponto os elementos que deviam constituir a vida brasileira.

Fôra intuito do rei de Portugal, mandando o primeiro governador para o Brasil, tirar êste país da anarquia em que o tinham posto os capitães-mores donatários; e Tomé de Sousa, assumindo as rédeas do govêrno da colônia, soube corresponder às vistas da metrópole. Ràpidamente realizou-se o que el-rei recomendara em sua carta régia de 7 de janeiro de 1549. Para "conservar e enobrecer as suas terras do Brasil", a povoação da Bahia de Todos os Santos fêz-se "grande e forte" como êle desejava; deu-se "favor e ajuda" a outras povoações, "cumpriu-se o serviço de Deus", e centralizou-se a administração com o auxílio de um ouvidor-geral, um provedor-mor e um capitão-mor da costa encarregado de defender o litoral. Tanto bastou para que o que era até então amorfo, surgisse,

como um corpo válido, rijo e cheio de vida. O Brasil teve uma cabeça e essa cabeça ofereceu logo sérias resistências. Todavia, os jesuítas que acompanharam ao primeiro governador em missão espiritual e civilizadora, tendo à frente o nunca assaz lembrado Manuel da Nóbrega, encontraram dificuldades quase invencíveis, porque o Recôncavo havia sido viciado pelo célebre Caramuru, o qual, fazendo larga prole entre os indígenas e transigindo com as suas péssimas inclinações, desencadeara nesses bárbaros a cobiça e ensinara-lhes o caminho de obterem dos brancos as vantagens sem o trôco do serviço. À vista disto os próprios jesuítas concordaram que se tomassem as primeiras medidas de rigor. Mas isto era o menos, porque os brancos que se tinham aclimatado naquelas regiões, de parceria com os índios, e completamente entregues à mais brutal relaxação, sem excetuar os mesmos sacerdotes, ofereciam o mais repugnante exemplo do quanto pode a luxúria em terras tropicais. O Padre Nóbrega, mal encetou sua missão, tratou logo de extirpar da fraca colônia portuguêsa êsse pecado nefando e horroroso. Servo de Deus, o que poderia êle alegar senão que por ali andavam artimanhas do diabo? Ignorando, com certeza, a influência das leis mesológicas e outras interferências, de cuja descoberta se orgulha a ciência moderna, o heróico jesuíta atacava o fato como êste se lhe mostrava, e, de cruz alçada, ia pregando contra os vícios pecaminosos, ao mesmo tempo que escrevia para Portugal solicitando instantemente a remessa de mulheres brancas, ainda mesmo prostitutas, que se converteriam casando com os degredados.[4] Tudo isto, porém, tinha seu destino. Era indispensável para a constituição do tipo baiano que se fizesse uma caldeação de raças, de sentimentos e de instintos, antes que a Bahia conquistasse a sua autonomia. Foram os tupinambás os primeiros a dar seu contingente. O que eram êstes indígenas, em matéria de amôres e artes correlativas, refere-o, com tintas de um realismo admirável, Gabriel Soares no seu *Tratado Descritivo*, de modo a não se pôr dúvida à parte que tiveram no ensinamento dessas artes ao colono boçal, despedido da metrópole e ávido de sensações. O capítulo CLVI daquela inestimável obra indica as loucuras de que seriam capazes êsses pobres colonos diante das tupinambás, vergastados pela solidão, pelo clima, por um alimento acre e pelas sugestões de uma vegetação sempre verde e enormemente carregada de resinas afrodisíacas.

Não tardara unir-se a êsse elemento erótico, o forte sensualismo dos africanos. Êste importantíssimo elemento da nossa colonização impregnou a Bahia, mais do que a qualquer outra região do Brasil, de umas tonalidades originais de mestiçagem, dignas de serem analisadas ao clarão da crítica de um Taine, ou de um Hennequin. A negra mina, carinhosa, inteligente e bela, seduzindo com

a formosa carnadura e pelo busto lustroso e escultural da Vênus africana o português libidinoso, não custou a vencer a indígena nesse concurso de procriação. É verdade que a mulher tupinambá tinha a indolência das orientais, o abandono das naturezas mórbidas, a moleza, a indecisão, o embalar eterno da rêde e o gôzo vago, intermitente, quase indefinível dos batrácios. Enervantes, depravadoras, é bem certo que, se não concorresse a outra mestiçagem, o colono português nunca mais sairia do tejupar, nem abandonaria a rêde para brandir a enxada ou o machado e desbravar a floresta. Mas essa enervação não podia deixar de causar-lhes mêdo. Os instintos sabem buscar os seus caminhos. Acresce que a índia desconfiada não era capaz de constituir *foyer*. Ao contrário de tudo isto, a negra mina apresentava-se com tôdas as qualidades para ser uma excelente companheira e uma criada útil e fiel. Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo que nutria um fôgo inextinguível, ela sabia dirigi-lo e aproveitá-lo em benefício da própria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precárias em que no primeiro e segundo séculos se achava o Brasil em matéria de belo sexo, era impossível que a mina não dominasse a situação. E, de feito, em tôda parte do país onde houve escravatura ela influiu poderosamente sôbre o galego e *vacinou* "a família" brasileira.

Podia, portanto, o Padre Nóbrega bradar quanto quisesse contra o que reputava "grande mal" escrevendo ao Padre-mestre Simão Rodrigues que "a gente da terra vivia em pecado mortal e nenhum havia que deixasse de ter muitas negras das quais se enchiam de filhos"; a preta mina não recuaria, e, vitoriosa, daria tom a essa mesma libertinagem, a essa desenfreada poligamia de que tão incomodado se mostrava o missionário jesuíta. Cada vez mais entranhada no seio da família colonial, a africana, quando não senhora do lar, era a medianeira da cozinha e a providência dos quartos baixos. Não possuindo fôrça intelectiva para elevar-se sôbre a fatalidade de sua raça, ela empregava tôda a sua sagacidade afetiva em prender o branco e a sua gente na tepidez do colo macio e acariciador.

Foi nesse regaço, pois, que a Bahia medrou e se desenvolveu. Aí formou-se a iaiàzinha e embalada na coxa aveludada aprendeu a ser dengosa e a nada fazer. Nesse colo macio lhe ensinaram a ser supersticiosa, ao som de cantigas africanas e reminiscências fetichistas. Foi nessa escola também que a menina brasileira aprendeu a ser dissimulada e a enfeitiçar os outros com a sua indolência tropical. À negra africana igualmente deve-se a criação do petulante e vicioso ioiô. Com ela ensaiou-se o adolescente nas primeiras batalhas do amor. Até o próprio *sinhô velho* deixou-se seduzir pelas suas cautelosas e discretíssimas carícias, que a *sinhá* da sala deixa-

va de enxergar talvez preocupada com os múltiplos serviços que a preta lhe prestava, condimentando os acepipes e instruindo-a com a riqueza da culinária da contra costa.

Nesse aconchego lúbrico, apimentado pelos vatapás, pelo dendê, fortalecido, intensificado pelo côco e pelas delícias da moqueca; enlanguescido pelas cantigas e lundus e por mil outras coisas miúdas que a imaginação da africana levantava a fim de tornar a vida acre como ela a sentia nos adustos desertos do continente negro; nesse ninho de volúpia gerou-se uma raça de mestiços, eloqüente, ressonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as idéias, os sentimentos e até a política dos brancos dominadores da terra.

De onde procede o *capadocismo* baiano senão dêste híbrido regaço?

§ 3

O meio, constituído pelo modo anteriormente descrito, evoluiu e diferenciou-se sob o influxo de variadas interferências, as quais em seu lugar serão devidamente analisadas. Da mesma maneira, porém, que a colônia de Penn na América do Norte formou núcleo de resistência, conforme observa Tocqueville, influiu sôbre tôdas as formações posteriores, e reagiu contra as outras raças, dando por último o tipo *yankee;* assim o molde, levantado durante o predomínio de Tomé de Sousa na Bahia, não se quebrou, e o resíduo, o *sarro* quilotado no fundo do cadinho pelas primeiras paneladas, nunca mais deixou de ressaibar as combinações determinadas depois pelos novos elementos que concorreram para o incremento do colônia.

O prestígio dos jesuítas por fim enfraqueceu. As diversas ordens religiosas, principalmente a dos beneditinos, que no Brasil não achavam matéria para estudos de eruditos, começaram a procriar *cabritos* nas suas fazendas e a aperfeiçoar os métodos de cruzamento étnico *ad majorem Dei gloriam*. As missões perderam o seu caráter primitivo e santo; e aos padres pareceu preferível ficarem a cômodo, engordando nos claustros e tocando viola, a se arriscarem nos ínvios sertões atrás de índios, como Anchieta, para batizá-los e ensinar-lhes doutrina cristã. Cresceu a desmoralização da colônia, se bem que a fôrça e a vida se tornassem mais intensas. E para isto largamente concorreram os fatos políticos.

Antes de tudo encontramos o estabelecimento da Primeira Relação na cidade da Bahia. Esta criação não foi um benefício, como fôra antes a do ouvidor-geral. A Bahia enriquecia e a fartura anda-

va depravando os apetites. Nestas condições o que um bom govêrno devia fazer era refrear êsses apetites, ordenar a riqueza, mas nunca aumentar o número de comedores reinóis improdutivos, corrompidos teórica e pràticamente, com a idéia fixa da exploração do *mazombo*, e portanto dispostos a enriquecerem pela chicana e pelas tratantadas. Sucedeu, pois, o que devia suceder. Em 5 de maio de 1609, instalada a Relação com o regimento de 7 de março, agasalhados os ilustres desembargadores por D. Diogo de Meneses, caiu sôbre a Bahia uma verdadeira praga de letrados, advogados e rábulas, os quais, embebedados pela riqueza da terra, pelo desapercebimento de seus habitantes, pela luxúria dos padres e pela facilidade em entregar os possuídos da maior parte, tornaram-se mais audazes do que os cartagineses, mais cruéis do que os antigos piratas do Mediterrâneo.[5] Esta praga, valha a verdade, durou apenas dezesseis anos, porque, sobrevindo a conquista holandesa, cessaram as funções da Relação, e os letrados se afugentaram do Brasil por perto de cinqüenta anos.

Outras causas, porém, de relaxação entraram na colônia e a privaram por longo tempo de regime político, forte e moralizador.

A decadência da metrópole, traduzida por último nas loucuras de D. João V e preparada pelas artimanhas comerciais da Holanda e pelo desastrado jugo espanhol, fizeram do Brasil um atoleiro de vícios. Mandava quem queria: ninguém obedecia. Durante um século de desgovêrno, todavia, pulularam nesta terra primorosa tôdas as fontes de prosperidade; remexeu-se a seiva de uma nova raça e fêz-se o húmus moral de onde devia sair a futura vida nacional. Tudo crescia pela fôrça natural das coisas, e a Bahia foi refletindo todo êsse crescimento de um modo espantoso. Surpreendem as estatísticas da riqueza do Recôncavo no século XVI, que parece ter sido o período da fundação das verdadeiras fábricas de açúcar, dessas fábricas que haviam de arrancar à pena de André João Antonil um livro admirável, a célebre *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, em 1711.

Tôda essa fenomenalidade devia-se ao contato do homem e da terra. Por menos operoso que fôsse o colono, a produção exuberava, e a liberdade o fazia agir. Depois, havia muito arrôjo de aventureiro, muito delírio romanesco nos povoados; a febre das descobertas e dos diamantes exacerbava a cobiça e a imaginação dos povos; e ao passo que os baianos no Recôncavo desenvolviam a propriedade rural, os paulistas remexiam o sertão, invadiam os desertos, *bandeiravam* os índios e tocavam as riquezas das minas para os núcleos coloniais. De quando em quando os náufragos dos *Descobertos* surgiam na cidade de Todos os Santos; e não foram sem exemplo as sortidas ao Sincorá, ao Orobó, à Jacobina, de onde, se não vieram

rios de ouro e diamantes, derivavam maiores e mais altos desejos de riquezas por milagre. Foi nessa época que se iniciaram pelo menos as lendas de Robério e os romances de tesouros de *Mil e Uma Noites*.

O luxo despropositou-se. Que fim tinham dado aos degredados e aos missionários que faziam as suas choupanas de juncos com as próprias mãos? Tudo isto já ia muito longe. E ao mesmo tempo que, em Pernambuco, Maurício de Nassau infundia na população um sentimento de luxo e grandeza invejáveis, levantando palácios encantados e dando festas por ocasião da aclamação de D. João IV, quase tão esplendorosas, pelos brocados e fanfarras como as que se faziam na Holanda, o feudalismo dos senhores de engenho da Bahia se erguia pujante, deslumbrando os colonos recém-chegados e a população miúda com a prodigalidade de seu viver voluntarioso e tropical.

Em 1587 já a Bahia exportava 120.000 arrôbas de açúcar, produzidas por 16 engenhos "moentes e correntes"; ostentava 40 igrejas, concluía a sua sé, tinha o seu rico mosteiro de S. Bento, e por suas 16 freguesias esparzia a alegria e o frescor da vida. Tudo isto o autor do *Tratado Descritivo* atribui à fertilidade do solo e à pujança biológica da flora e da fauna brasileira. É quase incrível o que êle refere a respeito da reprodução dos animais e da fecundidade das fêmeas, das plantas e dos *mantimentos*. Com duas podas ordinárias as parreiras davam duas *novidades* por ano. Os frutos caíam das árvores todo dia. A figueira abundava, a pacova, o cará, o inhame e o milho rompiam de tôda a parte, como um encantamento de país fantástico. "As novilhas, acrescenta êle em sua linguagem pitoresca, como são de ano, esperam o touro e aos dois anos vêm paridas, pelo que acontece mamar o bezerro na novilha e a novilha na vaca juntamente, o que se vê também nas éguas, cabras, porcas e ovelhas". Pode-se por êstes dados avaliar o incremento posterior dessa terra de abundância. Daí a alegria baiana e as festas e folganças que tanto aturdiram a Fernão Cardim, quando ali parou. Havia mais de cem moradores, diz Varnhagen, que colhiam por ano de mil a cinco mil cruzados, e fazendas que valiam 20.000 até 60.000 cruzados.

Nestes tempos de fartura, em que os ricos da Bahia não dispensavam os luxuosos palanquins da Índia, as mais duras cabaias, os serviços de prata, os cavalos de preço, ajaezados de guiões e selins de ouro, e os criados e os moleques a caráter, chegava o luxo até para os peões, os quais segundo os informes do tempo, não queriam senão sêdas e damascos para as vasquinhas e gibões seus e de suas mulheres. Um viver mórno e delicioso.

Neste meio, embora em crise de cansaço, caiu Gregório de Matos, cheio de despeitos contra Portugal. Alguns letrados de gênio

tinham-no antecipado, nomeadamente o célebre Padre Vieira, que com ser um grande pregador e um inexcedível escritor, não deixou por isso de mostrar-se o mais paspalhão de quantos quiseram ser políticos nos Brasis. Por que não seria êle um seguidor dêstes grandes homens?

A musa de Gregório de Matos entrou, pois, na Bahia, amena, festiva, e aceitou, ebrifestante, o conluio com êsse carnaval biológico que passava.

V

A VERDADEIRA MUSA DO POETA. INFLUÊNCIA DA MULATA SÔBRE AS SUAS TROVAS E EPIGRAMAS

§ 1

As cenas que mais impressionaram o poeta foram as que se singularizavam pelo contraste com as da vida metropolitana. Todavia os aspectos anteriores não interessavam.

O satírico é sempre um psicólogo. Os espetáculos que o ferem e impressionam são os da alma humana; o seu campo de operações é o dos costumes. Já se vê, portanto, que Gregório de Matos não podia ser atraído pela paisagem. A natureza morta não tinha ação sôbre os seus nervos, nem incentivos para obrigá-lo a êsse poetar novo, desconhecido, característico da prosa do pré-romântico Anchieta e da de outros contemplativos, que escreveram crônicas e relações sôbre o Brasil durante o século XVI. De fato, não há entre as poesias do autor do "Marinícolas" um só verso que de longe ao menos traduza o bucolismo da vida brasileira daqueles miraculosos tempos.

O gênio de Gregório de Matos era de guerra; buscar a quietação da natureza que tem efeito sedativo para os nervos, que seduz o coração, eleva o espírito e santifica a alma, seria para êle o mesmo que requerer a morte. A sua índole votava o mais soberano horror ao repouso e ao idílio. O sossêgo alheio dava-lhe gana de brigar. O ambiente brasileiro, pois, devia colhê-lo por meios indiretos, e o veículo dessa captação foi a mestiça, a mulata da Bahia. Êle, porém, não se entregou a essa influência obnubilante de tôdas as idéias e gostos antigos e manias eróticas contraídas nas margens do Mondego, sem que primeiro atravessasse uma fase de guerra crua e desapiedada contra tudo quanto na colônia lhe lembrava a vida de Lisboa.

Inconsistente no querer, se é verdade que êle, dotado de tão alto engenho, tinha razão para aspirar às maiores posições numa terra de reinóis desbandeirados e de mestiços atrevidos, não menos

exato parece que o seu saber, a sua teologia e o seu direito não lhe davam critério para encaminhar os seus esforços em um sentido único. Como veremos adiante, Gregório de Matos meteu-se com todos, tudo experimentou, de tudo se retirou e com pouco reconheceu que não o largava a mesma caipora que o perseguira em Portugal.

Rápidos correram-lhe os anos na Bahia. Casando-se em avançada idade, talvez para arranjar-se, mas por último repelido unânimemente e inutilizado tanto em anos como em honorabilidade, vamos encontrá-lo reduzido a um reles boêmio, quase louco, sujo, mal-vestido, a percorrer os engenhos do Recôncavo, de viola ao lado, tocando lundus e descantando poesias obscenas para regalo, naturalmente, dos devassos e estúpidos Mecenas da roça que lhe nutriam a gulodice senil. O fauno de Coimbra, em última análise, degenerava no velho sátiro do mulatame.

Todavia valha a verdade, se nesta época acha-se condensada a vida negra dêsse mau marido e péssimo cidadão, foi durante ela que a musa do poeta se apurou e produziu as melhores sátiras, que o Brasil possui, e o lirismo crioulo, cuja originalidade, com pesar o digo, enaltece a nossa literatura tropical.

§ 2

Relendo os seus versos descubro vestígios evidentes da sua estada na vila de São Francisco e nos engenhos da Cajaíba, de Parnamerim e outros. Foi nestes pitorescos lugares que o seu sibaritismo implacável refestelou-se a gôsto e deu tratos à cachola dos seus brutos inimigos. Foi aí também que as mulatas inspiraram os melhores e mais quentes versos de sua lira, e lhe infundiram talvez o único movimento de gratidão que se estereotipou nas afamadas estâncias da despedida à *Gente da Bahia,* quando o governador D. João de Lencastre o remeteu para Angola.

As mulatas me desprezaram,
A quem com veneração
Darei meu beliscão
    Pelo amoroso.

Geralmente é mui custoso
O conchego das mulatas,
Que se foram mais baratas,
    Não há mais Flandres.

Não há no Brasil mulata
Que valha um recado só,
Mas Joana Pacaró
    O Brasil todo.

Se em gostos não me acomodo,
Ao mais não haja disputa.
Cada um gabe a sua truta,
E haja sossêgo.

Êste sossêgo é o que, apesar de tudo, nunca o satírico conseguiu lograr. A sua internação no Recôncavo colocou-o no mundo que lhe aprazia. Os canaviais, as casas de purgar, os telheiros de açúcar, as folias da moagem, as noitadas nas senzalas, ofereciam ao velho desmoralizado a liberdade, sem espionagem, que êle desejava para passar o resto dos seus dias, alegre e maldizente. Na capital da Bahia havia devassidão, mas também havia governador e cabido; todos se escondiam quando buscavam seus amôres; no Recôncavo, porém, reinava a maior franqueza e a mais franca hospitalidade, e os próprios *senhores feudais* eram cúmplices na erótica safardanagem. Compreende-se perfeitamente esta insólita situação.

Homens fortes e escaldados não podiam limitar-se à monotonia e regularidade da vida conjugal no lar doméstico. De dia, ralhos com a dona da casa, inspeção das fábricas, dormir a sesta e chicote nos escravos; de noite, em que ocupariam o corpo e o pensamento? Nas cidades havia o jôgo, a intriga e a botica; na fazenda só se encontrava o recurso das senzalas dos vizinhos. Estas senzalas, pois, faziam-lhes os mesmos recreios que hoje proporcionam aos casados bilontras o Politeama e as cavernas das sociedades carnavalescas; e porque a negra africana, pesada, dura, conservadora, era mais própria para a mancebia regrada, do que para os excessos da vida airada, sucedeu que as mulatinhas desequilibradas, as mucamas ociosas tiveram gradualmente de fugir dos aposentos reservados da senhora e criar o tipo essencial do miudinho e do lundu. [6]

O folclore brasileiro está cheio de trovas e dançados, cuja origem não se encontra senão no sensualismo doido e inútil das mestiças desta espécie. A riqueza das silvas populares é infinita. Desde a toada do jongo primitivo até a delicada cantiga de recente data "Onde vai seu Pereira de Morais"? verifica-se a poderosa inspiração insuflada na musa inculta do povo pelos encantos e vivacidade da mucama.

Cair no meio dessa gente foi para Gregório de Matos o mesmo que aglutinar-se e resumir em forma culta tudo quanto de doce e suave existia nessa estesia demótica. Foi então que o seu lirismo ascendeu à originalidade de um Petrarca sertanejo. O chiste das morenas, conchas dos seus quindins, ardilosas, partistas e faiscas, apoderou-se-lhe da viola e não deixou de guiá-lo, diverti-lo, inspirá-lo até morrer.

É preciso ver o carinho com que o poeta afagava êste gênero de deidades nos versos a "Duas Môças Pardas" :

Altercaram-se em questão
Teresa com Maraquita
Sôbre qual é mais bonita,
Se Teresa, se Assunção :
Eu tomo por conclusão
Nesta questão altercada,
Que Assunção é mais rasgada,
E Teresa mais senhora,
E o galante que as namora
Verá a conclusão provada.

Se Teresa é mui bonita,
Mulata guapa e bizarra,
Com mui bom ar se desgarra
A mestiça Maraquita :
Ninguém a uma e outra quita
Serem lindíssimas cambas,
E o Cupido, que dentre ambas
Quiser escolher a sua,
Escolha vendo-as na rua,
Que eu para mim venero ambas.

As damas desta cidade,
Ainda as que são mais belas,
Não são nada diante delas,
São basófias da beldade ;
São patarata em verdade,
Se há verdade em pataratas,
Porque brancas e mulatas,
Mestiças, cabras e angolas
São o azeviche em parolas,
E as duas são duas pratas.

Jamais amanhece o dia,
Por que sai a aurora bela,
Senão porque na janela
Se põem Teresa e Maria ;
Uma manhã em que ardia
O sol em luzes divinas,
Pelas horas matutinas
Vi eu Teresa assistir,
Ensinando-a a luzir
Como mestra de meninas.

A delicadeza e a generosidade que trescalam desta poesia tinham, porém, de transfundir-se em versos menos certos, mais ardentes e mais consentâneos com a violência epigramática de Gregório de Matos.

VI

OS TRÊS ÓDIOS DO POETA. A QUESTÃO DA MURÇA. SÁTIRO E CAIPORA. CONTRA PADRES. CONTRA ADVOGADOS. O "BRAÇO FORTE E O BRAÇO DE PRATA".

§ 1

Gregório de Matos era orgulhoso, e tinha principalmente em grande conta o seu talento poético. A êsse orgulho, muito natural em quem tantos gabos merecera dos melhores poetas de Portugal, acrescia um profundo desprêzo dos meios práticos de ganhar a vida. O poeta tinha horror ao dinheiro, achava asqueroso todo homem rico e, como a maior parte dos ingênuos, era por êsse lado incorruptível.

A primeira parte da sua vida na Bahia pode-se formular no seguinte: — a luta inglória e desastrada da virtude feroz de um gênio satírico contra o conluio da bandalheira social, política e doméstica; inglória porque o poeta não tinha noção das proporções do mundo no qual vivia; desastrada porque, virtuoso no que tocava a dinheiro, mostrava-se cético quanto ao resto e muito cheio de lacunas no moral.

Que podia, com efeito, êsse moralista truncado obter dos habitantes de sua terra, quando essa terra andava repleta de reinóis jubilados, e de todos os pontos do horizonte soprava aquêle bafo pestilento e depravado que levou o excelso Padre Antônio Vieira, apesar do seu caráter de ministro da religião, a aconselhar ao rei de Portugal a compra das consciências nos negócios de Pernambuco?[7]

Desembarcando na Bahia, na forma já aludida, os primeiros tempos foram de festas. Vinha para ser aproveitado; e de fato, logo depois, êle que fôra padre para os agrados da chegada, como se diz ainda hoje nos Estados no Norte, provido na dignidade de tesoureiro-mor da Sé da Bahia, recebeu de D. Gaspar Barata de Mendonça, primeiro arcebispo do Brasil, o cargo de vigário-geral, de modo que em 1681 o vemos entrar no exercício de ordens menores. Foi o primeiro caiporismo e a origem do primeiro ódio do desastrado poeta.

Entendia Matos que o hábito não fazia o monge, e tôda vez que se retirava das suas obrigações eclesiásticas punha a batina ao canto da sacristia, e tomando os trajos seculares, empunhava o látego da sátira. Diz o licenciado Rebelo que "êsse capricho principiou a arrufá-lo com os governadores do arcebispado", e daí nasceu a questão que o expeliu daquele importante cargo. Outrossim, os historiadores dão a entender que o poeta alienara o amor da cleresia baiana, de uns, pela inveja que causavam seus talentos, de outros,

por hipócritas, tementes dos seus versos venenosos. Nada disto, porém, parece razoável à vista dos informes do tempo. É verdade que os cônegos da Sé armaram-lhe o quixó em que o atrabiliário vigário-geral devia se estrepar. — "Veste a batina, ou deixa o cargo!" Eis o ultimatum. Gregório de Matos sacudiu a albarda e respondeu com um redondo NÃO. Os cônegos conspiraram e tais golpes em segrêdo lhe desfecharam, que por fim lhe despiram a murça capitular, depois de sentença do arcebispo Dom Frei João da Madre de Deus, sucessor do que lha vestira. Todavia, é forçoso admitir que o poeta deixou a prebenda antes por ser desarrazoado do que por fôrça das circunstâncias, porquanto o dito arcebispo fêz piedosamente tudo que estava a seu alcance para evitar essa catástrofe, exortando o poeta a que tomasse ordens sacras; mas Gregório de Matos seguiu o seu fadário. Continuar um sátiro a usar a murça seria coisa nunca vista. O pretexto lhe pareceu motivo de maior incompatibilidade, e as contumélias dos cônegos, juntas à mansuetude do prelado, o irritaram ainda mais, provocando a tremenda descompostura à Sé da Bahia que os leitores já conhecem. "Presepe de bêstas" era na sua conta a ilustre congregação.

O biógrafo chama a isto valentia, horror à hipocrisia, e louva a virtude do poeta. Eu direi antes que o satírico, mostrando ser louco ou imprudente, levava demasiado gôsto em brandir "a foice de Saturno, amolada nas esquinas da eternidade".

§ 2

Livre da murça, dos processos canônicos e do *timebunt gentes*, com que os doutôres, à fiúza de S. Tomás de Aquino, do Tridentino e da Santa Madre Igreja, granjeavam as suas propinas, Gregório de Matos atirou-se francamente às samarras, e vê-las de longe bastava para que êle bandeasse o arco e desferisse a seta do epigrama. Que o diga a memória do clerguete, que foi degradado "por dar óleo sagrado" a sua amásia. Podem também confirmá-lo os rosários de epigramas, os bentinhos de amor em graça, que êle pendurou ao pescoço de um por um de seus inimigos de batina.

O confessor de Frei da Madre de Deus foi talvez um dos que menos sofreram. Entretanto, o poeta dedicou-lhe versos em que o menor crime que lhe imputava era o de "ladrão do confessado" a quem "não só absolve o pecado, mas os frutos lhe alcovita".

O ladronaço em vigor
Não tem para que dizer
Furtos, que antes de o fazer
Já os sabe confessar;
Cala-os para ouvir melhor,

Pois com ofício alternado,
Confessor e confessado
Ali se barbeiam sós;
Porém fique aqui entre nós.
. . . .

Mecânica disciplina
Vem a impor por derradeiro
O confessor marceneiro
Ao pecador carapina:
E como qualquer se inclina
A furtar e mais furtar,
Se esconjura a escavacar
As bôlsas co'um par de enxós:
Porém fique aqui entre nós.

O tal confessor me abisma,
Que revele e não se ofenda,
Que um frade sagrado venda
O sagrado óleo da Crisma,
Por dinheiro à gente crisma,
E por cêra, havendo queixa,
Que nem *a da orelha deixa*
Onde crismando a mão pôs;
Porém fique aqui entre nós.

Que em tôda a franciscania,
Não achasse um mau ladrão
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da *Apanhia!*
Nisto, amigo, há simpatia:
E é que lhe veio a pêlo
Que um vá atando no orelo
O que o outro mete no cós:
Mas fique aqui entre nós.

As freiras com santas sêdes
Saem condenadas em pedra,
Quando o ladronaço medra,
Roubando pedra e paredes.
Vós, amigo, que isto vêdes,
Deveis a Deus graças dar
Por nos fazer secular,
E não zote de albernoz:
Porém fique aqui entre nós.

Ora, que mais era preciso para justificar a sentença do prelado? Podia conservar a murça e dar sentenças no contencioso eclesiástico quem tinha o topéte de dizer tamanhas barbaridades embora "aqui entre nós", a afrontar os dois mais importantes institutos religiosos que então havia no Brasil? Decerto que não. Os jesuitas eram para o poeta a *companhia do ôlho vivo;* e Vieira não o estremecia. Os franciscanos, os diplomatas da celestial patifaria.

— Furta *ad majorem Dei gloriam,* que eu te absolvo em nome de Jesus, Maria e José, contanto que ponhas um pêso na sacola.

Isto dava Gregório de Matos a entender a todos quantos o ouviam : e no entanto êsses franciscanos ainda choravam, de fresco, a morte e assunção do venerável custódio Frei Cosme de S. Damião, o qual naquela mesma heróica cidade da Bahia, por demonstração da providência do Altíssimo, mui recentemente, "tinha participadas as graças de curar enfermos, conhecer interiores e prevenir futuros". [8]

Na mesma toada agrediu êle a tôda a padralhada, brancos ou mulatos. Assim, mais de perto sentiu as suas ferroadas o pregador e vigário da freguesia de Passé, Lourenço Ribeiro, "mulato, segundo se rosnava", cujo crime fôra cantar nas sociedades ao som da cítara e ter, por indiscrição, mofado dos versos do autor do "Marinícolas". "O Retrato" do padre Dâmaso da Silva, "cujo feitio enfadava o poeta", e ao qual não sei por que chamava "o Frisão da Bahia", é uma verrina destas que arrancam pele com cabelo.

A bôca desempedrada
É a ponte de Coimbra,
Onde não entram nem saem
Mais que mentiras.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão
O Frisão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi... maravi... maravilhas.

Não é língua de vaca
Pelo maldizente e maldita,
Mas pelo muito que corta,
De tiririca.
. . . .

É grande Conimbricense
Sem jamais pôr pé em Coimbra;
E sendo ignorante, sabe
Mais que galinha
. . . .

Como na lei de Mafoma
Não se argumenta, e se briga,
Êle, que nada argumenta,
Tudo porfia.
Ouçam e olhem,
Venham, venham e verão
O Frisão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi... maravi... maravilhas.

§ 3

Longe iria neste parágrafo se fôsse a notar tôdas as maldições de Gregório de Matos no que respeita aos seus figadais inimigos de batina, burel, corda ou correia. Um fato se apurava : os cônegos da Sé o tinham deixado aos paus; era preciso viver; e o poeta, bem ou mal, procurou romper o bloqueio que lhe tinham pôsto à vida.

Como já notei anteriormente, apareceu-lhe um casamento com uma viúva honestíssima, e, segundo se afirma muito formosa senhora, chamada Maria dos Povos. Tratando-se de um quase sexagenário, que, além de tudo, não sabia a quantas andava em matéria de ganhar a vida, o próprio tio, Vicente da Costa Cordeiro, buscou arredá-lo dessa loucura. Gregório de Matos, porém, era cabeçudo; não atendeu ao conselho e ferrou na sorte essa tremenda cabeçada. Casou-se sem embargo dos embargos opostos por terceiro; e o tio, porque muito prezava a sobrinha, fêz-lhe um donativo, no qual, ao que parece, se compreendia uma sorte de terras, que o desassisado tratou logo de passar nos cobres. Êsse dinheiro, na importância de três mil cruzados, a dar crédito ao licenciado Rebelo, "recebido em um saco foi vazado no canto da casa, donde se distribuía para os gastos sem regra, nem vigilância". Se o fato não é verdadeiro, está ao menos no diapasão do homem que largara com a murça e sem motivos uma prebenda não pouco rendosa. Que havia de fazer o autor do "Marinicolas", extinta a dinheirama que o tio da mulher caíra na asneira de não vincular por escritura ? Não havia outro recurso senão abrir banca de advogado : e êle assim o fêz. Matos, porém, não nascera para isto.

Os seus biógrafos fazem grandes gabos à sua erudição e literatura jurídica; e confundindo a teoria com a prática e com o bom senso da vida, atribuem o insucesso do advogado à sua honorabilidade e ao desprêzo que votava à chicana. E desta sorte explicam por que o poeta abandonou as causas cíveis pelas criminais. Mas ponho dúvidas à tal defesa engendrada pelos ditos biógrafos.

Gregório de Matos era de fato um espírito muito esclarecido e arguto, e juntara na cabeça tôda a enciclopédia que em Coimbra se ensinava. Acredito mesmo que se êle houvesse tentado, teria sido um rival temível de Álvaro Velasco, Jorge de Cabedo, Gregório Martins de Caminha, Mendes de Castro, Phoebo, Hemudo e de outros tratadistas que viveram no anterior e no mesmo século; e disto deram exemplo, antes dêle, Ferreira, o poeta da linda Inês, e quase na mesma época, Gabriel Pereira de Castro, a quem o *De Manu Regia Tractatus* não impediu a composição do poema *Ulisséia*.

De fonte mui diversa proveio o fiasco de Matos na sua advocacia. Boêmio incorrigível , vadio e incapaz de trabalho assíduo, nunca

lhe foi possível inspirar confiança às partes solicitantes. Daí dizerem que só lhe ficava bem pleitear no crime. Compreende-se tudo; para advogar no cível com proveito, era indispensável ser assíduo na banca, ouvir com paciência, examinar *nocturna et diurna manu* autos e escrituras, andar sempre vigilante com escrivães e *ex adversos.* Mas quem não vê que o poeta das "Reprovações" era a negação de tôdas estas qualidades? A semelhantes considerações acresce que Gregório de Matos, por indomável espírito satírico, não poupava os próprios clientes; sacrificava as causas a um dito agudo e muitas vêzes, por preguiça, em vez de arrazoar, escrevia nos autos quadras ofensivas dos juizes ou dos contrários.

No crime tudo se simplificava. Com parolas e intimações muito se pode conseguir; e o poeta para êsse efeito era advogado de se lhe tirar o chapéu e de se benzer a gente três vêzes com o santo breve da marca entre a dentuça.

Várias são as anedotas que neste artigo de calaçaria relatam os contemporâneos do poeta. Conta o mais de uma vez citado seu biógrafo que, andando certo magano com um processo de restituição do dote que dera à filha, fundamentando o libelo em que, morta esta, o marido alardeava ter a defunta falecido intacta, pelo que a enfeitara de palma e capela, Gregório de Matos arrazoou o feito com os seguintes versos:

> Gaita de foles não quis tanger.
> Olha o diabo o que foi fazer.

Acrescenta o historiador que tanto bastou para que, pelo laconismo, os tribunais sentenciassem em favor do reclamante. Não se exagere, porém, o efeito desta sátira. A tolice do marido arrazoara a causa; e o poeta que o acionava, não fêz mais do que obrigar a justiça a rir-se da corriola, na qual caíra o paspalhão, dando provas da não-coabitação com a espôsa. Esta proeza judiciária, todavia, não autorizava a generalização dêsse sistema de pleitear. Gregório de Matos pretendeu advogar no cível com *gaita de foles;* mas a gaita acabou por perder palhêtas.

§ 4

Ao ódio que o poeta votava às batinas associou-se uma cruel antipatia pelas becas.

É verdade que a rabulagem da Bahia naquele tempo, a avaliar pelo que dela dissera Diogo de Campos em sua época, devia ter sido a coisa mais detestável dêste mundo; Gregório de Matos, porém,

em vez de a corrigir com o exemplo e a fôrça do talento, abandonou-a ao seu destino; e tanto por êsse abandono, como pelas agressões em que se empenhou várias vêzes, exagerando os vícios da própria classe, concorreu poderosamente para aumentar-lhe o desprestígio e portanto a corrupção.

Examinando-se detidamente os seus versos intitulados "Ao Braço Forte", verifica-se que já naqueles bons tempos minava o Brasil a praga da advocacia administrativa. Havia governadores patoteiros; e Antônio de Sousa de Meneses, vulgo o *Braço de Prata,* foi um dêstes, ajuizando-se dos seus merecimentos pela furiosa sátira que lhe fêz o poeta.

Aproveitado discípulo do *Xumberga* de Pernambuco, o célebre governador e capitão-general Jerônimo de Mendonça Furtado, deposto, em 1666, pelo clero, nobreza e povo, do cargo que ali ocupava, como ladrão e avarento, e remetido para Lisboa com o sumário dos seus crimes, o *Braço de Prata* (é o que dizem), contando com os desmandos do govêrno de então, meteu-se em altas cavalarias no intuito de encher-se, e enriqueceu. Sendo, porém, intermediário dos seus negócios o alcunhado *Braço Forte,* conhecido "regatão de despachos" e "fundidor de mentiras" sucedeu que êste não guardou o recato que tais coisas exigem e pôs os podres do governador na rua. Esta situação cômica não escapou às iras de Gregório de Matos, que, por esta época, sofria grandes apertos de dinheiro e não encontrava, nem no fôro, nem na administração, recurso para tamanha enfermidade. Assim, pois, vendo os vexames do *Braço de Prata* e por último presenciando o desespêro de tal magano, que não se arreceou de dar com o sócio no xilindró, o poeta arrepiou os ouriços da sátira e escreveu os versos que se inscrevem ao *Braço Forte.* Nesses diabólicos versos acha-se a história inteira das batotas de Sousa Meneses.

É o prêso quem fala :

— Dizem que eu sou um velhaco
E mentem, por vida minha,
Que o velhaco era o Govêrno
E eu a velhacaria.

Quem dissera, quem pensara,
Quem cuidara e quem diria,
Que um braço de prata velha
Pouca prata e muita liga :

Tanto mais que o braço forte
Fôsse forte, que poria
Um Cabo de calabouço,
E um soldado de golilha ?

Porém eu de que me espanto?
Se nesta terra maldita
Pode uma ovelha de prata
Mais que dez onças de alquima?

Quem me chama de ladrão
Erra o trinco a minha vida;
Fui assassino de furtos,
Mandavam-me, obedecia.

Despacharam-me a furtar,
E eu furtava, e abrangia:
Serão boas testemunhas
Inventários e partilhas.

E eu era o ninho de guincho,
Que sustentava e mantinha
Co'o suor das minhas unhas
Mais de dez aves de rapina.

O povo era quem comprava,
O general quem vendia,
E eu triste era o corretor
De tão torpes mercancias.

Vim depois a aborrecer,
Que sempre no mundo fica
Aborrecido o traidor
E a traição muito benquista.

Plantar o ladrão de fora
Quando a ladroíce fica,
Será limpeza de mãos
Mas de mãos mui pouco limpas.

Êles guardaram o seu
Dinheiro, açúcar, farinhas,
E até a mim me embolsaram
Nesta hedionda enxovia.

Se foi bem feito, ou mal feito,
O sabe tôda a Bahia;
Mas se à traição me fizeram,
Com êles a traição fica.

. . . .

Chovam prisões sôbre mim:
Pois foi tal minha mofina,
Que a quem dei cadeias de ouro,
De ferro m'as gratifica.

Depois de tão positivas provas de sua incapacidade para o exercício da profissão de "regatão de despachos", que poderia mais Gregório de Matos esperar da administração, a não ser desprêzo e guerra às suas habilitações de jurista?

O ouvidor de Pernambuco, que não o estimava, disse, quando soube do falecimento do poeta, que desaparecera quem entendia do direito; mas, nem esta opinião póstuma, nem a dos doutos de sua época lhe valeram na Bahia contra os rábulas para que avezasse alguma chelpa. As causas cíveis lhe minguaram e por último os processos crimes perderam o interêsse pelo muito pouco caso que os comarcões faziam das justiças do Brasil. Esta frialdade do ambiente moral levou o autor do "Marinícolas" a considerar e refletir sôbre a verdade contida naquele aforismo onde se diz: *lex non est imponenda aliis ab eo qui ipsam negligit observare.* E daí partindo, em discurso filosófico em cata de outras verdades conexas, teve êle ocasião de verificar quão judiciosos se mostraram os romanos quando definiram o direito natural — aquilo que a natureza ensinou a todos os animais — *quod natura omnia animalia docuit.* Ora, vendo êle que as alimarias dos Brasis tinham recebido da natureza preceitos muito curtos, e que as cavalgaduras vindas do reino apresentavam-se cheias de tôdas as perversidades juntas, de godos, árabes e judeus, não devia ter-se ressentido de que lhes cortassem os mantimentos bêstas tão ferozes. Entretanto, Gregório de Matos estranhou o *blocus,* e perdeu talvez a calma, tão necessária para quem combate vícios e tenta impor preceitos a homens desregrados. Acaso não lhe poderia ministrar socorro a sabença dos romanos, nem lhe dariam os Bartolos e Boemeros conselhos que o livrassem dessas atrozes dificuldades? Com certeza que sim, se não se tratasse de um espírito, rútilo mas desassisado.

Gregório de Matos teria brilhado nesta parte de sua vida, se inventasse e propusesse uma ação de alimentos contra a cidade da Bahia, sua madrasta; ou se, tomando ao sério a sua missão de advogado, junto aos bons varões da terra, que os havia com certeza, levantasse a ação de dano infecto contra a gente ruim que ameaçava o Brasil com a ruína da fundação de Tomé de Sousa. Essa utilíssima propaganda, infelizmente, porém, não estava nas cordas da índole destruidora do filho de D. Maria Guerra.

VII

AINDA OS TRÊS ÓDIOS DO POETA. ADVOCACIA PORNOGRÁFICA. NATIVISMO FEROZ; GUERRA AO "UNHATE". CONTRA MULATOS; PSICOLOGIA DESSA RAÇA.

§ 1

Em Coimbra tinham pôsto o cabo a esta sovela; era forçoso, portanto, que o poeta furasse o couro alheio até morrer. Desanimado, pois, do fôro e desprezada a banca de advogado, o vamos encon-

trar às voltas com a *gaita de foles* que *não* lhe quer *tanger*. Deu-lhe a advocacia então para o lado das mulatas e principiaram as suas defesas, em verso, a essas clientes dispendiosas, perante o tribunal da chalaça e da opinião dos capadócios pornográficos.

Houve uma destas suas clientes que deu cabimento a grande briga entre certo vigário, talvez o de Passé, e um ourives de prata de nome Valentim, o qual

> Na obra dessa mulata
> Mete muita falsa liga.

As lutas por causa de mulheres, quando vêm a público, por mais bem arrazoada que seja a intervenção de uma das partes, caem sempre no ridículo.

Pela descrição que o poeta faz da intriga que houve entre o vigário e o ourives, vê-se que êste pretendeu introduzir hissope profano em caldeirinha sagrada, e não só o praticou, como também levou consigo o vaso proibido. [9]

Eis o que afirma a sátira :

> É homem tão desalmado
> Que por lhe a prata faltar,
> E estar sempre a trabalhar
> Bate no vaso sagrado?
> Não vê que está excomungado,
> Por que com tanta fadiga
> Numa casa excomungada
> Com censura reservada,
> Pela qual Deus o castiga?
> Briga, briga.
>
> Por que com modos violentos
> A um vigário tão capaz,
> Sôbre os quatro que já traz,
> Pontos lhe põe quatrocentos?
> Deixe-se dêsses intentos,
> E reponha a rapariga,
> Pois a repô-la se obriga
> Quando afirma que a possui:
> E se esta razão não conclui,
> Vai esta ponta à barriga.
> Briga, briga.
>
> Senhor ourives, você
> Não é ourives de prata?
> Pois que era essa mulata
> Que cobre ou tambaca é?
> Restitua a môça que
> É peça de igreja antiga;
> Restitua a rapariga,
> Que se vingará o vigário
> Talvez no confessionário
> Ou talvez na desobriga,
> Briga, briga.

À mulata já lhe peja
De trocar odre por odre,
Porque o leigo é membro podre,
E o padre é membro da igreja;
Sempre esta telha goteja,
Sempre dá grão esta espiga :
E a obra da rapariga
Quer desfazer esta troca,
E deixando a vossa toca,
Quer fazer co'o padre liga :
Briga, briga.

Largue-lhe a mulata, e seja
Logo, logo o bom partido,
Que como tem delinqüido,
Se quer recolher a igreja :
Porque todo o mundo veja
Que quando a carne inimiga
Tenta a uma rapariga,
Quer no cabo, quer no rabo,
A igreja vence o diabo
Como outra qualquer estriga ;
Briga, briga.

Não diz a história, nem Gregório de Matos informa se o ourives da prata restituiu a gentil mulata. Provàvelmente neste pleito o advogado usou do *tertius gaudet.*

Uma outra questão em que o poeta muito se empenhou foi a do célebre *Mangará,* capitão Domingos Cardoso, o qual, desesperado por terem-lhe duas mulatas furtado um papagaio, deu querela contra o furto, com grande escândalo e "desmaio" da população da Bahia. Os provarás foram rimados por Matos com uma graça intraduzível.

. . . .
O papagaio real
Diz que para Portugal
Lindamente dava o pé;
Mas uma artícula que
O contrário provará
Mangará.

Provará que ela gostara,
E que não satisfizera,
E muitas coisas dissera
Se o papagaio falara
Que o capitão intentara
Pagar-lhe em bens de raiz.
Pois sendo mangará quis
Transfigurar-se em cará.
Mangará.

Pondo-se o pleito em julgado,
Dar testemunhas procura
Com o primo Rapadura,
E um compadre seu Melado;
Mas há de ficar borrado,
Como o tal primo ficou,
Quando a mulata o deixou
Naquele triste araçá,
Mangará.

Acrescenta ainda o defensor que as duas môças entraram na "corrente em falta do papagaio", a primeira "sem pejo, mas a segunda pejada", de onde se seguiu que saíram dos ferros, em vez de duas, três pessoas, e tudo por conta de um "contrafeito asnaval", o ilustre capitão de Pirajá, o *Mangará*.

§ 2

O espírito de Matos devia ser atraído por todos os elementos que constituíam a vida íntima da colônia.

Repelido pelos padres, xingado pelos rábulas do fôro, descontente do governador, um grave pensamento democrático o assaltaria.

— Ora, eu que sou um homem inteligente, versado na história e no direito, diria êle consigo mesmo; eu que sou poeta, e tenho a experiência dos homens e do mundo, por que não me hei de meter com o povo, com a gente desta terra e pô-los à minha feição contra os maganos de Portugal?

Não sei se Gregório de Matos formulou tal jaculatória; mas com certeza êsse movimento nativista devia ter se produzido instintivamente, se bem que na vida do interior do Brasil já existisse, bastante intenso, um sentimento amargo, hostil, muita vez acobardado, o qual casava-se perfeitamente com as indignações poéticas do baiano. E tanto isso era verdade que o govêrno português, que muito se inspirou então na necessidade de elevar o nível dos *mazombos*, expedira a provisão de 4 de março de 1679, a qual dava aos naturais do Brasil preferência para os postos militares, benefícios eclesiásticos e outros empregos da administração. A vida de Gregório de Matos foi um contínuo comentário a essa provisão, que nunca se traduziu senão em grosseiros sofismas de reinóis, sempre prontos a rirem-se das pretensões dos Caramurus, Tatambas e *tuti quanti* do Brasil.

O primeiro tipo burguês a que o poeta se apegou foi o *Unhate*.

O que era o *Unhate* na gíria de Matos?

Santo Unhate irmão de Caco
Porque faz muitos prodígios.

Era o reinol chegado "por Lisboa ou pelo Minho" degradado por crimes.

Ou por môço ao pai fugido,
Ou por não ter que comer,
No lugar onde é nascido.

O poeta enfurecia-se quando via tipos dessa laia saltarem no cais da cidade "descalços, rotos e despidos, sem trazer mais cabedal que piolhos e assobios", e daí a meses apresentarem-se alugando casas "de preço e valor subido" e postos em tempo breve "com dinheiro e com navios". E êle, o caipora, o poeta, o jurista, ao lado dos assobios, sem eira nem beira, nem sêdas, nem polvilhos, observava êstes mesmos unhates que devoravam a riqueza e descompunham a terra, sem que a pobre Bahia lhes repetisse o mote:

Ingratos, mal procedidos!
Se eu sou essa que dizeis,
Por que não largais meu sítio?
Por que habitais em tal terra,
Podendo em melhor abrigo?
Eu pego em vós, eu vos rogo?
Respondei: dizei malditos?
Mandei acaso chamar-vos?
Ou por carta, ou por aviso?
Não viestes para aqui
Por vosso livre alvedrio?
Meus males de quem procedem?
Não é de vós? claro é isso:
Que eu não faço mal a nada
Por ser terra e mato arisco.
Se me lançais má semente.
Como quereis fruto limpo?

Ira, furor, apodos, sátiras, epigramas: eis o que lhe cabia dar de graça a êsses forasteiros, "c...breados", cujas camisas, quando êles chegavam, eram mais duras do que um "traquete de navio". Os unhates, porém, eram insensíveis a sátiras. Duros de cara e ainda mais de entendimento, aumentavam o número dos cabritos e voltavam para o reino gordos, nédios, escorreitos.

Os governadores se sucediam, os engenhos aumentavam, as negras pariam, os reinóis enriqueciam: mas o poeta não medrava e a sua sina cada vez mais se escurecia.

Como é natural, êle lembrou-se de responder à gente dura, levantando contra ela a mulataria.

Não lhe saíam da mente os versos da causa, em que requerera o dote da virgem casada predefunta.

Gaita de foles não quer tanger
Olha o diabo o que foi fazer.

§ 3

Aquela "Senhora Dona Bahia", cidade nobre e opulenta "madrasta dos naturais e dos estrangeiros madre" foi surda aos reclamos do poeta, desterrado da pública simpatia. Era embalde que Gregório de Matos vociferava, fazendo ver a todos seus patrícios "os extravagantes meios com que os estranhos dominavam indignamente naturais de sua pátria". Continuavam a ser exaltados os que chegavam e a ser abatidos os que na terra eram bem nascidos; os reinóis riam-se triunfantes e a sátira não feria nem a epiderme dos alarves.

Na raça mestiça havia, entretanto, uma face simpática, que não passou despercebida ao espírito arguto do autor das *Reprovações*. Para aí, pois, o poeta enveredou.

Mas os mulatos, do mesmo modo que já o tinham feito o cabido, os escrivães e os mascates ou *Unhates*, refugaram, e puseram-se ao abrigo das cantigas. Altivos, muitas vêzes insolentes, imaginosos, lúbricos, talhados para as artes, máxime para a música, violeiros de fôrça, apaixonados do que hoje na geringonça fluminense chama-se maxixes, audazes, astutos e dissimulados, quando em luta com fôrças superiores; os mulatos representaram na política do norte, desde os tempos coloniais, papel característico que não passou sem reproches dos historiadores da época. Eram êles que, graças ao ódio dos reinóis, os quais os afagavam quando escravos e desprezavam quando forros, mantinham tôda a dinâmica liberal daquelas regiões. Nêles existia, como temperamento, o espírito de insurreição, o qual de ordinário tomava a forma da desafronta e do assassinato por pundonor. Basta recorrer à história da dominação holandesa para verificar-se quanto êste espírito de revolta, de ódio inquebrantável, comprometeu a sorte de Pernambuco, onde aliás existia já formado o forte nativismo que dera a guerra dos mascates.

Confundindo os reinóis com os brancos crioulos, o mulato Calabar envolveu tôda a colônia no seu despeito, e dando mão ágil aos batavos, não premeditou, como é mais provável, senão atentar contra o orgulho dos portuguêses autoritários, que só falavam de chicote em punho e de verbo alto. A sua chamada traição ia com efeito abrindo espaço a conseqüências sociológicas de que com certeza teria derivado o malôgro da nação colosso a que nos orgulhamos de pertencer. O espírito, porém, que êste desastre ia ocasionando, não era fundamentalmente mau.

Os mulatos não eram práticos, nem persistentes, nem coerentes, nem assíduos no trabalho. Apaixonados, impetuosos, tão fáceis de serem sugestionados por uma coisa, como de abandoná-la despeitados, êles durante aquelas épocas foram vistos, ao lado do branco

e contra o branco, sempre inflamados, muitas vêzes desarrazoados, mas propulsivos, agressivos, destruidores.

A filosofia poderá absolver, por isso, os reinóis das torturas a que os sujeitaram e dos chascos com que largamente os mimosearam. Chapados na realidade e inclinados sôbre o ventre, zelosos do seu sossêgo e ainda mais da santíssima pataca, os portuguêses não se iludiam com o prejuízo que pode resultar de temperamentos turbulentos; e, adotando, por instinto, as regras do ajuizado Sancho Pança, consideravam que mais valia andar de vagar a quatro pés, do que aos troncos e barrancos como xucros. Desde tempos imemoriais que a sua divisa foi : *o seguro morreu de velho.* Mas também êste conservadorismo axumbergado nos manteve e manteria em menoridade política até quase terminar o século.

Entretanto, as características daqueles mestiços, é forçoso que se diga, por fas, ou por nefas, os puseram sempre em tumultos e revoluções, na democracia enfim. Em várias ocasiões foram iludidos e postos a serviço de perversos reacionários para atacarem patriotas; e nos sertões do Norte se constituíram o terror das fazendas, aonde ainda hoje a palavra *cabra* inspira a muitas famílias susto e um pavor intraduzível. [10] Elemento revulsivo, exagerou-se oferecendo não raramente os lombos aos chefes do liberalismo, e, durante a regência, chegou mesmo a provocar providências sistemáticas tendentes à manutenção da ordem pública.

Não há quem desconheça o que foram *Cabanos, Balaios, Sabinos, Bem-te-vis* e outras curiosas manifestações de nosso folclore político. E pelo que nêles ainda hoje se observa, pode-se avaliar o que não seriam na época em que Gregório de Matos, de engulho, blasfemava, achincalhando-os :

> Não sei para que é nascer
> Neste Brasil empestado
> Um homem branco e honrado
> Sem outra raça.
>
> Terra tão grosseira e crassa,
> Que a ninguém se tem respeito,
> Salvo se mostra algum jeito
> De ser mulato.

Poetas e cantadores, eram êles os que melhor requestavam, e ainda hoje de seu seio saem os rapsodos do sertão. Residindo nessa gente tôda alegria dos povoados, dos arraiais e das estradas, Gregório de Matos pensou encontrar nela os seus vingadores, os seus capangas. Iludiu-se. E logo pela frente quem lhe havia de sair? Um padre, que era pardo, segundo se rosnava, o qual o ofendeu ten-

tando disputar-lhe a palma do talento. Os reinóis não lhe queriam arrebatar semelhantes prendas; o que lhe embargavam era a pataca. Os mestiços, porém, dotados de estro e muito sestrosos, foram os que mais se atreveram a guindar-se aos seus dotes poéticos e a negar-lhe primazia. *Inde irae!* E começou a segunda guerra púnica.

O padre Dâmaso da Silva tornou-se o tipo pelo qual se afiaram tôdas as descomposturas que desde então ferrou nestes novos inimigos. "Bôca mentideira", onde o povo acudia à tarde, como ao curro dos bois, para escutar mentiras doidas; eis o que era êsse frisão, cuja língua, por desconto de pecados, era igual à Relação e a todos os vícios da terra.

Santo Antônio de baeta
Que em tôda a parte do mundo
Os casos que sucederam,
Viu e foi presente a tudo.

O padre papa-jantares,
Hóspede tão importuno
Que para todo banquete
Traz sempre de trote o bucho.

. . . .

Lisonjeiro sem recato,
Adulador sem rebuço,
Que por papar um jantar
De um sacrista faz um Nuncio;

De um tambor, um general,
Um branco de um mameluco,
De uma senzala, um palácio,
E um galeão de um pantufo.

O Zote que tudo sabe,
O grande jurisconsulto
Dos litígios fedorentos
Desta cidade monturo.

O Bartolo de improviso,
O subitâneo Licurgo,
Que anoitece um sabe-nada,
E amanhece um sabe-tudo.

. . . .

Este tal de quem falamos
Como tem grandes impulsos
De ser batiza-crianças
Para ser soca-defuntos;

E a Majestade de el-rei
Tem já com mil esconjuros
Ordenado que o não colem
Nem a uma igreja de junco ;

Êle por manter desejos
Foi-se ao adro devoluto
Da senhora do Loreto,
Onde está pároco intruso.

No mesmo tom e pela mesma solfa agrediu, como já fiz ver, a Lourenço Ribeiro, vigário de Passé, a quem chamou de "mulato muito ousado", ignorante, ufano, e "cão revestido em padre por culpa da Santa Sé".

O que mais irritava o poeta era que essa ousadia, êsse ladrar contínuo "contra um branco honrado", quadrasse "ao bispo, ao governador, ao cortesão e ao senhor". Em todo caso Gregório de Matos se enternecia quando reparava que êsse poeta e pregador, fátuo de tocar cítara, ladrava no púlpito em vão para os brancos, de ordinário só ouvido por tias e tios do Congo suando mondongo e outras imundícies.

Mefistófeles não teria rido tanto, comentando a tolice humana, como riu o autor do "Marinícolas" ouvindo êsse pregador cachorro, que não sabia de escritura "mais que aquela que o pusera fôrro".

VIII

O MOFINO POLÍTICO, CONTRA GOVERNADORES. CARICATURAS E RETRATOS. O "NARIZ DE EMBONO".

§ 1

Adiante veremos o que era a política de Gregório de Matos, em abstrato. Em concreto, parece que êle nunca chegou a ter compreensão nítida das coisas; e essa conclusão resulta do confronto dos versos atrozes em que atacou os governadores e o pouco caso que em geral fizeram dessas apolíneas agressões os agredidos.

Gregório de Matos não se comprometia sèriamente na oposição aos portuguêses que com a mão férrea de tirania governavam a colônia, ao talante dos seus caprichos e dos interêsses dos amigos.

Por que não foi o poeta prêso, nem perseguido, ou exilado, pelo *Braço de Prata?* A razão é óbvia. Matos cingia-se a desabafar queixas pessoais, fazendo circular versos que causavam riso aos desafetos do governador. Em 1692, por exemplo, logo depois da posse

de Sousa de Meneses, os baianos que representavam a nobreza da terra viram subir à confiança do govêrno um homem que tempos antes fôra para Portugal como criminoso e voltara absolvido e de posse do cargo de alcaide-mor da cidade do Salvador. Êste cidadão era o afamado Francisco Teles de Meneses, que, uma vez nomeado alcaide, tratou de tomar dos que anteriormente o haviam recomendado para Lisboa ou concorrido para isso, as mais cruéis vinganças: e para êsse fim o *Braço de Prata* foi-lhe de magnífico auxílio, se não instrumento cego em suas mãos. Nestas conjunturas e porque além de tudo, com a ascensão de D. Pedro II ao trono, a política na Bahia mudara sensìvelmente, formando-se um grêmio de oposição no qual eram encontrados o provedor da alfândega, o secretário da câmara e Gonçalo Ravasco, sobrinho do Padre Vieira e filho do secretário de estado Bernardo Ravasco, julgou Teles de Meneses a ocasião propícia, e, dando caça aos seus desafetos, recolheu uns às enxovias e a outros, que se haviam homiziado no colégio dos padres, cercou, prendeu e deu destino, perdidos os empregos que passaram às mãos dos bons amigos do alcaide. A reação contra o valido não se fêz esperar por longos dias.

Referem os cronistas, que Antônio de Brito e Castro, irmão do provedor da alfândega e um dos mais ofendidos nessa empreitada de desabafos, não tendo bofes para tanto suportar, desesperado, um dia dirigiu-se acompanhado de seis amigos, todos mascarados, para trás da Sé, e quando por aí passava o alcaide repotreado na sua rica *serpentina* de volta do palácio do governador, fêz-lhe desfechar quatro tiros de bacamarte, que apenas mataram a um criado e feriram outro. Não escapou Teles de Meneses, porém, ao golpe armado em plena rua e à luz do dia, porquanto, estando o irmão do provedor disposto a trucidá-lo, avançou para a rêde, tirando a máscara, e com a sua própria mão apunhalou-o mortalmente. Depois disto os assassinos retiraram-se, sem que fôssem perseguidos, e se homiziaram no colégio dos jesuítas. Tamanha audácia determinou um acesso de fúria por parte do *Braço de Prata*, que apenas teve conhecimento do fato entrou a insultar a guarda do palácio e tôda a oficialidade, que seguramente aplaudira com o silêncio a tragicomédia. Violento e ao mesmo tempo sem tino, o governador mandou prender o respeitável ancião Bernardo Ravasco, secretário do govêrno, e pôs a cidade numa espécie de estado de sítio; exilou e fêz o diabo.

No centro dessa oposição, e sendo muito amigo dos Vieiras e Ravasco, que papel teria representado o cauteloso satírico do "Marinícolas"? Não foi prêso, nem exilado; entretanto, os seus versos estão cheios de invectivas às imoralidades do *Braço de Prata;* de onde

se vê que nem êle intervinha na política local de modo sério, nem inspirava receio aos poderosos pelo prestígio dos seus panfletos, pois como tais deviam ser reputados naquelas áreas os versos agressivos do poeta por todos decorados e transcritos de mão a mão. É que Gregório de Matos cingia-se com certa arte precavida a ferir o indivíduo em tudo, menos no que podia atear as fráguas da alma política e ciosa de si mesma. Que importava a Sousa de Meneses que um velho tonto lhe emprestasse o sórdido desejo de enriquecer, *gemesse quem gemesse?* Acaso ocultaria êle que a sua vinda para o Brasil, como a de tantos outros, não tinha por alvo senão arranjar a vida e explorar a terra? Seria acaso o primeiro governador arruinado que caía sôbre os Brasis para remediar a quebradeira e repintar os brasões embolorecidos? Portanto, gritasse para aí o cão gôzo e caduco do Parnaso, que os padres Dâmasos e Ribeiros se encarregariam de lhe endireitar as cordas da viola, por aquela mesma "solfa de fabordão", aquela "solfa escura pelo compasso da mão", que o próprio Matos receitara ao Brás Luís. Assim, pois, impunemente o satírico cantou "o rico feitio" do *Braço de Prata,* do mesmo modo por que já lhe atacara a ladroíce, talvez que assistido da hilaridade do próprio retratado.

§ 2

À imitação do que fizeram, Ovídio com a pulga, Luciano com o mosquito e o grande Homero com as rãs, êle não se perdeu ocupando-se com aquela nova alimária "mais delgada, mais chata, mais sutil, mais esmagada", aquêle percevejo que à cidade da Bahia tonta e fátua a santa inquisição tinha enviado. O que é certo é que Sousa de Meneses não o perseguiu; e embora, como dizia a sátira, que se inscreve "Retrato do Governador", o braço de prata impura lhe pendesse da garganta qual balandrau, o outro braço perfeito nunca se ergueu para punir o atrevido poeta que vociferava:

> Tu és mais cego do que eu, que te sussurro
> Que em te olhando não vejo mais que um burro.

Também o desabusado governador não levou a mal que o poeta o figurasse de bengala metida no sovaco, a atravessar as ruas da cidade, do colégio ao seu palácio, xingado pelo negro, praguejado pelo branco,

> O rabo erguido em cortesias mudas,
> Como quem pelo... tomava ajudas.

Tudo isto não ofendia o couro impenetrável do grosseiro português.

Em palácio havia casa de jôgo, e "ainda que o povo risse", o governador, a quem "nada aleijava", continuava a roubar e a mentir. Mau e parvo, ao que parece, mereceu talvez a praga que por último o poeta lhe rogou :

> ... que a bala que o braço lhe levara
> Viesse segunda vez levar-lhe a cara.

Deixou de vir a bala, mas o govêrno português não consentiu que o imprudente concluísse o seu triênio, e antes de dois anos lhe deu um cordato substituto. Foi êste o Marquês das Minas, o respeitável Antônio Luís de Sousa Teles de Meneses, o qual chegando à Bahia em 1684 "tratou logo de aliviar os magnatas da terra, chamando-os do destêrro em que padeciam, amedrontados do seu antecessor pela morte dada por outros ao alcaide-mor Francisco Teles". Com efeito, a presença do marquês na cidade da Bahia conseguira aplacar os ânimos excitados pelos acontecimentos políticos anteriores e em grande parte oriundos da elevação de D. Pedro II ao trono de Portugal.

Bernardo Ravasco, o poeta, secretário do Estado, dedicou uma décima, em ação de graças, ao advento da paz, e Gregório de Matos, que nunca deixava a tropilha dos descontentes, arrumou-lhe a glosa — "À Chegada do Marquês das Minas". Dessa glosa se colhe um fato bem significativo, e é que Matos, embora desassisado na vida prática, impetuoso e injusto quando se tratava de apanhar qualquer ridículo, não chegou a perder os instintos de conservação. Na sua vida, e principalmente nos seus versos, encontro mais de um documento do qual ressalta que nem sempre êle se fêz hostil à adulação.

Os governadores eram, em suma, os representantes do rei, e nada prova que Gregório de Matos fôsse inimigo da realeza. Ao contrário disto, o poeta viveu na Bahia a apelar de contínuo nos seus requisitórios para o outro lado do Atlântico. É que êle, entre os desconchavos em que vivia, acreditava que só da fôrça real da monarquia podia vir benefício ao Brasil. Atacando, portanto, reinóis, governadores, com os mesmos confundidos, magistrados, bispos, padres, mulatos atrevidos e os próprios nobres caramurus, o satírico baiano não fazia mais do que inconscientemnte solicitar dos reis de Portugal uma providência, que só por incidente êles poderiam dar, isto é, a de dedicarem-se à colônia, inverterem os papéis e transformarem os servidores da coroa em servidores do Brasil. Fôssem lá pelos tempos adiante formular essa aspiração ao faustoso D. João V, o rei que mais gozou e luxou em Portugal e que olhava

para as terras dos Brasis como para a gruta de Ali-Babá, de onde lhe iam os sacos de ouro, as pedrarias, as riquezas, enfim, com as quais assombrava em Roma o papa, oferecendo-lhe festas diplomáticas excedentes de tudo quanto póde excogitar a fantasia oriental![11] Gregório de Matos, pois, não desconhecia a autoridade; mas não entendia os homens e nem sabia como as coisas se passavam. Ingênuo entre os ingênuos, logrado e sempre confundido, e no fundo pouco se dando de tal derrota, ao poeta talvez faltou o conselho amigo de uma alma vigorosa e de vasto remígio que lhe indicasse o que era no íntimo a colônia do Brasil; não houve ao pé de si um filósofo da estôfa dos Montaignes que lhe segredasse ao ouvido:

— Acomoda-te, Gregório, que as coisas da Bahia e os negócios do Brasil não vão tão ruins como supões; não continues a estragar a tua filosofia julgando com "sutileza tôda culpa de acontecimentos iníquos no tempo abstrato" à conta do *Braço de Prata*. Toma tento, meu velho, e ouve. Se é verdade que D. João IV nunca entendeu das coisas desta terra, e os sucessores não melhoraram a política colonial, não é menos exato que, apesar dos reinóis que só pensam em *fazer brasil*, dos maus governadores, que se arruinam, da devassidão dos franciscanos, dos sonhos e loucuras do Padre Vieira, dos alvarás errados e das economias mal alinhavadas, o Brasil vai sempre bem, e medra porque a santa madre terra assim o quer, os paulistas revolvem o sertão, as minas crescem, os engenhos produzem, as guerras pouco fazem e os governadores e capitães-mores nada têm com o incremento do país. E por último, meu satírico iconoclasta, governos sempre foram isto![12] Lembra-te de que o rei estêve quase vendendo Pernambuco aos holandeses e por conselho de um jesuíta. Lembra-te ainda de que êsse mesmo rei, frouxo e mal avisado, sem fôrças no Tejo e sem dinheiro, apertado por flamengos, mandou a João Fernandes e a Negreiros que cuidassem em restaurar a sua pátria e integrar suas famílias; mas, sem embargo disso, Pernambuco foi restaurado, os flamengos expulsos e o país purgado. A colônia aumentou de vida própria e tudo se foi fazendo ao natural, aos trancos e barrancos, seja dito de passagem, mas sempre para o melhor.

A glosa de Gregório de Matos, portanto, instintiva e sem intenções filosóficas, não perde por isso o seu alcance político. O que Ravasco e o satírico celebravam, por fim de contas? Celebravam o triunfo da boa gente da Bahia, dos que constituíam a vida nacional, os naturais, alcançado contra a frieza de D. Pedro II e a ganância dos governadores.

O Marquês das Minas trouxera consigo seu filho o Conde de Prado. O assunto se prestava. Os dois notáveis entregavam o corpo.

Os poetas, cheios de entusiasmo, os fuzilaram com as metáforas e os primores costumados.

> De flôres e pedras finas
> Floresce e enriquece o Estado:
> Floresce sim pelo Prado,
> E enriquece pelas Minas.
> As aves que peregrinas
> Aos montes se retiraram,
> Nesta manhã já cantaram
> Com tão doce melodia,
> Que a noite se tornou dia
> Porque as penas se acabaram. [13]
>
> Pelo Prado flor à flor
> Se vai a terra esmaltando,
> Com que o clima está mostrando
> Temperamento melhor.
> Do lumiar superior
> Por tais influências dignas,
> Sendo as pedras e boninas
> Da terra únicos primores,
> Pois se esmalta pelas flôres
> E enriquece pelas Minas. [14]

O gênio ditirâmbico da colônia ergueu-se por momentos. Era justo que, depois de tanto bacamarte, houvesse flôres e corressem lanças entre festas e folgares. De feito, parece que o marquês, compreendendo melhor do que o seu antecessor a índole jovial e folgazona dos baianos, permitiu-lhes corridas e largos divertimentos.

É pelo menos o que se depreende da leitura da obra de Gregório de Matos.

No meio dessas festas sua lira deixou de ser uma lira maldizente.

§ 3

A Bahia foi talvez durante a estada do Marquês das Minas um paraíso para *as aves que regressavam dos montes*. Tiveram os poetas seu dia de glória e o lirismo brasileiro que é uma enfermidade regional, como é, por exemplo, a febre amarela, o lirismo do autor do "Marinícolas" deu tréguas à detração e ao ódio reinol para celebrar cavalhadas, torneios, farsas mouriscas, reinados e tôdas aquelas coisas que nesse tempo eram saborosas e davam grande gôsto a colonos e mazombos. Excedeu-se então o poeta nos louvores com que engrinaldou o marquês e o conde, exaltando ao mesmo tempo a galhardia dos cavaleiros bem aparecidos, que disputaram primazias no terreiro da cidade, por ocasião da festa das virgens em 1685.

Nos versos que descrevem essas festas vive-se a vida da Bahia; e o satírico, entrelaçando o cômico com a seriedade, entre risos e flôres, fogaças e carneiradas, faz-nos conhecer os rapazes e os tafuis da terra, como se o dia fôra hoje. O Brandão ligeiro, o Marinho generoso, o Barreto alheio a susto, o Eusébio desvelado, o valoroso Moniz, o gracioso Bolatim, o famoso Araújo, todos os rapazes folgazões da brigada de Cupido nos aparecem ricos de brocados, nos brilhantes frisões ajaezados. Até o pobre sobrinho do padre Dâmaso se nos mostra nessa festa para folgar e também para trair o espírito zingareiro do poeta. É aquêle, segundo reza a respectiva décima, o "ousado patifão" que "ao cheiro acudiu dos patos" trabalhando...

> . . . a meio trote
> Qual servo de D. Quixote
> A quem chamam Sancho Pança,
> Na sela infame perneta,
> E com tramoia secreta,
> Eia sôbre o seu jumento
> Pelo arreio e nascimento
> À bastarda e à gineta.

Raros são os trechos de cronistas que conseguem transportar-nos aos tempos idos, com a mesma veemência e lucidez que se topam nas descritivas de Matos. Tudo depende de sabê-lo ler, e articular os seus informes poéticos com as datas, os sucessos e os homens que o cercavam. É evidente, pois, que o satírico, durante o período do govêrno do Marques das Minas encontrou companhia para os convescotes e largas andaduras para o seu gênio de boêmio. Tais prazeres, porém, não deviam durar muito tempo, porque ao marquês sucedeu um indiferente e quase incógnito Matias da Cunha, e a êste o grotesco governador Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coitinho, que, segundo rezam as crônicas, não foi homem de todo mal intencionado, mas que possuía um defeito insuportável a satíricos, irritante contundente do bom gôsto e da estesia.

Câmara Coitinho era feio, alambazado, exótico; o ridículo parece que andava-lhe nas alcatras. Tanto bastava para que o poeta se colocasse na tropilha da oposição.

Os seus versos, todavia, não lhe teriam granjeado grandes amargores, se o governador não tivesse outro defeito mais grave; um filho de nome João Gonçalves, comandante de uma companhia de infantes e rapaz de poucas graças. Êste rapaz, ao lado do pai, como era de prever, não sorriu à poesia. Interventor nas desavenças do Parnaso, conseguiu logo que o amado progenitor pusesse têrmo aos dislates métricos de quem se não pejava de numa festa pública chamar ao pai de velho Saturno e outras coisas muito feias. Os bons

filhos raro perdoam ofensas atiradas às qualidades estéticas, de quem os gerou. Ora, Gregório de Matos fizera ao governador a sátira mais estrepitosa, pelas cócegas ao riso, que até hoje se tem escrito em português. Há muita gente que não sabe a história de Câmara Coitinho; mas quem pode ignorar que na Bahia existiu "um nariz de tucano côr de pato"? Quem existe no Brasil que não tenha repetido muitas vêzes trechos do célebre "Retrato" do Antônio Luís em bemol e em bequadro?

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Pois bem, êsse nariz era sagrado. E, por tê-lo puxado, Gregório de Matos sofreu o que não conseguiram que êle sofresse os seus ataques à honra do *Braço de Prata*. Vedaram-lhe continuar a escrever sátiras na cidade; e lhe impuseram o exílio para os engenhos do Recôncavo. A vida nessas paragens, como já vimos, não era das coisas mais cruéis; nem talvez para o poeta significava uma pena fulminante. Em todo caso arrebatavam-lhe os últimos meios de subsistência; mas em compensação davam-lhe a patente legal de parasita. Matos a aceitou e começou então a sua peregrinação pelo Recôncavo, quase foragido, e relativamente feliz na sua miséria. Despedindo-se da Bahia, não a poupou, e atirou-lhe a sua frecha do Parto; e escrevendo ao Conde do Prado exprimiu-se com a acrimônia do pariá.

Daqui desta praia grande
Onde à cidade fugindo,
Conventual das areias,
Entre mariscos habito;

A vós, meu Conde do Prado,
A vós, meu príncipe invicto,
Ilustríssimo Mecenas,
De um poeta tão indigno.

Enfêrmo de vossa ausência,
Quero curar por escrito
Sentimentos, saudades,
Lágrimas, penas, suspiros.

Ausentei-me desta terra,
Porque êsse novo maldito
Me pôs em guerra com todos,
E aqui vivo em paz comigo.

Graças a Deus que não vejo
Neste meu doce retiro
Hipócritas embusteiros,
Velhacos intrometidos.

Não me entram nesta palhoça
Visitadores prolixos,
Políticos enfadonhos
Cerimoniosos, vadios.

Visita-me o lavrador,
Sincero, simples e liso,
Que entra co'a bôca fechada,
E sai com o queixo caído.

Dou na varanda um passeio
Ouço cantar passarinhos.
Docemente, ao que entendo,
Exceto a letra e tonilho,

Vou-me logo para a praia,
E vendo os alvos seixinhos,
De quem as ondas murmuram,
Por mui brancos e mui limpos,

Os tomo, em minha desgraça,
Por exemplo expresso e vivo,
Pois eu, por limpo e por branco,
Fui na Bahia mofino.

Queimada veja eu a terra
Onde o torpe idiotismo
Chama aos entendidos néscios
E aos néscios chama entendidos.

Queimada veja eu a terra,
Onde em casa e nos corrilhos
Os asnos me chamam asno.
Parece coisa de riso.

Eu sei de um clérigo zote,
Parente em grau conhecido,
Dêstes que não sabem *musa*,
Mau grego e pior latino,

Ambicioso, avarento,
Das próprias negras amigo,
Só por levar a gaudere
O que aos outros custa gimbo,

Que se acaso em mim lhe falam
Torcendo logo o focinho,
"Não me falem neste asno"
Responde em todo seu siso.

Também sei que um certo Beca,
No pretório presidindo,
Onde é salvage em cadeira,
Me pôs asno de banquinho.

. . . .

Era eu em Portugal
Sábio, discreto, entendido,
Poeta melhor que alguns,
Douto como os meus vizinhos.

E chegando a esta terra,
Logo não fui nada disto,
Porque um direito entre tortos
Parece que anda torcido.

. . . .

Esta é a vida que passo
No descanço em que vivo,
Me rio dos reis d'Espanha
Em seu célebre Retiro.

Se a quem vive em solidão
Chamou beato um gentio,
Espero em Deus que hei de ser
Por beato inda benquisto.

A última promessa do poeta não se cumpriu. Não tinha êle, como o seu mestre Horácio (o gentio de que fala), índole para viver *procul negotiis*. Era-lhe preciso o movimento. Como não lhe permitiam o ingresso no *forum*, resignou-se ao ruído das senzalas. Os amigos que havia nos engenhos abriram-lhe franca hospitalidade.

IX

O PARASITA. DE VIOLA EM PUNHO; PELOS ENGENHOS. OS AMIGOS DO POETA. GALERIA DE MULATAS; LIRISMO CRIOULO.

§ I

Os leitores já sabem o que eram ou deviam ter sido os engenhos do Recôncavo, ao tempo em que Gregório de Matos, espoliado da cidade pelo "nariz de embono" do governador, perlustrou-os de viola em punho para viver à ufa. Nem todos os senhores feudais da Bahia eram tratáveis, os reinóis seriam bruscos e não deram provàvelmente guarida ao poeta, que era capaz de comer-lhes os cuscuzes e pagar-lhes a hospedagem em décimas no gênero das do Aretino; mas havia aquilo que começava então a constituir a nobreza brasileira, os fazendeiros nascidos no país; e êstes, francos, dóceis no trato de quase perdulários, sabiam ser pródigos com os amigos, abrindo nos seus engenhos tôdas as portas ao prazer, ao bem-estar,

no sossêgo, à palestra e aos jogos carteados, que são a suprema delícia dos solitários do trabalho campestre. É fácil, portanto, compreender quanto não deviam ter sido por êle monopolizadas a graça e a veia repentista e anedótica do autor do "Marinícolas".

A maior parte dos engenhos eram situados à margem da grande angra, ou dos rios circunjacentes. Comunicações fáceis em canoas ou barcos veleiros, vida variada, travessias pitorescas, pescarias aos domingos, convescotes, uma vez por outra, caçadas de porcos e mocós, esperas de veados, visitas de engenho a engenho, boas pândegas pelas estradas : nada faltava na situação a que haviam reduzido o poeta baiano, para que êle, salvo a velhice e a relaxação erótico-senil a que se entregava, se reputasse um homem feliz. Inúmeras poesias da coleção traduzem com eloqüência essa quadra de sua vida original. Pelos versos dedicados aos seus amigos vemos em que sítio a musa passou e descuidosa celebrou mulatas e mecenas. São Francisco, Madre-Deus, Cajaíba, S. Gonçalo, Paripe e outros sítios foram-lhe assuntos e motivos para deliciosos descantes. Em S. Francisco, principalmente, o poeta achou o que mais precisava, um *fidus Achates,* verdadeira fôrma para seu pé, o músico Ferreira, que de contínuo o acompanhava ao som do violão.

Nos referidos versos, entretanto o que mais avultava, na provecta idade que Matos atingira, era a sua predileção pelos quitutes. Um almôço num engenho era com efeito para enlouquecer um rabelaiseano da gema. Ainda não se apagaram dos costumes baianos as tradições pantagruélicas; e quem já visitou senhores de engenho da Bahia ou de Pernambuco pode avaliar aproximadamente o furor culinário de uma época em que comer bem, além de clássico, nas regiões de que se trata, era um confôrto, um regalo, uma distração muitíssimo filosófica. A terra próvida em fornecer os materiais para êstes hinos ao estômago; a imaginação das negras africanas e os seus requintes de temperos; as disposições sadias dos contubernais, sempre prontos a exigir abundância, variedade e esquisitice nos pratos : tudo isto junto dava uma resultante que se estendia em almoços e ceias capazes de fazer recuar o mais valente sibarita. As colossais paneladas, irrigadas de aguardente; os sarapatéis de bode; os cuscuzes a leite de côco; as moquecas azeitadas; as peixadas suculentas; as canjicas; os fumegantes inhames e nambus; as tapiocas gostosas; as tumbanças; as pamonhas de milho; as cambicas de tôda a espécie; o bom leite; a apetitosa coalhada; os bolos de carimã : o nativismo culinário, enfim, levado a seu mais alto grau fazia esquecer as iguarias do outro lado do Atlântico e influindo

na lira maldizente, retemperando-lhe as cordas, chegava a torná-la insidiosa e lisonjeira. E por isso dizia o poeta :

> O peixe roda aqui, ferve o marisco,
> Come-se ao grave, bebe-se ao tudesco,
> Vêm barcos da cidade com refresco,
> Há já tanto biscoito como cisco.

Como podia o velho satírico, desencaiporado pelo nariz de Câmara Coutinho, ser insensível a tantos primores? A veia anacreôntica se lhe aguçou nestas conjunturas; e não era sem razão que êle, da ilha de Gonçalo Dias, aonde se achava, desgostoso por diferenças que tivera com certo personagem da Cajaíba, escrevia aos seus magníficos amigos aí residentes, chorando não estar em sua companhia entregue às delícias da petisqueira e dos amôres *por derelito.*

> Que vai por lá, senhores da Cajaíba?
> Vocês, se levam vida regalada
> Co'a arraia chata, a curimã ovada,
> Que lhes forma em dois lados quatro gibas:
>
> Eu nesta ilha, inveja das Maldivas,
> Estou passando a vida descansada.
> Como o bom peixe, a fruita sazonada
> À vista de um amor sangue de sibas.

Nesta ilha e em outras amenas estâncias, aonde o refestelou a musa chocarreira e trapalhona, continuou Gregório de Matos a escrever versos, os quais seguramente não foram os menos apreciáveis da sua lira desbragada, menos venenosos, porque não o aperreavam no momento, mas eróticos e sensuais em razão da idade, da influência do campo e da condescendência dos amigos.

§ 2

É pena que o poeta não nos dissesse se os seus amigos da cidade, os poetas como êle, o iam visitar, nem o que então faziam, de súcia literária; quais as idéias que aventavam, e se trocavam versos, rimas, sonetos *inter pocula,* como em outras eras haviam feito, mesmo fora de Arcádias, poetas distintíssimos. Apenas encontro, entre os inéditos, um sonêto hostil aos visitantes importunos, no qual o autor do "Marinícolas" se mostra muito enfastiado, no seu retiro de S. Francisco, de pessoas que lhe solicitavam glosas,

> Anda a poesia a todo trote,
> E de mim corre já como um lambique
> Não sendo um destilador bricho.

Com efeito, parece que tanto lhe haviam puxado pela veia picaresca, que êle desatinava com pedidos insensatos, próprios apenas para malquistá-lo ainda mais com os poderosos. Por êstes tempos só lhe mereciam versos os bons amigos dos engenhos, o moleque Moçorongo, que o alcovitava, e o cavalo Faísca, em que se transportava de uns pontos para outros. Uma lacuna cruel é, portanto, para os que hoje apreciam o incomparável satírico, a que os descuidos dos homens deixou na história quanto às suas relações de ordem literária.

Pela sua obra sabe-se a quem êle agrediu na qualidade de pretensiosos licenciados do Parnaso. Mas de que modo viviam na Bahia, pelo menos de 1681 em diante, época em que o Padre Vieira recolheu-se à cidade do Salvador, Bernardo Ravasco, Eusébio de Matos, o jovem Rocha Pita e outros cultores das musas e da prosa? Quanto a Antônio Vieira sabe-se que, tendo ali chegado, velho, desiludido e quase cego, recolhera-se à quinta do *Tanque,* sítio aprazível que os padres possuíam nas imediações da cidade da Bahia, e neste santo retiro se encostara para completar a sua obra literária, revendo os seus sermões e reduzindo a livros os paradoxos a que o furor político o tinha arrastado.

É possível que no *Tanque* se reunissem os mais conspícuos da sábia colônia para ouvir a palavra ardente do jesuíta, que aliás, nem por viver nessa escolhida soledade, deixou de ser incomodado pelas intrigas de Teles Meneses e, ainda, nomeado provincial do Brasil.

Que Matos respeitava o conselheiro de Dom João IV e êste admirava o poeta do "Marinícolas", não resta a menor dúvida. Mas não podemos saber o que na cidade do Salvador fizeram juntos; como se influenciaram mùtuamente nos limites dessa amizade respeitosa. Sôbre tão preciosa amizade não há documento algum. No que toca ao irmão Eusébio de Matos, presumo que, nos últimos anos, não fôssem cordialíssimas as relações. Deixando a Companhia de Jesus e metendo-se a carmelita, o ilustre poeta sacro e pregador exagerara o seu misticismo; nestas condições, pois, e quando se ocupava em regrar com suas prédicas as freiras do mosteiro de Santa Clara, assistindo-lhes às festas e exortando-as à perseverança na virtude, não é admissível que recebesse com boa cara as invetivas com as quais o irmão desordenadamente mimoseava as inocentes virgens do Senhor.

Gregório de Matos não poupou nem mesmo a santificação conventual das donzelas baianas, que, no fervor da crença do tempo, se haviam sacrificado à oração. Desesperado um dia de ver o alarde do padre Dâmaso, pensou vingar-se, sujando com a própria sátira o cibório da Virgem Imaculada. Havia uma freira, de proverbial fealdade, e a quem provàvelmente o padre Dâmaso distinguia nos oiteiros. Pois bem, Gregório de Matos não trepidou em converter essa

simpatia clerical em um horroroso crime, em um nefando sacrilégio, tanto mais difícil de praticar-se quanto na Bahia todos se espiavam; e, na inconsciência do seu gênio detrator, uma boa tarde, fêz circular entre os folgazões palestradores de calçadas um sonêto, em que afirmava que a freira, por motivo de acharem-na todos muito feia, se gabara de ter emprenhado e parido do "cônego avestruz". Será crível que Eusébio depois disto não se afastasse do irmão?

Rocha Pita também fazia parte da nobreza literária daquele tempo. Mas Rocha Pita, muito môço então, estava a grande distância do futuro autor da *História da América Portuguêsa* e ainda não se tinha transformado no *Vago* da *Academia Brasílica* * *dos Esquecidos;* era apenas um poeta, que pedia a Gregório de Matos uma rima para *mim* e recebia do satírico um *molho de capim.* O autor de "Marinícolas", pois, não o aplaudiu; sabe-se que por causa do *capim* o historiador *in herbis* votou-lhe um ódio literário que para sempre os separou. Nada, entretanto, perdeu Gregório de Matos com essa caricata desinteligência; porquanto Rocha Pita não passava de um árcade atoleimado, incapaz de absorver o que havia de bom em seu país, e que se dedicaria a escrever uma *História* cheia de inexatidões para adular o acanhado espírito da época e colocar-se muito abaixo do modesto Frei Vicente do Salvador.

Fôsse, porém, como fôsse, mais do que Ravasco, mais do que Rocha Pita, a Gregório de Matos entusiasmavam os companheirões do Recôncavo, que lhe nutriam os vícios senis e de poeta relaxado.

O Bento Pereira, que, como êle, fôra arranjado e agora andava aos paus, não o deixava, e muitas coisas lhe indicou. Que prazer não lhe infundia o Henrique da Cunha, ostentoso e por todos disputado, quando do sítio de Itapema vinha à Cajaíba visitar os bons amigos? Logo todo S. Francisco sabia a boa nova e a pimpona da Apolônia se enfeitava. Nenhum, entretanto, excedia em favores ao Inácio de Parnamerim, o senhor, ao que parece, do moleque Moçorongo. Era êste Inácio que lhe trazia a lira encordoada, dando-lhe notícias não só das antigas conhecidas, como das que iam aparecendo. Todavia o poeta não lhe perdoou que levasse dois anos a iludi-lo com a entrega de uma viúva, que era a "glória de Itapema".

§ 3

Graças a tão amorável remanso pôde o velho sátiro completar a sua galeria de mulatas, dando os últimos toques ao lirismo crioulo que constituía a maior orginalidade do seu estro.

---

* No original estava *Brasilcira.*

Lirismo não é pròpriamente o nome que deve ter essa inspiração de um *caipora*. Se no fundo dêle há a luxúria de Ovídio, na correspondência não existe o susto da mimosa Cloé, nem a mansuetude persuasiva do poeta sedutor.

Gregório de Matos descascava a própria madeira nacional e dela fazia a viola que um século depois havia de ser tangida por Lereno; as suas Clóris e Cíntias eram muito atrevidas, nada inocentes, quase tôdas refinadas em requebros e senhoras dos segredos de Canídia. As doçuras, portanto, dessa nova lira deviam ser iguais ao sumo de certas frutas tropicais, que afagam o paladar, mas cortam a língua e arrasam os epitélios.

Nessa original galeria não se encontram outros retratos que não tenham a predileta côr de canela. Gregório de Matos só uma vez pintou uma preta retinta, talvez porque o requestara; mas êsse retrato é tão violento e recende por tal modo a clássica catinga de africana, que parece destinado a fazer *pendant* ao célebre "Retrato do Braço de Prata", aliás escrito no mesmo tom, em iguais figuras, quase com os mesmos tropos. Os das pardas são o tesouro da sua benquerença, e o seu *estimaverunt*.

Brites foi-lhe a mais querida, apesar de tê-lo desprezado e admitido espôso.

> O amor correspondido
> Não é o mais perfeito amar,
> Que não se hão de equivocar.
> Amante e agradecido,
> Sempre contingência há sido
> O rigor ou a clemência,
> E se de correspondência
> Nascera sempre a vontade,
> Não fôra amor divindade,
> Porque o fôra a contingência.
>
> O amante que procura
> Ser em seu amor ditoso,
> Tem ambição ao formoso,
> Não amor à formosura
> Quem idolatra a luz pura
> Da beleza rigorosa,
> Com fineza rigorosa,
> Ame sempre desprezado,
> Porque o ser eu desgraçado
> Não vos tira o ser formosa.

Todos êstes desprezos cifravam-se em fugir o corpo ao poeta porque andava alcançado em anos.

Betica, como êle a chamava, dizia ao velho, na roça, que fugisse às môças porque o era; mas o sátiro, sempre jovial e petulante, não deixava o remoque sem protesto.

> A bofé não fugirei,
> Enquanto Brites fôr môça.

E quando as alusões atingiam a sua virilidade, o autor do "Marinícolas" remoçava, ameaçando-a com batalhas incessantes, e erigia-se como primitivo fauno de Lisboa.

> Nisso mais vos enganais
> Que eu penteio desenganos,
> Não pelo pêso dos anos,
> Pelo pesar que me dás.

A ingrata casou-se todavia. O poeta então exultando, blasfemou.

> Vós casada, e eu vingado...
>
> ....
>
> Chorar vosso casamento
> É sentir a minha dor;
> E agora me obriga o amor
> A sentir vosso tormento.
> ....
> Levai prudente e sagaz
> Êsse cargo, essa pensão,
> Porque o êrro de eleição
> Consigo outros erros traz:
> Se é de remédio incapaz
> O êrro do casamento,
> Dissimule o sofrimento
> Êsse êrro, porque maior
> Não façam o êrro de amor
> Erros de arrependimento.

Que, porém, devia esperar Gregório de Matos de Betica, senão êstes e outros desenganos? Já então o poeta se esquecera de que lhe negara, havia tempos, cem mil-reis, acrescendo que lhe dirigira versos bem acerbos. Êle não era nenhum "comissário de frotas, que fizesse roupa de franceses dos brocados de Lisboa". Como, pois, lhe avezaria maquia tão graúda, se não batia moeda, êle um idiota "que para um tostão ganhar estudava tôda a noite?

> Cem mil-réis me vens pedir?
> A mim cem mil-réis, menina?
> Se eu algum dia os vi juntos,
> Deus mos dê e tu mos comas.
>
> ....
>
> Para que sendo tão rica
> Pedes como pobretona,
> Se êsses teus dentes de prata
> Estorvam dar-se-te esmola?
>
> Que mais cabedal desejas,
> Se és tão rica de pérolas,
> Que com vários chistes pedes,
> Todo um dia a mesma coisa?

Tu pedindo e eu negando,
Que coisa mais preciosa,
Que val mais do que desejas,
E a ti nada te consola.

Cem mil-réis de uma só vez!!
Pois, pobreta, à outra porta:
Deus te favoreça, irmã
Não há trocado, perdoa.

Muito injuriado ficou o poeta com o vandalismo da Betica. Declarou guerra ao casamento e tantas foram as pragas que rogou às casadas, que, por êsse fato, não deixavam suas casas para irem folgar na roça, ao som das gaitas, com os gaiatos das ruas, que por um triz não se levantou o belo sexo da Bahia contra os seus desmandos.

— Casem tôdas, dizia êle, case esta e case aquela "e tão casada fique, que nem para fazer caca o marido a deixe, nem se lhe tire da ilharga".

E não era isto só! Nunca fúria tamanha se viu em um senil poeta despeitado!

Case e depois de casar-se
Tanto gema e tanto paira.
Que caia em meio das dores
Na razão das minhas pragas.

Case e tanto se arrependa,
Como faz tôda a que casa,
Que nem para descasar-se
A vida da igreja saiba.

De Betica marinhou o poeta para os dengues da Joana Gafeira. Depois do silfo, a jararaca. Esta, ao que se pensa, deu-lhe um ensino formidável, com o focinho torcido, o pescoço empinado e o beicinho esguelhado.

Era Joana Gafeira, na opinião de Gregório de Matos, uma mulata de "modos tão estrangeiros, alheios e peregrinos" que jamais conseguira fazer no seu peito "retroceder as tentações, nem arribar os desígnios". Quando a rapariga lhe andava fazendo negaças com "um favorzinho de riso", o poeta vingava-se preferindo-lhe a Úrsula, a Beleta e a notável pimpona da Apolônia, que dava o tom a São Francisco; e por isso não pôs dúvida em ferrar-lhe uma sátira feroz. A Joana arrepelou-se; mas tais arrufos não duraram, porque o satírico, em tratando-se dessa gente, desfazia-se logo em doçura de alfenins.

E só feliz eu serei
Só logro em vossos carinhos.
E me impinges nesta cara
De vossa bôca um beijinho,
Tendo-me em vossa graça
E a queixa se torna em riso,
A malquerença em amor,
O desfavor em carinho.

A Antônia de Parnamerim foi também outro motivo de desgôsto para o autor de "Reprovações". Os encantos dessa parda, a quem vulgarmente davam o nome de *Catona*, eram tais que o poeta não se pejou de declarar que nada sabia de amor aquêle que não a preferia aos outros astros; e parodiando o *alba ligustra cadunt, nigra lilia leguntur* do mavioso mantuano, afrontava os céus para adorar um "pardo planêta".

Pisa airosa e compassado,
Sabe-se airosa mover,
Calça que é folgar de ver,
E mais anda a pé folgado;
Conversa bem sem cuidado,
Ri sisuda na ocasião,
Escuta com atenção,
Responde com seu desdém,
E ainda assim responde bem,
É benquista a sem-razão.
É parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bela,
Poderá trocar com ela
A côr pelo entendimento.
É um prodígio, um portento;
E se vos espanta ver,
Que adrede me ando a perder,
Dá-me por desculpa amor.
Que é fêmea trajada em flor,
E sol mentido em mulher.

A nada disto, porém, moveu-se a orgulhosa; e segundo refere o próprio cantor dêsses primores, o lírio, convertendo-se em cardo, fê-lo amargar um "ódio mortal e atroz" que, não obstante, nunca conseguiu desanimá-lo. Todo o Parnamerim seguramente riu-se dessa doida paixão de velho sem juízo, quando êste, regressando a S. Francisco, se esforçava por consolar-se com a esperança própria de jovens namorados.

Mil vêzes o tempo faz
O que à razão não conveio,
Meterei, pois, tempo em meio,
Porque êle nos mêta em paz.
Vós estais muito tenaz
Em dar-me um e outro *não*,
E eu levado da afeição,
Espero tempo melhor.
Onde o que não obra amor,
Vença o tempo, obre a razão.

Tão rigorosa como as precedentes não foi a gentil Anica, que o andou enfeitiçando nos gerais da Cajaíba. Queixava-se o poeta de que essa mulher faísca o embriagava com segredos e mandingas.

Não sei que pós foram êstes
Que na alma me derramastes ?
Não sei com que me matastes ?
Não sei o que me fizestes ?
Sei que aqui me aparecestes,

E vendo-vos com antolhos
Topei com tantos abrolhos
Na vossa dura conquista,
Que me tirastes a vista
E me quebrastes os olhos.

Não obstante, porém, as condescendências dessa guapa, não a poupou o satírico aos seus remoques, regateando-lhe uns sapatos. Um cruzado pediam pelos sete pontos da obra; mas tal era a quebradeira em que se achava o cantor, que supôs-lhe pagar tudo com a candura da musa e umas quadrinhas eróticas, muito dignas do antigo estudante do Mondego.

Um cruzado pede o homem,
Anica, pelos sapatos,
Mas eu ponho isso à viola
Na postura do cruzado.

Diz que são de sete pontos,
Mas como eu tanjo rasgado,
Nem nesses pontos me meto
Nem me tiro dêsses tratos :

Inda assim eu não soubera
O como tens trastejado
Na banza dos meus sentidos,
Pondo-me a viola em cacos :

O cruzado pagaria,
Já que fui tão desgraçado,
Que bolí co'a escaravelha,
E toquei sôbre o buraco.

Porém como já conheço
Que o teu instrumento é baixo,
E são tão falsas as cordas,
Que quebram a cada passo :

Não te rasgo, nem ponteio,
Não te ato, nem desato,
Que pelo tom que me tanges,
Pelo mesmo tom te danço.

Busca outros temperilhos,
Que eu já estou destemperado,
Estou na quinta do Pegas
Minhas coisas cachimbando.

Se tens o cruzado, Anica,
Manda tirar os sapatos,
E senão lembre-te o tempo,
Que andaste de pé rapado.

E andavas mais bem segura
Que isto de pisar em saltos
É susto para quem pisa,
E a quem paga é sobressalto.

Quem te curte o cordovão
Por que não te dá sapatos?
Mas eu que te rôo o osso
É que hei de pagar o pato?

Que diria quem te visse
No meu dinheiro pisando?
Diria que quem to deu
Ou era bêsta ou cavalo.

Pois porque não digam isso,
Leve-me a mim S. Fernando,
Se os der, e se tu os calçares,
Leve-te, Anica, o diabo.

. . . .

Fica-te na paz de Deus;
Saudades, até quando?
Vem-te despedir de mim,
Porque de hoje a oito parto.

Os bons amigos da Cajaíba honraram com certeza a firma do bardo da praia de S. Francisco. Não há outra coisa que supor. O lirismo de Matos assim gradualmente se assevandijava, porquanto, se Brites e a Catona representavam na sua viola bandoleira a formosura, o dengue, o amor arisco e furtivo, não acontecia o mesmo com muitas outras, cujas tafularias já o aproximavam dos bordéis da roça, ainda mais relaxados e vis do que os prostíbulos da cidade. Nestes casos se achavam: a Luísa Parnamerim, de quem o poeta apenas exigia afagos "ao ver e ao apalpar"; a Beleta de Francisco, boliçosa e desbragada; e a Jelu, faquista e desbocada; a Antônia Maritonda, moradora da Rua da Poeira, de cujas propriedades cáusticas nem a sátira pôde preservá-lo. Finalmente o poeta até buscou os braços da Damásia, mulatinha escrava, faceira e mentirosa, que não se embaraçava em andar pelos batuques com os vestidos da senhora.

X

O DEPORTADO. EM ANGOLA; ÚLTIMO PLEITO DO POETA. EM PERNAMBUCO; PARA A ETERNIDADE.

§ 1

Nesta situação, originalmente lírica, mas em excesso deplorável, encontrava-se Gregório de Matos, quando chegou à Bahia D. João de Lencastre nomeado governador em substituição ao cunhado Câmara Coitinho. Era êsse português dotado de maneiras lhanas e muito afável, e além disto grande amigo e conhecedor dos merecimentos do poeta, tanto assim que, quando passara do govêrno de Angola, fazendo escala pela Bahia, hospedado em casa do cunhado, mostrara-se imensamente desgostoso por não tê-lo Gregório de Matos visitado. Por esta ocasião exigiu que o autor do "Marinícolas" lhe dirigisse ao menos uma sátira: e êste, se bem que receoso do *Nariz de embono,* dedicou-lhe então só uns formosíssimos versos congratulatórios, mas também, na festividade das virgens, celebrou a grandeza de quem se sabia descendente de D. Duardo, o paladino de Inglaterra. Fôsse por essa amizade ou pelo que afirmam os biógrafos relativamente à influência de um sobrinho de Câmara Coitinho, D. João de Lencastre, apenas entrou no conhecimento da vida desregrada que o amigo levava em S. Francisco e nos engenhos do Recôncavo, procurou por todos os meios arredá-lo dos vícios, moralizando-o. Louca tentativa, porém, era esta de querer dar juízo a um velho crapuloso. Como é fácil imaginar, Gregório de Matos se irritaria com a pretensão de tutelarem-no. Daí é possível que procedesse a resolução tomada pelo governador de remetê-lo para Angola.

Refere o licenciado Rebelo que Gregório de Matos fôra apanhado à traição e que o seu maior amigo, Ravasco, justamente servira de instrumento ao governador para atraí-lo à cidade e embarcá-lo na primeira monção. Todos sabem como êle desobrigou-se na despedida do que devia à *senhora dona Bahia.*

Nada encontro nas poesias de Gregório de Matos que denuncie os seus despeitos em Angola. O poeta quando para lá foi deportado já era um septuagenário; seu espírito, portanto, rodava sôbre os mesmos eixos. Dizem, entretanto, os biógrafos que êle ainda pôde advogar com êxito e ganhar ali com que subsistir.

Parece que em Loanda não houve tempo para que o autor do "Marinícolas" entrasse em luta com "a canalha infernal" da localidade. Apenas enquanto demorou-se no degrêdo, teve êle ocasião

de agitar o gênio cômico e atilado numa revolta de soldados. É bastante curioso o fato para que não o exclua desta resenha de acontecimentos referentes ao poeta.

Governava aquelas partes da África portuguêsa Pedro Jacques de Magalhães, a quem D. João de Lencastre fizera as maiores e mais carinhosas recomendações no intuito de evitar ao desterrado sofrimentos e vexames. Gregório de Matos excercia pacìficamente os seus misteres profissionais, quando um dia viu entrar por sua casa uma chusma de soldados pertencentes à guarnição da praça, a qual, amotinada e posta em armas fora do povoado, queria forçar o governador, seu general, a uns tantos caprichos de classe. Os arautos da revolta, pois, topando o advogado desprevenido, declararam que o vinham buscar para que êle os aconselhasse e formulasse as capitulações que deviam apresentar ao seu superior. A posição era difícil, principalmente tratando-se de um desterrado já tão batido da sorte e a merecer socorro das autoridades da terra. Fôssem, porém, quais fôssem as razões então oferecidas, os soldados levaram-no até o acampamento, e aí, pondo-o entre a cruz e a caldeirinha, intimaram-no a que redigisse os artigos e proclamasse os direitos dos desordeiros. Valeram-lhe nesse transe as retentivas de letrado, o sangue frio e a velhice; e a lembrança talvez de algum recurso histórico, de que a sua memória andava bem provida, forneceu-lhe o meio de subtrair-se ao perigo adiando o seu trabalho.

— Meus amigos, disse-lhes o satírico, é indispensável que me reconduzam ao domicílio, pois que sem que eu traga para aqui certa coisa de que me esqueci, nada poderei fazer à medida dos vossos desejos.

Os amotinados caíram na cilada e pensando que o poeta se referia a algum livro de direito, arriscaram-se a penetrar outra vez na praça. Os rústicos e os populares são muito crentes em cartapácios e livros velhos; daí a simplicidade dos revoltosos, os quais tinham a causa por perdida, se o advogado não citasse a ordenação ou o regimento aplicável às suas desenvolturas. Gregório de Matos, porém, chegando à casa, pôs-se a revolver os badulaques, e por último apresentou-se aos seus clientes armado da viola com que de ordinário se acompanhava em suas chulas.[15] Com semelhante *provará* era que êle pretendia suplantar a lógica do general. Os amotinados, naturalmente desapercebidos do que se passava, e espantados com o epigrama, cujo sentido desconheciam, deram tempo a que o governador operasse contra o movimento e os reduzisse à submissão.

Esta proeza do satírico baiano valeu-lhe as boas graças de Pedro Jacques de Magalhães o qual não só o aproveitou como vogal no

julgamento dos cabeças da revolta, depois arcabuzados, mas também dando cumprimento às recomendações de D. João Lencastre, permitiu que êle embarcasse para Pernambuco.

§ 2

Transportado para a capitania, Gregório de Matos procurou, embora tarde, reconciliar-se com o sossêgo. E já era tempo de o fazer. Com efeito, aí foi bem recebido pelo capitão-mor Caetano de Melo e Castro, que tratou de dar-lhe bom agasalho. Diz-se que o procedimento dêste oficial se pautara pelo que tivera o governador D. João de Lencastre, quando embarcou o poeta para Angola. Melo e Castro mostrou-se muito sentido pelas desventuras de Matos, que se lhe apresentava então desarvorado e apenas adornado dos farrapos da miséria e do seu estro poético; presenteou-o com uma bôlsa recheada de dinheiro e aconselhou-o com palavras calculadamente ásperas a que não exercitasse mais sátira e vivesse sossegado como exigiam a sua idade e a sua posição. Não sei se Gregório de Matos, com a mão sôbre a consciência, pronunciou o clássico — *promitto tibi, pater.* As anedotas do tempo dão a perceber que muito lhe custou manter o silêncio diante dos *açucareiros* de Pernambuco.

Vida gostosa levou êle, entretanto, passando, como já o fizera no Recôncavo, de engenho a engenho, onde o disputavam aquêles roceiros enfastiados, pelo muito que colhiam da sua convivência e inesgotáveis repentes de poeta.

O licenciado Rebelo atribui essa procura ao mêdo que os fazendeiros tinham das sátiras do autor das "Reprovações"; e acrescenta que êsses homens o agradavam e adoravam do mesmo modo que alguns idólatras da antiguidade faziam sacrifícios ao gorgulho, para que não lhes destruísse as sementeiras. Ou por ser igual ao gorgulho, ou promover a alegria dos hospedeiros, o que é certo é que Gregório de Matos pôde em Pernambuco atravessar os dias restantes de sua vida e falecer em 1696 sem maiores contratempos da fortuna.

Pequena devera ter sido a sua produção durante êsse período, não só em conseqüência dos avisos salutares que o capitão-mor lhe dera, como se tratasse de uma criança travêssa e mal educada, mas também porque o tempo não lhe sobraria para repousar a musa e acender o plectro da sátira. Todavia os povoados de Sergipe e do Recife não escaparam a uma lavagem métrica das do costume. Os quadros que o poeta fêz das duas aglomerações de casas, como topografia cômica, são peças originais e dignas de se ler.

Caricaturas de gente, tenho eu visto muitas; mas de povoações inteiras, num sonêto, só conheço essas de Gregório de Matos.

Não podendo o poeta agredir os habitantes, mofava das ruas, ridicularizava as casas, chasqueava das pontes e dos rios. Ainda talvez por isto Matos atirou-se a criticar a procissão de cinzas, que costumava sair em Pernambuco com o caráter de verdadeira mascarada indígena.

Um negro magro, em *suflié* mais justo
Dois azorragues de um joá pendentes,
Barbado o Peres; mais dois penitentes;
Seis crianças com asas sem mais custo :

De vermelho o mulato mais robusto,
Três meninos fradinhos inocentes;
Dez ou doze brixotes mui agentes;
Vinte ou trinta canelos de ombro onusto.

Sem débita reverência, seis andores;
Um pendão de algodão tinto em tijuco;
Em fileira dez pares de menores :

Atrás um negro, um cego, um mameluco;
Três lotes de rapazes gritadores :
É a procissão de cinza em Pernambuco. [10]

Querem alguns que Gregório de Matos tenha falecido nos braços do bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima, contrito e reconciliado com a religião. Outros levam o satírico até mesmo além da tumba, atribuindo-lhe uma quadra epigramática, dirigida ao Cristo, por ocasião de lhe apresentarem, no arranco supremo, a imagem lacrimosa do cruficado.

Tudo isto, porém, carece de autenticidade. Gregório de Matos não era um ateu que necessitasse de reconciliar-se com Deus, pois que as suas desavenças tinham atingido sòmente os sacerdotes seus adversários; nem tão pouco, no espasmo da morte, sucumbido, teria espírito para zombar de uma imagem que o aterrava, salvo caso de delírio. Fôsse como fôsse, em 1696 apagou-se o estro do primeiro poeta satírico das Américas.

Em 1713 Tomás Pinto Brandão escreveu uma sátira em que o figurava ressuscitado em Pernambuco.

Parece que o espírito do poeta amorteceu, no conjunto da alma brasileira. Entretanto pode-se afirmar que até então nenhum brasileiro obtivera da natureza dotes literários tão exagerados. Depois disso a flor das nossas glórias emurcheceu.

O Brasil literário no século seguinte reanimou-se já muito tarde com o aparecimento de Santa Rita Durão e de Basílio da Gama. O *Caramuru* e o *Uraguai* deviam marcar nova época às aspirações da musa nacional.

XI

"IN EXCELSIS". FILOSOFIA E PESSIMISMO. O CAPADOCISMO. PROFECIAS DO POETA.

§ 1

Varnhagen, bem como outros críticos que se têm ocupado com o satírico baiano, atribuem-lhe falta de elevação, e sem negar-lhe *vis comica*, consideram-no insulso em grande parte de seus versos, quando não fescenino e imoral. Quanto à última argüição, que se poderia dizer de Gregório de Matos que já se não tivesse dito de Catulo e Marcial? No que toca à primeira, porém, sendo mais graves os reparos, convém saber se a natureza dos assuntos, o gênero da composição e o próprio século, se não o meio, no qual nutriu-se e viveu o poeta, permitiam aquela inculcada elevação.

Não há grandes caracteres sem o apoio de uma grande síntese ou doutrina, insuflada pelo ambiente, ou criada, desenvolvida, pelo mesmo indivíduo que a preconiza. Ora, Gregório de Matos, pertencia à raça dos dispersivos. Como a todo o satírico, a síntese, a ordem, o amor social, as construções solenes lhe eram antipáticas. De que maneira, pois, podia êle arrebatar-se a si mesmo e colocar-se no fuste do pensamento humano para pregar e elevar os outros? Por temperamento, a sua missão era ùnicamente destruir. E sob tal égide êle trabalhou sempre no Parnaso, apurando o próprio estro, que, segundo afirma, tinha sido criado para "mortal veneno" da Bahia. A isto acresce a influição do século; e o XVII, principalmente na sua última metade, foi um século de pequenos entusiasmos. Se é exato que Descartes no seu comêço houvera revelado o *Método*, indicando uma grande revolução no mundo das idéias, não menos verdadeiro é que a idade imediata viu não só as nações acercarem-se da *Razão d'Estado*, mas também a Igreja, então acomodada, colocar junto aos reis, dos que se reputavam fidelíssimos, a sagacidade dos confessores jesuítas. Esta pacificação dos espíritos e ao mesmo tempo êste abatimento de fôrças coletivas, eram a resultante das lutas que durante os séculos anteriores haviam sublevado a mentalidade no Ocidente.

Os reis entravam numa espécie de tranqüilidade de conquista terminada, e os padres, mais do que a própria Santa Sé, enfim, os jesuítas a êles associados pelo confessionário e pela diplomacia, punham e dispunham do mundo, sem maiores objeções.

"Os costumes", segundo dizia o grande Condorcet, "tinham-se abrandado pelo definhamento dos preconceitos que lhes mantinham a ferocidade. A influência do gênio comercial e industrial, inimigo das violências e das perturbações que afugentam a riqueza, devido ao horror que inspirava ainda o quadro recente da barbaria da época anterior, fazia-se sentir em uma propagação mais generalizada das idéias filosóficas concernentes à igualdade e à humanidade, infiltrando-se nos povos pelo efeito lento, mas seguro, do progresso geral das luzes". [17]

Todavia, como pondera o mesmo autor, isto não impediu que a intolerância religiosa subsistisse na época a que me refiro. Um fato, porém, se observa, e era que essa intolerância coexistia – "como uma invenção da prudência humana, uma homenagem aos preconceitos do povo, ou uma precaução contra seus exageros". Estabeleceu-se, então, uma média tirada entre os pontos extremos do progresso que atingira o pensamento e boçalidade do vulgo. Pode-se, portanto, dizer que no século XVII houve trégua entre a ciência e o obscurantismo.

A crença era uma coisa que a ninguém assustava, nem feria os ousados, porque êstes mesmos quase não existiam. Daí surgiu aquilo a que se deu nos países latinos o nome de *cultismo*. Nas letras êsse fenômeno era um reflexo do estado filosófico: retórica, tranqüilidade, aplicação sem iniciativa. Os países onde por mais acentuada debilidade êsse fenômeno se tornou característico, foram a Espanha e Portugal, porquanto se lançarmos os olhos para a França, verificaremos que, apesar da trégua filosófica, nessa época, graças ao gênio e ao enorme impulso recebido anteriormente a Luís XIV homens houve como Racine, Molière, Lafontaine, que conseguiram transparecer com sua individualidade através dos moldes que lhes impunha a retórica universalmente aceita. Em Portugal, entretanto, as academias chegaram a deprimir o espírito a ponto de se discutirem questões da ordem desta: *Se os favores de Nise eram concedidos de graça ou de justiça ao amor de Fábio.* [18] Não chegavam a estas paragens os fogos do incomensurável Molière; nem ao menos as aquecia a inspiração de Calderón. Marini e Gôngora, com os trocadilhos e conceitos, faziam tôdas as despesas de tal cozinha literária.

Neste meio espiritual fôra que Gregório de Matos se formara, e já vimos o que êle, em Portugal, com tal ajuda conseguira produzir. A sua vinda para o Brasil, porém, atenuou-lhe essa influência. Liberto do jugo acadêmico, e não o havendo ainda na Bahia, era

fatal que o seu gênio assumisse inteiramente a sua natural tendência. Era êle talvez o único espírito culto que se exprimiu em português, no século XVII, sob a sugestão dos costumes e da musa popular. O autor do "Marinícolas", pois, deu o mais que o homem nas suas condições poderia dar. Nisto reside todo seu merecimento. Alegre por índole, egoísta sem sistema, agitando-se numa sociedade relaxada, cheio de talento e não menos *verve,* que devia fazer senão alar-se até ao máximo da irritação satírica que o deleitava? Para ser feliz possuía o estro, a liberdade lhe sobrava para maldizer. Não muito preocupado com a *Razão de Estado;* e sem amor às especulações de ordem filosófica, para não tropeçar na pedra de escândalo de melancolia moral, achava perfeitamente boas as quatro regras da *Summa* temperada pelos exegetas e pelos juristas do século anterior. Quanto ao céu um Cristo atenuado pelo Tridentino. Para que mais? e para que aprofundar?

Vivesse Deus nos arcanos e houvesse paz aos homens de boa vontade. O mundo, portanto, e a vida se lhe apresentavam pelo prisma mais alegre e prazenteiro. De onde, pois, lhe vinha o pessimismo, se na alma não lhe pairava uma só névoa?

O pessimismo de Matos, além de ser objetivo, era local. Detestava Portugal; a Bahia não prestava. Nesta era que se concentrava o *punctum saliens* de sua quizília. Esplêndido é o contraste que o seu egoísmo proporciona quando a musa e o espírito se lhe aguçam em redarguir um dia "a doutrina ou máxima do bem viver". Néscio se denominava êle nesses versos, porque só muito tarde cuidou que o era. "O tempo, a idade, a era" abriram-lhe por fim os olhos, e a experiência venceu a metafísica.

O tempo mostrara-lhe que, por não conformar-se com êle, nem com o lugar, o fizera de "todo arruinado". "Na política de estado, dizia êle, nunca houve princípios certos", e tudo quanto neste particular afirmavam os avisados não passava de "acertos contingentes".

Muitos por vias erradas
Têm acertos mui perfeitos,
Muitos por meios direitos
Não dão sem êrro as passadas,
Coisas tão disparatadas
Obra-as a sorte importuna,
Que de indignos é coluna.
E se me há de ser preciso
Lograr fortuna sem siso,
Eu renuncio a fortuna.

No meio de tão discretas observações, achou, entretanto, Gregório de Matos modos de conciliar-se com a Bahia.

Ei-los :

De diques de água cercaram
Esta nossa cidadela,
Todos se molharam nela
E todos tontos ficaram.
Eu a quem os céus livraram
Desta água, fonte de *asnia*,
Fiquei são da fantasia:
Por meu mal, pois nestes tratos
Entre tantos insensatos
Por sisudo eu só perdia.

. . . .

Considerei logo então
Os baldões que padecia,
Vagarosamente um dia,
Com tôda circunspeção :
Assentei por conclusão
Ser duro de os correger,
E livrar do seu poder,
Dizendo com grande mágoa,
Se me não molho nesta água
Mal posso entre êstes viver.

. . . .

Alto, pois, com planta presta
Me vou ao dique botar,
E ou me hei de nêle afogar,
Ou também hei de ser bêsta.
Do bico do pé até a testa
Lavei as carnes e os ossos;
Ei-los vem com alvoroços
Todos para mim correndo,
Ei-los me abraçam dizendo :
— Agora sim que és dos nossos.

Dei pra bêsta a mais valer,
Um me serve, outro me presta,
Não sou eu de todo bêsta,
Pois tratei de os parecer.

Assim vim a merecer
Favores e aplausos tantos
Pelos meus néscios encantos,
Que enfim e por derradeiro
Fui galo do seu poleiro
E lhes dava os dias santos.

A ironia, contudo, não se traduziu em ato.

Gregório de Matos era hostil à gente bêsta da Bahia, e hostil permaneceu até morrer.

§ 2

Querer encontrar em Gregório de Matos o gênio político e social de Juvenal, que tentou levantar o espírito dos romanos; ou a filosofia de Rabelais, que nos seus livros fêz a caricatura intencional de tôda a sociedade de seu tempo, sob os auspícios de um extraordinário enciclopedismo; ou a moral de Lafontaine, que, traduzindo nas *Fábulas* os vícios humanos, ao mesmo tempo retratou a côrte de Luís XIV metendo o próprio rei na pele do leão, e rebaixando os áulicos, os nobres, os letrados até aos instintos inferiores do macaco, da rapôsa, do urso e da cegonha : querer, enfim, transformar uma criança maligna de 60 anos, embora genial, num pensador correto, seria o mesmo que pedir a Baco e a Sileno que se virassem no Mefistófeles de Goethe. Aquêles exímios críticos de costumes, além de se terem afinado por outro diapasão, encontravam diante de si coletividades muito complexas e capazes de fornecer elementos mais completos para estudos sôbre a humanidade e para a produção de obras colossais. O poeta baiano, longe disso, vivia numa sociedade inculta, em via de formação, que nem ao menos tinha o sainete da era que fôra de Gil Vicente; para êle, portanto, só havia uma literatura, que era a literatura da chalaça. Essa chalaça Matos elevou à altura do gênio; e fê-lo convertendo-a no único fim da sua existência, sendo êle mesmo a chalaça viva : e de mais nada carecia quem, não desejando arreliar-se com a vida, antes pretendendo gozá-la sensualmente, vira cedo quão fácil era relaxar-se e eximir-se a esforços de missionário ou de aventureiro, os únicos tipos que, naqueles tempos, podiam estar no Brasil a *quatre pattes.*

Vimos o que êle obrou na política e os desgostos que lhe advieram nesse terreno em razão de sua índole perdulária. Teòricamente o seu gênio foi ainda mais ferino, porque caiu a fundo numa instituição baiana incipiente e de que, como Maquiavel procurando censurá-la, tornou-se o principal fator. Refiro-me ao capadocismo, cujas origens já foram assinaladas. Antes de tudo é preciso que se saiba que não cogito dessa bilontragem da cidade baixa ou de Bonfim, de violão a tiracolo e descantes à meia-noite, que se tornou clássica e hoje o Sul conhece perfeitamente pelas representações do ator Xisto Bahia. O capadocismo de que Gregório de Matos foi o precursor é de maior envergadura, e tem recrutado os seus adeptos em tôdas as camadas sociais : — um temperamento desenvolvido pela diuturnidade e adaptação à variedade de elementos que o ambiente ofereceu à conquista da formação primitiva.

O baiano incontestàvelmente, entre os tipos provincianos que se diferenciaram no Brasil, é aquêle que apresenta mais atrativos. Nem todo mundo sabe o que é a vida brasileira, nem pode sentir a sua significação íntima. Vive-se aqui na ignorância de como e por que se vive; apesar, porém, da indiferença do maior número, o laboratório da natureza trabalha incessantemente e os tipos nacionais vão-se aos poucos alevantando. Como na maior parte das nações novas os brasileiros falam uns com os outros, correspondem-se, tratam negócios, associam-se, xingam-se, atassalham-se, sublevam-se, abraçam-se, reconciliam-se, obrando em tudo sem programa assentado e por isso julgam-se muito semelhantes. E tudo fazem num desabalo de consciência notável e mal percebem que o paraense sestroso não é audaz e paroleiro como o gaúcho do Rio Grande do Sul; nem o irritante cearense mostra-se descuidado à moda do flexível carioca; nem o orgulhoso pernambucano parece-se com o reservado paulista; nem o acessível maranhoto possui a igualdade de ânimo do mineiro rudo. E quando, na insciência das tradições de cada um dêsses grupos, por não terem perscrutado os vícios íntimos de cada uma dessas combinações étnicas vêem o êxito dêstes e o caiporismo daqueles, perguntam o porquê de tais acontecimentos; e se lhes diz que há uma razão resultante do momento histórico, mostram-se espantados e relutam em acreditar em qualquer afirmação, persuadidos de que nesta terra tudo até hoje tem sido obra da vontade caprichosa dos imperantes e dos mandões. É assim que se esquecem de que ao gênio afável e maneiroso deveram os baianos em grande parte a sua preponderância na política do segundo império.

O último imperador possuía sagacidade necessária para o desempenho da política de que eram capazes as suas luzes e a sua índole. Nestas condições não tardou descobrir que os políticos paulistas eram ainda muito aptos para criarem ao filho os mesmos tropeços que haviam oposto ao pai, na independência e no período que se seguiu. Depois de ensaiados os políticos mais próximos da monarquia e postos à prova o gênio do Sul e do Norte, a experiência e o instinto fizeram-no afinal pousar na antiga capital do Brasil. Os baianos tinham-se a êste tempo *bibianizado*. Marselheses da América, menos a *vis belicosa*, adaptaram-se por tal forma à política imperial que se pode dizer, sem errar, que durante certo período, governaram o Brasil com exclusão de todos. Quem como êles, quer pela posição topográfica, quer pela promiscuidade de hábitos, estava, em condições de fornecer a D. Pedro II a matéria-prima de que se havia de tirar a balança política do Império? Foi com essa balança, entretanto, que se conseguiu o equilíbrio dos partidos; mas foi também por meio dela que se impossibilitou o advento das grandes in-

dividualidades. A preocupação do fiel que oscilava, ora para um, ora para outro lado, acabou por sistematizar as explorações das posições e os brasileiros, então esquecidos das energias que tinham ficado como resíduo do período regencial, capitularam diante dêsse jôgo chinês que atacou a política de senilidade e por fim a própria individualidade de D. Pedro II, — a única que se afirmava. Na duplicidade do alcovitismo ministerial, sobrenadaram ùnicamente os homens que tinham espírito e que, portanto, guardaram um resto de compostura em têrmos de ainda interessar o público. São muito conhecidos os perfis dos últimos estadistas brasileiros para que me ocupe de traçá-los e colori-los nestas linhas. Todos se recordam do Sr. Lafayette, do Sr. Ferreira Viana, e das sessões parlamentares picantes de ironias em que êsses oradores faziam o reverso de outras solenidades dominadas pelas figuras de Zacarias de Góis e José de Alencar e dos idiossincrásicos, que no parlamento mantiveram por algum tempo gestos de insurretos.

Essa obra de decomposição do regime processava-se pacatamente por todo o Brasil, e o gênio da balança, insuflado pelo capadocismo, quando menos se pensou, tinha-se transformado no líquido intersticial dentro do qual se uniam e funcionavam todos os órgãos da política brasileira.

Geralmente se sabe a razão da queda do Barão de Cotegipe no seu penúltimo ministério : a pouca vigilância exercida por um homem, aliás arguto, sôbre si mesmo e sôbre o contôrno de suas relações particulares. Basta atender às circunstâncias que encenaram êsse acidente político para chegar-se à verificação da influência que o temperamento baiano teve no atropêlo da corrente despenhada na direção da catástrofe monárquica. Fatos tão vizinhos não precisam ser enumerados.

O espírito conservador abalou-se; os interêsses de ordem econômica que o sustentavam, logo depois, com o advento da questão do trabalho, desagregaram-se. Viu-se então um fato contristador : muitos homens impolutos saltaram como carneiros de Panúrgio por cima de tôdas as conveniências no intuito único de justificar o êrro de um chefe; o que importava o mesmo que dizer que o Partido Conservador terminara a sua função, completamente aniquilado pelo parlamentarismo baiano. E dêste modo feriu-se de morte a política daquele regime, que voltou ao poder exangue, apenas para predispor as complicações militares que teriam de determinar a proclamação da República.

Vê-se, portanto, que essa feição especial, que tão grandemente concorreu para prejudicar a vida parlamentar no Brasil, não foi um produto do capricho. A Bahia teve parte nela como um dos

seus mais importantes fatôres, e assim puderam se compor os acontecimentos graças àquele meio híbrido, que descrevi, e do qual Gregório de Matos, há duzentos anos, fêz a ilustração.

§ 3

É verdade que em 1681 ninguém podia pensar em vida parlamentar, nem muito menos na sua expressão de decadência; mas não menos certo parece que, embora sem órgãos legais, essa função viciosa se ensaiava na índole de uma nação e na educação de um grupo.

Quem se lembrava lá do que então se estava constituindo na Inglaterra ? Quem podia adivinhar que no princípio do século XIX apareceria um Benjamin Constant para doutrinar o pastel do parlamentarismo ? Entretanto, o poeta das "Reprovações" pressentiu no povo da Bahia o gênio do sofisma e teve uma inspiração profética.

A sátira dos "Gatos", que êle escreveu como alegoria para fustigar "os ladrões da República", parece uma obra feita por Laurindo Rabelo, em qualquer decênio posterior a 1865.

O poeta começa figurando sôbre o telhado de Nize uma reunião de gatos, assentados em cabido, ao cair de uma noite muito clara, e de "luar galhardo". O deão, um gato macilento, barbirruço e de cara chata, postado na cumeeira, preside a sessão; os demais em boa ordem.

Pela cumeeira abaixo,
Lavandeiros de si mesmos,
Lavam punhos e rabos.

Reina profundo silêncio; não se escuta nem um miau. O deão tosse dando um miau acatarrado. Um gatinho reinol pede a palavra, "muito estítico e mui magro, relambido de feições, e de tom afalsetado". Quer falar, mas não pode, porque lhe põe embargos à loqüela um outro gato casquiduro, um gato muito entendido em regimentos :

— Eu sou gato de meirinho,
Disse, que pelos telhados
Vim fugindo a todo o trote
Do poder de um *saibam quantos*,

Com que venho a concluir
Que servindo a tais dois amos,
Hei de falar por primeiro,
Porque sou gato de gatos.

O presidente dá-lhe a palavra sob fundamento de que se trata de um gato mais prático, — provàvelmente de grande utilidade para os momentos difíceis.

Como se tem ouvido a muitos parlamentares, o orador começa por alegar, sob a capa de serviços, e a anunciar aos clientes as suas excelsas qualidades de velhaco e *vence-tudo*. Criado em casa de um escrivão, reduzira a simples bichanos os gatos que aí tinham regalo. Crescera e aborrecera-se do dono para que se cumprisse o ditado de que o teu maior inimigo é o oficial do teu ofício; e por fim êste seu dono tomara-se de tal ódio que chegara a julgar o orador capaz de "dar-lhe até no ofício um gatázio". Esbordoado no entrefôrro da casa, fugiu um dia e acolheu-se "ao sagrado de uma vara de justiça, que é valhacouto de gatos"; o meirinho que o acolhera tinha no cartório e nos armários a quaresma tôda a vida. Faleceram-lhe, pois, as fôrças para comer os ratinhos da casa que eram todos ou parentes do amo ou paisanos, e quanto aos do Douro, inútil prêsa, porque, grandíssimos velhacos, ratinhos em Portugal, no Brasil se fizeram gatos. As suas qualidades deviam, portanto, ser reconhecidas; e acrescenta :

Eu sou gato virtuoso,
Que a puro jejum sou magro :
Não como por não ter quê,
Não furto por não ter quando.

E como sobra isto hoje
Para me terem por santo,
Venho pedir que me ponham,
No calendário dos gatos.

À elocução dêste orador oportunista, de envergadura jurídica, cético, sofredor e ao mesmo tempo gracioso, segue-se a parlenda de um outro, "muito ético de espinhaço", que se levanta sôbre as muletas das pernas. Gato de boticário, tratado a récipe de pancada, acusado mais de uma vez pelo amo, por ter comido boiões de ungüento branco e bebido canjirões de ruibarbo, perdido o humor, solicita do cabido providências contra o mandão, e poderia acrescentar hoje — da sua província, por ter-lhe feito perder a fatia ou a eleição. A êste *speech* de orador fértil em recriminações provincianas acode o gato dum alfaiate entoando o *jube, domine,* humilde, e medidor de frases. De fraca procedência, "gerado sôbre um telhado, alcoviteiro de gatos" :

É pardo rajado em prêto,
Ou prêto embutido em pardo,
Malhado ou já malhadiço,
Do tempo em que fôra escravo :

Tão caçador das ourelas,
Tão murador dos retalhos,
Que com onças de retrós
Brinca qual gato com rato.

O orador que assim fala, seria na atualidade um ótimo enrolador de eleições. Jesuíta e manhoso, a se lhe dar crédito, não há quem mais tenha sofrido e com tanta paciência. Uma vez sôbre o retrós, com as patas mansas, fêz tal meada que, agarrado pelo rabo, foi atirado da varanda em cima do empedrado, como quem diria, em tempos clássicos de eleições, — pôsto fora da igreja a cacête e a pedradas. Entretanto, por tamanhos sacrifícios nada cobra, nem pede coisa alguma, como outros menos escrupulosos.

Pelo menos quando eu corto,
Nunca dobro a tela em quatro,
Por dar um corte a seu dono,
E outro a mim pelo trabalho.
Nem menos peço dinheiro
Para retrós e não gasto,
Porque o gavetão do cisco
Me dá o retrós necessário.

O que requer finalmente êsse gato? Que lhe dêem outro amo; porque um cão não pode "ser dono de um gato".

Um alfaiate que corta largo, ou um chefe político, que tem como secretário um artista, acaba por destruí-lo ou por meter-se nos seus retroses.

E assim pensa o cabido, que, espantado, declara à vista de tamanha sapiência que todos os presentes não passam de gatos mirins, que ainda andam engatinhando; e decreta que:

O gato tome amo novo
Em qualquer convento honrado,
Seja fundador barbônio,
Ou sacristão-mor do Carmo.

Neste ponto vai-se erguendo outro gato, que, "amortalhado de mãos e os ombros em arco", se põe prostrado em terra. Vendo-o, o poeta exclama logo: "me matem, se não é dos franciscanos".

Com efeito, é um freqüentador de refeitórios, criado de despenseiro, "custódio de cozinha". Êsse dialético diz que dera má conta do cargo porque sisando rações estivera como guardião de tassalhos. Mui gordo e anafado em outros tempos, em razão de que os sacos das esmolas se iam então despejar em casa, via agora o refeitório reduzido a uma Tebaida de gatos, porque os bolsos chegavam ocos.

A política dos enganos d'alma não produzia chelpa. Se estas coisas, porém, o entisicavam e esburgavam o espinhaço, não era tanto por fome, como pela indignação que lhe produziam. Um escândalo ! Novo Alceste, êsse gato não podia mais viver entre os homens. Como diriam hoje muitos descrentes da política, a fé desertara da terra, as instituições estavam perdidas; só uma nova ressurreição do Cristo conseguiria encaminhar a sociedade depravada para as sacolas cheias e para a gordura antiga. *Laudator temporis acti !* Os gatos de pedra e cal eram os que mais duravam; êsses é que se chamavam gatos !

Todavia, apesar de tantas exibições pessoais, apesar de tantas retaliações mesquinhas, não se sabe com que fim se reúne tão venerando cabido; os seus membros miam, tornam a miar, sem que cheguem a provar o que com tais parlendas tem de comum a República. Nisto troa no ar um tiro de bacamarte, que de um quintal dispara um soldado malfazejo. Susto geral; decompõe-se a audiência, e cada qual, aos saltos e aos pinchos, pelo vento fora, vai, de telhado em telhado, procurando o seu esconderijo. Passam-se minutos, quando alguns se lembram de olhar para trás, atônitos e assustados, e como se encontram "desunidos, confusos, *desarranchados*", usam de uma contra-senha, "miau aqui, miau ali", e aos poucos vão-se depois juntando. Quem os dissolvera ? Um desalmado, que não compreendia talvez sutilezas da palavra. E se outra vez se reunissem ? Se fôssem fazer conciliábulo em lugar mais reservado ?

Um prudente, porém, aconselha :

> Cada qual para a sua cabana
> Que hoje de boa escapámos.

Outros relutam e pretendem reconstituir-se. Os altos destinos, porém, tinham determinado que o cabido de gatos nada era. Chuvisca naquela hora e os meliantes safam-se de um salto,

> Porque de água fria
> Há mêdo o gato escaldado.

Não sei que melhor pintura se poderia hoje fazer do parlamentarismo transacto.

Gregório de Matos profetizou-o; e deve-se dizer até que antecipou a história da nossa primeira constituição nos dois fatos culminantes, um acidental e outro permanente. A constituinte de 1822 sabemos que se deixou dissolver por um soldado malfezajo, embora rei, mas amigo das armas e cavaleiro. No segundo império tivemos muitas ocasiões de verificar efeitos dos chuviscos imperiais, — as chamadas dissoluções para consulta da nação.

A sátira dos "Gatos", portanto, parece-me completa; e não sei o que mais admirar nesse trecho de boa poesia, se a antecipação genial do autor, que há duzentos anos se encarregava de fazer obra para êste fim de século, se a analogia dos caracteres, dos tipos, dos indivíduos, enfim, que tomaram atitude em sua oficina de poeta como modelos para que êle os retratasse tão eloqüentemente. É mais provável, contudo, que seja a analogia dos clérigos, dos políticos, dos capadócios daquele tempo, com os de hoje, o que mais tenha concorrido para êsse efeito: porque, em verdade direi, não há um só dos aludidos gatos que não nos recorde um parlamentar ou um rábula do segundo império.

Os elementos simples do capadocismo já em 1681 existiam vivos na sociedade baiana; depois disto apenas cultivaram-se, tornaram-se mais complicados, travaram relações com os outros centros do país e, generalizando-se, pela simpatia natural da raça fizeram o Brasil todo miar.

Miou-se por muito tempo nesta terra, em bemol e em bequadro; a pata aveludada do felino tirou por largos anos a brasa para a sua sardinha; e a êsse côro presidiu um deão de qualidades excelsas, que nem sempre soube bater-lhes com a vara do poder dizendo — *sape*. Afinal, felinos, mais decididos e acostumados à caça, se levantaram, e um dia fizeram debandar a raça [19].

XII

"IN EXCELSIS" AINDA. O AUTOR DAS "REPROVAÇÕES" E O PADRE ANTÔNIO VIEIRA. POÉTICA. O GÊNIO DO LUNDU. A LÍNGUA DE GREGÓRIO DE MATOS.

§ 1

É incontestável que, apesar de dispersivo, Gregório de Matos foi a mentalidade mais alevantada do seu tempo, no Brasil.

Se é verdade que êle não compreendeu, como filósofo, a vida brasileira, é certíssimo que a sentiu agudamente e a traduziu em suas sátiras de um feitio admirável. Ninguém competia com o autor das "Reprovações" na propriedade de representação do meio no qual viveu; ninguém ungiu-se tanto da acrimônia do ambiente brasileiro; ninguém teve tão grande faro para perseguir ridículos triunfantes, durante o período da história brasileira colonial, o mais ardente em apetites. Os tribofes e os sindicatos, que naquela época se preparavam no Cabido e no palácio do governador, sofreram desa-

catos terríveis da sátira; o poeta, incorruptível neste departamento da moral, excluiu-se, entretanto, de todos êles e denunciou-os perante a posteridade que não perdoa. Felizmente o fêz com talento; porque, depois de dois séculos, temos a fortuna de estabelecer a filiação dos vícios pròpriamente nacionais, para melhor conhecê-los e eliminá-los.

O único vulto que se avantajou a Gregório de Matos foi o Padre Vieira. Brasileiro pela educação, êsse jusuíta assimilou muita coisa da terra que o adotara; o cultismo do tempo, porém, pervertera-o até a medula. Orador, teólogo, político, girando na esfera áulica onde o poeta baiano nunca conseguira penetrar, Vieira, que sabia quanto pesava o seu talento literário, teve a desventura de não conseguir separar as diversas artes em que se propôs ser grande. Já houve quem o comparasse, por causa do uso freqüente das antíteses, ao poeta francês Victor Hugo. Não duvido aceitar a comparação, por verificar em ambos a existência do mesmo êrro de perspectiva: ambos levaram para a política e para a vida prática sínteses poéticas inexeqüíveis, que fariam dizer a qualquer aprendiz de patifarias políticas: — aqui tem dois grandes toleirões! Gregório de Matos, ao contrário, logo que enxergou mulatas, meteu os pés no cultismo e entrou na posse plena da sua originalidade. Entretanto, o autor da *Arte de Furtar* possuía veia bem satírica; mas cada um sacrificou à sátira o que lhe pareceu menos importante e fê-lo a seu modo: Vieira às agudezas antepôs a seriedade política e a diplomacia, e daí passou a ser hipócrita, cético, ladino; Matos pospôs à veia cômica, família, amigos e dignidade pessoal, demoliu o sossêgo e criou o inferno na própria vida social. Um e outro, por essas mesmas considerações, são as chaves históricas do século XVII. Por êles é que podemos conhecer todos os segredos da época.

O pregador e conselheiro de D. João IV revelar-se-á mais tarde, por queixas particulares e cartas de confôrto, posteriores à sua queda, enfim, por indiscrições e leviandades, o que se fêz atrás dos bastidores do teatro da vida daqueles dias.

Qual a razão por que o satírico, contudo, não ofendeu êsse filho ridículo da política? Pergunto de novo. Creio explicá-lo em primeiro lugar, com a posição eminente de Vieira que se não cansava de o elogiar; em segundo, com o fato de que os dois grandes homens só tiveram contato na época em que o pregador alquebrado, recolhia-se à vida silenciosa do claustro para reeditar os seus últimos livros e corrigir seus sermões. Acresce que o jesuíta, embora nascido em Lisboa, se fizera um brasileiro dos quatro costados. Filho espiritual da Bahia, onde estudara e recebera ordens sacras, a sua imaginação trabalhava sem tréguas sôbre essa massa informe a que

então se dava o nome de Brasil, como se dissesse o ideal da construção de um país novo, uma *utopia;* essa utopia com tôda certeza, desenfurecera e desarmara ao autor caipora das "Depravações". Sendo a utopia de Vieira, em último caso, a ruína dos reinóis, vulgo *Unhates,* dos clérigos mulatos, do cabido, dos governadores *et commitante caterva,* a sátira com ela fêz pazes e ambas abraçaram-se. Dêste contubérnio nada de positivo gerou-se, porque a primeira se dissipou com o tempo e até se deixou esquecer profundamente, e a segunda afundou-se na tempestade do luxo de D. João V, que soube reduzir o Brasil à mais explorada das feitorias, logo depois de morto Vieira, o qual aliás, perdendo antes as boas graças de D. João IV e de D. Teodósio, vira subir a onda do materialismo prático do *ganha-dinheiro* e do chicote do negro até ao misticismo dos conventos de Portugal.[20]

§ 2

A estética de Gregório de Matos, à maneira da de todos os grandes autores, era muito simples. Parece que na fatura dos seus versos, êle dava o impulso à máquina e não se ocupava em meditar, cingindo-se à regra de Quintiliano *detrahere, adjicere et mutare.*

Como vimos anteriormente, o seu regresso ao Brasil equivaleu a uma completa libertação de qualquer influência literária. Observar, agitar-se e compor : eis tudo. Essa circunstância bastou para o *fiat* do mundo estético que convinha à natureza resoluta e intransigente do poeta. Invenção, não se pode dizer em rigor que a cultivasse, porque o círculo percorrido pela sua fantasia, pouco complicado, não se prestava às combinações que se encontram em escritores do outro lado do Atlântico. A imaginação, todavia, mostra uma pujança extraordinária, porquanto Gregório de Matos conseguiu descobrir e tornar visível o colorido da vida tropical baiana, que ninguém percebia naquela época e que sòmente nós agora, após tantos anos, podemos apreciar, classificar e enaltecer como um tipo digno da arte, da literatura. Engenho, argúcia, são qualidades que a cada passo se manifestam nas obras do autor do "Marinícolas"; não é preciso estudá-lo a fundo para verificar que ninguém no seu tempo teve mais sagacidade do que êle para agravar situações cômicas e arrancar malignamente os biocos dos palermas. Há versos de Gregório de Matos, infelizmente intraduzíveis, nos quais se topam situações e analogias de que só lembraria um diabo, mas um diabo passado por crivo de fios aristofanescos tramados com luxúria por mão de uma feiticeira. De ordinário nessas composições o cômico resulta da per-

sonificação de funções fisiológicas do mais difícil metaforismo. Gregório de Matos manejava êsses elementos com uma felicidade genial. Foi assim que o sacrílego poeta, enamorado de uma freira bem pouco honesta, após longos meses de requestos, conseguindo uma entrevista, se mostrou surpreendido por encontrar a gruta do amor embaraçada pela impertinência de um cardeal. Já era a quarta ou quinta vez que êsse cardeal se interpunha aos seus haustos de baiano velho e amoroso; o que determinou que o poeta, cheio de indignação, acusasse a pobre soror de andar em toneira de púrpuras indiscretas. Como estas milhares de perversas metaforizações só comparáveis às do Aretino.

O sentimento do pitoresco, entretanto, foi-lhe escasso, no que toca à grandeza regional. Não há um só verso de Gregório de Matos em que se pressinta um pequeno entusiasmo. Dir-me-ão que êsse sentimento da natureza, como pretendeu explicar a crítica moderna, só apareceu depois de Rousseau e de Bernardin de Saint Pierre; mas essa razão não é suficiente, porque, sem pedir messas aos futuros Rousseaux, todos os viajantes do século XVI, que escreveram cartas ou relatórios para o Velho Mundo, como bem o mostrou Humboldt no *Cosmos,* inclusive o próprio Cristóvão Colombo, deram grandes brados de admiração e por instantes se fizeram verdadeiros precursores da poesia chamada descritiva. A razão de não haver o poeta do "Marinícolas" deixado vestígios das suas impressões de naturista encontra-se na sua inaptidão para exercícios contemplativos. O rumor do seu espírito de fauno espancava o silêncio das florestas e a pacatez dos campos; de sorte que não havia lugar nos seus versos para o esplendor da paisagem dos trópicos. Outro tanto, porém, não sucedia com o que se reportava à vida crioula. Aí o seu realismo chegou até a ser sobreagudo; ninguém hauriu o Brasil tão fortemente.

Gregório de Matos apoderou-se de todos os tipos e personagens que lhe afrontaram o olhar perscrutador e maligno. A galeria que produziu é talvez uma das mais completas relativamente ao meio gerador: êle não cingiu-se como Boileau a esboçar *croquis* de personagens abstratos, generalizações de vícios observados no seu meio social; as figuras, ao contrário disso, aparecem inteiras, vertendo sangue, vociferando e, no conjunto da obra, formam um quadro da vida baiana extraordinário de luz e de verdade.

Pode-se até dizer que nas décimas e estâncias contidas nos códices que ficaram, o poeta deportou para a posteridade a Bahia inteira, com os seus sórdidos *Unhates,* mulatas petulantes, primitivos capadócios, cônegos abestruzes, frades reinóis, freiras enganadas, governadores brigões e até moleques alcoviteiros.

§ 3

A influência que Gregório de Matos exerceu no Brasil é difícil de determinar por via documentária. Tendo sido esquecido, como foi, no mundo literário, raras são as referências à sua pessoa até à época do Romantismo; parece incontestável, entretanto, que essa influência se produziu na massa popular pela reprodução automática, pela imitação contínua do seu modo de poetar. Uma das provas mais convincentes dêsse assêrto nasce do fato de que em tôda a zona, que se estende do centro do Ceará até aos limites da Bahia ao sul tôda a poesia popular picaresca se ressente do estilo especial do poeta. Há centenas de versos por aí além, mais ou menos truncados, que são visíveis superfetações dos "Retratos" compostos por Gregório de Matos. As descalçadeiras em padres irregulares e pelo mesmo feitio da do padre Dâmaso, topam-se às dezenas na bôca dos violeiros do sertão; e se se atender ao lirismo do mulatame, então os rapsodas tornam-se infinitos. Não só rapsodas, mas também filhos legítimos do autor do "Marinícolas", e particularmente os que são hoje reconhecidos como tais, Moniz Barreto, Laurindo Rabelo e Armando de Castro, baianos, que beberam as suas principais inspirações pornográficas na corrente intensificada pelo grande satírico.

Não se deve negar a Gregório de Matos a paternidade do lirismo que desliza em licença a cada passo; o autor dos versos a "Duas Moças Pardas" é o Homero do *lundu;* dando-lhe direito de cidade, êle aperfeiçoou-o nos engenhos do Recôncavo, ao som da célebre viola fabricada por suas próprias mãos.

Em capítulo anterior mostrei como o poeta extraiu essa forma literária do folclore brasileiro, pondo-se em contato com a mucama dos engenhos, que constituía o tipo intermédio da graça, da brejeirice, do catitismo, ao lado da preta quituteira e da sinhá-môça. Resta dizer o que em essência essa criação significa. O lundu que é tudo que pode haver de mais dengoso em matéria de canto e coreografia, excede à seguidilha espanhola, com a qual guarda parentesco, é a dança voluptuária do ventre das orientais. Não é tão ideal como a primeira, nem tão brutamente carnal como a segunda; é porém, mais quente do que ambas, sem desabrochar na lubricidade descabelada das falotomias antigas. No lundu há uma leveza de pisar, um airoso de porte e uma meiguice de voz, que não se encontra em nenhuma das manifestações similares de outros povos mestiçados : e a sua maior originalidade consiste no ritmo resultante da luta entre o compasso quaternário rudemente sincopado dos africanos e a amplificação da serranilha portuguêsa. Essa fusão de ritmos na península deu cabimento à *caninha verde* e à *chula,* cuja gros-

seria diàriamente observamos. A mulata, entretanto, vibrátil, ciosa, por vêzes lânguida, pondo os incitamentos dêsses dois ritmos nos quadris, como expressão da sexualidade, subordinados ao canto apaixonado, estuoso e ao mesmo tempo grácil, começou a sincopá-lo a capricho, produzindo flexuosidades quase inexprimíveis e de um erotismo refinado. [21]

Gregório de Matos compreendeu perfeitamente essa espécie de dialeto opugnado pelo automatismo étnico, e apoderou-se dêle como se fôsse a melhor coisa do Brasil. Afinado e temperado por mãos tão hábeis o lundu subiu as escadas da casa-grande do engenho e depois entrou nas salas da cidade. As sinhàzinhas, porém, por natural recato religioso abandonaram o requêbro do corpo e passaram-no para os olhos mimosos; e no canto, ao som da viola ou da guitarra, o lundu perdeu a vivacidade, tomou o tom da saudade, e melancolizando-se, deu origem à modinha. [22]

É sabido como no século XVIII a modinha impressionou Portugal. O Padre Caldas Barbosa, mulato como o Padre Dâmaso, fêz época em Lisboa e a doçura brasileira pôs nesse tempo os corações de rudes épicos em grande agonia. Depois no Brasil, tornaram-se célebres os descantes do Padre Marinho, que foi o Petrarca do violão, até que, passando a modinha para o piano, se deixou explorar por franceses e italianos. Ainda não há muitos anos que eram praga as modinhas de Fachinetti e de Amat, compostas sôbre letras de G. Dias, de Bonifácio de Abreu, e de outros trovadores menos conhecidos.

Operada esta separação do lundu e da modinha, sucedeu que, especialmente na Bahia, os capadócios voltaram à forma primitiva e firmaram o lundu-baiano, que hoje nos é familiar. Mas quem quiser conhecer essa forma em sua pureza há de ir à terra em que continua viva a corrente gregoriana. Só na Bahia se pode obter uma sensação completa do lundu moderno, sem mescla de chibas, sambas e de outros sapateados pervertidos pelo preguiça do tupi, nos quais as pernas e não os quadris fazem a maior despesa da coreografia. O Bonfim e o Rio Vermelho são as novas Tessálias onde se encontram os ritos verdadeiros dessas feitiçarias. É nesses sítios amenos que se podem ouvir o canto e a dança daquelas mulatinhas que são "os pecados" do célebre "senhor Pereira de Morais" da trova popular; é nas festas adicionais ao culto demótico do catolicismo, nos ritos eróticos de Vênus infusa de tôdas as raças celebradas nas adjacências do Bonfim, que se pode vêr a fôrça do estro que criou tôdas essas lendas crepitantes de amor, onde se observam ainda os novos Pereiras de Morais.

Falando baixo
Para meter palavreado.

Depois virá a expressão poética da guloseima dos apaixonados:

Bravos os dengos
Da minha iaiá,
Moqueca de côco,
Môlho de fubá;
Tudo bem feitinho
Por mão de sinhá;
Tudo mexidinho
Por mão de iaiá.
Qual será o ladrão
Que não gostará?
Qual o demônio
Que não comerá?

Gregório de Matos usou também de uma língua sua. As liberdades lexicológicas e sintáticas que vão hoje penetrando no idioma português, em ameaça flagrante de transformá-lo em língua brasileira, encontram-se quase tôdas nos versos nacionais do autor do "Marinícolas". O seu vocabulário rico, variado, cheio de têrmos tropicais, contém dois têrços, pelo menos, dos vocábulos de origem africana e tupi, que foram coligidos no dicionário de Morais.

Barbarismos e solecismos foram por êle introduzidos com uma graça nativa só comparável ao encanto dos escritores da chamada decadência romana, como Petrônio e Apuleu. O fulgor, o esquisito e o capitoso das descrições de Gregório de Matos nasceram precisamente da adaptação dêsse exotismo na língua materna, censurável em outros, mas, admirável no poeta, pelo modo e talento como o fêz.

A sintaxe nos versos de Gregório de Matos, da última fase nada tem de comum com a de que usavam os poetas do tempo; a regência é direta; o hipérbato pouco empregado; e as idéias têm uma clareza que não se acha nos cultistas do seu tempo.

Rara é a idiossincrasia citada pelos dialetistas da atualidade que não tivesse sido registrada na língua do poeta baiano. [23]

A redondilha menor que foi tão guerreada por Bocage firmou o seu domínio na poesia popular; e Matos tirou dêsse metro tais recursos que não sei o que mais admire, se a sua audácia, se as ilusões rítmicas que produzem os seus versos petulantes.

Aqui terminam a história da vida e a crítica do talento de Gregório de Matos. Outros terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém, representou tão originalmente o gênio do Brasil inteligente.

NOTAS E ADITAMENTOS *

1

GREGÓRIO DE MATOS – Da biografia escrita pelo licenciado Rebelo e do trabalho de Vale Cabral publicado como introdução ao 1.º volume das *Obras Poéticas* de Gregório de Matos verifica-se que o poeta, nascido, segundo o *códice* mais aceito, em 7 de abril de 1623, foi remetido para Portugal aos 14 anos, a fim de estudar em Coimbra para jurista. Filho do fidalgo português Pedro Gonçalvez de Matos e de sua mulher Maria Guerra, o poeta herdou do lado materno as agudezas que o tornaram célebre. Era o mais môço de três filhos que procederam do casal, o que fazia à ilustre matrona declarar que "Deus lhe dera três filhos como três sovelas sem cabos". Uma destas três sovelas sem cabo foi Eusébio de Matos, notável poeta sacro e pregador não menos ilustre.

2

RETRATO DE GREGÓRIO DE MATOS – Conheci pessoalmente no Ceará um padre de nome Alexandre Cerbelon Verdeixa, o qual, tanto pela figura, como pelo estro satírico, se transfigurou diante de mim no poeta baiano. Êsse olhar por cima dos óculos, a que os biógrafos de Matos se referem, o padre também possuía, e era sempre o seu gesto inicial quando a sátira partia. O Padre Verdeixa foi na vida e na morte em tudo parecido com o autor do "Marinícolas". Finou-se no hospital da Misericórdia do Ceará, após uma vida diabólica e cheia de inesperadas anedotas. O povo chamava-o *seu padre Alexandre* e êle alcunhava-se de *Padre Deixa-ver*. Com efeito, deixou a vida brigando com Deus e todo mundo: nem a batina e o breviário escaparam à sua sanha picaresca, pois foram por êle queimados antes de falecer.

Existe atualmente naquele Estado uma sociedade literária que nos respectivos estatutos consignou um artigo, no qual se impõe como

---

* Na 2.ª edição dêste livro, foram usados algarismos romanos para a numeração destas notas. Na presente edição, a fim de seguir-se a sistemática nela adotada (V. Vol. I, Introdução), mudaram-se para algarismos arábicos. Também corrigiram-se algumas discrepâncias existentes naquela numeração.

trabalho dos associados a organização da biografia e a coleta das lendas espalhadas entre o povo a respeito do dito sacerdote.

3

OBNUBILAÇÃO — Num artigo que publiquei na *Semana* (1887) sob o título de "Introdução à História da Literatura Brasileira" declarei que na crítica dos materiais da história nacional tinha-me deixado impressionar profundamente pelos que se referem à lei assim pitorescamente denominada. Essa lei constitui o eixo dos meus trabalhos sôbre o Brasil, e é por essa tendência que me tenho afastado de outros críticos. Fortíssima nos dois primeiros séculos de nossa vida colonial, ela atenuou-se no terceiro e transformou-se no último.

No intuito de desenvolvê-la planejei uma série de perfis de que o de José de Alencar foi o primeiro, e o de Dirceu o segundo e a que se seguirão os de Anchieta, Bento Teixeira Pinto, Frei Vicente do Salvador, Gandavo, Cardim, Gabriel Soares, Padre Antônio Vieira, Ravasco, Rocha Pita, Eusébio de Matos, Durão, Basílio da Gama, os Inconfidentes, Magalhães, Gonçalves Dias, Pôrto Alegre e de outros vultos complementares da nossa literatura.

A influência a que me refiro e sôbre a qual tenho muito refletido decompõe-se nos seguintes teoremas:

Considerando-se todo o homem centro do universo, verifica-se que tôda fôrça individual tende a transformar-se em coletiva: assim tôda a fôrça coletiva tende a buscar um órgão uno de expressão.

A fôrça política, regularmente, antecede às outras fôrças porque lhe é mais fácil a utilização da fôrça física. Essa gradação, porém, às vêzes trunca-se; e é assim que hoje nos Estados Unidos vemos no Grande Oeste começarem cidades por onde outras acabaram.

No Brasil as fôrças individuais, desamparadas na vastidão da terra novamente descoberta, aniquilavam-se, quase perdidas as origens e esquecidas de si mesmas. Nestas condições o colono e o aventureiro, quanto mais se afastavam da costa e dos pequenos núcleos de segurança, mais se animalizavam, descendo a escala do progresso psicológico. Durante os primeiros séculos essas fôrças dispersas, não encontrando vida social em que a sua superioridade os ativasse por vitórias que deveriam ser certas, entraram em luta com as próprias feras. Os selvagens, superiores no seu meio pelos hábitos, os venceram muitas vêzes. Foi necessário, portanto, que, alijando a

bagagem de homem civilizado, os mais inteligentes para a situação se adaptassem ao novo *terrier* e se habilitassem para concorrer com os primitivos íncolas. Essa transformação, porém, não se fazia sem deformação moral e foi o que sucedeu aos trugimões, aos línguas, e na geração seguinte aos pais dos mamelucos, àqueles que se uniram às mulheres tupis.

À proporção, pois, que êsses tipos de obnubilados se foram condensando, por outro lado também se foi tornando possível a transplantação dos elementos de civilização. Sem êles nem Villegaignon teria permanecido no Brasil dois dias, nem os Jesuítas teriam fundado o colégio de Piratini.

A influência daquela lei tinha, entretanto, gradações, sofria modificações. Dessas intercorrências diversas nascia o que era natural no encontro da civilização com a barbaria em um país inóspito e separado da metrópole por 2.000 léguas de Oceano; o nível resultante das resistências oferecidas por um meio inferior às fôrças que vinham de um meio superior abaixava ou se elevava conforme o indivíduo dispunha de um caráter e de uma educação mais fortes.

É assim que no próprio Anchieta vemos o misticismo diluir-se em um curioso naturalismo e a sua teologia transformar-se genialmente em fetichismo para realizar a obra da catequese dos índios.

Partindo de Anchieta também se pode observar a marcha que tomou êsse fenômeno através da história do Brasil; de sorte que êste, pelo menos no que diz respeito ao desenvolvimento estético, reduziu-se ao levantamento daquele nível segundo a maior ou menor subordinação da civilização à TERRA.

4

VÍCIOS — "Visitando os povos vizinhos desta terra, confessei a muitos e grande fruto se fêz, porque muitos deixaram os pecados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, pôsto que entre êstes se vêem muitos cristãos que estão aqui no Brasil, os quais têm não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo batizar muitas escravas sob pretexto de bom zêlo e para se amancebarem com elas, cuidando que por isso não seja pecado, e de par com êstes estão alguns religiosos que caem no mesmo êrro, de modo que podemos dizer : *Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*" — M. da Nobrega, *Cartas do Brasil* (1549-1560).

5

RÁBULAS E BACHARÉIS — "... pondo o sentido e o coração na pátria, tratam de se acolher, tanto que da província confusa tem esfolado alguma coisa com que se fazer possam : daqui nasce tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas delas não fazem senão "acarretar bacharéis" à pobre província, a qual com os... religiosos e com a multidão de letras que do Reino vão, etc., etc." — Diogo de Campos, *Razão d'Estado*. Apud Varnhagen, *História Geral do Brasil*.

6

EROTISMO CRIOULO E CORRUPÇÃO COLONIAL — Não inventei o que ficou descrito no texto; reconstituí a vida da colônia sugestionado pelas relações que deixaram escritas alguns profundos observadores daquele tempo. No que toca ao regime dos engenhos, basta ler a obra de Antonil para reconhecer a verdade das minhas descrições.

"Melhores ainda são para qualquer ofício os mulatos; porém muitos dêstes, usando mal dos favores dos senhores, são soberbos e viciosos e prezam-se de valentes, aparelhados para qualquer desafôro. E contudo êles, e elas da mesma côr, ordinàriamente levam no Brasil a melhor sorte; porque com aquela parte de sangue de brancos, que têm nas veias, e talvez dos seus mesmos senhores, os enfeitiçam de tal maneira, que alguns tudo lhe sofrem, tudo lhes perdoam; e parece que se não atrevem a repreendê-los, antes todos os mimos são seus. E não é fácil decidir se nesta parte são mais remissos os senhores, ou as senhoras; pois não falta entre êles e elas, quem se deixe governar por mulatos, que não são os melhores; para que se verifique o provérbio, que diz : — Que o Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos, e paraíso dos mulatos e das mulatas —; salvo quando por alguma desconfiança, ou ciúme, o amor se muda em ódio, e sai armado de todo o gênero de crueldade e rigor. Bom é valer-se de suas habilidades, quando quiserem usar bem delas, como assim o fazem alguns, porém não se lhes há de dar tanto a mão, que peguem no braço, e de escravos se façam senhores. Forrar mulatas desinquietas é perdição manifesta : porque o dinheiro, que dão para as livrarem, raras vêzes sai de outras minas, que dos seus mesmos corpos, com repetidos pecados; e depois de fôrras continuam a ser ruínas de muitos". — *Cultura e Opulência do Brasil*, Cap. IX.

O autor dêsse escrito original era um espírito arguto e astuto. A leitura do exemplar dessa obra curiosa, que possuo e que me foi oferecida pelo bibliófilo Luís Antônio de Carvalho, proporcionou-me uma das maiores surprêsas que tenho experimentado no estudo da história do Brasil, não só pelo naturalismo das observações contidas no livro, como pelo profundo conhecimento da psicologia política e aplicação à colônia do Brasil. Esta surprêsa traduzi-a, em conversa, ao citado bibliófilo, o qual mostrou-se muito intrigado por dizer-lhe eu que Antonil pretendera ensinar aos fazendeiros do Brasil a governarem-se pelos princípios do *Príncipe* de Maquiavel, e que seguramente fôra essa a causa de ter o govêrno português abafado livro tão extraordinário.

A corrupção antes da conquista holandesa é atestada pelo autor do *Valeroso Lucideno* (p. 9) nestes têrmos:

"Os ministros da justiça em Olinda como traziam-nas mui delgadas, como lhe punham os delinqüentes nas pontas quatro caixas de açúcar, logo dobravam; e assim era a justiça de compadres".

A civilização da Bahia em 1685 teve admiradores picarescos em Dampier e Frezier, que a descrevem com um luxo de côres singularíssimo. — Southey, IV, 426, 446.

Todavia justiça se faça aos colonos e aos baianos: repeliram a inquisição que pretendia abafar os brasileiros sob a forma de cristãos-novos, judeus ou cafinfins, como se dizia na linguagem popular.

7

PAPEL FORTE E PARECER SÔBRE AS COISAS DO BRASIL — Êstes dois documentos dão uma idéia muito triste não só da moral política de Vieira, que se apadrinhava com a célebre *Razão de Estado,* mas também da sua perspicácia diplomática, muito semelhante à de qualquer Júlio Verne do tempo. Vieira enganou a si mesmo julgando que os fatos e as leis históricas se podiam iludir com pouca vergonha, ironias e calimburgos. D. João IV teve o bom senso de não aceitar conselhos tão pouco filosóficos e tão pouco cristãos, como eram os que se referiam à venda *a retro* de Pernambuco aos holandeses com a cláusula encoberta. São curiosas as palavras do jesuíta: "mas como naquela república (Holanda) tudo é venal, entendemos que maior conhecimento de seus ministros e alguns dêles chegaram a significar que o caminho que se pode ter neste negócio é comprar a mesma compra, e assim o primeiro e principal fundamento sôbre o que se há de obrar é ter V. M. em Ho-

landa quatrocentos ou quinhentos mil cruzados com que comprar as vontades e juízos dos ministros mais interessados e poderosos". *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr.*, vol 56.

8

FREI COSME DE S. DAMIÃO – Não pude verificar se êste santo da Bahia chegou a ser canonizado, pois devia tê-lo sido à vista do que refere Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, o qual no seu *Novo Orbe Seráfico Brasileiro*, 2 parte, liv. 7.º transcreve, entre muitos outros documentos relativos à santidade daquele venerável custódio, um aonde o médico André Rodrigues e o físico-mór Francisco Vaz Cabral declaram que, ao dar-se sepultura ao corpo, "tomando-lhe narizes, bôca, orelha, cabelos e os emuntórios, não acharam sinal algum de mau cheiro, ou corrupção" apesar de decorridas vinte e sete horas agravadas pelo calor, depois do falecimento.

9

VIDA INTIMA DE GREGÓRIO DE MATOS – Os fatos narrados no decurso da obra relativamente ao poeta são extraídos dos versos publicados por Vale Cabral e dos inéditos de Gregório de Matos. Para reconstituir a sua vida durante o período dos *engenhos* foi indispensável recorrer aos dois *códices*, hoje existentes na Biblioteca Nacional, e que pertenceram, um à coleção de manuscritos do ex-imperador e outro à coleção Carvalho. Com auxílio dêles fêz Vale Cabral a bela edição que temos das *Satíricas*. Entre os inéditos encontram-se ainda glosas, sonetos e poesias escabrosas, de mui difícil vulgarização, mas que no entanto constituem uma mina biográfica inesgotável, tantos são os nomes de pessoas, as indicações de lugares e referências feitas pelo poeta aos sucessos de sua acidentada carreira. É pena que se não possam analisar a mor parte das poesias dedicadas ao Padre Dâmaso da Silva e ao vigário de Passé, Lourenço de Sousa, as quais forneceriam uma série enorme de anedotas íntimas. Muito grandes deviam ter sido as ofensas recebidas pelo poeta dêstes dois clérigos soezes, porque raro é o verso em que o satírico não os fira com ferocidade, mista de ódio, desprêzo e nôjo inextinguível.

Talvez estas e outras agressões em verso chulo levassem D. Pedro II a escrever a lápis, na primeira página do 1.º volume do códice que lhe pertenceu, o seguinte dístico : *"video meliora proboque, deteriora sequor"*.

10

MULATOS – Frei M. Calado, no *Valeroso Lucideno,* descreve o tipo de um mulato livre, chamado Domingos Fagúndes, filho de pai nobre e rico, o qual chegou a ser nomeado capitão na Ipojuca em Pernambuco. Dêsse homem contavam-se anedotas, que, conquanto exageradas, definem perfeitamente a audácia característica dos mestiços sertanejos. Entre outras citarei esta. Sabendo Domingos Fagundes que um holandês pusera em dúvida o seu valor e dissera que êle não passava de um assassino incapaz de matar ninguém de frente em campo aberto, procurou-o para desforçar-se da injúria, e com efeito logo adiante topou o flamengo, que corria pela estrada acompanhado de um compatriota. Todos iam armados de bacamartes e pistolas. Apenas Fagundes descobriu o inimigo, picou o cavalo e atravessando-se na frente, fê-lo parar e disse: "Sois mestre Jan, e eu sou Domingos; se sois mais homem do que eu, matai-me, vós que sois flamengo". O holandês não fêz um movimento; porque antes que pudesse armar o bacamarte, o adversário o tinha varado com uma bala certeira no coração.

A mais de uma pessoa Fagundes acolhera com o mesmo tratamento por insignificantes ofensas. A um soldado, porque lhe dera um murro na rua, esperou êle um dia fora do Recife e bàrbaramente o esfaqueou.

Frei M. Calado, contando as façanhas de Fagundes, não sabia talvez que iniciava a história da *Capangagem* brasileira.

Apesar dessas informações dadas por quem assistira a tudo, Fr. Rafael de Jesus, no *Castrioto Lusitano,* chama Fagundes de "môço generoso". Como todos sabem, êsse frade foi apenas um panegrista exagerado de Fernandes Vieira, e entre os mais defeitos tinha o de achar magníficos e superlativamente heróicos todos aquêles que massacravam flamengos, ainda mesmo à traição. Domingos Fagundes estava nessa lista; os holandeses que assassinou não se contavam. Daí a apologia do capelão de João Fernandes.

11

PRODIGALIDADE DE D. JOÃO V – Oliveira Martins na *História de Portugal* escreveu a epopéia das loucuras dêsse rei freirático. No capítulo em que o autor se refere ao Brasil parece que o novo Aladino não teria encontrado nas *Mil e Uma Noites* tesouros tão opulentos em suspresas. Está por fazer ainda o romance do Brasil dos Descobertos. Nas *Minas de Prata* José de Alencar tentou

maravilhar-nos com as lendas de Robério Dias; resta, porém, documentar uma narração condensada dos fatos verdadeiros que se realizaram no período aludido e que não será menos maravilhosa.

12

FÔRÇA PROPULSIVA — O poder de crescimento, devido à TERRA, tem sido a salvação do Brasil, em todos os tempos. Todos os erros econômicos são compensados pela fartura; todos os dislates políticos remediados pela índole do povo bem humorado, graças à vastidão do país e à influência sedativa da variedade de recursos. A natureza aqui tem tanta fôrça curativa como nas crianças sadias.

Em 1852 o nosso hóspede Ribeyrolles, vítima de Napoleão III e falecido em Niterói, escreveu que no Brasil "todos mandavam, ninguém obedecia e tudo ia bem". O que mais admira é que essa frase reproduz exatamente o mesmo pensamento externado sôbre o país pelo bispo de Tucuman no século XVI.

13

B. RAVASCO — Era um dos membros efetivos da tropilha poética de G. de Matos. O último verso da décima transcrita no texto é um mote dêsse poeta.

14

GLOSA — Quarta décima da glosa escrita por G. de Matos. O poeta das "Reprovações" não era apreciador do gênero. A glosa foi, entretanto, uma praga da época.

15

A VIOLA DE GREGÓRIO DE MATOS — Provàvelmente a viola que salvou o poeta em Angola era a mesma que êle, quando fôra prêso, deixara na Madre Deus, e que o vigário Manuel Rodrigues, muito condoído lhe mandou entregar, antes da partida, com um donativo de dinheiro destinado às cordas do instrumento.

Dizem que o autor do "Marinícolas" fizera grande alarido para que não o embarcassem sem essa viola: e o licenciado Rebelo

afirma que êsse curioso instrumento tinha sido fabricado pelo próprio Matos, servindo-se êle de uma cabaça para a construção da caixa de ressonância.

16

PROCISSÃO DE CINZAS — Ainda alcancei esta tradicional procissão em Pernambuco. A êste tempo, porém, o cerimonial tinha evoluído. Em vez de seis andores, viam-se trinta e dois, representando quase todo o *Flos Sanctorum*. Alguns dêsse andores eram complicadíssimos, porque nêles figuravam diversos personagens sacros em ação. Recordo-me de um em que havia uma santa martirizada pelo azorrague. As carnes das nádegas lanhadas pendiam em farrapos e o sangue esguichava como de uma fonte de carmim. Não se pode dizer que tal exibição fôsse destituída de interêsse. Ao contrário, era instrutiva e de uma instrução pitoresca. A isto acrescia o instrumental da penitência, conduzido por farricocos e por outros auxiliares da representação religiosa. Quando nada, o espectador adquiria o conhecimento de que, em outra época, houvera gente bastante simples, que, para buscar a salvação ou a tranqüilidade eterna, sublevava a carne com a tortura e a dor excruciante.

Criança era eu ainda nessa época. Uma vez, levado pela curiosidade, finda a cerimônia e recolhidos os andores ao depósito do convento de Santo Antônio, ousei penetrar nesse recinto. Os santos tinham sido despojados de suas ricas vestimentas; e como a maior parte dêles não era destinada senão a servir no ato da quarta-feira de cinzas, o imaginário encarnara apenas a cabeça, as mãos, os pés e aquêles membros do corpo que apareciam desnudados; de sorte que o resto existia em forma de sarrafos. Êste espetáculo horrorizou-me. Não haveria em tudo aquilo uma grande profanação? Pensei eu, recordando-me dos bastidores do Teatro de Santa Isabel. Neste instante convergiam para mim os olhos de tôdas aquelas caras macilentas e terríveis, aparelhadas como cabeças de guilhotinados em sarrafos de pinho. Não pude por longo tempo suportar os olhares inquisitorias que me seguiam, e fugi do claustro para nunca mais voltar ao depósito dos santos.

17

RAZÃO DE ESTADO — *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain;* 8.º époque.

Augusto Comte, no *Curso de Filosofia Positiva,* vol. V., apreciando essa mesma época explica a sua formação e descreve maravilhosamente a atitude hipócrita dos dois poderes rivais, a Igreja e o rei.

18

CULTISMO – T. Braga, *Teoria da História da Literatura Portuguêsa.*

19

CAPADOCISMO PARLAMENTAR – Os capadócios que Gregório de Matos mais ridicularizou foram os chamados *Caramurus* "descendentes do sangue de tatu".

Não se deve esquecer o sonêto em que o poeta os celebrou:

Há coisa como ver um paiaiá,
Mui prezado de ser caramuru,
Descendente do sangue de tatu,
Cujo torpe idioma é copebá!...

A linha feminina é carimá,
Moqueca, petitinga, carinu,
Mingau de puba, vinho de caju,
Pisado num pilão de Pirajá:

A masculina é uma aricobé,
Cuja filha Cobé c'um branco Paí,
Dormiu no promontório de Pacé:

O branco era um marau que veio aqui;
Ela era uma índia de Maré;
Copebá, Aricobé, Cobé, Paí.

Na complicação sempre crescente do tipo, cuja fórmula literária foi criada por Gregório de Matos, e que, justiça se lhe faça, concorreu alguma vêzes para a unidade do Brasil, neutralizando os dois pontos de vista, *norte e sul,* as variantes podem ser a cada momento, concretizadas em vultos célebres: oradores abundantes como Rui Barbosa; apartistas agudos como Aprígio; políticos astuciosos como Dantas; estadistas flexuosos como Rio Branco; áulicos como Zumalacarregui; políticos cartagineses como Montezuma; chefes de partido graciosos como Cotegipe; poetas pornográficos como Moniz Barreto; mentirosos como Laurindo; jornalistas intangíveis como Cássio; todos, porém, antes de tudo, brilhantes e escorregadios

nas mãos dos adversários. Muito honrados uns pelo sangue de tatu, outros pelo do mestiço, todos êles se mostraram insóbrios no delírio da eloqüência e muito pouco executivos. Os baianos de raça pura, vacinados, porém, moralmente pelo hibridismo do meio, foram os que mais concorreram para elaborar a obra de que a monarquia incumbiu a grande Bahia. Assim, se vemos um S. Lourenço organizando a fôrça de sua terra, e um Rio Branco incorporando o movimento abolicionista à alta política, achamos logo um Cotegipe, que, apesar das agudezas e do seu talento oratório, não consegue realizar um só programa.

Pela mor parte muito alegres, muito vivos, muito argutos, muito ferinos; mas um tanto inconsistentes e algumas vêzes teatrais.

20

PADRE ANTÔNIO VIEIRA — O autor da *Arte de Furtar*, um dos homens que mais encheu o século com o seu nome, principalmente nas coisas do Brasil, por desventura não sabia filosofar. Muito superior a êle foi D. Francisco Manuel de Melo, o nunca assaz lembrado escritor das *Epanáforas* e da *Carta de Guia de Casados*.

Se Vieira fôsse espírito filosófico e não uma simples imaginação paradoxal, teria reunido todos os homens do Brasil em tôrno de si; e outra teria sido a sua obra. As grandes idéias feriram-no; mas o orador, embevecido de si mesmo, não soube objetivá-las para dar-lhes condigno desenvolvimento. Pensando ser arguto, forte da proteção de D. João IV, êle fêz-se brasileiro por paixão do novo; acreditou embaçar a todos e deixou-se iludir de um modo miserável pelos maraus. A ladroíce dos governadores do seu tempo, que êle confrontara com a pureza de André Vidal de Negreiros, levou-o a escrever a *Arte de Furtar*, no mesmo pensamento de Maquiavel; mas o jesuíta fê-lo com inabilidade, mais retórica do que psicologia, e as suas lições não impediram que êle mesmo se deixasse envolver pelos tratantes de companhias, constituindo-se advogado da impureza.

Que serviços, entretanto, êsse homem não teria prestado ao Brasil, se a idéia, que lhe despontou no espírito diante dêsse Vidal de Negreiros, não se houvesse afogado no oceano da sua descomunal vaidade ?

Vidal, dizia êle em carta a D. João IV, era "muito executivo, muito amigo da justiça e da razão e sobretudo muito desembaraçado e entendendo mui bem tôdas as matérias, pôsto que não falasse em verso". E, todavia êsse varão brasileiro não se constituiu o

árbitro da colônia; do que o padre teve muita culpa, consentindo que o desonesto João Fernandes Vieira, subrogasse em si os enormes serviços dêsse paraibano; — João Fernandes, que se foi *Castrioto e Valeroso,* nunca soube o que era probidade nacional.

21

O LUNDU — "As danças populares portuguêsas condenadas pela Inquisição e pela educação jesuítica, conservaram-se nas colônias da América: o Bispo do Grão Pará fala de uma prática que fêz em louvor do canto honesto e ao mesmo tempo invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo". — T. Braga, *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições,* I. 396.

"O caráter lascivo das danças do século XVIII deve atribuir-se à infuência africana e brasileira; o *lundu* e o *batuque* só se conhecem bem seguindo as persistências brasileiras; lê-se nas *Cartas Chilenas :*

A ligeira mulata em traje de homem,
Dança o quente lundu e o batuque.
Fingindo a môça que levanta a saia,
E voando na ponta dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva *embigada*, abrindo os braços...
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando algum estalo com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz : Eu pago ! eu pago ! e de repente,
Sôbre a torpe michela atira o salto....
Oh dança venturosa, tu entravas
Nas humildes choupanas, aonde as negras,
Aonde as vis mulatas apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta
Te honravam com marotos e brejeiros,
Batendo sôbre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palácios.

— *Obr. e vol. cit.*, 400.

22

A MODINHA — As liras de Gonzaga tornaram-se mais belas com a triste realidade dos seus amôres desgraçados; o *mulato* Caldas encantava a aristocracia lisbonense com os requebros melódicos das *Modinhas,* contra as quais reagiam Filinto Elísio, que embirrava com os versos de redondilha menor, e Bocage que invejava a

celebridade do padre mulato. A modinha trazida do Brasil, deslumbrava em Lisboa êsse pitoresco observador Beckfor, Strafford e Kinsey, e perpetuava-se entre o povo. Ainda hoje se canta a *Márcia bela,* da qual diz Marquês de Resende: "o surdíssimo Conde de Soure... sacado com a excelente filha do Marques de Marialva D. Maria José dos Santos e Meneses, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Márcia bela* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguêsas, que por êsse tempo compôs e depois publicou sob o pseudônimo de Lereno o douto Caldas Barbosa". Uma igual assimilação popular se observa no Brasil. Escreve Sílvio Romero: "O poeta teve a consagração da popularidade. Não falo dessa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando à viola. Refiro-me a uma popularidade mais vasta e mais justa. Quase tôdas as cantigas de Lereno correm na bôca do povo, nas classes plebéias truncadas ou ampliadas. Tenho dêsse fato uma prova direta. Quando em algumas províncias do Norte coligi grande cópia de canções populares, repetidas vêzes recolhi cantigas de Caldas Barbosa como anônimas, repetidas por analfabetos". O entusiasmo pelas *Modinhas* brasileiras em Portugal, no meado do século XVIII, além dos traços magistrais de Tolentino, acha-se aludido em um entremez de 1786, "A Rabugem das Velhas" : "Pois minha riquinha avó, esta *modinha* nova que agora se inventou é um mimo; a todos deve paixão". A velha desespera-se e começa e exaltar o seu tempo passado: "não tornem outra vez a cantar"; "Cegos Amôres, Laços Quebrados" e outras semelhantes asneiras; parece-lhes que tem muita graça mas enganam-se. Valiam mais duas palavras das cantigas do meu tempo. Ah! mana... quando nós cantávamos o Minuete nas praias, "Belerma Mísera", a engraçada "Filhota" e a modinha do Senhor Francisco Bandalho! Isto é que era deixar a todos com a bôca aberta; mas hoje não se ouve mais do que "Amôres e outras semelhantes nicas, que me aborrecem, e digo que não quero-ouví-las V. M. cantar, tem-me percebido. Tolentino alude à modinha do "Senhor Francisco Bandalho", assim pelo estilo da do "Senhor Pereira de Morais" dos bailes desenvoltos; em um outro entremez do "Figurão da Peraltice", vêm intercaladas duas estrofes da "Belerma Mísera", com que as antigas reagiam contra as modas novas de 1786".

— T. Braga, Introdução aos *Cantos Populares* de Sílvio Romero.

23

A LINGUA DE GREGÓRIO DE MATOS — Não é aqui lugar próprio para tratar dêsse assunto que será objeto de uma monografia especial tendo por limites o século XVII e a influência

exercida pelo poeta baiano nas modificações do português no Brasil. Nessa monografia ocupar-me-ei não só do fenômeno lingüístico, tomando por ponto de partida os trabalhos de Batista Caetano e de Paranhos da Silva Júnior, mas também farei uma tentativa sôbre os ritmos populares e sôbre a sua influência na sintaxe, servindome, pela primeira vez, das leis descobertas por Pierson relativamente à métrica da linguagem.

Devo, entretanto, notar que Varnhagen é o pai de tôdas as idéias sugestivas que hoje circulam na história da nossa literatura. Foi êle o primeiro que lembrou a inclusão dos cronistas nessa história; foi êle ainda quem levantou a questão do acento nacional e do dialeto brasileiro.

ÍNDICE

O EMBLEMA do Centro de Pesquisas que vem figurando nas suas publicações, em desenho do pintor Santa Rosa, foi inspirado pela seguinte passagem do discurso de Rui Barbosa, pronunciado na Biblioteca Nacional, por ocasião das festividades do seu jubileu a 12 de julho de 1918: *"Se eu pudesse ter, à minha escolha, um monumento verdadeiro do trânsito da minha mediocridade pela terra, o que me agradaria recomendar, seria uma ferramenta de trabalho, com o nome do operário e a inscrição daquilo de São Paulo na primeira aos Coríntios:* "ABUNDANTIUS ILLIS OMNIBUS LABORAVI".

Essas palavras, na sua simplicidade, falariam de uma vida laboriosa a outros obreiros, dando-lhes a impressão de continuidade entre as gerações sucessivas dos trabalhadores do pensamento, através dessa passagem definitiva, que separa um do outro mundo".

A frase latina tem a seguinte tradução na edição bilingüe da Bíblia feita pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, cujo exemplar existente na biblioteca de Rui Barbosa possui sinais de leitura em quase tôdas as páginas: *"Tenho trabalhado mais copiosamente que todos êles".*